

JEAN LAUAND

OUTROS ESCRITOS

[SÉRIE COLLECTANEAÆ - VOL. 9]

[SELEÇÃO DE ARTIGOS]



EDIÇÕES CEMOROC
(CENTRO DE ESTUDOS MEDIEVAIS
ORIENTE & OCIDENTE - FEUSP)
2025

Copyright © 2025 do autor
Todos os direitos reservados.

Conselho Editorial dos livros do Cemoroc

Diretores:

Jean Lauand (Feusp)
Paulo Ferreira da Cunha (Univ. do Porto)
Sylvio R. G. Horta (FFLCH-USP)

Membros:

Aida Hanania (FFLCH-USP)
Chie Hirose (Pós-Doutora Feusp)
Enric Mallorquí-Ruscalleda (Indiana University-Purdue University
Indianapolis)
Gabriel Perissé (Pós-Doutor Unicamp)
Lydia H. Rodriguez (Indiana Univ. of Pennsylvania)
María de la Concepción P. Valverde (FFLCH-USP)
Maria de Lourdes Ramos da Silva (Feusp)
Nádia Wacila H. Vianna (Fea-USP)
Pedro G. Ghirardi (FFLCH-USP)
Pere Villalba (Univ. Autònoma de Barcelona)
Roberto C. G. Castro (Pós-Doutor Feusp)
Rui Josgrilberg (Dr. Univ. Strasbourg)
Sílvia M. Gasparian Colello (Feusp)
Terezinha Oliveira (Uem)
Vitor Chaves de Souza (UFPB)

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira de Livro, SP, Brasil).

Lauand, Jean ..
Outros Escritos. Entrevistas, homenagens, prefácios, coautoria, documentais.
Série *Collectaneae* vol. 9; S. Paulo: Cemoroc, 2025
ISBN 978-65-01-29127-7 .
1. Filosofia 2. Linguagem 3. Educação I. Título

(capa: JL em carvão do artista João Soares de Souza Sobrinho)

Todos os direitos desta edição reservados ao CEMOROC
[http:// www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/](http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/)

SUMÁRIO

Apresentação – Sylvio R. G. Horta 005

Algumas entrevistas (JL entrevistado/entrevistador)

Revista “Letras ComVida” - Fac. de Letras da Univ. de Lisboa 013
Poesia e Filosofia – JL Entrevista Adélia Prado 023
Unisinos – A atualidade de Tomás de Aquino (entrevista a JL) 029
“O Clube dos Professores da USP: Origens e Desígnios” (...) 037
Revisitando as entrevistas publicadas nas revistas do Cemoroc 043

Eventos do Cemoroc; dois colaboradores da primeira hora

O ano XXV e 300 volumes publicados das Revistas do Cemoroc 061
22 Seminários Internacionais Cemoroc - Filosofia & Educação 073
O Projeto *Coepta* – Nota Editorial: *Coepta* Nos. 13/14 079
Os inéditos que Julián Marías confiou ao Cemoroc 083
Alfonso López Quintás nas revistas do Cemoroc (...) 089

Homenagens a Fundadores e Membros do Cemoroc e alguns Prefácios

Em memória de Helmi Nasr, em seu centenário 097
Uma homenagem do Cemoroc a Paulo Ferreira da Cunha 105
Aida Hanania – a fidalguia na universidade 115
A têmpera da Profa. Dra. Silvia M. Gasparian Colello 125
Pere Villalba e o nascimento da *Revista Internacional d’Humanitats...* 135
“Ponte Suspensa”, livro de poesias de Paulo Ferreira da Cunha 145
Enio Starosky, a teoria de Keirsej e os tipos religiosos 157
“In dürftiger Zeit...” – Educar para o amor em tempos de penúria 163
Homenagem aos 90 anos do Colégio Luterano São Paulo 169
A Têmpera de umas Tertúlias Femininas 175

Alguns artigos em coautoria

Filosofar, música e educação...	187
Personagens que nominam ruas ao redor do Colégio Luterano (...)	191
Personagens que nominam ruas ao redor de minha escola (...)199	
A dinâmica da língua e suas tendências de evolução	209
Análise keirseyaniana de clássicos cristãos e chineses	225
Josef Pieper e C. S. Lewis: metodologia, linguagem e amor	243
Sociedade, <i>vigências</i> e educação – corintianos no Japão	265
Contos, interpretação e educação	271
“Deuses no fogão” – o corpo na visão de mundo de Adélia Prado	283
Educação, contar histórias e artes orientais	309
“Teatro” Xiita - O Drama de Karbala	323
Razões da língua: cultura e ensino de inglês	329
Ensino de inglês e educação para a amplitude	337
Cozinha, antropologia e educação – algumas reflexões	349
Tipos de David Keirseyan - Identificando algumas características	361
Tipos de David Keirseyan - Identificando algumas características II	373
Tipos de David Keirseyan - Identificando algumas características III	387
Atividades com a língua tupi no ensino fundamental (e médio)	403
“Catolicismo insaciável”: dos dogmas às representações sociais	409

Trabalhos de Documentação - Levantamentos em Dicionários

500 provérbios portugueses antigos	421
Palavras de Origem Árabe Dicionarizadas em Inglês e em Espanhol	451

Alguns artigos antigos em registros fac-símile

No Suplemento Cultural de “O Estado de S. Paulo”	511
No jornal “O Estado de S. Paulo”...	513

Com publicação recentíssima (não recolhida em volumes anteriores de Collectanea)

Um conto e quatro poesias desconhecidas de Adélia Prado (...)	517
---	-----

Apresentação – *Collectaneae*: organizando em livros

seleções de artigos de Jean Lauand – 9

Sylvio R. G. Horta
Vice-Coord. área de Chinês (Dlo-Fflchusp)
Editor de Internet do Cemoroc

Jean Lauand é Professor Titular Sênior da Feusp, fundador e presidente do Cemoroc. Professor pesquisador da Universitat d'Alacant (Espanha) e da Universidade do Porto (IJJ, de 2003 a 2019). É membro da Real Academia de Letras de Barcelona (correspondente). É também professor colaborador do Colégio Luterano São Paulo. Algumas de suas especialidades serão enumeradas ao elencarmos os temas desta coleção.

Trata-se de um professor incomparável. Nos seus 29 anos de magistério na FEUSP (até aposentar-se em 2009 e, desde então, continuar como professor Sênior na Pós-Graduação), foi em mais de 20 ocasiões formalmente distinguido pelos seus alunos: como Patrono dos formandos (5 turmas levam seu nome), como Paraninfo (em 8 formaturas) e como Professor Homenageado (10 vezes)!

No *Dedalus*, sistema de bibliotecas da USP, na busca pelo autor Jean Lauand, encontramos mais de 800 publicações (mais da metade são artigos científicos). No currículo Lattes do autor, encontram-se referenciados 540 artigos (433 científicos e 107 em revistas, jornais etc.)

A maioria desses estudos foram publicados nas diversas revistas (algumas hoje desativadas) que o Cemoroc fundou desde 1997 (<http://www.hottopos.com>) e encontram-se disponíveis na Internet: Revista Internacional d'Humanitats, Notandum, Conventit, International Studies on Law & Education, Mirandum, Collatio, Videtur etc.

Pareceu-nos bem aos Diretores do Cemoroc agrupar tematicamente em livros, seleções desses artigos para facilitar aos estudiosos da imensa produção de nosso Presidente a pesquisa sobre sua multifacética obra – os e-books facilitam imensamente a busca por palavras-chave. A coleção em geral mantém a forma original de cada artigo (alguns reedições de originais bem antigos), mesmo com a ocorrência de algumas inevitáveis repetições de uns quantos parágrafos e exemplos.

O plano da série *Collectaneae* – neste caso, uma “Lauandiana” – comporta grandes temas (que naturalmente não são estanques...) desse autor. Sendo este já o Número 9 desta coleção, recapitularemos brevemente o conteúdo de cada um dos volumes anteriores:

1. Estudos Tomasianos

Encontra-se em <http://www2.fe.usp.br/%7Ecmoroc/Lauandiana1Tomas.pdf>. Contém mais de 20 artigos em 442 páginas.

Se o tomismo está hoje quase “na moda” em certos setores de nosso cenário intelectual, há 30 anos (e mais) quando Lauand começou a publicar sobre o Aquinate, ele era praticamente uma voz isolada em nosso meio acadêmico. Aliás, diga-se de passagem, nosso autor nunca aceitou a própria existência de um “tomismo”: Tomás é grande demais para ser encerrado em um “ismo” – a abertura de seu pensamento e sua “negatividade” (*philosophia negativa e theologia negativa* – a aceitação do mistério fundacional do mundo, que limita o conhecimento) impedem qualquer “sistema” tomista, como pretendem alguns epígonos.

Assim, JL pôde abrir caminho em decisivos temas ignorados pelo tomismo oficial: a negatividade do pensamento de Tomás, a centralidade da Criação no pensamento do Aquinate, o significado e o alcance da virtude cardeal da Prudência e do vício capital da Acídia, o brincar como componente essencial do Criador, o papel do corpo e da matéria na Antropologia Filosófica etc.

2. Estudos Pieperianos

Encontra-se em <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/Lauandiana2Pieper.pdf>.
Contém 7 artigos em 196 páginas.

Josef Pieper (1904-1997) foi o grande responsável pela redescoberta do verdadeiro Tomás de Aquino como um pensador vivo, vibrante e aberto, de extrema atualidade, para além de um “tomismo” oficial e de sacristia, que persiste ainda hoje... JL foi pioneiro em nosso meio acadêmico a debruçar-se sobre a obra de Pieper, a divulgá-la, e o primeiro a dedicar a seu filosofar uma tese de doutorado.

3. Estudos Árabes

Encontra-se em <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/Lauandiana3Arabe.pdf>.
Contém 12 artigos em 201 páginas.

Dos artigos nesse livro recolhidos, especialmente importante é “O sistema Língua/Pensamento árabe”, no qual se discutem sete características dessa língua (na verdade, do “Sistema Língua/Pensamento”), que marcam um notável contraste com o Sistema Ocidental. São fenômenos incríveis dessa língua, fundamentais para compreender significativas características das mensagens religiosas e também tantos outros aspectos da cultura árabe e semita em geral. Como fica claro, por exemplo, nos estudos sobre a ciência da Álgebra e o complexo papel dos provérbios e metáforas na *Weltanschauung* árabe.

4. Estudos Keirseyanos

Encontra-se em <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/Lauandiana4Keirseyanos.pdf>.
Contém 10 artigos em 314 páginas.

Os artigos selecionados – com o mérito adicional de serem voltados especificamente ao público brasileiro –, oferecem ao leitor uma esclarecedora apresentação da teoria dos tipos psicológicos de David Keirseyan e dá uma rara oportunidade de sua compreensão: a análise de muitas pessoas/personagens representativas de diversos dos 16 tipos, com aquele incomparável senso do concreto (repleto de referências a canções, notícias do dia, anedotas, quadrinhos, etimologias e

tiradas sobre a linguagem etc.) que torna leve a profunda erudição e a docência de nosso autor.

5. Estudos sobre a Linguagem

Encontra-se em www2.fe.usp.br/%7Eecemoroc/Lauandiana5Linguagem.pdf.
Contém 58 artigos em 672 páginas.

O livro começa com a análise da evolução da expressão “Bater Papo”, amostra da “outra metade” dos estudos de JL sobre a linguagem: seus Dicionários sobre as expressões brasileiras. Essas obras foram incluídas pelo Instituto Houaiss nas “Fontes de Datação e Etimologias” do “Grande Dicionário Houaiss” e valeram a Lauand o reconhecimento como Colaborador desse Dicionário.

Segue-se um clássico lauandiano – “Antropologia e formas quotidianas – a filosofia de Tomás de Aquino e nossa linguagem do dia-a-dia” –, de 1998, no qual se relacionam fórmulas de convivência em diversas línguas – agradecimento, felicitações, escusas etc. – com a filosofia do Aquinate.

Destaque também para outros importantes artigos nos quais Lauand confronta a língua portuguesa com o grego e o latim, o tupi, as línguas africanas e o árabe.

6. *Abroad* – seleção de 50 artigos (em 14 línguas e 25 países)

Encontra-se em <http://www2.fe.usp.br/%7Eecemoroc/Lauandiana6Abroad.pdf>.

A obra nos dá o gosto de ler ensaios do mestre (30, se não contarmos as traduções) também em: inglês, espanhol, francês, italiano, alemão, chinês, árabe, catalão, polonês, basco, japonês, russo e eslovaco (além de pequenas citações ou resenhas em outras línguas: húngaro, croata e persa).

Os trabalhos nesse livro recolhidos foram publicados nos seguintes países: Alemanha, Argentina, Austrália, Canadá, China, Colômbia, Coreia do Sul, Equador, Eslováquia, Espanha, Estados Unidos, Filipinas, França, Itália, México, Peru, Polônia, Portugal, Reino Unido, Rússia, São Tomé e Príncipe, Tunísia, Vaticano e Venezuela.

7. Religião e Sociedade

Encontra-se em <http://www2.fe.usp.br/%7Eecemoroc/Lauandiana6Abroad.pdf>.
São 18 estudos em 386 páginas.

O livro se abre com “O diálogo entre Fé e Razão”, sua apresentação em debate (13-02-2009) com o bispo Dom Dimas Lara Barbosa, então secretário geral da CNBB. Passados 16 anos, os temas então tratados ganharam ainda mais atualidade, como é o caso dos abusos e do fanatismo que o grande pensador espanhol Julián Marías designou por “catolicismo insaciável” (insaciabilidade que não é tentação que assale só o catolicismo, mas acomete todas as religiões).

Essa mesma extrapolação é também o tema de outro estudo “‘Catolicismo insaciável’: dos dogmas às representações sociais”.

JL apresenta também uma de suas mais brilhantes contribuições ao tema da liberdade do cristão em matérias temporais, estabelecida pelo próprio Cristo, na emblemática questão da partilha da herança. Enquanto Cristo se recusa a se envolver

concretamente nessa questão secular, o Alcorão, pelo contrário, prescreve detalhadas normas para o caso: o que levou o Islã, pouco depois, a fundar a ciência árabe da Álgebra, precisamente para “equacionar” esses preceitos.

O livro recolhe também um clássico lauandiano: “O Deus que brinca: fundamentos lúdicos da realidade”.

Explora ainda uma (esquecida) metáfora do Aquinate, a de “Cristo sal”, desenvolvendo um dos conceitos essenciais da visão católica do mundo: a *participatio*. O homem e o mundo são por participação no Ser de Deus e a graça é a participação na Filiação divina de Cristo.

8. Estudos Medievais

Encontra-se em <http://www2.fe.usp.br/%7Eecemoroc/Lauandiana6Abroad.pdf>.

O livro recolhe o trabalho pioneiro de JL para a História da Educação na Idade Média, ao longo das décadas em que lecionou essa disciplina na Feusp.

Apresenta 43 traduções de autores do século IV ao XIV: Agostinho, Jerônimo, Cesário de Arles, Boécio, Rusticus Helpidus, Isidoro de Sevilha, Alcuíno de York, Rábano Mauro, Rosvita de Gandersheim, Petrus Alphonsus, Bernardo de Claraval, Rutebeuf, Gonzalo de Berceo, Alfonso X, Tomás de Aquino, Ramón Llull e diversos anônimos de vários séculos.

Traz também estudos introdutórios que situam vivamente cada autor e obra no quadro dos grandes temas da Pedagogia e do Pensamento medievais.

Junto com tratados teológicos e filosóficos, Lauand mostra o lado divertido do ensino da época: em seus curiosos problemas de matemática nas escolas monásticas, no teatro e até em uma coleção de piadas do ano 1000.

Nota sobre este volume 9

A primeira seção desta obra recolhe entrevistas de JL. A primeira, para a revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, é especialmente relevante, pois nosso autor detalha sua metodologia – que segue a de Josef Pieper – que relaciona linguagem e antropologia filosófica: a linguagem como “sítio” privilegiado para atingir o próprio ser do homem, que está escondido para nós e ao qual nosso acesso é fundamentalmente indireto. Daí, por exemplo, a importância da análise etimológica, que JL esgrime com maestria.

Revela-nos também outro ponto fundamental: o de como explora o “sistema língua/pensamento” (J. Lohmann), o modo de pensar língua e pensamento não como realidades estanques, mas em interação dialética, especialmente nos casos do grego (sistema *logos*) e do árabe (sistema *ma'na*).

Ainda nessa entrevista, revisita o modo como o brasileiro tenta recuperar dois recursos inexistentes em nossa língua (e, claro, “de pensamento”), elementos chave nos clássicos: “voz média” e o neutro. Para além de registros “gramaticais” são componentes importantíssimos de uma visão de mundo, como mostram os diversos usos que JL faz deles em sua obra.

Encerra expondo como o português do Brasil recebeu influência das línguas indígenas e africanas.

Na entrevista para a Unisinos, começa por responder sobre uma de suas mais importantes descobertas: a ligação da Álgebra (como ciência típica do sistema língua/pensamento árabe) e o Alcorão com a pretensão islâmica de regular também a vida civil, em contraste com Cristo que afirma a autonomia das realidades temporais. Em seguida, volta-se para a Filosofia da Educação de Tomás de Aquino, com sua realista concepção de valorização do corpo e da matéria, a primazia da virtude cardeal da Prudência etc.

Com JL entrevistador, temos sua conversa com Adélia Prado, em 1993, e o precioso poema inédito “Acácias”, presente que, na ocasião, a poeta lhe ofereceu. Ainda sobre Adélia, o último artigo deste livro nos traz uma recentíssima pesquisa sobre produções “pré-históricas” da escritora: ao garimpar na Biblioteca Nacional, JL descobriu um conto e quatro poesias completamente esquecidas, da fase anterior a “Bagagem”, livro que revelou AP para o Brasil.

A segunda seção deste livro (“Eventos do Cemoroc...”) traz artigos sobre importantes marcos de nosso Centro: o 25º. aniversário de nossas revistas (e seus 300 volumes publicados), seus Seminários Internacionais realizados e o inovador Projeto *Coepita*, que há 7 anos incentiva a iniciação científica de jovens estudantes do Ensino Médio, selecionando e publicando seus artigos em revistas acadêmicas do Centro.

Outros dois estudos repassam as muitas e inestimáveis colaborações para o Cemoroc de dois eminentes filósofos espanhóis: Julián Marías e Alfonso López Quintás.

Na terceira seção (“Homenagens a Fundadores...”), encontramos artigos (e prefácios) em reconhecimento de fundadores e membros do Cemoroc, como: Helmi Nasr, Paulo Ferreira da Cunha, Aida Hanania, Silvia M. Gasparian Colello, Pere Villalba, Enio Starosky e Concha Piñero.

Segue-se uma coletânea de “Artigos em coautoria”, cerca de vinte, que – além da parceria com colegas experimentados – nos trazem uma dimensão importante da obra de Jean Lauand: seu trabalho como orientador de mestrado e doutorado e como supervisor de pós-doutorados. Ao contrário de muitos que simplesmente assinam os trabalhos elaborados por seus orientandos, JL se envolve profundamente como coautor e interlocutor daqueles que orienta: temos assim uma panorâmica dessa sua importante missão na universidade.

Segue-se uma seção de “Trabalhos de Documentação...”, cujo primeiro artigo é a recuperação de 500 provérbios portugueses antigos, selecionados do livro de 1651 de Antonio Delicado: *Adagios portuguezes reduzidos a lugares communs*.

Além disso, JL foi um dos primeiros a valer-se de mídia eletrônica em suas pesquisas e investigando no “Oxford English Dictionary” e “Diccionario de la Real Academia” conseguiu elaborar as importantes listagens de palavras oriundas do árabe nas línguas inglesa e espanhola.

A penúltima seção é a de “Trabalhos de Documentação”, evocando artigos antigos de JL, muito jovem, no Suplemento Cultural de “O Estado de S. Paulo” e no próprio Estadão.

O livro se fecha com a publicação do referido recentíssimo artigo sobre Adélia Prado, não recolhido em *Collectanea* anteriores

Algumas entrevistas (JL entrevistado/entrevistador)

Entrevista conduzida por

João Relvão Caetano¹



Jean Lauand é um dos mais conceituados intelectuais de língua portuguesa vivos, com uma vastíssima cultura humanista que impressiona diariamente os seus interlocutores, ao mesmo tempo que é um homem próximo e afável e um iniciador de grandes diálogos. É Professor Catedrático Sénior da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Fundou e é o atual presidente do CEMOrOc – Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente da mesma universidade. É investigador do Institut Virtual Internacional de Traducció da Universidade de Alicante e membro da Euro-Mediterranean Academy of Humanities, Social Sciences and Education, sediada na Università degli Studi Suor Orsola Benincasa (Nápoles). É editor, entre outros, do *Journal of Iberian and Latin American Literary and Cultural Studies – Studia Iberica et Americana*, da Indiana University-Purdue University. É o autor da coluna «Filosofia e Linguagem» da *Revista Língua Portuguesa*, desde o seu primeiro número. A sua obra está publicada em cerca de 30 países e traduzida em 15 línguas.

P.: Como tem estabelecido na sua investigação a relação entre linguagem e antropologia filosófica?

R.: Desde muito jovem, interessei-me pela obra do filósofo alemão Josef Pieper, que foi determinante em minha formação, em diversos aspectos: tanto temática quanto metodologicamente. Pieper destacou-se pelo trabalho de interpretação de grandes pensadores antigos e medievais, sobretudo Tomás de Aquino, e por trazê-los, por assim dizer, ao diálogo nas grandes questões filosóficas contemporâneas. Tematicamente, muito devo a esse filósofo, investigando também nessas linhas. No começo da carreira, fiz a tese de doutorado sobre sua obra – seu conceito de universidade – e tive o privilégio de corresponder-me com Pieper, que teve a paciência e a bondade de «orientar» um jovem investigador de um país sem muita tradição em filosofia. Essa amizade e contato epistolar só se interromperia com sua morte, em 1997.

Mas, para além da influência temática, doutrinária, houve o aprendizado metodológico; e é precisamente na metodologia que, a meu ver, está uma das mais importantes contribuições do filósofo de Münster para o pensamento contemporâneo. E é aí que se situam minhas pesquisas sobre a linguagem.

E é que, nesse método, a linguagem aparece como um sítio privilegiado de acesso à realidade humana, à antropologia.

Nos demais saberes, nas ciências, temos acesso direto ao objeto de estudo: se eu quero estudar a composição química do sal eu apanho o sal, vou a um laboratório, faço-o reagir com tais e tais substâncias, etc. Se eu quero estudar o planeta Marte, eu vou a um observatório astronômico, valho-me de um telescópio ou envio uma sonda, etc. Mas onde estão os laboratórios, os observatórios, as sondas para analisar a realidade humana: o que é a gratidão? o que é a inveja? Não as posso apanhar com a mão como o sal...

Aí, o método necessariamente é distinto. Parece-me que aí temos que recorrer à sabedoria do velho Heráclito que, em uma de suas sentenças, diz: «O caminho que sobe e o que desce são um mesmo e único caminho».

Aparentemente, uma verdade de La Palisse. Como naquela vez em que um ciclista, gabando-se de seu bairro, excelente para andar de bicicleta porque não tinha subidas, teve que ouvir a pergunta: «E descidas, tem?». Claro que se não há subidas, também não há descidas...

Mas, por vezes, há algo mais, há surpresas por trás das obviedades. Quem não toma um pequeno susto quando vem a saber que o primeiro critério de desempate para equipes

que tiverem o mesmo número de pontos no Campeonato Brasileiro de Futebol é favorecer a que tiver maior número de derrotas? Quando comento isto com os alunos, eles objetam que o critério favorece o time que tiver maior número de vitórias! E, tomados de surpresa, não chegam a perceber que, necessariamente, a equipe que tem mais derrotas e a que tem mais vitórias são a mesma e única (porque tem menos empates)!

Na verdade, a sentença de Heráclito esconde em si profundas surpresas. Aliás, é do próprio Heráclito a afirmação de que a natureza gosta de se esconder; e podemos acrescentar: a realidade humana gosta de se esconder. Daí que precisemos de um método (palavra que etimologicamente remete a «caminho»), para subir até esse tesouro que desceu e está escondido.

Precisamente, uma das grandes contribuições do próprio Pieper para o método da antropologia filosófica foi a de evidenciar que nosso acesso ao ser do homem, escondido, é fundamentalmente indireto.

Pois os grandes insights que temos sobre o mundo e o homem não permanecem em nossa consciência reflexiva; logo se desvanecem, se transformam, acabam por se esconder em três grandes sítios: instituições, formas de agir e linguagem. Esses grandes insights estão, portanto, ativos, embora ocultos: em grandes instituições, como por exemplo o tribunal ou a universidade, que tanto nos podem revelar sobre o espírito humano; em formas de agir, como é o caso do ato poético, tema recorrente nos próprios poetas; e na linguagem — a linguagem comum: essa que falamos e ouvimos todos os dias.

P.: Há uma hierarquia de importância nesses grandes sítios? Pode-se dizer que a linguagem seria o principal acesso para a antropologia?

Há uma prioridade da linguagem, apontada pelo filósofo Johannes Lohmann, que fala em «sistema língua-pensamento». Há uma concepção ingênua que imagina que o pensamento é auto-suficiente: pensa-se algo e competiria à linguagem simplesmente expressar o que foi pensado e isto — sempre nessa visão ingênua — poderia ser feito de modo equivalente em qualquer língua. O que Lohmann faz notar é que a língua é que possibilita o pensamento e está em interação com ele.

Podemos pensar, por exemplo, no caso de um falante «nascido» — para evocar a sentença de Pessoa: a língua portuguesa como pátria — em uma língua como o chinês, que desconhece o verbo ser (ou o árabe, que não o tem como verbo de ligação) e os desdobramentos de tempos, modos, vozes etc. — e com nossas 67 formas desse verbo (tão central na constituição cultural dos sujeitos em línguas como a nossa), tão irregulares e diferentes como: sou, és, fui, foste, seremos, etc. Para não falar do desdobramento ser / estar. Certamente, a percepção, a elaboração da visão do mundo é afetada por esse fato: nascer na língua portuguesa, chinesa, grega, árabe etc. A partir desse simples fato, é possível estabelecer conexões de sentido com formas culturais nos Orientes e no Ocidente. Se o sistema língua-pensamento grego, que Lohmann chama de sistema *logos*, está centrado na onipresença do verbo ser, o sistema árabe desconhece o verbo ser como verbo de ligação. E não parece casual que, nesse quadro, por exemplo, a geometria seja uma «ciência grega» e a álgebra uma «ciência árabe».

A correspondência «logos» entre o pensamento e a realidade. Pensemos, por exemplo, nas normas de segurança dos edifícios. Há uma norma ideal, racional, *logos*, de pensamento (naturalmente em interação com a realidade), que estabelece, digamos, que deva haver mangueiras e um extintor de incêndio a cada x metros; tantas saídas de emergência em função do número de assentos em salas de espetáculos; portas corta-fogo, etc. Periodicamente, o departamento competente dos bombeiros vem fazer uma vistoria para verificar se essa realidade «está de acordo» (*ana-logos*) com as normas, para poder, literalmente, homo-logar o prédio. Pensamento e realidade estariam assim em corr

espondência bijetora. Nesse sentido, por exemplo, o número por excelência é o 1; que encontramos a cada momento na realidade, como quando dizemos «eu», «tu» ou «ele» — e em diversas línguas é praticamente sinônimo de ente: *The next one*, please, diz o barbeiro ou o operário na linha de montagem ao chamar o próximo cliente ou peça. Do mesmo, modo o 2 ou o 3; a metade ou o dois terços, etc., números que não por acaso chamamos de «racionais», seguindo a nomenclatura de Euclides...

Naturalmente, criar uma ciência como a Álgebra seria muito difícil para o grego, que não trabalhava com «números» sem correspondente «na realidade», como o zero ou os números negativos (e quando os gregos descobrem que a raiz quadrada de 2 não é um número *logos*, racional, o pensamento grego entra em crise). Já o sistema língua-pensamento árabe, não submetido às amarras do verbo ser, sempre trabalhou com a maior naturalidade co

m zero, números negativos e «irracionais», como pi ou a raiz quadrada de 2.

Outro caso interessante é o da realidade cultural dos provérbios. Provérbios existem em todas as línguas e culturas, mas, como se diz na gíria brasileira, «são a cara» (ou «a praia» se quisermos outra gíria carioca) dos Orientes: não por acaso, quando queremos dar autoridade a um provérbio dizemos que é árabe ou chinês. Se repararmos bem, é nos provérbios que nos aproximamos do modo de expressão do sistema árabe, muitas vezes prescindindo do verbo ser e fazendo associações imediatas em vez de explicitar complicados enlances lógicos: «Tal pai, tal filho», «Casa de ferreiro,

espeto de pau», «Cada macaco no seu galho», «Longe dos olhos, longe do coração», «cada louco com sua mania», etc. Se quisermos transpor, caricaturizando, para a formulação ocidental, teríamos que explicitar o ser/estar: «Tal [como é] o pai, tal [também será] o filho», «[Em] casa de ferreiro o espeto [costuma ser] de pau, «[É conveniente para a ordem da selva que] cada macaco [esteja] em seu galho», «[Quem estiver] longe dos olhos...», «Cada louco [sempre está]...».

Um último exemplo: a expressão de Cristo é típica do sistema semita: Cristo só fala em parábolas e não dá sequer uma única formulação conceitual. Se um Aristóteles fosse perguntado sobre «o próximo», ele responderia: «A diz-se próximo de B, se, e somente se, ocorrerem as seguintes condições...». Quando, porém, indagaram a Cristo pelo próximo, Ele respondeu com a parábola do bom samaritano: «Um homem descia de Jerusalém a Jericó...».

P.: Ainda do ponto de vista metodológico, como se dá concretamente a relação entre linguagem e antropologia?

Dizia que precisamos de um método para ascender à realidade humana, que desceu e se escondeu na linguagem. Pieper recorda aquela consideração de Píndaro: o homem é um ser que esquece. Os grandes insights que temos sobre o mundo e o homem não permanecem na consciência reflexiva, logo se desvanecem, se transformam, acabam por se esconder... na linguagem. Logo, se quisermos recuperar filosoficamente aqueles *insights* sobre o homem, devemos procurar atingi-los em seu novo estado: como princípios ativos ocultos nas formas de dizer, em nossa língua ou em outras. E a linguagem passa a ser todo um laboratório para o pesquisador em antropologia: é por trás de fatos da linguagem que se escondem preciosas informações filosóficas — e também sociológicas, históricas, etc.

Se quisermos ficar no âmbito da etimologia — tão explorado por um Heidegger, por exemplo — um caso impressionante é o da nossa encantadora forma de felicitações: «Parabéns!» Por detrás de uma fórmula aparentemente tão banal e inofensiva (e que milhões de falantes da língua portuguesa a proferem sem parar para tomar consciência do que é que estão falando) esconde-se profundíssima reflexão teológica, de Agostinho a Tomás de Aquino. E é que, desde seu início, o cristianismo luta contra a heresia maniqueia, que afirma a existência de dois princípios criadores: o do bem, Deus, que seria responsável pelo espírito; e o do mal, identificado com a matéria. Rejeitando esse dualismo, a ortodoxia cristã dirá que há um único Deus, «criador do Céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis» (como diz o Credo de Niceia), e que o mal não é a matéria, mas a distorção do bem, previsto na ordem criadora de Deus. O vinho, o sexo, a matéria em geral, tudo foi criado por Deus; o pecado é a desordem, a perversão, o mal uso de coisas que, em si, são boas. Assim, ao conquistar um bem — um cargo político, um diploma uni-versitário, a licença para dirigir automóveis, a medalha de ouro no campeonato de tiro ao alvo etc. — o amigo que nos felicita, dirá «Para-béns»: que esta tua habilidade para o tiro, a tua eleição para senador, etc. seja «para bens» e não — o que pode perfeitamente ocorrer — «para males», para tua ruína moral...

Falávamos no início de alcançar a realidade antropológica da gratidão. É um caso clássico no qual distintas etimologias — nas distintas línguas — trazem aspectos variados dessa complexa realidade. Naturalmente, também aqui marca sua presença

aquele caráter esquecediço do homem: os milhões de falantes do português, quando agradecem dizendo «obrigado, muito obrigado», nem reparam no que estão a dizer: que a gratidão obriga a retribuir; do mesmo modo o falante do inglês quando diz *thanks* não se dá conta de que «*to thank*» se reduz etimologicamente a «*to think*»: quem está agradecido pensa, considera o caráter gratuito (*gracias!*) no favor que o benfeitor lhe prestou. Com este exemplo tocamos — por meio de diversas línguas — os três graus da gratidão de que fala Tomás de Aquino, quando trata filosoficamente dessa virtude. Permita-me citar textualmente: «A gratidão comporta diversos graus. O primeiro encontra seu fundamento no “reconhecimento” (*ut recognoscat*) do benefício recebido. O segundo consiste em louvar e dar graças (*ut gratias agat*); e por último, o terceiro radica na obrigação (*ob-ligatus*) de “retribuir” o bem recebido de acordo com a possibilidade do beneficiado e segundo as circunstâncias mais oportunas de tempo e lugar» (II-II, 107, 2, c).

E, enquanto o inglês e o alemão situam-se no nível mais superficial da gratidão, o nosso «obrigado» é o mais profundo.

P.: Que outras instâncias, para além da etimologia, podem dar indicadores antropológicos?

Tudo na linguagem em geral. Mas gostaria de me deter um pouco em dois recursos do grego e do latim que perdemos: a voz média (os verbos depoentes latinos) e o neutro. Se nossa percepção do mundo está condicionada pela língua, essas são duas importantes perdas.

A voz média.

Estamos tão acostumados a pensar que o verbo só admite voz ativa e voz passiva que nem podemos imaginar uma terceira forma. Ativa e passiva – assim pensamos à primeira vista – esgotam todas as possibilidades (o que poderia haver além de «Eu bebi a água» e «A água foi bebida por mim»?).

E como o pensamento está em dependência de interação dialética com a linguagem, o fato de nossa língua não admitir essa terceira opção – a voz média, que não é ativa nem passiva – constitui um grave estreitamento em nossas possibilidades de percepção da realidade, precisamente porque a língua nos impõe o binômio ativa/passiva.

A voz média é um rico recurso que permite expressar (e perceber e pensar) situações de realidade que não se enquadram bem como puramente ativas nem como puramente passivas. Isto é, há ações que são protagonizadas por mim, mas que, na realidade, não o são em grau predominante: há tal influência do exterior e de outros fatores que não posso propriamente dizer que são plenamente mi-nhas. O eu – como na clássica sentença de Ortega – estende-se à circunstância: *Yo soy yo y mi circunstancia*.

O latim se vale de verbos chamados depoentes precisamente para essas ações minhas que não são totalmente minhas; eu as protagonizo, mas não sou senhor delas, estou condicionado fortemente por fatores que transcendem o eu e sua vontade de ação. É o caso, por exemplo, do verbo *nascor*, nascer (nascer-nascido). O verbo nascer, a rigor, não é ativo nem passivo: eu nasço ou sou nascido? Sim, certamente sou eu que nasço, mas estou longe de exercer de modo totalmente ativo e independente esta ação («Com licença, eu vou nascer...»); e por isto o inglês usa «nascer» na passiva: *I was*

born in 1952. O mesmo acontece, por exemplo, com o morrer: a ação é minha, mas não o é...

Procuramos suprir a lacuna da voz média, tornando «reflexivos» verbos como esquecer e outros: «Eu me esqueci», «eu me admirei», etc. E a língua espanhola vale-se desse recurso muito mais frequentemente, como por exemplo em *yo me muero* ou até em verbos que expressam necessidades fisiológicas...

Com a perda da voz média, o português perdeu não apenas um recurso de linguagem, mas sobretudo um poderoso recurso de pensamento, de captação / expressão de imensas regiões da realidade. De fato, é uma violência para com a realidade que empreguemos, por exemplo, o verbo «surtar» como ativo: «O Gilberto é psicótico, ele surta a toda hora». Como se o pobre Gilberto tivesse algum controle sobre as situações que o fazem surtar... Como se «surtar» (ou «admirar» outras ações médias) pudesse ser ativamente «agendado»: «Na próxima 3.^a feira, às 15:30h, eu vou surtar; às 19:00h, vou me admirar; às 20:30h, me apaixonarei, etc.».

É surpreendente que três dos maiores sambistas brasileiros atinam com essa realidade da voz média. Algumas canções de Paulinho da Viola — o «Príncipe do samba» — trabalham com a voz média (e isto foi estudado no brilhante doutorado do Professor Luiz Costa, editor da Revista Língua Portuguesa). O samba «Timoneiro» — do qual procede o verso: «Não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar...» — é um maravilhoso exemplo dessas ações de verbos depoentes. Não sou plenamente dono do navegar; quem me navega é o mar. E o mar não tem cabelos que a gente possa agarrar...

Não sou eu quem me navega
Quem me navega é o mar
É ele quem me carrega
Como nem fosse levar
E quanto mais remo mais rezo
Pra nunca mais se acabar
Essa viagem que faz
O mar em torno do mar
Meu velho um dia falou
Com seu jeito de avisar
«Olha, o mar não tem cabelos
Que a gente possa agarrar»

Outra sugestiva canção para esse nosso tema é a mais famosa de Zeca Pagodinho, «Deixa a vida me levar», composta por Serginho Meriti e Eri do Cais: «Deixa a vida me levar (vida, leva eu) / Sou feliz e agradeço por tudo que Deus me deu / Só posso levantar as mãos pro céu / Agradecer e ser fiel ao destino que Deus me deu».

E Martinho da Vila, em «Filosofia de vida»: «Meu destino eu moldei / Qualquer um pode moldar / Deixo o mundo me rumar / Para onde eu quero ir».

Nessas canções o tema é a própria vida, que em todos os casos não consiste em mera passividade: eu intervenho ativamente sobre meu navegar — «remo», diz Paulinho; «o destino» requer uma ativa fidelidade (Zeca Pagodinho) e é moldado por mim (Martinho).

A rigor, a simples consideração da voz média, exigiria uma revisão geral de nossos padrões mentais: é mais um ponto no qual poderíamos nos abrir a aprender com os Orientes.

O neutro.

Outro importante fato gramatical desaparecido para nós, mas que é uma das claves de linguagem para compreender o brasileiro, é o neutro. Neutro, entendido não como um terceiro gênero, mas como uma tendência à indeterminação. Indeterminação que evita fechar compromisso e, por outro lado, pode preservar de choques no convívio social. Embora desprovido gramaticalmente do neutro; o brasileiro reinventa-o, com uma criatividade de causar inveja a um Platão ou a um Tomás de Aquino, que possuíam o neutro como fato natural em suas línguas.

Gramaticalmente (ou não), o neutro ocorre quando nos remetemos a um plano mais amplo, no qual as diferenças, determinações e precisões não interessam, não entram em jogo. O exemplo é de Julián Mariás: sete pessoas em um elevador, a porta está fechando para subir e chega correndo um oitavo passageiro, que ouve a delicada recusa: «Desculpe, não há mais lugar: já somos sete». Este «sete» é o neutro: para efeitos de lotação não interessa se esse oitavo passageiro é homem ou mulher, democrata ou republicano; branco ou negro; humano ou alien...

Se nosso provérbio que exige rigorosa determinação é «pão, pão; queijo, queijo», o brasileiro (sobretudo o de Minas Gerais) inventou o pão de queijo, um verdadeiro campeão de preferência nacional: é pão e é queijo; não é pão nem queijo; é ambos e nenhum, ou sei lá, que importa? *Utrum* é precisamente a forma latina que exige a definição de um de dois; daí que *ne-utrum* seja: nenhum dos dois, *neutrum*!

Uma indeterminação que rege diversos setores da existência, como por exemplo: o tempo. Para indicar que uma ação é maximamente imediata, o brasileiro diz o vago: «na hora» (pastéis fritos na hora; consertam-se sapatos na hora, etc.); já em Portugal, se não me engano, a faixa de indeterminação é bem mais estreita, é «ao minuto»; o que nos EUA é «*at the moment*»! O caso extremo é o da Bahia, onde a (inútil) insistência do estrangeiro em marcar hora, em perguntar por prazos, chega a ser quase ofensiva e é fulminada pelos in-determinadíssimos: «depois do almoço», «um minutinho», etc.

Gilberto Freyre chega a afirmar um modo nosso, ibérico, de lidar com o tempo: profundamente pessoal em detrimento do tempo «objetivo» do relógio.

As instituições. O neutro, a neutralidade do neutro, faz parte de nossa cultura, está arraigadíssima no Brasil: o que, em outros países dá-se como afirmação (ou negação) veemente, aqui perde os contornos nítidos, adquire forma genérica! Se não reparamos nesse fato é porque ele nos é tão evidente que chega a ser conatural e atinge até nossas instituições. Pensemos, por exemplo, nessa — incrível, para os estrangeiros! — instituição nossa: o ponto facultativo. Como dizia o saudoso humorista Stanislaw Ponte Preta, «é impossível explicar para um inglês o que é um ponto facultativo»:

- É feriado?
- Não, Mr. Brown, é ponto facultativo!!

- Então, se não é feriado, haverá trabalho normal?
- Não, Mr. Brown, claro que não haverá trabalho: é ponto facultativo!! Não é feriado, mas não deixa de ser... É neutro!

Um exemplo particularmente interessante de indeterminação dá-se com o nosso «dever», que o inglês diferencia em cerca de meia--dúzia de distinções. Assim, no outro dia, dirigindo-me a um colega, vizinho de prédio, a quem frequentemente dou carona, perguntei: «E aí, você vai para a universidade amanhã?». Sua resposta foi: «Devo ir». O leitor (e mesmo o interlocutor) não tem a menor possibilidade de saber o que significa esse «devo», entre nós, muito indeterminado. Como traduzi-lo para o inglês (*should, have to, supposed to, must, ought...*)? Pois, esse «devo» pode ser interpretado desde a mais absoluta e imperativa decisão de ir («eu devo ir, senão a universidade desmorona») até a mais descomprometida e frágil intenção («eu não falei que iria, eu falei “devo ir”, mas aí apareceu um desenho animado interessante na TV e eu não fui»).

O neutro, banido da gramática de nossa língua, é resgatado (ou, ao menos, seu espírito, que remete à totalidade e à indeterminação) genialmente pela gíria brasileira. Quando Sérgio Buarque de Holanda cunhou a expressão «homem cordial» para caracterizar o brasileiro, não se referia somente ao lado positivo, mas é a mesma «cordialidade» que está por trás de formas tupiniquins de corrupção, conchavos, etc. E mesmo de maledicência. Em vez de sair agressivamente insultando Fulano, emprega-se a — muito mais perigosa — «inocente» forma neutra: «Fulano, qual é a dele, hein?». «Qual é a dele?», puro neutro, indeterminado que engloba todos os campos: qual é a atitude, a postura, a seriedade pro-fissional, a preferência sexual, ambição, etc.

Se houver no grupo algum sentimento latente contra Fulano, alguém — ainda no neutro — dirá «É, não sei não...» (que claramente significa: «sabemos que há algo»). E outro ajuntará: «Numa boa, eu gosto muito dele, adoro ele, mas a gente também não é cego...». O neutro «numa boa» (numa — o quê? — boa) é uma es-pécie de licença para matar (eu falo porque só quero o bem dele), ainda mais seguido de «adoro ele», etc.

P.: Entre outras diferenças, o português do Brasil recebeu influência das línguas indígenas africanas...

Sim, sem dúvida, muitas. Para além do léxico, gostaria de registrar aqui apenas um par de breves exemplos.

Provavelmente por influência africana (que coincide com a forma quimbundo *kukala ni*) criamos uma suave e deliciosa alternativa para «ter». Na vida comunitária africana, é muito menos acentuada a demarcação de posse. Como também, pelo amor, numa família, recai-se na sentença da parábola de Cristo: «Tudo que é meu, é teu». Certamente, na prática, há desavenças e mágoas entre os irmãos porque um pegou o que era do outro, etc. Mas se tudo corre bem, numa família não são necessários tantos cadeados e chaves. E há pelo menos uma ampla gama de objetos que são indiscutivelmente de todos: a tesoura, o grampeador, a pasta de dentes... Para esses objetos, não teria sentido dizer «ter», mas *kukala ni* — «estar com»: «Você está com a tesoura?» «Quem está com o grampeador?».

Nossa linguagem estendeu essa fraternidade, substituindo em muitos outros casos o verbo «ter» pela locução «estar com» (que, penso, não ocorre, nessa mesma extensão, nem em Portugal nem na Espanha): «Você está com tempo?; está com febre?; está com pressa?; está com dinheiro?; está com carro?...» (o espanhol diria: tienes tiempo, fiebre...). Nosso «estar com» é uma forma muito mais simpática, muito mais solta, pois aplica-se mais propriamente a «posses» casuais, as posses provisórias de algo que no fundo é tão meu quanto teu, ou melhor, é de todos nós. Ao menos, no âmbito da linguagem...

Um caso do tupi, particularmente profundo e penetrador na realidade, é o do sufixo *-guera* (que, a cada momento, encontramos em nossos topônimos). Ao juntar, a um vocábulo *x*, a terminação *-guera* (*-quera* ou *-puera*, de acordo com a eufonia), obtemos uma curiosa alteração semântica: *x-guera* é o que foi *x*, não é mais (ao menos, em sentido próprio e rigoroso), mas preserva algo daquele *x* que um dia foi. Assim, *anhangá* é diabo, espírito com poderes; já *anhanguera* é alguém que sem ser (mais) diabo, preserva algo do poder que um dia teve em plenitude. Mais do que a «diabo velho» (como pretendem os livros didáticos) é a esse remanescente poder diabólico que se refere a lendária proeza do célebre bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, que recebeu a alcunha de Anhanguera, porque pôs fogo na «água» (na verdade, era aguardente) para intimidar os índios. *Ibirapuera*, o famoso parque de São Paulo, é o que resta daquilo que um dia foi mata (*Ibirá*); *Itaquera*, o bairro que sediou a abertura da Copa do Mundo, indica resíduos de pedreira (*ita* é pedra); etc.

A composição com *-guera*, tão frequente no tupi, está continuamente a nos recordar que há uma conexão entre o presente e o passado, entre o futuro e o presente; que há leis naturais regendo o desenvolvimento das coisas e que as ações têm consequências: projetam-se, deixam um rastro, um «guera».

Cutucaguera (cicatriz), por exemplo, faz lembrar, imediatamente, que aquele sinal no corpo é o que ficou como resíduo de uma espetada (cutucar, no tupi e no português do Brasil, é ferir com ponta); *capuera*, roça abandonada; *tapera* (*tabapuera*), os escombros que lembram que aquilo um dia foi *taba* (aldeia). Para ficar só com palavras que passaram para nossa língua.

Haveria inúmeros outros casos, muito sugestivos, de como a língua tupi esgrime esse sufixo. Limitemo-nos a alguns de grande alcance antropológico. A ética clássica ocidental apoia-se na constatação de que o ato humano não se esgota no momento em que a ação foi praticada; deixa marcas, projeta-se. Como diz Gabriel Perissé: «O passado é aquilo que não passou. É aquilo que ficou em forma de experiência, de conhecimento, de conselho, de consciência e de capacidade de análise».

O passado permanece no presente e é, como escreveu José Eduardo Agualusa, «como o mar: nunca sossega». O bullying que a criança sofre hoje pode deixar uma marca para o resto da vida; um trauma qualquer pode custar anos de terapia.

A propósito, lembro aquela oração que se reza na missa, logo após o Pai-Nosso: «Livrai-nos, Senhor, de todos os males...», e que, durante muitos séculos, e até 1970, prosseguia de modo muito sugestivo: «...de todos os males passados, presentes e futuros...». A reforma litúrgica do Vaticano II houve por bem suprimir esse trecho («pas-sados, presentes e futuros»), alegando que o povo não entenderia a formulação «livrar dos males passados», desprovida de sentido. E foi uma pena porque ela indica um profundo fato ontológico e psicológico. É certo que nem Deus pode mudar o passado, nem extinguir os males passados... mas Deus pode, sim, em Sua misericórdia, fazer com que aqueles males passados não continuem se projetando no presente e no

futuro, como observa o filósofo Julián Marías a respeito dessa ideia latente na oração suprimida.

O sufixo *-guera* — como todos os recursos vivos da língua — não é apenas uma possibilidade de expressar o pensamento; ele amplia a própria possibilidade de pensar e a sensibilidade perceptiva da realidade; no caso, a continuidade projetiva do passado.

Poesia e Filosofia – JL Entrevista Adélia Prado

(Trechos da entrevista com Adélia Prado, realizada em São Paulo em 5 de novembro de 1993. A entrevista serviu de background – e foi publicado como Anexo – à dissertação de mestrado de Cecília Canalle: “Fundamentos filosóficos da poética de Adélia Prado”, FEUSP, 1996.)

O Olhar: Mirandum e theoria

(...)

LJ: Adélia, você poderia retomar aquela frase que disse, há pouco, sobre o Céu?

AP: Você falou que o que há de comum entre o filósofo e o poeta é o mirandum e isso eu traduzo por miração. E eu acho que é isto mesmo: quando a gente está apaixonado, quando a gente experimenta a paixão, você quer segurar a pessoa e falar: “Fica na minha frente para eu te olhar...”. Não precisa nem casar, é só olhar, é só olhar...”.

Tenho um poema em que eu acho que dei conta de falar isso, “A Terceira via”:

Meu espírito - que é o alento de Deus em mim - te deseja
pra fazer não sei o que com você.
Não é beijar, nem abraçar, muito menos casar
e ter um monte de filhos.
Quero você na minha frente, extático
– Francisco e o Serafim, abraçados –,
e eu para todo o sempre
olhando, olhando, olhando...

Então eu acho que o Céu..., quando a gente fala em experiência de mística, da alegria inefável dos santos, isso está no olhar, sabe? Então, você chega no Céu: “agora descansa, pára o mundo que eu vou olhar a face divina!”. Então, nem precisa casar mesmo, pode parar aí, que já está no Céu.

Eu acho que a poesia é isto: porque ela é algo que se mostra, eu acho que a poesia é um fenômeno que realmente escapa ao poeta; ele, coitadinho, é um proletário da coisa, um operariozinho, um operário braçal. Então, há uma coisa, algo, algo, algo quer se mostrar...

Sabe que ideia que eu tenho do Espírito Santo? E tem tudo que ver com o que estamos falando... Eu acho que Deus, Ele tem um desejo de ser visto, sabe, Ele deseja, Ele precisa... É como disse Mestre Eckhart: “Ele precisa de mim...”, porque Ele me

salvou tanto... Ele deseja ser visto e precisa ser visto. E, para mim, a poesia é isto: aquilo que precisa ser visto, se mostra, naquele momento.

Criação Divina, Participação e Poesia

AP: É o que a gente chama de experiência poética ou momento poético. Então, realmente, é estado de graça, não tem jeito. Eu acho que o fundo da experiência religiosa e da experiência poética - à revelia dos poetas ateus, à revelia desse povo que nega isso; é... à revelia deles, à revelia deles... - que o sagrado se mostra.

É um desejo de prostração que dá na gente, um desejo de adoração: Você quer adorar e você sabe que não é mais aquilo que você tá produzindo, não é o rastro, não é mais a pegada como eu achava antes... Com aquela ânsia..., mas é a coisa que se mostra atrás disso.

Eu tenho um poema inédito que fala isso: “Acácias”.

ACÁCIAS
Minha alma quer ver a Deus.
Eu não quero morrer.
Quero amar sem limites
E perdoar a ponto de esquecer-me
Radical, quer dizer pela raiz
O perdão radical gera alegria
Exorciza doenças, mata o medo
Dá poder sobre feras e demônios
Falo. E falo é também membro viril,
Todo léxico é pobre,
Idiomas são pecados;
Poemas, culpas antecipadamente perdoadas
Eis, esta acácia florida gera angústia
Para livrar-me, empenho-me
Em esgotar-lhe a beleza
Beleza importuna,
Magnífica insuficiência,
Porque ainda convoca
O poema perfeito.

O poema, minha Nossa Senhora!..., o que está por trás dele é o que interessa, por isso que não dá para adorar a arte (os adoradores da arte...). A arte..., ela remete, ela remete... A única coisa que não remete é Deus. Deus, Ele não remete a mais nada.

E o que você quer? Esta acácia aqui, essa benditinha dessa acácia..., o que é uma acácia florida? É uma coisa tão angustiante, uma coisa bela demais, que você quer morrer pra ter sossego, não é? (risos). Aí você faz um poema pra ver se descansa. Mas, é porque a alma, ela quer realmente adorar, ela quer seu fundamento, não é? A gente quer adorar a Deus, essa é a única coisa..., eu acho que a gente nasceu só pra isso...

LJ: E qual o papel da Criação. Você diz, em um dos títulos: “Tudo que sinto esbarra em Deus”, seria o conceito de participação em S. Tomás?

AP: Eu acho que é isso, sim. Eu acho que dá na mesma, mas eu digo expressão.

Porque arte para mim - para mim, não! Que bobagem falar isto! - arte é pura expressão, o discurso dela é só expressivo... Ele não é político, ele não é religioso... (...)

Mas o que você estava falando da participação, para mim é assim: algo – esse algo eu vou chamar de Deus –, Ele quer se mostrar. Ele quer mostrar-se, Ele quer ser mirado. Então, uma das formas mais perfeitas, eu acho que aí há uma coisa de uma liberdade inaudita, que é o espaço da criação artística (que é onde você põe vaca roxa, põe acácia chorando, sei lá o que...). Mas, então, é isso: é o terreno, para mim, da fé, que é a coisa mais livre que tem. É o “Curvai-vos!” se você não se curvar, você não fica livre. É aí. É aí, é na poesia, é na arte, mas vamos falar em poesia, porque é o nosso caso...

Então, eu vejo assim, as coisas como manifestação – até a cadeira de plástico [Adélia aponta para uma cadeira de plástico], ela manifesta. Manifesta, manifesta, manifesta, manifesta... E o homem faz o mundo (isso é uma ideia que me ocorreu no outro dia) o homem é criador, mas às avessas... Você veja, eu estava vendo um robô ontem, um robô francês, vendo na televisão, aquela parafernália, quer dizer, é o não-simples. É engraçado, o homem cria, mas é uma não-simplicidade; você fala: “Nossa, que computador complexo!” você fica maravilhado com a complexidade, enquanto que a criação divina é o avesso: é o simples, não é? Mas enfim são formas diversas, eu acho, da divindade e da manifestação: Deus precisa disto para que Ele se manifeste, para que a consciência ecloda em seu nível crença...

Ainda a Criação

LJ: Como pode haver um poeta ateu?

AP: Mas isso é uma contradição em termos, meu Jesus!, não é? É cada tombo que as pessoas levam. Engraçado, que os próprios poetas engajados e que advogam essa autonomia de seu poder sobre a escrita caem numa contradição maravilhosa, através das próprias obras que são melhores que eles. Porque o livro tem que ser melhor do que eu, senão ele não vale nada. O livro tem que ser melhor do que eu, a hora em que ele for igual a mim, eu tenho que ficar caladinha, quer dizer, cheguei à santidade, que é o que a gente, acho, deve querer, né? A gente diz: “Porque o meu livro..., porque o meu livro isso..., porque o meu livro aquilo...” e não é assim, se fosse assim, eu falava: “Hoje eu vou escrever um poema perfeito” e... não é assim... A coisa deseja ser vista, então é uma graça mesmo, é pura visão, é... não-lógica.

LJ: Na verdade um tema constante na sua poesia, constante também em S. Tomás é o de que a criação tem dois pólos: por um lado é participação do ser, do bem, da beleza de Deus; por outro, saiu do nada...

AP: Saiu do nada, sim, sim!

LJ: Por isso, Josef Pieper tem um capítulo fantástico, descrevendo a atitude diante da Criação, intitulado: “Psicose Maníaco-Depressiva”.

AP: Sim , concordo plenamente... Porque a coisa mais difícil é achar que eu não sou Deus... Porque na hora que você cai nisso, você diz: ou eu sou criatura ou eu não sou! (...)

Isso vai muito dentro de uma coisa que você falou e que me alegrou muito: é uma coisa com relação ao sagrado: eu não faço poesia religiosa, num sentido que muita gente entende equivocadamente. O fato é que é a poesia é que é religiosa, ela é sagrada (é aquilo que a gente estava falando antes), então esses registros de natureza religiosa, confessional, são coisas da história da biografia do autor, que nada tem que ver, não é? Ela, em si mesma, é sagrada. Eu vi um poema de Alceu, que é pagão, anterior a Cristo e é igualzinho ao poema “No éter”, que eu escrevi. Foi uma das maiores emoções que eu tive... O poema “No éter” fala daquela hora da tarde, daquela hora em que as coisas reverberam... Eu fiquei assustadíssima.

Quer dizer, é uma coisa só, o sujeito é pré-cristão, pagão, e está falando a mesma coisa que eu. Então há essa origem sagrada, não é? E com o amor é a mesma coisa, esse amorzinho nosso, essa peleja que é o sexo, porque é uma peleja, é tão discursivo, não é? Tem hora que eu fico...Que cansada... Dormir com outra pessoa é complicado demais... toda a discursividade do corpo, a miserabilidade do corpo, meu Deus! Então, eu vejo assim, quando eu estou falando de amor eu estou falando só de amor e em sua forma humana ele é discursivo, precário, mas é, em sua essência, bodas celestes.

LJ: Que quer dizer com “discursivo”?

AP: Discursivo é aquilo que não se exime de palavras... A poesia não pode ser discurso, ela não fala a respeito de... ou ela é a coisa ou ela não é poesia. Isto é, um poema sobre a rosa tem que ser a rosa, não pode pegar e falar: “Olha tô falando sobre a rosa...”: aí não é poesia mais, não! Então o poema, a diferença dele com outro discurso é que ele não é discurso. Ou: é um discurso não-discursivo... Esse amor humano, também ele é discursivo, enquanto processo, mas na sua essência... quando eu amo uma pessoa eu

quero só olhar para ela, meu maior desejo é olhar... humanamente até, mas ele exige mais, ele exige uma humildade danada...

Filosofia, poesia e o realismo do cotidiano

LJ: Num projeto de mestrado que dirijo, estamos colocando lado a lado citações de Josef Pieper e de Adélia Prado. Por exemplo, o fato de ambos terem seu ponto de partida na admiração...

AP: O mirandum.

LJ: ...é uma palavra chave...

AP: É, é, é ...

LJ: ... e contemplação, mistério, porque o mundo foi feito pelo Verbo, pelo Logos então ele é “demais para a nossa cabeça”...

AP: “Os céus narram a glória de Deus”, é demais, não é?...

LJ: ...e isto tudo em e a partir de uma realidade cotidiana...

AP: Claro... uma graminha pelejando para nascer na greta do muro... que coisa mais absurda e fenomenal!

LJ: Gosto demais de seu verso: “Tudo é Bíblias”

AP: Tudo é grande sertão!

LJ: Realidade cotidiana enquanto maravilhamento?

AP: Eu fui, digamos, classificada, muitas vezes, como uma dona de casa que faz poesia. Quando Bagagem saiu, em 1976, eu ouvia: “O que? uma dona de casa, você faz as coisas em casa mesmo? você tem filhos? Ah é? Que coisa, hein? Pois é...”.

Então ficou mais ou menos assim: “ela fala do cotidiano, sabe?”. Mas, onde é que estão os grandes temas? Para mim, aí é que está o grande equívoco. O grande tema é o real, o real; o real é o grande tema. E onde é que nós temos o real? É na cena cotidiana.

Todo mundo só tem o cotidiano e não tem outra coisa. Eu tenho este corpo que eu carrego (ou ele me carrega... o burro¹) e a vidinha de todo dia com suas necessidades mais primárias e irreprimíveis. É nisso que a metafísica pisca para mim (risos) e a coisa da transcendência: quer dizer: a transcendência mora, pausa nas coisas... está pousada ou está encarnada nas coisas. Então não há o que dizer: não adianta você querer escolher grandes temas; é o grande tema que escolhe, isso é um lugar comum, todo autor fala disso, mas realmente é assim: você é escolhido... Que que é o grande tema? é o real. E o real configurado no amor, na morte, nas mais diversas paixões que nos habitam e nas virtudes também. Então eu não vejo onde é que eu busco poesia... ela já está - o Reino já está no meio de vós... - É isso aí...

LJ: A inspiração, como vem? Por que essa realidade cotidiana às vezes se mostra como maravilhamento e outras vezes como mera realidade opaca?

AP: Quando ela é realidade opaca é aquilo do meu verso “De vez em quando, Deus me tira a poesia e eu olho pedras e vejo pedra mesmo...” (“Ausência da Poesia”). Outro dia - eu achei fantástico! - um comentarista de futebol fez uma crônica e me citou - eu me senti tão importante... Ele, falando sobre a seleção brasileira², disse: “É como diz Adélia Prado: ‘Eu olho Dunga e vejo Dunga mesmo’” (risos). Eu achei legal, fez o maior sucesso lá em casa, todos gostaram... Vê-se que ele entendeu o poema...

¹. Alusão a S. Francisco de Assis, que chamava o corpo de “o burro”.

². A entrevista ocorreu antes do tetra-campeonato, num momento em que a seleção (e, particularmente, Dunga e Zinho) sofria duras críticas por parte da imprensa futebolística.

Unisinos – A atualidade de Tomás de Aquino (entrevista a Jean Lauand)

IHU Online

Em entrevista por e-mail, exclusiva à IHU On-Line, o professor titular de Filosofia e História da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), analisou diversos aspectos do importante legado do filósofo cristão Tomás de Aquino, que, em seu ponto de vista, continua atual. Um deles é a filosofia da educação: “é altamente sugestiva a genial comparação da aprendizagem com a cura e a do professor com o médico”, contida no *De Magistro*. Graduado em Matemática pela USP, Lauand é mestre e doutor em Filosofia e História da Educação pela mesma instituição. Sua tese intitula-se “O caráter filosófico da Universidade na Filosofia da Educação de Josef Pieper”. É livre-docente pela FEUSP: (1995) e professor titular pela mesma instituição (2000). Publicou 179 artigos acadêmicos em periódicos especializados, além de 46 livros, dos quais citamos *Raízes do pensamento medieval*. Manaus: Amazonian Book-Sellers, 1993; *Cultura e Educação na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1998; *Sete Conferências sobre Tomás de Aquino*. São Paulo, ESDC, 2006. São Paulo: ESDC, 2006. É um dos autores de *Opus Dei. Os bastidores*. Campinas: Verus, 2005.

IHU On-Line – Como a ciência e a Weltanschauung se relacionam com a álgebra como ciência árabe? Quais foram as contribuições dessa cultura para o legado medieval?

Jean Lauand – Começemos pelo caso da Álgebra, que ajuda a compreender muitos aspectos culturais. Uma primeira observação importante é que a álgebra surge, como você bem lembrou, como “ciência árabe”, num sentido muito mais profundo do que o de uma mera “casualidade” de ter sido um árabe o seu criador, Al-Khwarizmi. Muhammad Ibn Musa Al-Khwarizmi foi membro da “Casa da Sabedoria”, a importante academia científica de Bagdad, que alcançou seu esplendor sob Al-Ma’amun (califa de 813 a 833). A ele, Al-Khwarizmi dedicou seu *Al-Kitab al-muhtasar fy hisab al-jabr wa al-muqabalah* (Livro breve para o cálculo da *jabr* e da *muqabalah*), o livro fundador da álgebra.

O califa Al-Ma’amun patrocinava as ciências e promoveu muitas traduções de obras gregas: de matemática, filosofia etc. E a álgebra surge como uma veemente afirmação árabe numa academia que está se embebendo de uma cultura “estrangeira”. E é que a ciência, a filosofia e as artes não são alheias a outros aspectos culturais, por vezes muito importantes. O filósofo Johannes Lohmann chega a falar de um sistema língua/pensamento, totalmente diferente no caso do grego (um sistema logos, de uma língua centrada no verbo ser, tendendo a uma detalhada correspondência biunívoca entre o pensamento e a realidade) e no caso do árabe (segundo Lohmann, um sistema ma’na, em que essa correspondência milimétrica não é buscada e inexistente o verbo ser como verbo de ligação). Numa comparação bem vulgar, eu diria que o grego busca uma

marcação “homem a homem” do pensamento para com a realidade; enquanto o sistema árabe marcaria “por zona”.

Assim, a matemática grega não dispõe de zero ou números negativos, o que constitui algo não suportado pelo sistema, que busca a correspondência biunívoca com o real (e, “na realidade” não se dão o zero ou negativos). É conhecido também o gravíssimo escândalo que foi para a mentalidade grega a descoberta dos números irracionais... Já para o sistema língua/pensamento árabe, para o sistema ma’na, descomprometido com a correspondência logos, o zero e os números negativos ou irracionais são aceitos com a maior naturalidade. Embora correndo o risco de estilizar demais, eu diria que a (relativa) ausência do verbo ser na gramática árabe é o que permite lidar com o zero (etc.) e permite a álgebra.

O contraste Alcorão-Evangelho

Tenha-se em conta também que essa grande explosão cultural e científica árabe dá-se muito cedo, historicamente: pouco depois do surgimento do Islã. E aí temos um fator histórico decisivo para o surgimento da álgebra como ciência árabe. E é que o Alcorão (eu continuo dizendo Alcorão, pois se nos fosse imposta a forma corão, deveríamos também dizer “mofada” em vez de almofada; “face” em vez de alface etc.), na sura 4, “As mulheres”, estabelece com a força de um decreto de Allah, uma série de critérios concretos para a herança: “Allah recomenda-vos acerca da herança de vossos filhos: ao homem cota igual à de duas mulheres. Então, se forem mulheres, duas ou mais de duas, terão dois terços do que deixar o falecido. Etc. etc. etc.” (4, 11 e ss. Cito pela monumental recém-publicada tradução de meu querido mestre, professor Helmi Nasr). Assim, a álgebra é criada para resolver um problema: o da herança, que além de ser muito espinhoso em qualquer sociedade, é também, para o Islã, um grave problema de consciência religiosa. Desculpado o trocadilho, a álgebra surge para (literalmente) equacionar esses versículos do Alcorão.

É interessante observar também o contraste do Alcorão com o evangelho: enquanto o Alcorão prescreve precisamente as quotas de partilha, Cristo recusa-se a estabelecer critérios concretos para a herança. E é que por coincidência, o mesmo problema da herança (para o muçulmano, sob a legislação direta de Allah) é proposto a Cristo. Cristo, que declara - algo impensável na visão muçulmana - “A César o que é de César; a Deus o que é de Deus”, recusa-se a estabelecer concretamente os termos da herança. Trata-se de um episódio evangélico aparentemente intranscendente: “um da multidão” aproxima-se de Cristo e faz um pedido: que Jesus use Sua autoridade para convencer seu irmão a repartir com ele a herança (Lc 12, 13). Para surpresa daquele homem (e contrariando a mentalidade antiga e a oriental, que uniam o poder religioso a questões temporais...), Cristo recusa-se terminantemente a intervir nessa questão: “Homem, quem me estabeleceu juiz ou árbitro de vossa partilha?” (Lc 12, 14). O máximo a que Cristo chega é a uma condenação genérica da cobiça, contando a esses irmãos a parábola do homem rico cujos campos haviam produzido abundante fruto e com o célebre convite à contemplação dos lírios: “Olhai os lírios do campo...” Naturalmente, este ponto, a propensão do Islã a tornar religiosos problemas temporais é de extrema atualidade.

A mediação árabe

Passemos para a segunda parte de sua pergunta, sobre as contribuições da cultura árabe para nosso legado medieval. São incalculáveis: a Idade Média deixa de ser Dark Ages e ocorre o “renascimento” do século XII precisamente na medida em que vai tomando conhecimento, pelo movimento de traduções do árabe de obras de filosofia, matemática, medicina etc. Como se sabe, as próprias obras ocidentais tornaram-se desconhecidas da primeira Idade Média e um autor tão essencial como Aristóteles, por exemplo, “volta” ao Ocidente por meio de traduções do árabe.

Um caso emblemático é o do xadrez. Com o xadrez – esse misto de arte, diversão, ciência e imagem do mundo –, como com tantas outras realidades culturais e científicas, os árabes cumprem uma missão, profeticamente estabelecida pelo Alcorão como al-Usta, ser um povo de mediação (sura 2, 143), fazendo a ponte entre o Oriente e o Ocidente que a Allah pertencem (sura 2, 142). Os árabes fazem a mediação: aprendem a cultura de outros povos, assimilam-na a seu modo (e, em tantos casos, enriquecem-na enormemente) e repassam-na. Se, como dizíamos, o próprio Aristóteles só “volta” ao Ocidente medieval pela mediação árabe, o mesmo acontece com diversos aspectos da cultura oriental: o xadrez, tomado aos persas, chega ao Ocidente pelos árabes. Sempre de novo pelo trabalho de tradução, no caso do xadrez, por D. Alfonso, o Sábio (séc. XIII).

É muito interessante observar que essa mediação manifesta-se já na linguagem. Assim como quando se introduziu no Brasil o futebol, originário da Inglaterra, importamos também o léxico do jogo (o próprio nome futebol, bem como gol, pênalti, drible, craque, time – goal, *penalty*, *dribble*, *crack*, *team* etc.), assim também, os nomes das peças do jogo em árabe são tomados do persa: *shah* (rei), *firzan* (sábio, para a peça que hoje se chama dama) etc. E nas línguas ocidentais até hoje há nomes árabes para peças: bispo em espanhol é *alfil* (*al-fil*, literalmente, o elefante); torre em inglês é *rock* (*rukhh*)...

O primeiro tratado de xadrez composto no Ocidente – o *Libro del Acedrex* de D. Alfonso X, o Sábio (1221-1284), é tomado dos tratados e problemas enxadrísticos árabes – e preserva os nomes das peças e posições como: alfil, roque, alferza, alfilada etc., que denotam sua origem imediata árabe. Nessa época, enquanto o livro de D. Alfonso não é mais do que um engatinhar, os árabes tinham um desenvolvimento incrível e elaboradíssimo no xadrez .

IHU On-Line – Em que consiste a filosofia da educação de Tomás de Aquino? Quais são suas influências nos dias atuais?

Jean Lauand – Santo Tomás de Aquino protagoniza um momento muito especial da história do pensamento: situado naquele agitado século XIII, em torno às polêmicas sobre o recém-(re)descoberto Aristóteles; os problemas que enfrenta a nova instituição universidade etc. É um século no qual irrompem grandes desafios, como o de harmonizar a pesquisa profana sobre o mundo com a teologia. Esta é uma tarefa que muitos consideravam impossível e vai ser uma das grandes contribuições de Tomás: a aceitação plena do mundo a partir da fé. Afinal, Deus é o criador também do mundo material e o conceito de criação em Tomás, central em sua visão de mundo, é também a base de sua concepção de homem e de sua filosofia da educação.

Essa pressuposição da realidade natural expressa-se em um clássico princípio de Tomás: “a graça não suprime a natureza, aperfeiçoa-a”. Também para a concepção de homem e para a educação, a afirmação da realidade natural é uma grande contribuição de Tomás: contra um espiritualismo exagerado de um lado, e os do

materialismo, do outro. O pensamento pedagógico de Tomás encontra-se sobretudo na “questão disputada” *De Magistro*, na qual Tomás expõe sua concepção de ensino/aprendizagem em oposição às doutrinas dominantes da época. Mas, por detrás de questões pedagógicas, encontram-se, na verdade, concepções filosóficas - a filosofia da educação é inseparável da antropologia filosófica - e teológicas, de modo que teremos que falar também da concepção de homem do Aquinate.

Como dizia, a antropologia de Tomás - revolucionária para a época - afirma o homem em sua totalidade (espiritual, sim, mas de um espírito integrado à matéria) e está em sintonia com uma teologia (também ela dissonante para a época) que, precisamente para afirmar a dignidade de Deus criador, afirma a dignidade do homem e da criação como um todo: material e espiritual. Sugestiva é, por exemplo, a luta que Tomás teve de travar na Universidade de Paris para defender a tese da unicidade da alma no homem: a mesma e única alma é responsável pelos atos mais espirituais e mais prosaicos no homem (a teologia dominante - pensando dar glória a Deus - separava “a alma espiritual” das “outras duas” - sensitiva e vegetativa - em favor de uma antropologia “espiritualista” e desencarnada).

Nesse quadro de oposição a um cristianismo demasiadamente espiritualista e que pretende exagerar o papel de Deus e aniquilar a criatura, compreendem-se as colocações de Tomás e até mesmo os artigos selecionados para a questão *De Magistro*: art. 1 Se o homem - ou somente Deus - pode ensinar e ser chamado mestre; art. 2 - Se se pode dizer que alguém é mestre de si mesmo; art. 3 - Se o homem pode ser ensinado por um anjo; art. 4 - Se ensinar é um ato da vida ativa ou da vida contemplativa.

Não é de estranhar, portanto, que Tomás comece discutindo a objeção: “Se o homem - ou somente Deus - pode ensinar e ser chamado mestre” (o fato curioso é que Tomás discuta isso precisamente como professor em sala de aula...). O exagero do papel de Deus - no caso, em relação à aprendizagem - é por conta daquela teologia que considera tão sublime a inteligência humana que, em cada caso que ela ocorre, requereria uma iluminação imediata de Deus. Tomás, em seu realismo, sim, admite uma iluminação de Deus, mas esta iluminação, Deus no-la deu, de uma vez por todas, dotando-nos da “luz natural da razão”, aliás, dependente das coisas mais sensíveis e materiais...

Dualismo “exagerado”

A palavra-chave para entendermos a doutrina de Tomás sobre o homem é “alma”, que, classicamente, designa o princípio da vida. O referencial a que Tomás se remete nestes temas é a doutrina estabelecida por Aristóteles em seu *Peri Psyché*, Sobre a alma. A “psicologia” de Aristóteles emergiu como uma reação de equilíbrio e moderação ante o exagerado espiritualismo da antropologia de Platão (que tem encontrado sucessivas versões tanto no Ocidente como no Oriente...). O espiritualismo platônico é uma certa tomada de posição radicalmente dualista diante da questão: “O que é o homem?”. Platão situa espírito e matéria como realidades justapostas, disjuntas, em união fraca e extrínseca no homem. O homem, para Platão, seria primordialmente espírito (e o corpo seria, nessa visão, algo assim como um mero cárcere do espírito).

Do ponto de vista de Tomás, esse dualismo platônico atenta contra a intrínseca unidade substancial do homem, ao desprezar a dimensão material do ser humano, exagerando a separação entre o espiritual e o corpóreo. Assim, a questão “O que é o homem?” é uma questão inquietante porque a realidade humana se apresenta como fenômeno muito complexo: integrando em si a unidade harmônica de espírito e matéria.

A dimensão corporal é plenamente afirmada e reconhecida como integrante da natureza humana: o fato, afinal evidente, de que o homem é um animal, compartilhando uma dimensão material - um corpo, uma bioquímica... - com os outros animais (expressão muito usada por Tomás). Mas, se por um lado, afirma-se a realidade corpórea, por outro, afirma-se, com igual veemência, que há também, no homem, uma transcendência do âmbito meramente biológico: certas características que, classicamente, têm sido chamadas de espirituais, características ligadas às duas faculdades espirituais da alma humana: a inteligência e a vontade.

Ora, a alma não opera diretamente, mas por meio de suas potências operativas: a potência visual, a potência motriz etc. No caso do homem, sua alma - além das características próprias e peculiares próprias da inteligência - realiza todas as operações dos graus inferiores de vida. A alma humana não só é responsável pela realização das operações ligadas às faculdades da vida vegetativa - a circulação do sangue, a digestão etc. -; a mesma e única alma realiza também as operações sensitivas (próprias da vida animal, como o conhecimento sensível) e, além de tudo isto, essa mesma alma irrompe numa dimensão nova: a dimensão do espírito.

Se o conhecimento sensível versa sobre a realidade particular e concreta (este vermelho, este sabor salgado, esta forma triangular etc.); a inteligência humana transcende, supera esse âmbito do particular, do material e do concreto e pode versar sobre o universal. A geometria, por exemplo, como conhecimento intelectual humano, não se ocupa desta forma triangular do recorte de papel que tenho diante dos olhos; ela trata, sim, do triângulo abstrato. E diz: “A soma dos ângulos internos do triângulo vale dois retos”. Destaquemos, nessa afirmação, seu caráter abstrato e universal: pouco importa se o triângulo é azul ou amarelo, se é acutângulo, retângulo ou obtusângulo, a inteligência versa sobre “o triângulo”. E, para “o triângulo”: “A soma dos ângulos internos é dois retos”. Já a medicina estuda hepatologia, independentemente deste fígado ser de Maria ou de José.

Esta capacidade da inteligência de apreender o universal e abstrato abre um mundo sem fronteiras para o conhecimento: ele não se limita à realidade concreta que o circunda, mas atinge todo o ser. E precisamente essa abertura para a totalidade do real é o que se chama de espírito. Espírito é a capacidade de travar relações com a totalidade do real. Daí que Tomás repita, uma e outra vez, a sentença aristotélica: *Anima est quodammodo omnia*, “A alma humana, sendo espiritual, é, de certo modo, todas as coisas”...

Contra todo dualismo que tende a separar exageradamente no homem a alma espiritual e a matéria, Tomás afirma a intrínseca união, a substancial união de ambos os princípios: a alma espiritual, como forma, requer - em tudo por tudo - a integração com a matéria. Pense-se, por exemplo, em todo o tema - hoje mais agudo e atual do que nunca - das doenças psicossomáticas: da relação, digamos, entre um desgosto ou uma crise existencial, por um lado, e uma gastrite ou uma úlcera, por outro. Mas o exemplo mais veemente dessa integração é encontrado na discussão do objeto próprio da inteligência humana.

O ensino em Tomás de Aquino

Como dizíamos, não operamos diretamente pela alma, mas por meio de suas potências operativas. E cada potência da alma é proporcionada a seu objeto: a potência auditiva não capta cores, a potência visual não atua sobre aromas. Dizer que a inteligência é uma potência espiritual é dizer que seu campo de relacionamento é a

totalidade do ser: todas as coisas - visíveis e invisíveis são inteligíveis -; “calçam” bem, combinam com a inteligência. Contudo, a relação da inteligência humana com seus objetos não é uniforme. Dentre os diversos entes e modos de ser, há alguns que são mais direta e imediatamente acessíveis à inteligência. É o que Tomás chama de objeto próprio de uma potência: aquela dimensão da realidade que se ajusta, por assim dizer, “sob medida” à potência (ou, melhor dito, é a potência que se ajusta àquela realidade). Não que a potência não incida sobre outros objetos, mas o objeto próprio é sempre a base de qualquer captação: se pela visão captamos, por exemplo, número e movimento (e vemos, digamos, sete pessoas correndo), é porque vemos a cor, objeto próprio da visão. Ora, próprio da inteligência humana - potência de uma forma espiritual acoplada à matéria - é a abstração: seu objeto próprio são as essências abstratas das coisas sensíveis. Próprio da inteligência humana é apreender a ideia abstrata de “cão” por meio da experiência de conhecer pelos sentidos diversos cães: Lulu, Duque e Rex...

Assim, Tomás afirma: “O intelecto humano, que está acoplado ao corpo, tem por objeto próprio a natureza das coisas existentes corporalmente na matéria. E, mediante a natureza das coisas visíveis, ascende a algum conhecimento das invisíveis” (S. Th. I, 84, 7). E nesta afirmação, como dizíamos, espelha-se a própria estrutura ontológica do homem: mesmo as realidades mais espirituais só são alcançadas, por nós, através do sensível. “Ora - prossegue Tomás -, tudo o que nesta vida conhecemos, é conhecido por comparação com as coisas sensíveis naturais”. Esta é a razão pela qual o sentido extensivo e metafórico está presente na linguagem de modo muito mais amplo e intenso do que, à primeira vista, poderíamos supor.

O problema do ensino, como não poderia deixar de ser, é proposto por Tomás nos quadros de sua antropologia e doutrina sobre o conhecimento. A própria palavra “educação”, ainda que não apareça em Tomás, é como que sugerida diversas vezes em suas análises: trata-se de um eduzir o conhecimento em ato com base na potência: *scientia educatur de potentia in actum* (*De Magistro* art. 1, obj. 10); a mente extrai o ato dos particulares dos conhecimentos universais (*ex universalibus cognitionibus mens educitur* - art. 1, solução); leva ao ato (*educantur in actum* - art. 1, ad 5).

Ensinar é, pois, uma educação do ato; uma condução da potência ao ato que só o próprio aluno pode fazer. Tomás está distante de qualquer concepção do ensino como transmissão mecânica; o professor, tudo o que faz é “en-sinar” (*insegnire*), apresentar sinais para que o aluno possa por si fazer a educação do ato de conhecimento, no sentido da sugestiva acumulação semântica que se preservou no castelhano: *enseñar* (ensinar/mostrar): o mestre mostra! Assim, é altamente sugestiva a genial comparação da aprendizagem com a cura e a do professor com o médico, no art. 1 do *De Magistro*.

IHU On-Line – Qual a principal contribuição de Tomás de Aquino para a ética e a educação moral?

Jean Lauand – De fato, essa é outra dimensão interessante e atualíssima da filosofia da educação de Tomás: a educação moral. Nesse campo, eu destacaria o notável trabalho sobre a principal das virtudes cardeais, a virtude da Prudentia, a virtude da tomada de decisão certa.

O “Tratado da Prudência” - contido na Suma Teológica, correspondente às questões 47 a 56, da segunda parte da Segunda Parte da Suma - apresenta grande interesse. É difícil subestimar a importância dessa virtude no pensamento de Tomás: não é que ela seja a primeira inter pares, mas é principal em uma ordem superior, é a mãe das virtudes, *genitrix virtutum* (In III Sent., d 33, q 2, a 5, c) e a guia das virtudes,

auriga virtutum (In IV Sent., d 17, q 2, a 2, dco). Para bem compreender o significado e o alcance da *Prudentia* é necessário, antes de tudo, atentar para o fato de que *prudentia* é uma daquelas tantas palavras fundamentais que sofreram desastrosas transformações semânticas com o passar do tempo.

A proximidade entre a nossa língua e o latim de Tomás não nos deve enganar: ocorre, como dizíamos, um conhecido fenômeno de alteração do sentido das palavras que se manifesta muitas vezes quando lemos um autor de outra época. E não só alteração: como mostra C. S. Lewis, dá-se frequentemente, sobretudo no campo da ética, uma autêntica inversão de polaridade: aquela palavra que originalmente designava uma qualidade positiva, se esvazia de seu sentido inicial ou passa até a designar uma qualidade negativa.

Foi o que aconteceu, entre outras, com as palavras “prudente” e “prudência”. Atingidas ao longo dos séculos pelo subjetivismo metafórico e pelo gosto do eufemismo; “prudência” já não designa hoje a grande virtude, mas sim a conhecida cautela (um tanto oportunista, ambígua e egoísta) ao tomar (ou ao não tomar...) decisões.

Se hoje a palavra prudência tornou-se aquela egoísta cautela da indecisão “em cima do muro”; em Tomás, ao contrário, *prudentia* expressa exatamente o oposto da indecisão: é a arte de decidir-se corretamente, isto é, com base não em interesses oportunistas, não em sentimentos piegas, não em impulsos, não em temores, não em preconceitos etc., mas, unicamente, com base na realidade: em virtude do límpido conhecimento do ser. É este conhecimento do ser que é significado pela palavra *ratio* na definição de *prudentia: recta ratio agibilium*, “reta razão aplicada ao agir”, como repete, uma e outra vez, Tomás.

Decisão certa

Prudentia é ver a realidade e, com base nessa visão, tomar a decisão certa. Por isso, como repete Tomás, não há nenhuma virtude moral sem a *prudentia*, e mais: “sem a *prudentia*, as demais virtudes, quanto maiores fossem, mais dano causariam” (In III Sent. d 33, q 2, a 5, sc 3). Com as alterações semânticas, porém, tornou-se intraduzível, para o homem de nosso tempo, uma sentença de Tomás como: “a *prudentia* é necessariamente corajosa e justa”.

Sem esse referencial, fundamentados em que tomamos nossas decisões? Quando não há a *simplicitas*, a simplicidade que se volta para a realidade como único ponto decisivo na decisão, ela acaba sendo tomada, como dizíamos, com base em diversos outros fatores: por preconceitos, por interesses interesseiros, por impulso egoísta, pela opinião coletiva, pelo “politicamente correto”, por inveja ou por qualquer outro vício... Mas este ver a realidade é somente uma parte da *prudentia*; a outra parte, ainda mais decisiva (literalmente) é transformar a realidade vista em decisão de ação, em comando: de nada adianta saber o que é bom, se não há a decisão de realizar este bem... O nosso tempo, que se esqueceu até do verdadeiro significado da clássica *prudentia*, atenta contra ela de diversos modos: em sua dimensão cognoscitiva (a capacidade de ver o real, por exemplo, aumentando o ruído - exterior e interior - que nos impede de “ouvir” a realidade) e em sua dimensão prescritiva, no ato de comandar: o medo de enfrentar o peso da decisão, que tende a paralisar os imprudentes (pois, insistamos, a *prudentia* toma corajosamente a decisão boa!).

A grande tentação da imprudência (sempre no sentido clássico) é a de delegar a outras instâncias o peso da decisão que, para ser boa, depende só da visão da realidade. Há diversas formas dessa abdicação: do abuso de reuniões desnecessárias à delegação das decisões a terapeutas, comissões, analistas e gurus, passando por toda sorte de consultas esotéricas.

Não há “receitas” de bem agir

Uma das mais perigosas formas de renúncia a enfrentar a realidade (ou seja, a renúncia à prudência) é trocar essa fina sensibilidade de discernir o que, naquela situação concreta, a realidade exige por critérios operacionais rígidos, como num “Manual de escoteiro moral” ou, no campo do direito, num estreito legalismo à margem da justiça. É também o caso do radicalismo adotado por certas propostas religiosas. Tal como o “Ministério do Vício e da Virtude” do regime Talibã, algumas comunidades cristãs - em vez de afirmar o direito (e o dever) do fiel de discernir o que é bom em cada situação pessoal concreta - simplificam grosseiramente: em caso de dúvida, é pecado e pronto!

O “Tratado da Prudência” de Tomás é o reconhecimento de que a direção da vida é competência da pessoa e o caráter dramático da prudência se manifesta claramente quando Tomás mostra que não há “receitas” de bem agir, não há critérios comportamentais operacionalizáveis, porque - e esta é outra constante no Tratado - a prudência versa sobre ações contingentes, situadas no “aqui e agora”. E é que a prudência é virtude da inteligência, mas da inteligência do concreto: a prudência não é a inteligência que versa sobre teoremas ou princípios abstratos e genéricos, não!; ela olha para o “tabuleiro de xadrez” da situação “aqui e agora”, sobre a qual se dão nossas decisões concretas, e sabe discernir o “lance” certo, moralmente bom. E o critério para esse discernimento do bem é a realidade! Saber discernir, no emaranhado de mil possibilidades que esta situação me apresenta (que devo dizer a este aluno?, compro ou não compro?, caso-me ou não?, devo responder a este e-mail? etc.), os bons meios concretos que me podem levar a um bom resultado, à plenitude da minha vida, minha realização enquanto homem. E para isso é necessário ver a realidade concretamente. De nada adiantam os bons princípios abstratos, sem a prudência que os aplica - como diz Tomás - ao “outro pólo”: o da realidade (que significa “amar o próximo” nesta situação concreta?).

A condição humana é tal que - muitas vezes - não dispomos de regras operacionais concretas: sim, há um certo e um errado objetivos, um to be or not to be dependente de nossas decisões, mas não há regra operacional. Tal como para o bom lance no xadrez, há até critérios gerais objetivos... mas não operacionais concretos! Trata-se, assim, de uma “inteligência” moral, a insubornável fidelidade ao real, que aprende da experiência e, portanto, requer a memória como virtude associada: a memória fiel ao ser. Precisamente no artigo dedicado à virtude da memória, como parte da prudência, Tomás observa que não pode o homem reger-se por verdades necessárias, mas somente pelo que acontece *in pluribus* (geralmente). Note-se que esta é também a razão da insegurança em tantas decisões humanas: a prudência traz consigo aquele enfrentamento do peso da incerteza, que tende a paralisar os imprudentes.

É dessa dramática imprudência da indecisão, que expressam alguns clássicos da literatura: do *to be or not to be...* de Hamlet aos dilemas kafkianos (o remorso impõe-se a qualquer decisão), passando pelo “Grande Inquisidor” de Dostoiévski, que descreve “o homem esmagado sob essa carga terrível: a liberdade de escolher” e apresenta a massa que abdicou da prudência e deixa-se escravizar, preferindo “até

mesmo a morte à liberdade de discernir entre o bem e o mal”. E, assim, os subjugados declaram de bom grado: “Reduzi-nos à servidão, contanto que nos alimenteis”. Como se vê, é uma doutrina de enorme atualidade (Também aqui remeto os interessados a uma tradução do *De Prudentia*, que publiquei: Tomás de Aquino: A Prudência. São Paulo: Martins Fontes, 2005).

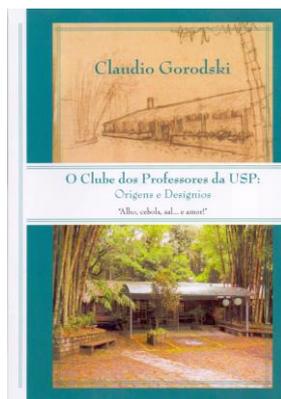
Revista Internacional d'Humanitats 53 set-dez 2021
CEMOrc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona

“O Clube dos Professores da USP: Origens e Desígnios” de Claudio Gorodski. São Paulo: Livraria da Física, 2021, 370 p.

(Ao final, entrevista – realizada em 9-11-99, *Videtur* – com Carlinhos Fidelis, Nicodemus Gomes e Raimundo Nonato, dedicados garçons do *Clube dos Professores da USP*)

Sylvio R. G. Horta & Jean Lauand (editores da RIH)

Acaba de ser publicado (maio de 2021), o documentado e saboroso livro de Claudio Gorodski, Professor Titular do Instituto de Matemática e Estatística da USP: “O Clube dos Professores da USP: origens e desígnios. Alho, cebola, sal ... e amor”, fruto de incansável pesquisa do autor. A obra pode ser adquirida na editora: https://www.livrariadafisica.com.br/detalhe_produto.aspx?id=150040&titulo=O+Clube+dos+Professores+da+USP.



A história do Clube dos Professores da USP (criado em 1986) se mistura com a história da Cidade Universitária. Não é possível falar do Clube sem mencionar o restaurante central e a situação alimentar do campus. A alimentação no campus, por sua vez, esteve muito ligada à política na Universidade. Este livro busca, num tom leve e às vezes anedótico, contar uma história da Universidade sob o ponto de vista da alimentação, com referências documentais e entrevistas com a maior parte das principais personagens primárias.

A primeira parte do livro baseia-se em documentos escritos para contar a história. Entre outras coisas, discorreremos sobre as origens nos Estados Unidos e Europa da ideia de “faculty club”, a criação dos

serviços de alimentação na Universidade (COSEAS) e o movimento de fundação do Clube. Vemos a evolução do Clube lado a lado a Universidade; acompanhamos as mudanças de valores na Sociedade e a visão da administração da USP; e refletimos sobre a evolução dos conceitos da Nutrição. A segunda parte inclui dezoito entrevistas (selecionadas dentre mais de quarenta realizadas). Diversas escalas da hierarquia abordam o mesmo objeto, cada uma sob seu ponto de vista, e as narrativas complementam-se e enriquecem-se. Nesta parte, o componente humano e pessoal se faz mais presente. As entrevistas serviram para dirigir a busca dos documentos pelo autor, mas alguma contradição entre a memória das pessoas e os documentos escritos ocorre, sem maiores consequências.

O livro tem a pretensão de servir de testemunho do mérito dos trabalhadores e dirigentes que forjaram um experimento radical, inédito e único, que foi o Clube, e de preservar a história oral do local, que corria o risco de se perder. Ao analisar e discutir o glorioso passado da Universidade, ganhamos perspectiva para encarar os problemas presentes e o futuro.

(4ª. capa do livro)

O “Clube” foi extinto em 2016 e só quem vivenciou a experiência de frequentá-lo pode avaliar a magnitude da perda desse precioso espaço de convivência e de fecundo diálogo para os acadêmicos.

“Se este livro é um lamento? Ora, se podemos sucintamente reduzir a história a uma sentença, este livro pretende demonstrar que a terceirização do Clube dos Professores representa o marco simbólico do triunfo da gestão corporativa da Universidade de São Paulo sobre o espírito de colegialismo reinante na época da Maria Antônia” (p. 9).



Equipe do Clube dos Professores: Adão, Artur, Nonato, Shizuo, Edilson, Lima com JL



O autor, Prof. Dr. Claudio Gorodski.

<https://www.ime.usp.br/~gorodski/personal/eu2007-1.jpg>

Nós, fundadores da *Revista Internacional d'Humanitats* e das demais revistas do Cemroc-Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente da Feusp, pudemos continuamente testemunhar, ao longo dos trinta anos de sua existência, a imensa importância do Clube para a produção intelectual de nosso Centro: conversas, lançamentos, encontros, orientações de teses, reuniões editoriais, parcerias com colegas de universidades estrangeiras etc. ocorriam naquele ambiente, de excelência profissional e, ao mesmo tempo, extremamente acolhedor do Clube.



No Clube - Foto do Centro de Memória do Instituto de Química – USP
<http://memoria.iq.usp.br/>

Em 1999, os autores desta nota publicamos – em nossa revista *Videtur* – uma entrevista que realizamos com os garçons do Clube e tivemos o privilégio de ver que o Prof. Gorodski a aproveitou em sua monumental obra (pp. 126 e ss.), lisonjeando-nos ao qualificá-la de “preciosidade”. Reproduzimo-la a seguir:

Entrevista – “Não Há Fritas”: Garçon “nadando” no *Clube dos Professores da USP*

Videtur tem publicado uma série de matérias com profissionais (policial, comissária de bordo, dentista...) que mostram o “outro lado...”. Nesta entrevista, realizada em 9-11-99, *Videtur* (Sylvio Horta e Jean Lauand) conversa com Carlinhos Fidelis, Nicodemos Gomes e Raimundo Nonato, dedicados garçons do *Clube dos Professores da USP*.

V.: O “Clube dos Professores” é um restaurante único em São Paulo: além do alto nível de qualidade e do atendimento, ele está situado no meio de um grande bosque na “Rua do Matão” do campus da Cidade Universitária. Sempre que convidamos colegas estrangeiros, sobretudo europeus, eles ficam impressionados com a paisagem – e também, é claro, com as generosas porções servidas pela churrascaria. O *Clube* tem recebido personalidades de destaque – como o Imperador do Japão e o presidente de Portugal – e acolhe eventos etc. Como surgiu o Clube?

G.: A ideia do Prof. Goldemberg – o reitor que criou este espaço em 1986 – era (e é o que o Clube de fato realiza) a de ter um ambiente de diálogo e de descontração. Já a localização é privilegiada: a gente nem imagina que exista um lugar destes na cidade de São Paulo. No início, havia só este prédio (o do *self-service*), depois vieram o da Churrascaria e o Anexo, para reservas e eventos (como palestras, lançamentos, coquetéis e até já tivemos sessões dançantes organizadas pela ADUSP...).

V.: Naturalmente, vocês têm como clientela habitual um público diferenciado, composto de professores universitários; o que há de específico nessa clientela? Devem ocorrer, por exemplo, situações curiosas ou divertidas ao lidar com tantos docentes...

G.: Sim, de fato acontecem coisas engraçadas (não que fiquemos reparando, nem dá tempo...) e a gente até aprende aqui. Outro dia eu estava, como a gente diz, “nadando” (“nadar” em gíria de garçon é o corre-corre: nosso trabalho sempre é *pauleira*; é como nadar: não pode parar nem um segundo; não pode ter *rasgueira*, que, na nossa gíria, é quando o garçon é relaxado) e tive que “pagar um mico”: estava uma professora lá na mesa 29 e pediu fritas; eu fui na cozinha, voltei e disse: “Desculpe, professora, não tem fritas, não!”; ela imediatamente corrigiu: “Como ‘não tem fritas, não’? Diga: ‘Não há fritas’”.

V.: Já que entramos na gíria própria, qual é a gíria de garçon para “cliente chato”?

G.: Não, essa não tem...

V.: Por quê? Porque todos são...?

G.: Não, o pessoal aqui é muito bom!

V.: Mas, como em toda comunidade, o pessoal aqui (a começar por nós, entrevistadores, que também somos clientes assíduos do *Clube*) têm também suas manias e folclores. Por exemplo, tem (ou *há*) um colega – eu já presenciei isso -, não vou dizer de que Faculdade ele é – que todo dia, ao chegar aqui, repete um ritual: vai testando uma por uma as mesas; reclama que elas estão sem calço, reclama que o reitor não fez as coisas direito e, finalmente, senta-se na mesa “boa”...

G.: É, ele vem praticamente todo dia e quando senta pede sempre uma garrafa de água com gás, “a mais gelada que tiver”... Tem outro que tem mania de ficar abrindo todas as janelas...

Tem também uma professora – acho que ela é argentina – que todo dia pergunta se a picanha tá boa, se a picanha tá macia...; a gente responde que sim, que não muda, que é o mesmo fornecedor, que a picanha está ótima, e aí ela pede a picanha ou não...: “hoje eu vou mudar para filé!”.

Há alguns distraídos que esquecem celular, talão de cheques (tem um que sempre esquece, a gente tem que ir atrás...) etc. A gente até abriu um depósito de objetos esquecidos...

Engraçado foi no outro dia: a conta tinha dado uns 9 reais, mas o professor, ao preencher o cheque, olhou para o relógio, viu 14:15h e não teve dúvida: preencheu “quatorze reais e quinze centavos”. Aí tivemos que ir atrás dele, bater no vidro do carro e explicar que ele tinha se confundido etc.

V.: Com a experiência (eu sei que um de vocês até iniciou um curso superior de exatas...) dá até para ir identificando a Unidade a que pertence cada grupo de professores. Uma vez eu trouxe um grupo de jornalistas de outros estados para almoçar aqui e eles começaram, meio de brincadeira, a testar se nós, professores da USP, conseguíamos adivinhar pela cara, pelo jeitão (meio *nerd* ou *bicho-grilo* etc.) a Faculdade de onde procediam os colegas de outras mesas. Estava no grupo uma jornalista carioca – muito extrovertida – e, quando fomos pegar a sobremesa, ela saiu perguntando aos outros clientes (principalmente os casos em que havia maior certeza no palpite) de que Faculdade eles eram: e não é que – em alguns casos – deu na cabeça: Elétrica da Poli, “FAU ou ECA”, Economia, Geologia...

G.: É, a gente vai reconhecendo, pelo cabelo, pelo modo de vestir (rabo de cavalo, brinco, shortão...) e até pelas conversas, pelas piadas (naturalmente, até por ética, a gente não fica escutando, mas às vezes ouve ou mesmo é chamado a entrar na conversa...). Mas aqui sai de tudo: química, linguística, muita fórmula matemática y elevado a efe de x..., quer dizer: papo cabeça e assunto de aula. E muita política e piada... Como em outros restaurantes, dirigem a nós, garçons, piadas e trocadilhos do tipo: “Vê um *chopps* e dois *pastel*” ou “Só por curiosidade: se fosse para pagar, quanto é que era?”, “Esse país não tem jeito: tanta gente boa na cadeia e vocês aí soltos” ou como aquele professor que ficou um bom tempo sem vir e quando voltou cumprimentou dizendo: “Oh, há quanto tempo! Você não foi mandado embora *ainda*?”. Outro fica mexendo com o cetim do paletó do Nonato etc.

Na churrasceria, além das formas comuns (mal passado, ao ponto e bem passado), às vezes recebemos pedidos mais complicados: a pessoa quer tostado por fora e vermelho por dentro, mas sem estar sangrando etc. Aí sobra para o Zé Carlos (o churrasqueiro)...

Para falar a verdade, o cliente aqui é muito mais compreensivo e educado do que em outros restaurantes... É muito bacana trabalhar aqui; há casos de professores que viajam para o exterior e lembram de mandar um cartão para a gente...

Como o senhor disse, vem muito convidado estrangeiro (a gente acaba aprendendo o básico de inglês e sempre tem algum professor que ajuda a fazer o pedido) e eles ficam maravilhados: outro dia vieram uns japoneses e em vez de comer ficavam contemplando o bosque; uma delegação de uns vinte chineses queriam saber – perguntaram em chinês, traduziram para a gente – por que o bambuzal (do estacionamento) era só para decoração e não aproveitávamos o bambu para os pratos...

São Paulo, maio de 2021

Revisitando as entrevistas publicadas nas revistas do Cemoroc

Jean Lauand
Chie Hirose³
Simone Hartleben Starosky⁴
Simone Marquart Terranova⁵

Resumo: Por ocasião desta celebração do 25º. aniversário e do No. 300 das revistas universitárias do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente (Edf-Feusp), alojadas em www.hottopos.com, a Editora pediu a seus autores/editores um artigo de retrospectiva sobre matérias em nossas revistas. Neste artigo apresentamos as entrevistas publicadas nas revistas do Centro.

Palavras Chave: Cemoroc; revistas acadêmicas; entrevistas.

Abstract: To celebrate this 25th anniversary of Cemoroc's journals, the publisher has asked authors-editors (*ad hoc*) to write an article summarizing matters in these journals. In this article, the authors present the interviews published in our journals.

Keywords: Cemoroc; academic journals; interviews.

Parte importante do acervo do Cemoroc são as dezenas de entrevistas – a maioria com intelectuais estrangeiros – que suas diversas revistas têm publicado nestes 25 anos.

Neste artigo, antes de apresentar o guia para acessar essas 44 entrevistas, as autoras acharam oportuno acrescentar uma 45ª a esse conjunto: um breve diálogo com o autor, Jean Lauand, que desde o começo tem sido o principal entrevistador do Centro.

Entrevistadoras: Como surgiu a ideia de incluir entrevistas nas revistas do Cemoroc?

³. Doutora em Educação pela Feusp, com dois Pós Doutorados nessa mesma Faculdade. Mestre em Antropologia pela Universidade Nacional de Hiroshima. Diretora do Cemoroc de relações com a Escola Pública.

⁴. Professora de Ensino Religioso do Colégio Luterano São Paulo.

⁵. Coordenadora Pedagógica do Colégio Luterano São Paulo.

Jean Lauand: Primeiramente, quero agradecer em nome do Centro, o maravilhoso e (imenso) trabalho que vocês tiveram ao fazer a varredura de 300 volumes de nossas revistas para localizar (e organizar a listagem) as entrevistas, cujos links agora podemos oferecer a nossos leitores.

As entrevistas surgiram desde o começo de nossas publicações. As revistas nasceram como parcerias internacionais com universidades europeias e havia a necessidade de apresentar essas instituições para o público brasileiro (e reciprocamente).

Assim, o saudoso Professor Celso de Rui Beisiegel fazia a apresentação de nosso departamento de Filosofia e Ciências da Educação e da própria Faculdade de Educação. E nossos parceiros apresentavam suas universidades e departamentos: Jesús Collado (Universidad San Pablo, de Madrid, #4), o Prof. Reboiras (Univ. Freiburg #8). Maria Cândida Pacheco (Universidade do Porto, # 29) etc. Claro que, para além dos dados protocolares, aproveitávamos para perguntar também das pesquisas do entrevistado.

E, estando já visitando as universidades parceiras, entrevistava também seus professores, como os diversos arabistas da Universidad Autónoma de Madrid (# 9 a 14).

Entr.: Uma pergunta talvez um pouco incômoda: quais foram as entrevistas mais importantes?

JL: Todas foram importantes. Destacaria a entrevista que a Profa. Aida Hanania realizou em Paris com Hassan Massoudy (#15), ao final de um curso que fez com esse artista talentosíssimo, considerado o maior calígrafo do mundo. E uma obra prima: a longa entrevista que a Profa. Chie Hirose realizou recentemente com o catedrático e juiz da Suprema Corte de Portugal, Doutor Paulo Ferreira da Cunha (# 42). A Chie conseguiu revolver deliciosas lembranças da infância do entrevistado.

E também as dos queridos professores entrevistados que nos deixaram nestes anos, infelizmente não foram poucos... Começo destacando um par desses saudosos amigos:

Helmi Nasr (#17) nos revelou dados históricos inéditos e muito importantes para a história da USP, sobre a fundação dos Estudos Orientais entre nós.

Julián Marías, um dos mais notáveis filósofos do século XX, deu-nos duas preciosas entrevistas sobre seu pensamento (#1 e 2; # 24).

Particularmente importantes foram-me também as de: Alfonso López Quintás, o grande filósofo da educação (#21 e # 34); a das 3 gerações da família Hirose (# 40), todo um tratado de sociologia do imigrante e a – para mim, especialíssima – entrevista com Adélia Prado (#43). Essa conversa foi muito carregada de emoções e acabei sendo presenteado com um poema inédito (escrito a lápis), que peço licença para transcrever aqui:

Acácias

Minha alma quer ver a Deus.
Eu não quero morrer.
Quero amar sem limites
E perdoar a ponto de esquecer-me
Radical, quer dizer pela raiz
O perdão radical gera alegria
Exorciza doenças, mata o medo
Dá poder sobre feras e demônios
Falo. E falo é também membro viril,
Todo léxico é pobre,
Idiomas são pecados;
Poemas, culpas antecipadamente perdoadas
Eis, esta acácia florida gera angústia
Para livrar-me, empenho-me
Em esgotar-lhe a beleza
Beleza importuna,
Magnífica insuficiência,
Porque ainda convoca
O poema perfeito.



<https://www.record.com.br/3-poemas-de-adelia-prado-homenageada-do-jabuti-2020/>

Fica aqui nossa gratidão (em alguns casos, homenagem póstuma) a esses grandes intelectuais que, desde a primeira hora, emprestaram seu prestígio a nossas publicações.

Já em janeiro de 1998, no No.1 de *Notandum*, publicamos as seguintes entrevistas:

1. Título: Persepctivas da Filosofia, Hoje. (08-04-1998)

Entrevistado: Julián Marías

Entrevistador: Jean Lauand (a partir de agora, abreviado por JL)

Link: http://www.hottopos.com/notand1/entrev_marias_trad.htm



JL e Julián Marías

2. Título: Persepctivas de la Filosofía, Hoy. (08-04-1998)

Entrevistado: Julián Marías

Entrevistador: JL

Link: http://www.hottopos.com/notand1/entrev_marias.htm

3. Título: Paulo Freire y la Educación Popular en Brasil /El EDF-FEUSP

Entrevistado: Celso de Rui Beisiegel

Entrevistador: JL

Link: <http://www.hottopos.com/notand1/celso.htm>



Celso Beisiegel (1935-2017), porta voz de nossas revistas nas primeiras parcerias internacionais
<https://direitoaeducacao.wordpress.com/resumos-das-aulas/>

4. Título: Aspectos da *Universidad San Pablo*

Entrevistado: Jesús Collado

Entrevistador: JL

Link: <http://www.hottopos.com/notand1/collad.htm>

5. Título: A filosofia e a vida quotidiana

Entrevistado: Sergio Rábade Romeo

Entrevistador: JL

Link: <http://www.hottopos.com/notand1/rabade.htm>



Dr. Sérgio Rábade (1925-2018), primeiro reitor da San Pablo, nossa parceira em *Notandum*
<http://www.filosofia.org/ave/001/a161.htm>

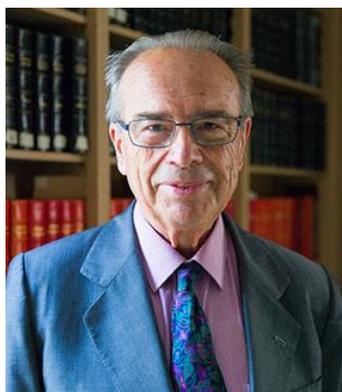
Em 1998-1999, nos No.2 e 3 de *Notandum*, seguiram-se:

6. Título: Os beneditinos e sua história

Entrevistado: Antonio Linage Conde

Entrevistador: JL

Link: <http://www.hottopos.com/notand2/linage.htm>



<http://www.realacademiadesanquircce.es/jos%C3%A9-antonio-linage-conde.html>

Dr. Linage – grande especialista espanhol na história beneditina.

7. Título: Betreffs des Departements für Philosophie der Erziehung und Erziehungswissenschaften der Universität von São Paulo [apresentação do EDF-Feusp para a Albert-Ludwigs-Universität Freiburg, nossa parceira nessa edição].

Entrevistado: Celso de Rui Beisiegel

Entrevistador: JL

Link: <http://www.hottopos.com/notand3/beisi.htm>

8. Título: Raimundus Lullus Institut - Freiburg

Entrevistado: Fernando Domínguez Reboiras

Entrevistador: JL

Link: <http://www.hottopos.com/notand3/lullus.htm>



Dr. Fernando Domínguez Reboiras (Raimundus Lullus Institut – Univ. Freiburg)

<https://arpaeditores.com/collections/fernando-dominguez-reboiras>

Nos primeiros números de *Collatio* (1998 e ss.), várias entrevistas com colegas da Universidad Autónoma de Madrid:

9. Título: El Escorial

Entrevistada: Aurora Cano Ledesma

Entrevistador: JL

Link: <http://www.hottopos.com/collat2/escorial.htm>



Dra. Aurora Cano (falecida em 2020) grande especialista em manuscritos árabes.

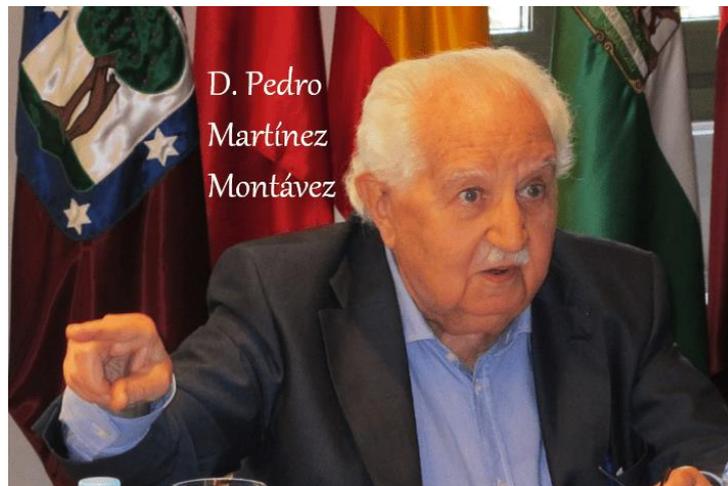
<https://en.casaarabe.es/news/arab-studies-expert-aurora-cano-ledesma-has-passed-away>

10. Título: O Mundo Árabe Atual e os “Olhares Cruzados”

Entrevistado: Pedro Martínez Montávez

Entrevistador: JL

Link: <http://www.hottopos.com/collat2/pedro.htm>



Ex-reitor da Uam e ex-diretor do Departamento de Estudios Árabes e Islámicos da UAM
<http://cihispanoarabe.org/news/d-pedro-martinez-montavez/>

11. Título: Estudos Árabes, “Hispanidade” e Autonomias

Entrevistado: Serafín Fanjul

Entrevistador: JL

Link: <http://www.hottopos.com/collat2/fanjul.htm>



Prof. Fanjúl

https://gl.wikipedia.org/wiki/Seraf%C3%ADn_Fanjul

12. Título: Literatura y Realidad Árabes

Entrevistada: Nieves Paradela

Entrevistador: JL

Link: <http://www.hottopos.com/collat3/entrevista2.htm>



Dra. Nieves – ex directora do Departamento de Estudos Árabes e Islámicos da UAM
https://uam.es/ss/Satellite/es/1242649910548/1242653677748/noticia/noticia/%3FLas_asignaturas_sobre_el_mundo_arabe_moderno_han_sido_el_sello_del_Departamento%3F.htm

13. Título: Literatura Árabe e Literaturas Árabes

Entrevistada: Ana Ramos Calvo

Entrevistador: JL

Link: <http://www.hottopos.com/collat3/entrevista.htm>

14. Título: Literatura Árabe - Países Árabes

Entrevistada: Rosa Isabel Martínez Lillo

Entrevistador: JL

Link: <http://www.hottopos.com/collat3/entrevista3.htm>



Dra. Rosa Isabel, atualmente na Univ. de Málaga
Em números posteriores de *Collatio* (1998 e ss.), mais entrevistas:

15. Título: O calígrafo Massoudy

Entrevistado: Hassan Massoudy (considerado o maior calígrafo árabe do mundo)

Entrevistadora: Aida Hanania (A.H. fez um curso com H. M. em Paris e entrevistou o mestre).

Link: <http://www.hottopos.com/spcol/HassanMassoudy.pdf>



16. Título: A obra de Miguel Cruz Hernández

Entrevistado: Miguel Cruz Hernández

Entrevistador: JL

Link: <http://www.hottopos.com/spcol/MiguelCruz.pdf>



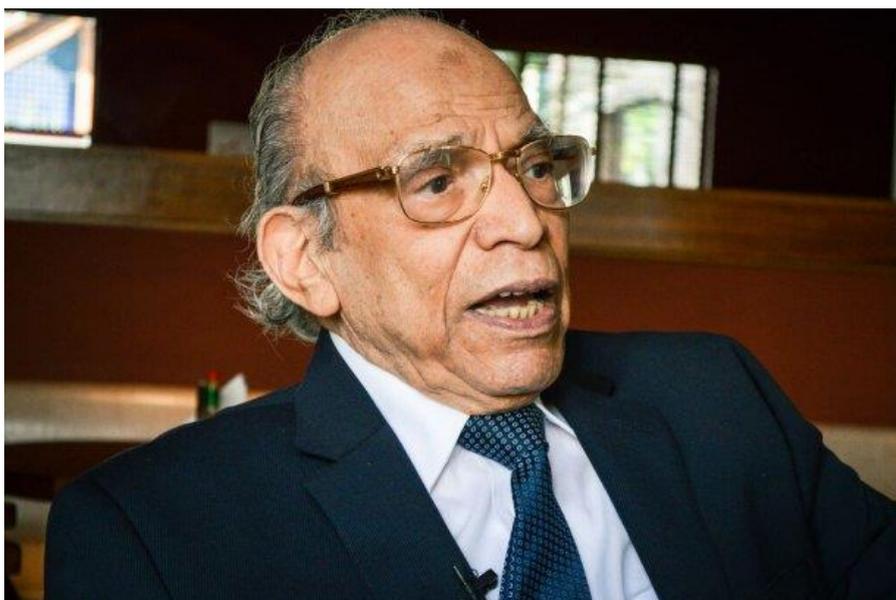
O Prof. Cruz Hernández (1920-2020), um dos maiores arabistas da Espanha.
<https://elpais.com/cultura/2020-03-27/miguel-cruz-hernandez-arabista.html>

17. Título: Helmi Nasr (História dos Estudos Árabes na USP)

Entrevistado: Helmi Nasr

Entrevistador: JL

Link: <http://www.hottopos.com/collat6/nasr.htm>



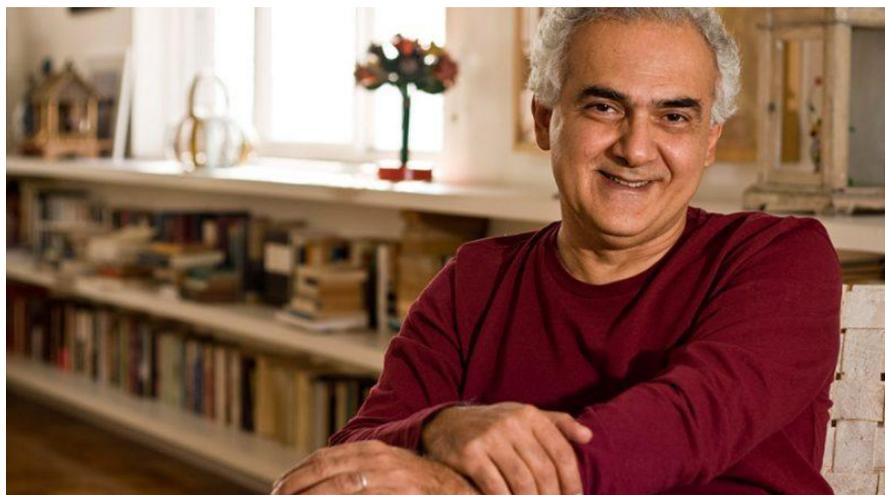
Helmi Nasr (1922-2019), fundador dos Estudos Árabes na USP (foto Cemoroc)

18. Título: A obra de Milton Hatoum

Entrevistado: Milton Hatoum

Entrevistadora: Aida Hanania

Link: <http://www.hottopos.com/collat6/milton1.htm>



Hatoum - <https://blog.estantevirtual.com.br/2017/01/31/milton-hatoum-muito-alem-de-dois-irmaos/>

19. Título: La escuela pública no es lugar de religión

Entrevistada: Roseli Fischmann

Entrevistadora: Amanda Pollato (orig. port. Da revista “Nova Escola”)

Link: <http://www.hottopos.com/collat12/31-35Roseli.pdf>



Roseli Fischmann

Entrevistas também nos primeiros números de *International Studies on Law & Education* (1999):

20. Título: A Universidade de São Paulo e o Departamento de Filosofia e Ciências da Educação

Entrevistado: Celso de Rui Beisiegel

Entrevistador: JL

Link: <http://www.hottopos.com/harvard1/celso.htm>

21. Título: A Filosofia da Educação e a Reforma Curricular

Entrevistado: Alfonso López Quintás

Entrevistador: JL

Link: <http://www.hottopos.com/harvard1/quintas.htm>



JL com ALQ em sua casa em Madri

22. Título: A Reforma Curricular Brasileira

Entrevistado: César Coll

Entrevistador: JL & E. A. Lucci

Link: <http://www.hottopos.com/harvard1/coll.htm>



C. Coll - https://www.goodreads.com/author/show/2668467.C_sar_Coll_Salvador

23. Título: O Compromisso com os Clássicos - Entrevista com o Editor

Entrevistado: Luis Lorenzo Rivera (1936-2017)

Entrevistador: JL

Link: http://www.hottopos.com/harvard2/o_compromisso_com_os_classicos_.htm

Outras entrevistas:

24. Título: 從現代的觀點看哲學 (Perspectivas da Filosofia, hoje)

Entrevistado: Julián Marías

Entrevistador: JL

Link: <http://www.hottopos.com/convenit3/mandarin.htm>

25. Título: *Curial e Guelfa*

Entrevistado: Ricardo da Costa

Entrevistadores: Vários

Link: <https://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/55-66ricardocosta.pdf>

26. Título: Alfabetizar, hoje

Entrevistada: Chie Hirose

Entrevistadora: Maria Antonia dos Santos

Link: <http://www.hottopos.com/convenit13/85-90chie.pdf>

27. Título: Divulgação de pesquisas na internet—alguns casos

Entrevistado: JL

Entrevistadores: Chie Hirose & Elie Chadarevian

Link: <http://www.hottopos.com/convenit14/19-26ChieElie.pdf>

28. Título: Linguagem e Consciência - a voz média

Entrevistado: Mario Bruno Sproviero

Entrevistador: JL

Link: <http://www.hottopos.com/mirand3/language.htm>



M. Sproviero - https://tvcultura.com.br/videos/37482_mario-bruno-sproviero-resultados-do-pisa-2009.html

29. Título: O Gabinete de Filosofia Medieval da Universidade do Porto

Entrevistada: Maria Cândida Pacheco

Entrevistador: JL

Link: <http://www.hottopos.com/spcol/MariaCandida.pdf>



Prof. Maria Cândida Pacheco (1935-2020), fundadora do GEM – Gabinete de Filosofia Medieval da Univ. Porto. <https://noticias.up.pt/morreu-maria-candida-pacheco-professora-emerita-da-u-porto/>

30. Título: Raimundus Lullus Institut - Freiburg

Entrevistado: Fernando Domínguez Reboiras

Entrevistador: JL

Link: http://www.hottopos.com/mirand8/entrevista_.htm

31. Título: Betreffs des Departements für Philosophie der Erziehung...

Entrevistado: Celso de Rui Beisiegel

Entrevistador: JL

Link: <http://www.hottopos.com/mirand8/celsob.htm>

32. Título: La UCAM y los estudios de Humanidades

Entrevistado: Joaquín Jareño Alarcón

Entrevistador: JL

Link: <http://www.hottopos.com/notand7/entrevista.htm>

33. Título: Hong-Kong Revisited

Entrevistado: Alfredo Alves

Entrevistador: JL

Link: <http://www.hottopos.com/videtur2/hongkong.htm>

34. Título: Entrevista a Alfonso López Quintás
Entrevistado: Alfonso López Quintás
Entrevistadora: Cecília Canalle
Link: <http://www.hottopos.com/videtur20/quintas.htm>
35. Título: María Ángeles Almacellas Bernadó
Entrevistada: María Ángeles Almacellas Bernadó
Entrevistadora: Cecília Canalle
Link: <http://www.hottopos.com/videtur22/angeles.htm>
36. Título: Manuel Rodríguez Troncoso
Entrevistado: Manuel Rodríguez Troncoso
Entrevistadores: Enric Mallorquí-Ruscalleda & David Mas Serret
Link: <http://www.hottopos.com/videtur29/troncoso.htm>
37. Título: A capoeira como Weltanschauung.
Entrevistado: Eduardo de Andrade Veiga
Entrevistador: JL
Link: recolhida em <http://www.hottopos.com/convenit32/59-78JeanNegro.pdf>
(originalmente em nossa revista Videtur No. 9).
38. Título: Ensinando História no Fundamental I
Entrevistado: Juscelino P. Pereira de Almeida
Entrevistadora: Maria Antônia dos Santos
Link: <http://www.hottopos.com/convenit14/39-44JuscAnt.pdf>
39. Título: Ensinando arranjos florais no Fundamental I
Entrevistada: Raimunda Pereira do Nascimento Marques
Entrevistadora: Chie Hirose
Link: <http://www.hottopos.com/convenit14/57-62RaimundaChie.pdf>



Profª Raimunda

40. Título: Juan Valera y Brasil

Entrevistada: M^a de la Concepción Piñero Valverde

Entrevistador: JL

Link: <http://www.hottopos.com/rih2pII/valera.htm>

41. Título: Chorinho, educação e Brasil

Entrevistados: Família Hirose

Entrevistador: Teo Carlos Garfunkel & JL

Link: <http://www.hottopos.com/isle23/111-118Chie.pdf>



Sanae e Shoso Hirose com os netos.

42. Título: Escola, família e alfabetização

Entrevistada: Chie Hirose

Entrevistadora: Gisele de Souza Nunes

Link: <http://www.hottopos.com/convenit21/15-22Chie.pdf>

43. Título: Paulo Ferreira da Cunha, lembrando os primeiros anos

Entrevistado: Paulo Ferreira da Cunha

Entrevistadora: Chie Hirose

Link: <http://www.hottopos.com/isle37/6PFCEntrevistaChie.pdf>



Chie Hirose no XIII Seminário Internacional do Cemoroc (2012), recebendo de Paulo Ferreira da Cunha o diploma de Investigadora do III-Univ. do Porto.

44. Título: Poesia e filosofia

Entrevistada: Adélia Prado

Entrevistador: JL

Link: <http://www.hottopos.com/spcol/EntrAdeliaPrado.pdf>

Eventos do Cemoroc; dois colaboradores da primeira hora

No. especial comemorativo do volume 300 e dos 25 anos das revistas do Cemoroc (1997-2022)
Convenit Internacional 36-37 mai-dez 2021 Cemoroc-Feusp

**Celebrando o ano XXV e 300 volumes publicados das Revistas
do Cemoroc (1997-2022) – nota editorial**

Jean Lauand

Esta edição de *Convenit Internacional* está inteiramente dedicada a celebrar os 25 anos das revistas do Cemoroc e seus 300 volumes publicados. Dada a quantidade de autores que, com artigos, se dispuseram a partilhar este importante momento, tivemos que estender a celebração para além deste número duplo (Nos. 36 e 37), avançando também para o No. 38.

Nos artigos destas edições de comemoração de data e realizações tão importantes, ao mesmo tempo em que revisitamos os principais marcos da história de nossas revistas, queremos também informar o leitor de outras atividades do Cemoroc: seu empenho em realizar atividades em favor da escola pública e da formação de seus professores; nossos Seminários Internacionais; a iniciativa de promoção de novos autores, com as revistas *Coepita*; os livros e vídeos que publicamos; etc.

300 volumes publicados representam milhares de artigos, centenas de autores e dezenas de temáticas contempladas. Assim, pedimos a nossos editores que, em seus artigos, revisitassem e procurassem organizar (dentro do possível e dos limites destas edições) todo esse material, para destacar os pontos mais importantes e facilitar minimamente ao leitor a orientação para percorrer o riquíssimo acervo. Daí também, o inevitável fato de que – excepcionalmente nestas edições – tenhamos vários artigos assinados pelos mesmos autores...

No artigo de abertura, “Revistas do Cemoroc: Ano XXV e 300 volumes publicados – fundadores, colaboradores e trajetórias”, Jean Lauand recorda, com imensa gratidão, os fundadores de nossas publicações e, por meio deles, um pouco da própria história das revistas e do Centro.

Um privilégio incomparável de nossas revistas é que três desses “fundadores”, muito presentes desde seu surgimento, são os importantes filósofos Josef Pieper, Julián Marías e Alfonso López Quintás, que confiaram a nossa Editora preciosos artigos e conferências. Seus trabalhos em nosso Centro são apresentados por:

Roberto C. G. Castro “Filosofia, educação, justiça e direitos humanos: Josef Pieper nas revistas do Cemoroc (2017-2021)”. O autor – especialista no filósofo de Münster – comenta os estudos de e sobre Pieper nas recentes revistas do Cemoroc.

Jean Lauand: “Os inéditos que Julián Marías confiou ao Cemoroc” e
“Alfonso López Quintás nas revistas do Cemoroc”.

Em seguida, Chie Hirose e João Sérgio Lauand, nossos diretores de Relações com a Escola Pública, apresentam, em dois artigos, o profundo trabalho que o Centro tem realizado nesse, para nós, tão importante campo: “Memória: Cemoroc e a escola pública – Formação de professores e outras atividades” (partes I e II).

⁶ Educadora com mestrado, doutorado e livre-docência pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Vinculada ao programa de pós-graduação dessa mesma instituição, é também diretora acadêmica do Centro de Estudos Medievais Oriente-Occidente – CEMOrOc/FEUSP.

E Chie Hirose, em “Artigos de professores de Ensino Básico nas revistas do Cemoroc”, revisita seu pioneiro trabalho de *editor*, publicando em nossas revistas, mais de trinta artigos de professores de escola pública, dando voz diretamente aos protagonistas da docência no Ensino Fundamental.

Aida Hanania e Jean Lauand no artigo “Em memória de Helmi Nasr, em seu centenário” recordam o saudoso mestre, tão importante para a fundação de nossas publicações.

Na sequência, Sylvio Horta, nosso editor e *webmaster*, mapeia em dois artigos (um para os séculos IV a IX; outro para os séculos X a XV) as 60 traduções de autores medievais em nossas revistas.

Aida Hanania em “Estudos árabes nas revistas e atividades do Cemoroc: 1997-2022” oferece um guia de nossos estudos para o Oriente Próximo e Sylvio Horta, o faz para o Extremo Oriente: “Estudos chineses nas revistas do Cemoroc”.

Alexandre Medeiros em “Estudos keirseyanos nas revistas do Cemoroc: 2017-2021” apresenta os artigos sobre um dos temas constantes nestes últimos anos em nossas publicações: a teoria do psicólogo americano David Keirsey.

Nossos Seminários Internacionais, sempre em interação com nossas revistas, são contemplados no artigo de Jean Lauand “22 Seminários Internacionais Cemoroc - Filosofia & Educação” e no de Enio Starosky “Os Seminários do Cemoroc e o Colégio Luterano São Paulo”.

Este número se fecha com “Produzir conhecimentos na escola: significados e sentidos do Projeto *Coepta*”, no qual nossa *editor* Silvia G. Colello discute uma das mais importantes criações do Cemoroc: a série *Coepta*, publicada em algumas de nossas revistas acolhem também artigos de jovens pesquisadores do Ensino Médio.

Em nosso próximo número, Convent 38, complementamos esta edição comemorativa, trazendo mais artigos de nossos *editors* sobre grandes temáticas destes 25 anos de nossas revistas.

São Paulo, 25 de fevereiro de 2021

No. especial comemorativo do volume 300 e dos 25 anos das revistas do Cemoroc (1997-2022)
Convent Internacional 36-37 mai-dez 2021 Cemoroc-Feusp

Revistas do Cemoroc: Ano XXV e 300 volumes publicados –

fundadores, colaboradores e trajetórias⁷

Resumo: Por ocasião da celebração do 25º aniversário (em 2022) e da publicação do número 300 das revistas universitárias do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente (Edf-Feusp), alojadas em www.hottopos.com, este artigo apresenta uma breve memória dessa história editorial e de seus fundadores.

“Paréceme, Sancho, que no hay refrán que no sea verdadero, porque todos son sentencias sacadas de la mesma experiencia, madre de las ciencias todas, especialmente aquel que dice: ‘Donde una puerta se cierra, otra se abre’” (Quijote I, cap. XXI)

Introdução

É com muita honra, alegria e gratidões que celebramos estes 25 anos de nossas revistas universitárias e o No. 300 dessas publicações, cuja versão eletrônica encontra-se no site da Editora Mandruvá (www.hottopos.com). De nossas revistas, hoje estão plenamente ativas: *Notandum* e *Revista Internacional d’Humanitats* já passaram do No. 50; *International Studies on Law & Education* atingiu seu No. 40 e *Convenit Internacional* o No. 37⁸.



Feusp - Faculdade de Educação da Univ. de São Paulo

Aqui, revisitaremos alguns marcos da história dessas revistas, lembrando seus fundadores e colaboradores e, para tanto, aludiremos também a outros trabalhos de nosso Centro (que serão tratados tematicamente em outros artigos neste volume): seu empenho em atender às escolas públicas e seus professores, nossos Seminários Internacionais etc. Outros aspectos de nossa história podem ser encontrados em artigos de aniversários redondos anteriores: www.hottopos.com/isle25/05-22Jean.pdf e www.hottopos.com/isle13/05-22Jn.pdf

⁷. Neste estudo, retomo alguns dados e trechos do artigo que publiquei por ocasião de nosso 20º aniversário: <http://www.hottopos.com/isle25/05-22Jean.pdf>.

⁸. Em 1997, lançamos nossa primeira revista, *Mirandum* (21 Nos.), seguida de *Notandum* (1998, 55 Nos.), *Revista Internacional d’Humanitats* (1998, 52 Nos.); *Collatio* (1998, 13 Nos.); *International Studies on Law and Education* (1999, 39 Nos.); *Convenit Internacional* (2000, 37 Nos.); *Videtur* (1998, 31 Nos.); *Regeq* (1998, 14 Nos.), além de coleções especiais - *Notandum Libro* (19 Nos.); *Videtur Letras* (7 Nos.); *Mirandum Libro* (4 Nos.); *Videtur Libro* (14 Nos.) e *Mirandum Plus* (7 Nos.). Algumas de nossas revistas foram desativadas, dada a dificuldade de manter revistas científicas sem apoio orçamentário institucional.

Links de acesso a todas essas publicações em <http://www.hottopos.com/revistas.htm>

Quanto a nossas revistas, a parte mais fácil ainda é a dos dados: são revistas de humanidades, multidisciplinares, com ênfase em educação, filosofia, estudos orientais, Idade Média, linguagem e direito. Nestes 25 anos, escreveram para nossas revistas centenas de autores e publicamos em 15 línguas: português, espanhol, inglês, francês, italiano, catalão, alemão, chinês, árabe, latim, lituano, coreano, japonês, russo e vietnamita.

Desde o começo, trabalhamos em coedições com prestigiosas universidades estrangeiras, particularmente com a Universitat Autònoma de Barcelona (nossa parceira permanente ainda hoje) e outras *ad hoc*: Universidade do Porto; Autónoma de Madrid, Freiburg, Frankfurt, Católica de Murcia, Instituto de Filosofia de Cuba, Vilnius (Lituânia) etc.

Um testemunho desse esforço de internacionalidade fundacional e do caráter pioneiro (para a época) da publicação na Internet nos vem de uma página de 2002 do Gabinete de Filosofia Medieval da Universidade do Porto, que publicou em seu site:

Revistas em coedição Universidade de São Paulo - Gabinete de Filosofia Medieval

A convite do Prof. Luiz Jean Lauand (do Departamento de Filosofia e Ciências da Educação - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Brasil) o Gabinete colabora, desde 1999, na edição de uma série de revistas de difusão impressa e on-line, onde a filosofia e os estudos medievais ocupam lugar central. O seu coordenador tem imprimido ao projecto uma vertente marcadamente internacional, tendo conseguido agregar para cima de uma vintena de universidades de diversos países em torno da edição dos diversos títulos. A declarada intenção de atingir um público alargado, através do uso de novos meios de difusão, é outro dos princípios mais marcantes e inovadores do projecto.

Em resultado desta parceria estão disponíveis on-line as seguintes publicações (note-se que as respectivas edições impressas podem ser consultadas nas bibliotecas da Faculdade e do Gabinete) [...]

(<http://www.jeanlauand.com/GabineteFilosofiaMedieval.html#> - cache)

O mesmo caráter, então inovador, de publicar na Internet e a amplitude internacional foram objeto, já no ano 2000, de uma detalhada matéria do Jornal da USP (07-08-2000, <http://www.hottopos.com/midia/usp.htm>), que fazia um balanço das atividades da editora, então ainda nascente.



Josef Pieper, Alfonso López Quintás e Julián Marías: nossos colaboradores de primeira hora.

Outra característica importante de nossas revistas é que desde os começos tivemos o privilégio de manter em nosso site uma seção *Signatures*, com artigos

exclusivos com que nos quiseram honrar três dos maiores filósofos contemporâneos: Josef Pieper (1904-1997), Julián Marías (1914-2005) e Alfonso López Quintás (1928-), (<http://www.hottopos.com/4.htm>). Depois, viriam a se juntar a Signatures outros renomados pensadores. Neste volume há artigos revisitando as colaborações de Pieper, Marías e López Quintás para nossas revistas.

1997: Sylvio Horta e a fundação de nossas revistas

Para falar dos começos da editora do Cemoroc na Internet, a Mandruvária, é necessário falar de seu fundador: Sylvio Horta, hoje professor do DLO-FFLCHUSP, mas, então, jovem doutorando na Feusp, sob minha orientação.

Junto com uma imensa bondade pessoal, Sylvio é uma inteligência brilhante, que sabe aprofundar em diversos campos: é, ao mesmo tempo, um grande sinólogo, mas também um dos maiores conhecedores do pensamento de Ortega y Gasset e de Julián Marías. Estudioso dos clássicos do Ocidente, atualizadíssimo em diversas áreas científicas e – qualidade rara em professores de humanas – possui um domínio incomparável de tecnologias de Internet.



Sylvio Horta – Diretor Editorial e webmaster de edições eletrônicas do Cemoroc

É de notar nesse sentido, que 1997, ano em que lançamos nossas primeiras revistas também em versão eletrônica – graças ao pioneirismo de Sylvio Horta –, não é casual: foi só então que o trabalho de webmaster se tornou operacionalmente viável e a Internet estava começando seu *boom* comercial entre nós. Naturalmente, havia no Brasil pouquíssimas revistas eletrônicas e inúmeros professores de ciências humanas ainda relutavam em operar por si mesmos um simples editor de textos.

Dois saudosos cofundadores de nossas revistas: Celso Beisiegel e Helmi Nasr

Desde o começo, além dos poderosos apoios internacionais, contamos com o generoso idealismo de colegas brasileiros, sobretudo da Feusp e da Fflchusp. Alguns desses colegas já tinham carreiras maduras e nos emprestaram seu prestígio acadêmico;

em outros casos, de então jovens pesquisadores, percorrer seus artigos nestes 25 anos, é acompanhar também sua brilhante trajetória acadêmica.

Recordarei, inicialmente, os saudosos professores Celso Beisiegel (1935-2017) e Helmi Nasr (1922-2019).

Nossas revistas e o próprio Cemoroc nasceram com o estímulo e o apoio institucional por parte de Celso Beisiegel, como grande amigo, chefe de nosso Departamento de Filosofia e Ciências da Educação (EDF) e diretor da Feusp.



<https://jornal.usp.br/institucional/nota-de-pesar-pelo-falecimento-do-professor-celso-de-rui-beisiegel/>

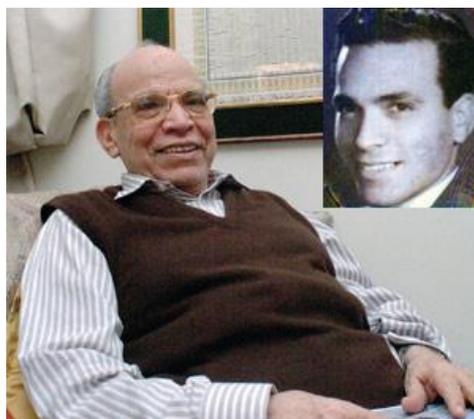
Assim, já no primeiro número de *Notandum* (1998), foi Celso Beisiegel quem se encarregou de apresentar oficialmente o Edf e a Feusp para nossos parceiros internacionais, em uma entrevista (a JL) na qual tratava também, como notável especialista, de Paulo Freire: “Paulo Freire y la Educación Popular en Brasil / El EDF-FEUSP” (<http://www.hottopos.com/notand1/celso.htm>).

E o mesmo ocorreu no primeiro número de nossa *Revista Internacional d'Humanitats* (1998): foi Celso Beisiegel a autoridade que nos representou em entrevista (a JL), apresentando aos colegas catalães o Edf e a USP: “Entrevista a Celso de Rui Beisiegel – La Universidad de São Paulo y el Departamento de Filosofía y Ciencias de la Educación” (<http://www.hottopos.com/rih1/celso.htm>).

Também no No. 1 de nossa *International Studies on Law & Education* (1998), mais uma entrevista (a JL) do nosso “porta voz”: “Entrevista – Celso de Rui Beisiegel: A Universidade de São Paulo e o Departamento de Filosofia e Ciências da Educação” (<http://www.hottopos.com/harvard1/celso.htm>).

Com sua brilhante carreira acadêmica, a figura humana do Prof. Celso transmitia uma elevada estatura de ideais universitários e – para além das desavenças que por vezes ocorrem nos departamentos e faculdades – seu espírito conciliador passava objetividade e (com sua voz cálida e serena) uma imensa tranquilidade e estímulo ao trabalho genuinamente intelectual. Seu apoio foi decisivo para o êxito de nossas publicações e para a própria existência do Cemoroc.

Ao Prof. Helmi Nasr e seu decisivo papel do na fundação de nosso Centro, dedicamos outro artigo neste volume.



Helmi Nasr em 2007 e quando ainda jovem no Egito, seu país natal – foto Jornal da Usp

Aida Hanania, fundadora do Cemoroc (desde sua pré-história...)

Para avaliar o quanto a fundação do Cemoroc deve à Profa. Dra. Aida Hanania, desde a sua pré-história, permito-me aqui remeter a um artigo recente, que publiquei na *Revista Internacional d'Humanitats* 48, “Aida Hanania – a fidalguia na universidade” (<http://www.hottopos.com/rih48/07-16Jean.pdf>), em um dossiê em homenagem a ela (<http://www.hottopos.com/rih48/index.htm>), que, por sua vez, recolhe textos de nosso “XX Seminário Internacional Filosofia e Educação”, celebrado em sua homenagem (<http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/page07u.html>).



Recebendo as homenagens do Cemoroc no XX Seminário Internacional.
Sérgio Santos, Nádia Vianna, Valéria Vargas, C. Hirose, Sylvio Horta, M. Sproviero.
Sentados: Aida Hanania, Jean Lauand, Paulo Ferreira da Cunha (fev-mar. 2019)



Resumindo, Aida e eu, entre 1993 e 1995, desenvolvemos um intenso projeto editorial de revistas e livros, no Centro de Estudos Árabes, por ela fundado e dirigido, que viria a desembocar no projeto editorial que viríamos a criar no EDF da Feusp em 1997. Dela procedem muitos de nossos contatos internacionais, tão decisivos para o Cemoroc. Não por acaso, Aida é a Diretora de Relações Internacionais do Cemoroc.

Nesses projetos, além do elevado nível acadêmico, cultivamos um estilo que é objeto de unânime gratidão por parte dos autores. Para eles, também fonte de grande motivação:

1) a agilidade em publicar: uma vez aprovado o artigo pelos pareceristas, não há demoras (parece incrível que na era da editoração eletrônica, artigos encaminhados levem meses para serem publicados);

2) a consideração para com o autor, que é rapidamente (em geral, em menos de um mês) informado da aceitação (/recusa /aceitação condicional) de sua matéria e da previsão exata de sua publicação; e

3) Desde sua fundação, a rigorosa pontualidade das revistas (e mais, em geral, publicamos até com antecipação...)

Além da extensão e profundidade de sua própria produção acadêmica, a Dra. Aida Hanania no Cemoroc tem se dedicado generosamente a um intenso trabalho de formação de professores (e alunos...) da escola pública, como se pode ver nas memórias de outros artigos deste mesmo volume.

Pere Villalba, fundador da *Revista Internacional d'Humanitats*

Outro de nossos grandes fundadores é o Professor Emérito da Universitat Autònoma de Barcelona, um *scholar* de incomparável erudição, o Dr. Pere Villalba, destacado cultor da Antiguidade, da Idade Média e, sobretudo, de Ramón Llull. Também aqui peço licença para remeter o leitor a um recente artigo “Pere Villalba e o nascimento da *Revista Internacional d'Humanitats* – memórias por ocasião da celebração do No. 50” (<http://www.hottopos.com/rih50/03-12JLpere.pdf>). São inestimáveis suas contribuições para nosso Centro, como fundador, autor, editor e conferencista. Para maiores informações, estão também os Nos. 12, 18 e 40 da RIH, em homenagem a Pere Villalba (resp.: <http://www.hottopos.com/rih12/index.htm>, <http://www.hottopos.com/rih18/index.htm> e <http://www.hottopos.com/rih40/index.htm>).



Quero destacar aqui apenas um fato: precioso presente, o livro que ele ofertou à Feusp. Dedicamos nosso “XVII Seminário Internacional Cemoroc: Filosofia e Educação” (maio de 2016) a homenagear Pere Villalba, por ocasião do lançamento do volume I de seu monumental livro *Ramon Llull. Vida i obres* pelo “Institut d’Estudis Catalans”, tendo como mecenas a “Elsa Peretti Foundation” – delegação de Barcelona.

Esse maravilhoso volume sobre Lúlio foi recebido com entusiasmo por nossa Biblioteca, que montou uma exposição especial para esse livro e a ele dedicou uma notícia em seu site (cf. <http://www4.fe.usp.br/biblioteca/eventos/obra-rara-ofertada>)

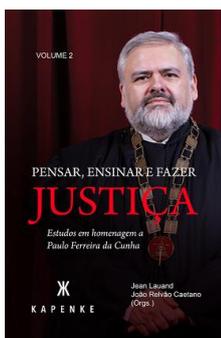


O folder da exposição na Universidade de São Paulo

Nosso principal parceiro: o Prof. Dr. Paulo Ferreira da Cunha

Seriam necessárias dezenas de páginas para detalhar, ainda que minimamente, as contínuas, múltiplas e variadas contribuições de Paulo Ferreira da Cunha para o Cemoroc, que remontam ao ano 2000.

E, de fato, publicamos recentemente, dois volumes em sua homenagem:



<http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/LivroPFC2.pdf>
vol. I: <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/KapenkePFC.pdf>

E o homenageamos também em nossas revistas *International Studies on Law & Education* (Nos. 37/38 e 39: <http://www.hottopos.com/isle37/> e <http://www.hottopos.com/isle39/index.htm>)

Com a vênua do leitor, recolherei a seguir, para este tópico, a nota especial que os editores do Cemoroc publicaram em sua homenagem por ocasião de sua posse como Juiz do Supremo Tribunal de Justiça de Portugal (http://www.hottopos.com/isle34_35/17-18HomenagemPFC.pdf).

É com muita alegria e imensa honra que, por ocasião de sua posse (em 05-07-2019) como juiz da Suprema Corte de Portugal, homenageamos o Doutor Paulo Ferreira da Cunha, um dos principais autores e editores de nosso Centro, editor das revistas Coepta e Diretor de Relações Internacionais de nosso Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, o Cemoroc. Parabéns ao Dr. Ferreira da Cunha, à justiça portuguesa e a Portugal.

São já vinte anos [em 2020] que o Cemoroc vem se beneficiando da estreita colaboração do catedrático da Universidade do Porto em diversas atividades do Centro. Sua primeira colaboração em nossas revistas data do ano 2000 e hoje contamos com mais de 50 brilhantes artigos seus sobre Direito, Filosofia, Educação etc. em nossas revistas: Conventit, Videtur, Mirandum, Notandum, Revista Internacional d'Humanitats, Collatio e International Studies on Law and Education.



Tomada de posse de Paulo Ferreira da Cunha e Fernando Jorge Dias, novos juízes do Supremo (<https://www.stj.pt/?p=10632>)

Além disso, o Prof. Paulo tem organizado e sido editor de diversos números temáticos, sobretudo dedicados à discussão de um tema que prioriza: Tribunal Constitucional Internacional.

Desde 2002 é membro do Cemoroc e – a partir de 2008 até sua posse no Supremo – Diretor de Relações Internacionais de nosso Centro. Em 2002, Paulo Ferreira da Cunha fundou (e dirigiu) o Instituto Jurídico Interdisciplinar da Faculdade de Direito da Universidade do Porto e, desde sua criação, o IJI passou a coeditar nossas revistas: International Studies on Law and Education e Conventit Internacional (e as Coepta), que têm Ferreira da Cunha como editor.



No XII Seminário – foto: Jornal da USP <http://www.imagens.usp.br/?p=11229>

A partir da edição III (2002), Ferreira da Cunha tem participado de todos os Seminários Internacionais: Filosofia e Educação, que o Cemoroc realiza anualmente. Desde o X (2010) até o XX Seminário (2019) tem integrado a Comissão Organizadora desses eventos. O XVII Seminário (2016) foi realizado em sua homenagem.

Em novembro de 2018, presidiu um notável evento do Cemoroc: o lançamento de uma publicação inovadora nos meios acadêmicos: a série Coepta (como um de seus fundadores e editors in chief), revista que – ao lado de estudos de consagrados intelectuais – acolhe artigos de jovens pesquisadores pré-universitários. O Jornal da USP publicou detalhada matéria essa publicação (<https://jornal.usp.br/cultura/projeto-usp-incentiva-iniciacao-cientifica-no-ensino-medio/>).

Renovando os parabéns a nosso Diretor, desejamos-lhe todo o melhor nessa nova trajetória. (...)

Idealismo e trabalho – Três diretoras: Roseli Fischmann, Silvia Gasparian Colello & Chie Hirose

Essas três diretoras de nosso Centro, são também algumas das principais *editors* de nossas revistas (neste mesmo volume e no seguinte, há artigos delas sobre seu trabalho editorial/atividades no Centro).



Audiência pública - Ensino religioso nas escolas públicas (3/31)
Roseli Fischmann em Audiência Pública no STF, 15-6-2015
(<https://www.youtube.com/watch?v=4s34N8bT5Yc>)



Silvia G. Colello, homenageada em nosso XIX Seminário Internacional (2018)



XIII Seminário Internacional Cemoroc (2012) – a Dra. Chie Hirose recebe do Dr. Paulo Ferreira da Cunha o diploma de Pesquisadora do IJI da Universidade do Porto (Foto Jornal da USP).

Roseli Fischmann, colaboradora de nossas revistas desde sua fundação, é referência em diversos campos: atua de modo marcante nos temas Pluralidade Cultural; Laicidade do Estado e Educação; Discriminação, preconceito, estigma; e Defesa da liberdade de consciência e defesa/promoção dos direitos de minorias; ensino religioso nas escolas públicas e Estado laico; educação em direitos humanos; educação para a paz; ensino religioso em escolas públicas e defesa da liberdade de crença.

Silvia G. Colello, também colaboradora de primeira hora em nossas revistas, é referência em temas como: a aprendizagem da língua escrita, práticas de ensino e formação de professores. Sobre ela e sua atuação, veja-se o artigo “A têmpera da Profa. Dra. Silvia M. Gasparian Colello” (<http://www.hottopos.com/rih44/55-64Jean.pdf>), que escrevi por ocasião de nosso XIX Seminário Internacional Filosofia & Educação (2019), celebrado em sua homenagem.

Chie Hirose descreve, em três artigos deste volume, seu incansável trabalho de promoção de atividades do Cemoroc junto a escolas públicas e o inovador empreendimento editorial de dar voz autoral em nossas revistas a colegas de Ensino

Básico, para que exponham e discutam suas experiências e Projetos em nossas escolas públicas.

Uma palavra final

Em outros aniversários “redondos”, meus artigos eram mais linearmente “históricos”, como o que escrevi para a celebração dos vinte anos de nossas revistas (<http://www.hottopos.com/isle25/05-22Jean.pdf>). Neste prevaleceu o preito de gratidão a esses autênticos fundadores de nossas revistas e do Cemoroc.

Nossa gratidão se estende a todos os nossos diretores e colaboradores, às centenas de autores que nos confiam seus originais, a nossos milhares de leitores. É graças a esse círculo de idealismo e entusiasmo, “*ilusión*”, que percorremos estes vinte e cinco anos. E isso sem contar absolutamente com recursos institucionais..., mas somente com a generosidade de tantos amigos, que tornaram realidade esse ideal do nosso Centro.

Muitíssimo obrigado a todos!

No. especial comemorativo do volume 300 e dos 25 anos das revistas do Cemoroc (1997-2022)
Convenit Internacional 36-37 mai-dez 2021 Cemoroc-Feusp

22 Seminários Internacionais Cemoroc - Filosofia & Educação

Resumo: Por ocasião da celebração do 25º. aniversário (em 2022) e do No. 300 das revistas universitárias do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente (Edf-Feusp), alojadas em www.hottopos.com, a Editora pediu a alguns autores, como também a editores, um artigo de retrospectiva de suas contribuições nessas revistas e relacionamentos com o Cemoroc, especialmente nos últimos cinco anos. Neste artigo, o autor revisita as 22 edições dos Seminários Internacionais Cemoroc Filosofia & Educação, tão ligados a nossas revistas

Palavras Chave: Cemoroc; seminários internacionais; revistas universitárias.

Abstract: To celebrate the 25th anniversary of Cemoroc’s journals (in 2022), the publisher has asked authors-editors to write an article summarizing his/her work in these journals and their relationship with Cemoroc, especially in the latest years. In this article, the author revisits the 22 editions of the “Seminários Internacionais Cemoroc Filosofia & Educação”, academic events linked to our journals.

Keywords: Cemoroc; international seminars; academic journals.

Introdução

Em 2001, poucos anos depois da fundação de nossas revistas, começamos a organizar, geralmente uma vez por ano, os Seminários Internacionais Cemoroc Filosofia & Educação. Neste ano de 2021, está programado já o XXII, dedicado tematicamente ao pensamento do psicólogo americano David Keirse, um tema

constante nas pesquisas do Centro (cf. artigo sobre Keirseey neste volume). Devido à pandemia não temos ainda a data para a realização do evento.

Desde a primeira edição desses eventos (além de outros Encontros e Seminários), eles estão intrinsecamente ligados a nossas revistas, que recolhem os textos das conferências e comunicações do Seminário.

Os dois primeiros Seminários

Nosso I Seminário, ocorreu em 2001, de 20 a 29 de setembro e (como todos os nossos primeiros eventos) no auditório da Escola de Aplicação da Feusp, sempre lotado). Foi subordinado ao tema “Cristianismo - Filosofia, Educação e Arte” (<http://www.hottopos.com/seminario/index.htm>) e foi publicado em nossa revista Videtur Letras No. 2 (<http://www.hottopos.com/vdletras2/index.htm>).

A inauguração foi marcada por uma magnífica apresentação do Coral da Feusp, sob a regência de Lucymara Apostólico e Abertura pela Chefe do Departamento, Profa. Dra. Maria Victoria Benevides.



O evento foi abrilhantado pela presença do grande filósofo espanhol Alfonso López Quintás, que proferiu a conferência: “A Manipulação do Homem através da Linguagem”, que publicamos em português e em espanhol. Procurando hoje (01-02-2021) esses títulos no Google, verifico que o original espanhol comparece em 27700 páginas; a tradução ao português, em 4590!

Lembro-me de que fiquei um pouco apreensivo com essa conferência de encerramento, que ia ser proferida pelo Dr. López Quintás. Naquele tempo não havia *WhatsApp* (e os celulares eram incipientes e precários...): eu não tinha como confirmar sequer se o professor estava no Brasil, se ele acharia, de noite, a Escola de Aplicação da FEUSP e se chegaria pontualmente. Mas confiei no fato de que era um *caballero español*, que havia dado sua palavra e tranquilizei-me. E, de fato, pouco antes das 20:00h (horário previsto), ele chegou de táxi, exausto (aos seus 73 anos), dizendo que mal tivera tempo de passar no hotel e que tinha praticamente vindo direto do aeroporto para a conferência. E aí constatei que suas teorias sobre o “*encuentro*” eram, na

verdade, profundamente vivenciadas por ele: foi só começar a falar para os alunos e vimos um López Quintás galvanizado, rejuvenescido e vibrante, eletrizando a plateia.



1ª. foto - Gilda N. M. Barros, Antonio J. Severino, Alfonso López Quintás, Jean Lauand, Concha Piñero, Aline L. F. Lacerda, Silvia Brandão, Gabriel Perissé, Pedro Garcez Ghirardi.

Um destaque especial para o do ano seguinte, o II Seminário “Cristianismo - Filosofia, Educação e Arte - II” (<http://www.hottopos.com/seminario/sem2.htm>) (<http://www.hottopos.com/seminario/sem2.htm>), que foi publicado em *Videtur Letras 5* (<http://www.hottopos.com/seminario/sem2/index.htm>). Além de clássicos do cristianismo, como S. Francisco de Assis e Santa Teresa de Ávila, contemplados em memoráveis conferências de dois grandes colaboradores do Cemoroc, Pedro Garcez Ghirardi e María de la Concepción Piñero Valverde (que respectivamente viriam a ser professores titulares de Italiano e Espanhol na FFLCHUSP), este II Seminário foi especialmente impactante, por seu tema: a inclusão – os mais irreverentes o chamaram de os 4P: **pobres, presidiários, psicóticos e prostitutas**. Tratava-se não só de falar sobre, mas de trazer realmente muitos desses “4P” para dialogar com a Academia. A abertura foi feita pelo Cardeal Dom Claudio Hummes, que falou da solidariedade para com os pobres e ficou muito impressionado com o público. Ao final, confidenciou-me que na semana anterior tinha dado a mesma conferência na PUC-SP (eu tinha estado lá...) só para mirrados 30 assistentes: dez vezes menos do que o público que encontrou na USP (muitos, por falta de lugar, sentados no chão...).



JL, D. Cláudio Hummes, Selma G. Pimenta, Gilda N. Maciel de Barros e Celso Beisiegel



Os pobres foram acompanhados do – na época revolucionário – Pe. Roberto, fundador da Toca de Assis, movimento franciscano de pobreza radical. Pe. Roberto chegou em seu hábito rústico e, como sempre, descalço e com alguns dos mais miseráveis que atendia. Ao final, deu uma benção para os assistentes (!) e depois para os prédios da FEUSP (não sei exatamente o que ele quis dizer quando, discretamente, falou-me que uma benção “era necessária”...).

Os presidiários foram apresentados pelo Dr. José Renato Naline, então Vice-Presidente do Tribunal de Alçada Criminal do Estado (depois, funcionários da FEUSP me comentaram que, de manhã, tinham vindo seguranças do sistema prisional inspecionar detidamente nosso auditório, onde ocorreria a sessão da noite). As mulheres de rua foram-nos apresentadas pela querida e incrível (como qualificá-la: super agente de pastoral? dínamo de ação social? Santa Cristina dos desvalidos?) Profa. Cristina Castilho (que fez também a mediação com os presidiários), uma figura simpaticíssima e que continua até hoje com sua energia e luminoso sorriso, conseguindo tudo o que quer em favor dos excluídos.

Os psicóticos anônimos foram apresentados pelo, não menos incrível, Dr. Luiz F. de Barros, que conseguiu – apesar das dificuldades da doença – fazer o doutorado na FEUSP, estimulado pelo saudoso Prof. Dr. José Mário Pires Azanha.

Nem é preciso dizer do choque de realidade ante tantos depoimentos de situações-limite vividas, um autêntico terremoto intelectual-emocional para nossos universitários (choros escancarados em muitos momentos, profundas reflexões etc.) e para a FEUSP em geral...

Do IX ao XIII Seminários

A programação de todos os seminários encontra-se em nossa página da Internet: <http://www2.fe.usp.br/%7Eecemoroc/page03.html>

Do IX Seminário (2009) ao XIII (2012), sediamos os eventos em outras instituições: a Escola Superior de Direito Constitucional, a Unifai e as Faculdades Integradas Campos Salles.

Alguns desses Seminários receberam cobertura do Jornal da USP: o X (<http://espaber.uspnet.usp.br/jorusp/?p=8559>), dedicado a Josef Pieper e abrilhantado pela vinda do Dr. Berthold Wald, criador da *Josef Pieper Arbeitstelle* (<https://josef-pieper-arbeitsstelle.de/>); o XII (também sobre JP – a universidade – e presidido pelo Dr. Paulo Ferreira da Cunha) e o XIII (no qual recebemos o Dr. Mallorquí-Ruscalleda), respectivamente em (<http://espaber.uspnet.usp.br/jorusp/?p=18225> e <http://espaber.uspnet.usp.br/jorusp/?p=18225>).

uspnet. usp.br/jorusp/?p=22475). Todos os Seminários têm seus textos publicados em nossas revistas ou em alguns dos 17 livros da coleção “Filosofia e Educação – Estudos”.



Domingos Zamagna, Paulo Ferreira da Cunha, Jean Lauand, Berthold Wald e Vanessa Sievers - no X Seminário (Auditório da Unifai)
<http://espaber.uspnet.usp.br/jorusp/wp-content/uploads/2010/03/franciscoemolowald.jpg>

Desde o III Seminário (2002), temos tido o privilégio de contar em todos esses nossos eventos com a participação (e muitas vezes como organizador e membro da Comissão Científica) do Professor Doutor Paulo Ferreira da Cunha, catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (atualmente Juiz da Suprema Corte de Portugal). Sem a sua dedicada colaboração, nossos Seminários não poderiam ter se realizado ou, ao menos, não com o brilho que tiveram.



Paulo Ferreira da Cunha no XII Seminário Internacional Filosofia e Educação – Universidade - <https://imagens.usp.br/?p=11229>

Outra presença de destaque foi a do Prof. Dr. Pere Villalba, fundador e editor de nossa *Revista Internacional d'Humanitats. Scholar* de erudição incomparável, conhecedor de toda a cultura clássica e medieval, especializado em Raimundo Lúlio, abrilhantou nosso VIII Seminário (2008) com a magistral conferência: “Investigando el Antiguo Egipto”, relatando sua pesquisa arqueológica em uma tumba de Luxor do século VII A.C. - Graffiti escritos en lengua caria.



Pere Villalba



XIII Seminário. Enric Malloquí-Ruscalleda “Os temores de D. Quixote”
(à dir.: Jean Lauand) <http://imagens.usp.br/?p=14693>

Um conferencista importante foi o Dr. Enric Malloquí-Ruscalleda, atualmente na Indiana University-Purdue University Indianapolis.



Público do XIII Seminário – auditório das Faculdades Integradas Campos Salles
<http://imagens.usp.br/?p=14693>

A partir do XIV Seminário

A partir do XIV Seminário (2013), optamos por um novo formato (mais informal e sem a presença de públicos multitudinários), o de tertúlia mais restrita, na qual todos os textos são disponibilizados com antecedência e os conferencistas e assistentes convidados têm mais liberdade para a troca de ideias sobre os temas, sem a necessidade de lê-los em voz alta no evento. Felizmente, encontramos o local adequado para essas tertúlias, a Churrascaria Estância, que, além do intervalo do almoço, nos disponibiliza dois grandes ambientes – um informal, outro mais formal – na medida

exata de nossas necessidades. Nesse espaço contamos com o excelente atendimento do pessoal e de nosso gerente “exclusivo”, Marco Aurélio Cândido da Silva (mais sobre o formato destes eventos, no artigo de Enio Starosky neste volume).

Um dos saborosos frutos desses nossos Seminários no Estância é o contato direto mais intenso entre experimentados pesquisadores e jovens iniciantes, especialmente nossos doutorandos e mestrandos, sempre com protagonismo nesses eventos. O clima informal, de cálido acolhimento, permite que se expressem livremente (jocosamente dizemos que são “orientandos empoderados”), sem as inibições de estar diante de uma banca ou de um exame de qualificação. O clima não é de arguição mas de verdadeiro interesse e estímulo.



No XVI Seminário Internacional (2015) – então alunos da Pós:
Lília Dinelli, Paulo Cruz e Joice Pinto

Série *Coepta* 13-14 é ed. especial da Revista Internacional d’Humanitats N. 63-64 jan-ago
2025

CEMORoc-Feusp / Univ. Autônoma de Barcelona / Colégio Luterano São Paulo

O Projeto *Coepta* – Nota Editorial: *Coepta* Nos. 13/14

As instituições costumam ser realizações de ideias, proposições que se concretizam, “materializam-se” em fatos, como é bem o caso do Projeto *Coepta* de nosso Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente do Departamento de Filosofia e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Cemoroc-Feusp). O Projeto *Coepta* surgiu em 2018, ano em que a diretoria de nosso Centro promoveu diversos eventos para (re)pensá-lo e estabelecer suas linhas fundacionais. Nesse mesmo ano, a ideia tornou-se realidade: incluir na publicação de nossas tradicionais revistas acadêmicas internacionais artigos científicos de jovens autores, compartilhando em uma mesma edição com autores já consagrados – verdadeiros representantes do pensamento internacional.

Passados sete anos, temos a alegria de apresentar aos leitores o No. 14 das revistas *Coepta*, trazida pelo No. 64 da “*Revista Internacional d’Humanitats*”, antiga parceria do Cemoroc com a *Universitat Autònoma de Barcelona*. São já mais de 80 artigos de cerca de duas centenas de jovens estudantes que, com seus orientadores – professores de seus colégios –, tiveram seus trabalhos aprovados por nosso Conselho Editorial.

Assim, a razão fundacional da revista está expressa em seu próprio título: *coepta* é palavra latina que indica não só início, mas um início de iniciativa, iniciação e empreendimento. No plano educacional, isso significa abrir aos jovens perspectivas de pesquisa e de aproximação com o trabalho científico, viés nem sempre favorecido pelas escolas. No plano da publicação científica, trata-se de abrir espaço em nossa tradicional revista acadêmica para que esses estudantes compartilhem seus estudos e conquistas em um quádruplo reconhecimento: do potencial dos jovens; do valor de suas produções; da competência dos professores que se dispuseram a orientar as pesquisas e do mérito de escolas que incentivam essas iniciativas para além de suas atividades regulares.

A novidade das revistas *Coepta* atende a uma razão também nova (e cada vez mais necessária): a crescente tendência, no Ensino Médio, de estimular os alunos à realização de trabalhos autorais. Trata-se de um guia para sua instalação no mundo atual, uma iniciativa importante para a abertura de horizonte intelectuais, uma contribuição para a formação da própria identidade, um estímulo para o comprometimento com as causas sociais, um convite para a construção do conhecimento balizado por posturas éticas e científicas. Nessa mesma direção, valorizamos também a possibilidade que se dá aos alunos de escapar de atividades e temas estritamente escolares. Sem desmerecer a necessidade de se comprometer com um currículo bem estruturado de conteúdos básicos, vale enaltecer a postura de curiosidade dos jovens, isto é, de um olhar sempre inquisitivo para o universo que nos cerca, a postura de não se conformar com os limites do que lhe é oferecido. A iniciativa *Coepta* nasceu, portanto, da certeza de que, para além dos modismos nos ritos de passagem (ou justamente em função deles), encontram-se trabalhos notáveis produzidos nas “categorias de base”.

Dentre as grandes alegrias que as revistas *Coepta* nos trouxeram, destacam-se a crescente participação de estudantes de instituições públicas e o acompanhamento de alguns alunos-autores que, a partir desses primeiros estudos, trilharam caminhos de sucesso, ora pela obtenção de bolsas de estudo, ora pelo ingresso em prestigiosas universidades no Brasil e no exterior. Além disso, a ampliação de escolas que submetem seus trabalhos ao conselho científico do Cemoroc é um indício de que possibilidade de publicação tem estimulado o desenvolvimento de projetos de investigação científica.

Nesta edição, contamos com artigos de quatro escolas públicas e quatro particulares:

EMEF Prof. João Carlos da Silva Borges (São Paulo – SP)

E.E. Dr. Abrahão Jacob Lafer (Praia Grande – SP)

E.M. 1º de Maio (Guarujá – SP)

E.M. Napoleão R. Laureano (Guarujá – SP)

Beacon School – Educação Internacional (São Paulo – SP)

Centro de Estudos Júlio Verne (Diadema – SP)

Colégio Luterano São Paulo (São Paulo – SP)

Colégio Souza Gouveia (São Paulo – SP)

A consideração dos artigos produzidos revela uma certa originalidade e um considerável zelo no desenvolvimento das propostas de estudo. Uma particularidade interessante ocorreu nesta publicação: dois grupos de estudantes elegeram como tema

de suas pesquisas precisamente os patronos de suas escolas: Júlio Verne e Prof. João Carlos da Silva Borges.

Tão relevante quanto a regularidade de tais publicações é a amplitude de temas e a pluralidade de lentes que fundamentaram os estudos realizados. Parte dos diversos focos dessa vasta produção foram resenhados em artigos de nossas revistas, em *Convenit* Nos. 36 a 38: (<http://www.hottopos.com/convenit36/> e <http://www.hottopos.com/convenit38/index.htm>).

Desde seu nascimento, a iniciativa *Coepta* foi celebrada pela mídia, como por exemplo nas notáveis reportagens do Jornal da USP, “Projeto da USP incentiva iniciação científica no ensino médio” (<https://jornal.usp.br/cultura/projeto-usp-incentiva-iniciacao-cientifica-no-ensino-medio/>) e da Folha de S. Paulo, “Iniciação científica – Linguagem acadêmica entra nas escolas” (<http://www.hottopos.com/convenit30/CoeptaFolha.jpg>). Igualmente relevante para nós é o reconhecimento oficial do projeto *Coepta*, como os sites das Prefeituras de São Paulo e do Guarujá, que dedicaram matérias, celebrando a publicação de artigos de seus estudantes em nossas revistas:



<https://www.guaruja.sp.gov.br/alunos-do-ensino-fundamental-de-guaruja-tem-artigos-publicados-em-revista-cientifica/>



<https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/noticias/estudantes-do-ensino-medio-publicam-artigos-cientificos-em-revista-da-usp-pela-primeira-vez/>

Também a Câmara Municipal de Itapeirica da Serra (22-11-2022, 37ª. sessão <https://www.camaraitapeirica.sp.gov.br/Noticia/Visualizar/13341>) aprovou uma moção de aplauso à autora Izabel Santa Fé Alves (e ao diretor/orientador Prof. Felipe A. Costa da E.E. Profa. Lúcia Akemi Miya) pela publicação de artigo na *Coepta* 10.



As edições de *Coepta* se encontram disponíveis na internet em: <http://www.hottopos.com/>.

Para celebrar a publicação de cada revista, temos promovido cerimônias de lançamento no Colégio Luterano, seguidas de um coquetel de confraternização. Esses festejos não só marcam o sucesso dos alunos que tiveram seus trabalhos aprovados, como também permitem o compartilhamento dessa conquista com seus familiares e professores.



Cerimônia de lançamento das revistas *Coepta* no Colégio Luterano

Como dissemos, uma forma especial de valorizar ainda mais esses jovens pesquisadores é trazer junto aos seus artigos, renomados autores que representam a notoriedade acadêmica. Lado a lado, eles refletem, em cada revista, o presente já consagrado na expressão da produção científica e o potencial do estudantes na construção do conhecimento.

Pensando na contribuição desses grandes mestres, procuramos selecionar artigos breves e significativos para os jovens leitores da *Coepta*. Entre eles, vale mencionar a belíssima mensagem que o Prof. Dr. Paulo Ferreira da Cunha enviou especialmente para nossos jovens pesquisadores (a versão ampliada em vídeo encontra-se em: https://www.youtube.com/watch?v=ggFX7h_s1UY). O Dr. Ferreira da Cunha, catedrático da Universidade do Porto, foi um dos fundadores do Projeto *Coepta* e é atualmente juiz da Suprema Corte de Portugal.

Esse mesmo professor contempla, em outro artigo, os desafios de nosso tempo e discute o aspecto civilizacional de um Direito democrático, na busca da convivência e do diálogo.

O estudo de Jean Lauand, professor titular da Feusp, que lançou recentemente três Dicionários de expressões brasileiras (Enguaguassu: São Paulo, 2023, 2024 / Edições Cemoroc), discute qual é a letra original da mais cantada composição musical

no país: “Parabéns prá você”. Sobre esse tema, parece importante chamar a atenção dos leitores para o fato de que até mesmo uma canção popular tem origens históricas muitas vezes desconhecidas pelo grande público.

Aida Hanania, titular da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e fundadora do Curso de Pós-Graduação em Língua e Literatura Árabes da USP, discute o papel da imagem na visão de mundo árabe-islâmica. Com isso, contribui para nos aproximar de uma cultura distante, evidenciando sua tradição e beleza.

Como frequentemente ocorre em nossas edições, também neste número apresentamos textos de dois dos mais importantes pensadores do século XX que, em vida, muito colaboraram com nossa Editora: Julián Marías e Josef Pieper. Ambos foram, em seu tempo, os filósofos mais lidos pelo público em geral na Espanha e Alemanha, seus países de origem. De Marías, a conferência “Heidegger”, uma exclusividade para nosso Centro, com que o autor quis nos brindar. De Pieper, uma pequena jóia de reflexão sobre o próprio filosofar.

Esperando que a publicação destes artigos possam inspirar muitos outros estudantes no entusiasmo pelos estudos e na aproximação com as práticas investigativas e, ainda, que elas possam também encorajar os educadores na luta por um educação de qualidade, concluímos esta nota, renovando a gratidão à Radix Projetos Educacionais, que, com seu apoio cultural, possibilitou também esta edição.

Jean Lauand & Silvia Gasparian Colello (p/ corpo de *editors*)

Setembro 2024

No. especial comemorativo do volume 300 e dos 25 anos das revistas do Cemoroc (1997-2022)
Convenit Internacional 36-37 mai-dez 2021 Cemoroc-Feusp

Os inéditos que Julián Marías confiou ao Cemoroc

Resumo: Por ocasião da celebração do 25º aniversário (em 2022) e do No. 300 das revistas universitárias do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente (Edf-Feusp), alojadas em www.hottopos.com, a Editora pediu a seus editores, um artigo de retrospectiva de publicações importantes de sua história. Neste artigo recordamos as conferências que Julián Marías confiou às revistas do Centro.

Palavras Chave: Cemoroc; revistas; Julián Marías. conferências.

Abstract: To celebrate this 25th anniversary of Cemoroc’s journals (2022), the publisher has asked editors to write an article summarizing some of our most important publications. In this article, we present the links to some lectures by Julián Marías that the Spanish philosopher offered to our Center.

Keywords: Cemoroc. journals. Julián Marías. lectures.

Introdução – Julián Marías nos primórdios de nossa editora

No artigo principal – revisitando em geral os 25 anos de nossas edições – que escrevi para este volume, recordo que nossa história (e até nossa pré-história...) foi marcada, desde o início, pela generosa colaboração de três grandes filósofos que nos concederam a possibilidade de publicar textos seus em nossas revistas: Josef Pieper, Julián Marías (abreviarei por JM) e Alfonso López Quintás.

Pieper e Marías eram, na época (e talvez até ainda hoje) os filósofos mais lidos pelo grande público em seus países. Pieper, antes de morrer, enviou-me uma carta, autorizando-nos a publicar seus artigos. JM teria também um grande gesto para com nossa Editora.

Na primeira viagem à Europa, viagem fundacional de nossas revistas, em 1998, escrevi uma carta para Julián Marías, dizendo-lhe que era orientador de Sylvio Horta, que tinha feito um mestrado e estava fazendo um doutorado sobre sua obra na USP e que eu estaria em Madri e gostaria de entrevistá-lo para uma revista da nossa USP. Ele assentiu e logo que cheguei a Madri, telefonei e ele marcou para o dia seguinte na “*primera hora de la tarde*”. Por sorte, ocorreu-me perguntar que hora era essa e ele respondeu: “*Hombre! A las 4 o, si prefiere, a las 5...*”. Naquele ano e no seguinte, concedeu-me duas entrevistas preciosas, em seu apartamento na rua Valle Hermoso (o porteiro de seu prédio tinha lido muitas obras de JM. Coisas de Espanha!).

A partir desse primeiro encontro, Don Julián, que não me conhecia de nada, mostrou-se muito generoso – a grandiosidade de um cavalheiro espanhol – para com um jovem que acabara de encontrar. Anos depois, li lisonjeado em suas “Memorias 1” (Madrid: Alianza, 1989), uma possível explicação para essa confiança. Falando de seu primeiro encontro com Pedro Laín, politicamente no extremo oposto, JM diz:

Nunca me he fiado más que de las caras de las personas; y cuando alguna vez no he hecho caso de lo que veía, he tenido que lamentarlo.

E em um artigo no *ABC* (14-06-2001), sobre o mesmo tema (“El español Pedro Laín”. www.filosofia.org/hem/200/20010614.htm)

Siempre he pensado que, despojada de su exclusivismo, tiene valor la creencia de que «la primera impresión es la que vale»; me limito a creer que la primera impresión vale.

Após gravarmos a entrevista, Don Julián convidou-me para assistir a suas conferências sobre filosofia (ele estava dando dois cursos de conferências). Anotei endereço, datas e fui ao curso “A Espanha possível do século XXI”. Ao chegar ao local (a conferência “*La moralidad colectiva*” era na *calle* San Bernardo, rua central em Madri), havia uma multidão, mais de 300 pessoas que se apinhavam para assistir a um filósofo, que contava, então, com 84 anos. Marías era um conferencista incomparável que, quase literalmente, tirava o ar da plateia. Sem nenhuma anotação, sua voz cálida, dava a impressão de estar conversando com cada um, semi-formalmente. Ao final, perguntei sobre a trabalhadeira da preparação e ele respondeu-me que não, que era tudo improvisado. E com o oxímoro: “*una improvisación inmensamente preparada!*”.



No apartamento de Julián Marías em Madri



Sylvio Horta

D. Julián quis honrar-me, recebendo-me antes de começar na antessala da conferência e, ao final, vieram a meu encontro duas simpáticas senhoras, professoras, dirigentes da *Asociación de Amigos de Julián Marías*, Cármen e Teresa Barril Roche (eram irmãs) e me perguntaram se eu tinha gostado, de onde eu vinha etc. e me falaram da *Asociación*. Combinamos um encontro para conversar com mais calma, no dia seguinte, em frente ao Museu do Prado. Cheguei pontual e quando expliquei que, além de professor, era editor, elas prontamente me ofereceram, da parte de JM, muitas fitas das conferências do filósofo para publicação.

Em 17-6-2000, data em que JM comemorou seu 86o. aniversário, minhas amigas da AAJM confiaram também à nossa editora a publicação de algumas conferências do curso ministrado em 1999-2000 (uma para cada filósofo: de Heráclito a Heidegger, passando por Aristóteles, Agostinho, Descartes, Locke, Husserl, Ortega etc.) sobre *História da Filosofia (em seus estilos)*. Quando se tem em conta que a *Historia de la Filosofía* de Marías (de 1940) é até hoje um dos livros mais vendidos no mundo, pode-se avaliar a importância desse gesto de amizade e confiança.

Graças a essas generosas ofertas, publicamos, com exclusividade, muitas conferências de JM.

A repercussão das publicações de Julián Marías pelo Cemoroc

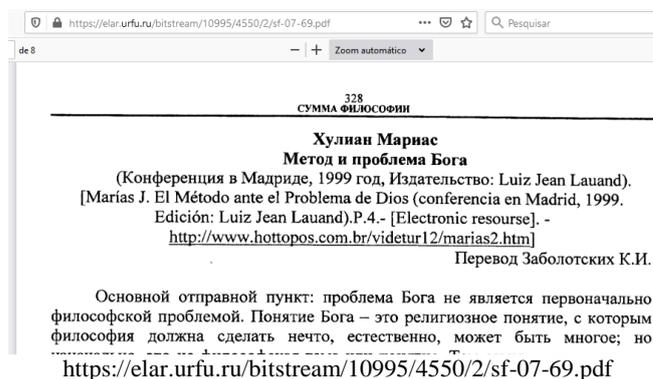
Nosso webmaster, Sylvio Horta, professor do Curso de Língua e Literatura Chinesa na FFLCHUSP, apreciou especialmente este trabalho, pois é um dos maiores conhecedores da obra de Marías (e da de Ortega) no Brasil.

Sylvio criou em nosso *site* (em espanhol e português, principalmente), uma seção *Signatures*, recolhendo de nossas revistas, matérias exclusivas de (entre outros) Julián Marías e Alfonso López Quintás e, com exclusividade na Internet, de Josef Pieper (www.hottopos.com/4.htm). Na época, no Cemoroc brincávamos entre nós, dizendo que eram “Os três tenores” da Editora (alusão a Pavarotti, Carreras e Domingo, de muito sucesso na época).

Desde então, essas conferências (e entrevistas) de JM tiveram uma enorme repercussão na Internet, ganhando inúmeros prêmios: várias delas alcançaram os *Top Ten* que o Google manteve por muitos anos; como 4 vezes receberam a distinção

“Dirección de la Semana” do Suplemento “Alfa y Ómega” (Nos. 211, 231, 250 e 253) do ABC de Madri etc.

Como curiosidade, por exemplo, foram traduzidas ao russo (Universidade dos Urais), ao árabe (na Tunísia) e ao chinês:



Para além das curiosidades, algumas dessas “nossas” conferências de JM estão oficialmente indicadas nos Programas de Estudo das Bases Curriculares do Ministério

da Educação do Chile e uma das entrevistas que fiz a JM está reproduzida no site do Ministério da Educação da Espanha.

Exclusivos de Julián Marías para o Cemoroc (no original espanhol)

Conferências de “Los estilos de la Filosofía”

Parménides - <http://www.hottopos.com/convenit6/mariamodo.htm#parmenides>

Heráclito - <http://www.hottopos.com/rih4/mariash.htm>

Aristóteles - <http://www.hottopos.com/mirand11/jmariast.htm>

San Agustín - <http://www.hottopos.com/mirand12/jms1agus.htm>

Leibniz - <http://www.hottopos.com/mp2/leibniz.htm>

Kant - <http://www.hottopos.com/mirand12/jms2kant.htm>

Nietzsche - <http://www.hottopos.com/mp2/mriasnz.htm>

Husserl - <http://www.hottopos.com/mp2/husserl.htm>

Heidegger - <http://www.hottopos.com/mirand12/jms3heid.htm>

Ortega - <http://www.hottopos.com/mirand12/jms4ort.htm>

Entrevista

Perspectivas de la Filosofía, hoy - www.hottopos.com/notand1/entrev_marias.htm

Conferências de outros cursos

La mujer - <http://www.hottopos.com/mirand12/jms6mujer.htm>

Enamoramiento - <http://www.hottopos.com/mirand12/jms5enam.htm>

La persona - <http://www.hottopos.com/mp2/mariaspers.htm>

Las dos formas de Convivencia - www.hottopos.com/notand7/marias2formas.htm

Filosofía y autenticidad - <http://www.hottopos.com/convenit3/marias.htm>

La moralidad colectiva - www.hottopos.com/notand2/la_moralidad_colectiva.htm

El método ante el problema de Dios - <http://www.hottopos.com/rih28/89-94JM1.pdf>

Inseguridad y certidumbre - <http://www.hottopos.com/convenit/jm1.htm>

Las edades de la vida - <http://www.hottopos.com/convenit/jm2.htm>

La Filosofía y el Restablecimiento de las Creencias -
<http://www.hottopos.com/convenit/jm3.htm>

Exclusivos de Julián Marías para o Cemoroc (traduzidos ao português)

Conferências de “Los estilos de la Filosofía”

Parménides - <http://www.hottopos.com/harvard3/jmparm.htm#parm>

Heráclito - <http://www.hottopos.com/harvard3/jmheracl.htm>

Aristóteles - <http://www.hottopos.com/harvard3/jmarist.htm>

Agostinho - <http://www.hottopos.com/harvard3/jmagost.htm>

Kant - <http://www.hottopos.com/harvard4/jmskant.htm>

Nietzsche - http://www.hottopos.com/mp2/nietzsche_pt.htm

Heidegger - <http://www.hottopos.com/harvard4/jmshdg.htm>

Ortega - <http://www.hottopos.com/harvard4/jmsortega.htm>

Entrevistas

Perspectivas da Filosofia, hoje –
http://www.hottopos.com/notand1/entrev_marias_trad.htm

Entrevista - <http://www.hottopos.com/videtur8/entrevista.htm>

Conferências de outros cursos

A inovação radical da filosofia - <http://www.hottopos.com/mirand15/perisse.htm>

A moralidade coletiva - http://www.hottopos.com/videtur5/a_moralidade_coletiva.htm

A mulher - <http://www.hottopos.com/mp2/mariasmulher.htm>

Liberdade e responsabilidade

http://www.hottopos.com/harvard2/liberdade_e_responsabilidade.htm

No. especial comemorativo do volume 300 e dos 25 anos das revistas do Cemoroc (1997-2022)
Convenit Internacional 36-37 mai-dez 2021 Cemoroc-Feusp

Alfonso López Quintás nas revistas do Cemoroc (e estudos sobre ALQ)

Resumo: Por ocasião da celebração do 25º. aniversário (em 2022) e do No. 300 das revistas universitárias do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente (Edf-Feusp), alojadas em www.hottopos.com, a Editora pediu a seus editores, um artigo de retrospectiva de publicações importantes de sua história. Neste artigo recordamos as inúmeras contribuições do filósofo espanhol Alfonso López Quintás – e as de seus colaboradores e discípulos – para as revistas de nosso Centro.

Palavras Chave: Cemoroc; revistas; Alfonso López Quintás.

Abstract: To celebrate this 25th anniversary of Cemoroc's journals (in 2022), the publisher has asked editors to write an article summarizing some of our most important publications. In this article, we present the links to some articles (interviews and lectures) by the Spanish philosopher Alfonso López Quintás and by some of his collaborators.

Keywords: Cemoroc. journals. Alfonso López Quintás.

Introdução

É uma grande honra elencar aqui as matérias que figuram, em nosso Cemoroc, de e sobre o notável filósofo espanhol Alfonso López Quintás (abreviarei por ALQ), um amigo da primeira hora de nosso Centro.

Como recordo em outro artigo neste volume, ALQ participou de nosso I Seminário Internacional (2001) e colaborou nos primeiros números de nossas principais revistas e mesmo no No. 1 de *International Studies on Law and Education* (1999) e de *Convenit Internacional* (2000).

Conheci a D. Alfonso em maio de 1989, em sua casa em Madri, apresentando-me como professor da Universidade de São Paulo, que ia orientar um par de doutorados sobre sua obra. ALQ recebeu-me com grande simpatia e generosidade: além de conceder-me uma entrevista que logo publicaríamos, ele ofertou-me – não aceitando mais do que um pagamento simbólico – uma coleção de sua extensa obra completa (incluindo dezenas de fitas de vídeo e de áudio e dezenas de livros, alguns antigos e raros). E desde então começou a enviar diversos originais seus – com exclusividade para nossa editora –, que temos publicado, despertando muito interesse por parte do público leitor.

No final daquele ano, Don Alfonso veio a São Paulo e aceitou o convite para dar uma aula na Feusp, para meus alunos do 2º. ano da disciplina Filosofia da Educação II: “A formação adequada à configuração de um novo humanismo”, cujo texto viria a ter enorme repercussão internacional.



JL e ALQ em sua casa em Madri. (02-01-2004)

De fato, meu orientando Gabriel Perissé defendeu o doutorado na Feusp em 2003: “Filosofia, Ética e Literatura: a Proposta Pedagógica de Alfonso López Quintás”,

mas já desde antes (ambos participaram juntos em 2001 no I Seminário Internacional Cemoroc) tem mantido estreito e contínuo contato com ALQ e é seu principal tradutor e editor no Brasil.



Perissé em palestra de lançamento da “Coleção López Quintás”
<https://www.youtube.com/watch?v=IugyiHbz8wA>



ALQ no I Seminário Internacional Cemoroc – Perissé é o último à dir.

Os artigos de Gabriel Perissé em nossas revistas constituem uma ampla e variada “quintasiana”, referência obrigatória para todo pesquisador da obra de ALQ.

ALQ também nos apresentou uma de suas principais colaboradoras, María Ángeles Almacellas, que já desde o No. 3 de *Convenit Internacional* muito tem colaborado com as revistas do Cemoroc.



Profa. Dra. María Ángeles Almacellas

Completam as indicações deste artigo, as contribuições de Cecília Canalle e de Sílvia Regina Brandão. E esta defendeu o doutorado na Feusp sob minha orientação em 2005: “O método formativo de Alfonso López-Quintás: fundamentos filosóficos e experiência educativa”.



Cecília Canalle com a Dra. Ángeles Almacellas (Madrid 02-04-2003)

Artigos, conferências e entrevistas de ALQ



<https://es.catholic.net/op/articulos/73115/una-antropologia-dialogica.html#modal>

Entrevista (a Jean Lauand): a filosofia da educação e a reforma curricular.

<http://www.hottopos.com/harvard1/quintas.htm>

Entrevista a Alfonso López Quintás (a Cecília Canalle).

<http://www.hottopos.com/videtur20/quintas.htm>

A Experiência Estética, Fonte Inesgotável de Formação Humana.

<http://www.hottopos.com/videtur19/quintassilvia.htm>

Como obter uma formação integral.

<http://www.hottopos.com/seminario/sem2/quintaspt.htm>

A Manipulação do Homem através da Linguagem.

<http://www.hottopos.com/mp2/alfonso.htm> (trad. ao chinês da Dra. Ho Yeh Chia:

<http://www.hottopos.com/mp2/alfonchingraf.htm>)

A formação adequada à configuração de um novo humanismo –Parte I.

http://www.hottopos.com/isle31_32/183-188Quintas.pdf (trad. ao chinês da Dra. Ho

Yeh Chia: <http://www.hottopos.com/convenit/chin.htm>)

A formação adequada à configuração de um novo humanismo –Parte II.

<http://www.hottopos.com/isle33/61-74Quintas2.pdf>

La Manipulación del Hombre a Través del Lenguaje.

<http://www.hottopos.com/harvard3/alfonso.htm>

La Vida Ética y el Desarrollo de la Persona según Romano Guardini.

<http://www.hottopos.com/harvard4/quintas.htm>

La Experiencia Estética, Fuente Inagotable de Formación Humana.

<http://www.hottopos.com/convenit6/quintasarte.htm>

La Tolerancia y la búsqueda en común de la verdad.

<http://www.hottopos.com/mirand11/quintas.htm>

Cómo Lograr una Formación Integral.

http://www.hottopos.com/harvard1/como_lograr_una_formacion_integr.htm

El Análisis Literario y su Papel Formativo.

<http://www.hottopos.com/convenit/lq1.htm>

La nueva imagen de Romano Guardini, y su fecundidad para el momento actual.

<http://www.hottopos.com/convenit/lq2.htm>

Artigos de María Ángeles Almacellas

Entrevista: María Ángeles Almacellas Bernadó Entrevista (a Cecília Canalle).

<http://www.hottopos.com/videtur22/angeles.htm>

Elogio de la Palabra de Joan Maragall - a la luz de la Estética de la Creatividad de Alfonso López Quintás.

<http://www.hottopos.com/harvard3/angeles.htm>

Educar la Inteligencia.

<http://www.hottopos.com/spcol/autores/almacellas.htm>

La formación ética de niños y jóvenes a través de la literatura y el cine.

<http://www.hottopos.com/convenit3/angels.htm>

Formación para la Paz, la Justicia y la Solidaridad.

<http://www.hottopos.com/videtur20/angeles1.htm>

Inmigrantes en la Escuela Católica: Incomodidad, Compromiso y Oportunidad.

<http://www.hottopos.com/vdletras7/angeles.htm>

Los Cuentos de Charles Perrault y su Carácter Formativo.

<http://www.hottopos.com/videtur26/angeles.htm>

Medios Audiovisuales en la Escuela y Formación de Espectadores Críticos.

<http://www.hottopos.com/videtur20/angeles2.htm>

Artigos de Gabriel Perissé

Traducir a Alfonso López Quintás.

<http://www.hottopos.com/rih46/187-194Perisse.pdf>

Pressupostos filosóficos da “cultura do encontro” no pensamento pastoral do papa Francisco.

<http://www.hottopos.com/isle27/29-36Gabriel.pdf>

Traduzir Alfonso López Quintás.

<http://www.hottopos.com/isle23/61-68Perisse.pdf>

Encontro e literatura em Alfonso López Quintás.

<http://www.hottopos.com/rih37/83-90Gabriel.pdf>

A pedagogia do encontro e o professor que contava mil histórias.

<http://www.hottopos.com/isle21/71-78Perisse.pdf>

Pensar com criatividade: a proposta filosófica e pedagógica de Alfonso López Quintás.

<http://www.hottopos.com/isle13/77-84Gbrl.pdf>

Alfonso López Quintás: uma reaproximação crítica.

<http://www.hottopos.com/isle12/77-84gabriel.pdf>

O objeto e o âmbito no pensamento de López Quintás - análise do poema-música de Sérgio Bittencourt.

<http://www.hottopos.com/convenit/lq3.htm>

As experiências reversíveis segundo López Quintás - análise de um poema de Cassiano Ricardo.

<http://www.hottopos.com/convenit4/perisse.htm>

Outros artigos sobre Alfonso López Quintás

Sérgio Oliveira dos Santos “*Ser-motricio* e as realidades ambíais”.

<http://www.hottopos.com/notand46/7sergiof.pdf>

Sílvia Regina Brandão “Alceu e Quintás; a verdade emana do real”.

<http://www.hottopos.com/vdletras6/silvia.htm>

Jean Lauand “Alfonso López Quintás – un Pensador para Brasil”.

<http://www.hottopos.com/rih7/jean.htm>

Ho Yeh Chia “López Quintás e o humanismo em clave chinesa”.

<http://www.hottopos.com/convenit/lq4.htm>

**Homenagens a Fundadores e Membros
do Cemoroc e alguns Prefácios**

Em memória de Helmi Nasr, em seu centenário

Aida Hanania⁹
Jean Lauand

Resumo: O artigo traz elementos para a história do Departamento de Letras Orientais da Universidade de São Paulo, especialmente do curso de Língua e Literatura Árabe, fundado em 1962 pelo Prof. Dr. Helmi Nasr. As publicações do Centro de Estudos Árabes do DLO viriam a dar origem ao Cemoroc.
Palavras Chave: Estudos Árabes. Universidade de São Paulo. Helmi Nasr. Cemoroc.

Abstract: The article is on the early history of the Department of Eastern Studies of the University of São Paulo, focusing especially on the course of Arabic Language and Literature, founded in 1962 by Professor Helmi Nasr. The publications of the Centro de Estudos Árabes of FFLCHUSP are (in) the pre-history of Cemoroc.

Keywords: Arabic Studies. University of São Paulo. Helmi Nasr. Cemoroc.

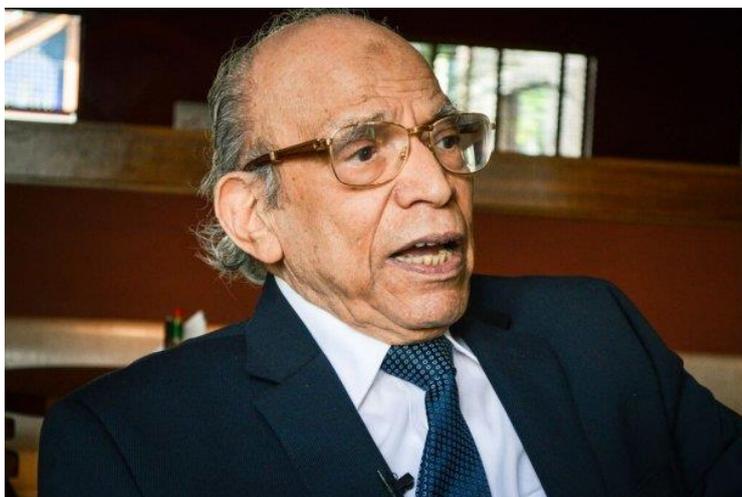
Em 26 de novembro de 2019, faleceu no Cairo, o Prof. Dr. Helmi Mohamed Ibraim Nasr (nascido em 22/3/1922) que, em 1962, fundou o Curso de Língua e Literatura Árabe na USP.

Nesta edição, o artigo de Aida Hanania sobre os estudos árabes nas revistas do Cemoroc, já recorda também as ligações fundacionais do Cemoroc com o Centro de Estudos Árabes da FFLCHUSP, o que remete necessariamente ao Prof. Nasr. Ao celebrar os 25 anos de nosso Cemoroc, que tanto deve ao Mestre, a imensa saudade nos leva naturalmente a lembrar a longa e exitosa trajetória que construiu em nosso país. E é com emoção que nos sabemos privilegiados por termos desenvolvido grande parte de nosso percurso acadêmico e profissional ao lado do mestre e estimulados por ele.

Sua dedicação constante e seu apoio incondicional a todas as iniciativas que pudessem ampliar o conhecimento da Língua, da Literatura e da Cultura Árabes, como o foram a “Semana de Cultura Árabe”(1986) a criação da *Revista de Estudos Árabes* do Centro de Estudos Árabes (1993 a 1995), da *Revista de Estudos Orientais* (1997 a 1999) – dentre muitas, igualmente relevantes – redundaram no estímulo fundamental à criação do Cemoroc, que tanto lhe deve.

Para expressar nossa profunda gratidão, pouco antes de regressar a sua terra natal, após 53 anos de Brasil, organizamos em junho de 2015, um evento – que, felizmente, contou com sua ilustre presença – o “III Encontro Cemoroc Educação: Cultura Árabe – homenagem ao Prof. Dr. Helmi Nasr” (matéria do Jornal da USP em http://espaber.uspnet.usp.br/jor_osp/?p=42727) em que seus alunos quisemos homenageá-lo com um livro (<http://hottopos.com/ebooks/livronasr.pdf>), cujos capítulos pudessem retratar um pouco de nossa experiência intelectual/acadêmica e muito de nossa emoção e do privilégio de tê-lo tido por tantos anos como nosso mestre e guia para o aprimoramento dos Estudos Árabes em nosso meio.

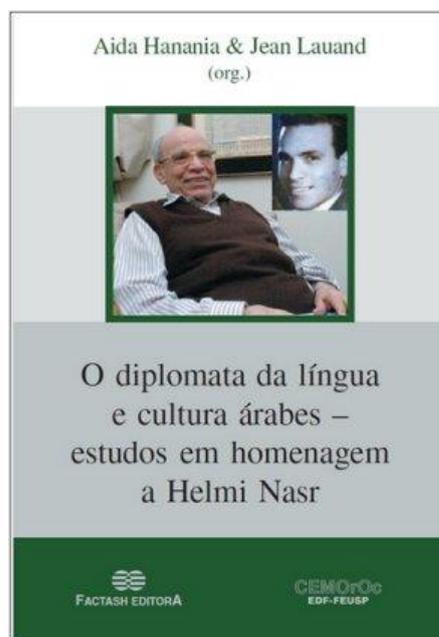
⁹. Profa. Titular Aposentada do Depto. de Letras Orientais da FFLCH-USP. aida.hanania@gmail.com



H. Nasr no III Encontro Cemoroc Educação: Cultura Árabe, 8-6-15



Prof. Nasr e Roseli Fischmann



Em 2022, celebramos duas importantes datas redondas, em torno deste personagem, marco fundacional dos estudos árabes entre nós: o 100º aniversário do professor Helmi Nasr, que exatos 60 anos antes fundou o Curso de Língua e Literatura Árabe na USP.



Aida Hanania, HN e Rui Josgrilberg

A USP era, em 1962, uma universidade muito jovem de um país que, instalado em séculos de atraso, começava a viver grandes mudanças econômicas e culturais. Naqueles anos, o clima era de efervescência de desenvolvimento econômico; com a Novacap, como então era chamada Brasília, e o Brasil se afirmando nos esportes: bicampeão mundial de futebol (e pela primeira vez podíamos ver os jogos, horas depois, em video-tape; a copa de 58, só foi acompanhada pelo chiado do rádio...); bicampeão mundial de basquete; as brilhantes conquistas de Maria Esther Bueno (o tênis, um esporte quase desconhecido); Éder Jofre, o “galo de ouro”. Em 1962, Palma de Ouro em Cannes com “O pagador de promessas”; o boom da bossa nova, “Garota de Ipanema” foi composta em 1962; a consagração internacional de Oscar Niemeyer.

A então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, minúscula se comparada com a atual FFLCH, concentrava uma incrível densidade de professores destacados, como: Alfredo Bosi, Antonio Candido, Aziz Ab’Saber, Bento Prado Júnior, Décio de Almeida Prado, Egon Schaden, Eurípedes Simões de Paula, Fernando de Azevedo, Fernando Henrique Cardoso, Florestan Fernandes, Francisco Weffort, João Cruz Costa, José Arthur Giannotti, José de Souza Martins, Milton Santos, Octavio Ianni, Roger Bastide, Ruth Cardoso, Sérgio Buarque de Holanda... Boa parte dos estudantes iam para a aula na Maria Antonia, de bonde aberto, rangendo para subir a Angélica, com o cobrador, com uma das mãos recheada de notas dobradas entre os dedos, fazendo incríveis malabarismos para não deixar ninguém saltar sem pagar.

A imagem que o brasileiro tinha do mundo árabe era muito diferente na época: não se falava de islamismo nem de muçulmanos, não havia nada parecido com o protagonismo exercido hoje – pós Opep – pelos países árabes. Eram uns países remotos, indiferenciados e exóticos, muitos deles ainda colônias, atrasados, inexpressivos, ou dominados por potências ocidentais (1962 é o ano da independência da Argélia). Os numerosos imigrantes e descendentes em São Paulo – sírios e libaneses – ainda eram conhecidos como “turcos”; eram, em sua maioria, cristãos, talvez comerciantes da 25 de março e residiam no bairro do Paraíso. Comida árabe, só a da mãe ou da avó; havia raríssimos restaurantes árabes (Almanara, Bambi, Brasserie Victoria e uns poucos mais...) e duas ou três casas de esfiha e quibe nas imediações da Catedral

Ortodoxa da Vergueiro. Nem em sonho a profusão de hoje, em que temos quase cem grandes lojas em São Paulo, para falar só de uma rede.

Um pouco mais conhecido era o presidente do Egito, Gamal Abdel Nasser, com sua forte política nacionalista, um dos líderes do “movimento terceiromundista”, que enfrentara o poderio francês e britânico na Guerra de Suez, e que terá decisiva importância para a história dos estudos árabes no Brasil.

Quem considera as dificuldades e delongas para a contratação de professores na USP e na FFLCH (em 2002 houve uma greve de quase quatro meses para arrancar alguns claros), ficará assombrado com o modo como foi criada a “Seção de Estudos Orientais” em 1962, inicialmente instalada junto ao Curso de História, sob a direção do grandioso Eurípedes Simões de Paula.

Nesse contexto, para que se possa avaliar a grandeza de Helmi Nasr e de sua contribuição para a FFLCHUSP, retomaremos uma histórica entrevista, publicada no No. 6 de nossa revista *Collatio* (<http://hottopos.com/collat6/nasr.htm>), na qual o próprio Prof. Nasr nos fala sobre a criação dos estudos árabes na USP:

Para dizer a verdade, essa é uma história de muitas alegrias e de muitas lutas. Eu, quando jovem, nem podia imaginar que viria a ser professor no Brasil, mas uma série de circunstâncias acabou por trazer-me para cá. Concluídos meus estudos universitários na França, voltei ao Cairo e fui nomeado professor de tradução francesa na Faculdade de Línguas Estrangeiras da Universidade de ‘*Ayn ash-Shams*. Lecionava eu lá, quando a Universidade recebeu solicitação de três professores para ensinar árabe no exterior: um para Sidney na Austrália, outro para Santiago do Chile e um terceiro para São Paulo. Não foi difícil para nossa faculdade atender os pedidos da Austrália e do Chile, pois havia um colega recém-chegado da Inglaterra e outro recém-chegado da Espanha. O problema era conseguir um professor para o Brasil. Isto aconteceu nos primeiros meses de 1962. É uma história interessante: Jânio Quadros, quando assumiu a presidência, foi visitar os líderes orientais da época: Gamal Abdel Nasser – que, então, gozava de enorme prestígio em todo o mundo –, Nehru e outros. Voltando ao país, cheio de admiração por esses estadistas, decidiu criar, no Brasil, estudos orientais e pediu à Universidade de São Paulo que criasse esses cursos.



Foto: Francisco Emolo/Jornal da USP

A USP, em atenção ao pedido do presidente, resolveu criar sete cursos: árabe, hebraico, russo, chinês, japonês, armênio e sânscrito e contactou os países correspondentes, em busca de professores que se dispusessem a vir para cá. Ora, nessa época, os países árabes credenciados no Brasil eram três: Síria, Líbano e Egito. A USP escreveu para esses três países e, para sorte minha – este é um país maravilhoso –, só o Egito respondeu afirmativamente. O presidente Nasser, em atenção a Jânio Quadros, empenhou-se pessoalmente para que a Universidade designasse também um professor para o Brasil e, como disse, esse não era um problema de fácil solução. Como não houvesse resposta por parte da Universidade, uma semana depois, o presidente Nasser tornou a exigir uma solução rápida para o caso. Pressionado pela insistência do presidente, o diretor da Faculdade resolveu propor-me – afinal, o francês é uma língua semelhante ao português – que viesse ao Brasil. Daí a onze dias, veja só, chegava eu ao Brasil! O primeiro projeto previa a permanência de um ano como professor visitante, mas, quando o pedido chegou ao ministro da Educação, ele ponderou que só um ano para o Brasil era muito pouco e propôs dois anos. [...]

Enfim, cheguei aqui com muito entusiasmo e, no dia seguinte, já me encontrava na Faculdade com seu diretor, o saudoso Mário Guimarães Ferri, que me recebeu muito bem e logo disse a ele: “Eu quero começar”. Veja bem, eu cheguei no dia 1 de maio de 1962 e o Curso principiou em setembro, como curso livre. E comecei a dar aulas sozinho nos três períodos: manhã, tarde e noite. Em 1963, teve início o curso regular: com uma aluna! E, paralelamente, dava cursos optativos: sempre repletos de alunos nos três períodos; era um trabalho duro mas também extremamente prazeroso. (...) Na verdade, quando cheguei, recebi também um convite para dirigir um jornal árabe e uma revista, além de diversas outras atividades relacionadas com o mundo e a cultura árabes. E, claro, o governo egípcio interessou-se pela minha permanência no Brasil: sem me consultar, custeou a prorrogação de meu contrato por mais dois anos, depois por outros dois e, assim, por oito anos, prazo máximo permitido pela lei egípcia para a permanência no exterior de um professor universitário. Indicaram-me, portanto, que regressasse: comecei a me preparar para retornar ao Cairo, mas quando informei o saudoso Prof. Eurípedes Simões de Paula, então diretor da Faculdade – e principal mentor da criação dos estudos orientais na USP – ele não aceitou e procurou o embaixador egípcio, solicitando-lhe que abrisse uma exceção no meu caso, até que a própria USP pudesse contratar-me. O governo egípcio atendeu-o e prorrogou minha permanência por mais dois anos, quando fui contratado. Para mim, foi muito bom, porque gosto muito do Brasil e de seu povo, que tem características semelhantes ao povo do Oriente, além do fato de que há uma numerosa colônia árabe no Brasil; colônia que, em geral, ocupa uma boa posição econômico-social, mas que necessita também, ao lado dessa posição privilegiada, de uma posição intelectual adequada e o Curso de Árabe na USP era um núcleo para esse trabalho. E, assim, nos anos seguintes – também pelo crescimento da importância do mundo árabe no cenário mundial –, passou a haver mais alunos no Curso de Árabe do que em diversos outros cursos da Faculdade. Estive sozinho durante os primeiros sete

anos. Depois, a Faculdade começou a contratar outros professores formados pelo Curso: Jubran Jamil El-Murr, Jorge Sáfady, Aida Ramezá Hanania, Luiz Ferreira da Rosa (um professor sem ascendência árabe...).

E assim, graças ao empenho de Nasser e Nasr, São Paulo finalmente ganhou um espaço acadêmico, de excelência, à altura de sua colônia árabe. Parece incrível que, com a importância que a cultura e a língua árabe têm para São Paulo e o Brasil, só há 50 anos – e por conta de uma história de aventuras, digna das Mil e uma Noites – viéssemos a ter esses estudos universitários.

Quando se fala da criação da USP e de seu núcleo essencial, a FFCL, fala-se em “missão” de professores europeus, sobretudo em “missão francesa”. O prof. Nasr foi, anos depois, a “missão árabe”: anos heróicos, um jovem professor, sozinho durante anos, devotando-se à missão de, a partir do árabe, estabelecer a abertura para a totalidade do humano, que é, afinal, a própria essência da *universitas*.

Mas, naqueles começos, os estudantes atentavam mais para outros aspectos: quem passava pela sala 4 da velha Maria Antonia, tinha a oportunidade de encantar-se com a extrema amabilidade, generosidade, hospitalidade e impecável elegância do professor recém-chegado “das “Arábias”. Disfarçávamos o riso com as dificuldades que, então, ele tinha com o português: ao avisar os alunos que não haveria adiamentos para a data de entrega de tal trabalho, dizia: “Não tem escapamento!”. Ou, ao comentar a enorme quantidade de templos muçulmanos: “No Cairo, temos muitíssimos mosquitos” etc. Aliás, aí temos todo um folclore dos professores de orientais daquela época. Como quando a esposa de um deles, passando slides da obra do marido, um notável pintor, referia-se constantemente a seu *marchand*, dizendo: “Este é o *machão* de meu marido...”.

Nasr, profundamente religioso (discretamente, sempre manteve na USP seu tapete para orações) e herdeiro das multimilenares tradições muçulmana e egípcia, sempre foi uma fonte de serenidade para com seus colaboradores: ante aflitivas situações acadêmicas ou perversas “*manôplas*” (manobras) de algum colega, mantinha-se imperturbável para atinar com a melhor solução, sem se deixar contaminar por (justificáveis) iras. A constante imagem que temos dele, após todos esses anos, é a de um franco sorriso, de um otimismo que por nada se deixa abater e de uma paternal generosidade.

Cedo aprendemos, por exemplo, que nunca deveríamos elogiar nada de sua grandiosa hospitalidade: seguindo a tradição de seus ancestrais, se se diz, por exemplo: “Professor, que bela gravata!” ele imediatamente obriga o incauto a levar a peça de presente. Uma vez, fomos assaltados ao estacionar em frente à sua casa para uma reunião. Chegamos a seu apartamento trêmulos, sob o impacto de termos estado sob a mira de uma arma etc. Ele, serenamente, exatamente na linha dos também ancestrais contos árabes, celebrando a hospitalidade que nos ensinava nas aulas, tranquilizou-nos e quando informado de que o ladrão tinha nos levado x, obrigou-nos a levar 5x!

Sua generosidade é ampla e incomensurável. No final dos anos 80 e começo dos 90, sob sua orientação, lançamos – Nasr e os autores deste artigo – um ambicioso projeto editorial, que contou com colaboradores do porte de um Roshdi Rashed, Miguel Cruz Hernández, Hassan Massoudy (o maior calígrafo árabe do mundo), Evanildo Bechara, Jamil Almansur Haddad, Milton Hatoum, Josef Pieper etc.: a *Revista de Estudos Árabes*, a revista *Collatio* (desde o começo em importantes indexadores e

bases de dados internacionais, em parceria com o prestigioso Departamento de Estudos Árabes da Univ. Autónoma de Madrid) e dez livros da coleção *Oriente e Ocidente*. Era um volume e uma qualidade muito acima das possibilidades de nosso Centro de Estudos Árabes, que não contava com nenhuma verba oficial. Conseguíamos financiamento como podíamos e quando não, o Prof. Nasr se adiantava a pessoalmente amparar esses projetos: “Nidinyah, não podemos interromper este trabalho!”, dizia à esposa, a saudosa Dra. Nida Gattaz Nasr (também professora – de espanhol – da FFLCH e falecida em 2007).



Foto: Francisco Emolo/Jornal da USP

Nessa mesma época, empenhou-se, com os autores, em outra árdua missão, a criação do curso de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe, e mesmo depois de aposentado (compulsoriamente em 1992), continuou trabalhando voluntariamente nesse Curso, desde o começo muito mais fruto do sacrificado empenho pessoal nosso do que de apoios institucionais...

Outros trabalhos importantes do Prof. Nasr foram a publicação de um pioneiro dicionário árabe-português, a tradução para o árabe de *Novo mundo nos trópicos* de Gilberto Freyre e a monumental tradução, única em nossa língua feita diretamente do árabe, do Alcorão (ou do “sentido” do Alcorão, como querem os muçulmanos, pois, para eles, o livro sagrado é indissociável da língua árabe), com preciosas notas. Esse trabalho, entre tradução e revisões pela Liga Islâmica Mundial em Meca, durou 22 anos e foi finalmente publicado em 2005, pelo “Complexo do Rei Fahd”, a instância mais oficial do Islã.

Mesmo para os não crentes, o Alcorão contém intrigantes profecias, como a (sura 6, 65) de que Allah pode castigar “por cima ou por baixo” (descendo fogo como

em Sodoma e Gomorra; ou abrindo as águas do Mar Vermelho, que afogaram o povo do Faraó) ou confundindo os árabes em seitas e divisões, de modo que uns experimentem a fúria dos outros. Mas Helmi Nasr cumpriu outra impressionante profecia: aquela em que Allah confia aos árabes (2; 143, 142) a missão de serem “povo do meio”, mediadores entre Oriente e Ocidente.

Para o árabe, a palavra *taríq*, não significa só caminho, mas acumula também o sentido de jeito, modo pessoal de cada um fazer as coisas (mesma acumulação semântica do *way* inglês). O que facilmente se compreende, pois no deserto não há estradas delineadas, cada um busca fazer o seu caminho... o que Helmi Nasr cumpriu desde que, quando jovem, assumiu sua missão no Brasil: abrir caminhos, que hoje podem ser trilhados por muitos, que talvez nem se lembrem de que a ele devem as facilidades que encontram agora prontas...

Sua carreira como homem de paz e integração (dois dos significados do radical árabe s-l-m, de palavras tão fundamentais como *islam* ou *salam*) foi coroada em 2007, quando passou a integrar o seletivo grupo (21 membros) do Conselho dos Sábios, instância máxima de eruditos da Liga Islâmica Mundial.

Uma homenagem do Cemoroc a Paulo Ferreira da Cunha

Jean Lauand

Em boa hora o Cemoroc – Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – promoveu esta edição especial de *International Studies on Law & Education*, nos quadros de nosso *XXI Seminário Internacional Filosofia & Educação*, dedicado a homenagear muito justamente o Professor Doutor Paulo Ferreira da Cunha (também por ocasião de sua nomeação para a Suprema Corte de Portugal).

Antes desta edição, já o Prof. Dr. João Relvão Caetano e eu, tínhamos publicado, como organizadores, dois alentados volumes da prestigiosa Editora Kapenke: “Pensar, Ensinar e fazer justiça – Estudos em homenagem a Paulo Ferreira da Cunha”, com 82 estudos de intelectuais, acadêmicos e artistas, sobre este notável pensador. Essas obras encontram-se disponíveis no site do Cemoroc: <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/page5.htm>.



Por ocasião de sua posse (em 04-07-2019) como
Juiz Conselheiro da Suprema Corte de Portugal
<https://www.stj.pt/?slz-team=paulo-ferreira-da-cunha>

Neste volume, tomamos a liberdade de “emprestar” dos livros os artigos da “Palavra do Homenageado” e um par de notas dos editores.

Não por acaso, prestamos mais esta homenagem em uma revista de nosso Centro, com o qual o Dr. Paulo Ferreira da Cunha (abreviaremos por PFC), tanto tem colaborado ao longo de 20 anos e, nomeadamente nesta ISLE, da qual foi *editor-in-chief*.

Para os artigos desta edição, dispensamos os *abstracts* e as palavras chave, pois essas matérias – que apresentamos ao leitor em ordem de chegada à Redação – tratam de um mesmo tema: a vida e a obra de PFC.

Neste meu editorial, quero recordar a imensa dívida de gratidão que o Cemoroc e suas revistas contraíram com nosso homenageado.

A ele devemos a qualidade e o caráter internacional de muitos eventos do Cemoroc e de tantas edições de nossas revistas – *International Studies on Law & Education*, *Revista Internacional d’Humanitats*, *Notandum*, *Convenit Internacional*, *Mirandum*, *Collatio* e *Videtur* – como detalharemos mais adiante. Naturalmente, por imposição do novo cargo, PFC teve que se afastar do posto diretivo que, desde 2008, exercia em nosso Centro: Diretor de Relações Internacionais.

Conheci o Prof. Paulo no ano 2000, porque ambos participávamos de uma lista de e-mails (rústica precursora das redes sociais). Um dia chegou-me em privado um cordial mail de apresentação de um jovem e brilhante professor do Porto (o Prof. Paulo viria a ser um dos mais jovens catedráticos e decanos de Portugal!). A empatia foi imediata e, nesse mesmo ano, PFC quis honrar-nos com um artigo em nossas revistas e, logo que foi formalizada a existência do Cemoroc, foi nomeado membro de nosso Centro.



Cemoroc: autores do livro “Filosofia e Educação” (Zaragoza: Pórtico, 2017): Aida Hanania, PFC, JL, Silvia Colello, Rui Josgrillberg, Chie Hirose, Vitor Chaves de Souza

Nestes anos, tivemos dezenas de agradáveis e profícuos encontros – que se estendiam por horas que pareciam minutos – no (saudoso) Clube dos Professores da USP e em tantos outros pontos em torno da Cidade Universitária de São Paulo.

A verdade é que, ao longo destes vinte anos, temos abusado da bondade do Paulo, encarregando-o da organização de tantos eventos, sobrecarregando-o com inúmeras conferências para nosso Centro e até – muitas vezes – de aulas de graduação, chegando mesmo a aceitar meu pedido de que avaliasse os seminários finais de meus formandos FEUSP. Muitos de nossos contatos internacionais foram-nos trazidos por ele, como é o caso do querido amigo Dr. João Relvão Caetano, que tanto tem colaborado com o Cemoroc.

Um dos aspectos mais marcantes para todos em nosso Centro é a humildade do Prof. Paulo: sempre disposto a ouvir e aprender (nos eventos, tomava notas das exposições dos demais, mesmo que fossem iniciantes) e entabulava diálogo fácil com

todos. Entusiasmou-se, particularmente, com a iniciativa de abrir nossas revistas a pesquisas de jovens de liceu (colegiais), nosso projeto *Coepta* (do qual ele foi editor chefe) e fez questão de vir ao Brasil e estar presente no lançamento dessas revistas em 2018 para honrar a todos ao presidir a sessão.



PFC, “encarregado” de avaliação de graduação na FEUSP, 2004

Logo que anunciamos nosso XXI Seminário, dezenas de intelectuais de todo o mundo imediatamente se inscreveram para associar-se à homenagem que o Cemoroc quis lhe prestar, por ocasião desses vinte anos de fraterna colaboração.

Para nosso Centro está bem claro que esta é uma daquelas homenagens nas quais o verdadeiro homenageado é quem a presta, mais do que quem a recebe...

Aproveito para agradecer a todos os que se uniram a estes eventos de homenagem e nos enviaram textos sobre a vida e a obra de PFC, compondo um maravilhoso mosaico que, na medida do possível, ajuda-nos a compreender sua imensa grandeza.

Passo agora a revisitar o trabalho do Dr. Ferreira da Cunha em nosso Centro, com foco principal em sua atuação nas revistas do Cemoroc, como editor e autor de perto de 70 artigos em *International Studies on Law & Education*, *Convenit Internacional*, *Revista Internacional d’Humanitats*, *Notandum*, *Mirandum e Collatio*. Além de autor, PFC organizou e foi editor de diversos números temáticos, sobretudo dedicados à discussão de um tema que prioriza: Tribunal Constitucional Internacional. Apresentaremos os links dos quase 70 artigos de PFC em nossas diversas revistas. Trabalho modesto, mas útil para o leitor, que poderá acessá-los diretamente. Trata-se de uma coleção incomparável – tão vasta quanto profunda –, da qual o Cemoroc muito se orgulha.

A partir de 2002, Paulo Ferreira da Cunha, já membro do Cemoroc, fundou (e dirigiu até a posse como Conselheiro da Suprema Corte) o Instituto Jurídico Interdisciplinar da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (extinto em 4-12-2019) e, desde sua criação, o IJI passou a coeditar algumas de nossas revistas, que o têm como editor.

Desde a edição III (2002), Ferreira da Cunha tem participado de todos os Seminários Internacionais: Filosofia e Educação, que o Cemoroc realiza anualmente. Desde o X (2010) até o XX Seminário (2019) tem integrado a Comissão Organizadora desses eventos. O XVII Seminário (2016) e o XXI (2020) foram realizados em sua homenagem.



Em confraternização do XVI Seminário (2015). Ao centro, PFC e JL.

Dotado de múltiplos talentos, o Prof. Paulo colaborou nos mais diversos projetos do Cemoroc. Um exemplo é a aula/debate gravada para a série de vídeos “O Eclipse de Deus” que o Prof. Dr. Vitor Chaves de Souza produziu para o Centro.



<https://www.youtube.com/watch?v=eDZ64zlSxy0>

Em novembro de 2018, presidiu um notável evento do Cemoroc: o lançamento de uma publicação inovadora nos meios acadêmicos: a série Coepta (como um de seus fundadores e editors in chief), revista que – ao lado de estudos de consagrados intelectuais – acolhe também muitos artigos de jovens pesquisadores pré universitários. Além da mídia tradicional, o prestigioso Jornal da USP celebrou em longa matéria essa publicação (<https://jornal.usp.br/cultura/projeto-usp-incentiva-iniciacao-cientifica-no-ensino-medio/>).



No lançamento de Convenit Coepta, no Colégio Luterano São Paulo, 26-11-18

Contribuições de PFC para a *International Studies on Law & Education*

Desde o No. 5 (janeiro-2010) tivemos o privilégio de tê-lo como editor chefe de ISLE, e já nesse mesmo número publica o contundente e tão oportuno artigo: “Pensada Lei, Pensada Malícia - a propósito das avaliações ‘de desempenho’ aos docentes” (<http://www.hottopos.com/isle5/5pfc.pdf>). No número 6 “Liberdade & Hermenêutica - Antropologia Teológica, Exegese e Liberdade Religiosa a propósito de ‘Caim’, de José Saramago” (<http://www.hottopos.com/isle6/4pfc.pdf>) , uma de suas tantas finas análises filosóficas da Literatura. No número 7, “A pessoa, o político e o cientista em direito constitucional” (<http://www.hottopos.com/isle7/13-24PFC.pdf>), seguido de – no número 8 – “Cultura constitucional & revisões constitucionais” (<http://www.hottopos.com/isle8/05-16PFC.pdf>).

Nos números 9 e 10, resp.: “Repensar Portugal - diálogos sobre identidade e atraso” (<http://www.hottopos.com/isle10/05-22PFC.pdf>), um manifesto em defesa da liberdade e do pluralismo, contra a “mentalidade inquisitorial, que teima em persistir” e “Principes constitutionnels herméneutiques”(<http://www.hottopos.com/isle9/05-12PFC.pdf>).

Ainda sobre a história pátria e o projeto de nação: “Estado e Igreja em Portugal -alguns momentos e perspectivas” (<http://www.hottopos.com/isle15/11-26PFC.pdf>) (No. 15); “Pensar o direito em português” (www.hottopos.com/isle16/17-24PFC.pdf) (No. 16). No número 19, “Libertar o Direito. Do problema metodológico-jurídico no nosso tempo” (<http://www.hottopos.com/isle19/27-36PFC.pdf>); e no 20, “Direito & Sistema Tópico de Direito –Algumas Perspetivas de Apresentação da Juridicidade” (<http://www.hottopos.com/isle20/15-22PFC.pdf>). Editor do dossiê: “Corte/Tribunal Constitucional Internacional” (No. 24), nele publicou “Dos soberanismos às interconstitucionalidades” (<http://www.hottopos.com/isle24/25-42PFC.pdf>).

Um destaque especial para a edição *Coepta* de ISLE, Nos. 34-35 (janeiro de 2020), na qual escreve a estudantes pré universitários, traz uma mensagem preciosa, sobre a alegria do pesquisar (http://www.hottopos.com/isle34_35/15-16PFC.pdf), que conclui com uma reveladora confiança de sua própria vocação acadêmica:



PFC e JL: presidindo a Mesa das *Coepta* 2018

E acredito, com Cruz Malpique, que era um desses professores jubilados que sempre frequentava as bibliotecas, e com Umberto Eco, que também fez algumas alusões ao assunto, que o Céu será um lugar de pesquisa. Pode ser que não seja apenas uma Biblioteca, como alguns sugerem, porque a Casa do Pai tem muitas moradas, como dizia Teresa de Ávila, no seu livro de instrução às suas freiras. Mas certamente uma das Moradas é uma grande Biblioteca e outra um enorme Laboratório, numa ala de pesquisa, que não será das menores, quero crer...

Finalmente, já nestes tempos de pandemia, oferece-nos as reflexões “Cidadania & Ética – **Relectio** para tempos de **Peste**”, em *ISLE 36 (set-dez 2020)*: <http://www.hottopos.com/isle36/pfc.pdf>

Contribuições de Paulo Ferreira da Cunha para a *Convenit Internacional*

Desde 2008, essa nossa revista passou a ser coeditada com o IJI e Paulo Ferreira da Cunha tornou-se um dos editores em chefe de *Convenit Internacional*.

Sua colaboração como autor com a *Convenit Internacional* tinha começado já em 2000, com o artigo “Natureza Humana e Filosofia Jurídica” (No.2 www.hottopos.com/convenit2/nathump.htm). A este, seguiram-se “Sob o signo de Hermes – reflexões para uma razão jurídica hermenêutica” (2014, No. 15 <http://www.hottopos.com/convenit15/05-18PFC.pdf>) e “Lições de Antígona – Dos paradigmas antropológicos da ação e da contemplação, da obediência e da coerência na política e no direito” (2014, No. 16, <http://www.hottopos.com/convenit16/43-50PFC.pdf>).

Em 2015, publica “Do ofício de historiador do Direito. Revisitação da metodologia historiográfica A propósito da constituição do império e José Bonifácio” (No. 19, <http://www.hottopos.com/convenit19/25-34PFC.pdf>) e em 2017, “Das provas acadêmicas: Direito & Ciência na sociedade da informação” (No. 25, <http://www.hottopos.com/convenit25/15-24PFC.pdf>).

O ano 2016 é um marco importante na trajetória de Paulo Ferreira da Cunha como autor e *editor*: ele lança uma intensa campanha internacional para a promoção de uma Corte/Tribunal Constitucional Internacional e, convocando notáveis autores de todo o mundo, publica dossiês em nossa Editora, três números dedicados a esse tema: *Notandum* No. 41 (<http://www.hottopos.com/notand41/index.htm>), *International*

Studies on Law & Education No. 24 (<http://www.hottopos.com/isle24/>), e *Revista Internacional d'Humanitats* No. 38 (<http://www.hottopos.com/rih38/index.htm>). Não é de estranhar que fosse agraciado (por unanimidade) com o Prêmio Editorial Cemoroc 2016.

Esta mesma pauta reaparecerá em seu trabalho de *editor* de mais dois volumes em *Convenit*, tematicamente dedicados a “Corte Constitucional Internacional, Ensino do Direito e Liberdade de Expressão” e “Dossier: um Tribunal / Corte Constitucional Internacional”, Nos. 28 e 29 (2018 e 2019: www.hottopos.com/convenit28/index.htm e www.hottopos.com/convenit29/index.htm).

Esses dossiês são, hoje, referência internacional para o tema.

Ainda como autor, *Convenit* publicou seus artigos: “A Discussão da Corte Constitucional Internacional na Sociedade da Informação” (2018, No. 26 <http://www.hottopos.com/convenit26/index.htm>), “O Direito & as Artes, hoje” (2018, No. 28 <http://www.hottopos.com/convenit28/41-54Pfc.pdf>), além da Apresentação do dossiê do No. 29 (<http://www.hottopos.com/convenit29/01-02PFC.pdf>).

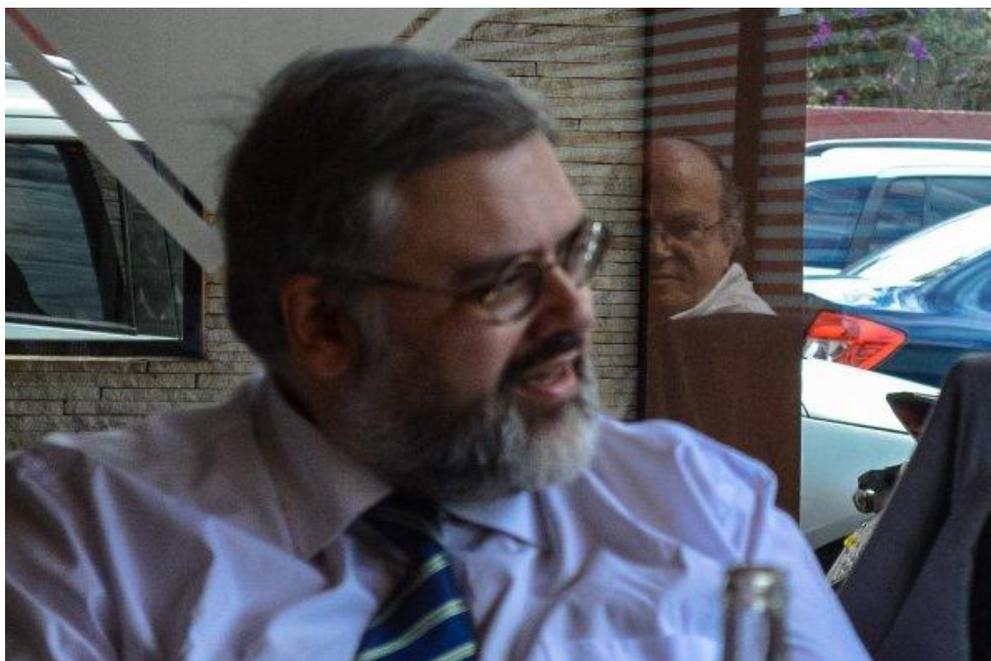
Em 2019, escreveu para jovens pesquisadores, em *Convenit* No. 30 (*Coepta*), “Expedição a Oz – Subsídios para um pequeno guia acadêmico” (www.hottopos.com/convenit30/07-16PFC.pdf). E em *Convenit* No. 31 (*Coepta* 2), “Justiça & educação (**Themis kai Paideia**)”, em: <http://www.hottopos.com/convenit31/13-20PFC.pdf>.

Em 2020, seu artigo em *Convenit* 34: “‘Estudar hidráulica’ – uma nota em tempos de pandemia” (<http://www.hottopos.com/convenit34/PFC.pdf>)

Contribuições de PFC para a *Revista Internacional d'Humanitats* (RIH)

Sua colaboração com a RIH, revista que coeditamos com a Universidade Autônoma de Barcelona, começou em 2005, com o artigo “Aristóteles - Filosofia do Homem: Ética e Política” (No.8, <http://www.hottopos.com/rih8/pfc.htm>).

A este, seguiram-se “A Justiça como Virtude e o Direito” (2007, No. 13, http://www.hottopos.com/rih13/pfc_rih13.pdf) e, em 2009, dois artigos: “Valores e Virtudes no Aprofundamento do Estado de Direito-uma Perspectiva Luso-Brasileira” (No. 15, <http://www.hottopos.com/rih15/pfcvalores.pdf>) e “Carta sobre a Tese a um Mestrando Bolonhês” (No. 16, <http://www.hottopos.com/rih16/pfc.pdf>).



XVI Seminário Internacional Cemoroc (2015).
PFC: Conferência: “Cidadania privada e cidadania pública”

Nosso No. 22 (2011) teve, como artigo de abertura, as reflexões a propósito do centenário da Constituição de 1911: “A I República Portuguesa e a sua constituição política” (<http://www.hottopos.com/rih22/pfc.pdf>). Uma alentada crítica à burocracia universitária, “Burocracia científica e pluralismo cultural”, foi o artigo de abertura de RIH No. 24, 2012, (<http://www.hottopos.com/rih24/05-16Pfc.pdf>); no número seguinte, brindou-nos “Os cidadãos e o sistema político: identificação ou descontentamento?” (<http://www.hottopos.com/rih25/71-80PFC.pdf>).

Em “Cidadania privada e cidadania pública – Diálogos com Tomás Moro, Erasmo e Agustina” prossegue o constante diálogo com os clássicos, trazendo suas vozes para iluminar muitos de nossos problemas contemporâneos (No. 34, 2015, <http://www.hottopos.com/rih34/25-42PFC.pdf>).

O No. 36 recolheu textos do “XVII Seminário Internacional Cemoroc: Filosofia e Educação – evento em homenagem ao Dr. Paulo Ferreira da Cunha e ao Dr. Pere Villalba”. Aí se encontra seu artigo “Justiça & educação (*Themis kai Paideia*)” (2016, <http://www.hottopos.com/rih36/15-22PFC.pdf>). Ainda nesse ano, mais uma importante reflexão sobre Direito e Educação: “Metódica para estudantes de direito - Ainda o espírito universitário e os seus hodiernos inimigos” (No. 37, <http://www.hottopos.com/rih37/31-48PFC.pdf>).

No ano 2016, como dissemos, publica um dossiê em *Revista Internacional d’Humanitats* No. 38 (<http://www.hottopos.com/rih38/index.htm>), no qual figura seu estudo “Não Estamos Sós – dos sistemas de proteção internacional da pessoa à Corte Constitucional Internacional” (<http://www.hottopos.com/rih38/13-20PFCunha.pdf>).

Em 2017, em RIH 41, outro importante dossiê “Discutindo a Corte / Tribunal Constitucional Internacional e celebrando o VIII Centenário da *Forest Charter* (*Carta de Foresta*, 2017)”, no qual publica “Corte / Tribunal Constitucional Internacional - Um projeto em marcha - Nota de Abertura” (<http://www.hottopos.com/rih41/05->

06PFC.pdf) e “Universidade como vocação” (<http://www.hottopos.com/rih41/51-68PFCuniv.pdf>).

Já em 2020, em RIH 48, oferece-nos “Sobre a arte e as artes – em demanda de um fio de Ariadne” (<http://www.hottopos.com/rih48/PFC131-138.pdf>); em RIH 49, a homenagem “Mário Bigotte Chorão, jurista humanista, um filósofo tranquilo (1931-2020)” em <http://www.hottopos.com/rih49/PFC77-81.pdf>; e em RIH 50 “(Des)Obediência & Pandemia” (<http://www.hottopos.com/rih50/127-136PFC.pdf>)

Contribuições de PFC para *Mirandum*, *Videtur* e *Collatio*

Essas três revistas (atualmente desativadas) contaram também com a importante presença de Paulo Ferreira da Cunha.

Em *Mirandum* No. 14, há um belo artigo mostrando que no Direito está viva a Retórica, no que tem de melhor: “Dialéctica, Tópica e Retórica Jurídicas” (<http://www.hottopos.com/mirand14/pfc.htm>). No No. 15, um estudo provocante: “O Direito, a Política e o Sagrado” (http://www.hottopos.com/mirand15/pfc_mir15.htm).

Em *Collatio*, publicou nos números 10, 11 e 12, respectivamente: “Estudos políticos: para uma epistemologia” (<http://www.hottopos.com/collat10/13-20PFC.pdf>); “Dos princípios positivos & dos princípios supremos” (<http://www.hottopos.com/collat11/05-16PFC.pdf>) e “Do jusracionalismo lusobrasileiro e da unidade essencial do jusnaturalismo-Reflexão problemática filosófico-histórica” (<http://www.hottopos.com/collat12/17-30FC.pdf>).

Na revista *Videtur*, o No. 14 recolhe dois artigos, que foram suas conferências em nosso III Seminário Internacional Filosofia & Educação: “O Comentário de Tomás de Aquino ao Livro V da Ética a Nicómaco de Aristóteles” e “Problemas do Direito Natural”, respectivamente em (<http://www.hottopos.com/videtur14/paulo2.htm>) (<http://www.hottopos.com/videtur14/paulo.htm>).

Seguem-se, “Crise dos Recursos Humanos no Ensino Superior”, um de seus tantos trabalhos em defesa da vocação universitária, ameaçada pelo burocratismo e pela perda da alma acadêmica (<http://www.hottopos.com/videtur15/pfc.htm>). “Retórica e Hermenêutica nas Origens do Direito”, no No. 17 (http://www.hottopos.com/videtur17/pfc_retdir.htm); “Introdução Constitucional à ‘Constituição’ Europeia” (<http://www.hottopos.com/videtur23/pfcunha.htm>); “Identidades, Etnocentrismos e Romance Histórico – Encontros e Desencontros no Brasil Nascente e nas Raízes de Portugal”, sobre os desafios do Novo Romance Histórico (<http://www.hottopos.com/videtur25/pfc.htm>).



X Seminário Internacional Cemoroc (2010).

Em *Videtur* No. 28, temos “Tempos de Sancho - A Constituição Europeia e os Ventos da História” (<http://www.hottopos.com/videtur28/pfc.htm>), e no No. 23, também sobre a Carta Europeia, “Introdução Constitucional à ‘Constituição’ Europeia” (<http://www.hottopos.com/videtur23/pfcunha.htm>).

Contribuições de Paulo Ferreira da Cunha para a revista *Notandum*

Seu primeiro artigo foi sobre um enlace típico do pensador: “Direito, Filosofia e Educação”, em nosso No. 11 (<http://www.hottopos.com/notand11/pfc.htm>). No número seguinte, seu talento ficcional apresenta-nos a Constituição (e até a bandeira e o hino...!) da utópica república de Lísia: “A Constituição da Lísia, descoberta de uma Utopia” (<http://www.hottopos.com/notand12/lisia.htm>). No No.15, revisita seu mestre Villey “L’équité: le legs réaliste classique et la pensée de Michel Villey” (http://www.hottopos.com/notand15/pfc_fr.pdf). “A Kairicidade do Pensamento Neohelénico: a Obra de Evaghélos Moutsopoulous” está no número 19 (www.hottopos.com/notand19/pfc.pdf). Outro mestre, Santo António de Lisboa!, é revisitado no No. 20: “O que é a Justiça” (www.hottopos.com/notand20/pfc.pdf). “A ‘Renascença Portuguesa’: aspetos do seu legado jurídico-político”, está no número 31 (<http://www.hottopos.com/notand31/33-40PFC.pdf>) e em nosso número duplo especial (35-36), dedicado aos Orientais, ele brinda-nos com as saborosas “Lições da Índia - desaparego, justiça, política, paideia” (<http://www.hottopos.com/notand35/57-76PFC.pdf>)

Foi o *editor*, entre seus os dossiês de 2016, de *Notandum* 41, para o qual escreveu a abertura: “Corte / Tribunal Constitucional Internacional” (<http://www.hottopos.com/notand41/05-06PFCabert.pdf>)

Nestas obras de homenagens, no qual muitos ilustres colegas encarregam-se da análise em profundidade de inúmeros aspectos do pensador Paulo Ferreira da Cunha, este artigo limita-se a apresentar o precioso acervo Cemoroc, construído continuamente, ao longo dos 20 anos em que temos tido o inigualável privilégio do convívio com a pessoa e os escritos desse grande mestre.

Muito obrigado, Professor Paulo Ferreira da Cunha!

Revista Internacional d'Humanitats 48 jan-abr 2020
CEMOrc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona

Aida Hanania – a fidalguia na universidade

Resumo: Notas da conferência de abertura do *XIX Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação* (27-2 a 7-3-19), evento em homenagem à Profa. Dra. Aida Hanania.

Palavras Chave: Aida Hanania. Estudos árabes. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da USP.

Abstract: Notes of the opening lecture of the XIX Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação, conference in homage to Professor Aida Hanania.

Keywords: Aida Hanania. Arabic Studies. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da USP.

Meu contato com o curso de árabe da Fflchusp

Por unanimidade, a homenageada do Cemoroc de 2019 é Aida Hanania, Professora Titular aposentada do Departamento de Letras Orientais da Fflchusp.

Fundadora do Cemoroc (e de seu predecessor o Centro de Estudos Árabes da FFLCHUSP), Aida sempre esteve à frente de importantes iniciativas editoriais, de eventos e de extensão de nosso Centro. A ela muito devemos, especialmente nos contatos internacionais e na projeção editorial, desde a fundação até hoje. Neste artigo, tratarei especialmente da relação de Aida Hanania com o Cemoroc, deixando para estudo de outro colega a análise de seus livros e de outros detalhes de sua carreira acadêmica.

Conheci a Profa. Aida em 1990, em uma condição privilegiada, que me foi propiciada pelo lendário Prof. Helmi Nasr. Nesse ano, eu tinha começado a cursar, como ouvinte, as matérias de língua e literatura árabe da Fflchusp, ministradas pelo fundador do curso, o Prof. Nasr, e desde a primeira aula, surgiu uma empatia e amizade que, ao longo do tempo – e até hoje – só iria crescer. Nasr, talvez já pensando em integrar-me à equipe do futuro curso de Pós, além das aulas regulares a que eu assistia, encarregou a Profa. Aida de me dar aulas particulares na própria Fflch.

Neto de libaneses e professor de Filosofia e História da Educação na Feusp, senti a necessidade de ampliar meus conhecimentos sobre a cultura árabe e resolvi ir à Fflch. Eu já tinha tido a experiência de cursar a Politécnica e a Matemática da USP (na qual me formei). A Poli, para alguém vocacionado para Humanas, foi um erro de adolescente que gostava de matemática. A matemática foi minha interface para a Filosofia. Cheguei a começar um mestrado em Álgebra Linear que, felizmente, troquei pela carreira em Filosofia da Educação.

Como professor doutor e beirando os 40 anos, a experiência de cursar árabe como aluno foi deliciosa. Por um lado, resgatar a experiência básica de estudante: conjugar verbos em voz alta junto com a classe, chamada oral, lição de casa, convívio com os colegas, pão de queijo na cantina no intervalo... Com minhas próprias dificuldades em alfabetizar-me em árabe, meu respeito pelos alfabetizando brasileiros cresceu muito: ainda hoje quando no noticiário da TV aparece alguma legenda em árabe, tenho que dar um “pause” para vagarosamente tentar decifrá-las. Aprendemos de cor alguns textos: a *fatiha* do Alcorão e algumas poesias da *jahilyiah*, entre outros.

O ambiente era um capítulo à parte: de um lado, o prédio da Letras; do outro, o da Filosofia e Ciências Sociais; no meio, a lanchonete, uma pororoca compartilhada por ambas as tribos, muito diferentes. Caricaturizando, os alunos da filosofia e sociais eram de cara amarrada, como compete a intelectuais responsáveis pela erradicação da ditadura; os da letras, encarnavam o mesmo ideal antiditadura, mas de um modo um tanto hippie, “bicho-grilo” (como se dizia na época), descontraído, colorido e alegre. Era interessante notar o faro sociológico dos garotos pedintes da favela adjacente à USP: concentravam-se todos do lado da Letras (onde recebiam dinheiro e lanches em abundância) e nem ousavam pedir aos intelectuais do outro lado...

Nas turmas das classes de árabe, em geral em torno de uma dúzia de alunos, havia de tudo: uma idosa que frequentava simultaneamente (com aproveitamento duvidoso) inúmeros cursos da Letras; uma mocinha ardorosamente apaixonada pelo Emir do Kuwait, Jaber Al-Ahmad Al-Sabah; um muçulmano que protestava contra as mini saias das colegas etc. Durante o Ramadã, todos combinávamos – em respeito aos colegas muçulmanos – de não comer nem beber nada nas aulas: nem chiclete ou balinhas, nem mesmo água.

Ainda havia naquele tempo grandes professores, de elevada estatura humana e intelectual, como Alfredo Bosi, Antônio Cândido, Boris Schnaiderman, Davi Arrigucci, Ítalo Caroni, Massaud Moisés...; alguns deles viriam a colaborar muito com o Cemoroc: María Concepción Piñero Valverde, Mario Bruno Sproviero, Pedro Garcez Ghirardi e, claro, Helmi Nasr e Aida Hanania.

A Letras era, para mim, um laboratório antropológico: cursar árabe, grego e hebraico era uma experiência muito interessante; parafraseando McLuhan, “o modo era a mensagem”, cada curso como que seguia o estilo próprio do tema: as aulas de grego eram dadas de acordo com a racionalidade *logos* grega; as de árabe, mais soltas, de acordo com o *ma'na*... Afinal, em árabe a palavra para designar esquisito, excêntrico, exótico é *garyb*, que também significa ocidental...

Aida era o equilíbrio. Como o Líbano, o encontro e a harmonia da conjunção do melhor de dois mundos: o Oriente e Ocidente. Apaixonada pela França, fez o mestrado e o doutorado em Literatura francesa: sobre o teatro de Georges Schehadé, autor libanês que vivia alternadamente na França e no Líbano. Aida viria a fazer um estágio de aperfeiçoamento em Paris, em 1982, em preparação para o doutorado. Já para a livre docência seu tema foi a Caligrafia Árabe; para o concurso de Titular, o papel da imagem para a tradição árabe islâmica.

Disorientamento: em meio à barbárie

Domenico de Masi, em recente entrevista a Roberto D'Avila (2/1/2019), diagnosticando os problemas de nosso tempo, insiste, uma vez mais, que a sociedade padece de um mal próprio, que é sua condição fundamental: a desorientação. Todas as sociedades anteriores, bem ou mal, nasceram com base em um projeto teórico prévio; a nossa, a da transição da sociedade industrial para a pós industrial, carece de referências: simplesmente surgiu e está aí, sem um projeto, sem objetivos. “E, assim, sem um modelo de referências, é difícil dizer se uma coisa é bela ou feia, se um quadro de Picasso ou Pollock é bonito ou feio, se um telejornal fala a verdade ou mente (...). Na Itália, ficamos debatendo por 14 anos, para decidir se uma jovem que estava em coma deveria ser considerada morta ou viva!! Não sabemos como tomar nossas decisões e não sabemos como julgar as coisas”. (<https://www.youtube.com/watch?v=NgtAu2LONFg>)

Na contramão dessa sociedade desorientada, Aida Hanania sabe muito bem tomar decisões, como julgar as coisas, discernir o verdadeiro do falso, o bem do mal, o belo do feio. Sabe distinguir os valores e vivê-los. Essa rara qualidade é o que antigamente se chamava de distinção, uma pessoa distinta, o que nada tem que ver com dinheiro, grifes etc. (na verdade, nada é menos distinto do que o filisteísmo do novo rico...). É lhe conatural a classe, a elegância, a *finesse*, o bom gosto, o decoro (no sentido de que as coisas estejam adequadas), tudo isso com a, também conatural, simplicidade (selo de credibilidade da verdadeira nobreza), a anos luz de qualquer afetação ou esnobismo.

Na mesma linha de De Masi, Julián Marías, na famosa conferência “A Moralidade Coletiva” (Madri, 1998), também aponta a desorientação como principal mal de nosso tempo. Não é, diz ele, que nossa sociedade seja mais imoral do que em outros tempos, não! “o que acontece realmente é que se trata de uma época de muita desorientação. Há muitas pessoas que na realidade não sabem bem a que se ater”

E imediatamente junta algo extremamente importante para nossa análise: com o “*no saber a qué atenerse*”, o império do vulgar leva ao desgaste ou até à perda semântica das palavras que indicavam refinamento:

Há um exemplo curioso dentre os sempre interessantes deslocamentos linguísticos. Antigamente, por exemplo, usava-se a palavra “honrado”, hoje praticamente fora de uso e a honradez era uma virtude que geralmente se estimava. A palavra “honesto” se aplicava, comumente, mais para as coisas de tipo sexual. Por influência do inglês - o inglês é uma língua que atua enormemente sobre os que não a sabem; os que a sabem percebem esses detalhes, mas os que não sabem inglês (que são multidão) sofrem uma influência do inglês -, e como em inglês *honest* é antes honrado (é a tradução mais aproximada - todas as palavras de estimação são muito difíceis de traduzir: como se diz “*fidalgo*” em outra língua? E *gentleman*...?), mas certamente há o sentido primário de *honest*, que é “honrado”, “sincero” etc. Agora, então, emprega-se “honesto” (em vez de honrado). E “honrado” está esquecida, é uma palavra que se usa pouco, para não falarmos da palavra “honra”, essa sim que quase já saiu de uso embora seja a mais importante. E isso afeta à situação da moral...

(www.hottopos.com/videtur5/a_moralidade_coletiva.htm)

Quando o ordinário torna-se o padrão, caem em desuso ou perdem sua força palavras como honradez, decência, fidalguia, *gentleman*...

Para caracterizar a Profa. Aida Hanania, fidalguia parece-me a palavra mais adequada. Aliás o seu “lema”, como pessoa, professora e chefe do Departamento, é: “que as coisas estejam adequadas!” Insisto: não se trata de *status* ou dinheiro, mas de uma qualidade do ser: “*grandes dames*” são Catherine Deneuve, Bibi Ferreira ou Fernanda Montenegro, mas também Dona Ivone Lara ou a divina Elisete Cardoso. Parafraseando Riobaldo: “Nobreza – o senhor sabe – não se tira das coisas feitas ou perfeitas: ela rodeia é o quente da pessoa”.

A etimologia da palavra fidalgo, todos sabem, é filho de algo (e não de um zé ninguém...). Mas, o *algo*, por sua vez, traz suas surpresas: algo vem do latim: *aliud quid*, outro “quê” ou, o que é o mesmo, “outra coisa”. O que deixa de surpreender-nos quando lembramos que nós mesmos dizemos: “gente fina é *outra coisa*”. Claro que fidalguia não tem que ver com dinastias nobiliárquicas (embora toda a família Hanania seja uma aristocracia da inteligência...), mas ser outra coisa em relação à grosseria vigente e onipresente.

Com naturalidade e sem nenhuma afetação, a fala de Aida é de total correção (a gramática, a adequação e riqueza do léxico são-lhe conaturais), nesses 30 anos nunca ouvi dela uma única gíria ou um palavrão (embora em algumas situações da vida acadêmica nós outros estivéssemos convencidos de que o palavrão fosse não só

oportuno, mas necessário – lembro-me muito bem que até o Papa Francisco já deixou escapar um, aqui no Brasil...).

Fidalguia é – ao contrário do que pensam e praticam os “bacanas babacas” (desculpem, esta foi só dar uma “zoada” em nossa homenageada) – não humilhar os menores (um subordinado, um aluno...), mas valorizá-los e tratá-los com deferência...

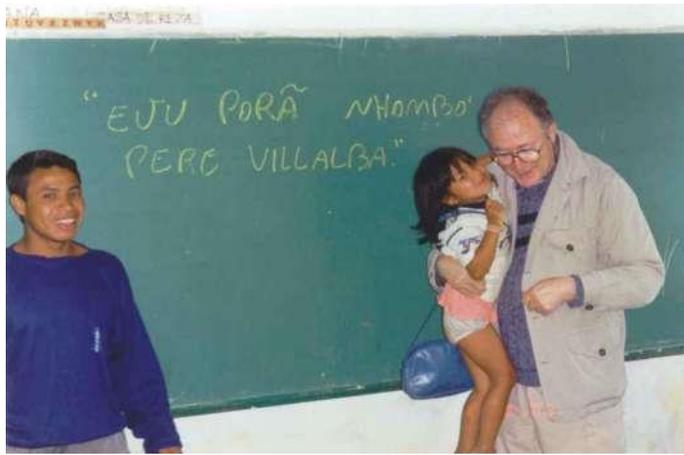
Fidalguia e anfitrião. Graças à Aida nunca tivemos problemas em receber os muitos convidados estrangeiros do Cemoroc nestes anos: fluente em diversas línguas (e com os requintes de finura de cada uma delas...) e fluente em acolhimento, generosidade e bom gosto, Aida tem liderado com maestria nosso relacionamento internacional, como detalharei um pouco nos próximos tópicos.

Um episódio ilustrativo, entre tantos... Em 2003, um dos mais ilustres intelectuais europeus, o catalão Dr. Pere Villalba, parceiro de primeira hora do Cemoroc, vinha visitar-nos no Brasil e manifestou seu desejo de passar um dia em uma aldeia indígena (!). Cerca de um mês antes, lá fomos Aida e eu visitar a aldeia guarani de Parelheiros (Aldeia *Tonendé Porã*) para conversar com o cacique sobre essa possibilidade (que viria a concretizar-se no mês seguinte).

Sabíamos que a aldeia era muito pobre (miserável mesmo) e Aida quis levar alguns presentes: não só de farta cesta básica, mas também doces refinados, para que aquelas crianças pudessem – ao menos uma vez – experimentar algo diferente.



Nem é preciso dizer que o professor catalão foi muitíssimo bem recebido pelos guaranis. Em profundo artigo de reflexão antropológica e filosófica “Ará – Índia guaraní” (<http://www.hottopos.com/rih7/pere.htm>), ele mesmo descreve sua experiência com nossos indígenas.



A pré história do Cemroc: o Centro de Estudos Árabes da FFLCH

Em 1992, num Congresso realizado na USP por ocasião do quinto centenário da descoberta da América, o Centro de Estudos Árabes recebeu duas professoras do *Departamento de Estudios Árabes e Islámicos* da *Universidad Autónoma de Madrid* – Dra. Aurora Cano (então Chefe do Departamento) e Dra. Nieves Paradela – e Aida estabeleceu com elas as bases do que viria a ser uma longa e fecunda cooperação entre nossos Centros.



Nieves Paradela - <https://www.youtube.com/watch?v=B-PnuCXP0IE>

Aurora Cano era simplesmente a maior autoridade mundial nos “*Fondos Árabes*” de *El Escorial* e – como pude constatar *in loco* em 1998 – era ela a pessoa que mais conhecia as preciosidades medievais da Biblioteca do famoso mosteiro. Nessa visita a Madri, para firmar novas parcerias do Cemroc, o Prof. Mario Sproviero e eu fomos tratados como reis, porque as espanholas queriam retribuir a hospitalidade que tinham recebido da Aida...

Já em 1996, começamos algumas parcerias em coedição com a *Universidad Autónoma de Madrid*, duas modestas séries: *Cuadernos de Cultura y Ciencia* e *Colección Textos y Estudios*. Em 1998, começaríamos nossa revista *Collatio*, também com a UAM.

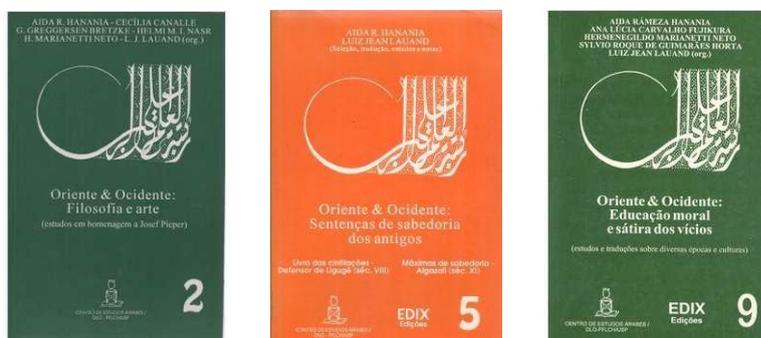
Antes disso, porém, em 1993, ainda no Centro de Estudos Árabes da USP, começamos a realizar dois projetos importantes: a *Revista de Estudios Árabes* (REA) e a coleção de livros *Oriente & Occidente*.

De sua viagem a Paris, em 1993, para um estágio (que hoje chamaríamos de Pós Doutorado), Aida aproveitou para cursar caligrafia árabe com Hassan Massoudy, o maior calígrafo do mundo, e obteve do mestre iraquiano um presente: o nome da revista (em árabe) grafado pelo artista e que, claro, viria a ser a nova capa da REA.



Em seus seis números, Aida obteve para a REA preciosidades – entrevistas, artigos e conferências – de autores como Antônio Houaiss, Evanildo Bechara, Milton Hatoum, Jamil Almansur Haddad, Hassan Massoudy, Roshdi Rashed (então diretor do CNRS de Paris), entre tantos outros.

A coleção Oriente & Ocidente contou com 10 volumes



Quando digo que publicamos isto, isto e mais aquilo, não se pense que contávamos com suporte financeiro institucional: cedo aprendemos que não poderíamos depender da imensa burocracia da USP (para uso de suas gráficas ou verbas...). Cedo também descobrimos que tampouco poderíamos contar com nossa (rica) colônia, nem sempre sensível a iniciativas acadêmicas e culturais... Realizávamos os projetos sob o estímulo (e a generosidade pessoal) do Prof. Nasr. E “rachando” os custos entre os diversos autores de cada livro, dirigindo as edições para os alunos, que se interessavam e compravam a maior parte das limitadas tiragens. Aida e eu, além da direção editorial, nos encarregávamos também de negociar com as gráficas (cujo ambiente não era precisamente dos mais refinados...), do transporte dos livros etc.

Hoje, nesta retrospectiva, nem sei como tínhamos ânimo para toda essa trabalhadeira... Estávamos também entusiasmados pois o Curso de Árabe iria ter seu próprio mestrado e toda contribuição acadêmica, científica ou literária era mais do que bem vinda.

Um dia, numa aula em 1991, o Prof. Nasr propôs um exercício para ocupar a classe e dirigiu-se particularmente a mim, para dizer que o Curso de Árabe tinha planos de abrir um Curso de Mestrado e que ele e a Aida contavam comigo. Eu respondi-lhe que não sabia se me encontrava à altura de acompanhar aquelas aulas de Pós. Ao que ele replicou: “Não, contamos com você como professor...!”. Passado o susto inicial - e com a garantia de que ele e a Profa. Aida se encarregariam de complementar minha formação e de que eu poderia estabelecer em minha disciplina relações com o Ocidente Medieval -, aceitei. Esse mestrado começou em 1995 e, “de fora”, estávamos o saudoso Prof. Dr. Fernando Mourão (do Centro de Estudos Africanos) e eu.

Ainda dessa época, uma recordação especialmente grata é a do artigo “Tom Jobim e a poesia árabe”, que Aida e eu publicamos em 17-8-91 no “Jornal da Tarde”, analisando a genial canção “Águas de Março”.

Procurávamos mostrar que, nessa poesia, Tom seguia o “sistema língua/pensamento árabe” (Lohmann), que em vez dos longos e complicados discursos ocidentais, trabalha com um rápido e cortante suceder de flashes, em frases nominais, provenientes de uma imaginação fulgurante com a irresistível força da imagem concreta. Assim, uma cena, digamos, como a de abater um pássaro, seria, no limite, descrita por um ocidental nestes termos: “Estava um pássaro a voar no céu, quando eu o vi. Ora, ao vê-lo, interessei-me por ele e, portanto, dado que dispunha de uma atiradeira, muni-me de uma pedra, mirei-o, disparei a atiradeira a fim de atingi-lo; de fato atingi-o e, portanto, ele caiu, o que me possibilitou apanhá-lo com a mão”. Já o árabe, tende a apresentar essa mesma cena do modo como o faz Tom Jobim em “Águas de Março”: “Passarinho na mão, pedra de atiradeira”. Os enlaces lógicos ficam subentendidos por detrás da sucessão de imagens. E o mesmo ocorre, por exemplo, com este outro verso da mesma canção: “carro enguiçado, lama, lama” (em clave ocidental: “O carro enguiçou devido à avaria provocada por excesso de lama”...). Etc.

E fazíamos a comparação concreta com uma poesia clássica da tradição árabe, de Qus Ibn Sa’ida, que apresentava o estilo de pensamento que reencontrávamos em Águas de Março.

Algum tempo depois da publicação, o erudito jornalista Luiz Carlos Lisboa, então do “Jornal da Tarde”, quis emocionar-nos contando que tinha levado o artigo para Tom Jobim nos Estados Unidos e que Tom tinha apreciado muito saber de seu “lado” árabe...

E treze anos depois, o conhecido jornalista, crítico de arte e escritor Antonio Gonçalves Filho escrevia no Estadão (6-6-2004, p. 16):

Muito antes desse “boom” literário, grandes compositores como Tom Jobim já haviam descoberto o poder de sedução do pensamento árabe – rápido e cortante, como observaram os professores Aida Hanania e Jean Lauand, ao analisar a letra de Águas de Março. Ela revelou uma curiosa referência a uma composição de um poeta árabe de 1500 anos atrás, Ibn Sa’idah. Como se vê, Jobim nunca desprezou a tradição. Ainda assim, estava adiante de seu tempo.

As recentes atividades de Aida no Cemoroc: formação de professores e alunos da escola pública

Trabalhando ativamente, ao longo de todos esses anos, em todas as nossas revistas – atualmente mantemos: *International Studies on Law & Education*, *Revista Internacional d’Humanitats*, *Notandum* e *Convenit Internacional* – Aida também tem colaborado como autora de dezenas de preciosos estudos, em geral sobre temas árabes e, dentre estes, especialmente os de sua especialidade: a caligrafia, o teatro, a literatura, o papel da imagem para a cultura árabe etc.

Dispensamo-nos de escrever sobre eles, pois em 2017, por ocasião dos 20 anos de existência formal do Cemoroc, pedimos a nossos principais autores que fizessem, uma retrospectiva, uma “selfie” de sua produção em revistas do Centro e a própria Aida brindou-nos com essa sua recapitulação no artigo “Artes e cultura árabes – meus estudos em revistas do Cemoroc 1997-2017”, que se encontra em ISLE 25/26: <https://www.youtube.com/watch?v=2Bb2kdg9mSI&t=4127s>.

A partir de 2012, por iniciativa da – também nossa diretora – Profa. Dra. Chie Hirose, o Cemoroc assumiu formalmente a missão de formar professores da Escola Pública. A própria Chie é um caso raro: possuindo mestrado pela Universidade de Hiroshima, doutorado e dois pós doutorados na Feusp, nunca abdicou de sua atividade profissional principal: professora de Fundamental I em escola da Prefeitura de São Paulo. Aida, generosamente como sempre, integrou-se a esse projeto, que é uma das prioridades atuais de nosso Centro.

Assim, nestes 8 anos, o Cemoroc tem organizado muitos eventos – seminários, conferências, encontros, aulas etc. – para professores e alunos das escolas públicas de São Paulo.



Aida, Chie e JL (sentado) em curso de doutorado na Feusp (2018)

Aida, sempre se disponibiliza para trabalhos voluntários. Por exemplo, em nossa revista *Notandum* 30 (<http://hottopos.com/convenit21/05-14Aida.pdf>), ela recolhe sua experiência (de 2007) no trabalho voluntário no Brasil (convocada que foi pela ONU) com refugiados palestinos, uma questão que, infelizmente, vem ganhando crescente atualidade. E, a partir dessa vivência, analisa a interação das duas culturas...



Aida com professores da rede de S. Caetano do Sul (março de 2018)

Em nosso programa para a formação de professores, destaco, só para ficar com um par de eventos ainda recentes: as quatro memoráveis conferências que proferimos para centenas professores da Prefeitura de S. Caetano do Sul e as conferências (traduzidas e dialogadas em Libras) sobre língua e cultura árabes para professores e alunos surdos da EMEFM Vereador Antonio Sampaio, de São Paulo.



Conferências sobre Cultura Árabe para professores e alunos surdos na Escola municipal (novembro 2017)

Causou extraordinário impacto para os estudiosos, as relações de semelhança que Aida e seus alunos surdos (a escola, no caso, era um polo de inclusão) entre o gênio da língua árabe e Libras. Os surdos ficaram maravilhados, por exemplo, com convergências como: ausência do verbo ser como verbo de ligação, o uso da frase nominal etc.



Conferência sobre Língua Árabe para professores e alunos surdos na escola municipal (novembro 2017)

Encerro estas lembranças e considerações, recordando que, em algumas vezes (e este me parece ser bem o caso), diante da grandeza da pessoa homenageada, o verdadeiro homenageado é quem presta a homenagem (e não quem a recebe...)

Muito obrigado.

A têmpera da Profa. Dra. Silvia M. Gasparian Colello

Resumo: Notas da conferência de abertura do XIX Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educa o, evento em homenagem   Profa. Dra. Silvia M. Gasparian Colello.

Palavras Chave: Silvia Gasparian Colello. Faculdade de Educa o da USP.

Abstract: Notes of the opening lecture of the XIX Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educa o, conference in homage to Professor Silvia M. Gasparian Colello.

Keywords: Silvia Gasparian Colello. Faculdade de Educa o da USP.

A Feusp de então

Por unanimidade, a homenageada do Cemoroc de 2018   Silvia M. Gasparian Colello, Livre Docente S nior da Faculdade de Educa o da Universidade de São Paulo. Neste evento também, ocorre sua nomea o oficial como Diretora Acadêmica de nosso Centro.

Esse modesto reconhecimento que lhe prestamos d -se no início de uma nova fase de sua carreira na Feusp, agora como professora S nior. Outra coincidência   o aniversário redondo de seu ingresso na Feusp, em 1978, como aluna. Na Feusp faria, com brilhantismo, o mestrado, doutorado e, em 2015, a Livre Docência.

Nesta conferência (e no correspondente artigo) vou, como testemunha, ater-me mais às qualidades pessoais e   sua trajetória na Feusp, amparado no fato de que, recentemente, publicamos um artigo da própria autora, a insistentes pedidos do editor (<http://www.hottopos.com/isle25/123-130Silviag.pdf>), destacando o histórico de sua produ o anterior   sua nomea o como professora S nior da Faculdade.



A Faculdade de Educa o da USP, como tal,   muito recente: começou a funcionar em 1970 (criada pelo Estatuto da USP de 15-12-1969). Eu ingressei no mestrado da Feusp em 1976; Silvia, como aluna da gradua o em 1978 e claro que, então – como   t pico dos brasileiros e paulistas – nem repar vamos nas grandes mudanças que protagoniz vamos na USP e na Feusp. Lembro que em 1997 e 1998, em viagens para a Europa, para fundar estas revistas do Cemoroc (já nascidas em parceria com universidades do Velho Mundo) perguntava aos colegas dessas institui es, se poderíamos pôr nas capas das revistas uma indica o de que se tratava de edi es comemorativas dos 30 anos da Feusp e que a Dire o estava empenhada em celebrar

essa data. Alguns deles ficavam surpresos de que esses brasileiros comemorassem 30 (!!) anos. Um professor de Friburgo (Alemanha), sorrindo, respondeu-me: “Sim, claro, mas nós estamos aqui desde 1457!” E ao visitar Coimbra (1290) e o Mosteiro de Mont Serrat (século XI), nem me passou pela cabeça mencionar os vinte e tantos anos de minha Feusp.

Em 1982, recém formada, Silvia começou seu mestrado no ainda incipiente curso de Pós Graduação da Faculdade, com a Profa. Dra. Maria da Penha Villalobos e, com a aposentadoria desta, passou a ter como orientadora a Profa. Dra. Maria de Lourdes Ramos da Silva. Nesse mesmo ano, passou de aluna a professora da Feusp (a mais jovem professora da história da Feusp)!

Evocar alguns aspectos da – então também extremamente jovem – Feusp ajudar-nos-ão a compreender a época do início da carreira de nossa homenageada.

Hoje seria impossível que alguém que não tenha ao menos doutorado, possa se candidatar a docente na Feusp, mas a maioria dos que ingressamos naquela época não tínhamos nem concluído o mestrado. Isso era natural: se nestes últimos anos temos na Feusp em média 600 alunos cursando mestrado e doutorado (e cerca de 120 docentes credenciados a orientar), os aprovados no exame escrito da Pós em 1975 éramos apenas 22 (quatro de nós viriam a ser logo contratados como professores). Sei do número exato porque até fomos honrados com a publicação de nossa aprovação pelo Estadão (28-02-1975).

Eram outros tempos, tempos de juventude, dos começos da Faculdade. E de vibrante ambiente acadêmico. Por mais acentuadas que fossem as vicissitudes políticas daqueles anos, em geral a Feusp abrigava uma convivência, na qual as divergências políticas pesavam menos do que “*las internas*”. “*Las internas*” é uma expressão que aprendi em conversas com colegas em um congresso em Buenos Aires; lá, eles dispõem dessa palavra específica para indicar as lutas e disputas intestinas (ao que parece, universais) que ocorrem dentro de um Departamento, Faculdade ou Universidade (acabei perguntando, quando ouvi que o prof. Fulano tinha ido parar no hospital por causa de “*las internas*” e me explicaram, rindo, que não se tratava de fetiche por enfermeiras...). E conviviam, por exemplo em nosso Departamento (o EDF, Filosofia e Ciências da Educação), grandes intelectuais de orientações ideológicas antagônicas como Roque Spencer Maciel de Barros ou Nicolas Boer (para citar dois dos nomes do grupo mais ligado ao Estadão) e José Mário Pires Azanha ou Celso de Rui Beisiegel.

Muitos de nossos professores eram formais (até no modo de vestir: por exemplo, para os quatro citados acima, terno e gravata era o traje cotidiano obrigatório). Lembro-me que Nicolas Boer, meu orientador de doutorado, apesar de ser um querido amigo, quando queria se comunicar comigo, valia-se sempre da Secretária da Pós (só quando obtive o título de doutor, ele passou a telefonar-me diretamente...).

As arguições em bancas eram, por vezes, muito duras: não estava estabelecido o padrão suave e até carinhoso que predomina hoje. Lembro-me de que na minha banca de Livre Docência, um dos professores (embora fosse muito meu amigo) começou a arguir (uma arguição duríssima!), dizendo que estranhava que o colega que o precedera tivesse feito elogios: que banca era para julgar e, sempre que necessário, para reprovar!

Nos velhos tempos, a USP era muito mais respeitada. Com a aposentadoria do grande medievalista Ruy Afonso da Costa Nunes, tive que sucedê-lo na cadeira História da Educação na Idade Média e vim a saber que a preciosa coleção da Patrologia do Migne (centenas de volumes *in folio* de textos dos Padres Gregos e Latinos) tinha sido comprada, se não me engano em 1962, para o acervo da Biblioteca (então ainda

Departamento de Educação da FFCLUSP) de uma só vez e fora do orçamento da Faculdade. Ruy Nunes soubera da oportunidade de adquirir a coleção em uma livraria europeia e, com um mínimo de procedimentos burocráticos, o governo autorizou toda a verba. Aquilo que, na época, se resolveu com um par de telefonemas, hoje requereria todo o orçamento da Biblioteca por décadas e nem haveria interesse, pois não há mais uma cadeira de Medieval, nem tantos cultores do grego e do latim... Não tenho dúvida de que a decadência da universidade caminha *pari passu* com a crescente burocracia imposta pelos governos externos e, por vezes, pelo interno: o insaciável afã de controle, de avaliações, de reuniões, papelada etc. para não falar da agenda oculta de dominação pelo pesado mecanismo que gera montanhas de exigências para que todos estejam vulneráveis e, portanto, sujeitos, em última instância, à arbitrariedade dos que controlam o sistema, a “máquina”!

Eram outros tempos de relacionamento: era muito fácil, por exemplo, obter carona na Cidade Universitária, com o clássico gesto do polegar. E eu lembrava-me jocosamente da sentença de Santo Tomás de Aquino de que em uma comunidade de pessoas virtuosas, não seria necessária a punição da lei: nunca, em décadas, soube de uma única multa de trânsito aplicada no campus!

O currículo da Feusp naquela época era muito diferente: continha requintes como um semestre inteiro, com 4h/semana, para História da Educação na Antiguidade; outro, só para Medieval; outro, só para Renascimento etc.; continha uma carga intensa de psicologia e sociologia e quatro semestres para Filosofia da Educação! Um currículo voltado para a efetiva constituição do educador: uma formação mais voltada para a complexidade da cultura educacional do que propriamente para a aquisição de um *know how* técnico de professor.

Para mim, não foi totalmente teórica e abstrata a redação de minha tese de doutoramento sobre “O que é uma verdadeira universidade”, no pensamento do filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper. Pieper que propõe que a universidade deve estabelecer a conexão global de uma realidade qualquer com o todo do real (segundo a própria etimologia de *universitas*); instituição que realiza precisamente isso que é, por definição, o próprio espírito humano. Era a vivência (em contados casos) de aulas com alguns professores de notável erudição (especialmente em nosso Departamento) e que, além disso, bem sabiam estabelecer essas conexões em aulas riquíssimas e deliciosas. Meu orientador de doutorado, por exemplo, o já mencionado Dr. Nicolas Boer, era editorialista de Política Internacional e de Religião do Estadão. Em suas aulas de Sociologia para o doutorado, discutindo um editorial seu sobre Igreja no Brasil, em meio a vertiginosas, geniais e inesperadas associações (como por exemplo entre o Imperador Justiniano, a *Nomenklatura* soviética, a *Ersatzreligion* de Jaspers e o *Récit sur l'Antéchrist* de Soloviev) eram permeadas de sutis trocadilhos em latim ou alemão, sem se dar muito ao trabalho de explicar detalhes. Ele não estava preocupado em “cumprir o programa” ou transmitir informações arrumadinhas; o que tínhamos (os poucos alunos que haviam escolhido cursar aquela disciplina) era um espetáculo de inteligência e de espírito universitário: aquela *Offenheit für das Ganze*, a abertura para a totalidade, de que tratei em meu doutorado. Certamente ele preparava as aulas mas, na hora, seguia mesmo era o fluxo de pensamento do momento, pedindo, por vezes, ajuda à classe: “- Como se chama aquele russo?” “- !??” “O russo do *Récit*?” Quando alguém acabava respondendo (no caso: Soloviev) ele sorria, realizado, ao dar-se conta de que havia pelo menos um aproveitando 100%.

Mais do que tais e tais conteúdos, aprendíamos a pensar, a tal *Offenheit*. E é por isso que, há pouco, lembrei-me tão facilmente – mais de trinta anos depois – de

uma torrente de associações em uma aula do Boer; embora de outras disciplinas que cursei e de seus professores nem lembre o nome... Por isso, ao indicar matrícula para meus orientandos, sempre que possível tenho seguido este critério: o assunto é secundário, curse disciplinas com um (autêntico) professor universitário, mesmo que (digo jocosamente) ele esteja dando um curso sobre Empadinhas. Como se faz a massa, o tempo e a temperatura do forno é assunto para colegial (como diria o mesmo Boer); em um curso universitário o que se vai discutir é se a azeitona é natureza ou cultura (ou talvez a dialética natureza-trabalho...).

Tudo isto, infelizmente, está a anos luz das “aulinhas *power point*” que infestam tantas (pseudo) universidades de hoje! (nada contra o *power point* em si, eu mesmo o uso por vezes, quando conveniente; o problema está nas aulinhas...)

Outro luxo da época em que ingressei como mestrando, eram os gabinetes dos professores, no antigo prédio, projetado para alojamento de bolsistas do CRPE (Centro Regional de Pesquisas Educacionais) e que dispunham do espaço completo de uma ampla suíte. Ainda hoje, continuam servindo, em lugares determinados da Feusp, algumas mesas e cadeiras daquele antigo prédio.



O antigo prédio - <http://www2.fe.usp.br/estrutura/cme/curiosidades.html>

Nem se sonhava com computador; nosso material didático era feito com base no estêncil a álcool ou, nos casos mais sofisticados, no mimeógrafo a tinta e, depois, nas precárias fotocópias, precursoras das atuais xerox. Meu primeiro livro, *Educação, Teatro e Matemática Medievais* (Perspectiva-Edusp), de 1986, foi impresso com as placas de chumbo do Gutemberg. Na segunda edição desse livro, pude contar com um valioso capítulo de Sílvia, com quem, por razões que explicarei no próximo tópico, dividia esse curso.

As nossas teses eram escritas com máquina de escrever – as máquinas elétricas eram um luxo recente – e as ilustrações eram aplicadas com tesoura e durex! Anos mais tarde, lembro-me que a dissertação de mestrado da Sílvia foi um dos primeiro trabalhos com impressão a laser a dar entrada na biblioteca da FEUSP, uma inovação para a época!

Por outro lado, já naquele tempo, escrevíamos muito para jornais. Como disse, havia na FEUSP alguns professores ligados ao Estadão e, incentivado pelo Prof. Dr. Roque Spencer Maciel de Barros, desde o começo do mestrado, publiquei diversos artigos no “Suplemento Cultura” do Estadão e, depois, no Jornal da Tarde (então um

jornal importante do grupo Estado) e no “Caderno de Sábado” do JT. Lamentavelmente, como reflexo do distanciamento entre a universidade e a população, trabalhos jornalísticos, que tanto favoreciam a formação de opinião pública e a prestação de esclarecimentos, deixaram de ser valorizados. Por isso, hoje, o pesquisador, muitas vezes, se vê condenado a dialogar apenas com seus pares pela via de artigos técnicos e revistas científicas.

A parceria com Silvia Gasparian Colello

Em meu primeiro ano como docente da Feusp (1981), fui encarregado de lecionar Filosofia da Educação para o 4º. ano de Pedagogia. Aquela era uma classe de elevado nível intelectual e humano e, pela seriedade e inteligência, destacava-se a aluna Silvia Gasparian.

No Departamento, desde o começo, sempre gozei de ilimitada liberdade. O acolhimento e a sintonia com a turma permitia certas “heterodoxias”. Lembro-me de que dediquei boa parte do curso à comparação entre Platão e Paulinho da Viola (uma associação presente em minhas pesquisas até hoje) e de que, em uma aula, indiquei às alunas que comprassem o JT do sábado seguinte, pois nele estaria a base para nosso próximo seminário: um longo artigo do professor sobre o tema (cf. <http://www.hottopos.com/geral/naftalina/poet.htm>). Naturalmente, Paulinho da Viola comparecia nas aulas em discos de vinil, solicitando um toca discos para o setor de Áudio Visual...

Em outra ocasião memorável, levei para nossa sala de aula um “laboratório” de poesia: o incomparável poeta popular José Gilberto Gaspar, que durante horas tocou-nos profundamente com suas canções, poesias e “causos” do interior de Minas. Trinta e cinco anos depois, o poeta viria a encantar o país inteiro no *X-Factor Brasil 2016* da TV Bandeirantes.



José Gilberto Gaspar (ao violão) na Feusp:
I Seminário Internacional Cemoroc (2001)

O impacto dessa liberdade acadêmica logo se fez sentir pelo avanço dos alunos que, não apenas aprendiam a discutir, argumentar, defender pontos de vista e assumir posturas críticas, como também, a se aproximar do universo estético-literário: a arte e a beleza como ingredientes fundamentais na formação dos futuros educadores!

Para um professor iniciante, foi extremamente importante ser distinguido, ao final daquele ano, na cerimônia de formatura, com uma dupla homenagem: Paraninfo e Professor Homenageado da turma.

Penso que um dos melhores serviços que prestei à Feusp foi ter insistido com minha aluna Silvia, no final do ano letivo de 1981, para que ela concorresse ao mestrado, o que, no caso dela, seria um primeiro passo para uma provável contratação como docente.

E de fato, pela sua notável maturidade, humana e intelectual, já no ano seguinte, ingressou no Mestrado e foi contratada como Professora da Feusp, dando início a uma bela carreira de 35 anos. Nosso departamento, o EDF, Filosofia e Ciências da Educação, desde seu ingresso, confiou a ela – confiabilidade é uma marca registrada de Silvia Colello! – árduas tarefas para uma iniciante.

Embora desde o começo ela estivesse ciente de seus interesses acadêmicos – ligados a alfabetização e letramento – e da necessidade de focar neles, naqueles primeiros tempos éramos obrigados a atender a variadas exigências do Departamento e Silvia passou seus primeiros anos docentes colaborando com professores mais experientes e teve que lecionar: Métodos e Técnicas de Pesquisa Pedagógica, Filosofia da Educação I, II e IV; História da Educação Medieval (depois Medieval e Renascentista), Orientação Educacional etc.

Se isso era dispersivo, por outro lado, trouxe-lhe o benefício de obrigá-la a ampliar suas leituras e formação para áreas, como Lógica formal ou “Espelhos” medievais, que nada tinham que ver com seus interesses próprios. Sílvia superava a insegurança da situação que lhe era imposta com sua arma principal: trabalho, trabalho sério e árduo, oculto sob o bom humor, a serenidade e a leveza do trato; sem se queixar, como se se tratasse da coisa mais natural do mundo.

Essa situação problemática foi levada ao extremo no 2º semestre de 1984, quando os alunos de Filosofia da Educação II – disciplina na qual Silvia estava como assistente de um professor, particularmente intragável para os alunos. O caso foi tão sério que os alunos da noite fizeram uma greve de praticamente todo o semestre e acabariam reprovados em massa, pelo professor (um dos do grupo do Estadão). Essa greve foi objeto até de um artigo do importante jornalista Mauro Chaves “Terrorismo incultural da ditadura discente”, na p.2 de O Estado de S. Paulo de 15-11-1984, que refletia, do ponto de vista do articulista, o clima da Feusp durante esse caso:

“[os jovens são levados a] reagir sistematicamente contra tudo o que lhes parece imposto, por não ter passado pelo crivo de sua escolha, opção ou “eleição”.

[...]

Ocorre que até alunos do primeiro ano de nossas faculdades pretendem impor a seus professores programações de matérias em relação às quais, obviamente, são absolutamente ignaros. [Os professores sérios que não se acovardam] sofrerão amargamente os efeitos do terrorismo incultural da ditadura discente: serão pressionados pelas greves, pelas ‘exigências’ de seu afastamento, por meio de manifestos, de cartas abertas, cartazes espalhados por toda a escola, e até matérias publicadas nos jornais, por iniciativa dos alunos.

É isto o que ocorre, por exemplo, com o professor F. na Faculdade de Educação da USP, onde ministra a disciplina “Filosofia da Educação”. Os alunos do primeiro ano noturno, de seu curso, já estão em greve há cerca de oitenta dias, exigindo seu afastamento.

[...]

Em sua campanha para afastar F., os grevistas têm tido toda a liberdade de encher a faculdade de cartazes; têm tido a liberdade de invadir aulas de outros professores, obrigando-os a optar, por escrito, quanto ao afastamento ou não do professor de Filosofia da Educação... Etc. etc.

E no meio desse furacão, a recém ingressada Profa. Silvia Colello, que soube manter uma absoluta integridade ética e profissional nessa crise e até exerceu informalmente o papel de mediadora entre as partes.

O professor F. estrategicamente se aposentou em seguida, deixando uma notável dor de cabeça para o novo chefe do Departamento, o saudoso Prof. Dr. Celso de Rui Beisiegel. Para colaborar com a nova chefia, aceitei encarregar-me (simultaneamente!) dos dois enormes problemas: 1) a disciplina do professor F., que teve o dobro de alunos, todos muito “motivados” pela reprovação em massa (as aulas tiveram que ser dadas no Auditório da Escola de Aplicação, para comportar a multidão) e 2) assumir, pela aposentadoria do Prof. Dr. Ruy Nunes, a disciplina História da Educação Medieval (o EDF não dispunha de nenhum medievalista).

Nesta última, pude contar com a colaboração da Silvia como assistente. E lá vai a Silvia estudar Idade Média, para ajudar o novo professor encarregado... Como naqueles tempos não havia (quase) nada traduzido de textos de autores da educação da época, já no ano seguinte (1986) pude lançar meu primeiro livro: *Educação, Teatro e Matemática Medievais* – estudos introdutórios, tradução e notas, publicado pela Perspectiva em coedição com a Edusp. Alguns anos depois, a segunda edição veio enriquecida com um capítulo da Silvia: o “Manual para a educação de meu filho” de Dhuoda (século IX).



JL e Silvia Colello: uma parceria selada pela cooperação, respeito e amizade

Nosso curso de Medieval tinha também suas aventuras: todos os anos, Silvia e eu levávamos os alunos ao Mosteiro de São Bento, para uma aula com o monge Dr. Dom João Mehlmann.

Dom João, protótipo do sábio beneditino, era de longe o maior conhecedor da história e dos autores medievais (frequentemente convocado para bancas de teses na USP). Em todos os semestres, até seu falecimento, tendo em conta o fato de sua

condição de cadeirante, para que as turmas pudessem ter uma conferência com o especialista, em vez de levar Dom João para a USP, eu levava os 120 alunos ao São Bento (o Colégio, ao lado do Mosteiro) e eles tinham a oportunidade de ter acesso a – mais do que aos conhecimentos do palestrante na conferência, mero pretexto – um autêntico monge medieval, ao puro espírito de São Bento. A aula terminava pouco antes dos Ofícios de Vésperas e os alunos que quisessem, dirigiam-se à Igreja de São Bento para acompanhar a Liturgia das Horas em latim e com canto gregoriano. Todo um laboratório de cultura medieval, especialmente a figura do monge.

O que mais impressionava aquelas jovens alunas era o monge em seu *contemptus mundi*, imerso em São Jerônimo e Orígenes e totalmente alheio às incidências mundanas da atualidade. Um dia, levei para ele revisar os originais de um livro que tinha escrito. Como sempre, buscava aproximar a filosofia e a educação medieval da cultura contemporânea e mencionei um verso de Caetano: “Por isso uma força me leva a cantar” (da então, ainda recente, canção “Força Estranha”). Dom João leu, disse que estava bom, mas fez uma ressalva: “Caetano nunca disse isso!”. Estranhei e perguntei a qual Caetano ele se referia. Ele respondeu: “O cardeal Caetano, do século XVI, ora... Que outro Caetano há”? Do alto dos 1500 anos de sua Ordem, um dia explicou por que não se dedicava a se aprofundar no marxismo. Ele disse: “Quando eu era jovem, Pio XI disse que o marxismo era errado. Se está errado, pensei, não vai durar mais que 300 ou 400 anos. Não vale a pena perder tempo...”.

Nem é necessário destacar a requintada elegância e distinção com que Silvia recebia e cativava nossos convidados (até um monge meio ermitão como Dom João, uma vez comentou comigo sobre a educação, a classe e a cultura dessa minha colega e até deixou escapar, naquele seu realismo sem nenhuma malícia: “E é também muito bonita!”). (Desculpe, Silvia, de só agora contar isso para você!)

São pequenos detalhes, mas dignos de registro nesses tempos em que o relacionamento universitário, por vezes, tende mais para a vulgarização.

A têmpera de Silvia Gasparian Colello

“Normalidade”, não significa necessariamente qualidade comum ou corrente. Normal, no sentido que vou empregar aqui, é aquilo que é correto, saudável, bom... No exemplo do Houaiss, uma criança normal é “uma criança sem defeitos ou problemas físicos ou mentais” e uma boca *normal* tem todos os dentes sadios, embora seja absolutamente *comum* ter um par de cáries, dentes quebrados etc.

Assim, uma das principais qualidades de nossa homenageada é a *normalidade*, no sentido de ser uma pessoa ética, agradável, serena, bem humorada (e até divertida) com quem se pode contar, sem esquisitices; o que os jovens de hoje – um tanto maniqueisticamente – designam por “do bem”.

Entendamo-nos bem: sua inteligência, cultura, produção e competência, são muito acima do normal, mas nunca – nessas décadas de convívio – ninguém na Feusp presenciou um destempero, uma extravagância, um atropelo de colega, uma queixa de aluno etc. Começar a carreira e aposentar-se na universidade, tendo o respeito absoluto de todos, sem nunca ter se envolvido em “*las internas*” e isso sem abdicar de suas convicções – é a esta *normalidade* (qualidade rara em nosso meio acadêmico) que me refiro.

Essa incomum *normalidade* brota com tanta naturalidade que se corre o risco de tomá-la por qualidade secundária, que se dá *por supuesto, taken for granted* nos

poucos que a têm e, talvez, nem se percebe a sua importância. A presença sempre serena de Silvia, sua discreta solicitude muito contribuiu para a melhora da convivência no Departamento e na Faculdade.

Sou testemunha autorizada: durante muitos anos (até minha aposentadoria, em 2009) compartilhamos o gabinete 218 do bloco A da Feusp, para mim um enriquecimento acadêmico e humano inestimável. No clima muitas vezes frio da universidade, nossa sala era como um pequeno oásis, pois lá havia não apenas o árduo trabalho (o planejamento de aulas, a correção de trabalhos...), como também a acolhida calorosa aos alunos e orientandos, a conversa jogada fora, o frescor nos dias de calor, o biscoito partilhado na hora da fome. Aí pude continuamente comprovar que o convívio com Silvia Colello melhora o ambiente de trabalho, ajuda e estimula os colegas e alunos, ancorados pela seriedade acadêmica unida ao bom humor e à disponibilidade para ajudar e fazer crescer: naquele sentido de *educere*, fazer com que cada um extraia de si o melhor.

Nunca agradecerei suficientemente aqueles anos de convívio: de podermos expor, confiadamente, projetos, conquistas que eram saboreadas pelo outro; a paciência com que permitia que eu fumasse no Gabinete (naquele tempo podia-se fumar até em sala de aula) etc.. Das conversas descontraídas, corriqueiras e divertidas, por vezes brotavam inesperadamente poderosas ajudas acadêmicas: como aquela em que, a partir do gosto comum por Tintin e Asterix, acabei me apropriando, para uso em sala de aula, do exemplar de “O combate dos chefes” de Asterix, que pertencia à Silvia (na verdade, ainda preciso devolver...).

Depois de participar de sua banca de mestrado, doutorado e concurso de ingresso à carreira docente (efetivação), pude também fazer a arguição de sua Livre Docência. Nessa oportunidade, refletindo sobre a personalidade acadêmica da candidata, não encontrei melhor caracterização do que falar da *têmpera* de Silvia, naquele sentido original de *temperare*.

Temperar – do latim *temperare* – é formar um todo harmônico com elementos diversos. A alface, o tomate, a cenoura estão ali meio insossos; ao ajuntar o azeite, o sal etc. obtém-se um todo harmônico. O ferro unido ao carbono, na proporção certa, dá o aço temperado; a confluência de fatores de personalidade dá o temperamento (é etimologicamente incorreto dizer que uma pessoa agressiva ou destrambelhada é temperamental; ela pratica, isso sim, um *destempero* verbal ou fático).

Essa *têmpera* é muito nítida em Silvia Colello: seriedade, mas com a devida flexibilidade e transbordante bom senso; rigor acadêmico em comunicação amigável; profundidade teórica e pés no chão; formação clássica e atualização (ela é até inovadora) nas modernas tecnologias; a difícil combinação abstrato-concreto, que é o segredo do ensinar; etc. Uma profissional brilhante, cuja modéstia só faz, ao longo dos anos e décadas, se acentuar!

As diversas qualidades dessa *têmpera* vão se manifestando em todas as instâncias acadêmicas, sempre em nível de excelência: pesquisas, aulas, orientação de mestrados e doutorados, os mais diversos serviços à Feusp, a constante requisição de seus critérios pela imprensa, o compromisso e a dedicação para com as escolas públicas, a presença nas diversas mídias etc.



Em seu último trabalho – uma adaptação da tese de Livre-docência – pude compartilhar com a Silvia mais essa conquista, registrando todas essas impressões no prefácio do livro Produção Textual.



Aproveito esta ocasião para, publicamente, expressar também meus agradecimentos por toda a inestimável colaboração que, desde o início – já se lá vão vinte anos – Silvia Colello tem prestado às revistas internacionais do nosso Cemoroc – Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente do EDF-Feusp, que fundei e dirijo, bem como aos eventos que o Centro promove.

Nossas revistas foram fundadas em 1997/8 e, desde o começo até hoje, temos tido o privilégio de ter podido contar com uma vintena de artigos de autoria de Silvia, em todas essas revistas, além de seu trabalho de *editor* em diversos números. Na edição comemorativa dos vinte anos de nossa editora, os principais autores foram convocados a revisitarem sua produção no Cemoroc e o fecundo trabalho de Silvia está resenhado em <http://www.hottopos.com/isle25/123-130Silviag.pdf>.

Muito obrigado.

Pere Villalba e o nascimento da *Revista Internacional d'Humanitats* – memórias por ocasião da celebração do N^o. 50

Resumo: Notas da conferência de abertura do XX Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação, evento em homenagem à *Revista Internacional d'Humanitats*, em seu No. 50.

Palavras Chave: *Revista Internacional d'Humanitats*. Universitat Autònoma de Barcelona. Faculdade de Educação da USP. Catalunha-Brasil.

Abstract: Notes of the opening lecture of the XX Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação, dedicated to *Revista Internacional d'Humanitats*, in the 50th edition of this academic journal.

Keywords: *Revista Internacional d'Humanitats* 50th. edition. Universitat Autònoma de Barcelona. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Catalonia-Brazil.

A “pré história” da *Revista Internacional d'Humanitats* (RIH), pioneira das revistas eletrônicas

A *Revista Internacional d'Humanitats*, que ora publica seu No. 50, nasceu em 1998 por uma iniciativa do Departamento de Filosofia e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da USP (com a colaboração do Centro de Estudos Árabes da Ffchusp e da Editora Mandruvá) e do Departament de Ciències de l'Antiguitat i de L'Etat Mitjana da Universitat Autònoma de Barcelona. Já em seu No. 5, sendo formalmente erigido o Cemoroc (Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente do EDF-Feusp), o Centro assumiu essa e outras publicações promovidas por seus fundadores. E a editora Mandruvá passou a ser a responsável pelas publicações eletrônicas do Cemoroc.

Se neste ano de 2020 estamos comemorando os 50 anos de existência da FEUSP, no final de 1998, quando surgiu a RIH, a recém empossada diretora, Dra. Myriam Krasilchik, empenhou-se em celebrar os 30 anos de sua fundação (por ocasião da reforma geral da USP, no final de 1969). E na capa da edição impressa do No. 1 (e também na Internet <http://www.hottopos.com/rih1/>) consta:

N. 1 - 1998 - edició commemorativa de 30 anys de fundació de la Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1969-1999)

Desde a fundação de nossas diversas revistas, guiados pela amplitude de visão de nossa diretora (do Centro de Estudos Árabes), Dra. Aida Hanania – era imperativo que fossem com parcerias internacionais, com importantes universidades europeias.

O No. 48 de nossa RIH (<http://www.hottopos.com/rih48/index.htm>) foi dedicado a homenagear essa ilustre arabista, fundadora do Curso de Pós Graduação em

Língua, Literatura e Cultura árabes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Suas colaborações – no Conselho Editorial e como autora acompanham toda a vida da revista. Já em seu No. 2, a RIH publicava seu agudo estudo “*Al-Khat e A Palavra na Arte Árabe-Islâmica*” (<http://www.hottopos.com/rih2/aida.htm>). No número 18, “A Jahiliya e a Cultura Árabe” (<http://www.hottopos.com/rih18/aida.pdf>) e em 2013, No. 28, “Gibran, o Líbano e a espiritualidade” (<http://www.hottopos.com/rih28/81-88Aida.pdf>). “A arte árabe e a teologia islâmica” saiu em RIH 36 (<http://www.hottopos.com/rih36/75-78Aida.pdf>).

Dedicando boa parte de seu tempo a trabalho voluntário na formação de professores e alunos das escolas públicas do Estado de São Paulo, em RIH 42 (2017) Aida publicou uma notável conferência para professores e alunos surdos “Língua árabe e Libras – o Cemoroc na Escola Pública” (<http://www.hottopos.com/rih42/117-120Aida.pdf>), na qual estabelece sugestivas relações entre a língua árabe e Libras, a língua brasileira de sinais, para surdos... ‘A caligrafia árabe como depositária do pensamento e dos sinais de Deus’, aparece em número de 2020, RIH 48 (<http://www.hottopos.com/rih48/53-60Aida.pdf>).

Essa vontade de parcerias europeias, trazia consigo um problema: dificilmente em nossa área, a de Humanidades (filosofia, estudos clássicos e medievais etc.), um corpo de pesquisadores do Brasil poderia se equiparar aos da Europa... Nesse sentido, lembro-me, por exemplo, de que ao fechar a coedição com a Albert-Ludwigs – Universität Freiburg, ao propor que na capa da revista fizéssemos constar que se tratava de uma edição comemorativa dos **trinta** anos da Feusp, junto com o sorriso de anuência ouvi que a universidade deles era anterior... ao Brasil: de 1457! (para não falar das publicações da Abadia de Montserrat, que está lá há mais de mil anos...). Seja como for, nossas revistas nasceram em parceria com as universidades autônomas de Madri e Barcelona, Freiburg e Frankfurt, Porto etc.

O que poderíamos oferecer a nossos parceiros europeus? Se no campo da erudição, essas universidades eram de maior volume, nós, brasileiros, podíamos, sim, proporcionar uma inovação importante para a época: a edição eletrônica das revistas na Internet. Esse foi o trabalho pioneiro de nosso editor Sylvio Horta, atualmente professor do curso de Língua e Literatura Chinesa na Fflchusp.

O impacto dessa (então nova) fórmula editorial pode ser avaliado em uma matéria do Jornal da USP da época (7 a 13-08-2000, p. 9), que fazia um balanço das atividades da editora, ainda nascente.

As ciências humanas reinam absolutas numa página da Internet mantida com a ajuda da USP. Criado em 1997 pela Editora Mandruvá - com apoio do Dep. de Filosofia da Educação e do Dep. de Letras Orientais da USP -, o *site* reúne 8 revistas diferentes, que trazem originais artigos ligados a várias áreas das humanidades, desde filosofia e educação até literatura, direito e estudos orientais.

[...]

Outras universidades do mundo também participam do projeto da Editora Mandruvá - entre elas as de Frankfurt e Freiburg, na Alemanha, as autônomas de Barcelona e Madri, na Espanha, e Porto, em Portugal-, que coeditam as revistas. Já em sua décima edição, a revista Mirandum,

por exemplo, saiu recentemente com a cooperação do Gabinete de Filosofia Medieval da Universidade do Porto.

[...]

A Universidade de Freiburg coeditou outras edições de Notandum. A Collatio - dedicada a estudos árabes, hoje no número 5 - conta com a ajuda da Universidad Autónoma de Madrid. Já a **Revista Internacional d'Humanitats** e a **Convenit Internacional** têm como coeditores, respectivamente, a Univ. Autònoma de Barcelona e a Univ. de Frankfurt.

[...]

“Nossa página recebe quase 2 mil visitas por dia, de vários lugares do mundo, e esse número está aumentando”, comemora o editor de Internet da Editora Mandruvá, Sylvio Horta, que fez doutorado em Filosofia da Educação na USP.

Esse pioneirismo ajuda a compreender também o número e a qualidade de indexadores internacionais para a RIH (cf <http://www.hottopos.com/index/rih.htm>): ela surgiu junto com os primeiros bancos de dados de revistas eletrônicas da Internet. Assim, prossegue o Jornal da USP:

Pelos cálculos de Horta, cerca de 150 instituições do mundo recomendam a página da Editora Mandruvá em seus *sites* - entre elas as bibliotecas do Vaticano e das Universidades de Berlim e Hannover, na Alemanha.

As revistas são uma nova e bem-sucedida maneira de divulgação científica, segundo o coordenador editorial da editora, professor Jean Lauand, do Departamento de Filosofia da Educação da Faculdade de Educação da USP.

Enquanto os editores das tradicionais revistas acadêmicas impressas sofrem atrasos com falta de verbas e burocracia - diz -, as publicações eletrônicas se caracterizam pela agilidade e rapidez.

Da sua sala na USP, Lauand recebe via Internet textos de pesquisadores de todos os continentes, interessados em publicar seus trabalhos. Em seguida, ele envia os artigos para os membros dos conselhos editoriais das revistas, compostos por professores das universidades coeditoras.

[...]

As 8 revistas eletrônicas também são editadas em papel, mas em pequenas tiragens de 300 exemplares, que são distribuídos para bibliotecas e outras instituições.

O fim da década de 90 – quando lançamos nossa Revista Internacional d'Humanitats – não é casual: foi só então que o trabalho de webmaster se tornou viável e a Internet estava começando seu *boom* comercial. Naturalmente, não havia no Brasil (e no mundo) muitas revistas eletrônicas e muitos professores de ciências humanas até relutavam em lidar com um simples editor de textos.

Uma matéria extraída do acervo do Estadão, de 16-09-96, ajuda-nos a lembrar a imensa dificuldade que era ser webmaster (até esse termo praticamente inexistia) naquela época: a complicadíssima trabalhadeira que era criar um site – ou mesmo uma

simples página html. Até que Bill Gates lança o programa Front Page (como parte de seus planos para “dominar o mundo” *sic*):

FrontPage 1.1 constrói página ao clique do mouse

*Uso de Software
dispensa conhecimento
de comandos da
linguagem HTML*

E agora? O Web site está pronto e configurado. Mas não existe ainda um número suficiente de páginas no formato HTML que faça a Intranet instalada ser útil. Uma das soluções, tempos atrás, era contratar um webmaster. Ou comprar um livro de HyperText Markup Language — e passar noites decorando os comandos enfadonhos da “língua” da Internet.

Como Bill Gates quer dominar a Net — pois a partir dela tentará dominar o mundo —, a Microsoft resolveu juntar o FrontPage 1.1 no pacote de software do Windows NT

Sylvio, sempre antenado nas novidades tecnológicas, familiarizou-se com esse novo programa e imediatamente criou as primeiras páginas eletrônicas de nossas revistas.

O o professor Pere Villalba, parceiro fundador da RIH

A Revista Internacional d’Humanitats só pôde vir à luz, graças a um *scholar* da mais alta estatura intelectual e grandiosidade pessoal: o Prof. Pere Villalba. Se hoje, Pere é reconhecidamente o maior nome (ou, ao menos, um dos maiores) em estudos lulianos e catalães e referência obrigatória em estudos clássicos e medievais, em 1998 já despontava como um notável professor na jovem UAB, Universidade Autônoma de Barcelona.

Assim, na viagem que fiz à Europa em 1998, para criar essas parcerias internacionais, Pere Villalba e a UAB eram um *must*. Sem conhecê-lo pessoalmente, escrevi-lhe pedindo um encontro e recebi resposta muito acolhedora.

Ao chegar a Barcelona (abril de 98) tivemos (o Prof. Dr. Mario Sproviero, do Departamento de Línguas Orientais da Fflchusp e o geógrafo Elian Lucci estavam na

“expedição”), já na primeira impressão, tive a certeza de que a parceria, da RIH, daria bons resultados e seria uma revista importante no futuro.

Pere, desde o primeiro momento, mostrou-se um *gran senyor*: de uma generosidade e de uma humildade inigualáveis. Do alto de sua imensa erudição, domi-nando com total familiaridade todos os clássicos gregos e latinos, conversava conosco como se fôssemos seus iguais, como que querendo aprender com jovens brasileiros (!!). Por exemplo, interessou-se particularmente por aspectos da língua e da cultura guarani, objeto de uma breve conferência para a qual me convidou no ano seguinte, quando voltei a Bellaterra, à *Autònoma* de Barcelona.

Por uma feliz coincidência, o primeiro encontro com Pere, deu-se no dia 22 de abril (1998), seu aniversário e também a data de nascimento da RIH, quando definimos conselho editorial (tanto a parte catalã como a brasileira) etc. Pere foi quem batizou a revista: as nossas demais revistas tinham nomes latinos: *Convenit*, *Collatio*, *Mirandum* etc.; no caso ele impôs (e nos pareceu muito oportuno...) o nome em catalão. Embora ele fosse também enamorado da cultura latina (nestes vinte e tantos anos, sempre que o felicito pelo aniversário, devo incluir também o “Natale di Roma”, o aniversário de Roma, no dia 21, com seus 2773 anos em 2020), ele é, antes e acima de tudo, catalão.

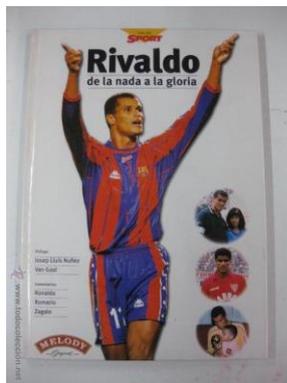
Humanista, sem nenhum fanatismo (em uma de suas visitas a São Paulo, interessou-se, e passamos um dia no Templo budista Zu Lai, o maior da América Latina, além de mostrar-se apaixonado pela cultura guarani, como já disse...), Pere não perdia a menor oportunidade de afirmar, de ensinar a cultura catalã. Presenteou-me com um curso de língua catalã (naquele tempo ainda em fitas cassete), com os discos da Escolania de Montserrat, o coro de meninos que existe na abadia desde 1307 e levou-nos a passar um dia em Andorra etc. etc. etc.

A fundação da RIH deu-se, como dizia, em 22 de abril de 1998. E em um restaurante muito especial: Pere convidou-nos para um magnífico jantar – uma grelha de todos os frutos do mar – no catalaníssimo Puda Can Manel (fundado em 1870), no *paseo Joan de Borbó*, em Barceloneta. Lá, discutimos Conselho Editorial, periodicidade da revista etc. No dia seguinte, eu iria à *Autònoma* de Barcelona conhecer seus colegas do “Departament” e proferir uma conferência.



www.paseodegracia.com/cultura/cierra-can-manel-barceloneta/

Pere quis honrar-me, fazendo de minha conferência o evento *Diada de Sant Jordi* do *Departament*. Pois o “dia de S. Jorge”, 23 de abril, é uma grande festa na Catalunha, e é o dia “da rosa e do livro” (os homens oferecem uma rosa e as mulheres um livro – lembro que um dos best-sellers daquele ano era: *De la nada a la gloria-biografía de Rivaldo*, estrategicamente lançado poucos dias antes do Sant Jordi...).



No dia de *Sant Jordi*, dia festivo, a universidade promove eventos especiais: na minha conferência estavam presentes – além de alunos – praticamente todos os professores do Departamento.

Precisamente naquele abril de 1998, a Espanha toda estava agitada: o parlamento da Autonomia Catalã, tinha acabado de aprovar uma lei – a lei do catalão – que obrigava qualquer candidato a emprego público na Catalunha a saber falar catalão, o que para os espanhóis parecia um instrumento de exclusão.

Ao final do jantar, Pere, ao desenhar o mapa para indicar como chegar ao campus de Bellaterra, indicou insistentemente que não era para utilizar a rodovia, mas que fosse com o carro (que eu tinha alugado), paralelamente, “por dentro”. Obedeci e, no trajeto, notei um intenso movimento “por dentro” enquanto a estrada – moderna e excelente –, estava praticamente vazia (depois soube que era um protesto para não pagar o pedágio para o governo central de Madri...). Por conta desse clima, no caminho, eu ia decorando a frase inicial de minha conferência: “*En primer lloc, perdonau que encara no parle en català...*” (para depois continuar em espanhol).

Após a conferência, já acertamos, com os colegas, todos os detalhes fundacionais da RIH.

Um ano depois, voltei a Barcelona e Pere insistiu para que eu não reservasse hotel, pois ele tinha uma “surpresa”... Mais uma surpresa catalã: a hospedagem seria na Abadia de Mont Serrat, vivendo – na medida do (pouco) possível – a rotina dos monges, tendo como cicerones o próprio Pere e (também convidado por ele) o Prof. Dr. Xavier Figueras, então Diretor de Restauração Histórica do Governo da Catalunha! Todos convidados pelo abade e hospedados no claustro do mosteiro.

Para concluir este tópico, retomo algumas considerações que fiz no “XVII Seminário Internacional Cemoroc: Filosofia e Educação” (maio de 2016), evento

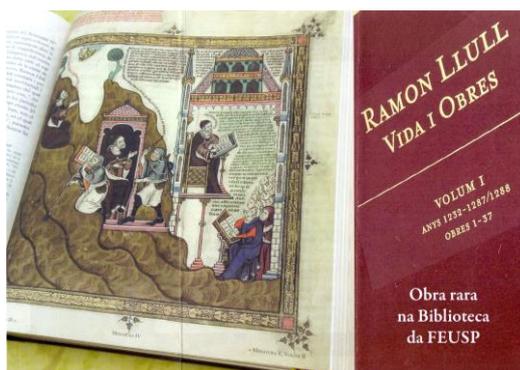
dedicado precisamente a homenagear Pere Villalba, por ocasião do lançamento do volume I de seu imponente livro *Ramon Llull. Vida i obres* pelo “Institut d’Estudis Catalans”, tendo como mecenas a “Elsa Peretti Foundation” – delegação de Barcelona.

Nesta breve nota, não pretendo repassar em detalhes todo seu curriculum, mas alinhavar – em tributo de gratidão – algumas considerações sobre o querido amigo e suas contribuições, também para a cultura brasileira. Para detalhes, estão os Nos. 12, 18 e 40 da RIH, editados em homenagem a Pere Villalba (resp.: <http://www.hottopos.com/rih12/index.htm>, <http://www.hottopos.com/rih18/index.htm> e <http://www.hottopos.com/rih40/index.htm>).



Esse volume sobre Lúlio foi recebido com entusiasmo por diversas importantes universidades brasileiras.

É o caso da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, que ao longo destes anos, pôde contar com memoráveis conferências de Pere Villalba, montou uma exposição especial para esse livro e a ele dedicou uma notícia em seu site (cf. <http://www4.fe.usp.br/biblioteca/eventos/obra-rara-ofertada>)



Acima e abaixo: as duas faces do folder da exposição na Universidade de São Paulo

Obra rara na Biblioteca da FEUSP

Raimundo Lúlio (1232-1316) é um dos pensadores medievais mais estudados na atualidade e um dos autores que mais influência teve no pensamento europeu ao longo dos séculos. Foi filósofo, teólogo, escritor, cientista, cientista político, um sábio humanista que dirigiu todos seus esforços em busca da concórdia entre os povos de seu tempo e para estabelecer as bases do pensamento moderno. Assim o apresenta o Dr. Pere Villalba, um dos mais notáveis eruditos da Europa, autor da monumental obra *Ramon Llull. Vida i obres*, três volumes de mais de mil páginas cada um, editados pelo "Institut d'Estudis Catalans", tendo como mecenas a "Elsa Peretti Foundation", Delegação de Barcelona. O volume I já foi lançado – oficialmente em 15 de setembro de 2015, em solenidade no próprio *Institut* – preparando as comemorações dos 700 anos da morte do "Doutor Iluminado", em 2016.

Ramon Llull. Vida i obres é um livro de síntese, resultado de muitos anos de pesquisa, que serve tanto ao especialista quanto a quem quer se iniciar nos estudos sobre a pessoa, o pensamento e as obras do grande intelectual maiorquino. Esse trabalho é fruto de décadas de dedicação exaustiva do Prof. Villalba, da Universidade Autônoma de Barcelona (UAB) e membro da Real Academia de Letras de Barcelona. Umberto Eco, também ele estudioso de Lúlio, afirma que o lugar do nascimento foi determinante para Llull, pois Maiorca era uma encruzilhada, na época, das três culturas: cristã, islâmica e judaica, até o ponto de que a maior parte de suas 280 obras conhecidas terem sido escritas inicialmente em árabe e catalão. Lúlio é o primeiro a empregar língua vernácula para expressar conhecimentos filosóficos e científicos e foi o criador do catalão literário. Assim, a obra de Villalba, além do enorme interesse filosófico, teológico e científico, é também um monumento à cultura e à identidade da Catalunha.

O Prof. Pere Villalba já há vinte anos, tem mantido muitos contatos com a Feusp, em parceria com o Prof. Jean Lauand, ministrando conferências, participando de eventos e criando a "Revista Internacional d'Humanitats", fundada em 1997 por ambos, e na qual têm sido publicados numerosos artigos de professores da FEUSP. Lauand também é membro (correspondente) da Real Academia de Letras de Barcelona.

O Prof. Villalba quis honrar a FEUSP com um exemplar dessa obra riquíssima – também do ponto de vista gráfico – e é com muita honra que a incorporamos ao acervo de nossa biblioteca. O Prof. Lauand participou da obra com o breve estudo "Theologia Negativa" (pp. 136-137). O "Institut d'Estudis Catalans" encarregou-se da edição – foram publicados somente 500 exemplares – e do envio do livro a diversas universidades, centros de pesquisa, presidentes de diversos países e autoridades, como os dois papas, a rainha da Inglaterra, etc.

Prof. Pere Villalba

Em exposição na Biblioteca da FEUSP entre 4 de abril e 4 de junho de 2016



Todo grande artista tem seu dom especial, seu particular modo de relacionar-se com o mundo que o cerca. Recordo outro querido amigo, o saudoso pintor Fulvio Pennacchi, que via a realidade do ponto de vista cromático, da luz e sombra, como um quadro, enquanto nós outros tínhamos apenas um olhar “normal”... O filme *Amadeus* também mostra isso, apresentando Mozart a criar uma ópera a partir da furiosa prosódia da sogra que o repreende.

No caso de Pere Villalba não temos propriamente um “ponto de vista”: seu interesse “específico” é tudo, tudo o que é humano. Tomás de Aquino repete, uma e outra vez, aquela sentença aristotélica: “*anima est quodammodo omnia*”, que expressa um dos legados fundamentais do Ocidente: o espírito é abertura para a totalidade do real e a alma espiritual, com suas potências espirituais, é para “*convenire cum omni ente*”, relacionar-se com tudo que é, como diz já no começo do *De Veritate*.

A inteligência, a vontade, o amor, não conhecem limites. Se nosso conhecimento sensorial está limitado ao *Umwelt*, ao mundo circundante; o espírito não tem fronteiras. Pere Villalba tem empreendido em sua carreira, em sua vida, esta paixão do espírito que se abre a tudo o que é humano.

A partir de suas profundas raízes catalãs, Pere se abre ao universal. Seu preparo, sua base, para enfrentar esse desafio é o profundo conhecimento, o profundo saber (nos dois sentidos da palavra: saber e saborear) dos antigos: conhece e saboreia como ninguém os clássicos gregos e romanos e seus continuadores medievais.

Não é o caso aqui (a tarefa seria interminável...) de elencar seus títulos – como o de acadêmico da *Reial Acadèmia de Bones Lletres de Barcelona* ou o de Doutor *Honoris Causa (Filosofia e storia delle idee)* da Universidade de Palermo – ou seus importantes e eruditos trabalhos como pensador, tradutor e editor; alguns monumentais como os volumes da *Arbor Scientiae* de Ramón Llull para a coleção *Corpus Christianorum*.

Extremamente atento à realidade contemporânea, ante cada acontecimento, ante cada incidência, Pere Villalba dialoga, discute, aconselha-se com Lúlio, com Cícero, com Xenofonte, com Cassiodoro...

A referência a Cassiodoro não é casual. Não foi por acaso que - para falar-nos de seu importante trabalho também como arqueólogo - Pere evocou a sentença das *Institutiones* (XXXVI): “*Sit ergo antiquorum labor opus nostrum*” – que o nosso empenho seja o trabalho dos antigos.”

A grandiosidade da figura de Cassiodoro – injustamente tão pouco lembrada – consiste em dar um passo decisivo para a constituição da Europa e do Ocidente: a fundação do mosteiro de Vivarium, em 555, que transforma os recém-criados mosteiros beneditinos em lugar de preservação dos antigos, em santuário (também no sentido de *sanctuary*, de refúgio) do saber clássico, ameaçado pela barbárie então reinante.

Nos dias de hoje, em que vemos, uma vez mais, o cultivo dos antigos e de seus valores ameaçado pela nova barbárie – da produtividade, da massificação e do lucro – e em que a própria universidade se encontra ameaçada nesse cultivo, o trabalho imponente do Prof. Pere Villalba aparece como uma mensagem de esperança, de que a universidade possa re-encontrar-se em sua vocação originária de *universitas*: de abertura para o todo, o que, como vimos, é também o espírito.

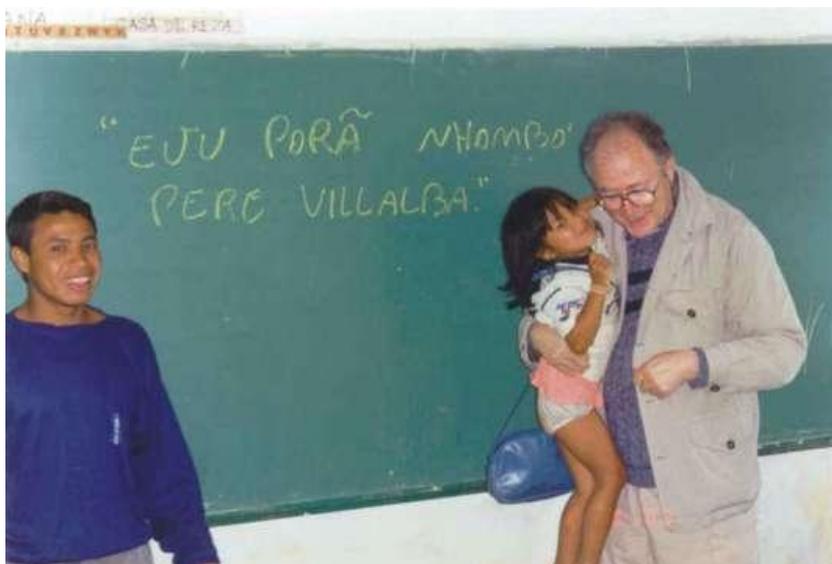
Com esse seu interesse sem fronteiras pelo conhecimento, Pere Villalba tem contribuído muito com o Brasil, em diversas instâncias para além da fundação da *Revista Internacional d'Humanitats*.

Junto com o incomparável saber e erudição, o professor e querido amigo nos ensina também outra lição: a de humanidade. Esse seu saber dos clássicos, dizia, é também um saborear o todo da realidade, com um olhar de admiração, que, segundo Platão e Aristóteles, é o próprio princípio da sabedoria.

Em outra ocasião em que estive em São Paulo (2003), Pere fez questão de conviver com os índios guaranis e estivemos todo um dia na Aldeia *Tonendé Porã* de Parelheiros, bairro afastado de São Paulo.

Impressionou-me a imediata empatia entre o erudito europeu e os indígenas: era como se se conhecessem há décadas, como o reencontro de velhos amigos: nada do que é humano – a língua, a religião, a arte dos guaranis – lhe era alheio.

Ocorreu mesmo um “amor à primeira vista” entre Pere e a indiazinha Ará, então com 4 anos, registrado em “Ará – índia guarani”, belíssimo estudo que Pere publicou sobre os guaranis e a cidade de São Paulo (<http://www.hottopos.com/rih7/pere.htm>).



Eju Porã... – Bem-vindo Prof. Pere Villalba
Prof. Marcelo Caray, a índia Ará e Pere na escola da aldeia

Para terminar, recolho um parágrafo dessa reflexão e que, de algum modo, resume, o coração sem limites de Pere Villalba:

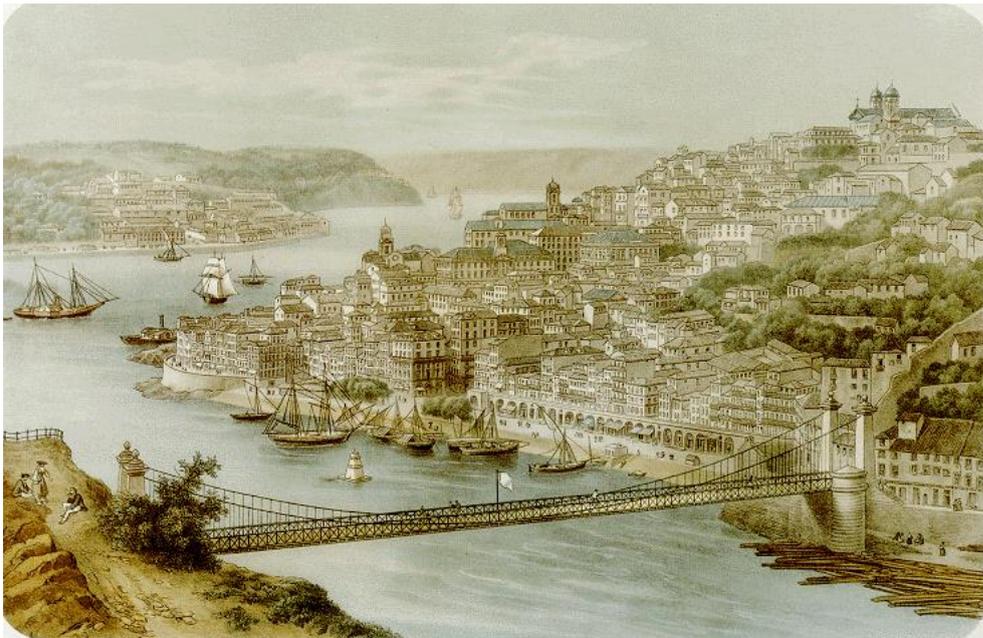
A guerra. A guerra me mata, mata a indiazinha Ará, cada vez que, sob o fogo das armas, tomba um ser. Eu continuava sonhando e em meu sonho eu tinha a certeza de que se eu levasse Ará para a ONU, se eu a mostrasse aos ‘senhores da guerra’, a “meu amigo” Bush, se eles vissem Ará, acabariam todas as guerras... Se eu pudesse, eu explicaria para eles que todo ser humano, toda criança é nosso melhor capital.

A partir de sua profunda erudição, Pere Villalba nos dá a grande lição de humanismo: aquela que o apóstolo Paulo resumia em duas palavras: *sym-pathia* e *syn-khairia*: sofrer com o sofrimento do próximo; alegrar-se com o bem do próximo. Erudição que, no caso, é – além de conhecimento – Amor.

International Studies on Law and Education 39 set-dez 2021 CEMOrOc-Feusp
Número especial: Estudos em homenagem a Paulo Ferreira da Cunha

“Ponte Suspensa”, livro de poesias de Paulo Ferreira da Cunha

(Paulo Ferreira da Cunha: “Ponte Suspensa”. João Pessoa: Editora Portas, 2021)



DEROY, Isidore, 1797-1886 Vue de Porto = Vista do Porto / dessiné et lithog. par Deroiy.
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:View_of_Porto_-_suspension_bridge.gif

Imponente reconhecimento internacional de um pensador

Em 2020, o Doutor João Relvão Caetano e eu tivemos a iniciativa de organizar o livro “Pensar, ensinar e fazer justiça – estudos em homenagem a Paulo Ferreira da Cunha” (disp. em: <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/KapenkePFC.pdf>), atendendo a pedidos de muitos amigos e discípulos – de Portugal, do Brasil e de diversos outros países – que queriam expressar sua gratidão a esse grande pensador e mestre e, além disso, contribuir para um mosaico que permitisse compreender melhor a profundidade de sua tão rica e variada obra, como jurista, filósofo, educador e artista. Além, é claro, da cálida figura humana, do amigo sempre transbordante de generosidade.

Essa publicação, imediatamente, mostrou-se insuficiente e tivemos que organizar um segundo volume, este com cerca de cinquenta outros autores que quiseram se juntar a essas homenagens. (disponível em: <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/LivroPFC2.pdf>)

Sempre atendendo a demandas de amigos e discípulos, dedicamos as três edições de 2021 da revista do Cemoroc “International Studies on Law and Education” a mais estudos sobre a vida e a obra de Paulo Ferreira da Cunha (disponíveis em: <http://www.hottopos.com/isle37/index.htm> e <http://www.hottopos.com/isle39/index.htm>). E em 2022, mais um livro, “Cemoroc: Signatures” (disponível em: <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/SignaturesLivroI.pdf>), homenageando quatro dos grandes autores (os outros são Alfonso López Quintás, Julián Marías e Josef Pieper) que tanto contribuíram para as publicações de nosso Centro de Estudos Medievais – Oriente e Ocidente da Universidade de São Paulo, neste ano completando seu 25º aniversário.

O número desses estudos (mais de 100) e sobretudo sua qualidade falam por si da importância de nosso homenageado como intelectual e humanista. E de nossa surpresa e gratidão pela amizade (desmedidamente generosa) de Paulo Ferreira da Cunha, que o levou a confiar-me este Prefácio.

A “Ponte Suspensa” e a educação do olhar

“Para que poetas em tempos de penúria?” é a célebre pergunta de Hölderlin, no poema “*Brot und Wein*”. Na realidade, não se trata de uma autêntica pergunta, mas da constatação de que a poesia será desvalorizada em épocas refratárias ao transcendente, de embotamento, de banalização do humano, de massificação e conformismo com a mediocridade: a autêntica penúria dos tempos. Penúria tanto maior por não se assumirem como tempos penuriosos...

Para quem quer que reconheça as carências espirituais de nosso tempo, “Ponte Suspensa” é obra oportuníssima. Nela, Paulo Ferreira da Cunha, um dos mais destacados juristas e filósofos contemporâneos, diagnostica enviesadas “certezas” de hoje, ao mesmo tempo que nos abre realistas perspectivas de superação, esperança e – por que não o dizer? – sabedoria.

Sabedoria que está longe de ser uma coleção de fórmulas ou receitas fechadas, mas um múltiplo questionamento de nosso embotamento-penúria, convidando-nos a olhar – de modo renovado e límpido – para o mundo (em tom de desabafo, em um dos versos deste livro, o autor pergunta precisamente: “O que vemos, ao que chamamos ver?”).

Precisamente esse declínio da capacidade de ver e a urgência de reaprender a ver é o título de um imensamente sugestivo ensaio de Josef Pieper, sobre a atrofia do espírito em nosso tempo (disponível em alemão e inglês em <http://www.hottopos.com/rih48/77-82PieperSeeing.pdf>).

Essa renovação do olhar não tem nada de fuga ou afastamento do real, muito pelo contrário. Na verdade, a poesia – e especialmente o poeitar de Paulo Ferreira da Cunha – é uma educação do ver.

A poeta maior do Brasil, Adélia Prado, expressou isto em felicíssimos versos de seu poema “*De profundis*”¹⁰:

De vez em quando Deus me tira a poesia.
Olho pedra, vejo pedra mesmo.

(claro que para nós outros a situação é antes a inversa: “Algumas poucas vezes tenho uma iluminação poética e então olho pedra e vejo mais que pedra”).

A propósito, um detalhe anedótico. No final de 1993 (tempo em que havia uma saraivada de críticas ao então volante Dunga e a outros jogadores da seleção brasileira que iria para a Copa de 1994), eu tive o privilégio de entrevistar a poeta e quando lhe perguntei sobre o olhar embotado que vê a realidade como opaca, ela evocou esses versos e respondeu, com delicioso bom humor, que é preciso saber ver a realidade que é (ou tem que ser) “outra”:

É aquilo do meu verso “De vez em quando, Deus me tira a poesia e eu olho pedra e vejo pedra mesmo...”. Outro dia – eu achei fantástico! – um comentarista de futebol fez uma crônica e me citou – eu me senti tão importante... Ele, falando sobre a seleção brasileira, disse: “É como diz Adélia Prado: ‘Eu olho Dunga e vejo Dunga mesmo’” (risos). Eu achei legal, fez o maior sucesso lá em casa, todos gostaram... Vê-se que ele entendeu o poema.

Logo na poesia que dá título a toda a obra, “Ponte Suspensa”, Ferreira da Cunha insiste em nos convidar a olhar mais atentamente a ponte:

Passamos motorizados a voar
E não notamos que a ponte
Não tem tempo nem lugar:
É um ponto no horizonte.

E

Olha da pênsil ponte os dois pilares
(a do Porto, desmontada um dia):
Três portas de entrada, se os olhares,
Transcendem de longe a estreita via.

¹⁰. Prado, Adélia *Poesia Reunida*, São Paulo, Siciliano, 1991, p. 199.

Não estás seguro numa ponte:
Olha que é uma barca de Caronte.

Na mística do Extremo Oriente, as coisas podem se complicar (e, paradoxalmente, ao mesmo tempo se simplificar), como no célebre antigo relato de experiência do sábio monge que antes de praticar o Zen contemplava uma montanha como se fosse uma montanha e um rio como se fosse um rio. Após anos de aperfeiçoamento interior, quando ele contemplava uma montanha, já não era uma montanha e, quando via um rio, não se tratava de um rio! Mas ao atingir a iluminação maior, passou a ver uma montanha simplesmente como uma montanha e um rio simplesmente como um rio.

Paulo Ferreira da Cunha é poeta inspiradíssimo mas não é um místico; instala-se antes no longo tirocínio do rigor científico (e do rigor filosófico, que é outra forma de rigor...). Sendo como que um resumo e manifesto de seu posicionamento, permitimo-nos reproduzir aqui esta poesia:

OSTINATO RIGORE

Não pode ser apenas nesciência
Não pode ser simples falta de dados
Não pode ser meramente indolência
Não pode ser culpa dos maus fados.

Terá de haver uma razão maior
Uma justificação superior
Para tanto erro, tanto engano,
Tanta deriva, tanta incompetência,
Tanta malquerença e tanto dano,
Tanto vogar contra a clara ciência.

Que ideias gerais nós nos fazemos?
Como se forma a nossa consciência?
Que educação e que decência
Acabamos por ter?
O que vemos, ao que chamamos ver,
Passa por que crivos de referência?
Cremos em quê, verdadeiramente?
Se cada um de nós fosse convidado
A abrir deveras sua mente,
Que lá se encontraria bem guardado?

Ouçamos falar, e abundantemente:
Tudo resumido, o que nos fica?
Decerto amálgama de factos sem sentido
Factos de quotidiano, banal ou dolorido,
Uma ou outra recordação feliz,
Muito de oitiva, muita televisão,
Pouco pensado além do nariz
Quanto feito pela própria mão
Além da labuta de alimentação?

Há sim alguns com excentricidades,
Mas constroem eles nossas cidades?

Pouco pensamos, mas mais, pouco vivemos
Além das vidas de pronto-a-viver,
Que nos sentimos obrigados, pelo menos,
A fingir que vivemos, sem nada querer.

Educação verdadeira exigiria
Em Casa, na Escola, na Comunicação,
Além de Cultura, de antemão,
Ferramenta de todo o cidadão,
Uma sábia e forte parceria
Do saber útil, literacia,
E dos dados da Sabedoria.

Antes de tudo, evitando os palpites,
Castigando os boatos venenosos,
Ultrapassando um saber de *hits*,
E espremendo discursos verbosos.
Estudai retórica e as suas leis,
Afinai pela lógica a racionalidade.
Sem rigor, jamais vós tereis
Qualquer vislumbre da pura Verdade.

Numa conversa, ainda que informal,
Não vez as falácias fulgurando
Um truncar de dados insinuando
Nenhum respeito pelo factual?

Além de perturbar mentes alheias
Difundindo ilusões e erros palmares,
Fica o mundo enleado em várias teias,
Exposto à sorte de todos os azares.

Resistência urge, ante o levantar
De ondas sonoras de erro altissonante:
Não são só os absurdos de pasmar,
É também o vício do pensar,
Mais discreto, mas sempre aberrante.

Discurso do método há pois que levar
Como bandeira e outros a seu lado
Formando a limpidez do razoar
E ver-se-á um dia o resultado.

Espírito crítico, rigor obstinado,
Outra não pode ser nossa pedagogia,
O mundo se veria consertado
Se o pensamento viesse a ser filtrado

Pela excelência dessa tecnologia.

A veemente afirmação da razão feita por Paulo Ferreira da Cunha nada tem que ver com “racionalismos” ou científicimos, mas caminha *pari passu* com o reconhecimento de seus limites e do reconhecimento do caráter misterioso do mundo e do real, diante do qual nossa linguagem (tal como nosso conhecimento) é sempre insuficiente e nosso apetite pela Verdade deve se contentar em tê-la como ideal assintótico. Outra poesia emblemática nesse sentido:

APROXIMAÇÕES

As palavras rondam o castelo
Austero agreste esquivo da realidade
Corcéis selvagens ou de arreios d’ouro
Procuram portas grandes da Verdade.
Não as encontram. Fortaleza é selo
Fechado por dentro, qual tesoiro.
Mas sempre cirandam com desvelo.

Os olhares perscrutam esse Ser
Munem-se de lentes finas e sutis
Mas não alcançam desvendar ardis
Por muito empenho e escasso lazer
Que invistam para tudo compreender.

Ouvido à escuta, de tísico a atenção
O mais curto bulir seria detetado
Mas o castelo mudo está selado
Mudo se queda sem menor comoção.

Nenhum sentido nem o sexto alcança
desembrulhar a oclusão total
Desse monólito negro colossal
Cercado por cavalos numa dança
Rodopio incessante e infernal
Na procura da paz e da bonança
De entendimento cabal e final.

O sítio dura há milénios
Do nosso lado se almeja
Entender o ‘stranho enigma
Mas a esfinge e seus génios
Ganham sempre essa peleja
E colhem outros o estigma.

Alguns da lide desertam
Melhor viver sem cuidado
Outros nela já despertam
P'ra demanda em outro lado.

Afinal, o desafio
É um treino sem o ser
P'ra tanto do que é viver
Esse castelo sombrio
É metáfora a sofrer.

Seguimos quarto de alerta
Montando turno de guarda
Sentinela de vanguarda
Sempre firme e bem desperta.

Mal vacile a fortaleza
Mal dê de vida um sinal
Cá estamos com certeza
Para a vitória final.
Entretanto, é a aspereza
Deste cerco mundanal.

Se o conhecimento humano é limitado pela excessiva luminosidade do real (Pieper), Ferreira da Cunha também mostra a limitação da vontade humana, que insiste em se enganar, imaginando-se totalmente ativa e independente:

OPUS

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce
Fernando Pessoa

A obra que alguém sonha
Deixar marco na materialidade
Não é já a obra que Deus quer
Não possui tal natura e qualidade.

A obra nasce por si, também tem querer.
Da vontade divina ao seu nascer
Vai infinito de estranho crescer.

Ademais, o que fazes, raramente
É o que tinhas em mente idealizado
Tudo fica no caminho maculado
E do teu labor o resultado

Da tua finitude se ressent.

Assim, autoria em arte qualquer
É coisa muito a meias partilhada
Primo, com o que Deus quer;
Depois, por acidentes d'estrada.

Não vê o humano criador
Que sua obra era boa
A menos que o diga à toa...
Não fica nunca da cor,
Da forma, e nem já ressoa,
Como previsto, em rigor.

É muito aproximativo
O resultado alcançado
Deves ficar descansado
E deixa esse porte altivo.

És criador só a meias
Cocriador já é bom
Digo-to alto e bom som:
Nem imaginas as teias
Nunca acertarás o tom.

E

“ESPELHO MEU, ESPELHO MEU”

(...)
Certamente na maior parte
(ou totalidade, quem sabe?)
das situações
a força virá de fora.
E é tão determinante
Tão avassaladora
Que o títere humano
Em suas poderosas
Mãos
Nem adivinha
Que esse comando irresistível
Seu não é – mas alheio.
Ignoro completamente
Se esses impulsos
Que parecem ter coerência
Em cada caso
Correspondem a um urdido
Plano

Ou se são fortuitos
E gratuitos
(...)

Paulo Ferreira da Cunha é antes e acima de tudo um humanista (para os versados na psicologia de David Keirse, um extraordinário ENFP, como João Sérgio Lauand mostra em estudo que se encontra em: <http://www.hottopos.com/isle41/JSLau.pdf>). Em sua poesia, uma e outra vez, o humano e a arte do encontro:

CANÇÃO DE ÂNIMO

(...)

Fugazes momentos de alegria,
De todos os mais belos,
são de Gentes
Com quem se esteve
Em comunhão de mentes
'Inda que tempo breve.
E fusão d'Alma
Reteve o Indizível
Absoluto
Totalmente outro
Que o mundo fero e bruto.

Se acaso um dia apenas
Só um dia,
Que digo eu? – se apenas uma hora
Melhor – se um segundo só, que fosse,
Saboreaste
Nem tanto as glórias vãs
Deste mundo de aparência imensa,
Mas a suprema bênção
De te saberes compreendido
E acompanhado,
De teres um horizonte
E um projeto,
Uma razão de vida,
E companhia segura no caminho,

Não estás, pois, sozinho,
E na verdade
Provaste o pomo já
Da Felicidade.

E a exaltação da gente simples, das pessoas comuns...:

CARIMBOS & CAIXINHAS

(...)
Ainda e sempre acredito
Na enorme sabedoria
E sentido se sobrevivência
Das pessoas comuns
Na sua resistente existência quotidiana
(resiliente é horrível expressão alheia).
Resistente com honra e dignidade.
(...)

... tão maltratadas pela vida, como na genial citação, incisiva e pungente, da operária:

OLVIDADOS

(...)
Verás abundantes heróis
E anti-heróis de várias cores
Servos e senhores
Conquistadores e perdedores
Mas
O acendedor de chaminés
Do Príncipezinho ou Pequeno Príncipe
De St.- Exupéry
Não anda por aqui.
Esse está, pois não o vês,
Irremediavelmente sozinho.
“É toda uma vida
Sempre a virar frangos”
Como disse um dia
A operária ao político
Atónito.
É essa a vida normal
De muita gente afinal.
(...)

Como se diz no poema de abertura do livro, “Não estás seguro numa ponte”. Mas, em meio a tantas incertezas, pode haver consolação para quem sabe resistir a tempos de penúria:

CONSOLAÇÃO

Na confusão,

(Dizem que Cosmos)
Do Universo
Há momentos breves
Felizes e Fastos
Que transcendem
Ordem e Caos.
Mas são fugazes
Esses suspiros
De uma respiração
Paralela à do Mundo.
Sustém, pois, o fôlego.
Sente no âmago
Dos pulmões
Essa fonte sem fim
De Luz e Paz.
Se não voltares
A senti-la,
Olha que ao menos
A pudeste conhecer
Em tua vida breve.
Já não é nada mau.
Há quem nunca,
Mas nunca,
Tenha antevisto
Um tal Céu.
Paz!
Quem prova
Desse fruto
Adquire a Ciência
Do Mal e do Bem,
E não se afadiga,
Nem preocupa,
Nem maltrata,
Por pequenos
Nadas.
O Real,
O Verdadeiro,
Está muito além
Desse vão carreiro,
Dessa senda minúscula
E doméstica.
O Ser sabe-o;
O Ser lhe basta.

O resto é banalidade, dimensão lilliputeana:

DIMENSÃO

A grande discussão em Lilliput
Versava sobre o exato local
Por onde quebrar os ovos.
Uns opinavam dever ser
Pelo lado mais bojudo;
Outros obstinavam-se
Na defesa do oposto,
Mais delgado.
É uma polémica
À altura
Da própria dimensão
Dos lilliputeanos.
Jonathan Swift
Não iria esbanjar páginas
Das suas *Viagens de Gulliver*
Se com essa oposição,
Tão transcendente,
Não tivesse uma evidente
Atualista Intenção
Moral.

“Ponte Suspensa” é um vigoroso convite poético à elevação metafísica, à suspensão da tirania do embotamento da rotina do quotidiano, a um aguçamento do olhar, a reaprender a ver!

Série *Coepta* N. 5 é ed. especial da Revista Internacional d'Humanitats 51 jan-abr 2021
CEMOrOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona / Colégio Luterano São Paulo

Enio Starosky, a teoria de Keirsey e os tipos religiosos

(apresentação do livro: “Temperamentos & Religião – Tipologia e compreensão de perfis religiosos: uma análise a partir de David Keirsey”. Santo André: Kapenke, 2020)

Resumo: Apresentação do livro de Enio Starosky: “Temperamentos & Religião – Tipologia e compreensão de perfis religiosos: uma análise a partir de David Keirsey”. O artigo traz uma introdução ao pensamento de Keirsey e seu alcance no campo da tipologia religiosa.

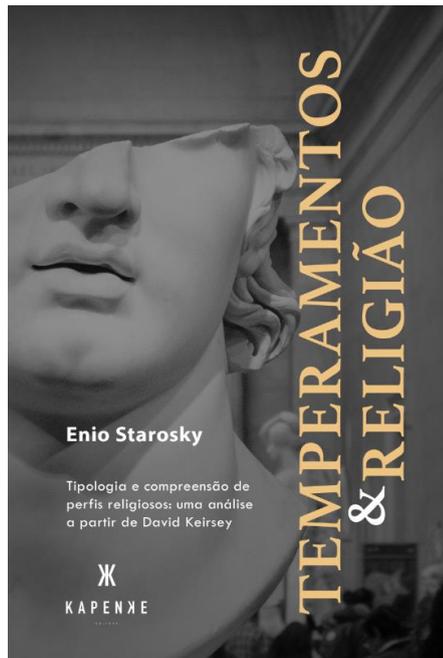
Palavras Chave: Enio Starosky. David Keirsey. Psicologia dos temperamentos. Tipos religiosos.

Abstract: Presentation of the book of Enio Starosky: “Temperamentos & Religião – Tipologia e compreensão de perfis religiosos: uma análise a partir de David Keirsey”. The article presents briefly an introduction to the psychology of Keirsey and its importance to religious analysis.

Keywords: Enio Starosky. David Keirsey. psychology of temperaments. religious types.

Lembro da data exata em que conheci Enio Starosky pois, para cada disciplina que leciono, crio uma página em meu site pessoal, na qual, além de programação e bibliografia, incluo dados dos alunos, seus seminários etc. Assim, no dia 8 de agosto de 2012, na primeira aula de “Abordagens Filosóficas da Educação” no Programa de Pós

Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, lá estava o Prof. Enio, como aluno especial de mestrado. Apresentou-se como bacharel em teologia e Diretor do Colégio Luterano São Paulo.



Recordo-me também que, naquela primeira aula, discutimos amplamente uma concepção antropológica fundamental das tradições clássicas de pensamento e religião – tanto do Ocidente como dos Orientes –, a de que o homem é um ser que esquece! Esquece-se não das minudências do cotidiano (fazer as compras do mercado, pagar as contas, a data da estreia de um filme etc.), mas das verdades essenciais: sobre Deus e o mundo e sobre seu próprio ser.

Enio ficou impressionado com essa ideia e, desde então, estabeleceu-se entre nós uma forte comunhão de pensamento que, ao longo daquele semestre, foi-se consolidando: compartilhávamos o entusiasmo por autores como Josef Pieper e C. S. Lewis e por tantos temas filosóficos e pedagógicos, como o da “voz média” ou o dos fundamentos clássicos da ética.



29-01-2015 – Enio Starosky proferindo conferência no XVI Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação

Para minha alegria e honra, no semestre seguinte fui escolhido como seu orientador de mestrado, uma notável dissertação, publicada em livro, já na segunda edição: “Amor e Educação em C. S. Lewis e Josef Pieper” (Santo André: Kapenke, 2018)”. Tive o privilégio também de ser seu primeiro orientador no doutorado (tarefa concluída pelas boas mãos do brilhante Prof. Dr. Vitor Chaves de Souza), que ora se publica como livro, em mais uma bela edição da Editora Kapenke: “Temperamentos & Religião – Tipologia e compreensão de perfis religiosos: uma análise a partir de David Keirsey”.

Enio Starosky, intelectual sério e profundo, tem uma incomparável vantagem para pesquisas – como esta do doutorado – sobre os diversos tipos de personalidade: como diretor de um importante colégio e como pastor, tem contato diário e conhecimento efetivo de alunos, pais e professores: compreende bem a realidade dos fiéis e as da educação e da Igreja. Claro que o preço a pagar é uma sobrecarga de trabalho que ele, como bom SJ (tipo de temperamento descrito neste livro), sabe levar sem descuidar nenhum detalhe dessas diversas atividades. Mas, por trás da aparência silenciosa de um ISJ, Enio é um ardente apaixonado por tudo o que faz. Afinal, vocação, dizia Julián Marías (outro de nossos filósofos favoritos), é “aquilo que não se pode deixar de fazer”. Para além da sua reconhecida atuação no âmbito pedagógico-administrativo, a vocação desse SJ é apontar, por meio de suas pesquisas científicas, perspectivas de ação e reflexão nos campos da Educação e da Religião.

O que o Dr. Enio Starosky faz neste livro é precisamente resgatar um daqueles “essenciais esquecidos”, de extrema importância para a convivência, para a Educação e para as Igrejas: a de que somos diferentes! Como escreveu George Orwell em “1984”, “Os melhores livros... são aqueles que nos dizem o que nós já sabíamos”. Já sabíamos, mas não tínhamos reparado; já sabíamos, mas tínhamos nos esquecido; já sabíamos, mas não tínhamos conhecimento claro, organizado, científico...

Como dizia, o primeiro ponto essencial que Starosky resgata é a ideia – tão simples quanto fundamental – de que somos diferentes: nossos modos de ser, de perceber o mundo, de sentir, de agir e reagir, nossos estilos etc. não são iguais e, em alguns casos, até opostos. Uma obviedade, sim, mas que na prática, no dia a dia,

encontra-se embotada, fora de foco de nossa percepção e consciência. O autor não só reafirma essa realidade básica, mas a repropõe em sua leitura mais moderna e avançada, oferecendo-nos uma análise concreta e fundamentada das bases e fundamentos dessas diferenças: o que nos ajuda na árdua tarefa de compreender o outro, especialmente no âmbito religioso.

Este livro de Enio Starosky é pioneiro, trata-se da primeira pesquisa keirseya no Brasil sobre os tipos na religião. A obra ajuda-nos – e muito – a compreender melhor o porquê das diferenças entre os estilos religiosos e seus líderes. Um exemplo, entre as dezenas que o leitor encontrará na leitura desta tese: a ordem beneditina (assim como seu fundador, S. Bento de Núrsia), com suas regras estritas, é radicalmente SJ; os franciscanos, seguindo o *Poverello* de Assis, voltados para a espontaneidade e a alegria, são SP. Não por acaso, Ratzinger escolheu seu nome papal Bento; e Bergoglio, Francisco. E a análise staroskyana estende-se, deliciosamente, para as diferenças de estilo em todos os campos da religião: a moral, a liturgia e as celebrações, a doutrina, a liderança, a pastoral etc.

Intencionalmente, temos insistido na palavra “compreender”. Ela é utilizada aqui com a feliz acumulação semântica que se dá em nossa língua (também no inglês, e em tantas outras): para além da mera captação intelectual, uma atitude de empatia e aceitação do modo (diferente) de ser do outro. Observe-se que os dois livros fundamentais de David Keirsey, se intitulam: *Please understand me* (1984) e *Please understand me II* (1998).

É chegado o momento de dizer umas breves palavras (tomando-as, por vezes, deste próprio livro), um resumo sumário e sem a preocupação do rigor de uma tese, da teoria que Enio aplica à religião, antecipando a própria introdução do trabalho: a teoria dos tipos de temperamento de Keirsey. Começemos pela recordação dos elementos fundamentais.

Keirsey distinguiu-se no campo da Psicologia, por aplicar, a seu modo, três pares de fatores de Jung em seu clássico livro “Tipos Psicológicos” (1921), junto com outro par (JxP), proposto pela tipologia de Myers-Briggs (1995), em seu famoso teste MBTI, *Myers-Briggs Type Indicator*.

A originalidade de Keirsey – e que constitui um poderoso diferencial em relação a Myers-Briggs – é agrupar os 16 tipos do MBTI em torno de 4 tipos de temperamentos (com quatro “sub tipos” cada um). Ao reabilitar, em versão contemporânea, a antiquíssima doutrina dos temperamentos, Keirsey fornece uma poderosa ferramenta para auxiliar na compreensão do modo de ser de cada um, suas preferências de gosto, conhecimento, modos de agir e de reagir aos estímulos exteriores, estilos, enfim, sua instalação no mundo.

O temperamento, para o autor, é uma “configuração” inata de alguns desses fatores, que é a base da personalidade: tudo aquilo que se constrói em cada um (e que cada um constrói) por conta de tantas variáveis: educação, experiências marcantes, diversas influências da sociedade etc.

Advirta-se desde logo que Starosky nunca faz uso reducionista da teoria: o temperamento é apenas um fator na compreensão de cada pessoa e, além do mais, é nada mais que um *Idealtypus*, com todas as limitações que a metodologia do tipo ideal impõe para o acesso à realidade. Assim, o tipo nunca pode se confundir com a própria realidade; o uso comum da palavra “tipo” parece confirmar essa prudente limitação para o método. Na gíria, “tipo” é uma aproximação, que indica imprecisão: “orçamento eu não tenho, mas deve custar tipo uns 10 ou 15 mil reais”, “essa moça [junto com

outras milhões] não faz meu tipo”. E quando dizemos que um salame é tipo italiano, estamos implicitamente afirmando que **não** é italiano. Um tipo é só uma acentuação teórica, caricata (não no sentido pejorativo), a qual permite uma primeira aproximação de uma realidade que, insistamos, está sempre longe de se esgotar no tipo.

Tenhamos em conta também que pertencer a este ou àquele tipo de temperamento não tem **nenhuma** conotação moral: há grandes santos e grandes criminosos em cada um dos 4 temperamentos e seus 16 “sub tipos”. Nem, de forma alguma, “é melhor” ser humano aquele que é deste ou daquele tipo. Trata-se simplesmente de uma preferência natural da pessoa em seu modo de relacionar-se com o mundo, como a preferência por cores ou sabores.

Na teoria de Keirsey, como na de Myers-Briggs, intervêm 4 pares de fatores, de preferências opostas: 3 deles procedem de Jung (as preferências I/E, S/N e F/T) e o quarto par é J/P (Myers Briggs e Keirsey).

Desses 4 pares, Keirsey extrai seus 4 temperamentos: SJ, SP, NF e NT que, combinados às possibilidades restantes, resultam em 16 tipos mais específicos (ESTJ, ISTJ, ESFJ, ISFJ; ESTP, ISTP, ESFP, ISFP; ENFJ, INFJ, ENFP, INFP; ENTJ, INTJ, ENTP, INTP).

Parece-nos mais adequado designar os tipos pelas letras que abreviam cada caso, ao contrário de Keirsey, que além dessas siglas, vale-se também de nomes para designá-los: o SJ sendo o Guardiã; o NF, Idealista; o NT, o Racional etc. Essas siglas preservam-nos de equívocos e mal entendidos, que poderiam ser sugeridos pelos nomes dos tipos ou dos fatores (por exemplo, J x P seria a oposição entre Julgamento e Percepção, que nada têm que ver com o uso comum dessas palavras...). Na verdade, muitas vezes em nossa comunicação geral, ficamos com as siglas e não sabemos (nem precisamos saber) o que estão elas abreviando: a **Confederação Sul Americana de Futebol** é a *Conmebol* e ninguém tem a menor ideia de que o *http* da internet abrevia *Hyper Text Transfer Protocol*.

Passemos agora a resumir, brevemente, esses fatores de que Keirsey se vale.

Os fatores ExI (os mais fundamentais para Jung e os menos essenciais para Keirsey, que não os faz integrar o núcleo de nenhum dos 4 temperamentos) são simplesmente a preferência pela Extroversão / Introversão. Quem tem a preferência pelo fator E energiza-se em contato com os outros, que podem ser muitos e desconhecidos, enquanto o I recarrega suas baterias sozinho, ou em contato com poucos e, em geral, bem conhecidos. O fato de 80% ou mais das pessoas serem E e, além do mais, nossas instituições sociais (a escola entre elas), as *vigências*, de que falava Ortega y Gasset, são feitas para os E (em detrimento das preferências I), constituindo-se como um fator a mais de exclusão e desconforto para os introvertidos... Vale ainda lembrar que o fator E predomina nas celebrações de muitas igrejas, para desconforto dos fiéis I.

O par S/N indica a preferência pelo fator S (de *Sensible*, cerca de 80% da população), realista e de pés no chão, que se atém aos fatos enquanto tais, em oposição ao N (de *iNtuição*), para quem os fatos são mero trampolim para outra “dimensão” – a da leitura científica racional dos fatos (NT) ou a da realidade humana em seu sentido mais profundo (NF). Daí que os NF (ainda mais que os NT) encontrem-se muito à vontade com a comunicação por metáforas, enquanto a linguagem dos S tende a ser direta e factual.

A oposição FxT é de mais fácil e direta compreensão. F (de *Feeling*) indica um *approach* pessoal da realidade, incluindo as emoções e a afetividade. Já para o T (de *Thinking*), o que conta é o *Sachverhalt*, o estado “objetivo” das coisas, à margem de considerações sobre as subjetividades envolvidas. No caso extremo, o T é um computador jogando xadrez: a decisão sobre o lance envolve somente a fria análise do tabuleiro.

Evidentemente, para a vida e para o convívio social em geral, são necessárias as duas posturas (embora cada um seja tentado a achar que melhor seria a exclusividade de sua preferência...). O delicado problema do equilíbrio entre os dois polos é lançado já no século XIII por Tomás de Aquino: sim, a justiça é a coluna vertebral que sustenta a sociedade, mas a fria justiça T necessita do contraponto F da misericórdia: “*Iustitia sine misericordia crudelitas est; misericordia sine iustitia, dissolutio*” (Cat. Aur. in Mt, cp5 lc 5): “a justiça sem misericórdia é crueldade; a misericórdia sem justiça é dissolução”. Uma das melhores análises de Starosky é precisamente sobre a oposição FxT nas religiões.

Finalmente, a oposição JxP. Keirsey distingue resumidamente a preferência J (de *Judging*) da preferência P (de *Perceiving*), indicando que aqueles preferem a conclusão e a resolução de um assunto; enquanto estes preferem manter opções abertas e fluidas.

Naturalmente, a preferência J conecta com um aspecto externo que prefere a arrumação e a ordem – horários, datas, planejamento etc. – enquanto o P propende mais ao “deixa a vida me levar”. Claro que nas igrejas tradicionalmente prevalece, por parte das lideranças e de muitos ministros, a preferência J.

Quando esses 4 pares de fatores se combinam, formam os 4 tipos de temperamentos (SJ, SP, NF e NT) e os 16 sub tipos que deles decorrem.

Uma palavra também sobre esses temperamentos: SJ é o tipo que tem suas preferências pelo dever, pelo cumprimento das regras, pela responsabilidade; que se empenha em transmitir os valores que dão estabilidade à sociedade; avesso a mudanças rápidas etc. Sendo os SJ a maioria da população e o tipo que mais sente a atração natural por envolver-se com as igrejas e com os serviços eclesiais, há sempre o risco de uma hipertrofização do viés (e eventuais disfunções) desse tipo em detrimento dos demais. Já os SP voltam-se para a ação, movido pela impulsividade, pelo lúdico. Os NF, por sua vez, constituem um tipo de especial interesse para a religião, já que sua motivação maior é o sentido do humano e a busca do autêntico “*self*”. Finalmente, os NT buscam, naturalmente, a estruturação racional do mundo (e da religião).

A partir desta base, o leitor acompanhará a trajetória do livro, repleto de deliciosos exemplos concretos, verificando as preferências de cada tipo nos grandes temas da religião: a espiritualidade; a tradição e a inovação; a própria compreensão da religião; os tipos de cada um dos 4 evangelhos; o serviço e a caridade; a pastoral; as lideranças etc. etc. etc.

Tornar-se-á evidente também a imensa importância da mensagem desta obra: um libelo contra a exclusivização do umbigo de cada um na concepção de Igreja e um chamado à harmônica diversidade, na qual cada tipo dá o seu melhor para a comunidade. O que é, afinal, o plano do Logos, a Inteligência criadora de Deus. Parafraseando o cap. I de Gênesis: “E Deus criou os SJ (SP/ NF / NT) e viu que era muito bom”.

Retomemos a ideia de que os melhores livros nos dizem o que já sabíamos... Este, além da leitura por dentro (que é etimologicamente “inte-ligência”) da realidade

religiosa, abre-nos o caminho para a construção de uma sadia convivência entre as religiões (e intra-religião, em cada caso), tão necessária em nosso tempo, ameaçado por fundamentalismos e intolerâncias.

Uma leitura indispensável, que pode contribuir também para um salto de qualidade em nossa visão do mundo.

São Paulo, 06 de setembro de 2020

**In Starosky, Enio - Amor e educação em C.S. Lewis e Josef Pieper.
São Paulo: Factash Editora, 2015**

**“In dürftiger Zeit...” – Educar para o
amor em tempos de penúria**

(Prefácio a Starosky, Enio - Amor e educação em C.S. Lewis e
Josef Pieper São Paulo: Factash Editora, 2015)

“Atualidade” nem sempre significa o que está factualmente vigente, a tendência da moda, o que todo mundo “*take for granted*”. Pois goza de atualidade também aquilo

que é de relevância para os dias de hoje, apesar de (ou precisamente por...) não ser factual. Assim, nada de maior atualidade para o Brasil de nosso tempo do que a integridade dos políticos. Se a atual corrupção se impõe como fato; a honestidade ausente é ainda de maior atualidade, como imperativo de sobrevivência nacional.

Nesse sentido, um educador em diálogo com educadores, o Prof. Enio Starosky, em sua notável dissertação de mestrado (da qual tive o privilégio de ser o orientador), ora em forma de livro, traz à nossa consideração a filosofia da educação para o amor (hoje tão esquecido e desvirtuado), enraizada na antropologia filosófica de dois dos principais pensadores do século XX, Josef Pieper e C. S. Lewis. Retomo aqui, alguns dos temas deste livro, orientando-os para um particular aspecto: “a penúria de nosso tempo”.

A escolha de Starosky não foi casual: Pieper e Lewis têm fortes características comuns: são pensadores profundos e rigorosos, ao mesmo tempo que recusam uma terminologia hermética, instalando-se na linguagem comum e sempre voltados para a realidade concreta. Ambos, com rigor filosófico, assumem seus pressupostos cristãos (e Pieper mostra que a *Voraussetzungslosigkeit*, a “isenção de pressupostos” é uma presunçosa miragem, como expõe o próprio Starosky em um dos tópicos finais deste trabalho). Ambos de extrema atualidade (a atualidade do contrastante, de que falávamos acima) em nossos “tempos de penúria”.

Tempos de penúria. De propósito, encaminhei esta introdução para a chocante interpelação de Hölderlin, um verso de seu poema “Pão e Vinho”¹¹, que nos convida a contextualizar o amor no quadro antropológico.

Wozu Dichter in dürftiger Zeit?

Para que poetas em tempos de penúria?

Precisamente este verso está no centro de importantes estudos de Martin Heidegger e de Josef Pieper¹².

Certamente, como faz notar Pieper, não se trata de uma autêntica pergunta: o que se diz é que não teriam sentido as artes em tempos de penúria. Naturalmente, teremos que ampliar o diálogo com o poeta e identificar o que significa a “penúria” do verso de Hölderlin.

A resposta do poeta a essa tremenda pergunta situa-o na linha clássica da concepção da arte, da educação e do amor, já afirmada há 2500 anos pelo poeta Píndaro. Uma renovação de valores, tanto mais urgente nos dias de hoje, quando não só encontramos dificuldades para realizá-los, mas inclusive para compreendê-los.

Uma tal dificuldade reside, antes de mais nada na reta avaliação da penúria do nosso tempo. Como diz Heidegger, precisamente comentando aquele verso:

¹¹ "Brot und Wein". Cito pela edição eletrônica da Universidade de Freiburg: <http://freiburger-anthologie.ub.uni-freiburg.de/fa/fa.pl?cmd=gedichte&sub=show&noheader=1&add=&id=720>.

¹² Citarei o primeiro, "*¿Y para qué poetas?*", pela edição: Martin Heidegger *Caminos de bosque* Traducción de Helena Cortés y Arturo Leyte, Alianza, Madrid, 1996, pp. 241-289. O leitor familiarizado com Pieper, saberá reconhecer a imensa dívida, também neste estudo, que tenho para com este pensador. Apoio-me especialmente nos capítulos "*Erinnerung: Mutter der Musen*" e "*Die Festgenossen*" de *Nur der Liebende singt*, Stuttgart, Schweibenverlag, 1988. Um comentário específico ao verso de Hölderlin é *Die musischen Künste und das Fest*, Münster, s.c.p., 22-6-80.

Nosso tempo mal compreende a pergunta; como vamos compreender a resposta dada por Hölderlin?

E a resposta de Hölderlin incide certamente sobre o núcleo essencial daquela grande tradição: a verdadeira arte, em última instância, só floresce como expressão de afirmação e de louvor a Deus pela beleza do mundo:

Por que definham as artes? Por que estão mudos os teatros? Por que imóvel a dança? (...)
Ah, meu amigo, chegamos tarde demais... Sim, ainda há deuses mas acima de nossas cabeças, em outro mundo (...) Que dizer? Não sei. Para que poetas em tempos de penúria?

Em nossa época, a penúria chegou a extremo tal – comenta Heidegger – que nem sequer é capaz de sentir que a falta de Deus é uma falta. Pois a penúria dos tempos não é a escassez material, mas a ausência “para nós” de Deus, que pode até existir, mas *in anderer Welt* “em outro mundo” que não o nosso (Hölderlin). À poesia, à arte, ao amor, à verdadeira educação competem realizar essa discreta teofania: não me refiro aqui ao confessional ou ao “sacro”, mas à revelação natural de Deus no trivial e no cotidiano. Não o Deus dos exércitos, não o Deus juiz, não o Deus impessoal-força cósmica, mas Deus que é fonte e raiz de amor e carinho, o Deus que olhou para sua criação e para o homem e viu que tudo era muito bom. A *Zusammenhang* Deus e cotidiano é uma das claves principais da obra de Pieper e de Lewis, e a música de fundo de todo o trabalho de Starosky.

Para nos aproximarmos dessa relação entre Deus e o cotidiano, e mais ainda entre Deus e o trivial, devemos remontar a um emblemático episódio, protagonizado por um grande pensador nos alvares da filosofia, Heráclito de Éfeso. O episódio é narrado por Aristóteles¹³:

Diz-se que Heráclito assim teria respondido aos estranhos vindos na intenção de observá-lo. Ao chegarem, viram-no aquecendo-se junto ao forno. Ali permaneceram, de pé (impressionados sobretudo porque) ele os encorajou (eles ainda hesitantes) a entrar, pronunciando as seguintes palavras: “Mesmo aqui os deuses também estão presentes”¹⁴

Em vez do “sábio” por eles imaginado, imerso nas profundezas do pensamento, investigando os segredos da divindade, esses visitantes decepcionados encontram Heráclito prosaicamente aquecendo-se junto ao fogão. E o filósofo tem que instruir esses curiosos desavisados:

Mesmo aqui, junto ao forno, mesmo neste lugar cotidiano e comum onde cada coisa e situação, cada ato e pensamento se oferecem de maneira confiante, familiar e ordinária, “mesmo aqui”, nesta dimensão do ordinário, os deuses também estão presentes. A essência dos deuses, tal como apareceu para os gregos, é precisamente esse aparecimento, entendido como um olhar a tal ponto compenetrado no ordinário que,

¹³ *De part. anim.*, A5 645 a 17 e ss.

¹⁴ *apud* Heidegger, M. *Heráclito*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, p. 22.

atravessando-o e perpassando-o, é o próprio extraordinário o que se expõe na dimensão do ordinário¹⁵.

Se a filosofia, tal como a arte, tem a missão de recordar os “essenciais esquecidos”, esse episódio, mesmo em sua interpretação superficial, já teria o imenso mérito de lembrar a presença de Deus no cotidiano. O alcance do posicionamento de Heráclito é, porém, ainda mais profundo e a análise de Heidegger chega a uma conclusão muito forte, e como ele mesmo diz: “curiosa”. É o que, em português, podemos expressar, lendo o “mesmo aqui” de Heráclito, como “aqui mesmo”! E é que, no fundo, Heráclito não diz “Mesmo aqui estão os deuses”, mas sim: “É aqui mesmo que estão os deuses”. Aqui mesmo: junto ao forno, no trivial do cotidiano:

Quando o pensador diz “Mesmo aqui”, junto ao forno, vigora o extraordinário, quer dizer na verdade: **só aqui** há vigência dos deuses. Onde realmente? No inaparente do cotidiano¹⁶.

Assim, o cotidiano aparece como o *habitat* da dádiva de Deus. A poesia, a arte, o filosofar, a verdadeira vivência religiosa, fazem-nos ver (ou entrever...) e lembrar essa realidade transcendente no inaparente do cotidiano. E, sem ela, recaímos na cotidiana desolação, como expressou Adélia Prado:

De vez em quando Deus me tira a poesia.
Olho pedra, vejo pedra mesmo¹⁷.

Fracassa em seus fins mais decisivos uma educação que não nos ajude a ver o *plus*, para além da mera pedra, o cotidiano como objeto de transcendência. Em uma entrevista, a poeta declarava:

Onde é que estão os grandes temas? Para mim, aí é que está o grande equívoco. O grande tema é o real, o real; o real é o grande tema. E onde é que nós temos o real? É na cena cotidiana. Todo mundo só tem o cotidiano e não tem outra coisa. Eu tenho esta vidinha de todo dia com suas necessidades mais primárias e irreprimíveis. É nisso que a metafísica pisca para mim. E a coisa da transcendência, quer dizer: a transcendência mora, pausa nas coisas... está pousada ou está encarnada nas coisas¹⁸.

¹⁵ Heidegger, M. *Heráclito*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, pp. 23-24.

¹⁶ Heidegger, M. *Heráclito*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, p. 24. E Heidegger prossegue: "Não é preciso evitar o conhecido e o ordinário e perseguir o extravagante, o excitante e o estimulante na esperança ilusória de, assim, encontrar o extraordinário. Vocês devem simplesmente permanecer em seu cotidiano e ordinário, como eu aqui, que me abrijo e aqueço junto ao forno. Não será isso que faço, e esse lugar em que me aconchejo, já suficientemente rico em sinais? O forno presenteia o pão. Como pode o homem viver sem a dádiva do pão? Essa dádiva do forno é o sinal indicador do que são os *theóí*, os deuses. São os *daíontes*, os que se oferecem como extraordinário na intimidade do ordinário." Etc.

¹⁷ Prado, Adélia *Poesia Reunida*, São Paulo, Siciliano, 1991, p.199

¹⁸ Prado, Adélia "Poesia e Filosofia", in Lauand, Jean *Interfaces*, São Paulo, Hottopos, 1997, pp. 23-124.

O “*plus*”: a pedra não é uma prosaica pedra, ou melhor, sendo pedra – e precisamente por ser – é muito mais que pedra... É, como diz Adélia em outro verso, a “magnífica insuficiência” a convocar o transcendente.

Toda educação tem uma missão “lebradora”. Como ensina Pieper¹⁹, já a tradição grega, desde Hesíodo, cerca de 700 A. C., aponta a memória como mãe das Musas; um século depois, a poetisa Safo, afirma que não há memória sem as Musas - a missão da arte é a de recordar -, tese que é retomada - outros cem anos depois - no “Hino a Zeus” de Píndaro: o homem é um ser que esquece! O homem, que foi agraciado pela divindade com a chama do espírito, o homem, afinal, saiu mal feito, mal acabado, ele tende ao embotamento, à insensibilidade... ao esquecimento! As musas (filhas de *Mnemosyne*, a Memória) são um remédio de Zeus para essa situação: elas foram dadas pela divindade ao homem como companheiras, para ajudá-lo a lembrar-se...

É neste ponto que devemos recorrer a outra sentença de Heráclito, essencial para o nosso tema. Heráclito, que afirmava que “a natureza gosta de esconder-se”²⁰, afirma também um importante princípio de interpretação do oculto: “o mesmo e único é o caminho que sobe e o que desce”²¹. Essa sentença, longe de ser o truísmo que poderia parecer à primeira vista, é na verdade a chave para a nossa filosofia.

Julián Marías, comenta:

O caminho para cima é justamente o caminho que leva do patente, do manifesto ao latente, ao oculto. Mas Heráclito acrescenta algo mais: que o caminho para cima e o caminho para baixo é o mesmo e único. Quer dizer: há um caminho que leva do patente ao oculto, de ida e volta: o caminho inverso, o caminho que leva do patente ao latente...²²

Em nosso caso, o “acima”, o “latente” é precisamente aquele *plus* de que falava Adélia Prado: somente quando se vê o mundo como criação – como obra de Deus, presente e fundante – e o homem como participante no que está acima do humano, somente então podem as musas surgir para festejar um mundo pleno de sentido e de beleza.

Como diz Platão nas *Leis*²³, as musas são um presente da misericórdia divina: dadas aos homens como companheiras de festa e remédio contra a tendência ao embotamento e embrutecimento a que estamos sujeitos. E em tempos penuriosos, levanta-se a paráfrase de Pieper:

Para que companheiras de festa, se já não há festa?²⁴

¹⁹ *Nur der Liebende singt*, Stuttgart, Schweibenverlag, 1988, p. 35.

²⁰ Harris, William *Heraclitus – The Complete Philosophical Fragments*, sentença 17. Disponível em: <http://community.middlebury.edu/~harris/Philosophy/Heraclitus.html>. E a filosofia aparece como uma busca do descobrimento dessas ocultações (*aletheia*, a palavra para “verdade” em grego, significa precisamente, um des-velar).

²¹ in Harris, William *op. cit.* sentença 108.

²² Marías, Julián “Heráclito”, *International Studies on Law and Education*, No. 3., São Paulo, *Harvard Law School Association*, p. 85.

²³ PLATÃO, *Leis*, 665a.

²⁴ *Die musischen Künste...* p. 4.

Pois, continua a análise de Pieper, a atitude festiva só se encontra realmente em quem está profundamente “de bem” com o mundo e com a totalidade do ser, o que pressupõe o louvor a Deus: para que poetas, para que festejar e cantar um mundo que não fosse Criação? A festa sempre é louvor e afirmação. Quem quer que celebre uma festa, mesmo uma simples festa de aniversário, consciente ou inconscientemente dá seu assentimento a Deus e ao mundo:

Ou será que poderia festejar, mesmo um simples aniversário, quem estivesse seriamente convencido, com Jean-Paul Sartre, de que “é absurdo que tenhamos nascido; é absurdo que existamos”?²⁵

Pois a festa e a arte se alimentam do amor. E o amor, afinal, é aprovação, afirmação e - como tão bem formulou Pieper - pôr-se diante da pessoa amada e dizer: “Que bom que você exista! Que maravilha que você esteja no mundo!”. O amor humano, porém, é ainda algo de provisório; na verdade, ele é como que continuação, participação e prolongamento de um outro Amor: o Amor de Deus, que desde o princípio profere a frase criadora por excelência: “É bom que existas!”²⁶.

E com isto tocamos o centro da educação para o amor, que o trabalho de Starosky tão bem apresenta.

Trata-se de aprender a ver o caráter criado do mundo, o divino na realidade que nos circunda: o amor humano como continuação que é do Amor criador de Deus. Voltar-se para o outro com aquele olhar em voz alta que exclama: “Que bom que você exista!”.

À educação compete desempoeirar o que se embotou ao sabor da rotina do cotidiano de penúria, chamar a atenção para esse “segredo”. Como ensina Pieper: a afirmação da contemplação terrena supõe a convicção de que no fundo das coisas – apesar de todos os pesares, que nesta vida não faltam – há paz, salvação e glória; que nada nem ninguém estão irremediavelmente perdidos; que nas mãos de Deus, como diz Platão, estão o princípio, o meio e o fim de todas as coisas.

Ora, a Criação é o ato em que nos é dado o ser em participação. E é por isso que tudo o que é, é bom: participa do Ser (e do Bem). E voltamo-nos para aquela afirmação ontológica de Tomás de Aquino:

Assim como o bem criado é certa semelhança e participação do Bem Incriado, assim também a consecução de qualquer bem criado é também certa semelhança e participação da felicidade definitiva²⁷.

A participação no Ser é a base metafísica sobre a qual ocorre a contemplação. Pois, prossegue Tomás, dentre as diversas formas de “consecução de um bem”, a mais profunda é a contemplação (*nobilissimus modus habendi aliquid*)²⁸, o ver com olhar de amor. E para o Aquinate:

²⁵ Pieper, Josef *Die musischen Künste...*, p. 4.

²⁶ Cf Pieper, Josef "O que é o Amor" in *Crer, esperar, amar* <http://www.hottopos.com.br/notand4/crer.htm>.

²⁷ *De Malo* 5, 1, ad 5

²⁸ *Comentário ao Liber de causis*, 18

(Pela contemplação de Deus na Criação) Produz-se em nós uma certa incoação da felicidade que começa nesta vida e se consumará no Céu²⁹

A presença fundante do Amor de Deus, razão do ser, que a Ele retorna! Como expressa aquela sentença proferida à entrada do Paraíso (o mesmo e único doce fruto que nós, mortais, por mil ramos procuramos), uma das prediletas do próprio Dante:

*Quel dolce pome che per tanti rami
cercando va la cura de' mortali
Oggi porrà in pace le tue fami*

É a busca de plenitude, de saciedade para a sede infinita do coração humano, mensagem cifrada da felicidade plena e do Amor definitivo...

São Paulo, abril de 2015

International Studies on Law and Education 45 set-dez 2023 CEMOrOc-Feusp

Homenagem aos 90 anos do Colégio Luterano São Paulo – seleção de dez conferências (2013-2023) Cemoroc no Colusp

²⁹ II-II, 180, 4

**Parte I - Os 90 anos do Luterano: Tradições e “tradições” – Discurso de abertura do
XXIV Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação (10-4-2023) em
homenagem ao aniversário do Colégio**

Como presidente do Cemoroc (Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente – Feusp), é com muita honra e alegria que inauguro este nosso Seminário, neste ano dedicado a homenagear os 90 anos de nosso parceiro: o Colégio Luterano São Paulo. Parabenzando seu diretor, o Prof. Dr. Enio Starosky, cumprimento e felicito também a mantenedora, os demais dirigentes e professores do Colégio aqui presentes.

Neste 2023 celebramos também outro aniversário redondo: o de 10 anos da parceria de nosso Centro com o Luterano.

90 anos sempre é um marco respeitável para um Colégio, mas em nosso país, tão jovem – e ainda mais na nossa São Paulo, sempre em transformação –, é uma efeméride ainda muito mais significativa. Para avaliar a escala das “tradições” no Brasil, fiz uma busca no Google por “5 anos de tradição” e encontrei mais de 100000 páginas! A mesma busca em italiano deu apenas 2 páginas! Em francês, zero!

Nosso Centro, desde sua fundação, tem vocação para parcerias. Logo que foram lançadas, há 25 anos, nossas revistas já eram publicadas conjuntamente com prestigiosas universidades da Europa. Ao concluir os diálogos para firmar essas colaborações fundacionais, eu transmitia aos colegas do velho continente o pedido da diretora da Feusp de que constasse nas capas da revista que a publicação celebraria os “30 anos da fundação da Fac de Ed USP”. Eles sorriam e ficavam surpresos, mas concordavam.

E tive que ouvir de nosso parceiro de Friburgo na Alemanha que a universidade dele era de 1456 (quando nem existia Brasil), mas que não via inconvenientes no meu pedido e achava ótimo (talvez pensando com seus botões: “Será que esses brasileiros temem não completar o 31º. aniversário?”).

A pré-história da relação do Cemoroc com o Luterano começou em uma data precisa: 8 de agosto de 2012, quando em um curso de Filosofia da Educação que eu ministrei no Programa de Mestrado em Educação na Universidade Metodista de São Paulo, conheci – como aluno especial – Enio Starosky. Acabada a aula, conversamos e imediatamente surgiu uma profunda *sym-pathia* (“etimologicamente: mesmo modo de sentir”): compartilhávamos em boa medida a mesma postura filosófica, os mesmos valores pedagógicos e os mesmos heróis do pensamento (C. S. Lewis e Josef Pieper). E a sintonia valia também para as instituições que dirigíamos: o Cemoroc e o Luterano. E o colégio viria a ser peça chave em uma de nossas mais importantes linhas de pesquisa: a psicologia de David Kersey.

No ano seguinte, em 2013, o Prof. Enio Starosky começou o mestrado na Metodista, sob minha orientação (sobre os nossos C. S. Lewis e Pieper) e depois viria a fazer o doutorado (sobre o nosso Keirse).

Desde sempre o Centro realiza inúmeras atividades de apoio à escola pública, por iniciativa de nossos diretores, Dra. Chie Hirose e Dr. João Sérgio Lauand.

Em 2013 estendemos essas atividades para o Colégio Luterano, pois além de se tratar de uma escola com alto senso comunitário, poderia estabelecer um frutífero intercâmbio de pensamento com nosso Centro.

Nesse sentido, basta dizer para ficar só com o caso mais significativo – ao longo desses 10 anos de parceria – todos nossos estudos sobre David Keirsej tiveram no Luterano um autêntico laboratório para – entre outras pesquisas – o pós-doutorado de Nádia Vianna, o de Chie Hirose, o de Alexandre Medeiros e o doutorado do próprio Enio Starosky. Somente sobre Keirsej o Cemoroc coeditou com o Luterano nada menos do que sete livros (dos mais de 20 de nossos livros em conjunto)!

Para além da psicologia de Keirsej, inúmeras outras atividades de pesquisa e extensão de nosso Centro deram-se no Luterano: Seminários, Formação de Professores, Conferências para alunos e até para pais, coedição de mais de uma dezena de revistas acadêmicas etc.

E, reciprocamente, muitos docentes do Luterano têm participado dos Seminários do Cemoroc e publicado em nossas revistas. E mesmo alunos do Colégio têm publicado nas dez edições de nossas *Coepta*, prestigiosas revistas acadêmicas internacionais do Cemoroc, que acolhem artigos de jovens pesquisadores.

Prezado Prof. Enio, receba uma vez mais nossas mais calorosas felicitações pela data e também a gratidão de todos os pesquisadores de nosso Centro de Pesquisas pelo seu fecundo trabalho de unir o Luterano – além de um colégio um centro de Pensamento Pedagógico – ao Cemoroc, que se orgulha de tê-lo como Diretor Científico do Centro.

E imensos parabéns pelo *runden Geburtstag* que, como dizia no início, para nossa escala brasileira: 90 anos é uma tradição milenar!

Parte II – Conferências do Cemoroc no Luterano

O Cemoroc e a formação de professores

Os autores destas conferências são pesquisadores do Cemoroc, um centro de pesquisas, com membros no Brasil e no exterior, com uma perspectiva muito ampla de áreas temáticas.

Um aspecto importante da vocação do Cemoroc é a intensa promoção de atividades de formação de professores da escola pública – e de duas escolas particulares, que se abrem também à formação dos docentes da escola pública e da comunidade, como explicava em nosso site, no começo de 2019, nossa Diretora de Eventos, Profa. Dra. Chie Hirose:

O Cemoroc é conhecido pela pesquisa avançada, pelos numerosos eventos internacionais que organiza e por suas edições: em 2017 comemoramos a publicação de 250 volumes de prestigiosas revistas internacionais. Mas o que mais me orgulha em nosso Centro, como professora também de Ensino Fundamental em escola pública, é que o Cemoroc se ocupa da formação e dá protagonismo de autores aos professores de Educação Básica. Na página “Seminários” deste site, encontram-se também, desde 2013, o registro de diversos seminários (cursos, aulas, encontros etc.) que o Cemoroc tem promovido para professores da rede pública de ensino. Essas atividades têm sido sediadas em escolas municipais e estaduais, mas também – pela agilidade e qualidade organizacional – em duas escolas da rede particular – o Luterano e o Júlio Verne – que têm disponibilizado suas

instalações, infraestrutura e recursos humanos para que o Cemoroc possa realizar esses eventos. O Colégio Luterano São Paulo (Ipiranga) e o Centro de Estudos Júlio Verne (Diadema) são escolas de elevado senso comunitário e de pensamento pedagógico que estão em permanente diálogo com os pesquisadores de nosso Centro. Seus diretores, Enio Starosky e Alexandre Medeiros, membros do Cemoroc. Como todas as atividades do Centro, esses eventos são gratuitos, abertos para a comunidade e certificados pelas entidades promotoras. Nossos agradecimentos ao Luterano e ao Júlio Verne, por essa valiosa colaboração.

(<http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/>)

Com essas iniciativas de formação, fica evidente o esforço de aproximação entre a pesquisa acadêmica e a educação básica, uma diretriz assumida pelo Cemoroc como prioritária para a melhoria do ensino. De fato, diretores e membros de nosso Centro não têm poupado esforços em contribuir para a concretização dessa meta.

No centro da articulação entre os pesquisadores do Cemoroc e a escola pública encontra-se a Profa. Dra. Chie Hirose, mestra pela Universidade de Hiroshima e doutora pela Faculdade de Educação da USP (na qual fez também dois pós doutorados) e, ao mesmo tempo professora alfabetizadora na Prefeitura de São Paulo. Trata-se de uma pesquisadora única, divide seu tempo entre o chão da escola municipal e o trabalho como docente e pesquisadora na universidade.

Além das inúmeras conferências de formação de professores, a Dra. Hirose também exerce um notável trabalho editorial, trazendo, para nossas revistas acadêmicas, artigos de seus colegas da Educação Básica.

O Cemoroc e o Colégio Luterano São Paulo

Dentre as inúmeras parcerias acadêmicas – nacionais e internacionais – de nosso Centro, uma das mais amplas é precisamente com o Colégio Luterano. E também uma das mais entranháveis, pelo fato de se tratar de educação básica e pela sintonia com seus ideais de formação humanista, vocação pedagógica comprometida com a qualidade do ensino e sua abertura para a comunidade.

Desde 2013, começamos a interagir com o Luterano e muitos de nossos pesquisadores têm proferido conferências para o corpo docente, os alunos e os pais dos alunos do Colégio.



“Formatura” do curso “Sobre a tipologia de David Keirse” – curso para pais e professores no Colégio Luterano São Paulo (2019)



“‘Regras’ para escrever um artigo científico” conferência para os alunos do Colégio, 19-06-18



João Sérgio Lauand, Silvia Colello, Jean Lauand, Enio Starosky

Todos os anos temos ministrado atividades de formação de professores: estudos avançados em Educação confrontados com a rica experiência de sala de aula do corpo docente do colégio. Passaram por esses encontros – na Capela, os de público mais numeroso – os autores das conferências selecionadas (desde 2013) para esta edição, os

seguintes professores doutores: Aida Hanania, professora titular da Fflchusp; Chie Hirose, doutora e pós doutora pela Feusp; João Sérgio Lauand, doutor pela Feusp; Luiz Costa Pereira Jr., doutor pela Feusp e fundador da revista *Língua Portuguesa*; Nádia Wacila Vianna, pós doutora pela Feusp; Paulo Ferreira da Cunha, juiz da Suprema Corte de Portugal; Roberto Carlos Gomes de Castro, pós doutor pela Feusp; Silvia M. Gasparian Colello, livre docente da Feusp. Além, é claro, de Enio Starosky, diretor do Colégio.

Ao revisitarmos estas conferências (proferidas desde 2013...), houve, em diversos casos, ligeiras adaptações em relação às publicações originais.

Uma presença muito especial nesta edição é a do catedrático da Universidade do Porto, Paulo Ferreira da Cunha, atualmente na Suprema Corte de Portugal.



Prof. Dr. Paulo Ferreira da Cunha e Jean Lauand, presidindo o lançamento das revistas *Coepta* (que acolhe artigos de jovens pesquisadores no Colégio Luterano São Paulo, 26-11-18)



Doutor Paulo Ferreira da Cunha (1º. á esquerda na mesa) No lançamento de *Coepta*, no Colégio Luterano São Paulo, 26-11-18

Cabe aqui, para finalizar este tópico, uma palavra de louvor e agradecimento para a equipe do Colégio Luterano São Paulo: seus professores espontaneamente buscam aprimorar sua formação e impulsionam essas atividades do Cemoroc com seu entusiasmo por crescer na arte de ensinar e pela atenção pessoal a cada aluno. A mesma

solicitude encontramos sempre na equipe técnica e pedagógica do Colégio. Lá nossos pesquisadores têm encontrado, sempre de novo, um ambiente cálido e acolhedor, de “estar em casa”, que vai unido à plena eficiência de funcionamento. E isto, naturalmente, possibilita a integração das famílias e da comunidade em nossos eventos.

O regente que tem tornado possível todas essas grandiosas realizações: o grande educador Enio Starosky. Sob sua direção, toda a família Luterano empenha-se em construir uma escola que seja *skholé*, a alma em festa que se abre ao saber; *studio*, o amor que se compraz no aprender; capacidade para o *mirandum*, saber admirar a beleza e a grandeza da criação no cotidiano. Em sua dissertação de mestrado, da qual tive a honra de ser o orientador: “Amor e educação em C. S. Lewis e em Josef Pieper” (Umesp, 2015), ele apresenta esses ideais, que recolhe do filosofar do grande filósofo alemão Josef Pieper, na seguinte citação:

“Estudar, estudo, é (real e) etimologicamente (*studio*) zelo, aplicação, dedicação de quem ama o que faz; e escola remete a *skholé*, a atitude de serena festa da alma que se deleita na contemplação da verdade, despertada pelo olhar de admiração. Se os alunos forem incapazes de ler o mundo, de ver o *mirandum* e, portanto, de vibrar com o conhecimento, sentir-se-ão cada vez mais deslocados na escola. O ensino de literatura, de história, de línguas, de matemática e ciências, etc., que deve ser a fantástica descoberta da grandeza do humano, corre o risco de ficar reduzido a uma burocrática transmissão de informações, sem muito significado. E fica esquecida a admiração, fundamentalíssima *arkhé*”.

Professando um universalismo, precisamente por estar embasado em sua peculiar confessionalidade, o Colégio Luterano, ao longo destes seus 90 anos, que ora celebramos, tem prestado um imenso bem para a educação brasileira e por isso registramos aqui nosso orgulho por estarmos associados a essa magnífica obra.

Nossos votos de longa e fecunda vida ao Colégio Luterano São Paulo!

A Têmpera de umas Tertúlias Femininas

(discurso de lançamento do livro *Recordando no Brasil a Espanha de Ontem - Conversas femininas* - Centro Cultural Poveda, Campinas, 5-11-04)

Quero inicialmente agradecer ao Centro Cultural Poveda, ao Grupo de Amigos do Vice-Consulado de Espanha, à Editora Mandruvá e, de modo especial, às organizadoras do livro, as queridas amigas Profas. Dras. Concha Piñero y Lupe Pedrero-Sánchez, pela grande honra e pela grande alegria que me proporcionaram ao convidar-me para apresentar, brevemente, este livro tão importante: *Recordando no Brasil a Espanha de Ontem - Conversas femininas*, publicado pelo nosso *Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente* da Faculdade de Educação da USP e pela Editora Mandruvá.

Tenho o orgulho de ter sido o primeiro - ou um dos primeiros - a “colarme”, a bisbilhotar essas tão saborosas conversas femininas, essas tertúlias. E a imensa honra de, como editor, torná-las hoje disponíveis aos leitores em geral.

Porque precisamente disto se trata: de tertúlias, essa “instituição” tão espanhola da tertúlia... E é o espírito de tertúlia (junto com muitas horas de tertúlia...) o que informa as saborosas memórias e as agudas análises de pensamento que compõem: *Recordando no Brasil a Espanha de Ontem*. Pois só no ambiente de convívio e amizade, de cálida conversação podem surgir, podem se decantar memórias tão ricas como estas. Cada uma das autoras conserva sua personalidade, sua experiência pessoal, sua circunstância, seu regionalismo, sua visão-de-mundo etc., mas há em comum o terem vivido a Espanha saída da Guerra Civil e, depois, também o Brasil. Nesse quadro emerge a tertúlia, pois é na tertúlia que surge aquela generosidade - também ela tão espanhola - de verter-se no outro, que é a alma de toda autêntica *con-versação*, como mútuo verter-se, que - agora consubstanciado em livro -, está também a nosso alcance.

Foi assim, com o passar dos anos de tertúlias - quase sem que as organizadoras se dessem conta - que um dia já estava pronto o projeto da obra: a insistência de tantos alunos e colegas da universidade foi simplesmente o catalizador para que surgisse o livro.

Essas características fazem de *Recordando no Brasil a Espanha de Ontem* um livro único, deliciosamente único: uma obra que une finíssimas análises de pensamento, destinada a integrar necessariamente as bibliografias dos cursos de graduação e de pós-graduação sobre Cultura Espanhola (e, também, de outras áreas como História, Antropologia, Política etc.).

E que é, ao mesmo tempo (e em interação dinâmica), de extraordinária riqueza literária: pensamento vivo (outra nota do pensamento espanhol em geral...), com a saborosa presença do concreto, dos “*recuerdos*”.

Nesse, e em tantos outros aspectos, *Recordando no Brasil a Espanha de Ontem*, cumpre precisamente o que se expressa com a palavra *têmpera*, temperar, *temple*: formar um todo harmônico de partes diversas. Esses relatos, essas conversas femininas (o “livro das oito mulheres”), conjuga - na medida certa - a análise de pensamento e a viveza do concreto, o olhar para a sociedade e a introspecção, a recordação da dureza daqueles tempos, temperada pelo bom humor...

Todos os aspectos da vida - educação, trabalho, religião, moda, culinária, lazer... - vão sendo, assim, recordados, de modo concreto, sob a ótica sensível das oito protagonistas-escritoras no pós-Guerra Civil. Sempre com esse delicioso senso de concreto, como quando, por exemplo, se recorda o caso de um personagem essencial naqueles anos de ditadura: o fiscal.

A propósito do fiscal, Pepita, Josefa Buendía Gómez nos brinda uma piada da época, que é todo um tratado de sociologia:

La arbitrariedad de las multas era muy grande. Recuerdo la perplejidad con que discutían mi padre, mi hermano mayor y mi tío: que si el pan pierde peso en el horno, que si esa harina nueva no retine el mismo líquido, que si habría alguien en el pueblo que quería perjudicarlos, que si.... En fin, que casi siempre había que pagar multa, lo que venía a agudizar más la situación. Nos pasaba lo mismo que al tío del chiste, el que cuidaba cerdos.

El chiste cuenta que un señor tenía una granja de cerdos. Un día llegó la fiscalía, a hacer la revisión, y le pregunta: ¿qué le da usted de comer a los cerdos? El granjero respondía: pues les doy los desperdicios de la comida, las cortezas de las patatas, de las naranjas, etc. El fiscal le dijo: ¡pero cómo es posible! Esos cerdos que van a alimentar a los españoles ¿usted los alimenta con porquerías? Una multa por mal patriota.

Al año siguiente, llega de nuevo la fiscalía y hace la misma pregunta: ¿qué le da usted de comer a los cerdos? El dueño de la granja, escarmentado por la multa del año anterior, le responde: Yo los alimento con maíz, con amasijo de salvado, con cebada, etc. Entonces el fiscal le dice: ¿Cómo? Con el hambre que están pasando los españoles... y ¿usted alimentando a los cerdos con lo que falta en la mesas de nuestros compatriotas? Otra multa le cascó al granjero.

Al año siguiente, se repitió la misma revisión y la misma pregunta por parte del fiscal.

El granjero, desconcertado, sin saber qué decir, respondió: mire usted, señor fiscal, yo a cada cerdo le doy cinco duros, y que se las arreglen como puedan. (pp. 94-95)

Permitam-me indicar, a título de mero exemplo, mais umas pequenas amostras, que - embora insuficientes e fora de contexto... - de algum modo permitem uma primeira aproximação concreta ao livro.

De “Meu álbum de lembranças” de Concha Piñero, além das lúcidas análises sobre a Educação e a Igreja, sobre a “Sección femenina” e seus estereótipos etc. destaco aqui suas diversas leituras da obra *Cinco Horas con Mario* de Delibes e como: “cada uma dessas leituras correspondeu a um momento de minha visão da vida espanhola: foram três leituras diferentes da mesma obra”, nas quais a personagem Carmen, inicialmente vista apenas como “mulher espanhola tradicional”, passa em outra leitura - anos depois - a uma “mulher cheia de contradições internas, cuja ‘virtude’ significa, ao mesmo tempo, abnegação e dissimulação”, para, finalmente, encontrarmos uma Carmen a quem se olha com simpatia “por sua ânsia de viver, por seu desejo secreto de ser como as mulheres que ela própria critica”.

Essa “Carmen” torna-se, assim, um tipo incomparável para a compreensão de tantas mulheres reais em sociedades autoritárias.

O “Liceo” era misto, fato raro na época de Franco, mas comum na Bélgica. Nele me coube a coordenação das disciplinas de Letras, além do encargo de aulas de várias matérias, que iam da Geografia à Filosofia, passando por Grego e Latim. Mas minha especialidade, evidentemente, era a disciplina de Língua e Literatura Espanhola. Já no “Centro Cervantes”, onde trabalhava à noite, os alunos eram todos belgas. Com estes alunos comentei a obra de Delibes, *Cinco horas con Mario*.

Esta obra tornou-se para mim especialmente significativa: já a havia lido em Madri (fora autorizada em 1966), voltava a lê-la e comentá-la agora em Bruxelas, e mais tarde voltaria a ela, no Brasil, com meus alunos universitários. E abro um parêntese para dizer que cada uma dessas leituras correspondeu a um momento de minha visão da vida espanhola: foram três leituras diferentes da mesma obra.

De fato, ao ler pela primeira vez *Cinco horas con Mario*, em Madri, acompanhei a interpretação corrente, que via no protagonista defunto a imagem de um opositor do autoritarismo e em Carmen a da mulher espanhola tradicional.

Carmen representava a encarnação do que rejeitávamos, ao passo que Mario, seu marido, representava nossos anseios. Víamos em Carmen tantas mulheres daquela época: decentes, modelos de virtudes tradicionais espanholas, submissas às leis da moral estabelecida, sempre dispostas a ditar regras, com os bordões linguísticos próprios de uma mulher convencional. Enfim, era tudo o que rejeitávamos, com

o irreprimível desejo de abertura política, social e ideológica desses anos 60.

Não percebíamos, então, que essa nossa interpretação do romance nos fazia cair no maniqueísmo, contra o qual protestará energeticamente outra figura do romance: a de Mario, filho.

Entretanto, já em Bruxelas, ao ver a obra lida e comentada por leitores não espanhóis, percebi que para além do contraste entre um opositor idealizado e uma espanhola de mentalidade estereotipadamente tradicional (vista como tal pelos estudantes belgas), havia uma relação mais matizada e complexa. Foi no Brasil, afinal, que cheguei a ver em Carmen não tanto a mulher de convicções tradicionais, mas a mulher cheia de contradições internas, cuja “virtude” significa, ao mesmo tempo, abnegação e dissimulação.

Comecei a perceber que a protagonista, secretamente, invejava o que sua severa educação lhe havia negado. Seu discurso, que tão seguro e firme se mostrava, foi-se desmoronando. Carmen era tão vítima das circunstâncias quanto o marido e precisava enganar a si mesma para não ver as contradições que havia dentro dela e ao seu redor. Enfim, foi-se transformando a nossos olhos a personagem que anos antes havíamos visto como encarnação da Espanha de Franco, do passado, da imobilidade...: da Espanha caduca.

Carmen me aparece hoje como figura digna de simpatia, sobretudo por sua ânsia de viver, por seu desejo secreto de ser como as mulheres que ela própria critica. Haveria algo de “Carmen” na professora de Educação Física? Desejo de viver abafado, ocultado, reprimido, não só pela pressão de seus pais, mas também pela vida em comum com um homem que, por sua vez, não soube entender sua mulher e ajudá-la a mudar.

Carmen é vítima de um momento. Hoje reconheço muitas “Cármenes”: mulheres, antes muito rígidas, agora flexíveis e adaptadas aos novos tempos; mulheres que, como Carmen, tiveram de proteger e resguardar suas famílias, nas difíceis condições de então. É esse instinto de sobrevivência, mais que quaisquer convicções, que a leva a se defender, à espera de melhores dias. A crítica mais recente, aliás, tem contribuído para desfazer a leitura convencional da obra, que via na relação entre Mario e Carmen algo como a oposição maniqueísta entre bem e mal. (pp.25-26)

O texto de Lupe Pedrero-Sánchez põe-nos em contato também com o cotidiano da guerra, por meio de “As cartas de tio Eusebio”, preciosos documentos que nos trazem o cotidiano de um soldado no front, na Guerra Civil.

A leitura dessas cartas, escritas nos anos 1937 e 1938, na frente da guerra, evocaram-me novas lembranças, não tanto pelas notícias sobre a guerra em si, já que não apresentam uma perspectiva geral da mesma, mas pelo sentimento familiar e afetivo que elas revelam: sua relação com pais, irmãos, tios e primos, empregados e empregadas, aos quais nunca esquece de enviar lembranças; o sentimento da terra: os prados e a chuva, as colheitas e os animais.

Elas oferecem o perfil de uma pessoa simples que sente saudades do cotidiano, da família e da aldeia e que espera ansiosamente o fim do conflito que o mantém afastado.

Por outro lado não deixam de revelar a ideologia passada às tropas pelos militares que exaltam Franco como seu caudilho e líder. Ideologia que marcou a história da Espanha nos anos do pós-guerra. (pp. 42-43)

Angela Reñones nos recorda também da religião e do cinema daqueles tempos: do cardápio das festas religiosas às impressionantes Sextas Feiras Santas ou a ridícula censura dos cinemas:

A noite de Sexta Feira Santa era especialmente espetacular. Apagavam-se todas as luzes da Igreja e, principalmente as crianças, fazíamos o maior barulho possível com as nossas *carracas* para atroar “aos judeus” ao mesmo tempo em que batíamos os pés no chão, que sendo de tábua, ensurdecia a todos os paroquianos. Os adultos utilizavam as *madreñas*, tamancos de madeira nos que se enfiavam os pés calçados com sapatilhas. Era um momento assustador para as crianças, que ficávamos realmente ensurdecidas e amedrontadas, colando-nos às saias das nossas mães e embora estivéssemos preparados para a cerimônia, sempre nos infundia temor e susto. (p. 77)

O que falar do cinema? O mesmo sistema repressivo aparecia na censura dos filmes. O recorte recaia principalmente sobre as cenas - não digo de sexo explícito, que não existiam na época - mas, sobre aquelas que expressavam afetividade ou transmitiam uma certa sensualidade entre os protagonistas. Os

filmes passavam por um crivo rigoroso e eram catalogados com números e cores:

- 1: branco, tolerada para todos os públicos;
- 2: rosa, para maiores de 12 anos;
- 3: levemente perigosa;
- 4: vermelho, gravemente perigosa, proibida para todos os públicos.

Quando, recentemente, tive a oportunidade de assistir a “Cinema Paradiso”, senti-me contemplada e, como seu protagonista, também fui tentada a saltar a barreira da proibição. Um dia, fiquei escondida no cinema até as luzes se apagarem, para ver o filme “Duelo ao sol”, que estava qualificada como “gravemente perigosa” e esperei, esperei que aparecesse “a bomba”: as cenas pecaminosas que me obrigariam a acusar-me do pecado mortal perante o Padre. Que decepção! Não encontrei tais cenas. Como ir confessar-me e dizer que “de perigoso” nada?

Ao recordar episódios como este, não deixo de achar graça neles. É difícil pensar que isso acontecia, não precisamente no fim do mundo, mas na Espanha de Franco. (p. 78)

“Entre a exigência e o desejo”, de Arantxa Ugartetxea Arrieta, expõe com energia a realidade de resistência de uma família - do lado perdedor, republicano - que buscava defender sua identidade vasca:

Mis padres pertenecían al bando de los perdedores, sólo por defender desde el lado republicano su identidad vasca. Nunca nos consideramos lo que quisieron imponernos y sí lo que realmente desde la emoción más profunda nos sentíamos ser. Las ternuras y la intimidad familiar guardaban como un tesoro el símbolo más lindo y consistente de esta realidad indestructible hasta hoy que es el poder vivir y expresarnos en la lengua que nos identifica: el “*euskara*”. Revestía esta lengua singular en aquella época aspectos de misterio, intimidad y complicidad. Según los cánones oficiales del momento, era la lengua no culta que nunca llegaría a alcanzar los niveles académicos necesarios para ser considerada como una expresión lingüística equivalente a otras consideradas como lenguas nacionales, por ejemplo el Castellano y el Francés. (pp. 106-107)

O capítulo final “Tecendo *Recuerdos*: Lembranças de uma Época” reproduz a gravação de uma dessas conversas, na qual Micaela Godoi, Teresa Bozini e Guadalupe de la Concha Leal, literalmente em tertúlia, nos falam de tantos aspectos da vida, como das brincadeiras de crianças...:

Somente, em algumas brincadeiras de criança, recordo que quando minha irmã mais velha queria nos assustar dizia: “qué viene Azaña!”. Eu não sabia muito bem quem era Azaña, mas essa expressão tinha para nós o mesmo sentido que dizer: lá vem o demônio! (Guadalupe, p. 138)

...da dureza da vida na Espanha e dos primeiros tempos de Brasil, como as lembranças da Micaela, então uma pequena criança...:

Para mim a expressão emigração soa como algo horrível: eu não queria sair das Canárias, deixar a minha terra. O primeiro choque que recebi foi ao chegar ao Rio de Janeiro; quando vi que começavam a subir, para descarregar e abastecer o navio muitos homens negros. Perguntei a minha mãe; onde estamos, estamos na África? (Micaela, p. 141)

... ou as recordações da chegada ao Brasil de Teresa, já casada:

Já, no meu caso, não considero que vim como imigrante, meu marido foi chamado para passar oito anos na Universidade de Campinas. Nós entramos pela porta da frente. Foi no ano 1975, em plena ditadura militar. Em certa ocasião um “respeitado” militar dirigindo-se ao meu marido lhe disse: “O senhor é estrangeiro, por que não vai embora? Aqui não precisamos de estrangeiros!” É claro que meu marido podia responder à altura: “Olhe aqui, senhor militar, eu não vim aqui pela minha conta, não vim aqui para tirar o espaço de ninguém; vim porque solicitaram insistentemente que viesse”. (Teresa, p. 142)

Lendo os relatos de *Recordando no Brasil a Espanha de Ontem - Conversas femininas* -, relatos intitulados metaforicamente como “penteado”, “tecedura”, “garimpo”... -, lembramo-nos de que os antigos falavam também da memória como um tesouro. E agradecemos às autoras a confiança e a generosidade de nos abrirem os tesouros dessas suas recordações, que - por mais variadas que sejam as condições e circunstâncias de cada uma delas - trazem-nos sempre um testemunho verdadeiro de

esperança e uma vivência - mesmo que em brechas, em circunstâncias tão adversas - da liberdade.

Muito obrigado

Alguns artigos em coautoria

**Série Coepta N. 7-8 é ed. especial da Revista Internacional d'Humanitats 54-55 jan-ago 2022
CEMOrc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona / Colégio Luterano São Paulo**

Filosofar, música e educação – uma introdução ao “*Sobre a Música*” de Josef Pieper

em coautoria com Miwa Hirose³⁰

Resumo: Nota de conferência conjunta do “XXII Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação” (2021). Este estudo apresenta brevemente alguns aspectos fundamentais do pensamento do destacado filósofo alemão Josef Pieper, como subsídios para as conexões estabelecidas entre filosofar e música em seu artigo *Über die Musik*, publicado também nesta edição de *Coepta*.

Palavras Chave: Josef Pieper. filosofar. música. antropologia filosófica e música.

Abstract: Notes of lecture of the “XXII Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação”. The article shows some basic aspects of the thought of the German philosopher Josef Pieper in order to a better understanding of the relationship between philosophical act and music in his article *Über die Musik*, published in this edition of *Coepta*.

Keywords: Josef Pieper. philosophical act. music. Philosophical Anthropology and music.

Introdução

Em todos as edições da série *Coepta* há artigos do notável filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper (1904-1997). Neste volume 7 da série *Coepta*, está publicado também – no original alemão e em tradução ao português – um denso discurso seu: *Über die Musik (Sobre a Música)*, relacionando Música e Filosofar, na abertura de uma sessão musical sobre Bach.

Os autores – encarregados de uma conferência “a quatro mãos” no XXII Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação – apresentam estas notas sobre o quadro geral do pensamento de Pieper – especialmente de *Was heisst Philosophieren?* –, como subsídios para a leitura do *Über die Musik* (abreviaremos por *Musik*) e também (como de praxe nos eventos do Cemoroc) para antecipar o texto aos demais participantes, o que permite um enriquecimento da discussão no dia do Seminário, sobretudo no que se refere à Educação.

O acesso indireto ao ser do homem

Uma das grandes contribuições de Josef Pieper para a metodologia filosófica foi a de evidenciar que não temos acesso direto ao ser do homem e a de indicar como pode se dar o caminho, indireto, para as realidades humanas.

O velho Heráclito, que – *avant la lettre* – deu alguns preciosos princípios de, diríamos hoje, metodologia de pesquisa, dizia que a natureza gosta de se esconder. E

³⁰. Tem mestrado pelo *San Francisco Conservatory of Music* – California. Fundadora e Diretora do SHP - Studio Hirose Pianoforte - <https://www.studiopianoforte.com/>.

especialmente a realidade humana não se deixa apanhar facilmente: está escondida e resiste a se manifestar.

Essas considerações ligam-se a outra de Heráclito, conhecido como “o obscuro”: “O caminho que sobe e o caminho que desce são um mesmo e único caminho”. Aparentemente, nada mais evidente do que esta sentença. Como naquela vez – parece piada – em que um ciclista gabando-se de seu bairro, excelente para andar de bicicleta porque não tinha subidas, teve que ouvir a pergunta: “E descidas, tem?”. Claro que se não há subidas, também não há descidas...

Mas, por vezes, há algo mais, há surpresas por trás das obviedades. Quem não toma um pequeno susto quando vem a saber que o primeiro critério de desempate para times que tiverem o mesmo número de pontos no Campeonato Brasileiro de Futebol é favorecer a equipe que tiver maior número de derrotas? Não, poderia alguém objetar, o critério favorece é o time que tiver maior número de vitórias! Mas acontece que... o time que tem mais derrotas e o que tem mais vitórias são o mesmo e único (aquele que tem menos empates)!

Na verdade, a sentença de Heráclito esconde em si profundas surpresas. Como a realidade humana gosta de se esconder, precisamos de um método (palavra que etimologicamente remete a “caminho”), para *subir* até esse tesouro que desceu e está escondido.

Se eu quero saber o que é o sal, eu pego o sal, levo-o a um laboratório e, após alguns procedimentos técnicos de análise, identifico que há tanto de sódio, tanto de cloro, iodo etc. Se eu quero examinar uma mosca, ponho-a no microscópio; se quero saber do planeta Marte, valho-me de um telescópio ou envio uma sonda etc. Já a realidade humana, tantas vezes, não se deixa observar diretamente: como “apanhar” o que é a gratidão, o que é o amor, o que é o homem...? Nesses casos, a pesquisa tem que se valer de caminhos indiretos: buscar onde se manifestam essas realidades. Josef Pieper indica três “sítios” privilegiados para “vasculhar” e resgatar essas realidades escondidas: a linguagem, as instituições e os modos de agir humano.

Três caminhos indiretos para a antropologia: o filosofar, o ato poético e a música

Há atividades do homem que *especialmente* permitem “subir” até o nível mais elevado da antropologia, precisamente porque antes – de modo *especial* – “desceram” e se tornaram atos concretos em nosso cotidiano.

Em seu clássico “*Was heisst Philosophieren*” (“O que é filosofar?” São Paulo: Loyola, 2008), livro que seguiremos de muito perto neste artigo (abreviando por *Philosophieren*), Pieper começa por indicar a proximidade – já apontada por Aristóteles e Tomás de Aquino – entre o filosofar e o ato poético, nesse sentido. Já a própria epígrafe dessa obra é a sentença de Tomás sobre a semelhança entre o filósofo e o poeta: ambos têm seu princípio no *mirandum*, aquilo que convoca a admiração (*Comentário à Metafísica de Aristóteles* I, 3).

Esse princípio na admiração traz consigo uma série de outras características – destaquemos aqui a do mistério – que configuram aquele caráter especial de chave de acesso à realidade humana. Note-se, nesse sentido, que o próprio ato de filosofar (o intrigante ato de filosofar) é tema de especial interesse, desde Platão e Aristóteles, para os grandes filósofos.

Assim como o “ato poético”, o mistério da poesia, é também tema frequente dos grandes poetas, como por exemplo Fernando Pessoa e Caetano:

Autopsicografia

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.
E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.
E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

Força estranha

Por isso uma força me leva a cantar
Por isso essa força estranha
Por isso é que eu canto não posso parar
Por isso essa voz tamanha

Em *Philosophieren*, Pieper seguindo Platão, ajunta, ao filosófico e poético (artístico em geral), outros atos capazes de uma transcendência reveladora, de potencial ascensão heraclitiana, os abalos: erótico (evidentemente não no sentido vulgar da palavra), tanático (da experiência da realidade da morte) e do religioso (não no sentido de igrejas, evidentemente). A esses abalos, Pieper em *Musik* inclui nomeadamente o abalo que pode ser produzido pela música: “musicar” (*Musizieren*) não é outra coisa que um secreto filosofar da alma, **exercitium metaphysicae occultum**, no qual a alma nem sabe que está filosofando. E mais:

O que a música sempre traz – e este é o fato mais decisivo – ao campo de visão do filósofo é a sua *proximidade da existência humana*, uma característica específica que torna a música necessariamente objeto essencial para todos os que refletem sobre a educação humana [*Menschenbildung*].

É necessário evitar mal-entendidos em relação às expressões que estamos usando “pode ser produzido pela música”, “atividades do homem” e “atos humanos”. Não se trata, evidentemente, de nenhum automatismo, como se a simples audição de uma peça musical (ou a leitura de um poema etc.) tivessem o condão de arrebatá-los para as alturas de uma experiência transcendental. Não! Todos aqueles abalos platônicos situam-se em uma região não ativa de nossa vontade, mas, em boa medida, são algo que nos sobrevem: é o que tecnicamente se chama voz média, um misto de

ativo e passivo (cf. Jean Lauand “Voz média...”, *Coepta* 3-4 http://www.hottopos.com/isle34_35/19-24JeanVozMedia.pdf).

Não são, é claro, puramente ativos e seria ridículo *nonsense*, portanto, pretender, digamos, agendá-los. Jocosamente: amanhã às 15:00h vou me enamorar; às 15:30h, terei uma inspiração poética; às 15:45h, farei compras na padaria; às 16:05h terei um arrebatamento musical; em seguida uma experiência mística etc.

Daí que Pieper, em sua breve reflexão “Música e Silêncio” (também ela publicada na série *Coepta*, No. 2, <http://www.hottopos.com/convenit31/51-52Pieper.pdf>), falando da possibilidade de transcendência a partir de uma verdadeira experiência musical, diga: “se tudo correr bem...”.

A admiração autêntica, a resposta profundamente humana ao *mirandum*, princípio e raiz dos abalos filosófico, religioso, musical etc. não se refere de modo algum ao fora do comum e estapafúrdio, mas sim à realidade mais simples e cotidiana, que já estava aí..., mas na qual não tínhamos reparado. Pelo filosofar e pela arte podemos ver (ou entrever...) essa realidade transcendente no inaparente do cotidiano. E, sem isso, recaímos no olhar embotado, que já não vê “nada de mais” na realidade que o circunda. Como o expressou maravilhosamente Adélia Prado:

De vez em quando Deus me tira a poesia.
Olho pedra e vejo pedra mesmo
(*Poesia Reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991, p.199)

Nesse verso genial, encontram-se, de modo maximamente resumido, os elementos essenciais da concepção de Pieper. É pela mão do artista (/do filosofar etc.) que, também nós, os não artistas, podemos (talvez) ver esse *plus*, para além da mera pedra de sempre...

Uma palavra sobre educação musical

Antes de propriamente comentarmos o *Musik* de Pieper, quero recolher aqui algo de minha experiência com a música (piano). Estudo piano desde meus 3 anos de idade [MH falando] e tenho lecionado há mais de 30 anos para centenas de alunos. Sem dúvida esse abalo do *mirandum* é um *desideratum* nessa educação, mas nem sempre atingido (em sua profundidade, sequer talvez pelo próprio docente...).

O próprio Pieper, em uma breve introdução a uma peça em fita cassete do extraordinário virtuose romeno Dinu Lipatti (1917-1950), narra a experiência – essa sim autenticamente transcendente – do pianista ao interpretar em certa ocasião a cantata de Bach: “*Herz und Mund und Tat und Leben*”. Lipatti, imóvel, simplesmente não conseguia tocar. Após um inusitado silêncio de arrebatamento (o público também imóvel e em total silêncio, pressentindo estar em um momento privilegiadíssimo e diante de algo muito especial), o artista finalmente executou a peça:



Dinu Lipatti-Bach Cant.No147 Herz und Mund und Tat und Leben

https://www.youtube.com/watch?v=bOV2v2fVWlw&ab_channel=marcbarbu

Essa experiência de abalo profundo vivenciada por Lipatti, como dissemos, não pode ser “controlada”: por isso, desde sempre se fala em “inspiração” quando se trata de arte. E também não pode ser ensinada. Cabe aqui a observação que o Prof. Lauand tantas vezes repete: a da maravilhosa acumulação semântica da palavra *enseñar* na língua espanhola: ensinar e mostrar. Os professores podemos – e não é pouco – *mostrar*, mas a disponibilidade interior do educando para o abalo, já não depende de nós.

Para além da técnica do instrumento, é parte essencial da educação musical *enseñar* que a música tem esse potencial transcendente. Como diz Pieper, no já citado artigo, no qual, genialmente, articula esses dois elementos: “Música e Silêncio”:

(...) E, aí, inesperadamente, surge um outro lado da questão: música e silêncio estão de fato, de um modo muito especial, voltados um para o outro. Pois o ruído destrói não só o silêncio como também, junto com ele, toda e qualquer possibilidade de comunicação: tanto o ouvir como o falar (daí aquela constatação do poeta Konrad Weiss: que num tempo como o nosso, extremamente ruidoso e barulhento, pode imperar um ilimitado emudecimento). Por outro lado, a música (bem entendido: música aqui significa algo mais do que mero entretenimento ou ruído ritmizado!), embora não se dê sem som, produz uma certa forma de silêncio.

Ela torna possível um silêncio que ouve, que ouve não apenas acusticamente a melodia (requisito, aliás, de qualquer silêncio que queira captar algo: quer se trate de uma palavra humana ou do batimento cardíaco ao estetoscópio). Não, trata-se de um outro silêncio que leva para ainda mais longe: pela música abre-se um espaço de silêncio de dimensão maior, dentro do qual, se tudo corre bem, pode-se, só então, ouvir e compreender uma realidade que é superior à própria música...!

Em minha experiência como professora, tem sido imensamente gratificante verificar que – para além dos objetivos usuais do ensino do instrumento – ocorre por vezes nos alunos esse passo em direção a um *plus* – abrir-se para algo superior ou, parafraseando o citado verso de Adélia, a algo mais do que “pedra mesmo”.

Outros aspectos da antropologia e da filosofia da educação de Pieper

O princípio na admiração – o *mirandum* como fonte contínua do filosofar e do “musicar” – nos conduz a outros fatores essenciais da antropologia de Pieper, necessário para compreendermos melhor seu *Musik*.

A admiração envolve um polo positivo e um polo negativo: admiramo-nos porque vemos, entrevemos algo de maravilhoso, mas também porque não chegamos – e nunca chegaremos – a *com-preender*, a abarcar completamente aquilo que nos tocou. É a condição especificamente humana de mistério. Pieper remete a Platão: o filosofar é Eros: “filho de Poro e de Penia, ou seja, da riqueza e da indigência, (...) nunca é rico nem pobre, e se encontra sempre a meio caminho da sabedoria e da ignorância” (*Banquete*, 203)

Também aqui devem ser evitadas as confusões: mistério não deve ser entendido como algo esotérico, mas o mistério do simples, dessa realidade quotidiana que, pelo abalo da admiração, manifesta-se misteriosa: o que é o amor?, o que é a dor?, o que o homem é?

Filósofo algum jamais poderá dar resposta plena e acabada a essas e a tantas outras questões. Eros (o filosofar, o homem) herdou do pai, Poro (a abundância), o desejo de conhecer que, nesta vida, não se realizará plenamente (pois Eros é também filho de Penia – a penúria).

O filosofar, dizíamos, manifesta o que o homem é. E nessa estrutura dual do mistério e da admiração, misto de ter e não-ter, ânsia de posse que não chega a se perfazer (“... amor é sede depois de se ter bem bebido” – Guimarães Rosa) manifesta-se a estrutura ontológica da criatura humana: uma estrutura de esperança, um “não ainda” (*noch nicht*) não-ter-ainda, não-ser-ainda; intermediária entre a plenitude da divindade e a opacidade do bruto.

Nessa estrutura dual, “estrutura de esperança” (*Hoffnungsstruktur*), Pieper, uma e outra vez fala da “realização” humana; sempre por ele entendida não como algo estático, mas permanentemente dinâmico, como *selbstverwirklichungsvorgang*, “processo de auto-realização”, orientado para o Bem, mas passível de desvios e frustrações (o que, como Pieper discute amplamente em *Musik*, pode ocorrer também com a música).

A formação e a educação (*Bildung*) que a música pode – em nível profundo – proporcionar acompanham e comungam desses aspectos.

Quisemos recordar todos esses pontos como meros subsídios – talvez úteis – para a leitura, do *Musik* de Pieper.

Personagens que nominam ruas ao redor do Colégio – aspectos do Luterano (Colusp) às vésperas de seu 90º. aniversário

em coautoria com Enio Starosky³¹

A (duvidosa) “imortalidade” de ser nome de rua

Na imensa maioria dos casos, os moradores não têm a menor ideia de quem é o patrono da rua em que habitam. Exceto para quem tem a honra de morar, por exemplo, em uma Avenida Tancredo Neves ou em Praça Elis Regina, o titular de sua via costuma ser um ilustre desconhecido, quando não um personagem execrável do passado. O tristemente famoso “Minhocão” de São Paulo foi inaugurado em 1971 como “Elevado Costa e Silva” mas, em 2016, teve seu nome mudado, por decreto, para “Elevado Presidente João Goulart”. E há cidades querendo mudar o nome das vias denominadas Domingos Jorge Velho (e de outros bandeirantes), pelo fato de ele ter sido o líder do massacre do Quilombo dos Palmares.

Mas, na maioria das vezes, os personagens que nominam as ruas são, como dizíamos, ilustres desconhecidos. Um vereador, pensando na próxima eleição, propõe à Câmara um nome de rua – que agrade a uma fatia do eleitorado (um empresário de alguma colônia rica e influente; um praticante de algum esporte, para agradar ao grupo correspondente; uma dama da alta sociedade recém falecida; etc.), os colegas aprovam (ninguém vai querer se indispor com o nicho de eleitores em questão) e pronto: passados alguns anos, ninguém mais sabe quem é o titular da rua...

O mesmo ocorre com os nomes de escolas públicas: a E. E. Stefan Zweig (escritor célebre nos anos 40 e 50 é hoje bem menos conhecido), acabou aparecendo, por lapso de força do hábito, em um documento oficial do Governo do Estado como E. E. **Prof.** Stefan Zweig!

Para que a comunidade – alunos, pais, professores e funcionários – de nosso Colégio Luterano São Paulo possa saber melhor quem são os personagens que dão seu nome à rua do Colégio e às de seu entorno imediato, oferecemos este breve estudo, extraído da imprensa (quando oportuno, recorreremos também aos verbetes oficiais do Dicionário de Ruas da Prefeitura de São Paulo) como uma modesta contribuição para a celebração do 90º. aniversário que o Colusp completará em 2023. Para a obtenção dos dados, valemo-nos sobretudo (além de outras fontes, é claro) dos jornais de São Paulo disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A rua do Colégio Luterano: R. Professor Vilalva Jr.

Esta pesquisa iniciou-se com uma curiosidade do autor JL, sobre uma intrigante coincidência ocorrida em sua vida profissional, que ele mesmo descreveu em

³¹. Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestre em Educação pela mesma UMEESP. Diretor do Colégio Luterano São Paulo.

conferência para o XXI Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação. Trata-se de saber quem terá sido o **Professor Vilalva Jr.**, rua em cujo No. 73 situa-se, já há mais de 80 anos, nosso Colégio Luterano São Paulo:

Permitam-me começar esta nossa conversa com uma curiosidade intrigante, que só pude esclarecer pesquisando para esta conferência. Comecei a lecionar (Física, em 1972) na Escola Estadual Dr. Carlos Augusto de Freitas **Vilalva Jr.**, no bairro do Jabaquara. E em 2018 voltei ao ensino Médio, como professor colaborador do Colégio Luterano São Paulo, no Moinho Velho, situado na Rua Professor **Vilalva Jr.** Não sou supersticioso, mas resolvi esclarecer quem é este meu (duplo) “patrono”. Pesquisando em jornais antigos, parece que, na verdade, o Vilalva Jr. (é de supor que seja o mesmo) não foi doutor e talvez, nem propriamente professor. Foi um jovem que se formou na Escola Normal e morreu em 1909, quando cursava o último ano da Faculdade de Direito, na qual teve algum destaque nas atividades do Grêmio da São Francisco e, sobretudo, na imprensa estudantil. É o “júnior” de um pai famoso, político importante dos primeiros tempos da República, até seu falecimento em 1935. Em 1949, a prefeitura batizou com o nome do filho a rua em que trabalho, embora – como acontece com tantos que dão nome a ruas e escolas – ninguém tenha hoje, a menor ideia de quem terá sido o ilustre...

Infelizmente, nosso personagem – como tantos outros “professores” em homenagens públicas – evidentemente não terá se distinguido como professor, mas o vereador Fairbanks, autor do projeto que nomeou essa via pública, achou que esse título era melhor do que, digamos, acadêmico de Direito, ou colaborador de jornais de estudantes.

Já seu pai, Carlos Augusto de Freitas Vilalva (curiosamente, na rua, o Vilalva Jr. só tem um L no sobrenome), um político da Primeira República, ganhou uma rua no Jabaquara, muito próxima do colégio que traz o nome de seu filho: Escola Estadual Dr. Carlos Augusto de Freitas Vilalva Jr. (para a escola, o Júnior não foi considerado professor, mas Doutor, mesmo não tendo sequer se formado – as homenagens oficiais são bastante flexíveis...).



<https://www.luterano.com.br/>

Rua Drina Nº.3 era o endereço da Escola, em 1941, quando se mudou para onde hoje estamos. Drina – nome desbancado por Vilalva Jr. em 1949 – é um dos tantos rios da Europa do Leste e Central que têm nomeado ruas no Sacomã. Até hoje temos nessa categoria: Drava, Elba e Reno, por exemplo. Precisamente a Rua Reno Nº.6 foi nossa sede de 1936 a 1940, quando mudamos de nossos endereços primitivos – R. Florêncio de Abreu Nº.56 e Rua do Manifesto Nº.427 – para nosso atual bairro.



1942 – Já no local da sede atual (então R. Drina). Ao centro, Prof. Carlos Fehlauer.



1941 – alunos caminham pela Rua Cel. Francisco Inácio.



1944 – alunos com o Prof. Fehlauer.

Personagens de ruas próximas ao Colégio

Neste estudo, apresentaremos brevemente (com base principalmente na imprensa da época) os patronos das seguintes ruas próximas ao Luterano, em nosso bairro, “Vila Moinho Velho”, distrito de Sacomã, região do Ipiranga:

Regino Aragão

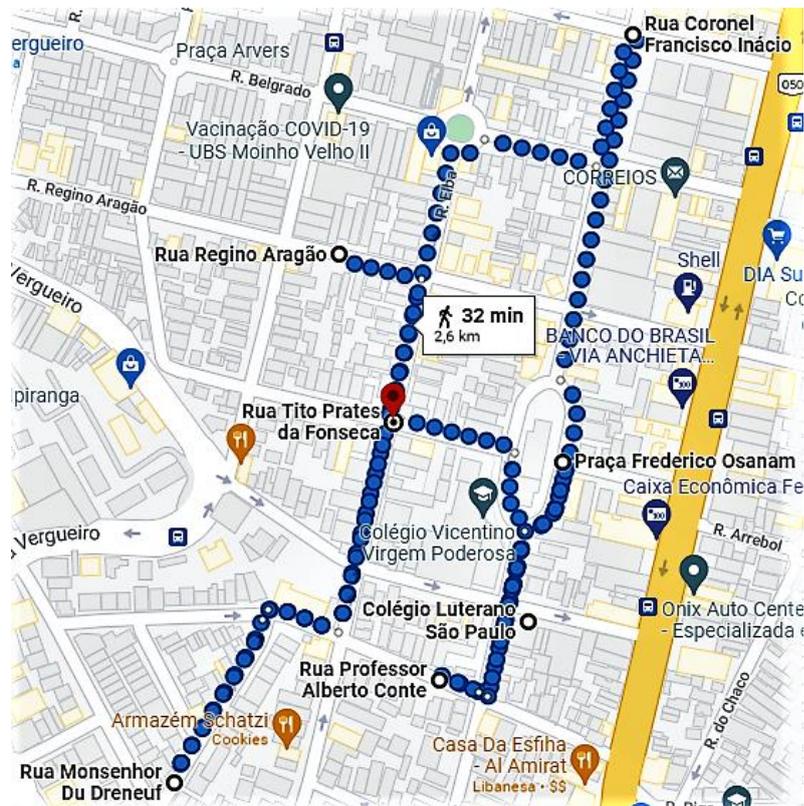
Tito Prates da Fonseca

Prof. Alberto Conte

Frederico Ozanam

Coronel Francisco Inácio

Monsenhor Du Dreneuf



O primeiro empreendimento na região conhecida como Moinho Velho foi a cerâmica *Saccomman Frères*, fundada em 1895 pelos irmãos Saccomman (Antoine, Henry e Ernest), que tinham vindo ao Brasil alguns anos antes para montar uma fábrica de telhas. Em 1923 venderam terrenos e a indústria para Américo Samarone (nome muito marcante na história do bairro), que mudou o nome da firma para Cerâmica Ypiranga S/A. Em 1926, o antigo Moinho Velho era de Samarone e, em parte, de um certo Olavo Tavares Paes (cf. “Correio Paulistano” 8-4-1926)



Escritura (acervo do Museu Paulista da USP) da propriedade de Samarone e da de Tavares Paes - 1935 (https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/0e/Planta_de_Terrenos_no_Ipiranga_Acquisidos_pelos_Srs_Americo_Sammarone_e_Olavo_Tavares_Paes_-_1%2C_Acervo_do_Museu_Paulista_da_USP.jpg)

Em 1947, a imprensa informa que são oficializados os nomes das ruas:

situadas no bairro do Moinho Velho, distrito do Ipiranga, abertas em terreno de propriedade de Olavo Tavares Paes e sua mulher d. Noemia Tavares Paes, cujos leitos foram doados ao município de São Paulo, por escritura pública lavrada em 29 de janeiro de 1947. Essas ruas, ora oficializadas, terão as seguintes denominações: Cel. Francisco Inácio, Prof. Alberto Comte, Prof. Vilalva Junior, Tito Prates da Fonseca, Regino Aragão e Frederico Ozanam. (“Jornal de Notícias”, 26-5-1949).

A oficialização dos nomes (Lei Municipal Nº 3763, de 25 de maio de 1949) mudou as antigas denominações com que até então, eram conhecidas, respectivamente como: Rua 2, Rua 10, Rua 9 (a Prefeitura, na verdade, omitiu o fato de que a Rua 9 já tinha recebido o nome de Rua Drina, nossa atual Vilalva Jr.), Rua 8 e Rua 7. (cf. <https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-paulo/lei-ordinaria/1949/377/3763/lei-ordinaria-n-3763-1949-dispoe-sobre-oficializacao-e-denominacao-de-vias-publicas>)

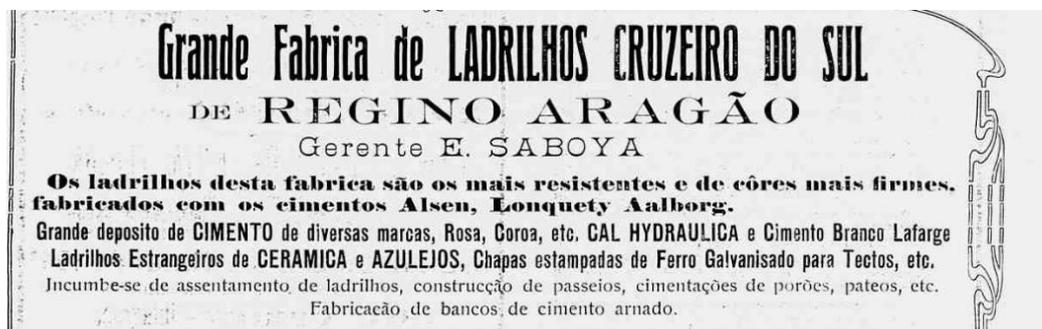
Curiosamente o “doador” (se é que foi uma autêntica e espontânea doação...) Olavo Tavares Paes permanece relativamente obscuro e hoje não encontramos quase nada sobre ele na Internet.

Finalmente, em 1953, o então jovem vereador Franco Montoro promove o calçamento de nossas ruas e a instituição de uma linha de ônibus “para o Moinho

Velho, com percurso até as proximidades do quilometro 10 da Via Anchieta”. (“Correio Paulistano”, 16-10-1953”).

Nossas ruas: quem foi Regino Aragão?

As referências a Regino Aragão (1876-1943) dão conta de que foi professor (“lente”) da Escola Politécnica (“O Combate”, 20-11-1917) e proprietário da “Grande Fábrica de Ladrilhos Cruzeiro do Sul”:



Anúncio em “Gazeta Artística”, outubro de 1911

Em 1927, já o vemos em cargo público: “Engenheiro da Directoria de Obras da Prefeitura” (Diário Nacional”, São Paulo, 22-9-1927). Veio a falecer em 1943 e em 1949 dá seu nome a uma rua do Moinho Velho.

Quem foi Tito Prates da Fonseca?

Nasceu em 1-1-1887 e morreu em 12-1-1944.

Formou-se em Direito em 1917. Em 1920 – como oficial de Gabinete do Secretário de Agricultura, Dr. Heitor Penteado – vê-mo-lo acompanhando a comitiva do Rei Alberto da Bélgica, em visita ao interior de São Paulo. (“Correio Paulistano”, 8-10-1920).

Tendo sido criados no Brasil, os Cursos Superiores de Ciências Econômicas, Prates da Fonseca será professor da Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo e conferencista sobre Economia (“Correio Paulistano”, 28-6-1940). Foi também autor de diversos livros sobre Direito e Sociologia.

Quem foi o Prof. Alberto Conte?

Este foi realmente educador. Nasceu em 12 de junho de 1896 em Avaré. Por ocasião de sua morte, em 22 de julho de 1947 (pouco mais de um mês depois de tomar posse como Conselheiro da União Paulista de Educação”), o “Diário da Noite” publicou nota necrológica, dando conta de que dedicou-se por longos anos ao magistério secundário, tendo lecionado muito tempo em Escolas Normais do Interior. Publicou várias obras sobre Educação, exercendo também o jornalismo. Foi um dos responsáveis e mentor da Campanha de Alfabetização de Adultos.

Tal como outros dos aqui contemplados, empresta hoje, seu nome, a uma Escola Estadual de São Paulo. O verbete referente a Conte no Dicionário de Ruas da Prefeitura é injustamente exíguo.

Frederico Ozanam (a grafia é com z e não com s, como oficializado na Praça)

Este é bem mais conhecido e guarda ligação direta com a praça do Moinho Velho que leva seu nome. Ozanam é o fundador dos vicentinos e na praça fica a Paróquia São Vicente de Paulo e muito próximo está o Colégio Vicentino Virgem Poderosa. Dada sua importância para o bairro, recolhemos dados um pouco mais completos de sua biografia contidos do site oficial do Vaticano:

Frederico Ozanam nasceu a 23 de Abril de 1813, em Milão (Itália). (...) Em 1831, Frederico, erudito jovem de província, chega a Paris para estudar na Sorbona. Em pouco tempo converte-se num assíduo frequentador dos ambientes intelectuais (entre os quais o salão de Madame Récamier) e começa a colaborar com jornais e revistas. Apesar da sua timidez e do comportamento simples, emergem com clareza tanto a sua profunda humanidade como o seu rigor moral: a sua imensa cultura, as suas opiniões actualizadas e o seu catolicismo empenhado tornam-no rapidamente uma personalidade relevante. Frederico dedica a sua formidável eloquência a moderar os debates sobre religião e política, num círculo literário estudantil chamado «Conferência de história», do qual é porta-voz. Certa tarde, depois de sair vencedor de um debate com um estudante socialista sobre o compromisso social dos católicos, anuncia a um amigo a intenção de realizar finalmente um projecto, que há tempo lhe era muito querido: uma «Conferência de caridade», uma associação de beneficência para a assistência dos pobres, «a fim de pôr em prática o nosso catolicismo».

Desta maneira, em Maio de 1833, com apenas 20 anos, Frederico funda, juntamente com seis companheiros, as Conferências de São Vicente de Paulo (...) Nenhum dos seus jovens fundadores podia imaginar o desenvolvimento que alcançaria esta pequena Sociedade benéfica, à qual Frederico se dedicaria, daí por diante, sem jamais poupar esforços.

Doutor em Direito (1836) e depois em Letras (1839), Ozanam inicia uma brilhante carreira universitária que o levará, em 1844, a tornar-se o titular da cátedra de Literatura Estrangeira na Universidade da Sorbona e a viver sem reservas a sua profunda vocação ao magistério.

Em 1841 casa-se com a jovem Amélie Soulacroix. Frederico Ozanam é, portanto, um homem profundamente inserido no seu tempo. (...) Os primeiros sintomas do que seria uma grave infecção renal, confundida com uma enfermidade pulmonar, que o levaria lenta e dolorosamente a uma morte prematura, chegam-lhe de surpresa em 1846. (...)

Frederico Ozanam morreu na noite de 8 de Setembro de 1853, em Marselha, rodeado dos seus entes mais queridos, depois de uma agonia longa e dolorosa.

Este é o modelo de apóstolo leigo, erudito, empenhado e dedicado ao serviço dos mais pobres, que a Igreja apresenta a todos os fiéis, mas sobretudo aos jovens, durante a Missa presidida por João Paulo II, no dia 22 de Agosto, em Paris, na qual é beatificado Frederico Ozanam.

(https://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_19970822_ozanam_po.html)

Coronel Francisco Inácio

É o único que recebe uma qualificação (sumaríssima) na citada lei Municipal de 25-5-1949: “Promotor da Bernarda de 1822”.

O Dicionário Moy@rte assim descreve a “bernarda” (revolta armada):

A bernarda decorreu da disputa entre dois grupos que, até então, compartilhavam o governo provisório da província de São Paulo:

- grupo liderado por João Carlos Augusto de Oeynhausen – presidente da junta de governo paulista no período – e coronel Francisco Inácio de Sousa Queirós;

- grupo liderado pelos irmãos Andrada – José Bonifácio e Martim Francisco - que era membro do governo provisório de São Paulo – e o Brigadeiro Manoel Rodrigues Jordão.

O início da revolta foi a convocação de Oeynhausen e Francisco Inácio de Sousa Queirós à corte (Rio de Janeiro), transferindo a presidência da Junta para Martim Francisco – provavelmente, Oeynhausen foi chamado ao Rio de Janeiro por influência de José Bonifácio, com o objetivo de dar a Martim Francisco a presidência do governo provisório.

Em desacordo, no dia 23 de maio, Francisco Inácio mobilizou parte dos habitantes no largo de São Gonçalo (Praça João Mendes), depondo Martim Francisco [e o Brigadeiro Jordão] e mantendo Oeynhausen como presidente, desacatando as ordens de D. Pedro.

(<http://www.moyarte.com.br/centro-de-sao-paulo/verbetes/B/bernarda-de-francisco-inacio.html>)

Se na Bernarda, o Cel. Francisco Inácio expulsou de São Paulo o Brigadeiro Jordão, hoje suas ruas convivem bem e são muito próximas – coisas do Ipiranga!

Monsenhor Du Dréneuf

João Baptista du Dreneuf nasceu em Nantes (França) em 1872. Ingressou na Companhia de Jesus em 1891 e foi destinado ao Brasil em 1896. Foi reitor (1911) do colégio jesuíta São Luís (fundado em Itu em 1867) e responsável por sua mudança para São Paulo, tendo adquirido o prédio da Av. Paulista, que teve seu primeiro ano letivo em 1918 (“O Estado de S. Paulo”, 12-5-1967). Em 1912 foi nomeado superior dos Padres da Companhia de Jesus no Brasil (“Correio Paulistano”, 3-11-1912). De 1930 até sua morte em 1948 foi Administrador Apostólico de Diamantino em Mato Grosso.

Caminhando para o 90º aniversário

Às vésperas da celebração dos 90 anos de nosso Colégio Luterano São Paulo, praticamente todos eles vividos no bairro e mais de 80 no mesmo endereço (a rua mudou de nome, mas a Escola permanece no mesmo lugar), queremos expressar nossa gratidão à cidade de São Paulo, ao Moinho Velho (/ Sacomã / Ipiranga), que com tanto carinho nos recebeu. Ao dar a conhecer à família Colusp um pouco da história dos patronos de nossas ruas, procuramos fortalecer o sentido de pertencimento à Comunidade que nos acolhe e da qual nos orgulhamos de fazer parte, pois é um grande privilégio para nós o fato de aqui realizarmos nossa vocação educacional.

Personagens que nominam ruas ao redor de minha escola:

EMEFM Vereador Antonio Sampaio – Santana

em coautoria com Chie Hirose³²

A autora deste estudo leciona nessa escola há 23 anos e inspirada pelo capítulo de Lauand&Starosky, neste mesmo volume, pediu a colaboração do Prof. Lauand para escrevermos algo semelhante para a EMEFM Vereador Antonio Sampaio (abreviaremos por VAS), que completou 25 anos de existência em 2021.

Sendo capítulos de mesma orientação, permitimo-nos reproduzir aqui – com as oportunas adaptações – a introdução de Lauand para seu referido capítulo, em coautoria com Starosky.

A (duvidosa) “imortalidade” de ser nome de rua

Na imensa maioria dos casos, os moradores não têm a menor ideia de quem é o patrono da rua em que habitam. Exceto para quem tem a honra de morar, por exemplo, em uma Avenida Tancredo Neves ou em Praça Elis Regina, o titular de sua via costuma ser um ilustre desconhecido, quando não um personagem execrável do passado. O tristemente famoso “Minhocão” de São Paulo foi inaugurado em 1971 como “Elevado Costa e Silva” mas, em 2016, teve seu nome mudado por decreto para “Elevado Presidente João Goulart”. E há cidades querendo mudar o nome das vias denominadas Domingos Jorge Velho (e de outros bandeirantes), pelo fato de ele ter sido o líder do massacre do Quilombo dos Palmares. Mas, na maioria das vezes, os personagens que nominam as ruas são, como dizíamos, ilustres desconhecidos. Um vereador, pensando na próxima eleição, propõe à Câmara um nome de rua – que agrade a uma fatia do eleitorado (um empresário de alguma colônia rica e influente; um praticante de algum esporte, para agradar o grupo correspondente; uma dama da alta sociedade recém falecida; etc.), os colegas aprovam (ninguém vai querer se indispor com o nicho de eleitores em questão) e pronto: passados alguns anos, ninguém mais sabe quem é o titular da rua...

O mesmo ocorre com os nomes de escolas públicas: a E. E. Stefan Zweig (escritor célebre nos anos 40 e 50 é hoje bem menos conhecido), acabou aparecendo, por lapso de força do hábito, em um documento oficial do Governo do Estado como E. E. **Prof. Stefan Zweig!**

Para que a comunidade – alunos, pais, professores e funcionários – de nossa escola possam saber quem são os personagens que dão seu nome às ruas do entorno do Colégio, oferecemos este breve estudo, extraído da imprensa (quando oportuno, recorreremos também aos verbetes oficiais do Dicionário de Ruas da Prefeitura de São Paulo) como uma modesta contribuição para a celebração do 25º aniversário que o “VAS” celebrou em 2021. Para a obtenção dos dados, recorreremos sobretudo (além de outras fontes, é claro) aos jornais de São Paulo disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

³². Doutora e Pós-Doutora em Educação pela Feusp. Professora, há 20 anos, da EMEFM Vereador Antonio Sampaio.

Esta experiência que estamos realizando lembra – descontando o excesso de acidez – o genial capítulo “De tarde” (que se segue a “Sábado de manhã” de “A Náusea” de Sartre (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983, pp. 125-143), no qual o personagem Antoine de Roquentin visita o museu de Bouville e contempla os quadros que, em poses postizas e pomposas, imortalizam os cidadãos “ilustres” da cidade: o político, a dama de sociedade, o jovem de família importante que morreu prematuramente etc. Todo esse panteão idealizado será confrontado por Roquentin com uma edição antiga da revista satírica e debochada da cidade, mostrando um “outro lado”, ridículo e medíocre, desses figurões, que também nomeiam as ruas bouvillianas...

Após quase vinte páginas de desconstrução dessa elite (burguesa e conservadora, como era de esperar) de ilustres cidadãos – Blévigne, o político local, guardião da ordem e “Orador das Forças morais”, imponente no quadro, na verdade era um desprezível medíocre, media 1,53m e sua voz coaxante sempre causava gargalhadas de escárnio no Parlamento; as mulheres, esposas e mães, tão solícitas em oferecer migalhas caritativas de hipócrita assistência aos pobres etc. – Roquentin conclui em seu diário:

Percorrera o salão de ponta a ponta. Voltei-me. Adeus, belos lírios [como dizia a legenda de um dos quadros] tão delicados em seus pequenos santuários pintados, adeus belos lírios, nosso orgulho e nossa razão de ser. Adeus. Salafrários (p. 143).

Não nos move nenhuma intenção iconoclasta, mas somente o desejo de ajudar nossos alunos a compreenderem melhor as intenções históricas que se consubstanciaram em homenagens em nosso bairro.

As ruas que circundam o VAS

Claro que há titulares de vias de que nos orgulhamos (como os já citados Tancredo e Elis), mas há outros que nos recordam a hipocrisia e bajulação do Museu de Bouville. Nem todos são Santos Dumont, importante avenida do bairro; alguns não têm relevo público para ser sequer um beco; outros são, para dizer o mínimo, controversos...

Ao próprio Patrono de minha escola, poder-se-ia objetar, por exemplo, que já no fim da vida, foi o único vereador que votou contra a proposta de auditoria para investigar escândalos no Tribunal de Contas do Município... E a rua em que fica nosso Colégio, a Voluntários da Pátria (da Guerra do Paraguai), é portadora de suas contradições: pouco tempo depois do decreto imperial que criou essa força militar, já houve a imposição de cotas de “voluntários” por província, que passaram a ser recrutados à força entre os opositores dos chefes políticos locais. E, claro, os ricos escapavam fazendo doações de recursos, escravos e empregados que iam lutar em seu lugar... Felizmente, nosso objetivo limita esta pesquisa a cidadãos que receberam seus nomes em vias do entorno da escola.

Av. Zaki Narchi

Zaki Narchi é não só uma importante avenida, mas também o nome de um Conjunto Habitacional Cingapura, no qual residem as famílias de grande parte de nossos alunos.



Conjunto habitacional Cingapura na Av. Zaki Narchi
<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2012/03/29/sp-vai-gastar-mais-r-66-mi-para-retirada-de-gas.htm>

O verbete do Dicionário de Ruas da Prefeitura de São Paulo é exíguo:

Zaki Narchi nasceu na cidade de Homs, Síria, em 15 de fevereiro de 1883. Foi um dos primeiros imigrantes árabes a eleger São Paulo como sua terra. Veio para o Brasil em 1908, casou-se com D. Hassibe Dib Narchi, no ano de 1912, com quem teve 09 filhos. Foi comerciante em Santana. Faleceu em 1965.

Na imprensa não encontramos nada sobre Zaki Narchi, exceto que a Casa Narchi, de sua propriedade, foi uma das tantas patrocinadoras da “Batalha de Confetes do Carnaval de Sant’Anna” de 1940 e que essa sua loja ficava na R. Voluntários da Pátria 447-A (“Correio Paulistano”, 25-1-1940); endereço que coincide quase milimetricamente com o de nossa escola hoje: R. Voluntários da Pátria 733!

Ainda de acordo com o verbete citado, o antigo nome, até 1976, da Av. Zaki Narchi era Rua Lysias Rodrigues. Este nome é muitíssimo mais conhecido: engenheiro, escritor, pioneiro da aviação civil e militar brasileira, combatente por São Paulo na Revolução de 1932 e um dos grandes promotores da criação do Estado de Tocantins: o aeroporto de Palmas foi batizado com seu nome.

Praça Nakhle Khoury Gharib

Este nome, tal como aparece acima, é totalmente desconhecido pela imprensa. O próprio verbete oficial da Prefeitura não nos dá nem sua data de nascimento e diz simplesmente: “Nakhle Khoury Gharib faleceu em 05 de julho de 1994. Durante sua vida angariou muitos amigos graças ao seu espírito humanitário e caritativo.”(!)

A verdadeira razão da homenagem aparece quando descobrimos que, na verdade, seu nome era simplesmente Nakhle Khoury e, tal como encontramos em sua nota obituária do Estadão (07-07-1994), era pai do então vereador Hanna Garib, que viria a ter seus direitos políticos cassados no caso da Máfia dos Fiscais em 1998.

Mas, por que o pai não tinha oficialmente o sobrenome do filho? Segundo reza uma lenda que circulava na colônia árabe, Nakhle, recém-chegado do Líbano, querendo registrar o filho, mas sem falar nada de português, insistia em dizer ao funcionário do cartório: “Ana gharyb”, “Ana gharyb”, “Ana gharyb” (“eu sou estrangeiro”, em árabe) e o funcionário oficializou: “Hanna Garib”!



Dória, candidato a prefeito, recebe apoio de Hanna Garib - 2016
<https://veja.abril.com.br/brasil/doria-recebe-apoio-de-ex-chefe-da-mafia-dos-fiscais/>

Rua Anna Papini Guaranha (uma das raras ruas com nome de mulher)

Uma via importante para a Comunidade do Cingapura do Zaki Narchi, pois é a rua da feira, do CEI (creche) e do Canil de São Paulo. De Dona Anna nada consta na imprensa (BN e Estadão). E o verbete do Dicionário da Prefeitura diz coisas como “tinha hábito de colecionar jornais e revistas” e seu lema foi “o saber não ocupa lugar”. E que era viúva de Olivério Guaranha, funcionário público sem maior destaque, que nomeia uma travessinha da Voluntários da Pátria.

Avenida Otto Baumgart

Do Dicionário de Ruas:

Otto Baumgart nasceu em Blumenau em 11 de setembro de 1897. De 1920 a 1923 fez o curso de engenharia mecânica na Escola Técnica de Mitweida, na Alemanha. Trabalhou com seu irmão durante vários anos. Com a morte do mesmo iniciou a sua independência como firma individual e em 02 de janeiro de 1936, nascia a Otto Baumgart Indústria e Comércio Ltda. e a produção inicial do impermeabilizante "Vedacit". (...) A indústria Otto Baumgart Ind. e Comércio S/A, liderava 60% de participação no mercado brasileiro, tendo como coligada a Vedacit do Nordeste S/A., em Salvador, Bahia. Faleceu em 10 de fevereiro de 1973.

Rua Doutor Zuquim

De nossos desconhecido árabes, passemos ao – popularíssimo, em sua época – Dr. Zuquim. No Dicionário de Ruas: “Doutor Alfredo Zuquim de F. Neves, médico muito conhecido em São Paulo. Foi Vereador de 1896 a 1898”.

O Dr. Zuquim como médico e envolvido em diversas associações, aparece em centenas de páginas de jornais. Faleceu em 23-12-1911.

Já em 1897 (os telefones de então tinham só 3 dígitos), encontramos um dos tantos anúncios que Zuquim fez publicar nos jornais:



Centro Sebastianense
“A Nação”, 3-8-1897

Detentor de grande prestígio como médico, Zuquim foi o mais enfático em recomendar o “Elixir de [sementes de] Sucupira – o único específico do Rheumatismo”, do farmacêutico Baptista de Andrade:

Quinta-feira, 24 de Novembro de 1898

Elixir de Sucupira composto, do pharmaceutico LUIZ M. PINTO DE QUEIROZ Grande Descoberta

O UNICO ESPECIFICO DO RHEUMATISMO

As sementes de sucupira, que são a base deste poderoso elixir, usadas a muitos annos pelos sertanejos contra as dores rheumaticas e a syphilis, e a syphilis, e isso de um modo empirico, foram agora estudadas chimicamente pelo distincto pharmaceutico PEDRO BAPTISTA DE ANDRADE, que isolou diversos principios, dos quaes devem aquelles sementes a sua prodigiosa acção, principios esses que se acham no nosso elixir.

Illustrações chiacicas desta capital e do interior tecem experimentado a sorprendente acção deste elixir nas diversas formas de rheumatismos, como provam os seguintes casos:

<p>Rheumatismo na perna</p> <p>Albuquerque por volta de 10 annos de idade soffria de uma perna que não podia andar direito, e a perna estava inchada e quente, e a febre era alta. Usou o Elixir de Sucupira composto, do Pharmaceutico Luiz M. Pinto de Queiroz, e logo se curou. Logo se curou a perna e a febre cessou. Usou o Elixir de Sucupira composto, do Pharmaceutico Luiz M. Pinto de Queiroz, e logo se curou. Logo se curou a perna e a febre cessou. Usou o Elixir de Sucupira composto, do Pharmaceutico Luiz M. Pinto de Queiroz, e logo se curou. Logo se curou a perna e a febre cessou.</p> <p style="text-align: right;">Cesare Khatzki Oyriano Archonjo Moreira</p>	<p>Rheumatismo Syphilitico</p> <p>Alfredo que tinha syphilis, em 1896, usou o Elixir de Sucupira composto, do Pharmaceutico Luiz M. Pinto de Queiroz, e logo se curou. Logo se curou a syphilis e a febre cessou. Usou o Elixir de Sucupira composto, do Pharmaceutico Luiz M. Pinto de Queiroz, e logo se curou. Logo se curou a syphilis e a febre cessou. Usou o Elixir de Sucupira composto, do Pharmaceutico Luiz M. Pinto de Queiroz, e logo se curou. Logo se curou a syphilis e a febre cessou.</p> <p style="text-align: right;">Dr. Alfredo Mateiros Pedro Guedes</p>	<p>Alguns que tinham syphilis</p> <p>Alguns que tinham syphilis, em 1896, usou o Elixir de Sucupira composto, do Pharmaceutico Luiz M. Pinto de Queiroz, e logo se curou. Logo se curou a syphilis e a febre cessou. Usou o Elixir de Sucupira composto, do Pharmaceutico Luiz M. Pinto de Queiroz, e logo se curou. Logo se curou a syphilis e a febre cessou. Usou o Elixir de Sucupira composto, do Pharmaceutico Luiz M. Pinto de Queiroz, e logo se curou. Logo se curou a syphilis e a febre cessou.</p> <p style="text-align: right;">Dr. Miranda Azevedo Dr. Alfredo Zepherin</p>
---	--	--

Acham-se á venda em todas as Pharmacias e Drogarias

ELDORADO PAULISTA Theatre Polytheam

“A Nação”, 24-11-1898. Zuquim (o último) atesta a excelência do Elixir, que ele teria aplicado em larga escala “para reumatismo blenorrágico, sífilítico e artrítico, agudos e crônicos etc.”

Outro remédio prodigioso, este uma invenção do próprio Zuquim e alavancada por sua longa carreira de obstetra famoso, foi o “Gravidina”. Encontramos seu primeiro anúncio no Estadão já em 1910 e o último anúncio, na revista “A Cigarra”, mais de 50 anos depois, em 1964! É interessante como o anúncio, por exemplo de 1918, tenta demonstrar por “a” mais “b”, a necessidade de suplementação de vitaminas e minerais durante o período gestacional. Gravidina seria a avó dos atuais suplementos para grávidas e nos revela, por meio dos seus anúncios ao longo do tempo, como a nossa sociedade foi incorporando a ideia de suplementos no período antes e depois do parto como essenciais, tanto para a saúde da mãe quanto à do bebê.

Em 1926, 15 anos após sua morte, o prestígio de nosso médico ainda é usado para avalizar a Gravidina.

A'S SENHORAS

GRAVIDINA

FORMULA DO SAUDOSO PARTEIRO DR. ALFREDO ZUQUIM
Lic. pela D. G. S. P. sob o n.º 144 em 7 - 4 - 1918

A GRAVIDINA é um preparado para ser usado:
Antes e depois da gravidez, beneficiando a mãe e o filho em gestação, preparando o parto facil, sem os sofrimentos dos partos laboriosos.

O uso da GRAVIDINA augmenta o leite, livrando as mães do temivel aleitamento artificial, que tantos e tantos desgostos e sacrificios lhes acarreta.

Preço do vidro 3\$500 — Pelo correio (3 vidros) 10\$000

À VENDA NAS BOAS PHARMACIAS E DROGARIAS
Vendas por atacado e a varejo na
PHARMACIA E DROGARIA E LABORATORIO YPIRANGA
Rua Libero Badaró n.º 110 a 112 — S. Paulo

“O Sacy” 21-5-26

Rua Doutor César

Ao contrário do Dr. Zuquim, cujo nome é raro, essa homenagem fica totalmente esvaziada por ser genérica: de qual Dr. César estamos falando? Trata-se do Dr. Luiz Cesar do Amaral Gama, falecido em 1921 e que teve alguma relevância em sua época como diretor de Obras Públicas da Câmara Municipal. Passados mais de cem anos de

sua morte é impossível a memória dele e temos mais uma rua sem nenhum significado concreto para os atuais moradores do bairro.

Rua Antônio dos Santos Neto

Rua do endereço de muitos de nossos alunos e o Dicionário da Prefeitura anota somente: “Sem histórico para exibir”. Como os humildes moradores dessa rua...

Rua Leite de Moraes

O Dicionário de Ruas nos informa que o professor Joaquim de Almeida Leite de Moraes nasceu em Porto Feliz em 9 de maio de 1835. Foi deputado provincial e professor da faculdade de Direito. Governou a província de Goiás. Em colaboração com Bento de Paula Souza e Brasílio Machado em 1879, fundou o “Constituinte”, órgão liberal e, em 1883, com Augusto de Souza Queiroz, o “Diário de São Paulo”. Faleceu em São Paulo em 1º de agosto de 1895.

Rua Doutor Gabriel Piza

Do Dicionário de Ruas: “O Dr. Gabriel de Toledo Piza e Almeida, nasceu em Porto Feliz Estado de São Paulo, em 26 de Setembro de 1851. Iniciou a sua vida na lavoura e no comércio, seguindo em 1873, para os Estados Unidos da América do Norte, onde fez o curso de medicina na Universidade da Pensilvania. Viajou pela Europa, vindo clinicar nas cidades de Tietê, Mogi-Mirim e Itatiba. Propagandista da República, foi deputado provincial nas legislaturas de 1882 e 1887. Proclamado o novo regime, foi nomeado Embaixador do Brasil em Berlim e depois em Paris. Faleceu na cidade de São Paulo em 1925.”

Av. Olavo Fontoura

Do Dicionário de Ruas:

O industrial Olavo Fontoura nasceu em Bragança Paulista, em 05 de dezembro de 1910. Fez seus estudos nos Colégios São Luiz, Rio Branco e Franco-Brasileiro. Cursou depois a Universidade de Milikin, em Dekatur, EUA. Voltando ao Brasil cursou o Colégio Mackenzie e, posteriormente, a Faculdade de Farmácia da Universidade de São Paulo, onde colou grau. De 1945 a 1948 foi membro da Casa Civil do governador Ademar de Barros. Exerceu os cargos de diretor-presidente da VASP, presidente da Aerovias Brasil S/A, diretor do Instituto de Medicamentos Fontoura S/A., da Fanto-Química S.A. e da Sociedade Rádio Cultura de São Paulo. (...) Faleceu na Capital paulista em 10 de março de 1968.

De sua ilustre biografia, o fato mais interessante para nossos alunos é o de que foi o “herdeiro” do famoso Biotônico Fontoura, criado por seu pai, Cândido Fontoura, em 1910. O Biotônico Fontoura foi assim nomeado pelo amigo Monteiro Lobato, também promotor do popularíssimo, por décadas, Almanaque Fontoura, surgido em 1920 e que lançou o personagem lobatiano: Jeca Tatu(zinho), com o mais conhecido slogan de Lobato referente ao seu personagem: “O Jeca não é assim, está assim”,

ajudando na campanha nacional de esclarecimento da população brasileira sobre a ancilostomíase, amarelão, importância do saneamento e, claro, popularizando o Anquilostomina do Fontoura.



Almanaque do Biotônico, 1935 (ilustração de J. U. Campos).

Uma curiosidade sobre o Biotônico é a de que:

Durante a Lei Seca dos Estados Unidos, de 1920 a 1933, o Biotônico Fontoura foi exportado em grande quantidade para aquele país. Por ser um remédio, sua venda nos Estados Unidos era permitida, mesmo tendo cerca de 9,5% de teor alcoólico.



<https://vejasp.abril.com.br/coluna/memoria/dez-curiosidades-sobre-o-biotonico-fontoura/>

R. Alfredo Pujol

Do Dicionário de Ruas:

O Dr. Alfredo Pujol nasceu em 20 de março de 1865 e formou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo. Desde muito moço trabalhou pela causa republicana e exerceu o mandato de deputado estadual nos períodos legislativos de: 1898 a 1900, 1901 a 1903, 1907 a 1909, 1910 a 1912. Foi também deputado Federal de São Paulo e secretário do Interior no período governamental do Dr. Bernadino de Campos. No fôro da capital tornou-se afamada a sua banca de Advogado. Membro

da Academia Brasileira de Letras, ocupou a cadeira de Machado de Assis. Deixou numerosos trabalhos jurídicos e um notável estudo sobre Machado de Assis, além de discursos que fizeram época em São paulo. Faleceu em 20 de maio de 1930.

De heróis a vilões? Rua Darzan e Av. Braz Leme

Do obscuro nome Darzan, da Rua Darzan (nomeada em 1914), a informação oficial do Dicionário de Ruas é:

Deve ser Arzão, sobrenome de três pessoas de grande importância da História de São Paulo; Antônio Rodrigues de Arzão, Cornélio de Arzão e Manuel Rodrigues de Arzão.

Esses Arzão [originalmente “de Azan”], tal como Braz Leme, eram bandeirantes, figuras tradicionalmente glorificadas como emblemáticos heróis (e consagradas no IV Centenário da cidade de São Paulo), mas hoje fortemente contestadas, como no polêmico episódio do incêndio da estátua de Borba Gato, em 24-7-2021.

Um grande ícone do rap nacional, Mano Brown demonstrou apoio a ação e publicou uma foto da estátua do escravizador em chamas. **“Procure saber o porque mas preciso dizer antes de mais nada ; GANHEI O ANO ! Essa estátua è uma Afronta aos nossos ancestrais indígenas! Burn baby burn!!”** legendou o rapper. Porém cerca de uma hora depois a imagem foi apagada.



<https://rapforte.com/incendio-da-esttua-de-borba-gato/>

Dos Darzan, diz o “Correio Paulistano” de 26-2-1929, que praticavam o “péché mignon” (!!) da época: caçar índios – “no rol de seu confisco surgem grillhões e correntes com collares de ferro”. Passada a época de idolatria – em São Paulo, tudo é em louvor dos bandeirantes: Palácio do Governo, Rede de televisão, Colégio, Estradas etc. – hoje essas figuras são postas em xeque e não seria de estranhar que, em futuro próximo, suas ruas mudassem de nome...

Também Braz Leme não está livre da regra bandeirante: escravizar indígenas.

Da revolução de 1932: Av. General Ataliba Leonel e Engº. MacLean

Ataliba Leonel foi político e participou como militar da Revolta Paulista de 1924 e da Revolução Constitucionalista de 1932.



Ataliba Leonel discursando em banquete em sua homenagem “A Vida Moderna”, 11-1-24

De Mac Lean diz o Dicionário de Ruas:

Ronald Douglas Mac Lean, especialista em granadas de mão, ofereceu os seus serviços técnicos, a causa de São Paulo, logo no início do movimento de 32. Trabalhou com grande dedicação na Escola Politécnica, sendo logo a seguir indicado para instruir os jovens no manejo da terrível arma de guerra. Numa de suas experiências, em 07 de setembro, foi vítima de uma explosão inesperada, vindo a falecer.

Em 1936, consolida-se a ideia de erigir um mausoléu em memória dos caídos na Revolução de 1932. A Comissão encarregada, para que a homenagem fosse mais significativa, pede pela imprensa informações sobre os combatentes. No “Correio de São Paulo” (14-1-1936), a Comissão solicita testemunhos sobre Mac Lean e outros oito, a serem homenageados. Mac Lean ganhou a rua em 1935, mas a construção do Obelisco do Ibirapuera só viria a ser iniciada em 1947 e concluída em 1970.

R. Padre Ildefonso

As ruas de nosso bairro acumulam diversas camadas “geológicas” de nossa história: bandeirantes da era colonial, revolucionários de 32, ilustres desconhecidos do século XX etc. Neste ano do bicentenário da Independência, merece especial destaque o Padre Ildefonso Xavier Ferreira, muito próximo de D. Pedro I, para quem, na noite de 7 de setembro de 1822, preparou-se no teatro da Ópera uma aclamação de gala. E foi ninguém menos que o Pe. Ildefonso, estrategicamente situado no cenário, o encarregado de puxar o “Viva o primeiro imperador do Brasil!” para Dom Pedro. Há 100 anos atrás, essa história era narrada em detalhes para as crianças, por exemplo na revista infantil “O Tico-Tico” (2-10-29; 4-2-20 e 2-9-1931).

Considerações Finais

Quando exploramos novas estratégias em sala de aula, temos como objetivo central a busca por uma metodologia que permita a nossos alunos compreenderem melhor o contexto em que eles estão inseridos para que sua cultura (vivências pessoais e

saberes historicamente herdados, experiências coletivas e opiniões próprias) seja valorizada no processo de construção do conhecimento na sua formação.

Desde o primeiro ano do Ciclo de Alfabetização no Currículo adotado pelo município de São Paulo, encontramos enfatizado o eixo de estudo de Geografia designado por “O sujeito e seu lugar no mundo”³³, no qual o objetivo é conhecer o lugar de vivência, a começar pela escola, a moradia, a rua onde vivo, vizinhos e amigos do bairro: os lugares de brincar e passear.

Há até um certo consenso (muito difundido e aceito acriticamente) entre educadores sobre a metodologia: de que a abordagem baseada nos espaços do cotidiano da criança deveria ser gradativamente ampliada, para âmbitos cada vez maiores: seus bairros, cidades, estados e países. Porém, com a Internet, esses “espaços maiores” são fácil e imediatamente acessáveis, dispensando portanto o escalonamento bairro – cidade – estado – região etc. Além disso, o espaço virtual quebra as fronteiras das épocas históricas, permitindo que mesmo o aluno do início da vida escolar tenha razoável autonomia para explorar seu meio, pela interdisciplinaridade. Diante da importância de se estabelecer o reconhecimento do lugar onde se vive e o pertencimento a ele, o artigo pode ajudar a que os alunos entrem em contato com as representações sociais que nomeiam as ruas e vias de seu cotidiano, podendo assim se aproximar de uma outra maneira de conhecer a si mesmos e ao lugar em que estão instalados. Assegurando em sua essência, importantes aspectos estruturantes do Currículo que o município de São Paulo adotou:

“a saber: educação integral, educação inclusiva e equidade; princípios da Matriz de Saberes; Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS); estudo e valorização da História e da cultura dos povos africanos e afro-brasileiros, indígenas, migrantes internos, migrantes internacionais e povos tradicionais, ou seja, contemplando toda a diversidade presente na Cidade de São Paulo”³⁴.

³³ São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da cidade: Ensino Fundamental: componente curricular: Geografia – São Paulo: SME / COPED, 2017.

³⁴ São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da cidade: Ensino Fundamental: componente curricular: Geografia – São Paulo: SME / COPED, 2017.

A dinâmica da língua e suas tendências de evolução

Jean Lauand

Silvia M. Gasparian Colello³⁵

Resumo: Partindo da concepção de que a língua é uma construção histórica natural, inevitável e contínua, concretizada cotidianamente por práticas de fala e de escrita, e, ainda, considerando o interesse de se compreender os mecanismos dessa vitalidade linguística nos contextos sociais, o artigo tem o objetivo de examinar algumas tendências na dinâmica da evolução linguística. Para tanto, vale-se da busca de termos e de expressões idiomáticas no banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional e no acervo do Jornal “O Estado de São Paulo”, o que permite análises sobre a emergência e a transformação de formulações da língua.

Palavras Chave: Língua. Práticas linguísticas. Dinâmica da língua. Evolução da língua.

Dizer que a língua evolui é um lugar comum. No entanto, a vitalidade linguística está longe de borbulhar em esferas neutras de legitimidade. Muito pelo contrário, a emergência do novo no processo de produção linguística – gírias, usos de termos coloquiais, formulações populares, recriações terminológicas e todas as formas de tervigeração do erudito – costuma marcar frentes de resistências, ridicularização, controvérsias e práticas discriminatórias, que incidem como mecanismos de opressão e de silenciamento nas esferas sociais, culturais e pedagógicas.

Na suposta distinção entre (o que se considera) “A língua” e “os dialetos”, não se pode negar as pressões de ordem política, ideológica, sociocultural e religiosa, que, a partir do “como-se-diz-o-que-se-tem-a-dizer”, afetam o modo de percepção sobre o *status* do falante ou escritor (e, conseqüentemente, o seu lugar na sociedade), não raro, justificando sua condição de ignorância e de alienação. A esse respeito, Cagliari (1989) nos faz lembrar um exemplo emblemático na história, quando o latim, língua de prestígio na Idade Média, cedeu lugar para as línguas nacionais, obviamente não sem muitos anos de tensão, episódios de desqualificação dos falantes nativos e mecanismos de imposição linguística. É nesse sentido que se pode compreender a célebre frase do sociolinguista Max Weinreich: “A língua é um dialeto com um exército e marinha”. Mais que atestar as estratégias de controle das práticas linguísticas, a afirmação evidencia o descaso ao natural e imprevisível dinamismo da língua, como se, de fato, a sua evolução dependesse da autorização de eruditos e iniciados.

Subsidiando essas posturas, duas tendências fortemente arraigadas circulam paralelamente no âmbito dos discursos linguísticos e educacionais. No Objetivismo

³⁵ Mestre, doutora e livre-docente pela Faculdade de Educação da USP. Docente vinculada ao programa de pós-graduação da mesma instituição (FEUSP). Membro dos grupos de Pesquisa Novas Arquiteturas Pedagógicas - NAP e Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente - CEMOrOc. ORCID: 000-002-8813-8092. silviacolello@silviacolello.com.br; www.silviacolello.com.br.

abstrato, há a pressuposição de que a autonomia da língua (o “preto no branco”, o significado objetivo das palavras registradas, a correção gramatical e a lógica impecável do encadeamento sintático) é suficiente para garantir a veiculação da ideia, independentemente de contextos, propósitos, interlocutores ou de sutilezas incorporadas ao conteúdo pelo dito e não-dito. A norma culta não é tida como uma possibilidade de expressão; ela é a única forma de expressão legítima e desejável. Sua aprendizagem depende da apropriação de conhecimentos instrumentais capazes de viabilizar a comunicação eficiente entre emissor e receptor. É como se a língua, como entidade independente, pairasse acima da cabeça dos falantes até que, pelo esforço de assimilação de normas, pudesse ser apreendida pelos estudantes. Daí a importância da correção linguística, do respeito inabalável às regras e do conhecimento dos casos de exceção, que, por si, sustentariam a eficiência do dizer. Dicionários e gramáticas seriam, certamente, os “caminhos” mais seguros para quem quiser (e puder) aprender a língua; “caminhos” muitas vezes mediados (“traduzidos” ou facilitados) por manuais e programas da mídia, que pretendem “salvaguardar a pureza da língua nacional”.

No Subjetivismo idealista, a língua é monopólio de alguns. As competências, estilos e conhecimentos de ilustres literatos ou de grandes mestres – verdadeiros representantes (ou “donos”) da língua – são os melhores guias para todos aqueles que desejam se apropriar das formas corretas, bonitas e valorizadas do dizer: aprender é aproximar-se do modo como eles falam e escrevem; é seguir os modelos autorizados, como Shakespeare, Machado de Assis ou Guimarães Rosa. Em que pesem os méritos dos grandes nomes da literatura, a concepção costuma inibir a eventual ousadia dos aprendizes, que não se vêem autorizados a recriar a língua a partir de seus próprios referenciais e valores. Parece que as possibilidades de, por exemplo, reconfigurar a ordem dos parágrafos, a sequência temática, o uso da pontuação e até mesmo o sentido de palavras recriadas por metáforas são alternativas apenas para os grandes poetas, gramáticos e literatos. Assim, fica claro um dos princípios básicos que, equivocadamente, perpassa o imaginário do senso comum e, certamente, muitas das práticas docentes: em primeiro lugar, é preciso aprender a falar, ler e escrever corretamente, depois – um dia quem sabe –, o sujeito é autorizado a dizer, com alguma chance de ser reconhecido e respeitado.

Em ambas as posturas, as aprendizagens da fala, da escrita e da leitura não necessariamente coincidem com a efetiva formação do sujeito produtor e intérprete da língua, já que os princípios da pluralidade linguística (as muitas formas do dizer), da polissemia (os diversos significados tecidos a partir de um mesmo texto), da polifonia (as muitas vozes no contexto social), do direito à voz e da condição autoral tendem a ser abafados em nome de um pretense “bem dizer”. Legitima-se, assim, a pedagogia do “certo e errado linguístico”, um ensino apartado da vida. Para aprender A Língua, o sujeito é convidado a abrir mão da sua língua.

Nessa perspectiva, o que se cobra do aluno é menos o conhecimento da língua e mais a capacidade de “jogar o jogo da escola”, aderindo às práticas artificiais que, para ele, não fazem sentido. O ensino de língua escrita fica reduzido ao ativismo pedagógico sem necessariamente abrir novas frentes de comunicação. A consequência não poderia ser outra senão a apatia, o desinteresse e o boicote à aula, sob a forma de comportamentos de autoexclusão e de descomprometimento com a própria aprendizagem. Assim, o que, à primeira vista, parece ser um problema [de aprendizagem] do aluno, nada mais é do que uma reação

deste à escola incapaz de se adaptar ao seu universo de significados.
(COLELLO, 2015, p. 103)

A constatação de que o fracasso da escola pode, em parte, ser subsidiado por concepções equivocadas remete ao interesse em se repensar aspectos – concepções, dinâmicas e implicações sociais ou escolares – relativos à evolução da língua.

Em uma corrente contrária às posturas mencionadas, a concepção dialógica ou discursiva da língua defende o falar, o escutar, o ler e o escrever no contexto das relações humanas e das práticas sociais. Para o Círculo de Bakhtin e seus seguidores, a língua se constrói e se concretiza em produções, ditas ou implícitas, de todos aqueles que circulam no grande simpósio universal, entendido como próprio mundo em suas múltiplas instâncias, culturas e esferas interativas. Descartando posturas elitistas, conservadoras, monológicas e autoritárias que, inutilmente, pretendem controlar as práticas linguísticas, Bakhtin

se pôs a sonhar também com a possibilidade de um mundo polifônico, de um mundo radicalmente democrático, pluralista, de vozes equipolentes, em que, dizendo de modo simples, nenhum ser humano é reificado; nenhuma consciência é convertida em objeto de outra; nenhuma voz social se impõe com a última e definitiva palavra. Um mundo em que qualquer gesto centrípeto será logo corroído pelas forças vivas do riso, da carnavalização, da polêmica, da paródia, da ironia. (FARACO, 2009, p. 79)

Ao postular a língua como prática plural e democrática, a partir de suas múltiplas vozes e diversificadas frentes construtivas, Bakhtin (1988, 1992) pôde explicar a dialética de sua vitalidade: a língua, que dá sentido à vida, tem também a sua própria vida.

A língua é vida porque, no bojo das interações sociais, gera aprendizagem e conhecimento; gera no homem a consciência e a consciencia de si, traduzidas por um modo de ser ou de se relacionar com o mundo e com os outros. Em função disso, a língua também subsidia formas de trabalho, de organização social, de produção cultural e de convivência, qualificando a existência tipicamente humana.

A língua tem vida porque, em um encadeamento de retroalimentação, se perpetua através de contínuas e ininterruptas manifestações: a fala e a escuta necessariamente responsiva de cada um de nós, as escritas e as leituras no conjunto de produções que reagem umas às outras na grande esfera discursiva têm, indiscutivelmente, o seu papel na evolução e na vitalidade da língua. E, aqui, vale frisar: como um processo natural e inevitável, a evolução linguística não pode e não deve ser confundida com progressão degenerativa (CAGLIARI, 1989).

Tomada pela sua natureza vital, a língua deixa de ser uma entidade fechada em si mesma, ou um conjunto de competências adquiridas individualmente, para ser entendida como um processo de permanente construção. Nas palavras de Geraldí (2009, p. 227), “Palavras são recursos expressivos disponíveis na língua, mas são as operações com esses recursos que produzem o sentido efetivo do discurso” (GERALDI, 2009, p. 227).

Na efervescência desses recursos expressivos constantemente produzidos, a nossa percepção sobre a dinâmica da língua é naturalizada e fica quase livre de surpresas ou de estranhamentos. Convivendo diariamente com a mudança, deixamos de prestar atenção a ela, esquecemos suas razões e subestimamos sua importância no conjunto das iniciativas de comunicação. Assim, os caminhos evolutivos da língua nos passam tão despercebidos que tendemos a sustentar o “porto seguro” da norma culta através de práticas sociais (ou pedagógicas) elitistas, conservadoras e discriminatórias. Por isso, ainda que não se possa explicar os movimentos da língua por argumentos racionais e exaustivos, captar os recursos das dinâmicas na evolução da língua é uma forma de compreender a nossa própria existência, os mecanismos vivos de expressão, a vitalidade dos processos de comunicação e, ao mesmo tempo, uma forma de ampliar o referencial de formação humana, em especial, por meio de práticas educativas em prol da riqueza linguística e do respeito às manifestações culturais.

Com base nesses pressupostos, o objetivo desse artigo é examinar algumas tendências (não necessariamente excludentes) na dinâmica de construção e reconstrução da língua: expressões que acompanham (ou não) a evolução social; eufemismos que recriam o sentido das palavras; terminologias sazonais vinculadas a conjunturas específicas; redução linguística; recriação de expressões idiomáticas; exportação de termos de um campo de conhecimento para a linguagem comum; e permeabilidade para estrangeirismos.

Como estratégia metodológica para analisar a emergência e a transformação de formulações linguísticas, contamos com uma preciosa ferramenta: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviado por BN), que permite a consulta *on-line* de milhares de preciosos periódicos, desde o surgimento da Imprensa brasileira, com a vinda da Família Real. Em alguns casos, também contaremos com o acervo do Jornal “O Estado de São Paulo” e outras eventuais fontes.

1. A sociedade evolui e a língua acompanha (ou não)

As expressões, gírias e frases feitas de uma língua costumam nascer vívidas, com o vigor do gênio do povo que as cria, mas – entra geração, sai geração – pode ser que caiam em desuso, sejam esquecidas, embotem-se e percam o sentido, ou até mudem de significado, pois seu sentido original deixa de ter apelo vital para os usuários. Marcando essa tendência, vale destacar algumas típicas dimensões nas quais a língua acompanha os movimentos da sociedade.

a) Expressões marcadas pela distância entre gerações³⁶

As distâncias de linguagem são por vezes acentuadas e se, por um lado, o bisavô não entende as gírias da garotada, por outro, os jovens usam cegamente muitas das frases feitas herdadas dos mais velhos. Por exemplo, no caso da expressão “Nós, quem, cara pálida?”, seu sabor é totalmente diferente para os falantes de uma geração mais antiga – que cresceu assistindo ao seriado do *ranger Zorro* e seu parceiro, o índio Tonto – e os jovens de hoje, que não assistiram a filmes de caras pálidas e índios. Para estes, é uma expressão que se usa, adequadamente, mas sem a transparência e a vivacidade do original. Numa conversa entre pessoas de 60 anos, sabe-se muito bem a

³⁶ Esse e os próximos dois tópicos foram tomados e adaptados do artigo de JL nesta mesma edição: “Minidicionário de Gírias e Expressões Brasileiras”. *International Studies on Law & Education* N.36, 2020. Disponível em <http://www.hottopos.com/isle36/jeandic.pdf>. Acesso em 15-8-2020.

finíssima ironia e devastador conteúdo do que estão dizendo; mas e os adolescentes que também se valem da expressão?

No “**Yahoo – respostas**”³⁷ encontramos a disparatada pergunta:

Qual a razão de se chamar o índio [sic] de “Cara Pálida”?
Até hoje não entendi isso... Que significado tem chamar o índio de “Cara Pálida”!? Bjus e obrigada pelas respostas!!

Neste caso – e no de tantos outros – a expressão fica, mas seu referencial de origem torna-se invisível, seu fato-base foi esquecido ou se tornou obsoleto. Assim, muitas expressões que hoje continuam vivas perderam completamente o contato com a realidade que as inspirou. E os falantes continuam usando-as de modo mais ou menos inconsciente e opaco.

Em 1964, Roberto Carlos em “O calhambeque” cantava “Mandei meu Cadillac pro mecânico outro dia” e todos sabiam que o modelo Cadillac da época era um carro arrojado, ícone de luxo e *glamour*, com traseiro chamativo (apelidado de “rabo de peixe”). E, quando Rita de Cássio Coutinho assumiu o nome artístico Rita Cadillac, o público entendia muito bem o porquê. Hoje, provavelmente os jovens devem imaginar que Cadillac seja o nome de família da Rita...

Outro exemplo típico são as expressões de energia e de velocidade, que, mesmo usadas com frequência nos dias de hoje, remetem seus significados a épocas passadas: “a todo vapor”, “de vento em popa”, “não sou movida a eletricidade” (diziam as nossas avós, contemporâneas ao aparecimento dessa energia, quando os maridos exigiam pressa); “lava a jato” (quando do aparecimento dessas máquinas recuperava a ideia do avião a jato, o expoente de velocidade); para não falar dos foguetes, dos supersônicos e turbinados, que, um dia, quem sabe, tornar-se-ão obsoletos.

Analisemos mais detidamente o caso da expressão “pelo andar da carruagem”. É um rico exemplo de *gap* de gerações. Nem sempre se trata só de opacidade em relação ao vivo sentido original. Algumas expressões sofrem também mudanças de significado ao longo do tempo. Na forma completa, que aparece na imprensa brasileira já em meados do século XIX – “Pelo andar da carruagem se conhece quem vai dentro” –, a expressão tinha um sentido complexo associando o modo de condução ao poder dos conduzidos. Como há muito não convivemos mais com carruagens, nós ficamos só com a primeira metade da expressão – “Pelo andar da carruagem” – e a usamos simplesmente como “nestas alturas do campeonato” ou “do jeito que a coisa vai”, podendo aplicar-se a situações meramente fáticas: “pelo andar da carruagem, não teremos inverno rigoroso neste ano”, ou “pelo andar da carruagem, a pandemia vai prejudicar o campeonato brasileiro”. Observe-se, no entanto, que o sentido original (a referência ao *status* de quem vai dentro) poderia até ser resgatado em afirmações como: “O Vasco pode ser rebaixado, mas, pelo andar da carruagem, o Fluminense (com seus poderosos “advogados”) nunca será”, ou “Pelo andar da carruagem, a Polícia Federal nunca vai concluir a investigação sobre o filho do presidente”.

Outra sugestiva evolução de sentido das expressões ao longo do tempo vem ligada à palavra “Bossa”, hoje limitada ao estilo musical “Bossa Nova”. Certamente, os

³⁷ Cf. em <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070312075324AAZ0sxx>, 26-12-11. Acesso em 15-8-2020

mais jovens não têm a menor ideia do que seria “a bossa” simplesmente, termo que desapareceu após 150 anos de uso.

“Bossa” é gíria muito antiga e significa o jeito que produz determinado destaque. Inicialmente, aplicava-se somente a uma qualidade específica de alguém para algo (bom ou mau): a bossa “da poesia”, “das mathematicas”, “da ironia”, “do crime”, “do perdulario” etc. O “Diario do Rio de Janeiro” (10-12-1847), falando dos prováveis golpes do baú do “talentoso José Estevao”, ironiza: “vê-se que o ex-deputado tem a bossa do matrimônio altamente desenvolvida”. Essa conotação se estende ao longo de anos, como se comprova na revista Careta (RJ, 28-8-1921) que, referindo-se ao governador do Maranhão, afirma: “O Snr. Urbano não tem a bossa do perdulario”.

Só muito depois, a expressão começa a aparecer simplesmente como ter graça ou talento, sem a necessidade de ser específico. Na célebre marchinha do Carnaval de 1937, “Mamãe eu quero”, a letra diz: “Eu tenho uma irmã que é fenomenal, ela é da bossa e o marido é um boçal”.

Surgem também ocorrências de “nova bossa” como “novo jeito”. Em “O Jornal” (RJ, 25-09-1949), o produtor Fernando Lobo, da Rádio Nacional, anuncia dois programas “que ganharão o horário desde a noite de estreia” qualificados como “bossa nova”. Só no final da década seguinte a expressão “bossa nova” ficaria especializada no novo estilo, na nova bossa musical de João Gilberto & Cia.

b) Expressões marcadas em função do meio de origem

Não é de estranhar também que muitas de nossas expressões procedam de meio rural. Como se sabe, a população rural só deixou de ser predominante no final dos anos 60. Se, nos anos 40, 70% dos brasileiros viviam em área rural; hoje, mal chegam a 15%. Muitas expressões e metáforas surgidas naquela época (e antes) refletem as condições da vida do campo. E assim, por exemplo, gente que nunca ordenhou – ou talvez sequer tenha visto uma vaca de perto – diz tranquilamente que o técnico do time ou a equipe de fórmula 1 estão “escondendo o leite”, metáfora que não faz parte da vivência da imensa maioria de falantes urbanos de 2020.

Continuamos dizendo que “o castigo vem a cavalo”, expressão vinda dos tempos em que o cavalo era um rápido meio de transporte, principalmente para atravessar distâncias rurais. Hoje a metáfora seria descabida e é mesmo incompreensível para os jovens. Em uma página de perguntas do Yahoo³⁸, encontra-se, precisamente a seguinte questão: “O que significa dizer: o castigo vem a cavalo?”. Entre as respostas, aparecem disparates como: “o castigo virá rápido devastando, e derrubando e pisando em tudo!”, ou “o castigo que ele nunca vem desacompanhado. Mesmo depois de recebermos o castigo, ainda continuamos sofrendo com as suas sequelas”(!?).

E o mundo todo continua medindo a potência em cavalos (motor 220 cavalos do carro tal)...

c) Termos marcados pela origem da palavra

³⁸ Cf. Em <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080522104006AAw7roo>. Acesso em 25-5-2020

O esquecimento da etimologia é parte do jogo de esquecimento da linguagem – como faz notar Drummond, nem reparamos que o imposto se chama “imposto” porque é uma coisa imposta (se fosse opcional, quem pagaria?)

A palavra “colo”, que significa pescoço (e da qual derivam os termos “colarinho”, “colar”, “torciloco” e “tiracolo”), não deveria fazer o menor sentido para a mãe que diz ao filho: “Venha se sentar no meu colo”, mas, na prática cotidiana da língua, ela nem tem condições de perceber o absurdo literal de sua fala.

Derivada da palavra “barba”, as barbearias costumavam ser lugares de circulação masculina, quando fazer a barba era um processo demorado e delicado (dado o uso das navalhas). Esses estabelecimentos chegaram mesmo a ser pontos de encontro, onde os homens, prolongando ainda mais o tempo de duração do procedimento, “faziam o social”, discutiam política e futebol. Hoje, com as sofisticadas máquinas de barbear disponíveis ao público consumidor, a pessoas marcarem hora na barbearia para, rapidinho, cortarem o cabelo e, obviamente, nem se dão conta do despropósito que é uma barbearia especializada em cabelo.

Mas há etimologias ainda menos evidentes aos homens de hoje... *Plica* em latim é dobra, face, *prega* (como as pregas da saia ou da cortina). Quando algo está envolto em dobras é “com-plicado”. “Para fora” em latim é *ex* (de onde derivam as palavras “exportar”, “expelir”, “exonerar” etc.). Juntando os dois termos na sua acepção original, temos “explicar” – literalmente, tirar para fora das plicas, das dobras. E quem está envolvido nas plicas é cúmplice; já um filme cru (sem dobras que escondam), traz cenas explícitas. Suplicar é pedir de joelho dobrado. A etimologia de “simples” (do latim: *simplus* ou *simplex*, que ainda veremos nesse artigo) remete, na primeira parte da palavra (*sem*) a *semel*, um só; daí, uma só face (como em alemão: *Einfach*), sem dobras.

d) Termos relacionados a esportes e jogos de época

É natural que muitas das metáforas que usamos sejam tomadas de esportes e jogos, reinando absoluto o futebol, anos luz à frente de qualquer outro competidor. Mas, aqui e ali, há algumas metáforas de outras fontes, em alguns casos de uma época passada de esplendor esportivo. São os casos das regatas e do turfe que, se hoje não empolgam multidões, antigamente, por exemplo em 1940, ombreavam com o futebol. O hino do CRF – Clube de Regatas Flamengo – ilustra usos específicos da língua, certamente estranhos aos torcedores de hoje:

Uma vez Flamengo
Sempre Flamengo
Flamengo sempre eu hei de ser
É o meu maior prazer, vê-lo brilhar
Seja na terra, seja no mar
Vencer, vencer, vencer
Uma vez Flamengo,
Flamengo até morrer
Na regata ele me mata,
me maltrata,
me arrebatava de emoção no coração
Consagrado no gramado
Sempre amado

Mais cotado nos Fla-Flus
É o ai Jesus
Eu teria um desgosto profundo
Se faltasse
O Flamengo no mundo
Ele vibra, ele é fibra,
muita libra, já pesou
Flamengo até morrer, eu sou.

Se hoje o Flamengo é antes e acima de tudo futebol, em 1895, quando foi fundado, o esporte por excelência era o remo. O ano de 1942, quando o hino foi composto por Lamartine Babo, marca o momento de transição no interesse da torcida rubro-negra. Ao lado do remo, que ainda gozava de considerável prestígio (tetra-campeão carioca de 40 a 43), o futebol crescia mais e mais (impulsionado pelos grandes craques, Yustrich, Domingos da Guia, Leônidas da Silva, Valido, Jarbas e Zizinho). Daí, os dois polos no hino, com muitas referências a ambos os esportes, uma delas ininteligível aos atuais torcedores: “Muita libra, já pesou”. De fato, o flamenguista de hoje não tem a menor ideia do que possa significar “pesar libras” e porque isto manifesta a glória do clube. A confusão é tanta, que muitos alteram o verso para o ainda mais incompreensível: “muita libra já *pensou!*”. Mas, afinal, o que significa “muita libra já pesou”?

É uma expressão da regata que significava: homologar vitória. O remo é um esporte que envolve complexas regras de pesagem. Concluída uma disputa, entre os protestos e objeções que podem levar à impugnação do resultado, está o da pesagem do barco *vencedor* (ninguém vai exigir o “anti-doping” do barco que ficou em último lugar); pesagem que, na época, era em libras, por sua origem britânica (como as jardas nas medidas do futebol, ou o sistema de contagem de pontos no tênis).

Ao contrário da década de 40, hoje não nos é mais familiar o jargão da regata, nem o de outra sensação da época, o turfe. Sim, continuamos usando algumas de suas metáforas mais óbvias, dizendo que tal time “não é páreo” para outro, que tal partido político não é “cavalo de chegada”, que tal candidato pode ser o “azarão” desta eleição etc.

Em contrapartida, vale também lembrar muitas outras expressões que desapareceram da circulação popular: hoje ninguém mais se vale da, antigamente conhecidíssima, “não paga placê”³⁹. A última vez em que ela apareceu na imprensa nacional (BN) foi em 1991:

Cassiano Gabus Mendes manda avisar: vai mostrar ao Lima Duarte como se faz um chefe mafioso em uma novela. O Venturini não paga placê. (“Tribuna da Imprensa” RJ, 12-11-1991)

E, ao contrário de 1935, hoje Gardel não poderia chorar suas decepções amorosas, intitulado seu célebre tango “*Por una cabeza*”. Nesse caso, seria preferível (e mais compreensível) o “Morrer na praia”.

Em relação àquele tempo, decaiu também o interesse por jogos de cartas, snooker e pugilismo, mas algumas metáforas persistem.

³⁹ Aposto cautelosa, com folga: vale se o cavalo apostado chegar em primeiro ou segundo lugar. Não pagar placê é não ter chance alguma.

Do baralho, continuamos usando: “(ser uma) carta fora do baralho”, “cartas marcadas”, “descartar uma possibilidade” etc. Outras, praticamente desapareceram como “fechar-se em copas”.

Do bilhar, restam “(ser a) bola da vez”, estar em uma “sinuca de bico”, “cantar a jogada”, e “confio no meu taco”.

Do boxe, expressões como “golpe baixo”, “salvo pelo gongo”, “ter jogo de cintura” e “jogar a toalha” continuam no circuito da linguagem popular.

2. Eufemismos que recriam o sentido das palavras

O brasileiro, campeão mundial de eufemismos, consegue a proeza de mudar o sentido original das palavras. O termo “moça”, substantivo ou adjetivo, originalmente relacionado à juventude, no uso popular de hoje pode designar desde a púbere até a mulher madura: “A secretária é uma moça bem posta, de uns quarenta anos” (Aurélio). Sem limite superior de idade, outra forma de uso apela para uma versão mais indeterminada: “palavra com que frequentemente se dirige a uma vendedora de loja, recepcionista ou qualquer funcionária de banco, repartição etc.”. (Houaiss)

Por vezes, é o olhar carinhoso que abala a estrita semântica: mesmo após 50 anos de carreira, até o falecimento de Cybele, aos 74 anos em 2014, sempre se falou em “as meninas” do Quarteto em Cy.

3. Terminologias sazonais vinculadas a conjunturas específicas

Há expressões que surgem em determinados contextos que as reclamam, têm grande aceitação por certo tempo e, depois, ao mudarem as circunstâncias, simplesmente desaparecem e são esquecidas. Seguindo essa tendência, é possível situar alguns casos.

a) Do significado original ao oposto

Para indicar que não se deve gastar dinheiro ou talento com quem não merece, dizia-se: “Para quem é, bacalhau basta”, porque o bacalhau era de ínfimo valor... Muito presente no falar do povo desde sempre e na imprensa brasileira (BN), antes mesmo do Brasil independente, a expressão aparece na BN já na “Gazeta Universal” de 14-02-1822 e vai se tornando, a partir da década de 1960, sem sentido (cf. “O Jornal” RJ, 02-03-1963). Em 1991, a coluna “Restaurantes” do “Jornal do Brasil” decretava seu atestado de óbito: “[o bacalhau] hoje em dia é luxo. Já se foi o tempo de “para quem é bacalhau basta” (27-12-1991)”.

Outro exemplo nasceu da conhecida rivalidade entre brasileiros e argentinos, principalmente no futebol. No uso popular e irônico da expressão “muy amigo” (bordão do personagem Gardelón de Jô Soares, célebre em 1980), o sentido de uma amizade verdadeira foi substituído pelo seu oposto, indicando a postura daquele “com que não se pode contar”, que “quer levar vantagem”, ou que está “mal intencionado”⁴⁰.

A dinâmica da língua não só pode produzir o conhecido fenômeno de alteração do sentido das palavras ao longo do tempo mas, como mostra C. S. Lewis (1960), pode

⁴⁰ Cf. Recantos das letras. Disponível em <https://www.recantodasletras.com.br/cronicas/1731948>. Acesso em 9-8-2020.

dar-se também, sobretudo no campo da ética, uma autêntica inversão de polaridade⁴¹, como a que ocorreu com a palavra latina *simplex*. O termo era, para os antigos, um grande valor e ser simples era uma importante qualidade das pessoas: o próprio núcleo da virtude cardeal da *prudentia* (também ela, como veremos, afetada pela inversão). Hoje, com a nossa dificuldade de apreciar esses valores, o termo esvaziou-se de seu sentido inicial e passa até a designar uma qualidade negativa. Para nós, “simples” tem, frequentemente, acepções pejorativas: “aquele que só possui conhecimentos rudimentares”, “aquele que é pobre, que não possui recursos materiais”, “crédulo” (Houaiss); “vulgar, comum, ordinário”, “papalvo, tolo, crédulo, simplório, simplacheirão”, “sem instrução; ignorante” (Aurélio).

Também a própria virtude da *prudentia* sofreu o mesmo processo de inversão de significado. Se hoje a palavra *prudência* tornou-se aquela egoísta cautela da indecisão – ficar “em cima do muro” –, em Tomás de Aquino, ao contrário, ela expressava exatamente o oposto da indecisão: era a arte de decidir-se corretamente, isto é, com base não em interesses oportunistas, não em sentimentos piegas, não em impulsos, não em temores, não em preconceitos, mas, unicamente, com base na *realidade*: em virtude do límpido conhecimento do ser – *recta ratio agibilium*, “reta razão aplicada ao agir”. Prudência significava ver a realidade e, com base nessa visão, tomar a decisão certa. Por isso, como repetia Tomás, não há nenhuma virtude moral sem a prudência, e mais: “sem a prudência, as demais virtudes, quanto maiores fossem, mais dano causariam” (*In III Sent.* d 33, q 2, a 5, sc 3). Com as alterações semânticas, porém, tornou-se intraduzível, para o homem de nosso tempo, uma sentença de Tomás como: “a *prudentia* é necessariamente corajosa e justa”⁴²!!

b) Sentidos criados em um contexto e, logo, caídos em desuso

Nos tempos em que Paulo Maluf protagonizava – sempre polemicamente – a política paulista e nacional, surgiu o verbo “malufar”, qualificado pelo jornal “O Estado de S. Paulo” de “neologismo de uso corrente” (08-11-1984), para designar, inicialmente, votar em Paulo Maluf, mas, depois, considerando as polêmicas em torno de sua gestão, também “administração escusa”, “malandragem” e “roubalheira”. Quatro anos depois (07-11-1988), em função do seu distanciamento dos maiores centros de poder, o mesmo jornal, feroz crítico do político, praticamente dá por encerrada a onda de uso desse verbo. Já não era mais necessário... E, hoje, Maluf e “malufar” pertencem ao passado (ou à arqueologia) da política.

Um dos contrapontos do malufismo (e de uma das acepções de “malufar”, aderir a Maluf) foi o verbo “tancredar”, muito usado na campanha “Diretas já” liderada por Tancredo Neves. O Estadão, de setembro de 1984 a abril de 1985, registra 29 vezes este verbo, no infinitivo e nas conjugações “tancredou” e “tancredaram”, para designar “adesão ao movimento”. Tempos depois, enquanto a nação aguardava a recuperação de Tancredo para assumir a presidência, a progressiva complicação de seu quadro clínico justificou a retomada da expressão nos meios médicos, agora, assumindo o sentido de “um caso fora do controle”, “paciente que está se perdendo” (GERALDI, 2009).

4. Redução linguística

⁴¹. “The remarkable tendency of adjectives which originally imputes great goodness, to become terms of disparagement” op. cit., p. 173.

⁴² *Nec prudentia vera est quae iusta et fortis non est.* I-II, 65, 1.

Um poderoso mecanismo na transformação das expressões é a redução das expressões, na maioria das vezes subsidiada pela lei do mínimo esforço: uma vívida locução surge, se impõe, vem a ser conhecida e empregada por todos e, naturalmente, passa a dispensar seu enunciado completo, bastando uma palavra chave para evocar a expressão completa que, tempos depois, torna-se opaca. Foi o que aconteceu, por exemplo, com a abreviada expressão que usamos hoje, para indicar excessivo aborrecimento: “É dose”.

Na década de 60, começam a surgir na BN expressões ligadas à dosimetria para animais de grande porte. Em pesquisa na BN, limitando-nos à imprensa carioca, obtivemos os seguintes resultados: “É dose para leão”, com 159 incidências; “É dose para elefante”, com 158; e “É dose para cavalo”, com 45. Curiosamente, ficou em último lugar, logo o cavalo, o único a quem a expressão se pode aplicar e se aplicava literalmente: veterinários realmente prescrevem doses para cavalo. Vale a pena conferir os usos mais antigos da expressão para cada animal:

[O governador Carvalho Pinto, manejando uma máquina fotográfica]
“Puxa, que máquina pesada. Ela é dose para elefante”. (“Tribuna da Imprensa”, RJ, 09-11-1960)

O grupo Aragarças-Jacareacanga diziam que não aturavam seu senso de legalidade (“é dose para cavalo...”, comentavam a boca pequena). (“O Mundo Ilustrado”, RJ, 27-09-1962)

...vamos promover o enterro do Botafogo. Já pensou o que é um time ter que aturar a quinta derrota consecutiva? É dose para leão. (“Jornal dos Sports”, RJ, 09-11-1969)

Na década seguinte, ao sabor do hiperbolismo tupiniquim, amplia-se ainda mais o espectro de animais gigantescos:

Ser vascaíno é dose para hipopótamo; americano [torcedor do América], então, é dose para dinossauro; e do Fluminense eu quero distância. (“Jornal dos Sports”, RJ, 19-08-1971)

E, pela lei do mínimo esforço, hoje tendemos a dizer simplesmente: “é dose”.

Outro exemplo interessante de redução linguística é o termo forró, erroneamente atribuído a um “aportuguesamento” da expressão “for all” (suposta referência a um baile popular, com ritmos tipicamente nordestinos, “aberto a todos os públicos”). Corrigindo esse equívoco, o dicionário Houaiss e o *Blog* associado à revista *Veja*⁴³ afirmam que o termo, dicionarizado em 1913, é uma forma reduzida de “forrobodó” (este dicionarizado em 1899, também com a conotação de festividade, embora não necessariamente nordestina).

5. Recriação de expressões idiomáticas (um termo puxa outro)

⁴³ RODRIGUES, S. “Forró vem de “for all”? Conta outra!”. *Blog Sobre palavras*. Revista *Veja* 4-8-2011 (atualizado em 31-7-2020). Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/forro-vem-de-for-all-conta-outra/>. Acesso em 5-8-2020.

Por vezes, o desejo de inovação, jocosidade, melhor adequação, ênfase, ou simplesmente o anseio de sair da mesmice, levam a inovações na formulação de frases feitas. Foi o que vimos com as diversas variantes da expressão “É dose para cavalo”.

É também o caso da expressão “onde o Judas perdeu as botas”. Originalmente não eram as botas, mas a mãe. “Onde o Judas perdeu a mãe” é expressão antiquíssima, datado de 1833 na BN, em um artigo para combater ferozmente os inimigos da imprensa, que em vão investem contra os jornais:

e que elles trabalhão por exterminar [os jornais]: mas coitadinhos, como se enganaõ! Ainda que elles se vão encantoar la onde Judas perdeu a mãi, sempre hão de haver meia duzia de *Firmes Assignantes* para sustentarem o seu periodico... (“Recopilador Sergipano”, 15-06-1833)

Já a partir de 1853, firma-se “Onde o Judas perdeu as botas” (ou “a bota”):

Amigo Cubatão (...) onde está a sua sciencia? Por certo está onde Judas perdeu a bota. Fez tanto barulho, e a final deu tudo em agua de barrella! (“Marmota Fluminense”, 11-03-1853)

A versão jocosa (que não poderia faltar...), “Onde o Judas perdeu as meias”, com a devida explicação, aparece na BN em 1915 e é muito usada ainda hoje, mais de 100 anos depois:

Quando as turmas que elle fiscalizava chegaram a um arraial, lá onde Judas perdeu as meias, por já ter perdido as botas muito antes (...). (“Era Nova, RJ, 30-09-1915)

Do mesmo modo, assistimos, a partir de 1975, à substituição de “estar com a corda toda” pela (mais sugestiva) “estar com a bola toda”. Esta teve sua primeira aparição na BN em 1893:

A Bibi estava com a corda toda, falou, falou, e depois deitou-se para baixo e apagou a luz. (“Diario de Noticias”, PA, 7-12-1893)

Já a “bola toda”, uma das tantas criações do narrador esportivo Osmar Santos, surge na imprensa escrita (BN) em 1976, na revista “Realidade” (RJ):

E ganharam o segundo, o terceiro, o quarto e o quinto jogo. Aí o técnico milagreiro estava com a bola toda e foi contratado por um timão da Capital.

E, hoje, a nova forma da expressão está amplamente difundida.

6. Exportação de termos de um campo de conhecimento para a linguagem comum

Muitas expressões nascidas em meios técnicos especializados acabaram migrando para outros campos, ou empregadas para a vida em geral.

É o que ocorre, por exemplo, com o termo, originalmente da medicina profilática, “vacina”, hoje com seu uso ampliado para computadores (contra os “vírus” da informática) e para a vida em geral: “Não me venha com chantagem emocional, já estou mais do que vacinado”.

Da informática ou eletrônica vem alguns termos amplamente aplicados na vida cotidiana, como “deletar” (uma preocupação ou uma ocorrência) e “mutar” (vindo da tecla “mute” dos controles remotos ou dos encontros virtuais), que, em tempos de distanciamento social, ficaram ainda mais popularizados pelas *lives*. Menos conhecido, o termo “abend”, que, originalmente, significava “*abnormal end*” (finalização inesperada de um processamento) virou o verbo “abendar”, aplicado com o sentido de “dar pau” e, eventualmente, usado até para o estado apoplético de pessoas: “o cara tá abendado”.

Da álgebra clássica, temos a expressão “o x do problema”, que chegou a ser imortalizada no samba de mesmo nome de Noel Rosa, composto em 1936: “deixar o Estácio é que é o x do problema”. A expressão remete às origens árabes da Álgebra no século IX. Sendo uma ciência eminentemente prática, criada para (literalmente) “equacionar” as prescrições do Alcorão sobre heranças, a incógnita, o valor que se quer calcular é a palavra árabe *xay*, grafada como X ⁴⁴.

Um exemplo de um caso que estamos vivenciando hoje e que pode muito bem vir a desaparecer no futuro, a médio prazo. Por conta de conjunturas políticas, nos últimos anos, muitos brasileiros passaram a conhecer muito bem os onze ministros do STF, talvez até melhor do que os onze da seleção de futebol. E esse protagonismo na mídia (sobretudo na TV) levou à exportação de termos do “juridiquês” para a linguagem comum. Por exemplo, quando a transmissão de uma partida de futebol vai chegando ao fim e os comentaristas e o narrador devem eleger o “craque do jogo”, após o primeiro voto – “para mim, foi Fulano, que marcou dois gols e ainda deu cobertura para a defesa etc.” –, o segundo pode abster-se de comentar e dizer “meu voto acompanha o do relator” ou, talvez, “*data maxima venia*, fico com o goleiro Beltrano, que pegou um pênalti impossível e operou defesas milagrosas”.

Não só o “juridiquês”, mas também o jargão das discussões do Congresso atinge as inflamadas mesas redondas do futebol (na TV ou até no boteco): para acabar com a balbúrdia de todos querendo falar ao mesmo tempo, alguém dá um grito: “Pela ordem, senhor presidente” ou “questão de ordem, senhor presidente”, “eu fui citado, tenho direito a réplica” etc.

7. Permeabilidade para estrangeirismos

O português do Brasil é mais receptivo a estrangeirismos do que o de Portugal. Aqui, tranquilamente dizemos “clique o mouse” e não “carregar no rato”. Em sentença, o juiz da Comarca de Lisboa, julgou recurso da famosa fábrica brasileira de *lingerie* De Millus, que reclama sua propriedade de marca nominativa também em Portugal, “especialmente para ampara seios”, em vez de usar o estrangeirismo *soutien*⁴⁵.

Não se trata somente de xenofilismos/xenofobias de cada cultura, mas também de outros fatores como nos casos que se seguem.

⁴⁴ Cf. Jean Lauand: “El Álgebra como Ciencia Árabe”. Disponível em https://www.webislam.com/author/1_jean_lauand/. Acesso em 15-8-2020.

⁴⁵ Cf. em https://servicosonline.inpi.pt/luceneweb/1970_10/10_1970_MNA0000137375.pdf. Acesso em: 15-8-2020.

a) Fator político

Durante o fascismo, Portugal, Espanha e Itália proibiram nomes estrangeiros e uma circular do *Partito Nazionale Fascista* de 1936 obrigou a imprensa a “traduzir” até os nomes próprios de artistas. Assim, por conta da censura, “Louis Armstrong” e “Benny Goodman” tiveram de ser “renomeados” como Luigi Braccioforte e Beniamino Buonuomo⁴⁶.

Julián Marías (1989) conta em suas memórias a perseguição aos nomes estrangeiros no dia seguinte à tomada de Madri pelos franquistas: a salada russa passou a ser “salada imperial”; a loja de calçados “Les Petits Suisses”, “Los Pequeños Suizos”; as “repúblicas” de estudantes, “impérios” e as balinhas “Darlings” perderam o G na tentativa de espanholizá-las.

b) Eufemismo, pudores e tabus

Outras vezes é o pudor ou o eufemismo que convoca o estrangeirismo. Perguntar pelo *toilette* (já dicionarizado em “toaleta”) parece menos cru do que pelos prosaicos “mitório” ou “latrina”. De que modo, mais adequado, a colunista de TV Cristina Padiglione poderia noticiar tão delicado assunto no vetusto Estadão (31-01-2015): “O *derrière* de Paola Oliveira continua a ser assunto na internet”?

Claro que essa tendência depende do modo como a sociedade, em cada época, aceite uma linguagem mais direta. “Trottoir” – uma alternativa para (o também superado) “rodar a bolsinha” – foi usado pelo Estadão 81 vezes, por mais de 50 anos (de 1956 até 2008). Para referir-se às casas de prostituição, o estrangeirismo também parecia uma boa alternativa para aliviar o peso das palavras. Em 1964, por exemplo, o “A Luta Democrática” (RJ, 04-01-1964) explica aos leitores que é por influência de deputados estaduais “que o Hotel Brasília, ‘*rendez-vous*’ escandaloso, que afronta os Moradores de Mesquita, trabalha à vontade”. O leitor de hoje certamente consideraria uma hipocrisia recorrer a tais eufemismos relacionados à prostituição.

c) Palavras importadas

Sempre que uma realidade (um alimento, um jogo, uma moda etc.) vem de outro país, surge o problema de como denominá-la aqui, em seu novo habitat.

Por vezes, um nome nacional prevalece e nem deixa ver a origem estrangeira da realidade que designa. É o caso, por exemplo, da tangerina⁴⁷, chegada ao Brasil em 1892⁴⁸ e imediatamente em São Paulo⁴⁹ – e em outros estados – denominada brasileiríssimamente “mexerica”.

Em muitos outros casos, porém, não tem jeito; sem similar nacional, o nome (talvez até “aportuguesado”) vem junto com a importação, como é o caso de: “quibe” e “esfiha”, “sushi” e “sashimi”, “uíisque”, “vodca”, “champagne” etc.

⁴⁶ Cf. em <https://ricerca.repubblica.it/repubblica/archivio/repubblica/2009/05/08/quando-era-la-censura-titta-nesti.html?ref=search>. Acesso em 9-8-2020.

⁴⁷ Em inglês, *tangerine*; em francês, *mandarine*.

⁴⁸ Cf. “Revista Globo Rural” <https://revistagloborural.globo.com/vida-na-fazenda/como-plantar/noticia/2013/12/como-plantar-tangerina.html>. Acesso em 9-8-2020.

⁴⁹ Cf. p. ex. “O Estado de S. Paulo”, 28-02-1903.

Já a importação brasileira do futebol é um caso interessante: começamos por assumir quase totalmente o léxico inglês do jogo, para depois admitir alguns “aportuguesamentos” e, finalmente, introduzir termos novos inventados no Brasil.

Assim, desde o começo, a “partida” era *match*; “placar”, *score*; “juiz/árbitro”, *referee*; “goleiro”, *goalkeeper*; “time”, *team* ou *a eleven*; “campo”, *ground*; “primeiro tempo”, *half time*; “chute”, *shoot* ou *kick*; “escanteio”, *corner*; “centro avante”, *center forward*; “seleção”, *scratch* etc.⁵⁰ Havia, ainda, nas peladas de garotos dos anos 50 e 60, gritos reclamando um “fri-quipe”, ridícula forma para falta de tiro livre (*free-kick*).

É sabido que, naqueles começos, houve tentativas de nacionalizar o próprio nome do “desporto” (menos inglês do que “esporte” ou *sport*), propondo trocá-lo por “ludopedio” (ou por “ballipodo”). Um dos que propugnava por essa inglória causa foi Lincoln Kubitschek (tio de JK), que advogava também por nomes como “Gremio de Ludopedio *tal*”, em vez do bárbaro “*tal* Football Club” (“Revista de Língua Portuguesa” RJ, No. 18, julho 1922). Se o Santos e o São Paulo Futebol Clube não seguiram essas regras, a castiça Associação Portuguesa de Desportos (fundada em 14-8-1920) dela se aproximou.

Ao longo das décadas, os termos se consolidaram: alguns em anglicismos aportuguesados, como “gol”, “time”, “pênalti” etc.; outros mantiveram-se em vernáculo 100% nacional: “escanteio”, “impedimento” etc. Com o tempo, surgiram novos nomes para novas realidades no jogo: “carrinho”, “chapéu”, “pedalada”, “peixinho”, “bicicleta”, “catimba” etc.

d) Esnobismos

Assim como é justificável a presença de alguns anglicismos no futebol; também o são a presença de italianismos na notação musical (*andante*, *allegro ma non troppo* etc.), ou na culinária (enquanto nós dispomos quase só de “macarrão”; os italianos têm nomes diferenciados para mais de 100 tipos de pasta: “spaghetti”, “tortellini”, “farfalle”, “penne”, “conchiglia” etc. etc.). De qualquer forma, é sabido que todas essas nomenclaturas específicas circulam na fala popular e são oferecidas pelos restaurantes nacionais (de preferência, cozidos “al dente”).

Na moda, não há como escapar do francês (como *soutien*, *lingerie*, *tailleur*, *prêt-à-porter*), ou também na culinária: pouco importa se a maioria de nossos restaurantes erram a grafia de “belle meunière”; o importante é evocar a clássica receita de pescado.

Da época em que a cultura francesa era dominante, trocamos “cardápio” por “menu”.

Hoje, com a prevalência do inglês, até “a padaria” do centro de Santana do Parnaíba (longe dos bairros nobres e condomínios de luxo) é “Parnaíba’s Center”.

Há aí, geralmente, uma razão cultural. Por exemplo, depois da conquista normanda da Inglaterra (1066), as classes altas falavam francês e o inglês estava reservado aos pobres e camponeses. Daí a dualidade dos nomes de alimentos: *sheep* é o carneiro vivo, de cuja criação se encarrega o pobre; *mutton* é a carne consumida pelo rico (e o mesmo vale para *pig* / *pork* ou *ox* / *beef*).

⁵⁰ Cf. p. ex. na BN, entre outros mil, a revista infantil “O Tico-Tico” (RJ, 13-09-1916).

Há nesse campo esnobismos totalmente desnecessários e que não passam de mera afetação e “frescura”. Até que ponto precisamos descartar a velha e boa “tigela”, como aquele hotel com “hospedagem pet”, que oferecia para os animaizinhos “bowl de ração”? Chamar de “smooth de banana e morango” não será mero pretexto para cobrar um adicional à velha e boa “vitamina”?

Avançando no olhar crítico, vale lembrar a genial análise da influência do cinema sonoro (surgido em 1927) na nossa língua e recém chegado ao Brasil, com o samba “Não tem tradução”, que contempla também outra sensação tecnológica da época: a novidade do telefone.

Não tem tradução

O cinema falado é o grande culpado da transformação
Dessa gente que sente que um barracão prende mais que o xadrez
Lá no morro, seu eu fizer uma falseta
A Risoleta desiste logo do francês e do inglês
A gíria que o nosso morro criou
Bem cedo a cidade aceitou e usou
Mais tarde o malandro deixou de sambar, dando pinote
Só querendo... Na gafeira dançar o Fox-Trote
Essa gente hoje em dia que tem a mania da exibição
Não entende que o samba não tem tradução no idioma francês
Tudo aquilo que o malandro pronuncia
Com voz macia é brasileiro..., já passou de português
Amor lá no morro é amor pra chuchu
As rimas do samba não são “I love you”
E esse negócio de “alô”, “alô boy” e “alô Johnny”
Só pode ser conversa de telefone.

A amostra das tendências no dinamismo da língua – extensa na consideração do número de exemplos, mas reduzida para representar a amplitude e os complexos meandros dos caminhos de evolução – funciona como um exercício para que se possa desnaturalizar a percepção do caldo linguístico no qual todos nós estamos imersos. Uma percepção que afeta a nossa posição no mundo e o nosso olhar sobre a educação. Navegar nas águas dos discursos é, em última instância, lidar com a pluralidade de correntes construtivas sempre renovadas; é viver na diversidade e aceitar as possibilidades do dizer; é reconhecer a participação de todos e de cada um; é ter consciência de que a sagrada língua de hoje não prevalecerá no amanhã.

Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
_____. (VOLOSHINOV, V. N.) *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec 1988.
CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 1989.
COLELLO, S. M. G. *A escola e as condições de produção textual: conteúdos, formas e relações*. Tese de livre-docência apresentada à Faculdade de Educação da USP. São Paulo: 2015.
FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo – As ideias do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.

GERALDI, W. “Labuta da fala, labuta da leitura, labuta da escrita” In: COELHO, L. M. (org.) *Língua materna nas séries iniciais*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009, p. 213-228.
LAUAND, J. *Revelando a linguagem*, São Paulo: Factadh, 2016.
LEWIS, C. S. *Studies in Words*, Cambridge at the Univ. Press, 1960.
MARÍAS, J. *Una vida presente – Memorias I*. Madrid: Alianza, 1989.

International Studies on Law and Education 28 jan-abr 2018
CEMOrc-Feusp / IJI-Univ. do Porto

Análise keirseyaniana de clássicos cristãos e chineses

Jean Lauand⁵¹
Enio Starosky⁵²
Sylvio Horta⁵³

Resumo: Este artigo dá continuidade a um anterior: “A tipologia de David Keirsey e preferências religiosas”, publicado nesta mesma revista (RIH 38, 2016). Os tipos psicológicos de Keirsey são aqui aplicados a Bento de Núrsia, a Francisco de Assis, ao apóstolo João e a seus estilos religiosos.

Palavras Chave: David Keirsey. tipos de temperamento. São Bento. São Francisco de Assis. São João. Confúcio. Lao Tsé.

Abstract: This article continues the analysis of “A tipologia de David Keirsey e preferências religiosas” in this same journal (RIH 38, 2016). St. Benedict and St. Francis of Assisi are considered under the light of Kersey’s types.

Keywords: David Keirsey. temperament types. religion. St. Benedict. St. Francis of Assisi. St. John. Confucius. Lao Tsé.

1. Introdução – Tipos e a tipologia de Keirsey

Como se sabe, o psicólogo norteamericano David Keirsey (1921-2013, a partir de agora abreviado por DK) propôs – fundamentalmente em duas de suas obras: *Please Understand Me I e II*; Kersey (1984) e Keirsey (1988) – uma importante tipologia de temperamentos, fundamentada em preferências em torno de quatro pares de fatores: E/I; S/N; F/T; J/P (estabelecidos por Jung e complementados por Myers-Briggs) que DK agrupa em 4 tipos de temperamentos SP, SJ, NF e NT; daí decorrendo, a partir da combinatória dos complementos, 16 tipos mais concretos: ISTJ, ISFP, ENFJ etc. Uma boa apresentação em português dessa teoria (e dos significados das letras abreviadoras) está em LAUAND, J. Sérgio (2014)

Desnecessário dizer que o uso que faremos dessas preferências está sujeito às ressalvas metodológicas próprias de qualquer abordagem tipológica: seu caráter caricato (no sentido de “carregado”); admitir a mistura de fatores opostos dentro de um

⁵¹. Prof. Titular Sênior da FEUSP. jeanlaua@usp.br. Autor das partes 3 e 4.

⁵². Mestre em Educação pela Univ. Metodista de São Paulo e doutor em Ciências da Religião nessa universidade. Autor da parte 5, referente ao apóstolo João, originalmente apresentada em maio de 2017 como seminário da disciplina “Religião, sociedade e mundo bíblico”, ministrada pelo Prof. Dr. Paulo Roberto Garcia no PPGCR da UMESP.

⁵³. Coordenador da Área de Chinês da FFLCHUSP. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Autor da parte 6.

mesmo sujeito (que pode ser, por exemplo, em alguma medida *S* e *N* ao mesmo tempo e não necessariamente um tipo puro *S* ou *N*); neutralidade ética e valorativa dos diversos tipos (um tipo não é “melhor” do que o outro); e sobretudo não confundir o tipo com conceitos e menos ainda com a realidade etc. Tendo em conta, sobretudo, que o tipo psicológico é só **um** fator para a compreensão do indivíduo; ao lado de tantos outros fatores: gênero, classe social, família (p. ex. pai tirano ou ausente), geração, etc. etc. etc.

A própria linguagem comum já nos ensina algo sobre os tipos e previne contra sua absolutização: em espanhol, “*tipo* (ou *tío*)” é qualquer pessoa, equivalente ao nosso “cara”; afinal, ninguém é tão original que não se encaixe em algum tipo... Já a relativamente recente gíria “tipo” (ou “tipo assim”) indica imprecisão, inexatidão: “500 francos suíços, sei lá, acho que é tipo 1500 ou 2000 reais”. “Tipo” serve também como eufemismo para o inautêntico ou *Ersatz*: um salame “tipo” italiano é **não** italiano, mas de Pirituba mesmo. E a “baiana típica” não existe senão para marcar presença em banca de acarajé ou para figurar em selfies de turistas...

2. Fator S x fator N

A valiosa contribuição de DK não está em dar nomes para batizar os tipos, talvez uma tentativa de deixar sua marca nos estudos de tipos psicológicos: em nossas aulas, procuramos evitar esses nomes, pois podem antes, em alguma medida, desorientar os alunos: por exemplo o *Champion* (ENFP) nos remete mais ao futebol do que a um El Cid ou cavaleiro medieval; e seriam necessárias muitas explicações se assumíssemos *Teacher* como o ENFJ, quando o próprio DK insiste em que a maioria dos professores da Educação Básica são SJ...

A verdadeira contribuição de DK está em agrupar os 16 tipos em torno a 4 temperamentos: SJ, SP, NF e NT. E na centralização do par S/N para a constituição dos temperamentos.

S (de *Sensible*) é a preferência de ater-se aos fatos, ao que se dá aí diante dos olhos, ao realismo do pássaro na mão, sem devaneios, sem “viajar” na imaginação...

Já o N (de *iNtuition*) vê os fatos como possibilidades futuras, de busca do sentido humano e do *self* (NF) ou das construções científicas / tecnológicas ou estruturas lógicas (NT). Para o N de um NF e sua sensibilidade para o humano parecem perfeitamente normais os versos de Adélia Prado (2016, p. 146):

De vez em quando Deus me tira a poesia.

Olho pedra, vejo pedra mesmo.

Já para os S é difícil compreender que só “por exceção” a pedra seja pedra... Jean Anouilh joga com a oposição S x N na peça “A Cotovia”. Nela a jovem Joana D’Arc, que Keirse apresenta como protótipo dos INFP – o idealista entre os idealistas (1990, p. 201), naturalmente o tipo mais apropriado para experiências místicas – ouve vozes que a convocam a salvar a França. Seu pai, na peça radicalmente S, reage espancando-a e proferindo a sentença que se tornou proverbial na oposição S x N:

Sauver la France? Sauver la France? Et qui gardera mes vaches pendant ce temps-là?

Nessa mesma linha de confronto NF x S, recordo⁵⁴ um caso (uma piada ou talvez *una anécdota*, nunca esclareci se ocorreu realmente) que me foi contada, há mais de trinta anos, por um ilustre pesquisador, sábio beneditino, ISTJ, S ao extremo:

Uma vez “fui”⁵⁵ celebrar missa para freiras jovens, neuróticas, e fiquei para almoçar:

– Irmã, poderia passar o pão?

– O pão... o trigo que se encontrava disperso pelo campo e que se deixou triturar, morrer para si mesmo, para transformar-se em pão que se dá em comunhão para os irmãos...!

– (dá de ombros em perplexidade) – Irmã, poderia passar o vinho?

– O vinho... que representa o sangue do Cordeiro (...)!
(O azeite... bálsamo da unção do Messias...)

– Aí eu aponte para uma berinjela e quase falei: - Irmã, poderia me

passar o saco do São Benedito?

É, tipicamente, a oposição entre o SJ, o beneditino da Regra e, digamos, o NF do jardim das almas, com suas rosas e florezinhas campestres de uma carmelita como Santa Teresinha. Aliás, quem procurar no Google “mística carmelita” ou “poesia carmelita” verá que os resultados superam em muito os inexpressivos “mística beneditina” / “poesia beneditina”. Já “beneditino” é, na linguagem popular, campeão em paciência (“paciência beneditina”), que Houaiss dicionariza: “aquele que se devota incansavelmente a trabalho metuculoso”.

3. O beneditino, ISTJ – evocação de um sábio monge.

Feitas todas as ressalvas ao procedimento tipológico, é necessário acrescentar que cada indivíduo, por mais que possa se enquadrar em um determinado tipo psicológico, mantém sua individualidade, na qual ocupam seu lugar os fatores complementares (em um sujeito no qual predomine fortemente, digamos, o T, sempre tem, em alguma medida, o F; como um jogador destro de vez em quando deve chutar com a esquerda...) e outras características que transcendem o âmbito dos tipos: sempre insisto em que se há, por exemplo, grandiosidade (e generosidade etc.) todos os tipos são deliciosos e trazem importante contribuição específica para o convívio.

No começo dos anos 80, duas razões me levaram a procurar o Dr. D. João Mehlmann, um ilustre beneditino do Mosteiro de São Bento: eu estava elaborando meu doutorado sobre o filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper e – segunda razão – eu tinha sido encarregado de lecionar Idade Média na Feusp (naqueles saudosos tempos, a História da Educação Medieval, disciplina obrigatória, ocupava um semestre inteiro de 4h/aula por semana!!) e, nos dois casos, sua ajuda foi decisiva: o mosteiro dispunha de livros e artigos de revistas raros e antigos sobre Pieper (que ninguém mais no Brasil possuía) e para um jovem de 30 anos (na época, os estudos medievais eram incipientes entre nós) era imprescindível a ajuda de um mestre como D. João.

⁵⁴. Passagem de autoria de JL.

⁵⁵. No ambiente piadista, a primeira pessoa faz parte do recurso lúdico de dar realismo: o narrador, Dom João Mehlmann, monge exemplar, seria incapaz de qualquer grosseria ou atitude minimamente indecorosa. Mas, como diz Keirse, um ISTJ, se se encontra só com homens amigos pode permitir-se “expressar-se de modo distinto do que o que usa normalmente” (1990, p. 218).

Evoco a sua figura pois é muito melhor do ponto de vista didático nos atermos ao concreto – não por acaso *enseñar* em espanhol significa também mostrar – no caso, uma figura emblemática do ideal de São Bento, com a qual tive o privilégio de frequente convívio ao longo de seis anos (ele veio a falecer em 30-12-1988), com longas conversas ao menos uma vez por mês, além de inúmeras consultas telefônicas. Para as recordações que se seguem, recorrerei ao artigo em homenagem a Dom João, que publiquei no Estadão (Lauand 1988) e a entrevista que concedi a Roberto Castro (2009).

Dom João, monge exemplar, era além do mais um erudito incomparável, especializado em Padres da Igreja e Sagrada Escritura, com domínio absoluto das línguas e uma imensa bagagem de leituras em sua memória prodigiosa; conhecimentos generosamente ao dispor dos amigos que frequentavam sua cela no mosteiro. Com uma perna amputada, preso a uma cadeira de rodas, dedicava-se em tempo integral ao estudo e a um incrível “banco de dados” pessoal (naquele tempo não havia internet e nem PCs) com milhares e milhares de fichas.

Na verdade, em certos aspectos, D. João superava o Google. Lembro-me que um dia telefonei para ele porque queria saber quem era o autor do hino medieval *Ave verum*. Dom João respondeu: “Qual dos *Ave verum*?” Eu, que nem sabia que havia outros, precisei: “*Ave verum corpus natum*”. Ele disse que não sabia. Eu estranhei muito: como ele não sabe, se ele sabe tudo? Ele continuou: “Ninguém sabe. O primeiro manuscrito, do século XIV, é anônimo; outro manuscrito...”. E me falou a relação completa dos manuscritos do *Ave verum corpus natum*.

Suas raras saídas limitavam-se a uma ou outra conferência na USP ou a participação em bancas também na USP, como a de meu doutorado em 1986. Sempre que uma tese envolvia assuntos de antiguidade para os quais não havia especialistas, D. João era convocado. Entre os interlocutores que o visitavam no mosteiro, recordo os professores da USP: Ruy Afonso da Costa Nunes, Isaac Nicolau Salum, Nachmann Falbel e Helmi Nasr.

A história da educação e da cultura medievais, confunde-se, em boa medida, com a da Ordem e 529, o ano de fundação do mosteiro de Monte Cassino, é considerado por muitos historiadores (como Pieper) o início da Idade Média, e o período que vai até o século XI é chamado de “era beneditina”.

Em todos os semestres, até seu falecimento, “aproveitando-me” do fato de sua condição de cadeirante, para que as turmas (de 60 alunos) pudessem ter uma conferência com o especialista, em vez de levar Dom João para a USP, eu levava os alunos ao São Bento (o Colégio, ao lado do Mosteiro) e eles tinham a oportunidade de ter acesso a – mais do que aos conhecimentos do palestrante na conferência, mero pretexto – um autêntico monge medieval, ao puro espírito de São Bento. A aula terminava pouco antes dos Ofícios de Vésperas e os alunos que quisessem dirigiam-se à Igreja de São Bento para acompanhar a Liturgia das Horas em latim e com canto gregoriano. Todo um laboratório de cultura medieval, especialmente o monge.

O que mais impressionava aquelas jovens alunas era o monge em seu *contemptus mundi*, imerso em São Jerônimo e Orígenes e totalmente alheio às incidências mundanas do mundo moderno. Um dia, levei para ele revisar os originais de um livro que tinha escrito. Como sempre, buscava aproximar a filosofia e a educação medieval da cultura contemporânea e mencionei um verso de Caetano: “Por isso uma força me leva a cantar” (da então, ainda recente, canção “Força Estranha”). Dom João leu, disse que estava bom, mas fez uma ressalva: “Caetano nunca disse isso”. Estranhei

e perguntei a qual Caetano ele se referia. Ele respondeu: “O cardeal Caetano, do século XVI, ora. Que outro Caetano há”? Do alto dos 1500 anos de sua Ordem, um dia explicou por que não se dedicava a aprofundar no marxismo. Ele disse: “Quando eu era jovem, Pio XI disse que o marxismo era errado. Se está errado, pensei, não vai durar mais que 300 ou 400 anos. Não vale a pena estudar”.

Dom João, como bom SJ, prezava as distinções institucionais da Ordem, como a utilização do “Dom” – privilégio de bispos – por monges beneditinos. Uma vez, nossa conversa em sua cela foi interrompida por um monge que lhe trouxe a bandeja do almoço. “– Obrigado Valdisnei [nome “aproximado”]”. Quando o confrade saiu, ele confidenciou-me em voz baixa: “Antigamente, entravam para a Ordem e se tornavam Dom – Dom Clemente, Dom Basílio, Dom Irineu – mas *agora* eles continuam Valdisnei mesmo”. O seu “agora” resumia as recentes mudanças na Igreja e na Ordem, com a – a seu ver – consequente decadência. O rigor do estilo da Ordem teria o poder de transformar “eles” (os menos dotados social e intelectualmente) e elevá-los a uma maior estatura. Claro que, para Dom João, o “agora” incluía novas teologias que, no fundo – em seu acentuado lado S – simplesmente escondiam desordenados desejos carnisais.

São Bento e os SJ: a Regra, os horários (entre tantas outras contribuições, S. Bento “inventou” horários, sagrados para seus monges), o eterno (em oposição ao efêmero), o voto de *stabilitas loci* (o monge beneditino, via de Regra, deve permanecer em seu mosteiro) etc. Uma vez perguntei a Dom João por que o Mosteiro de São Bento está em um dos pontos mais centrais e ruidosos da cidade, quando o previsto é o ermo e o silêncio. “– Nós estamos aqui desde o século XVI; o barulho veio depois...”.

Se tinha momentos de humor e divertia-se com piadas, no entanto, ele mantinha o rigor. Pouco antes de ele morrer, fui visitá-lo no mosteiro e ele me mostrou uma foto que tirara para o obituário, com aspecto muito grave. Comentei que a foto não combinava com seu bom humor. E ele justificou o semblante grave na foto assim: “Eu sou um monge”. Dom João, muito inteligente, sabia ser flexível em coisas de menor importância: certa vez acompanhou-me à Biblioteca do Mosteiro, próxima à sua cela, para emprestar-me um livro (o que não era permitido) raro de Boécio e quando eu apanhei o grosso volume e já ia empurrar sua cadeira de rodas de volta para a cela, ele falou-me energicamente: “– Ô, camufla!”. “– ?!?!?”. Ele apontou-me o vazio deixado pelo Boécio na estante e fez o gesto de ajuntar os livros remanescentes...

Não esqueçamos que S. Bento fundou sua Ordem em tempos difíceis: o Império Romano no Ocidente foi extinto e assolado por bárbaros (em um primeiro momento ainda não convertidos ao cristianismo e ao catolicismo) e a ideia era a de preservar valores espirituais no espaço sagrado do mosteiro, que mesmo os bárbaros, em geral, respeitavam – daí que, em inglês, até hoje, o espaço inviolável (de asilo político ou reserva ecológica) seja *sanctuary*.

Em tempos de “novos bárbaros” e considerando-se fiador da verdade, não é de estranhar que o (acentuadamente) ISTJ Joseph Ratzinger, tenha elegido para si o nome de Bento XVI, inspirando-se em Bento (padroeiro da Europa e, para Ratzinger, até mesmo fundador da Europa), em seu projeto de reconversão do continente.

São Bento de Núrsia

Queridos irmãos e irmãs!

Gostaria hoje de falar de São Bento, Fundador do monaquismo ocidental, e também Padroeiro do meu pontificado. (...)

São Bento de Núrsia com a sua vida e a sua obra exerceu uma influência fundamental sobre o desenvolvimento da civilização e da cultura europeia. (...) O contexto geral do seu tempo: entre os séculos V e VI o mundo estava envolvido por uma tremenda crise de valores e de instituições, causada pela queda do Império Romano, pela invasão dos novos povos e pela decadência dos costumes. Com a apresentação de São Bento como "astro luminoso", [seu biógrafo e quase contemporâneo, o papa] Gregório queria indicar nesta situação atormentada, precisamente aqui nesta cidade de Roma, a saída da "noite escura da história" (cf. João Paulo II, *Insegnamenti*, II/1, 1979, p. 1158). De facto, a obra do Santo e, de modo particular, a sua *Regra* revelaram-se portadoras de um autêntico fermento espiritual, que mudou no decorrer dos séculos, muito além dos confins da sua Pátria e do seu tempo, o rosto da Europa, suscitando depois da queda da unidade política criada pelo império romano uma nova unidade espiritual e cultural, a da fé cristã partilhada pelos povos do continente. Surgiu precisamente assim a realidade à qual nós chamamos "Europa". (...) Na prática da obediência realizada com uma fé animada pelo amor (Regra 5, 2), o monge conquista a humildade (5, 1), à qual a Regra dedica um capítulo inteiro (7). Desta forma o homem torna-se cada vez mais conforme com Cristo e alcança a verdadeira auto-realização como criatura à imagem e semelhança de Deus. (...) Paulo VI, proclamando a 24 de Outubro de 1964 São Bento Padroeiro da Europa, pretendeu reconhecer a obra maravilhosa desempenhada pelo Santo mediante a *Regra* para a formação da civilização e da cultura europeia. Hoje a Europa que acabou de sair de um século profundamente ferido por duas guerras mundiais e depois do desmoronamento das grandes ideologias que se revelaram como trágicas utopias está em busca da própria identidade. Para criar uma unidade nova e duradoura, são sem dúvida importantes os instrumentos políticos, económicos e jurídicos, mas é preciso também suscitar uma renovação ética e espiritual que se inspire nas raízes cristãs do Continente, porque de outra forma não se pode reconstruir a Europa. (...) Procurando o verdadeiro progresso, ouvimos também hoje a *Regra* de São Bento como uma luz para o nosso caminho. O grande monge permanece um verdadeiro mestre em cuja escola podemos aprender a arte de viver o humanismo verdadeiro. (Bento XVI, 2008)

O que ressalta é a afinidade dos SJ – e particularmente dos ISTJ – com o carisma beneditino. Keirse diz que os ISTJ são “os guardiães das instituições tradicionais” (1990, p. 216), ficam “muito inquietos com a ideia de que as instituições estão em perigo de ruir” (1990, p. 216), “transmitem uma mensagem de formalidade e estabilidade” (1990, p. 217), primam “pela paciência em seu trabalho” (1990, p. 217), são os mais sérios e detalhistas em inspecionar se está tudo em ordem na instituição (1988, p. 107), especialmente “preocupados com moralidade” (1988, p. 107), são confiáveis, voltados para o passado, prezam autoridade e *belonging* (1988, p. 107), “tendem a se envolver em organizações de serviço à comunidade que transmitam valores tradicionais aos jovens, tais como Escola Dominical, Escoteiros etc. (1988, p. 108). Etc.

4. Francisco de Assis, o ISFP, e os franciscanos.

Antes de falar de São Francisco como ISFP, é importante rever brevemente as preferências F / T; para isso tomo a liberdade de copiar um par de parágrafos do referido artigo anterior.

F / T referem-se à instalação na vida (percepção, relacionamento, decisões etc.) a partir de uma perspectiva “pessoal” (F de *feeling*), valorizando as emoções, os sentimentos, a consideração das circunstâncias da pessoa, em contraposição a uma preferência T (de *thinking*), que valoriza a “objetividade” das coisas, a abordagem fria e impessoal, o que racionalmente deve ser feito. No limite, a oposição entre: o calor do coração e a frieza da razão.

Essa diferença é bem registrada no filme *The Iron Lady*, no qual Meryl Streep interpreta Margareth Thatcher, a dama de ferro, a dama T. Já aposentada e fragilizada pela idade, o médico lhe pergunta como se *sente* e ela revela seu modo de ser T:

“How do you feel?”

“Don’t ask me how I feel. Ask me what I think. People don’t think any more, they feel. One of the greatest problems of our age is that we are governed by people who care more about feelings than they do about thoughts and ideas. Now, thoughts and ideas, that’s what interests me. (...) and I think I am fine”.

Evidentemente, para as religiões – e para a vida em geral – são necessárias as duas posturas (embora cada um seja tentado a achar que melhor seria a exclusividade de sua preferência...).

O delicado problema do equilíbrio entre os dois polos é lançado já no século XIII por Tomás de Aquino: sim, a justiça é a coluna vertebral que sustenta a sociedade, mas a fria justiça T necessita do contraponto F da misericórdia: “Iustitia sine misericordia crudelitas est; misericordia sine iustitia, dissolutio” (Cat. Aur. in Mt, cp5 lc 5): “a justiça sem misericórdia é crueldade; a misericórdia sem justiça é dissolução”.

As diferenças entre as preferências F e T na religião tornam-se imediatamente claras quando cotejamos as figuras de Bento XVI e do Papa Francisco.

Se o acentuado fator T de Thatcher a levou a ser apelidada de “Iron Lady”, pela mesma característica Joseph Ratzinger o foi de “Cardeal Panzer”, “Rotweiller de Deus” ou “*Cardinal No* (Cardeal Não)”. Não é de estranhar que sua preocupação maior fosse com a integridade doutrinal, a “verdade católica”, missão que desempenhou por vinte e quatro anos como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (sucessora do “Santo Ofício” e da Inquisição).

Se Bento XVI manifestava o fator T, Francisco (já na escolha do próprio nome) insiste no fator F, é o papa da compreensão e da bondade, da misericórdia – e no recente Ano da Misericórdia abriu muitas possibilidades nesse sentido –, mas que sabe ser duro e intransigente no combate à corrupção e às disfunções da Cúria Romana, como quando lançou seu mote de reforma: “mais profecia e menos burocracia”.

O SP, embora compartilhe com o SJ o fator S, é-lhe notadamente oposto.

Se o SJ é tipicamente voltado para o dever, a seriedade e a responsabilidade; preza a ordem, a hierarquia, as instituições e a organização; o SP é voltado para a ação impulsiva, preza a liberdade, a independência, a alegria e o lúdico e não liga muito para hierarquias e instituições. Tipicamente, se o SP queixa-se da quadradice do SJ (o chato de galocha); o SJ queixa-se do SP, como uma vez ouvi em um diálogo desses dois S: “Pôxa, parece que para você as regras e leis foram feitas para serem infringidas...”

O realismo do SJ, sua experiência, pode tender ao pessimismo, como em *Os Lusíadas* o Velho do Restelo, “c’um saber só de experiências feito” (IV, 94), maldizendo e denunciando as escusas motivações da expedição; enquanto o SP Vasco da Gama, movido por impulso de aventura (o famoso “navegar é preciso” refere-se precisamente ao imperioso impulso dos SP), ordena o embarque sem despedidas, sem olhar para o choro das mães e esposas na praia: “por não mudarmos do propósito firme começado” (IV, 93).

Keirsey coloca São Francisco de Assis como claramente ISFP (Keirsey 1990, p. 235) e efetivamente as características desse tipo realizam-se no *Poverello*.

“Embora todos os SP sejam artesãos por natureza, não praticam sua habilidade com a mesma devoção à graça e ao adorno como o ISFP. Por alguma razão o ISFP parece mais inclinado às ‘belas artes’ do que os outros SP” (Keirsey 1990, p. 233). “São tão hedonistas e impulsivos como os demais SP (...) não planejam nem preparam. Submersão na sua arte não é preparação para algo que farão mais tarde; é antes o experimentar intensamente esse momento. Os ISFP não esperam, porque esperar é ver seu impulso murchar e morrer” (1990, p. 234).

Pela sua ligação com o concreto específico (cor, no caso do pintor; som, no do músico; etc.) o ISFP é quem está mais fortemente ligado à realidade (no caso do ISTP, temos a mediação de algum instrumento ou ferramenta). Sendo “de longe o mais amável e gentil de todos os tipos, sem competidores próximos” (1990, p. 235), o ISFP é o tipo mais sensível à dor e ao sofrimento alheio. Há um parágrafo de Keirsey (1990, p. 236) que é obrigatório, por evidenciar o temperamento de São Francisco:

Podemos hallar en muchos ISFP un deseo instintivo por la naturaleza, lo pastoral y lo bucólico. Se sienten en casa cuando se encuentran en medio de la naturaleza y esta parece darles la bienvenida. Algunos saben tratar de un modo especial a los animales, incluso a los animales salvajes. Parece como si hubiera un lazo común de mutua simpatía y confianza. En algunos casos, ese mismo lazo aparece entre los ISFP y los niños pequeños de un modo instantáneo sin planearse.

O que vimos sobre os SP e, em particular, sobre o ISFP, relaciona-se com São Francisco. Se o SJ São Bento foi glorioso pela sua Regra; São Francisco, por não querer regra nenhuma, mas a espontaneidade da liberdade. Se São Bento prescreveu leituras e, muito cedo – a partir de Cassiodoro e seu mosteiro *Vivarium* – seus monges se dedicaram ao *scriptorium*: à cópia, ao estudo e ao ensino; Francisco prefere a vida à intelectualização. Sua com-paixão para com os pobres e doentes. O senso artístico-pastoral do concreto, que o leva a inventar o presépio. Seu amor à natureza e aos

animais. Se o SJ Bento é o Padroeiro da Europa, São Francisco é o personagem mais querido do mundo, amado por cristãos e não cristãos, artífice da paz, padroeiro dos animais, da ecologia e de milhões de carinhosamente apelidados de Chico, Paco, Quico, Pancho, Ciccio, Fran, Cisco, Kiko etc. pelo mundo. Além de dar nome a dezenas de municípios pelo Brasil afora.

No confronto Francisco x Bento, este leva Ratzinger; aquele, Bergoglio. E o *Poverello* ganha de goleada no sem número de pessoas que o têm como santo onomástico. Daí que, para individualizar um determinado Chico o povo recorra a determinações adicionais, por origem – como na clássica “Chico Mineiro” (canção que em 1946 consagrou Tônico e Tinoco e, 50 anos depois, sucesso na voz de Sérgio Reis) – ou por outras características (Chico Vesgo, Chico da Rosinha, Chico Valentão etc.); ou ainda explicitando o sobrenome, como na narrativa de Caymmi na maravilhosa canção praieira “A jangada voltou só”, na qual é preciso dar o sobrenome do protagonista Francisco (pois, em qualquer aldeia, são muitos), mas não o do (raro) Bento:

A jangada saiu
Com Chico Ferreira e Bento
A jangada voltou só

Na mesma linha, a da necessidade de individualizar cada Francisco, Bento presta-se a esse fator de determinação secundária no famoso personagem de Maurício: Chico Bento.



Não é por acaso que quando o imaginário popular quer um religioso para romper as barreiras da burocracia e do legalismo, é na família franciscana que pensamos, como no caso de Frei Lourenço de *Romeu e Julieta* ou nos frades que ajudam o Zorro (ou no “franciscanizado” frei Tuck de Robin Hood).

Ou a oposição entre o nominalismo franciscano e a ortodoxia beneditina que se dá em *O Nome da Rosa*.

Na vida de Francisco encontramos um famosíssimo gesto impulsivo (típico de SP): para expressar seu desprendimento dos bens materiais, ficou nu em praça pública, afrontando as ameaças do pai, rico comerciante de tecidos. Algumas más línguas eclesiásticas (confidencialmente, é claro) admitem a hipótese de que o antigo emblema dos franciscanos, com dois braços em cruz, seria na verdade o gesto, em versão estilizada, “*dell’ombrello*” (dobrar o braço com a mão fechada, apoiada no cotovelo),

que em Portugal, segundo Câmara Cascudo (2012, verb. “Dar Banana!”) se chama eufemisticamente: “apresentar as armas de São Francisco”! Essa teria sido a resposta gestual de Francisco à pergunta do pai sobre que destino dar – já que o filho não se interessava – a seus ricos tecidos... Não sabemos como realmente as coisas se passaram, mas o gesto não é simplesmente impensável para nosso SP (mesmo que santo).

Naturalmente, os mais “devotos” sempre preferirão a interpretação pia:



<http://slideplayer.es/slide/1033678/>

Para finalizar esta parte, recordemos alguns pontos do livro clássico de Gilberto Freyre (1959), quase totalmente dedicado a expor a enorme contribuição (embora muito menos documentada do que a de outras ordens) da energia criadora dos franciscanos para a identidade brasileira:

- a presença franciscana na paisagem, na vida na cultura do Brasil inteiro é uma das constantes do modo brasileiro de ser (p. 15)

- o franciscano, aberto aos valores de outros povos e civilizações, opõe-se ao risco de confundir o cristianismo com a civilização europeia (pp. 19 e ss.). O franciscanismo, a difícil arte das relações de europeus com não europeus, fomenta a variedade de vozes dentro da unidade cristã. Variedade de vozes, de artes, de gostos, de danças, de alimentos, de estilos de arquitetura, contanto que sejam todos valores a serviço do Homem e, quando acrescentados às tradições europeias da Igreja, a serviço do cristianismo (p. 68).

- Essa abertura liga-se ao nominalismo, filosofia desenvolvida pelos franciscanos, que opõe o concreto ao abstrato, o especificamente regional ao abstratamente universal (pp. 71 e ss.).

- “admiramos no franciscanismo, além de sua eterna mocidade de espírito, seu caráter socialmente democrático (...), sua identificação antes com a gente simples que com a sofisticada, sua indiferença aos títulos e aos bens chamados do mundo, sua exaltação do que no homem é autêntico e do que na inteligência e no saber dos homens é genuíno” (p. 35). Etc.

5. O “jeito de ser” do Discípulo Amado na comunidade joanina – um tipo INFP

O "discípulo amado" (em grego: ὁ ἐφίλει ὁ Ἰησοῦς - expressão utilizada cinco vezes no Evangelho de João) era o mais jovem membro da família do seu pai e também o mais jovem do grupo dos apóstolos.

Aproximou-se de Jesus com aproximadamente vinte e quatro anos. O traço mais forte de seu caráter era a confiabilidade; sempre disposto, era corajoso, fiel e devotado. Sua fraqueza era a vaidade. Homem de poucas palavras, exceto quando de ânimo exaltado. Esteve muito ligado a Pedro nas atividades iniciais do movimento cristão, tornando-se um dos principais sustentáculos da igreja de Jerusalém.⁵⁶

O maior desejo de João era resolver os conflitos internos e externos das comunidades sob sua liderança. A comunidade joanina em geral era composta por pessoas com pensamentos de cunho gnóstico, antecipando o gnosticismo no segundo século, cuja influência marcou a história dos dois milênios do cristianismo. João tinha apreço por "retirar-se do mundo" com suas comunidades. Apoiava a visão de que a coisa boa é o conhecimento e a coisa ruim é o comer; o que se come é o conhecimento (Cap. 13.32-34...). Talvez por isso também trabalhou frequentemente com conceitos dualistas, como: baixo/alto, luz/trevas, dia/noite, o mundo do ser humano e o mundo de Deus, aquilo que se vê e aquilo que verdadeiramente existe etc.

Garcia afirma que, ao que tudo indica, o evangelho de João tem um forte elemento de "mortificação do corpo" e constante contraste entre materialidade e espiritualidade; que vários textos dificultam enxergar os ritos regulares da igreja primitiva.⁵⁷ De fato, a linguagem que João emprega, a constante linguagem figurada, simbólica, ou de duplo sentido, é uma das características mais marcantes de seu evangelho. É o espírito que dá a vida. A carne não vale nada (6.63). João usa a palavra espírito, por oposição a carne e sua interpretação é figurada, por oposição a interpretação literal: "*As palavras que vos falei são espírito e vida*", têm sentido figurado profundo e vital.⁵⁸

Parece seguro inferir, a partir do gênero literário do QE (Quarto Evangelho), que João sacrifica práticas como a comensalidade (ainda que a substitua pelo rito do lava-pés – que é uma prática de esvaziamento), para não perder a identidade de pertença. Abre mão daquilo que valoriza, e, para não se indispor com a comunidade, tolera. João deseja pertencer à comunidade e, mesmo que possivelmente não conhecesse as cartas paulinas, sua atitude revela ter adotado um interessante princípio paulino: "*Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns*" (1 Co 9.22).

Por outro lado, também podemos questionar se não foi o próprio Discípulo Amado, pelo seu "jeito de ser" (seu perfil psicológico) e pela forma de escrever que tenha levado a comunidade joanina a supervalorizar os aspectos puramente espirituais! Nascimento lembra que "*por trás desse Evangelho está uma comunidade que nasceu de modo simples, foi crescendo e adquirindo um jeito próprio de ser e de agir, profundo na sua reflexão e criativo na sua forma literária*" (2010, p. 22). Como grupos sempre gravitam em torno de um líder e nunca são completamente impessoais e acéfalos, suspeitamos que o Discípulo Amado influenciou profundamente o "*modus vivendi*" das comunidades que liderou.

⁵⁶ "Os doze apóstolos". Disponível em: <http://www.urantia.org/pt/o-livro-de-urantia/documento-139-os-doze-apostolos> Acesso em: 04.05.2017.

⁵⁷ O Dr. Paulo Roberto Garcia, em aula do curso acima referido.

⁵⁸ PRADO, José Luiz Gonzaga. A Eucaristia no IV Evangelho: significante e significado. In: http://www.vidapastoral.com.br/artigos/sacramentos/a-eucaristia-no-iv-evangelho-significante-e-significado/#_ftn5 Acesso em: 01/05/17.

Para essa releitura é preciso abandonar convicções pré-estabelecidas, talvez presas à leituras fixadas por grupos e líderes cristãos da igreja oficial a partir do segundo século. Este, a nosso ver, é um importante aspecto a ser levantado, pois a comunidade joanina era a menos institucional e a mais desestruturada do Novo Testamento – seguindo exatamente o perfil psicológico do seu líder. E talvez, precisamente por essa razão, a comunidade joanina tenha sido absorvida pela igreja oficial, cuja liderança era inspirada por Pedro, certamente não um “desorganizado” NF.

Mas então, qual é, segundo DK, o perfil do temperamento INFP?

No INFP encontramos idealismo, empatia e amorosidade. Indivíduos com esse perfil são pessoas compreensivas, discretas e sensíveis, capazes de identificar facilmente as necessidades dos outros. Graças ao seu talento em ajudar e “curar” os demais em suas dores e problemas, o INFP é chamado por DK de “*healer*”. As heranças deixadas nos escritos de João e, mais tarde, os diversos registros literários sobre João, permitem intuir que ele seria um tipo imaginativo nas suas comparações e simbolismos – recorde-se por exemplo o festival de símbolos do Apocalipse –, pensativo e introspectivo nas suas dissertações e pouco falante como discípulo. Sua autoridade não era imposta, mas se firmou por ser admirado.

O INFP vive intensamente em um rico mundo interior. Presta atenção a essências e sua atração natural está longe do mundo, voltado para a abstração e o ideal. A realidade é simplesmente um ponto de apoio para a imaginação aflorar. Daí a ênfase ao “*bem-aventurados os que não viram e creram*” (Jo 20.29). E tudo o que recolhe no capítulo 9 do QE sobre ver e não ver, cegos que vêem e pessoas que vêem mas são cegas, a que Pieper (2000) dedicou a magistral conferência “A experiência com a cegueira”:

[No cap. 9 de João] se descreve uma experiência. Uma experiência que, aliás, não pode ser repetida por todo mundo. Mas, talvez, esse "todo mundo" reconheça que pode muito bem ocorrer uma repetição em qualquer época, de modo igual ou semelhante. Trata-se de uma experiência com a cegueira; um dos protagonistas é um homem cego. Ao final, ficará evidente que também um olho que vê pode ser cego. Aliás, esse tipo especial de cegueira é bem o tema de nossa história.

Os INFPs, super idealistas, estão sempre procurando o bem, mesmo nas piores pessoas e eventos, buscando caminhos para tornar tudo melhor. Porém, ainda que sejam introvertidos e aparentemente calmos, os INFPs vivem paixão intensa. Somam cerca de 4% da população, por isso o risco de serem incompreendidos é alto, mas quando encontram pessoas parecidas, a harmonia que sentem será grande fonte de alegria e inspiração. INFPs têm a capacidade de ver o bem em quase qualquer um ou qualquer coisa, por isso também são conhecidos como “mediadores” ou diplomáticos.

Os INFPs podem se perder na busca do bem e negligenciar a rotina (e a organização) que a vida demanda. Muitas vezes se perdem em pensamentos, gostando de contemplar o hipotético e o filosófico, mais do que qualquer outro tipo psicológico. Tendem a perder o contato, retirando-se como eremitas e têm dificuldade de voltar para o mundo real. Sonham em resolver todos os problemas do mundo.

Quando necessitam tomar decisões, de modo geral, os INFPs olharão para a honra, a beleza, a moralidade e a virtude – são guiados pela pureza de suas intenções e não por gratificações e punições. É interessante lembrar que João se orgulha do fato de

ser “o discípulo amado”. INFPs sentem orgulho dessa qualidade (da pureza de suas intenções), porém, de modo geral, as pessoas ao seu redor não compreendem o motivo por trás desses sentimentos, o que pode levar os INFPs ao isolamento. Com relação a João, neste aspecto, basta observar que tinha forte inclinações místicas e havia sido discípulo de João Batista – um essênio.

Sentimentos de extrema profundidade podem permanecer escondidos por longo tempo nos INFPs, até que as circunstâncias evoquem uma resposta apaixonada. Não foi por acaso que João, juntamente com o discípulo Thiago, quando viu comprometida a reputação do Mestre que não foi recebido pelos samaritanos, pergunte: “*Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir*”? (Lc 9.54). Curiosamente esse episódio não é relatado no evangelho joanino.

Outra característica dos INFPs é que, embora também estejam inclinados a descrever o lado obscuro da vida, acreditam que o bem finalmente triunfa. Essas qualidades permitem que INFPs se comuniquem profundamente com os outros, falando com facilidade através de metáforas e parábolas, entendendo e criando símbolos para compartilhar suas ideias. A força dessa comunicação intuitiva é útil para trabalhos criativos, e não é surpresa que muitos INFPs sejam poetas, atores, escritores e mestres espirituais.

Vejamos alguns textos que evocam o perfil INFP no evangelho joanino.

É interessante notar que, embora na primeira divisão do livro (1.19 – 12.50) – que é dedicada ao que se convencionou chamar de “sinais” (sêmeion) que descrevem situações concretas – João dê também a estes um sentido simbólico, revelando a forte perspectiva espiritual da obra inteira. A linguagem figurada, simbólica, ou de duplo sentido, é uma das características mais marcantes do evangelho joanino, a ponto de Cullmann⁵⁹ tê-la como sua chave interpretativa.

Também é interessantíssimo perceber que, para deixar o leitor mais atento ao sentido figurado e espiritual das palavras de Jesus, o autor do QE usa um curioso artifício: Um personagem (ou um grupo) entende literalmente o que Jesus diz e faz uma pergunta tola, ridícula, interpretando suas palavras do modo mais grosseiro possível. Três textos em particular chamam a atenção para isso:

1. No capítulo 3, Nicodemos pergunta se será preciso entrar outra vez no ventre da mãe para “nascer de novo”.
2. No capítulo 4, a mulher samaritana pede que Jesus lhe dê da água que vira fonte permanente para que ela não precise mais buscar água.
3. E no capítulo 6 são os judeus que fazem a pergunta tola: “Como é que este homem vai nos dar a sua carne para comer”?

Portanto, como dizíamos, também a primeira divisão do livro (conhecido como o “livro dos sinais” ou “dos milagres”) remete constantemente ao sentido simbólico e o estilo poético se encontra espalhado pelo livro inteiro. Vejamos:

⁵⁹ CULLMANN, Oscar – Cristologia do Novo Testamento. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbmxyZWdpc3Ryb2NpZW50aWZpY298Z3g6M2U4MDQ1ZGQ0MjM4MWNhNg> Acesso em: 05/05/2017.

1. As bodas de Caná (2.1-12) – a finalidade do cenário concreto tem o propósito figurado de “manifestar a glória de Jesus” (vs 11), ou, como no capítulo 4.23: “adorar em espírito e em verdade”.
2. A cura do filho de um oficial do rei (4.43-54) – João chama a atenção novamente para o que é mais importante: *o crer sem ver* – “se não virdes sinais e prodígios, de modo nenhum crereis” (vs 48).
3. A cura do paralítico (5.1-47) – “Meu Pai trabalha até agora e eu trabalho também” (vs. 17)
4. A multiplicação dos pães (6.1-15) – “Vendo, pois, os homens o sinal que Jesus fizera, disseram: Este é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo”.(vs 14)
5. O caminhar sobre as águas (6.16-70) – “Sou eu, não temais”! (vs 20) – chama a atenção para o que aquela figura andando sobre as águas representa para eles.
6. A cura do cego de nascença (9.1-41) – “Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo” (vs. 5)
7. A ressurreição de Lázaro (11.1-54) – “Não te disse eu que se creres verás a glória de Deus”? (vs. 40)

Na segunda divisão do livro, chamado de “o livro da glorificação”, a linguagem é total e explicitamente simbólica e enigmática o que, a nosso ver, retrata ainda melhor o “jeito de ser” do autor. E, à luz das três epístolas e do Apocalipse de João, arriscamos dizer que, na literatura joanina, a linguagem simbólica/metafórica é sua marca registrada, o espaço em que realmente se encontra à vontade. Alguns textos nos ajudam a perceber isso.

1. Jesus lava os pés dos discípulos (13) – “...tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim” (vs. 1b); “Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais está todo limpo. Ora, vós estais limpos, mas não todos” (vs.10); “Para onde eu vou, não me podes seguir agora; mais tarde, porém me seguirás” (vs. 37).
2. Jesus conforta os discípulos (14) – “eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao pai senão por mim” (vs. 6).
3. A videira e o ramos (15) – “Eu sou a videira verdadeira e o meu pai é o agricultor... eu sou a videira, vós os ramos...” (vs.8);
4. A missão do Consolador (16) – “Um pouco, e não mais me vereis; outra vez um pouco, e ver-me-eis; “Vim do pai e entrei no mundo; todavia deixo o mundo e vou para o pai” (vs. 28)
5. A oração sacerdotal (17) – “E a vida eterna é essa: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (vs.3); “...a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós” (vs. 21);
6. Jesus diante de Pilatos (18) – “Jesus respondeu: O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus servos teriam lutado para eu não ser entregue aos judeus. Mas agora meu reino não é daqui” (vs. 36)

7. A morte de Jesus (19) – “Quando, pois, Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado! E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito” (vs.21).
8. Jesus aparece novamente aos discípulos – (20) “Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram”! (vs. 29).

Parece que o *crer sem ver* era mesmo a grande ênfase na comunidade joanina. Para João – e, de modo geral, para a comunidade joanina – a ideia de um elemento superior a tudo o que era material e corpóreo, sempre esteve presente. Como sabemos, a comunidade joanina foi se configurando pela convivência com pessoas de origens culturais diversas e, conseqüentemente, de crenças também. Era composta de discípulos de João Batista, judeus, galileus, samaritanos, judeus helenistas e gregos. Isso suscitou muitas controvérsias e conflitos frequentes diante dos quais seu líder tinha que se posicionar. Como líder de perfil INFP, João consegue transitar bem nesse ambiente de grande diversidade cultural e religiosa. Sua psicologia pastoral reflete grande maleabilidade e tolerância. E, ainda que fosse seu desejo fazer a reunião/união dos diferentes pensamentos, é seu espírito conciliador e mediador que prevalece. A ausência da comensalidade na comunidade joanina pode ter esse pano de fundo, ou seja, que o seu líder, por ter um perfil psicológico conciliador, permitiu/tolerou que a comunidade se “alimentasse” apenas do conhecimento e estabelecesse o lava-pés e outros elementos identitários como ritos de pertença em substituição ao ato eucarístico.

Concluimos reiterando a limitação própria das análises tipológicas; especialmente no caso de João, um gigante do espírito que transcende qualquer enquadramento. De qualquer modo, a aplicação da teoria keirsejana a um líder religioso como o Discípulo Amado, permite uma leitura – ao lado das demais apresentadas neste artigo – que ajuda a compreender (*verstehen*) o seu estilo pessoal.

6. Nota sobre dois grandes mestres da tradição chinesa

Se Bento é o “fundador” da Europa, o que dizer da incomensurável influência de Confúcio no Extremo Oriente?

Tal como Bento, Confúcio recebe também uma ordem do Céu, como ele mesmo diz na famosa passagem dos *Analectos* (II, 4). E vai em busca de resgatar a Tradição dos Antigos e codificá-la em suas edições. Confúcio marcará por milênios a educação oriental, pautada por ritos (tal como Bento com sua Regra). Ritos que, na mente do Mestre, longe de serem rituais vazios, são instâncias de *reverência* (Livro dos Ritos I, 1), da devida reverência. Na autorizada interpretação de Sproviero (1998):

A tradição extremo-oriental veiculada por Confúcio (551-479 a.C.) remonta a uma Antiguidade portadora de uma sabedoria divina, preservada e ao mesmo tempo corrompida nos tempos posteriores, e que a chamada escola confuciana cuidou, naqueles tempos de extremo caos político-social, de fixar e transmitir por sua vez à posteridade, e que por mais de dois milênios tem se constituído na unidade cultural do povo chinês.

Também no caso de Confúcio, espírito grandioso, a sabedoria supera a mera codificação e introduz a necessária flexibilidade, ponto que gostaria de ressaltar nesta Nota. Como se lê nos *Analectos*:

7.14 The Master heard the shao music when he was in Qi. For the next three months, he did not notice the taste of meat. He said, “I never imagined that music could be this beautiful.”

7.19 The Governor of She asked Zilu about Confucius, and Zilu gave no answer. The Master later said to Zilu, “Why didn’t you simply say that he is the sort of person who forgets to eat when pursuing a question, who forgets to worry when suffused with joy, and who does not note that old age is coming?”

11.26. Zilu, Zeng Xi, Ran You [Ran Qiu], and Gongxi Hua were seated in the Master’s company. The Master said, “Just because I am a little older than you are, don’t let that stop you [from speaking your mind]. You have often said, ‘No one understands me.’ If someone did understand you [and appreciate you], what would you do then?” Zilu quickly offered a response: “If I were to govern a state of a thousand chariots, one that was squeezed between two powerful states, worn out by unwanted warfare, and made even weaker by famine, I would be able, within three years, to give the people courage and let them know the right way to put their lives in order.” Confucius smiled at him.

“And Qiu [Ran Qiu], what about you?” “If I were put in charge of a place measuring sixty or seventy li square, or even fifty to sixty li square, I would be able, within three years, to meet the people’s needs. As for the practice of rites and music, I will have to leave them to the gentlemen.” “What about you, Chi [Gongxi Hua]?” “I am not sure if I can do this well, but I am willing to learn. I would like to be a minor official, assuming the role of either an assistant in ritual affairs at the ancestral temple or a junior diplomat, dressed in a black robe and ceremonial cap, at a conference of the regional rulers.” “And you, Dian [Zeng Xi]?” Zeng Xi had been playing the zither. Now his playing was coming to the end. With the last note still vibrating in the wind, he put down his instrument, stood up, and said, “What I would like to do is different from what we have just heard from these three.” *Confucius said, “There is no harm in that. We are all telling each other what’s on our mind.” Zeng Xi replied, “In late spring, when the spring clothes have just been made, with five or six young men or six or seven young boys, I would like to go bathing in the River Yi and enjoy the breeze at the rain prayer altar, and then come home singing.” Confucius sighed and said, “I am for Dian.”*

14.32 Weisheng Mu said to Confucius, “Qiu, why are you always hopping around? Could it be that you are practicing the glibness [of a persuader]?” Confucius said, “I would not dare to be glib [ning]. It is just that I worry about getting stuck in one place and with just a single point of view [gu].”

E no Records of the Grand Historian de Sima Qian:

Confucius got separated from his disciples. So he stood alone by the east gate of the city wall. A man of Zheng, who had seen him there, later

BENTO XVI “São Bento de Núrsia” . Audiência geral de 9 de Abril de 2008. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080409.pdf Acesso em 16-5-2017.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil 2 ed Barueri SP, Sociedade Bíblica do Brasil, 1988, 1993.

BROWN, Raymond Edward. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Editora Paulus, 2006.

CÂMARA CASCUDO *História de nossos gestos*. São Paulo: Global, 2012.

CASTRO, Roberto C. G. *O intérprete do Logos: textos em homenagem a Jean Lauand*. São Paulo: ESDC, 2009. Disponível em: www.jeanlauand.com/Interprete.pdf

CROSSAN, John Dominic. *O nascimento do Cristianismo – O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo, Edições Paulinas. 2004.

CULLMANN, O., **Der Johaneische Gebrauch doppeldeutiger Ausdrücke als Schlüssel zum Verständnis des viertes Evangeliums: TZ 4 (1948) 360-372**

FREYRE, Gilberto de Melo. *A Propósito de Frades*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959.

GARCIA, Paulo Roberto. “Isto é meu corpo - Rituais de alimentação e interação social no cristianismo primitivo”. **Revista Caminhando**. Universidade Metodista de São Paulo, 2007, v.12, n. 20.

GOLDSMITH, Malcolm. *Knowing me, knowing God*, Nashville: Abingdon Press, 1997.

KEIRSEY, David & Bates, Marilyn. *Please Understand me*. 4th ed., Del Mar: Prometheus Nemesis, 1984

KEIRSEY, David & Bates, Marilyn. *Por favor, Comprendéme*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1990

KEIRSEY, David. *Please Understand me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988.

LAUAND, J. Sérgio *Personagens ficcionais, tipos de David Keirse e a Educação* São Paulo: Factash-Cemoroc, 2014.

LAUAND, Jean “Dois ilustres medievalistas”. **O Estado de S. Paulo**, 11 de março de 1988, p. 29.

LAUAND, Jean *Vigência e Educação – a Ditadura da Extroversão*. **Videtur**, n.26, pp. 5-20, 2004. <http://hottopos.com/videtur26/jean.htm>. Acesso em 17-03-16.

NASCIMENTO, Carlos Josué Costa. *Do conflito de Jesus com os judeus à revelação da verdade que liberta em João 8,31-59*. Tese Pós-graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo. 2010.

PIEPER, Josef “A experiência com a cegueira”. **Videtur** N. 12, 2000. <http://www.hottopos.com.br/videtur12/cegueira.htm>

PRADO, Adélia *Poesia Reunida*. 2ª. ed. , Rio de Janeiro: Record, 2016.

Convenit Internacional 12 maio-agosto 2013
CEMOrc-Feusp / IJI - Univ. do Porto / FIAMFAAM – Comunicação Social

Josef Pieper e C. S. Lewis: metodologia, linguagem e amor

Enio Starosky
Jean Lauand

Resumo: Josef Pieper e C. S. Lewis são dois dos principais filósofos do século XX. Este artigo discute algumas das principais características de pensamento compartilhadas por JP e CSL, especialmente no que se refere à linguagem e ao método de filosofar, a partir de seus tratados sobre o amor.

Palavras Chave: Josef Pieper. C. S. Lewis. filosofia cristã. linguagem. amor.

Josef Pieper and C. S. Lewis: Philosophy, Language and Love

Abstract: Josef Pieper and C. S. Lewis are two of the main philosophers of the 20th century. This article discusses some main characteristics shared by JP and CSL – especially in which concerns language and method – focusing in their treatises on love.

Keywords: Josef Pieper. C. S. Lewis. Christian Philosophy. Language. Love.

Dois grandes pensadores do séc. XX

Josef Pieper e C. S. Lewis – doravante abreviados por JP e CSL – foram, sem dúvida, dois dos mais importantes filósofos do século XX.

Para JP, recolhemos a apresentação recentemente feita por um dos principais estudiosos no Brasil:

O filósofo alemão Josef Pieper (1904-1997) é considerado um dos maiores pensadores do século XX, ao lado do também alemão Martin Heidegger (1889-1976). Nascido em Elte, na Westfália, ele estudou filosofia, direito e sociologia nas Universidades de Münster e Berlim. Doutorou-se em 1928, na Universidade de Münster, com uma tese sobre os fundamentos ontológicos da moral segundo o filósofo medieval Tomás de Aquino. Durante mais de 50 anos, lecionou Antropologia Filosófica em Münster. Recebeu importantes prêmios internacionais, como o Balzan (uma espécie de “Nobel” de ciências humanas), em 1982,

e a Aquinas Medal, da American Catholic Philosophical Association, em 1968. Foi professor-visitante nos Estados Unidos, Índia, Japão e Canadá.

Em mais de seis décadas de atividade ininterrupta como escritor, de 1929 a 1992, Pieper publicou exatas 86 obras, como registra o site do Josef Pieper Arbeitsstelle (<http://josef-pieper-arbeitsstelle.de>), centro de estudos sobre o filósofo alemão instalado na Theologische Fakultät Paderborn, na Alemanha. Elas já foram traduzidas para pelo menos 18 línguas e publicadas em 24 países, incluindo Estados Unidos, Inglaterra, Espanha, Argentina, França, Holanda, Japão, China e Hungria.

Pode-se dividir essa vasta produção em duas fases, como faz Jean Lauand num livro pioneiro no Brasil sobre Pieper⁶⁰. A primeira delas vai de 1929 até 1934 e se caracteriza por textos voltados para a questão social. É quando Pieper publica *Die Neuordnung der menschlichen Gesellschaft* (“A reordenação da sociedade humana”), *Thesen zur Gesellschaftspolitik* (“Teses sobre política social”) e *Grundformen sozialer Spielregeln* (“Formas básicas de regras sociais”). Neles, o filósofo explora, entre outros temas, “o verdadeiro e radical sentido da doutrina social da Igreja, contra as atenuações conservadoras das traduções oficiais”⁶¹.

A segunda fase – a definitiva – vai de 1934 até o fim da vida do filósofo. Nessa fase predominam os textos em que faz a interpretação dos grandes pensadores do Ocidente – principalmente Platão e Tomás –, analisa em profundidade temas ligados à antropologia filosófica e lança novos olhares sobre o filosofar, a cultura e o sagrado. (CASTRO, 2013, p. 61)

Uma nota de apresentação de CSL nos vem dada por uma de suas editoras no Brasil, a Martins Fontes:

C. S. Lewis nasceu na Irlanda, em 1898. Em 1954 tornou-se professor de Literatura Medieval e Renascentista em Cambridge. Foi ateu durante muitos anos e se converteu em 1929. Essa experiência o ajudou a entender não somente a indiferença como também a indisposição de aceitar a religião; e, como autor cristão, com sua mente excepcionalmente lógica e brilhante e seu estilo vivo e lúcido, ele foi incomparável. Suas obras são conhecidas, em tradução, por milhões de pessoas no mundo inteiro. “A abolição do homem”, “Cartas de um diabo a seu aprendiz”, “Cristianismo puro e simples” e “Quatro amores” são apenas alguns de seus best-sellers. Escreveu também livros de ficção científica, de crítica literária e para crianças. Entre estes estão “Crônicas de Nárnia”. C. S. Lewis morreu em 22 de novembro de 1963 em sua casa em Oxford. (<http://direitasja.files.wordpress.com/2012/10/c-s-lewis-a-abolicao-do-homem.pdf>)

⁶⁰ *O que é uma universidade? – Introdução à filosofia da educação de Josef Pieper*, São Paulo, Perspectiva, 1987.

⁶¹ Jean Lauand, obra citada, p. 30-31.

Ambos têm diversas características em comum, a mais notória é a de que – mesmo sendo filósofos de pensamento profundo e denso – recusam-se a empregar complicadas terminologias técnicas e valem-se do pensamento e da comunicação em linguagem comum, essa que falamos e ouvimos todos os dias. Ambos são imensamente lidos pelo grande público e o clássico infantil de CSL, “O Leão, a feiticeira e o guarda roupa”, tornou-se, no cinema, uma das maiores bilheteiras de todos os tempos.

Esse emprego da linguagem comum não é, em ambos, uma opção de “divulgação”, mas uma convicção profunda de que é na linguagem corrente que se encontram as pistas para a reflexão filosófica, como veremos ao contemplarmos alguns aspectos de seu tratamento do tema de que aqui nos ocupamos: o amor.

Ambos profundamente cristãos (JP católico; CSL convertido à Igreja Anglicana), mantêm o equilíbrio e o rigor em seu filosofar, permanecendo dentro dos limites próprios dessa atividade.

Uma constante metodológica: filosofia e linguagem

Como dizíamos, um primeiro aspecto que chama a atenção de quem se depara com as obras de JP ou CSL é que o pensamento de ambos se apoia na linguagem comum, tomada como grande indicadora da realidade antropológica que se queira estudar. Neste tópico, apresentaremos algumas considerações sobre a fundamentação dessa metodologia em JP (em boa medida compartilhada por CSL), valendo-nos de dois artigos anteriores de Lauand.

A primeira e mais importante consideração é a de que o acesso à realidade humana – como a de nosso objeto: o amor – não é direto. As realidades não humanas são diretamente acessíveis: para saber o que é o sal, vou a um laboratório de química, aplico tais e tais reagentes e verifico que o sal é um composto de cloro e sódio; se quero conhecer o mosquito *Aedes Aegypti*, vou a um laboratório de Biologia e aplico um microscópio ao inseto; para saber do planeta Marte valho-me de um telescópio ou envio um robô sonda. Para descobrir o Bóson de Higgs (a assim chamada “partícula de Deus”) os pesquisadores se valeram de um acelerador de partículas que gera colisões de partículas subatômicas em alta energia para determinar como estas adquirem massa. Mas não tenho acesso direto para saber o que é a gratidão ou a inveja ou o amor, as realidades humanas. Embora tenhamos “experiência” delas, não podemos de modo imediato expressá-las de modo conceitual. E é que não são compostas somente do que o homem pode perceber a partir da sua percepção física como olfato, tato, audição, visão e paladar. E mesmo nas percepções físicas, nos sentidos elementares do corpo, dá-se *algo mais* do que simplesmente o que é externo ou passível de ser submetido a um experimento. Quando digo que olhei e vi; ouvi e escutei; apalpei, cheirei e senti; comi e senti o gosto, estou admitindo que a compreensão da realidade se dá através do (indiretamente) órgão do qual meu corpo é dotado. Mais do que possamos imaginar, boa parte da realidade humana não é acessível à observação dos sentidos: como na referência que faz a Bíblia quando diz que “aquilo que se vê foi feito daquilo que não se vê” (Hb 11, 3).

Daí, para nossos autores, a importância da linguagem, como mostramos em LAUAND (2011):

“O caminho que sobe e o que desce são um mesmo e único caminho”.
Aparentemente, nada mais evidente do que esta sentença de Heráclito de Éfeso (c. 540-470 a.C.), conhecido como “o obscuro”. Como naquela

vez – parece piada – em que um ciclista gabando-se de seu bairro, excelente para andar de bicicleta porque não tinha subidas, teve que ouvir a pergunta: “E descidas, tem?”. Claro que se não há subidas, também não há descidas...

Mas, por vezes, há algo mais, há surpresas por trás das obviedades. Quem não toma um pequeno susto quando vem a saber que o primeiro critério de desempate para times que tiverem o mesmo número de pontos no Campeonato Brasileiro de Futebol é favorecer a equipe que tiver maior número de derrotas? Não, poderia alguém objetar, o critério favorece é o time que tiver maior número de vitórias! Mas acontece que... o time que tem mais derrotas e o que tem mais vitórias são o mesmo e único (aquele que tem menos empates)!!

Na verdade, a sentença de Heráclito esconde em si profundas surpresas. Aliás é do próprio Heráclito a afirmação de que a natureza gosta de se esconder, e podemos acrescentar: a realidade humana gosta de se esconder. Daí que precisemos de um método (palavra que etimologicamente remete a “caminho”), para *subir* até esse tesouro que desceu e está escondido.

As etimologias são parte importante desse jogo de sobe e desce e de esconde-esconde. Não é por acaso que, por exemplo, os dois filósofos mais lidos na Alemanha de hoje – Josef Pieper (1904-1997) e Martin Heidegger (1889-1976) – voltem-se continuamente para as etimologias, quando querem investigar as profundezas da realidade humana.

Precisamente uma das grandes contribuições do próprio Pieper para o método da antropologia filosófica foi (seguindo a máxima de Heráclito) a de evidenciar que nosso acesso ao ser do homem, escondido, é fundamentalmente indireto. Pois os grandes *insights* que temos sobre o mundo e o homem não permanecem em nossa consciência reflexiva, logo se desvanecem, se transformam, acabam por se esconder em três grandes sítios: instituições, formas de agir e linguagem. Esses grandes *insights* estão portanto ativos, mas ocultos: em grandes instituições - como por exemplo a do tribunal do júri ou a universidade, que tanto nos revelam sobre o espírito humano -, em formas de agir - como é o caso do ato poético, tema recorrente nos próprios poetas -, e na linguagem, a linguagem comum: essa que falamos e ouvimos todos os dias.

Logo, se quisermos recuperar filosoficamente aqueles *insights* sobre o homem, devemos procurar atingi-los em seu novo estado: como princípios ativos ocultos da linguagem, a serem descobertos também nas etimologias. Nesse quadro, a etimologia passa a ser importante componente desse laboratório para o filósofo que é a linguagem: é por trás de fatos da linguagem que se escondem preciosas informações filosóficas – e também sociológicas, históricas etc.

Pois, para citar novamente Heráclito: é no cotidiano que estão os deuses. Aparentemente, não! Nossa vida cotidiana, transcorre em meio a uma rotina, “a vidinha com toda a chaturinha dela” (Adélia Prado), preocupados com o trânsito, com pequenos desentendimentos familiares, com apertos financeiros, com o desempenho de meu time no campeonato etc. Mas pode acontecer que – em meio a essas prosaicas realidades do “diário dos dias” (Guimarães Rosa) – de repente, soframos um abalo que nos revela, como numa iluminação que “desce”, com extraordinária

nitidez, algo de profundo a respeito da realidade humana: um *insight* filosófico, um estremecimento poético (ou artístico, em geral), amoroso, religioso ou tanático, as cinco possibilidades de corte vertical no varejão da vida, que o filósofo Josef Pieper encontra na obra de Platão.

Essas considerações complementam-se com os trechos de LAUAND (2004), dedicado precisamente às relações entre método e linguagem em JP e que recolhemos aqui:

Vale a pena que nos detenhamos também nas riquíssimas contribuições específicas de JP no campo dos procedimentos metodológicos. E aliás, se seguimos o próprio JP, o método não deve ser considerado como uma realidade autônoma, mas que depende, decorre desse mesmo filosofar. A sentença de Fichte, citada por JP⁶²: “A filosofia que se escolhe depende do homem que se é” pode ser parafraseada e aplicada a nosso tema: “O método que se escolhe depende da concepção de filosofar”⁶³.

Esta é a razão pela qual - no caso de JP - o método escapa a toda tentativa de “operacionalização”, de deixar-se expressar em “receitas” ou regras rígidas. Pois filosofar é, para JP: “um processo existencial que se desenvolve no centro do espírito, um ato espontâneo que arranca da vida interior”⁶⁴.

Aliás, como caberia falar em métodos rígidos em uma obra que tão acertadamente foi qualificada - por ninguém menos do que T. S. Eliot - como de *insight* e sabedoria?⁶⁵

Seja como for, há claramente um método em JP; um método tão dialeticamente unido a sua antropologia, que nem sequer é possível pensar uma dessas realidades separada da outra: seu método é o que é pela sua pessoal concepção de filosofar; e ele exerce o filosofar por meio do método.

No caso do filosofar de JP, isto - a conexão do método com seu filosofar, com sua antropologia filosófica - é muito forte e o fato de que o próprio JP não tenha dedicado diretamente ao tema método mais do que umas poucas páginas (poucas, mas muito luminosas) significa talvez que o método está tão vivamente integrado à sua antropologia que - parafraseando o célebre pensamento de McLuhan - pode-se dizer da obra de JP: “o método é a mensagem”.

O método: caminhos indiretos para o homem.

Quando se contempla a vasta obra filosófica de JP e se constata que versa sobre temas tão variados como Metafísica, Filosofia da História, Ética etc., é natural que o pesquisador indague sobre a existência de

⁶² *Was heisst Philosophieren?*, p. 109.

⁶³ Naturalmente, como o próprio JP faz notar, não se trata no caso do filosofar - nem no de seu método - de “escolher” (“certamente não é algo assim como se se ‘escolhesse’ uma filosofia; em todo caso, o que Fichte quer dizer é claro e também acertado”).

⁶⁴ *Verteidigungsrede für die Philosophie*, p. 28

⁶⁵ Eliot, T. S., *Insight and Wisdom in Philosophy*, p. 16.

possíveis constantes por detrás dessa multiforme variedade: Que há em comum (se é que há algo em comum...) em temas aparentemente tão distintos como por exemplo em seus estudos sobre o filosofar, a virtude, ou o princípio metafísico da verdade das coisas?⁶⁶

O tema, o grande tema que subjaz a todos os escritos pieperianos é o homem, a antropologia filosófica. Mas - e com isto tocamos um dos traços principais do pensamento/método de JP - a essa realidade fundamental, o homem, só há acesso por caminhos indiretos.

Repito: esta afirmação (“ao objeto fundamental do filosofar, o homem, só há acesso por caminhos indiretos”) está na própria raiz do pensamento/método de JP. e vale a pena que nos detenhamos em explicá-la um pouco, lançando luz sobre o método e sobre a dialética método/conteúdo de que falamos há pouco.

Memória, mãe das musas

Em um texto isolado: “*Erinnerung: Mutter der Musen*”⁶⁷ - um breve discurso em homenagem a uma artista plástica -, JP expressa algo de muito importante sobre o homem e indiretamente sobre o método de seu filosofar.

A Memória, *Mnemosyne*, é a mãe das Musas: não há memória para o homem - diz JP citando Safo - sem as Musas. O homem é um ser esquecediço e precisa das musas para recordá-lo - agora citando Píndaro - da grandeza da obra divina.

JP resume a sugestiva cena apresentada por Píndaro, em seu “Hino a Zeus”. Zeus decide intervir no caos e, então, toda a confusão informe vai dando lugar à harmonia e à ordem: *kosmos*. E quando, finalmente, o mundo alcança seu estado de perfeição (estreado a terra, os rios, os animais, o homem...), Zeus oferece um banquete para apresentar aos deuses - atônitos ante tanta beleza - sua criação... Mas, para surpresa dos convidados, ante a pergunta (quase meramente retórica) sobre se falta algo ou se há algum defeito, ouve-se uma voz que indica a Zeus uma grave e insuspeitada falha: faltam criaturas que reconheçam e louvem a grandeza divina do mundo..., pois o homem é um ser que esquece. O homem, que recebeu da divindade a chama do espírito; o homem, está, afinal, mal feito, mal acabado: ele tende à insensibilidade, a não reparar... a esquecer! As musas (filhas de Mnemosyne), as artes, aparecem como uma primeira tentativa de concerto de Zeus: a divindade as oferece como dádiva ao homem como companheiras, para ajudá-lo a lembrar-se...

Naturalmente, a missão de resgatar ao esquecimento importantes realidades não compete somente às artes⁶⁸. O filosofar (e para JP o filosofar está muito próximo da arte) deve recordar-nos das grandes verdades que sabemos, mas das quais, uma e outra vez, nos esquecemos. Sempre atento à linguagem, JP faz notar que a língua

⁶⁶ Como, por exemplo, nos livros *Was heisst Philosophieren?*, *Menschliches Richtigsein*. *Die Kardinaltugenden neu bedacht e Wahrheit der Dinge*.

⁶⁷ In *Nur der Liebende singt*, Stuttgart, Schweibenverlag, 1988.

⁶⁸ *Nur der Liebende singt*, Stuttgart, Schweibenverlag, 1988, p. 37.

inglesa dispõe de duas palavras para recordar: *remember* e *remind*. As musas são as grandes *reminders*, fazem com que o artista recorde e, por sua vez, faça recordar a outros.

Precisamente esse caráter esquecedor do homem (ele sim se lembra do trivial, mas se esquece do essencial), está nos fundamentos do método de filosofar de JP, um método que atinge seu objeto, o homem, por caminhos indiretos.

A experiência: sabemos mais do que o que sabemos

À primeira vista pode parecer contraditório falar de caminhos indiretos em um filosofar como o de JP, que - e esta é outra característica essencial do método - sempre se dirige ao fenômeno e se apóia na experiência. De fato, por exemplo em seu estudo sobre o sagrado, diz JP: “*Como sempre*, começaremos por apontar do melhor modo possível a resposta (a uma indagação filosófica) dirigindo a atenção ao fenômeno, isto é, àquilo que se manifesta⁶⁹.”

Desde o mais minúsculo artigo ao mais volumoso livro, sempre a análise pieperiana se alimenta da manifestação, do fenômeno: o *insight* e a sabedoria se encontram justamente no esforço de trazer à consideração tudo aquilo que realmente é significativo em relação a esta ou aquela experiência. E é por apoiar-se na experiência, que o pensamento de JP tem a viveza e o colorido do concreto, do vivido, e é por isso que suas obras são de leitura tão agradável e se impõem com o peso da realidade.

Essa ligação com a realidade, com o “fenômeno” é o que dá a nossos autores o forte sabor de pensamento vivo e de credibilidade. JP, por exemplo, evoca as significativas observações do psiquiatra René Spitz e da – então pouco conhecida – Madre Teresa de Calcutá. Mas voltemos à análise de Lauand (2004).

Mas precisamente neste voltar-se para a experiência é que reside o caráter problemático do filosofar e – paradoxalmente à primeira vista – a necessidade de um caminho indireto para o filosofar. Pois o conteúdo das experiências não está totalmente disponível a nosso saber consciente. Pode ocorrer por exemplo que as experiências, as grandes experiências que podemos ter sobre o homem e o mundo, brilhem com toda a viveza por um instante na consciência e depois, sob a pressão do cotidiano, comecem a desvanecer-se, a cair no esquecimento... Seja como for, não é que se aniquilem (se se aniquilassem não restaria sequer a possibilidade de filosofar...), mas se transformam, se tor-nam...: *instituições, formas de agir do homem e linguagem*. Estes são os três “sítios” (para usar uma metáfora da arqueologia) onde o filósofo deve penetrar para recuperar o que tinha sido oferecido na experiência.

Há um parágrafo essencial de JP sobre essas três vias privilegiadas de acesso: “Que significa experiência? (...) Um conhecimento com base

⁶⁹ *Über die Schwierigkeit heute zu glauben*, p. 25.

num contato direto com a realidade (...) Mas os resultados que obtemos não desaparecem quando cessa o ato de experiência; acumulam-se e conservam-se: nas grandes instituições, no agir dos homens e no fazer-se da linguagem.⁷⁰ Uma e outra vez JP insiste em que não possuímos de modo consciente todo o conteúdo de nossas grandes experiências, como por exemplo em *Über das Ende der Zeit*: “Há experiências cujo conteúdo pode ser expresso e conhecido claramente por quem as faz e outras cujo objeto não pode ser expresso e “realizado” em seguida, mas permanecem, por assim dizer, latentes. (...) Por exemplo, eu nunca teria podido prever como se comportariam numa situação excepcional e extrema, pessoas a mim chegadas. Mas, no momento em que vivo esta situação não me surpreendo com sua reação; sem o saber já a esperava. Já antes tinha captado nessas pessoas qualquer coisa de sua mais profunda intimidade.⁷¹”

Isto fica ainda mais claro em *Über den Begriff der Sünde*: “Em todos os fatos fundamentais da existência sabemos muito mais do que “sabemos”. E cita, endossando, Friedrich von Hügel: “Não se trata tanto do que alguém julga que pensa mas do que realmente pensa...” o que talvez só venha a descobrir - para sua própria surpresa - por ocasião de um forte abalo existencial⁷².” É neste ponto - sabemos muito mais do que “sabemos” - que radica a própria possibilidade do filosofar, enquanto busca do resgate desse *plus*. Uma busca pelo *plus* que se encerra em instituições - os senhores se lembrarão quanto de antropologia JP extrai da instituição “universidade” -, no agir humano - como se sabe, para JP a análise do próprio filosofar remete ao próprio centro da antropologia - e na linguagem.

Aludíamos há pouco à posição de Santo Tomás - tão cara a JP -, que afirma a semelhança entre o filósofo e o poeta. Os senhores permitirme-ão, portanto, apresentar essa busca do *plus* por meio daquela que é a mais importante poeta brasileira da atualidade, Adélia Prado (sua obra poética tem muitos pontos em comum com o filosofar de Pieper⁷³), que soube expressar esse *plus* de visão nos tão sugestivos versos de seu poema “*De profundis*”⁷⁴: “De vez em quando Deus me tira a poesia / Olho pedra, vejo pedra mesmo. “

A linguagem, como dizíamos, está no núcleo essencial de nossos autores. Não é por acaso que ambos comecem seus livros sobre o amor com (algumas finíssimas) observações e análises de formas da linguagem comum. Um par de exemplos:

As crianças de minha geração eram censuradas em sua maior parte por dizerem que “amavam” morangos, e algumas pessoas se orgulham do inglês possuir os dois verbos amar e gostar (como em português - Nota do Tradutor) enquanto o francês precisa satisfazer-se com *aimer* para

⁷⁰ *Verteidigungsrede für die Philosophie*, pp. 116-117.

⁷¹ Pp. 47 e 49.

⁷² Pp. 14 e 15.

⁷³ Cfr. p. ex. <http://www.hottopos.com.br/videtur9/renlaoan.htm>, No. 3: “Poesia e Filosofia - Entrevista com Adélia Prado”.

⁷⁴ Prado, Adélia *Poesia Reunida*, São Paulo, Siciliano, 1991, p. 199.

ambos os sentidos. Mas o francês tem muitas outras línguas de seu lado. De fato, o uso inglês atual também com frequência faz isso. Quase todos os oradores, quer pedantes ou piedosos, falam diariamente sobre “amar ou adorar” um alimento, um jogo ou uma ocupação. Existe mesmo uma continuidade entre nossas preferências elementares por coisas e nossos amores pelas pessoas. Desde que “o superior não subsiste sem o inferior” seria melhor começar de baixo, com as simples preferências, e desde que “gostar” de algo significa ter um determinado prazer nele, devemos começar com o prazer. (LEWIS, 2012, p. 8)

Hay razones más que suficientes que le sugieren a uno no ocuparse del tema del «amor». A fin de cuentas, basta con ir pasando las hojas de una revista ilustrada, mientras nos llega el turno en la peluquería, para que le vengan a uno ganas de no volver a poner en sus labios la palabra «amor» ni siquiera en un futuro lejano. Pero también nos da miedo esa otra actitud que, en el extremo opuesto, se goza de provocar malentendidos al hacer que la realidad del amor, transportada al terreno de lo irreal y fantasmagórico, se evapore y no deje de sí misma otra cosa que la pura «renunciación». (PIEPER, 2010, p. 404)

Prossigamos com LAUAND (2004), que mostra diversas possibilidades da linguagem como “laboratório” do filosofar, da etimologia ao pensamento confundente.

A opção pela linguagem comum Dizíamos que para JP, o filosofar parte da experiência, das grandes experiências que o homem tem consigo mesmo e com o mundo. E que - e aí radica a peculiar dificuldade para quem filosofa - essas experiências especialmente densas não têm brilho duradouro na consciência: logo se desvanecem, nos escapam... não que se aniquilem: condensam-se, escondem-se, depositam-se... na linguagem⁷⁵, na linguagem comum, essa que nós mesmos falamos e ouvimos todos os dias.

Precisamente sobre o valor da linguagem comum para JP é o *Prólogo* de Hans Urs von Balthasar ao *Lesebuch* de JP: se se trata de filosofar e portanto da busca do ser em sua totalidade e de seu significado, impõe-se a consideração da linguagem comum, a que se faz a partir da sabedoria daqueles que inconscientemente “filosofam”. “A palavra da linguagem comum humana encerra mais realidade que o termo artificial”. E ajunta a surpreendente mas acertada afirmação: “Não só Lao-Tse, Platão e S. Agostinho, mas também Aristóteles e S. Tomás - por improvável que isso possa parecer - ignoram toda terminologia especializada”⁷⁶.

⁷⁵ Certamente, não só na linguagem. Como já dissemos, JP indica também, como depositários dessas informações essenciais que se escondem nas “grandes experiências”: as *instituições* e modos de agir humanos.

⁷⁶ Prólogo a *Lesebuch*, pp. 5-6.

JP desconfia da terminologia especializada e sua opção pela *simplicitas* radica em convicções filosóficas. No posfácio⁷⁷ que escreveu para a edição alemã do livro sobre a dor de C. S. Lewis, Pieper tece considerações, referindo-se a esse autor, que podem perfeitamente aplicar-se à sua própria obra: ainda que nem todos a considerem uma leitura “leve” - assim começa o texto - ninguém pode pôr em dúvida a simplicidade, virtude cada vez mais rara nos escritos filosóficos. E a simplicidade é - prossegue Pieper - o “selo de credibilidade” do filósofo e onde não a encontrarmos devemos desconfiar. Distingue a seguir “linguagem” (*Sprache*) de “terminologia” (*Terminologie*). Esta é artificial, fabricada, limitada a especialistas; aquela, a linguagem comum, quotidiana, possui a originalidade e a força da palavra natural.

A linguagem é assim todo um “laboratório” para o filósofo⁷⁸. Por isso a extraordinária importância das línguas para o filósofo: em seu já citado prefácio a JP, T. S. Eliot afirma que o filósofo ideal deveria estar familiarizado com todas as línguas; para poder exercer seu ofício: “resgatar” a sabedoria que se ocultou na linguagem. Daí que vemos JP sempre atento a essa “sabedoria oculta” não só em sua língua alemã, mas também no grego e no latim (por exemplo no Cap. I de *Glück und Kontemplation*), no inglês (p. ex. em *Überlieferung*, p. 28), no francês (p. ex. em *Hoffnung und Geschichte*, p. 30), no russo (p. ex. em *Lieben, Hoffen, Glauben*, p. 42), no indiano (p. ex. em *Überlieferung*, p. 40) etc. (...)

A conexão entre linguagem viva e possibilidade de ver a realidade

Não somente as intuições depositadas nas palavras interessam ao filósofo; em certos casos, também a ausência de palavras na linguagem também traz informação importante. A não existência de palavras vivas e vigorosas para expressar realidades fundamentais faz com que essas realidades tornem-se invisíveis para nós. O pensamento e a vida dependem da linguagem muito mais do que à primeira vista supomos. A força viva da palavra não só transmite, mas até produz e preserva, em interação dinâmica, o que pensamos e sentimos. Sem a palavra, nossa percepção da realidade é confusa ou nem sequer chega a ocorrer. E reciprocamente, se uma realidade se torna invisível, a palavra que a expressa perde sua viveza e seu vigor, produzindo um círculo vicioso. JP dedica muito de sua atenção - sobretudo quando trata das virtudes - a essa relação, a essa interação dialética entre existência de uma atitude de vital interesse por algo e a existência de uma linguagem viva e vigorosa para expressá-la. Sem a palavra - a palavra adequada - a própria possibilidade de ver a realidade se torna problemática.

O pensamento confundente.

⁷⁷ “Über die Schlichtheit in der Philosophie”, publicado em *Erkenntnis und Freiheit*, pp. 97 a 102.

⁷⁸ Um laboratório: naturalmente, não se trata de sempre aceitar e acolher tudo o que procede da linguagem comum, pois ela apresenta, por vezes, disfunções, como o próprio JP adverte.

Precisamente o próprio eixo da análise de JP sobre o amor se estabelece a propósito de uma análise de linguagem: o caráter confundente da língua alemã quanto ao substantivo “amor” *Liebe*. É um caso claro de “pensamento confundente” (Ortega) embora JP não use explicitamente esse conceito.

Para a compreensão desse conceito – como dizíamos, central na análise de JP – e de seu alcance, é necessário uma breve exposição teórica. Como não é nossa pretensão originalidade nesse referencial teórico, reproduziremos aqui um recente estudo feito sob medida para nossos propósitos pela Dra. Chie Hirose, também ela pretendendo aplicar esse resumo teórico a seus objetos de estudo (em seu caso, aspectos da cultura japonesa).

Assim, recolhemos de Hirose (2013):

Embora de extrema importância para a Antropologia, o pensamento confundente (expressão criada por Ortega y Gasset) continua pouco estudado em nosso meio acadêmico, exceção feita aos grupos de pesquisa liderados pelo Prof. Jean Lauand.

Entre outras potencialidades, trata-se de uma chave importante para a análise dos Orientais [em nosso caso, do *Liebe* de JP].

Advirta-se, desde logo, que “pensamento confundente” nada tem de pejorativo: não se trata da confusão que, para nós, pode evocar imediatamente: “equivoco, engano, mixórdia, bagunça, desarrumação, mistura indevida, ou mesmo baderna” (Houaiss). Trata-se, isto sim, de, uma das importantes funções de pensamento, como explica, em uma entrevista, Julián MARÍAS (1999):

Marías: Trata-se de uma dupla dimensão do pensamento. Há uma função, diríamos, *normal* do pensamento que é distinguir e determinar as diferentes formas de realidade. Por outro lado, se esta fosse a única função do pensamento, não haveria como lidar intelectualmente com realidades complexas, em suas conexões, nas quais interessa ver o que há de comum e, portanto, o tipo de relações que há entre realidades que, de resto, são muito diferentes. Isto é o que Ortega denominava “pensamento confundente”. Eu gosto do exemplo da palavra “bicho”, muito vaga, que se refere a milhões de animais, mas nos comportamos ante um “bicho” de uma maneira de certo modo homogênea: em muitas ocasiões as diferenças não contam: e não nos importa a espécie (haverá centenas de milhares de coleópteros, mas, para muitos efeitos, não interessa). O “pensamento confundente” é muito importante e é um complemento para o pensamento que distingue.

entr.: Sim, por vezes a linguagem nos impõe uma “confundência” maravilhosa. Na língua árabe, por exemplo, uma mesma palavra serve para significar “amizade” e “confiança”.

Marías: Há uma coisa que me preocupa, e já o disse muitas vezes. Que, enquanto o vocabulário de uma área particular, de um campo profissional técnico, de um ambiente específico, na agricultura, por exemplo, ou na pecuária — enquanto esses vocabulários específicos possuem uma riqueza enorme, tudo o que um homem pode sentir por outra pessoa resume-se — em todas as línguas que conheço — a meia dúzia de palavras. Algumas positivas, como “amizade”, “amor”, “ternura”, “simpatia”, “carinho”, e outras tantas negativas. Parece-me

muito restrito. Eu tenho quatro filhos, já adultos, e eu os amo de quatro maneiras diferentes. Há uma variedade imensa do amor, e a língua não reflete essa variedade. É uma limitação esquisita. Talvez devida a uma certa desatenção pelos sentimentos, pelos conteúdos anímicos, em contraste com a refinada atenção dedicada às técnicas da agricultura, da medicina...

entr: Para o futebol, no Brasil, há um vocabulário riquíssimo para diferentes ângulos de um movimento: bicicleta, meia-bicicleta, puxeta, voleio etc.

Mariás: As mil maneiras de dar um chute numa bola! E isso porque há um interesse especial. Muitas pessoas gostam de futebol e precisam distinguir os diferentes matizes dessa atividade. E, em contraste, o que uma pessoa sente por outra — e é algo mais difícil, sem dúvida — não desperta tanto interesse. Eu fico muito perplexo com este fato.

(Mariás, J. “Entrevista a JL, 26-5-99” *Videtur* No.8, 1999, DLO-FFLCH-USP <http://www.hottopos.com/videtur8/entrevista.htm>.)

Nesse breve diálogo, já se pode notar a importância da linguagem confundente. Ele é útil quando nos ajuda a pensar não separadamente aspectos que na realidade não estão separados.

Cabem aqui algumas observações: a rigor, não podemos falar de linguagem e de realidade como se fossem aspectos estanques e independentes: nossa percepção da realidade dá-se pela linguagem e nossa linguagem é elaborada a partir da realidade que percebemos: melhor seria falar de “sistema língua / pensamento”, para evocar o fecundo conceito de Johannes Lohmann.

O árabe e o hebraico pensam confundentemente na palavra Salam (/Shalom), diversos significados insuspeitados para as línguas ocidentais. Como mostrou Lauand (2007), o radical trílitere de Salam/Shalom não significa apenas paz (como imaginam os brasileiros que querem simplesmente revestir de caráter bíblico e sagrado a nossa palavra “paz”), mas “confunde” em si diversos outros significados (e só desse ponto de vista confundente há legitimação em empregar o original semita):

* integridade física – dizemos de um cabo de vassoura quebrado, que ele perdeu seu Shalom. Uma peça fabricada com defeito não tem Shalom.

* integridade moral – no sentido de honestidade, incorruptibilidade, como significado pelo nome próprio *Salym*, “o íntegro”.

* sanidade, saúde (física ou espiritual)

* aceitação – de boa ou má vontade. Daí que iSLaM, idêntico no radical trílitere a SaLaM, seja aceitação da vontade de Allah.

Etc. etc.

A força do confundente Shalom/Salam mostra-se em alguns exemplos: Naturalmente, ninguém no Ocidente diria de um giz quebrado que ele perdeu sua “paz”, associação evidente e conatural para o semita. É por isso que, fora do contexto confundente semita, é extremamente enigmática a formulação do apóstolo Paulo, que, escrevendo em grego (mas pensando com sua cabeça semita) diz que “Cristo é nossa paz...” (*Autos gar estin he eirene hemon...* Ef. 2, 14), fórmula que os cristãos ocidentais repetem devotamente, mas sem compreender seu significado.

E quando examinamos a razão pela qual o apóstolo afirma que Cristo é “nossa paz”, aí a perplexidade do Ocidente torna-se total: “Cristo é nossa paz porque Ele quebrou o muro... (!?) e de dois fez um”. O que, para um semita, é totalmente natural.

Confundindo os conceitos de paz, saúde (física ou espiritual) etc. é natural que a saudação mais comum no mundo árabe (para encontro ou despedida) seja também precisamente: *Salam!* S-L-M indica também aceitação (de boa ou má vontade), daí que a atitude religiosa de acolhimento da vontade de Deus seja *iSLaM*.

A mesma palavra S-L-M significa, ainda, integridade territorial. Assim, de Salomão (**SaLuMun** ou **SuLaiMan**), Deus diz a seu pai Davi (um homem de guerras), em atenção ao nome de Salomão: “Este teu filho será um homem de *shalom*, pois Salomão é o seu nome” (1 Crn 22,9). E Deus, apesar da infidelidade do rei, mantém a “integridade”, a “totalidade” do reino de **Salumun** e diz: “Não tirei da mão de Salumun parte alguma do reino...” (I Reis 11,34).

Em outras palavras, tanto para o árabe quanto para o judeu, a integridade territorial e a paz são pensadas confundentemente como uma única realidade: se faltar um milímetro quadrado do que se considera ser seu território, não há paz. (Lauand 2007 <http://www.hottopos.com/notand14/lauand.pdf>)

Quando consideramos as artes *do*, tão centrais nas Pedagogias orientais, é oportuno lembrarmos que *do* (*Tao*) é muito confundente.



Nele confundem-se: caminho, governo, sabedoria, virtude etc. e o próprio Tao do *Livro do Tao*.

Sendo a linguagem abstrata, ela é sempre de algum modo confundente; interessa-nos o “confundente relativo”, aquelas realidades, para o bem ou para o mal, que umas línguas distinguem e outras não. O português é confundente em relação ao inglês no uso do adjetivo “grande”, que o inglês distingue em “big” e “great”: se eu digo que a Amazônia é grande, devo, provavelmente, traduzir por “big”; já se digo “grande Uruguai...”, devo recorrer ao “great”, porque realizou, digamos, a façanha de eliminar a poderosa Argentina nas oitavas de final...

JP e o confundente no amor

A análise de JP no capítulo inicial de seu livro sobre o amor constitui um notável exemplo da riqueza do pensamento confundente (CSL, como vimos, também endossa o confundente francês “aimer”).

Por seu caráter confundente, quanto ao substantivo amor, a língua alemã, mais do que qualquer outra, tem uma “oportunidade especial”: a de captar o que há de comum no amor, aquele nível fundamental em que se confundem todas as diferentes formas de amor, que as línguas grega, latina e neolatinas estão mais aptas a captar com seus amplos leques de distinção.

JP estende-se amplamente em suas análises de diversas línguas em suas distinções. Para o que nos interessa neste tópico, limitar-nos-emos a alguns aspectos da língua latina.

El latín, la lengua antigua que con mayor intensidad que cualquier otra ha inspirado el vocabulario de los pueblos europeos, tiene por lo menos media docena de palabras para designar el amor, todas las cuales eran empleadas por los romanos. Amor y caritas son dos vocablos de todos conocidos. Pero las obras de caridad cristiana que nosotros atribuimos hoy con la mayor naturalidad a la «caritas», se llamaban en tiempos de San Agustín, como él mismo relata, obras de la *pietas*. La palabra dilectio, cuarto vocablo en uso para los latinos, la hemos ya mencionado más arriba, aunque incidentalmente.

A este grupo de palabras pertenece no sólo la affectio, sino también, y no sin cierta sorpresa, el studium. Se ha afirmado incluso que esta última palabra expresaba para los romanos un aspecto característico de la inclinación amorosa, es decir, la voluntad de servicio o de estar a disposición de alguien; con lo cual se llama, de hecho, por su nombre a algo que va siendo raro en el amor, pero que, sin embargo, es parte integrante del mismo según el común sentir.

También la palabra «pietas» dice relación, según parece, a un matiz del amor que no es considerado hoy como natural. No sería exacto afirmar que a la esencia del amor pertenezca, en todos los casos, una especie de compasión, pity (que viene de pietas) o misericordia como ha pretendido defender Arthur Schopenhauer falsificando, evidentemente, el sentido del amor con su radicalismo al afirmar que «todo amor puro y verdadero es compasión». Pero ese nombre latino nos hace pensar, y no sin motivo, que el amor real «no es posible sin algo de miramiento, deferencia y comprensión»

La palabra affectio pone de manifiesto un nuevo elemento significativo del «amor»; el vocablo, como tal, ha pasado sin cambios apreciables de sentido al francés y al inglés. Es el elemento de la passio, que en este contexto no quiere decir pasión dolorosa o gozosa, sino la pasión que se nos impone, en cierto modo fatalmente, cuando amamos. A pesar de que la affectio, entendida como integrante o equivalente del amor, sea una forma gramatical activa, todo el mundo sabe que al amar no somos en exclusiva, ni quizá primariamente, sujetos activos. El amor es, y quizá más que nada, algo que nos sobreviene. [Etc.] (Pieper 2010, pp. 410-412)

E estabelece o contraste com a língua alemã. Neste caso, em vez de resumirmos o extenso capítulo de JP, recorreremos à síntese que ele mesmo faz na conferência “Amor”:

Precisamente a língua alemã - pelo menos esta é a impressão que se tem à primeira vista -, parece acentuar infinitamente essa dificuldade. Os gregos, os romanos e mesmo as línguas modernas derivadas do latim dispõem de um grande número de substantivos para designar as múltiplas facetas do fenômeno amor, ao passo que a nossa própria língua alemã é carente: vê-se obrigada a designar realidades diversas

pela palavra *Liebe*. Assim, usamos *Liebe* para expressar a preferência por uma determinada qualidade de vinho (“eu amo o Borgonha”); como também para designar o solícito amor por uma pessoa que está passando dificuldades; a atração mútua entre homem e mulher; ou ainda, a dedicação do coração a Deus. Para tudo isto dispomos de um único substantivo: *Liebe*. Além do mais, esta manifesta, ou simplesmente aparente, pobreza do vocabulário alemão oferece-nos uma oportunidade especial: a de enfrentar o desafio, imposto pela própria linguagem, de, apesar de tudo, não perder de vista aquilo que há de comum, de coincidente, entre todas as formas de amor. (PIEPER 1999)

E a partir desse confundente (sempre a experiência acumulada na linguagem) pode chegar à genial conclusão, que sustenta toda sua reflexão sobre o amor:

E qual poderia ser este elo de ligação comum? Em outras palavras: o que há de comum entre os amores, o que significa *em geral* “amar”: amar o vinho, a música, o amigo, a pessoa amada ou o próprio Deus?

Estou convencido de que há, de fato, uma resposta para esta questão. E a resposta é a seguinte: amar, em qualquer caso, denota *aprovação*. Amar algo ou amar alguém sempre significa afirmar: “Que bom que isto existe!”, “Que bom, que maravilha que você está no mundo!”.

Cabe aqui uma observação importante: Segundo JP, o primeiro sentido clássico do “querer”, ao contrário do uso contemporâneo, não é obter ou conquistar algo – como na famosa propaganda da Mercedes Benz: “ou você tem ou você quer”, mas sim o de aprovação do que já se tem. Como nas encantadoras formas, hoje tendendo ao desuso, “bem querer”, “querer bem” ou nas declarações de amor em espanhol ou italiano: “te quiero”, “ti voglio bene”...



http://www.jet.com.br/design/vitoriadiesel/banner/765X162_SPRINTER.swf

A voz média

Outro ponto importante para a análise de JP sobre o amor se estabelece também a propósito de um fato de linguagem: a voz média. Também aqui apresentaremos uma análise teórica prévia para, em seguida, aplicá-la às observações de JP e recolheremos um resumo elaborado por Jean Lauand (2010, pp. 47-52)

Nossa possibilidade de relacionamento com o mundo está, evidentemente, em função da linguagem e Lohmann chega a falar num “sistema língua/pensamento”. Nesse sentido, um recurso importante na compreensão do agir do homem é a “voz média”.

Estamos tão acostumados a pensar que o verbo só admite voz ativa e voz passiva que nem podemos imaginar uma terceira forma. Ativa e

passiva - assim pensamos à primeira vista - esgotam todas as possibilidades (o que poderia haver além de “Eu bebi a água” e “A água foi bebida por mim”?) e na língua espanhola a expressão “*por activa y por pasiva*” significa “todas as possibilidades”, “todas as formas”, como quando se diz: “*Ya lo hemos intentado por activa y por pasiva, sin llegar a conseguir una solución*” ou “*Le hemos pedido por activa y pasiva que dimitiera como presidente*”.

E como o pensamento está em dependência de interação dialética com a linguagem, o fato de nossa língua não admitir uma terceira opção - a voz média, que não é ativa nem passiva - constitui um grave estreitamento em nossas possibilidades de percepção da realidade, precisamente porque a língua nos impõe o binômio ativa/passiva.

A voz média é um rico recurso - encontrado por exemplo no grego -, que permite expressar (e perceber e pensar) situações de realidade que não se enquadram bem como puramente ativas nem como puramente passivas. Isto é, há ações que são protagonizadas por mim, mas que, na realidade, não o são em grau predominante: há tal influência do exterior e de outros fatores que não posso propriamente dizer que são plenamente minhas. O eu - como na clássica sentença de Ortega - estende-se à circunstância: *Yo soy yo y mi circunstancia*.

O latim se vale de verbos chamados depoentes precisamente para essas ações minhas, mas que não são predominantemente minhas; eu as protagonizo, mas não sou senhor delas, estou condicionado fortemente por fatores que transcendem o eu e sua vontade de ação. É o caso, por exemplo, do verbo *nascor*, nascer (nascer-nascido). O verbo nascer, a rigor, não é ativo nem passivo: eu nasço ou sou nascido? Sim, certamente sou eu que nasço, mas estou longe de exercer de modo totalmente ativo e independente esta ação (“Com licença, eu vou nascer...”); e por isto o inglês usa nascer na passiva: *I was born in 1952*. O mesmo acontece, por exemplo com o morrer: a ação é minha, mas não o é...

Procuramos suprir a lacuna da voz média, tornando “reflexivos” verbos como esquecer: “Eu me esqueci”, “eu me admirei”. E a língua espanhola vale-se desse recurso muito mais frequentemente, como por exemplo em *yo me muero* ou em verbos que expressam necessidades fisiológicas...

Com a perda da voz média, o português perdeu não apenas um recurso de linguagem, mas sobretudo um poderoso recurso de pensamento, de captação / expressão de imensas regiões da realidade. De fato, é uma violência para com a realidade que empreguemos, por exemplo, o verbo “surtar” como ativo: “O Gilberto é psicótico, ele surta a toda hora”. Como se o pobre Gilberto tivesse algum controle sobre as situações que *o fazem* surtar... Como se “surtar” (ou “admirar” outras ações médias) pudesse ser ativamente “agendado”: “Na próxima 3^a. f. às 15:30h eu vou surtar; às 19:00h vou me admirar etc.”

Algumas canções de Paulinho da Viola trabalham com a voz média. O samba “Timoneiro” - do qual procede o verso: “Não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar...” - é um maravilhoso exemplo dessas ações que o latim expressa por verbos depoentes. Não sou plenamente dono do navegar; quem **me** navega é o mar. E o mar não tem cabelos que a gente possa agarrar...

Timoneiro (P. Viola - Hermínio Bello de Carvalho, 1997)

Não sou eu quem me navega
Quem me navega é o mar
É ele quem me carrega
Como nem fosse levar
E quanto mais remo mais rezo
Pra nunca mais se acabar
Essa viagem que faz
O mar em torno do mar
Meu velho um dia falou
Com seu jeito de avisar
“Olha, o mar não tem cabelos
Que a gente possa agarrar”
Timoneiro nunca fui
Que eu não sou de velejar
O leme da minha vida
Deus é quem faz governar
E quando alguém me pergunta
Como se faz pra nadar?
Explico que eu não navego
Quem me navega é o mar
A rede do meu destino
Parece a de um pescador
Quando retorna vazia
Vem carregada de dor
Vivo num redemoinho
Deus bem sabe o que Ele faz
A onda que me carrega
Ela mesma é quem me traz

Outra sugestiva canção para nosso tema é “Deixa a vida me levar”, de Serginho Meriti e Eri do Cais: “Deixa a vida me levar (vida, leva eu) / Sou feliz e agradeço por tudo que Deus me deu / Só posso levantar as mãos pro céu / Agradecer e ser fiel ao destino que Deus me deu”.

Numa e noutra canção não é casual que o tema seja a própria vida, que em ambos os casos não consiste em mera passividade (eu intervenho

ativamente sobre meu navegar e mesmo “o destino” requer uma ativa fidelidade).

Os verbos depoentes em latim são frequentemente ricos em sugestões filosóficas: os já citados *nascere* e *morrere*; mas também *loquor*: é falando com você que eu falo comigo mesmo); esquecer, confessar etc.

A consideração desse ativo que não é totalmente ativo, mas que tampouco é passivo é importantíssimo para a Educação e para a Antropologia. A educação, educar, derivada de *educere* “eduzir” (conduzir para fora), afinal, não é colocar algo em um sujeito nem abandoná-lo a si mesmo, mas dar condições ao educando (num processo que não separe educador de educando: educação é sempre comunhão...) de extrair de si... É nesse sentido que educador e educando simultaneamente aprendem e ensinam...

JP e a voz média no amor

Precisamente o fato de ser operação não ativa nem passiva (ou ambas...) integra o caráter misterioso do amor. Desde o *Banquete* de Platão, passando por 2500 anos de reflexão filosófica no Ocidente não chegamos (e nunca chegaremos) a uma compreensão cabal dessa realidade humana. Sabiamente Camões assim o expressou:

Hum não sei que, que nasce não sei onde;
Vem não sei como; e doe não sei porque
(RIMAS XV http://www3.universia.com.br/conteudo/literatura/Obras_completas_de_luis_de_camoes_de_luis_vaz_de_camoes.pdf)

Há pouco discutíamos se o *nascere* é ativo ou passivo; a língua portuguesa o põe como verbo de voz ativa; a inglesa, passiva. A mesma dificuldade ocorre com o *amar*: se, por um lado, o amor é *dilectio*, palavra de cuja etimologia diz o Oxford English Dictionary: “action from diligere to select to oneself from others”, escolha, ativa seleção; por outro, é *affectio*, da qual diz Pieper (2010, pp. 412-413):

La palabra *affectio* pone de manifiesto un nuevo elemento significativo del «amor»; el vocablo, como tal, ha pasado sin cambios apreciables de sentido al francés y al inglés. Es el elemento de la *passio*, que en este contexto no quiere decir pasión dolorosa o gozosa, sino la pasión que se nos impone, en cierto modo fatalmente, cuando amamos.

A pesar de que la *affectio*, entendida como integrante o equivalente del amor, sea una forma gramatical activa, todo el mundo sabe que al amar no somos en exclusiva, ni quizá primariamente, sujetos activos. El amor es, y quizá más que nada, algo que nos sobreviene.

A pesar de que Goethe tenga derecho a reclamar para sí una cierta competencia en la materia, consideramos una formulación exagerada la que a sus sesenta años emplea cuando dice: «El amor es tener que aceptarlo...; no se trata de querer, hay que quererlo».

No queda aclarado quién es el sujeto activo cuando alguien «nos gusta» o cuando encontramos que una persona es «encantadora». Cuesta trabajo creer que en la forma corriente de entender el amor humano verdadero alguien piense que por parte del que ama es todo voluntario,

aunque se trate de un amor desprendido hasta el heroísmo, y que no haya en él ni un gramo de fatalidad, sino que todo sea, por dentro y por fuera, una actividad conscientemente desarrollada por el amante.

A nadie se le oculta, por otra parte, que en el amar no puede consistir todo ese fenómeno espontáneo y ciego que realmente tiene algo de pasivo, que es el «gustarle alguien a uno», sino que también anda en juego un factor de preferencia selectiva y de juicio discriminatorio. El amor que procede de la existencia vital y que se apodera del hombre todo incluye también esencialmente el diligere, que en el fondo significa «dedicarse por» o elegir. Con esto tenemos que en el latín y en todas las lenguas de él derivadas, la dilectio (dilección) es, con toda evidencia, imprescindible para el vocabulario del amor; es decir, imprescindible para expresar la calidad personal y espiritual del amor humano.

En el terreno de lo sensible no tiene la dilectio, evidentemente, nada que hacer; mientras que, como dice Santo Tomás, la palabra amor abarca tanto lo sensual como lo anímico, lo espiritual como lo sobrenatural.

Por mais ativo que pretendamos que sejam nosso amores, a linguagem comum ajuda-nos a ver o “lado” passivo: apaixonar-se em inglês é “fall” in love. E representamos o deus do amor como um matreiro lançador de flechas.

E Paulinho da Viola, em uma clássica canção, compara a chegada de um novo amor – não pretendido, não buscado e até com expressa oposição da vontade ativa – a um “rio que passou em minha vida” (verso que contém evocações bíblicas: Is. 66, 12):

Se um dia
Meu coração for consultado
Para saber se andou errado
Será difícil negar (...)
Porém, ai porém
Há um caso diferente
Que marcou num breve tempo
Meu coração para sempre
Era dia de Carnaval
Eu carregava uma tristeza
Não pensava em novo amor
Quando alguém quem não me
Lembro anunciou
Portela, Portela...
O samba trazendo alvorada
Meu coração conquistou
Ah, minha Portela!
Quando vi você passar

Senti meu coração apressado
Todo o meu corpo tomado
Minha alegria voltar
Não posso definir aquele azul
Não era do céu
Nem era do mar
Foi um rio que passou em
Minha vida
E meu coração se deixou levar

O coração ativo, inegavelmente, andou errado: tudo o que pôde fazer neste caso foi deixar-se levar...

CSL, linguagem e amor

Diferentemente de JP – para quem o pensamento e a linguagem confudentes são características fortemente perceptíveis na língua alemã, especialmente quando nos referimos ao amor (*Liebe*), CSL consolidou toda a sua obra a partir da afirmação bíblica “*Deus é amor*”. Para ele o amor humano seria definido como digno de ser chamado amor apenas na medida em que se assemelhasse ao amor divino, ou seja, ao amor que é o próprio Deus. Ele identificou duas categorias distintas de amor: o *gift-love* (amor-dádiva/doador) e o *need-love* (amor-necessidade). Inicialmente, CSL estava disposto a fundamentar todo o seu tratado a respeito do amor fazendo elogios ao *gift-love* e depreciando o *need-love*, e afirma que ainda concorda com muito do que iria dizer, entretanto, acredita que não chamar o *need-love* de amor é fazer violência à língua, já que afinal de contas ainda é chamado de amor (*love*). E percebe que não é possível artificializar o significado das palavras impondo que signifiquem o que quer que achamos melhor.

Mas CSL também percebeu que era necessário começar com aquele aspecto mais “baixo” do amor que é o gostar. E, como gostar significa ter um tipo de prazer em algo, decide então começar com o prazer. E estabelece a sugestiva distinção entre dois tipos de prazeres: prazeres de apreciação e prazeres de necessidade (*need pleasures* e *pleasures of appreciation*). A primeira constatação de CSL é que semelhantemente ao *need-love*, o *need pleasure* também parte sempre de uma necessidade; uma necessidade que pressupõe uma preparação: é um prazer que só é prazer porque antes ocorreu algo que o requer como necessidade. Por exemplo, beber água depois de horas ao sol: saciar a necessidade converte-se em um prazer. E quanto mais sedenta estiver uma pessoa, mais ela sentirá prazer ao saciar sua necessidade de beber água. Entre-tanto, o prazer de apreciação (*pleasure of appreciation*) é um tipo de prazer que nos faz apreciar algo sem preparação, mas simplesmente pelos atributos admiráveis do objeto.

É o caso do admirar-se com uma paisagem ao viajar para a terra natal, por exemplo. Ou quando há uma contemplativa (que JP analisa como *theorein*) entrega extasiante diante de um belo quadro. Apreciar o sabor de um vinho, ou o perfume de um campo florido. Nunca existe uma necessidade envolvida neste tipo de prazer, por isso CSL os chama de prazeres de apreciação. São apreciados sem que uma

necessidade fosse a causadora do prazer. Justamente a este prazer de apreciação é que o conceito de teoria (*theorein*) se aproxima. Se no prazer da necessidade se bebe um copo de água apenas quando se está com sede (ou seja, na necessidade); no prazer apreciativo, têm-se depois de ter bebido. Aquela interjeição “hummmm!”, ou as expressões “que beleza!”, “que lindo!” são bem características nesses prazeres. CSL afirma que a importância de se falar dos prazeres está no fato de que eles prenunciam certas características dos amores. Os prazeres de necessidade, por exemplo, terminam assim que a necessidade é saciada, o que pode indicar que se não houver o cuidado de se preservar o amor que surgir a partir de uma necessidade, ele pode terminar, da mesma forma, assim que o desejo que levou até ele for satisfeito. Já no caso dos prazeres apreciativos, CSL acha que a maneira como eles prenunciam certas características no amor não é tão facilmente percebido. Para isso, sente a necessidade de incluir um terceiro tipo de amor entre os dois já mencionados (entre *need-love* e *gift-love*). Seria o *appreciative love*, ou o que podemos traduzir por amor apreciativo. É interessante perceber que as descrições de CSL a respeito desse *amor apreciativo* vêm a corresponder ao conceito de teoria de JP. Para CSL, o amor apreciativo leva a admirar a beleza das coisas de uma forma desinteressada. Para CSL, o amor apreciativo é desinteressado, ou melhor, não interesseiro. Alguém que contempla uma paisagem durante uma viagem de férias, por exemplo, não apresenta qualquer traço de amor interesseiro; da mesma forma, o conhecedor de vinhos aprecia o vinho de tal forma que se pode dizer que sente por ele um amor apreciativo. Ele consideraria um verdadeiro pecado que o finíssimo vinho fosse profanado por um paladar despreparado, que não o saberia valorizar. Independentemente de ele desfrutar desse prazer, ele quer preservar seu valor: ele não iria querer desperdiçá-lo: mesmo em seu leito de morte, espera que seu sabor seja preservado para sempre, ainda que ele mesmo não possa mais apreciá-lo. Isso é pura contemplação da verdade e do belo ainda que disso não resulte nada de útil, ou seja, a “*theoria*”.

Mas o mais importante é como CSL liga a distinção entre os prazeres (os de necessidade e os de apreciação) a fatos da linguagem: a estes nos referimos ao objeto e no presente (no atemporal da *theoria*, poderíamos dizer) “Olha, que cheirinho bom é este”; a aqueles, enfatizamos o sujeito e falamos no passado “Ufa! eu precisava disto”.

Pelo pensamento que confunde – imposto pela língua alemã – JP é levado ao que há de comum nos amores; que o amor fundamentalmente é pôr-se diante do amado e dizer: “Que bom que você exista!”. Ao observar que, na linguagem, nós nos referimos a certos prazeres no passado e sublinhando o sujeito; enquanto, em outros, falamos do objeto no presente, CSL descobre a rica distinção entre “prazeres de necessidade” e “prazeres de apreciação”.

Referências bibliográficas

CASTRO, R. C. G. Josef Pieper e sua recepção no Brasil. *International Studies on Law and Education*, vv. 13-14, jan-ago 2013. Disponível em <http://www.hottopos.com/isle13/61-66Rb1.pdf>. Acesso em 20-04-13.

HIROSE, Chie O exercício do confundente e os *tonchi banashi* na educação japonesa - dois estudos. **Notandum**. São Paulo, No. 33. 2013. Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand33/71-78Chie.pdf> Acesso em 2-04-13.

LAUAND, J. Os caminhos que levam às ideias. **Língua Portuguesa**, São Paulo, v. Especial Etimologias, maio 2011, pp. 30-35. disponível em <http://www.jeanlauand.com/ffLPort.doc>. Acesso em 2-04-13.

LAUAND, Jean, Método e Linguagem no Pensamento de Josef Pieper **Videtur**, São Paulo: Cemoroc-Feusp, v. 29, 2004 disp. em www.hottopos.com/videtur29/ljargport.htm Acesso em 2-04-13.

LAUAND, Jean, **Antropologia e Linguagem**. São Paulo: Factash, 2010

LEWIS, C. S. **Os quatro amores**. São Paulo: Vida, edição eletrônica de 2012 em http://www.4shared.com/office/iZYAMB8J/Os_quatro_amores_-_C_S_Lewis.htm

PIEPER, J. “Amor” in Crer, esperar e amar. **Notandum**. São Paulo, No. 4. 1999. Disponível em: <http://www.hottopos.com.br/notand4/crer.htm>. Acesso em 2-04-13.

PIEPER, J. Amor. in **Las virtudes fundamentales**. Madrid: Rialp, 3ª. ed. 2010.

Sociedade, *vigencias* e educação – corintianos no Japão⁷⁹

em coautoria com Chie Hirose⁸⁰

Resumo: Este estudo, notas de comunicação oral no “II Encontro Cemoroc Educação, discute – a propósito da massiva presença de torcedores brasileiros no Japão - algumas formas básicas de convívio social e linguagem: *vigencias* típicas do Brasil e do Japão.

Palavras Chave: Formas Sociais. Linguagem. Educação. Antropologia. Brasil. Japão.

Vigencias and Education: Brazil and Japan

Abstract: This paper, originally a communication to the “II Encontro Cemoroc Educação: O conhecimento pedagógico e seus limites”, discusses some basic social forms of behaviour and language: typical *vigencias* (Ortega) of Brazil and Japan.

Keywords: Social forms. Language. Education. Anthropology. Brazil. Japan.

Para a Antropologia são de extrema importância situações nas quais ocorre um encontro de grupos sociais com tradições e formas culturais distintas: dá-se a ocasião – se tudo corre bem – de adquirir consciência da relatividade dos próprios valores, de abrir-se à visão de mundo do Outro e de uma melhor compreensão da própria. O que pode proporcionar *eo ipso* um grande enriquecimento educacional.

É a situação que se dá no próximo mês de dezembro, por ocasião da ida de milhares de torcedores corintianos ao Japão (entregamos este artigo antes do evento). Começamos com um casal que tem protagonizado esse intercâmbio de valores. Nestas semanas que antecedem o Mundial de Clubes da Fifa, a pedido da filial da Gaviões no Japão, o casal Roberto Casanova e Mika da Silva (ele brasileiro, ela tipicamente

⁷⁹. Originalmente, conferência dos autores no “II Encontro Cemoroc Educação: O conhecimento pedagógico e seus limites”. São Paulo, 20-12-2012.

⁸⁰. Doutora em Educação pela Feusp [e atualmente Pós-doutora éla Feusp]. Mestre em Antropologia pela Univ. de Hiroshima.

japonesa) realizou a proeza de traduzir para o japonês o hino do Corinthians, versão que já conquistou a Fiel.

Mika saiu-se muito bem, mas confessa que a tarefa foi trabalhosa. Afinal, o habitual ranço das letras de hinos é acentuado pelo fato de “Salve o Corinthians” ser já sexagenário: como contornar o verso:

“Figuras entre os primeiros do nosso esporte bretão”?

A solução, no caso, foi feliz, afirmando simplesmente a grandiosa primazia do Timão:

Kono sekai deno hajimete no hito Corinthians idaina.

Se Roberto e Mika parecem ter tido êxito em suas vidas na transposição de barreiras culturais; para a nação corintiana, mais difícil do que chegar ao Mundial de Clubes é o desafio de adaptar-se, mesmo que por poucos dias, ao antípoda geográfico e, sobretudo, cultural.

Certamente, é muito problemática a generalização “o brasileiro” (e “o japonês”), quando aqui a utilizarmos será com o suposto das mil ressalvas metodológicas impostas pela Antropologia. Na prática, ao falarmos desses “tipos” é no sentido, mais potável cientificamente, de *vigencia* (Ortega), aquilo que “se da por supuesto” no convívio social: o que se deve e se pode (ou não) fazer; o que é aceito ou não por uma sociedade.



www.portalnikkei.com.br/mundial-de-clubes-hino-do-corinthians-e-cantado-em-japones-pela-dupla-mika-da-silva-e-roberto-casanova/

Um exemplo é o daquele nosso colega coreano, que confessou a dificuldade, nos primeiros tempos de Brasil, para conseguir seu *breakfast*: onde conseguir peixe e arroz em um país no qual a vigência alimentar impôs até o nome de “*café da manhã*” à primeira refeição. Finalmente adaptado, hoje saboreia sua média com pão e manteiga, disponíveis a rodo em qualquer padaria da esquina.

Preocupado com os imensos problemas (diplomáticos, policiais etc.) que os cerca de vinte mil torcedores que se dirigem ao Japão poderiam sofrer por conta do choque cultural, a representação diplomática do Brasil no Japão publicou um Guia, o “Guia do Torcedor” (<http://www.consbrasil.org/evento/GuiaTorcedor.pdf>), facilitando informações básicas para orientar o “bando de loucos” e adverti-los do risco de ignorar as vigências do país que os recebe. Apesar do que digam as torcidas adversárias do Corinthians, a cautela não se aplica propriamente à Fiel, mas aos hábitos de linguagem de todo o brasileiro. Orientações turísticas europeias costumam lembrar ao visitante

estrangeiro, por exemplo, que ele não se espante com o grau de intimidade brasileira ante desconhecidos, que os faz beijarem e abraçarem estranhos já no primeiro contato de uma apresentação formal.

Sempre tendo em conta as ressalvas metodológicas a que já nos referimos, passaremos a falar de “o brasileiro” e de “o japonês”. Contando com a benevolência do leitor, ainda aplicaremos a esses “tipos” nacionais (às *vigencias* nacionais), a tipologia de David Keirsey, um instrumento de análise do renomado psicólogo americano, originalmente desenvolvido somente para classificação de temperamentos de indivíduos...

Keirsey, que modifica as ferramentas teóricas dos *Tipos Psicológicos* de Jung, trabalha com 4 pares de preferências, que dão origem a 4 tipos de temperamento.

Assim, seguindo as abreviaturas de Keirsey, o brasileiro é fundamentalmente P, enquanto o japonês é tipicamente J. A oposição J/P corresponde à preferência pelos procedimentos estabelecidos, determinados, agendados, previstos, planejados, fechados (J) em oposição ao *easygoing*, aberto, indeterminado, que configura a preferência P.

Só com enunciar esse par keirseiano, já se vê imediatamente que o jeitinho brasileiro tem um componente essencial no fator P.

Daí que a abertura do Guia seja já uma advertência:

“o japonês não lança mão de artifícios para resolver problemas. Não existe o ‘jeitinho brasileiro’ no Japão. Os transportes são pontuais, os hotéis só atendem com reserva e os restaurantes não mudam seus pratos a gosto do cliente.”

Outro par, F/T, é também distintivo: o brasileiro propende fortemente ao F; o japonês, ao T. F é a tendência a abordar as situações a partir de uma perspectiva pessoal, afetiva, priorizando laços emotivos que nos ligam às pessoas envolvidas no contexto; enquanto T é a abordagem fria e objetiva, impessoal, na qual prevalece a norma e não as condições pessoais dos envolvidos. O fator F é a outra metade essencial do jeitinho.

Os clássicos Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda já há muito apontaram esse caráter F do brasileiro (para o bem e para o mal) e algumas de suas manifestações em nosso modo de falar, algumas compartilhadas com Portugal.

O uso e abuso dos diminutivos, transbordando afetividade: até nossos mais famosos criminosos e contraventores são Fernandinho, Carlinhos, Marcinho e os sangrentos espetos da churrascaria nos oferecem fraldinha, maminha, coraçãozinho, lombinho... A colocação do artigo antes do nome próprio (“Me chama o Roberto”, “Encontrei a Fabiana”); ou a substituição afetiva do nome pela primeira sílaba (“Me chama o Rô”, “Encontrei a Fa”. A ênfase pessoal, proibida pela gramática em Portugal, na colocação do pronome oblíquo (“Me chama o Roberto”, em vez de “Chama-me o Roberto). Também a encantadora locução “estar com”, que o brasileiro inventou para substituir o duro e frio “ter”: Você está com tempo?; está com dinheiro?; está com carro? (em vez de: tens tempo, tienes tiempo etc.). E tantos outros aspectos que Lauand analisou no No. 70 da Língua Portuguesa: “A linguagem esconde-revela o brasileiro”.

Embora a afetividade e o calor humano sejam virtudes muito brasileiras, nossas formas verbais nem sempre são adequadas.

Os estrangeiros sempre se chocam com o péssimo hábito brasileiro de colocar o eu em primeiro lugar numa enumeração: “Eu e Fulano ganhamos um prêmio”, “Eu e Beltrano vamos fazer tal coisa”. O hábito é tão arraigado que torna incompreensível para nós uma piada do Chaves:



Chaves: Eu e o Quico estamos brincando de esconde-esconde...

Prof. Girafales: Chaves, não é assim que se diz, mas: “O Quico e eu estamos brincando de esconde-esconde...”

Chaves: O senhor também está brincando de esconde-esconde com o Quico?

E nossa forma de manifestar apreço por uma visita que se despede não é, no fundo, polida. Dizemos: “Vê se aparece!” (com o que - consciente ou inconscientemente - parece afirmar: nós somos pessoas muito importantes, interessantes, bonitas... e autorizamos você - que não é nada disso... -, a vir ver-nos...). Já o árabe despede-se da visita dizendo: *Ismah lana nashufak!* - Permita que nós o vejamos (você é a pessoa importante, etc.).

E no caso em que alguém nos pergunta se pode pedir um favor, no máximo respondemos: “Claro que sim!”, “Tudo que você quiser!” (ou com uma pitada de gozação: “O que é que você não pede chorando, que eu não faça sorrindo...”). Na mesma situação, o árabe diz: “*Anta gally wa talibuka rakhiz*” (“você é caro e seu pedido é barato”) ou ‘*Aynani* (os meus dois olhos).

Já a conhecida fórmula japonesa de gratidão, *arigatô*, é imensamente refinada, aprofundando no sentido do nosso “obrigado”. *Arigatô* remete aos seguintes significados primitivos: “a existência é difícil”, “é difícil viver”, “raridade”, “excelência (excelência da raridade)”. Os dois últimos sentidos são imediatamente compreensíveis: num mundo em que a tendência geral é a de cada um pensar em si, e, quando muito, regular-se as relações humanas pela estrita e fria justiça, a excelência e a raridade salientam-se como característica do favor. Mas, “dificuldade de existir” e “dificuldade de viver”, aprofundam sutilmente: a tradição japonesa considera qualquer favor uma dívida impagável e a pessoa agradecida tem a consciência de quão difícil se torna a existência, pois a partir do momento em que recebeu tal favor, imerecido, contraiu uma dívida de retribuição, sempre impossível de quitar...

Em boa medida, nosso lado F, sensível, é herdado de Portugal. Também lá, há o acentuado cuidado de não ferir, não magoar o interlocutor. Duas formas portuguesas são notáveis nesse sentido: “por acaso” e “já agora”. O brasileiro muitas vezes se surpreende com o fato de “por acaso”, em Portugal, significar, por vezes: não por acaso. Caricaturizando, a alguém que está pisando fortemente no pé do outro no ônibus lotado, pode-se dizer quando a dor se torna insuportável: “Olhe lá, não quero estar a maçar mas, por acaso, o meu pé está por baixo do seu e, por acaso, não é que esteja a magoar, mas...”. Ninguém tem culpa de nada: você me acertou um tiro e por acaso está a sangrar...

“Já agora” não é pleonasma, mas indica alguma coisa que vai já que se está com a mão na massa, vai no embalo (e, portanto, não é vontade nem responsabilidade de ninguém...): “Já agora, mais uma garrafa...”

Essa vontade de evitar atritos, aparar arestas, evitar conflitos, junta-se ao formalismo

Ao P e F, juntem-se as preferências keirseyanas E, de extroversão (em oposição ao caráter reservado e zeloso pela privacidade do japonês) e S (de ater-se à realidade fática) e teremos o quadro completo do caráter explosivo da presença da corintianada no Japão.

Claro que há cativantes e inegáveis virtudes no ESFP (o tipo keirseiano do “brasileiro”): o proverbial calor humano que permeia nossas relações, a alegria, a espontaneidade, a generosidade e, para o bem e para o mal, a informalidade e a irresistível vocação lúdica etc.

O problema é que há também disfunções típicas nesse perfil, a começar pelo pouco senso de privacidade: o brasileiro expõe suas preferências e até o nome dos filhos em adesivos do carro; fala no celular de seus problemas familiares em alto e bom som, sem se importar com o fato de estar rodeado de desconhecidos; e é capaz de abrir sua intimidade com o primeiro que senta a seu lado no metrô, como se mostra no recente livro “Entre o trem e a plataforma”, de Lucimar Mutarelli. Já no Japão, não se fala ao celular em transportes coletivos, ninguém se expressa ruidosamente em público e o apreço pela privacidade leva os leitores a encaparem os livros que lêem no ônibus, trem ou metrô. É a oposição entre o “exibido” e o “reservado”.

Outra disfunção do ESFP, chocante, no caso, é a tendência a ser “folgado”, a resolver tudo com “esperteza”. Imaturidade, irresponsabilidade e impulsividade são outras disfunções que Keirsey aponta como próprias de nosso tipo SP.

Se no Brasil, nossas vigências legitimam muito dessa expansividade brincalhona; no Japão, território T e F, não funciona. Daí que por via das dúvidas o Guia, advirta por exemplo: “Evite falar alto nos transportes públicos, batucar [sic] ou tocar qualquer tipo de instrumento. Você pode ser retirado do local.”

Por detrás da seriedade do Guia (documento referendado pelo selo do Ministério de Relações Exteriores) e suas advertências, pressente-se um toque do lúdico brasileiro em seu autor (há impagáveis ícones, como o que instrui o torcedor a não pular em cima dos assentos do estádio), bem na linha do genial samba de Billy Blanco: “Estatutos da gafeira” (1954):

Moço, olhe o vexame
O ambiente exige respeito
Pelos estatutos da nossa gafeira
Dance a noite inteira, mas dance direito
Aliás, pelo artigo 120
O distinto que fizer o seguinte:
Subir nas paredes
Dançar de pé pro ar
Morar na bebida sem querer pagar
Oi, abusar da umbrizada de maneira folgazã
Prejudicando hoje o bom crioulo de amanhã
Será distintamente censurado



Essa aparência de formalismo (as rebuscadas firulas, floreios e rapapés do bacharelismo a que se referia o ministro Joaquim Barbosa) é parte do humor de certas piadas, assim revestidas de “caráter oficial”, de “credibilidade”, que potenciam a zoadas e fazem a vingança da informalidade destes trópicos: “Embora o Brasil seja um Estado Laico, a CNBB conseguiu aprovar uma novo feriado religioso: *Porcus Tristis*” (alusivo ao rebaixamento do Palmeiras)” ou “- Você viu que o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente, o Ibama, está processando a Mancha? - Ah é, por que? Porque está extinguindo gambás e bambis”.

A crua clareza do Guia é necessária ante o temor de nossas autoridades diplomáticas:

gorjeta e nao na 10% nas contas de restaurantes e bares.



O QUE O CONSULADO PODE E NÃO PODE FAZER PELO BRASILEIRO

A função do Consulado é atender os brasileiros no país zelando pela sua segurança e bem-estar, prestando assistência aos desvalidos e providenciando a impressão de passaportes perdidos ou danificados. O Consulado não pode assumir dívidas de brasileiros, emprestar dinheiro, pagar a contratação de advogados, retirar detidos das delegacias e prestar informações de natureza turística ou de serviços. Os telefones do plantão consular estão na página 21.

15

A boa zoadas não é ostensivamente agressiva, mas disfarça-se de cordialidade e, como sempre, com um toque de lúdico, tal como na nova forma de mandar tomar no c&: “Ei, Fulano, vai tomar...”. Não se trata do insulto furioso, mas de uma ocasional lembrança. O treino acabou, o técnico já está indo embora, os jogadores o chamam: - Professor, ei professor... (como que para adverti-lo, por exemplo, de que esqueceu o celular ou a toalha). Ele para, dá marcha a ré, abre o vidro e ouve: “Ei, professor, vai...”.

No caso do Mundial, qualquer palmeirense que se preze dirá: “Embora deseje todo o sucesso ao Corinthians, neste caso, vou torcer pelo Chelsea, sabe como é, minha tia avó é inglesa e sou Chelsea desde criancinha”.

Contos, interpretação e educação

em coautoria com Joice Aparecida de Souza Pinto⁸¹

Resumo: Este artigo discute os contos e os valores pedagógicos do contar histórias. Os contos podem propiciar analogias para alcançar a dimensão concreta no processo de tomar decisões e são mais facilmente guardados na memória. Discute-se também o alcance pedagógico de apresentar os contos em novas mídias.

Palavras chave: contos. contar histórias. educação. tomar decisões. novas mídias.

Abstract: This paper discusses storytelling and the values of tales for education. Tales can help us providing analogies for the concrete dimension in making our decisions and can be easily kept in memory. It discusses as well pedagogical values of presenting tales in new media and technology.

Keywords: tales. storytelling. education. making decisions. new media.

Contos, fábulas e educação moral – notas prévias

Parte do “entulho autoritário” dos anos de regime militar no Brasil foi a desconfiança para com a educação moral, por conta da famigerada disciplina “Educação Moral e Cívica”, vigente naquela época. Para alguns opositores do regime, as fábulas eram vistas como parte da ideologia dominante, transmitindo a “moral da história”, visando a formatação domesticadora dos educandos.

Nesse sentido, o impagável senso lúdico brasileiro respondia alterando fábulas e as correspondentes “morais”, como no caso da formiga e da cigarra:

A formiguinha está voltando do trabalho, cansada, quando ao passar diante da mansão da cigarra, vê a bichinha saindo cheia de malas.

- Você vai viajar? - pergunta a formiga, com voz cansada.

- Sim! Agora que me tornei uma cantora famosa, fui convidada para fazer um turnê pela Europa: Paris, Munique, Amsterdã, Londres, Roma. Você quer alguma coisa de lá?

- Sim, se não for muito incômodo!

- O que é?

- Se você encontrar um tal de La Fontaine, em Paris, manda ele pra pqp, tá?! (na versão do site Humortadela: <http://humortadela.bol.uol.com.br/piadas-texto/30874>)

Certamente, os contos e as fábulas podem ser mal utilizados, mas isso não significa que sejam perversos em si: muito pelo contrário. Mesmo os mais radicais revolucionários constroem seu próprio “fabulário” (lembremo-nos, por exemplo, das inúmeras piadas ridicularizando o governo, que circulavam nos anos do regime militar) e o próprio Marx, no Manifesto Comunista, recorre à fábula do “aprendiz de feiticeiro”, para explicar a dialética da auto-destruição do Capitalismo.

⁸¹. Mestra do Programa de Pós Graduação em Educação da Univ. Metodista de São Paulo.

As tradições orientais valem-se dos contos (*amthal*: contos, fábulas, parábolas, provérbios, piadas etc.⁸²) como seu principal meio pedagógico e o próprio Cristo só falava ao povo em parábolas (Lc 8, 10).

Não podemos evitar os contos como parte importante (para o bem ou, eventualmente, para o mal) da formação de cada um: naturalmente, seu valor depende do valor dos contos que assumimos como parte de nosso cabedal de histórias; da flexibilidade (e inteligência) com que os tomamos como referenciais para nossas decisões (para além da rigidez de uma “moral da história” fixa etc.).

E é que em nossas decisões de ações concretas não podemos ficar no abstrato dos princípios morais genéricos: sim, devo honrar e amar pai e mãe, mas como se traduz isto aqui e agora, como devo proceder, *nesta circunstância concreta*, em relação a eles? É aí que entram os contos, aproximando os princípios gerais à realidade concreta, a esta situação que estou vivendo agora, como mediadores entre o abstrato e o concreto. E aí deve ser incluída a experiência vivida de cada um: os contos “pessoais”, as *anédoctas* (como se diz em espanhol); episódios marcantes do passado que lançam luz sobre o futuro. Nossa experiência é sempre mais vívida e presente quando se torna história.

Cabe aqui uma nota sobre uma interessante “coincidência” da língua inglesa: *to tell*, que significa ao mesmo tempo narrar e distinguir. Sobre esse significado de *tell*, diz o Oxford English Dictionary: “To discern so as to be able to say with knowledge or certainty; hence, to distinguish, recognize, decide, determine. Also with apart.”: “Só um especialista pode distinguir (*tell*) a tela original da imitação”. Distinguimos melhor as situações que se enquadram em narrativas: organizadas segundo um antes e um depois, com uma ordem de personagens e acontecimentos etc. Assim, nas aulas de francês, aprendíamos os *connecteurs chronologiques*, que ordenavam o contar: *tout d’abord, puis, alors, ensuite, enfin...*

Contar é também distinguir e só quem distingue pode contar (também o duplo sentido de nosso “contar” envolve uma ordem e uma sucessão...). E é essa mesma (ou semelhante) estrutura nítida do conto (/ piada etc.), que distinguimos em determinada situação de vida, que requer de nós uma decisão.

Os contos e as decisões

O problema da decisão requer uma breve consideração teórica: tomar uma decisão é tarefa daquilo que se chama classicamente “razão prática”; não a razão que demonstra teoremas e articula enunciados abstratos, mas a razão que se volta para o “aqui e agora” e exige de mim uma dentre as diversas possibilidades concretas do agir neste caso: daí que a clássica virtude da boa decisão, a *prudentia*, seja caracterizada como *recta ratio (orthos logos) agibilium*, a reta razão para a ação. (Claro que os contos podem se prestar a manipulação ideológica, a distorções, a uma “*perversa – torta – ratio*”).

Ora, dentre os diversos significados (ou derivações de significado) que a língua grega atribuiu à palavra *logos (ratio)*, está o de razão no sentido de proporção: a relação 7/8 por exemplo, expressa um *logos* e desde Euclides falamos em números racionais e dizemos que a população cresce na *razão* 15/10000 e até de *razão* – o

⁸². Cabe aqui uma observação: não é nítida (nem será habitualmente necessária para nós) a distinção entre conto, fábula, parábola etc.; e línguas orientais, como o árabe ou o hebraico, chegam a confundir essas e outras formas em uma única palavra: *mathal* (pl. *amthal*) / *mashal* (árabe / hebraico). Assim, muitas vezes ao falarmos, por exemplo em “conto”, estaremos incluindo aí “fábula” etc.

cahorro grande ganha $\frac{2}{5}$ de comida; os 3 pequenos, uma ração menor: $\frac{1}{5}$ cada um. Daí, recordemos de passagem, o drama vivido pelo pensamento grego, quando da descoberta de números irracionais, *não-logos*, como a raiz quadrada de 2, a relação entre a diagonal e o lado do quadrado..., que não podiam ser “homologados” em um “sistema língua-pensamento” (para usar a expressão de Johannes Lohmann) centrado no verbo ser...

E assim temos o conceito de *ana-logos* (o que está em proporção, na devida razão): dizer que a população cresce à razão de 15/10000 é afirmar a mesma razão que 3/2000. É *análogo*: 15 está para 10000, assim como 3 está para 2000. E assim como fica tudo mais claro quando reduzimos 91/104 a seu equivalente $\frac{7}{8}$; assim também a leitura desta situação de minha vida pode ser reduzida a uma *análoga*, exposta mais claramente num conto.

Daí que, até Marx no prefácio de *O capital*, lembre a sentença chave da pedagogia das fábulas, a célebre advertência de Horácio (*Satirae* I, 1): “De te fabula narratur...” ([Por que ris?] A fábula fala é de ti). Evidentemente, não estamos interessados em formigas, cigarras, lobos ou ovelhas, mas em nossa vida: nosso chefe, nossa sogra, nossos projetos etc. O apóstolo Paulo, comentando o caráter analógico de uma passagem da Bíblia: “Não atarás a boca do boi que debulha” (Deut 25, 4), desfere a ironia: “Acaso Deus está se preocupando com bois? Ou é para nós que Ele diz isto?” (I Cor. 9, 9-10). *De te fabula narratur...*

E aqui se coloca um outro aspecto importante do ponto de vista psicológico – pessoal e também pedagógico – e é o da isenção que obtemos transferindo o problema para as fábulas. O rei Davi está totalmente cego e não reconhece seu horrendo crime de mandar para a morte Urias para ficar com sua mulher, até que Deus lhe envia Natã (II Sam 12) para narrar-lhe o conto de um homem que tinha imensos rebanhos e ainda assim mata a única ovelhinha do pobre etc. Davi, indignado, diz: “Esse homem merece a morte!” (II Sam 12, 5). E Natã responde: “Tu és esse homem...”. (Note-se que, naturalmente, estamos aplicando aqui mesmo neste artigo a dialética abstrato-concreto: a afirmação teórica é imediatamente esclarecida e corroborada pelo “conto”).

Ao mesmo tempo, a fábula permite uma maior margem de segurança ao crítico dos poderosos, pois, afinal, está apenas contando uma história... É o que vem narrado em “Uma fábula sobre a fábula” por Malba Tahan (in *Minha vida querida*, 18ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002):

Quando Deus criou a mulher, criou também a Fantasia. Um dia, a Verdade resolveu visitar um grande palácio. E havia de ser o próprio palácio em que morava o sultão Harum Al Raschid.

Envoltas as lindas formas num véu claro e transparente, foi ela bater à porta do rico palácio em que vivia o glorioso senhor das terras muçulmanas. Ao ver aquela formosa mulher, quase nua, o chefe dos guardas perguntou-lhe:

- Quem és?

- Sou a Verdade! - respondeu ela, com voz firme. - Quero falar ao vosso amo e senhor, o sultão Harum Al-Raschid, o cheique do Islã!

[o chefe dos guardas informa o grão vizir...]

- A Verdade! - exclamou o grão-vizir, subitamente assaltado de grande espanto. - A Verdade quer penetrar neste palácio! Não! Nunca! Que seria de mim, que seria de todos nós, se a Verdade aqui entrasse? A

perdição, a desgraça nossa! Diz-lhe que uma mulher nua, despidorada, não entra aqui! [...]

Quando Deus criou a mulher, criou também a obstinação. E a Verdade continuou a alimentar o propósito de visitar um grande palácio. E havia de ser o próprio palácio em que morava o sultão Harum Al-Raschid. Cobriu as peregrinas formas de um couro grosseiro como os que usam os pastores e foi novamente bater à porta do suntuoso palácio em que vivia o glorioso senhor das terras muçulmanas. Ao ver aquela formosa mulher grosseiramente vestida com peles, o chefe dos guardas perguntou-lhe.

- Quem és?

- Sou a Acusação! - respondeu ela, em tom severo. Quero falar ao vosso amo e senhor, o sultão Harum Al-Raschid. Comendador dos Crentes. [Nova consulta ao grão vizir...]

- A Acusação? - repetiu o grão-vizir, aterrorizado. - A Acusação quer entrar neste palácio? Não! Nunca! Que seria de mim, que seria de todos nós, se a Acusação aqui entrasse! A perdição, a desgraça nossa! Diz-lhe que uma mulher, sob vestes grosseiras de um zagal, não pode falar ao Califa, nosso amo e senhor.

Quando Deus criou a mulher criou também o capricho. [...] Vestiu-se com riquíssimos trajes, cobriu-se com jóias e adornos, envolveu o rosto em um manto diáfano de seda e foi bater à porta do palácio em que vivia o glorioso senhor dos Árabes. Ao ver aquela encantadora mulher, linda como a quarta lua do mês de Ramadã, o chefe dos guardas perguntou-lhe: - Quem és?

- Sou a Fábula - respondeu ela, em tom meigo e mavioso. - Quero falar ao vosso amo e senhor, o generoso sultão Harum Al-Raschid, Emir dos Árabes! [...]

- A Fábula! - exclamou o grão-vizir, cheio de alegria. - A Fábula quer entrar neste palácio! Allah seja louvado! Que entre! Bem-vinda seja a encantadora Fábula: Cem formosas escravas irão recebê-la com flores e perfumes. Quero que a Fábula tenha, neste palácio, o acolhimento digno de uma verdadeira rainha! E abertas de par em par as portas do grande palácio de Bagdá, a formosa peregrina entrou.

E foi assim, sob o aspecto da Fábula, que a Verdade conseguiu aparecer ao poderoso califa de Bagdá, o sultão Harum Al-Raschid, Vigário de Allah e senhor do grande império muçulmano.

Como aplicamos os contos às nossas decisões? Pense-se, em um primeiro exemplo, na tendência à inércia e à acomodação a que todos os homens estão propensos: vamos deixando como está, pois é o que aparentemente requer menos esforço. Um banco e um gerente que, passados os anos, já não atendem nossos interesses de investimentos; um relacionamento de amizade que, passados os anos, já não tem a reciprocidade devida; etc. Mas por inércia mantemos essas situações inalteradas e, na rotina dos dias, não sabemos mais distinguir (*to tell*) um investimento (/ um relacionamento) bom de um inadequado. Ou, reciprocamente, empenhamo-nos por algo que não tem o menor interesse.

E então podemos nos lembrar de um conto, no caso uma piada de enorme potencial sapiencial, para iluminar nossas decisões: *Por que não fiquei a ver o Vasco?* Esse pequeno conto alerta para a falta de razão para algumas de nossas ações/omis-

sões. A piada é muito antiga, e a primeira versão que me lembro de ter ouvido é a seguinte:

Flamengo x Vasco, Maracanã lotado. De repente, plim-plom, o alto falante do estádio anuncia: “Atenção, senhor Manoel, favor dirigir-se imediatamente para Niterói: sua esposa acaba de sofrer um grave acidente com seu carro em frente à sua casa...”. O “conhecidíssimo figurante” sai correndo desesperado do estádio, atropelando um, pisando em outro e, esbaforido, pega um táxi. Pouco antes da ponte, pondera: “Mas... se eu não sou casado... não tenho carro... não moro em Niterói... não me chamo Manoel... *Por que não fiquei a ver o Vasco?*”

E ninguém menos do que João Guimarães Rosa, no primeiro prefácio de *Tutaméia*, dá à essa piada o status de tema de romance kafkaesco:

Siga-se, para ver, o conhecidíssimo figurante, que anda pela rua, empurrando sua carrocinha de pão, quando alguém lhe grita: “ – Manuel, corre a Niterói, tua mulher está feito louca, tua casa está pegando fogo!...” Larga o herói a carrocinha, corre, voa, vai, toma a barca, atravessa a Baía quase... e exclama : “ – Que diabo! eu não me chamo Manuel, não moro em Niterói, não sou casado e não tenho casa...”
Agora, ponha-se em frio exame a estorieta, sangrada de todo burlesco, e tem-se uma fórmula à Kafka, o esqueleto algébrico ou tema nuclear de um romance kafkaesco por ora não ainda escrito.

Os contos e a memória

Se esse sentido de recolher a experiência humana que pode nos orientar nas grandes (e pequenas...) decisões da vida é característica de toda a literatura, o conto (em seu sentido mais amplo de *mathal*) tem a vantagem pedagógica da memória: curto, incisivo, ele é mais facilmente lembrado.

Também porque é frequente o caso de contos, piadas, fábulas, parábolas etc. se reduzirem a uma sentença (do desfecho ou não) ou palavra e, nessa forma enxuta, virem a fazer parte do vocabulário geral. O que ajuda a memória, mas a longo prazo, pode contribuir para o esquecimento: talvez grande parte dos usuários nem suspeitam da saborosa história que está por trás de expressões como: amigo da onça; lágrimas de crocodilo; mãe coruja; longo e tenebroso inverno; nós, quem, cara pálida?; etc.

Consideremos esta última expressão, que consegue genialmente com quatro palavras dar conta de uma sutil e complexa situação.

A linguagem está muito ligada às gerações. Julián Marías acertadamente estabelece o espaço geracional, em termos de participação social, em 15 anos. Então, com a atual média de vida do brasileiro, convivem cinco gerações em nosso país. As distâncias de linguagem são por vezes acentuadas e se, por um lado, o bisavô não entende as gírias da garotada; por outro, os jovens usam cegamente as frases feitas dos mais velhos. E não é fácil prescindir delas. Como expressar rápida e eficazmente (o *amthal* tem esse aval), por exemplo, a vontade de A, em determinada situação, de abortar a tentativa do interlocutor, B, de envolver A em um problema que é só de B? E

mais: dando a entender, ainda por cima, a ironia de que B desfruta dos sucessos sozinho, mas na hora do aperto, quer dividir o problema com A, mas que desta vez B passou da conta?

Nosso exemplo ilustra muito bem o *gap* geracional de que estamos falando. A situação se resolve com a usadíssima expressão “Nós quem, cara pálida?” (“quem cara pálida” aparece, segundo o Google em 327000 sites! busca em 8-12-14).

Numa conversa entre pessoas de 60 anos, elas sabem muito bem a finíssima ironia e devastador conteúdo do que estão dizendo; mas e os adolescentes, que também se valem da expressão? No “**Yahoo – respostas**” encontramos a pergunta:

Qual a razão de se chamar o índio [sic] de “Cara Pálida”?

Até hoje não entendi isso... Que significado tem chamar o índio de “Cara Pálida”!?

Bjus e obrigada pelas respostas!!

(<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070312075324AAZ0sxz>, acesso em 26-12-11))

A geração da mocinha que indagava (e mesmo a de seus pais) nunca terá assistido a westerns de índios (os pele vermelhas em contraposição aos caras pálidas); mas há 50 anos esses filmes eram o pão de cada dia, no cinema e na TV. E, como todos os antigos se lembram muito bem, o Zorro não era (principalmente) o de capa e espada, mas um *ranger* mascarado.

Essa expressão “Nós, quem, cara pálida?”, procede de uma piada do início dos anos 60. A TV brasileira exibia o seriado do herói Lone Ranger, que, no Brasil, foi batizado de Zorro; um *ranger* sempre acompanhado de seu fiel e servil índio Tonto. Um dia Zorro e Tonto encontram-se encurralados por índios sioux de um lado; comanches, apaches e moicanos pelos outros lados. Quando acaba a munição, Zorro se lamenta: “Nós estamos perdidos, Tonto”. Tonto faz sua melhor pose de índio, capricha no sotaque e responde: “Nós, quem, cara-pálida?”.



Zorro revivido em 2013 por Johnny Depp.

Ainda quanto à função do conto auxiliar a memória e as decisões da vida, vale evocar, como exemplo, um grande clássico do budismo, no caso, ligado a uma única palavra mnemônica: a jangada.

A *jangada de Buda*. Quando mudo de casa, surge o problema: o que devo conservar; do que devo me desfazer? Há gente que guarda, por décadas, trastes que vão de aparelhos velhos de celular a livros que já não interessam ou móveis que eram do tempo em que os filhos ainda moravam com eles... Uma das mais célebres parábolas de Buda (Carrière 2004: p. 346) ajuda a decidir nesses casos (claro que, como frequentemente ocorre, a mesma parábola pode ser aplicada em diferentes contextos e

com mais ou menos amplitude – nesse caso, há interpretações que reivindicam um desapego até das coisas úteis e boas):

E assim, [Buda] deu o seguinte : exemplo: Um homem, viajando, chega à margem perigosa e assustadora de um rio de vasta extensão de água. Então vê que a outra margem é segura e livre de perigo. Pensa: “Esta extensão de água é vasta e esta margem é perigosa, aquela é segura e livre de perigo. Não há embarcação nem ponte com que eu possa atravessar. Acho que seria bom juntar troncos, ramos e folhas e fazer uma jangada com a qual, impulsionada por minhas mãos e meus pés, passe com segurança à outra margem”. Então esse homem executa o que imagina, utilizando-se de suas mãos e seus pés, e passa para a margem oposta sem perigo. Tendo alcançado a margem oposta, ele pensa: “Esta jangada me foi muito útil e me permitiu chegar a esta margem. Seria bom carregá-la à cabeça ou às costas onde quer que eu vá”. [...] – [Buda conclui:] Como agiria ele adequadamente em relação à jangada? Tendo atravessado para a outra margem, esse homem deveria pensar: “Esta jangada me foi de grande auxílio e graças a ela cheguei com segurança, agora seria bom que eu a abandonasse à sua sorte e seguisse o meu caminho livremente” (www.iccfh.net.br “Pensamentos Recolhidos em Textos Budistas e Zen-budistas” acesso em 10-01-12)

A antropologia subjacente ao conto

Uma dos principais valores pedagógicos dos contos é sua potencialidade para fecundas discussões antropológicas. Como dissemos, eles têm seu papel mediador entre o abstrato dos princípios e o concreto da ação.

Aqui daremos um par de exemplos.

O primeiro é sobre o difícil tema filosófico da voz média. Para apresentá-lo, permitimo-nos recolher alguns parágrafos de “A linguagem do agir”, Lauand (2014)

Na famosa sentença de Ortega, a circunstância é promovida ao nível do eu: “Eu sou eu e minha circunstância...”. E é que nem sempre temos domínio sobre nossas ações... Nem sempre imprimimos nossa límpida vontade a nossos atos. Por exemplo, ocorre muitas vezes que a decisão tem que ser tomada em fração de segundo, sem deliberação: em uma palestra da Soccerex 2012, comentava-se que um jogador de futebol toma cerca de 1350 decisões por jogo e o treinador quer prepará-lo, fazendo-o driblar cones (!?).

Também muito do que fazemos transcende o estreito binômio voz ativa / voz passiva, que a gramática quer impor a nosso modo de pensar. Estamos tão acostumados a considerar que o verbo só admite essas duas formas de voz que nem podemos imaginar uma terceira. Ativa e passiva - assim pensamos à primeira vista - esgotam todas as possibilidades (o que poderia haver além de “Eu bebi a água” e “A água foi bebida por mim”?). E como o pensamento está em dependência de interação dialética com a linguagem, o fato de nossa língua (como, em geral, as línguas modernas) não admitir uma terceira opção - a voz média, que

não é ativa nem passiva - constitui um grave estreitamento em nossas possibilidades de percepção da realidade.

A voz média é um rico recurso - encontrado por exemplo no grego - , que permite expressar (e perceber e pensar) situações de realidade que não se enquadram bem como puramente ativas nem como puramente passivas. Isto é, há ações que são protagonizadas por mim, mas que, na realidade, não o são em grau predominante: há tal influência do exterior e de outros fatores que não posso propriamente dizer que são plenamente minhas. O eu estende-se à circunstância... O latim se vale de verbos chamados depoentes precisamente para essas ações minhas mas que não são predominantemente minhas; eu as protagonizo, mas não sou senhor delas, estou condicionado fortemente por fatores que transcendem o eu e sua vontade de ação. É o caso, por exemplo, do verbo *nascor*, nascer (nascer-nascido). O verbo nascer, a rigor, não é ativo nem passivo: eu nasço ou sou nascido? Sim, certamente sou eu que nasço, mas estou longe de exercer de modo totalmente ativo e independente esta ação (“Com licença, eu vou nascer...”); e por isto o inglês usa nascer na passiva: *I was born...* O mesmo acontece, por exemplo com o morrer: a ação é minha, mas não o é... Com a perda da voz média, o português perdeu não apenas um recurso de linguagem, mas sobretudo um poderoso recurso de pensamento, de captação / expressão de imensas regiões da realidade. De fato, é uma violência para com a realidade que empreguemos, por exemplo, o verbo “surtar” como ativo: “O Giba é assim, ele surta a toda hora”. Como se o pobre Gilberto tivesse total controle sobre o que o faz surtar... As canções de Paulinho da Viola trabalham muito com a voz média. O samba “Timoneiro” - do qual procede o verso: “Não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar...” - é um maravilhoso exemplo dessas ações que o latim expressa por verbos depoentes. Não sou plenamente dono do meu navegar; quem me navega é o mar. “E o mar não tem cabelos que a gente possa agarrar...”. (Lauand 2014 <http://revistalingua.uol.com.br/textos/105/a-linguagem-do-agir-314954-1.asp>)

Com isto se diz, entre tantas outras coisas, que nem sempre nossas ações são plenamente conscientes e queridas. E mais, muitas vezes o expresso querer atrapalha a realização da ação: o despreocupar-se, o não querer (que não se confunde com o “querer que não”) são, em muitos casos, condições que favorecem a ação, como muito bem o sabem as pedagogias dos Orientes. Alguém que fica o tempo todo ocupado em “ser feliz”, compromete sua própria felicidade, que só pode ser obtida como “dom”, como algo que vem como fruto de uma sincera dedicação aos outros e esquecimento de si mesmo, como diz o Evangelho: Quem quiser salvar sua vida a perderá (Mt 16, 25; Mc 8,35; Lc 17, 33). Nada mais antipático do que alguém que busca – direta e expressamente – conquistar minha simpatia. Ninguém mais exposto a doenças psíquicas do que aquele que, neuroticamente, se ocupa o tempo todo em evitar a neurose. A originalidade de um texto é dom de de quem se ocupa simplesmente de escrever com verdade e da despreocupação para com a própria originalidade. E, para teminar, bastaria ver o altíssimo índice de pênaltis desperdiçados em decisões de campeonato, prejudicados pela pressão da vontade (“Não posso perder esse pênalti!”).

A gíria brasileira recolhe esse aspecto da voz média em uma expressão genial: “perder o rebolado”, que indica certa perda da espontaneidade numa ação. Só rebola

bem, quem não está preocupado em realizar bem esse ato. Todas essas discussões podem ser apresentadas em classe por meio do seguinte conto:

A centopeia e o sapo

Uma história chinesa relata uma pergunta realmente incômoda.

Uma centopeia vivia na mais perfeita tranquilidade, ocupando-se com seus muitos afazeres, até o dia em que um sapo, que costumava vê-la ir e vir, perguntou-lhe:

- Por favor, em que ordem você movimenta suas patas?

A centopeia entrou em seu buraco, profundamente perturbada pela pergunta feita pelo sapo. Pensou numa resposta possível, mas não conseguiu encontrá-la.

Ficou imobilizada na sua toca. Incapaz a partir de então, de movimentar suas patas, acabou morrendo de fome. (Carrière 2004, p. 306).

Um segundo exemplo provém de uma história bíblica. Muitos alunos cristãos e religiosos em geral podem ser ajudados em dimensionar o alcance “público” de sua fé, a partir do episódio da “casta Susana”.

Podem pautar a discussão os seguintes pontos. Sim, todo aquele que crê está legitimado em pedir luzes a Deus para suas decisões; mas o que não se pode é pretender avaliar com a autoridade divina posições meramente temporais. Seja como for, a iluminação sobrenatural deve ser, caso queiramos fazer uso público dela, de tal ordem que torne visíveis *para qualquer um* a realidade de que se trata. Outra atitude degeneraria em tirania, em teocracia.

Um exemplo que vem da própria Bíblia, nos ajudará a examinar esses casos. É o capítulo 13 do profeta Daniel. Dois anciãos, juízes (iníquos) de Israel, repelidos pela bela Susana em seus desejos lascivos, vingam-se levantando contra ela o falso testemunho de adultério: “Vimos um jovem assim, assim, adulterando com ela no jardim etc.”. Quando a multidão já está preparada para aplicar à casta Susana a pena de morte por apedrejamento, Deus inspira ao jovem Daniel (cujo nome, aliás, significa, juiz de Deus) a defesa da inocente. Mas Daniel não afirma em nenhum momento sua iluminação sobrenatural. Apresenta argumentos humanos, que todos podem comprovar e evidenciam a injustiça daquele processo: interroga em separado, diante do povo, os juízes iníquos: “Debaixo de que árvore ela estava adulterando?” e ante a disparidade de respostas, torna-se evidente que estavam mentindo.

A gravidade do problema torna-se evidente quando lançamos no debate o curioso registro de uso de material psicografado em tribunal do júri. O caso mais recente foi noticiado por O Estado de S. Paulo (21-03-14):

Carta psicografada é usada por defesa e júri absolve acusado por assassinato em Uberaba.

Uma carta psicografada foi usada durante um processo de homicídio e cujo julgamento foi realizado em Uberaba (MG) nessa quinta-feira. Para provar sua inocência, a defesa do réu Juarez Guide da Veiga usou trechos do que teria dito a vítima - João Eurípedes Rosa, o “Joãozinho Bicheiro”, como era conhecido, por meio de um médium. Na correspondência pós-morte, a vítima diz ter dado motivo para o crime ao agir com ódio e ignorância ao ver a ex-companheira em companhia de Juarez. (<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,acusado-de-matar-bicheiro-usa-carta-psicografada-da-vitima-e-e-absolvido,1143604>)

Outro tanto poderia ser questionado a propósito da prática de cirurgias por médiuns, o que equivale a uma dispensa do diploma de médico. Etc.

Mediação tecnológica e prática pedagógica.

Considerando-se as reflexões apresentadas e a sociedade globalizada em que vivemos na qual a era tecnológica, o computador, a rapidez do acesso às informações e a interação entre as pessoas se estabelecem em uma velocidade inacreditável e na qual, ao mesmo tempo, o jovem se apropria dessas ferramentas instantaneamente, é pertinente a inserção de recursos midiáticos nas práticas educacionais, bem como relacioná-las aos questionamentos e aprendizagens que as narrativas nos proporcionam, por serem mais que histórias e, sim, verdadeiros relatos de vida. Quanto aos recursos tecnológicos, eles promovem maior dinamicidade, uma vez que evidenciam um trabalho coletivo e criativo que interfere diretamente no crescimento e amadurecimento intelectual do educando, além de estimular a prática cognitiva. Segundo Moran (2006, p. 11): “Ensinar com as novas mídias será uma revolução, se mudarmos simultaneamente os métodos convencionais do ensino, que mantém distantes professores e alunos”.

Sendo parte dessa geração, a inclusão digital deve estar presente na rotina escolar do mesmo modo em que está na sociedade, pois a informática é indispensável para compreender o mundo, já que através do recurso virtual é possível ampliar o interesse, o conhecimento e a linguagem. Consequentemente, pode-se afirmar que as mídias trazem benefícios à prática pedagógica; se percebermos que os educandos interagem e desenvolvem trabalhos mais próximos de sua realidade, cabendo ao professor conduzir o percurso a ser explorado e/ou desenvolvido durante as aulas transformando-as em espaço de interação e aprendizagem.

Por outro lado, ao que tange aos recursos tecnológicos, normalmente, são, somente, utilizados como instrumentos que substituem a prática de ensino tradicional de maneira acrítica, sem direcionamento, debates e reflexões o que não enriquece e não estimula o desenvolvimento do educando.

Objetiva-se utilizar os recursos tecnológicos aliados ao desenvolvimento das competências leitora e escritora a fim de que se estabeleça maior interesse, satisfação e admiração pelo conhecimento, juntamente com as narrativas. Não se trata de descartar toda prática construída desde o início da humanidade, mas, sim, agregá-las às novas mídias, procurando despertar para o novo olhar, com interesses amplos sobre a essência e construção da vida, uma vez que esses recursos fazem parte do seu cotidiano, assim como as narrativas. Conforme Lauand (2012) “Se os alunos forem incapazes de ler o mundo, de ver o *mirandum* e, portanto, de vibrar com o conhecimento, sentir-se-ão cada vez mais deslocados na escola”

Sendo assim, a ferramenta chave neste processo educacional globalizado – a tecnologia, é um instrumento capaz de aproximar ideias e conceitos. Conforme Moran (1989 *apud* HERNÁNDES, 1998, p.37): “Essa perspectiva da globalização trata de unir o que está separado, estabelecendo novas formas de colaboração e de interpretação da relação entre o simples e o complexo”, a educação escolar deste século necessita de propostas de ensino inovadoras, que despertem um novo olhar na prática de aula e que se relacionam com a cibercultura.

Segundo Silva (2004, p. 4), cibercultura é o “conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores, que se

desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”, os meios tecnológicos inserem-se amplamente em nosso cotidiano e passam a fazer parte da prática social. No espaço educacional, deve ser desenvolvido gradativamente, seja através de pesquisas, jogos lúdicos, produções de vídeos, elaborações de blogs, utilização de *power-point*, entre outros. Essa interação acontece muitas vezes de forma espontânea, uma vez que a tecnologia está inserida no cotidiano. Corrobora Lemos (1997, p. 8) “Podemos ver no ciberespaço um hipertexto mundial interativo, onde cada um pode adicionar, retirar e modificar partes desse texto vivo, dessa inteligência coletiva[...] assim, o educando se torna o protagonista do processo educacional e do espaço social de interação e aprendizagem.”

Outro fator em destaque se dá em decorrência da leitura de textos que apresentam *links* de hipertexto. Neste caso, há uma sequenciação que reporta a outros textos e ampliam o conhecimento, promovendo interações intertextuais e extratextuais. Segundo Lévy (1999, p. 61) “aquele que participa da estruturação de um hipertexto, do traçado pontilhado das possíveis dobras de sentido, já é um leitor”. Sendo assim, é possível reconhecer diferentes formas de produção de sentido, o que conduzirá ao senso crítico, argumentativo e reflexivo, ampliando o conhecimento de mundo e o espaço social ao qual o educando está inserido, a partir do momento em que se estabelece a interatividade.

Segundo Lemos (1997), a interatividade é uma relação dialógica entre o homem e a técnica e, em decorrência do meio e da época, há vários níveis de interatividade⁸³. Pensando na prática docente, pode-se considerar, também, que muitas são as possibilidades de aulas interativas, vale ressaltar que, desde que se concretize o debate, a oralidade, a reflexão, o questionamento e a aprendizagem, até mesmo a lousa é viável; mas é inquestionável a utilização de CMC⁸⁴ durante as aulas, pois estimulam os alunos às pesquisas, práticas diferenciadas, novas técnicas e, além do mais, é uma ferramenta muito próxima aos interesses dos educandos e se fazem pertinentes na prática docente e social. É um novo paradigma a ser desvendado, conscientes de que aprender “comunicar não é simplesmente transmitir”, mas sim uma troca de comunicação onde há um emissor e um receptor e uma troca dialógica.

Não se trata de descartar instrumentos utilizados até então, pois estes têm sua importância enraizada no processo, mas inserir no espaço escolar a mídia digital e disponibilizar recursos que ofereçam múltiplas informações, como: imagens, sons, textos, hipertextos, frames, atividades de pesquisas, filmes, TV, rádios, mixagens, multimídias, é importante para promover situações de aprendizagem que despertem e estimulem o conhecimento dos educandos, através da autonomia que lhes conduzam aos mais variados caminhos de aprendizagem. Conforme Lévy (1999, p. 16):

O novo dilúvio não apaga as marcas do espírito. Carrega-as todas juntas. Fluida, virtual, ao mesmo tempo reunida e dispersa, essa biblioteca de Babel não pode ser queimada. As inúmeras vezes que ressoam no ciberespaço continuarão a se fazer ouvir e a gerar respostas. As marcas deste dilúvio não apagarão os signos gravados: são inundações de signos.

⁸³ Participação-intervenção; bidirecionalidade-hibridação; permutabilidade-potencialidade.

⁸⁴ CMC – Comunicação mediada por computadores.

Sendo assim, é preciso conduzir os alunos à construção do conhecimento, seja através de recursos já utilizados pelo método tradicional, seja com a inserção da cibercultura e da interatividade, e, preferencialmente, com prazer, estímulo e admiração; nortear o processo de busca é primordial. Lemos (1997), afirma que há a necessidade de produção de novos discursos, de novas narrativas. O processo educacional pode ser o grande ponto de partida, porque promover um trabalho com recursos tecnológicos e semióticos em união com os contos é ter como possibilidade a formação de um aluno consciente do uso linguístico e capaz de transformar as informações em saberes que sejam úteis para sua vida.

Por conseguinte, podem desenvolver os saberes essenciais para a sua formação. Conforme Coll & Martín (2004, p. 89) os três tipos de saberes essenciais para o desenvolvimento intelectual e social do educando são: “conhecimento linguísticos (saber que), habilidades para usar (saber como) e saberes de atitudes e axiológicos (saber ser)”. Para tanto, que o aluno compreenda os gêneros narrativos e suas diversidades quanto à hibridização, relacionando com sua vivência e perceba que a leitura é essencial para repertoriar a escrita.

Assim, é primordial a aceitação dos novos meios que nos são apresentados, reconhecendo a língua com sua concepção social e como um organismo vivo que se concretiza através do uso em diferentes espaços sociais, e, a partir daí, promover um ensino de qualidade que permeie o processo de formação escolar para a vida, sem deixar de valorizar a cultura universal, desde a antiguidade até a modernidade.

Para tanto, talvez consigamos resgatar valores do passado a partir das narrativas, desde a antiguidade até a atualidade, desenvolvendo indagações e o próprio pensamento de forma crítica, com ênfase na admiração, “É pelo abalo da admiração que surge a questão filosófica, que longe de afastar-se da realidade quotidiana, volta-se para ela sob um ângulo não-quotidiano, posto à luz do abalo admirativo” (LAUAND, 2012, p. 6). Paralelamente ao prazer e ao gosto pela leitura que se estabeleça uma conexão com os recursos tecnológicos tão presentes na vida e na modernidade, e, assim, direcionar o educando à maturidade, à conquista da autonomia de pensamento e à emancipação social e, ainda, a um dos abalos filosóficos.

Referências Bibliográficas

- CARRÈRE, J. C. **O Círculo dos Mentirosos**. Contos Filosóficos do Mundo Inteiro. São Paulo: Códex, 2004.
- COLL, C.; MARTÍN, E. (colaboradores). **Aprender Conteúdos & desenvolver Capacidade**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- HERNÁNDES, F. **Transgressão e mudança na educação**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- LAUAND, J. **Provérbios e Educação Moral**. São Paulo: Hottopos, 1997.
- _____. **A linguagem do agir**. (2014) <http://revistalingua.uol.com.br/textos/105/a-linguagem-do-agir-314954-1.asp>.
- _____. (2012) **Abalo filosófico e afins. Por uma Pedagogia da Admiração**. Disponível em: <http://www.hottopos.com/isle10/23-34Jean.pdf> acesso em 18/12/2014.
- LEMONS, André. **Anjos interativos e retribalização do mundo: sobre interatividade e interfaces digitais**. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemons/interativo.pdf> - 1997. acesso em 16/12/2014.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos I. Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papyrus, 2006.
ROSA, J. G. **Tutaméia**. 8ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
SILVA, Marco. Indicadores de interatividade para o professor presencial e on-line. Revista Diálogo Educacional, vol.4, num.12, maio-agosto, 2004, pp.1-17. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Paraná, Brasil
TAHAN, M. **Minha vida querida**. 18ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
<http://www.iccfh.net.br> “Pensamentos Recolhidos em Textos Budistas e Zen-budistas” acesso em 10-01-12.

Convenit Internacional 13 setembro-dezembro 2013
CEMOrc-Feusp / IJI - Univ. do Porto / FIAMFAAM – Comunicação Social

“Deuses no fogão” – o corpo na visão de mundo de Adélia Prado

Jean Lauand
Wesley Adriano Martins Dourado⁸⁵

Resumo: Na cultura ocidental prevaleceu a dicotomia alma / corpo, estabelecendo uma hierarquia que afirma a alma como o verdadeiramente humano, em detrimento do corpo e da matéria. Adélia Prado inscreve-se em outra tradição – de Heráclito e Tomás de Aquino a Merleau-Ponty – que situa o corpo como fundamental para o humano e para a arte.

Palavras Chave: Body. Merleau-Ponty. Aquinas. Adelia Prado.

Abstract: In Western culture there is a tradition which emphasizes the dichotomy between soul and body, setting a hierarchy that considers soul in a position superior to body, often seen as an obstacle for spiritual growth: human growth. In Adelia Prado works we find another tradition, from Heraclitus and Aquinas to Merleau Ponty: body in the very fundamentals of human being and arts.

Keywords: Body. Merleau-Ponty. Aquinas. Adelia Prado.

Uma dona de casa que faz poesia?

A mineira Adélia Prado (que abreviaremos por AP), nascida em Divinópolis em 13/12/1935, é, atualmente, um dos maiores – se não o maior – nomes da poesia nacional (e também escreve prosa de alta qualidade). Uma simples busca de seu nome no Google dá como resultado, hoje, cerca de 400.000 sites. Mas, mais importante do ponto de vista acadêmico, é que a busca por “Adelia Prado” no Sistema JSTOR, referência acadêmica em todo o mundo, apresenta 57 estudos acadêmicos internacionais sobre AP; enquanto, por exemplo, outro grande poeta vivo, Manoel de Barros, conta com somente 15; Carlos Nejar, 19; e Ferreira Gullar, 98 .

Embora sua obra não seja ainda muito extensa, há um grande impacto de AP na educação: por um lado, pela profundidade de seus poemas e de sua prosa, que convocam a reflexão filosófica e teológica; e, por outro, por admitirem “leitura fácil”, “aptos para a sala de aula”, uma poeta que já foi considerada “uma dona de casa que faz poesia”, como ela mesma declara em entrevista a Lauand (1999):

⁸⁵. Mestre e [atualmente doutor] do Programa de Pós Graduação em Educação da Univ. Metodista de São Paulo.

Eu fui, digamos, classificada, muitas vezes, como uma dona de casa que faz poesia. Quando “Bagagem” saiu, em 1976, eu ouvia: “O que? uma dona de casa, você faz as coisas em casa mesmo? você tem filhos? Ah é? Que coisa, hein? Pois é...”. Então ficou mais ou menos assim: “ela fala do cotidiano, sabe?”. Mas, onde é que estão os grandes temas? Para mim, aí é que está o grande equívoco. O grande tema é o real, o real; o real é o grande tema. E onde é que nós temos o real? É na cena cotidiana.

Todo mundo só tem o cotidiano e não tem outra coisa. Eu tenho este corpo que eu carrego (ou ele me carrega... o burro) e a vidinha de todo dia com suas necessidades mais primárias e irreprimíveis. É nisso que a metafísica pisca para mim (risos) e a coisa da transcendência: quer dizer: a transcendência mora, pausa nas coisas... está pousada ou está encarnada nas coisas. Então não há o que dizer: não adianta você querer escolher grandes temas; é o grande tema que escolhe, isso é um lugar comum, todo autor fala disso, mas realmente é assim: você é escolhido... Que que é o grande tema? é o real. E o real configurado no amor, na morte, nas mais diversas paixões que nos habitam e nas virtudes também. Então eu não vejo onde é que eu busco poesia... ela já está - o Reino já está no meio de vós...

Nesse pequeno trecho citado já se anunciam os temas adelianos, objeto de nossas pesquisas: a “metafísica” do cotidiano de AP e sua antropologia, que tanto valoriza o corpo. Tudo isso subjaz à sua obra e requer um esforço sistemático de articulação, que permitirá uma reflexão sobre filosofia da educação.

A conhecida sentença de Fichte “A filosofia que se escolhe depende do homem que se é”, pode, *mutatis mutandis*, aplicar-se à poesia. Claro que – em um e outro caso – não se trata de “escolher” como quem escolhe frutas no mercado, mas de pressupostos que toda proposta filosófica/poética traz consigo, implicitamente e, talvez, nem sempre conscientes, até mesmo para quem as realiza. No caso da obra poética, a “escolha” remete a uma “visão de mundo” que, certamente não é alheia à antropologia filosófica: a uma concepção de homem. AP não é uma exceção; muito pelo contrário: sua obra edifica-se sobre uma base filosófica (e religiosa).

AP, como é bem sabido, é profundamente católica, mas profundamente crítica em relação a estereótipos “católicos” do senso comum. Também em relação ao corpo.

Neste e em futuros trabalhos procuraremos identificar essa antropologia subjacente à obra de AP, que coincide em grande medida com a explicitada pelo filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper (1904-1997) e entra em diálogo com Merleau-Ponty. Discutir seu significado e alcance, e identificar as linhas que dela decorrem para a filosofia da educação é o objetivo deste trabalho.

AP e Josef Pieper

Uma primeira chave para a compreensão da obra de AP nos é dada por Pieper (2007, p. 7), ao indicar que a questão “o que é filosofar?” (e também “o que é fazer

poesia?") dá acesso privilegiado ao ser do homem. Assim, analisando o ato filosófico e o ato poético, podemos estabelecer uma antropologia.

Inicialmente, e é um ponto especialmente importante, ambos os atos têm seu princípio na admiração. Pieper (2007) põe como epígrafe de seu livro a afirmação de Aristóteles e Tomás de Aquino de que o filósofo e o poeta se assemelham porque ambos têm seu princípio no *mirandum*: naquilo que suscita admiração.

Esse princípio, evidente para os clássicos, não deve ser mal entendido: em ambos os casos, a genuína admiração não se volta para o estapafúrdio, mas para o simples cotidiano: uma simples pedra, como a que convoca a reflexão de Sartre em "A náusea", ou os poemas de Drummond ou AP:

De vez em quando Deus me tira a poesia.
Olho pedra e vejo pedra mesmo (Prado 1991, p.199)

Se o princípio do filosofar/"poetar" é a admiração, seu fim é a *theoria* (Pieper 2007, cap. 3), entendida em seu sentido original de olhar de contemplação. A própria AP expressa isso (in Lauand 1999):

Você falou que o que há de comum entre o filósofo e o poeta é o *mirandum* e isso eu traduzo por *miração*. E eu acho que é isto mesmo: quando a gente está apaixonado, quando a gente experimenta a paixão, você quer segurar a pessoa e falar: "Fica na minha frente para eu te olhar...". Não precisa nem casar, é só olhar, é só olhar...". Tenho um poema em que eu acho que dei conta de falar isso, "A Terceira via":

Meu espírito - que é o alento de Deus em mim - te deseja
pra fazer não sei o que com você.
Não é beijar, nem abraçar, muito menos casar
e ter um monte de filhos.
Quero você na minha frente, extático
- Francisco e o Serafim, abrasados -,
e eu para todo o sempre
olhando, olhando, olhando...

Esse olhar, porém, não consegue compreensão cabal da realidade, que sempre permanece como mistério (Pieper 2007), como AP expressa, por exemplo, em seu poema "Acácias":

Acácias

Minha alma quer ver a Deus.
Eu não quero morrer.
Quero amar sem limites

E perdoar a ponto de esquecer-me
Radical, quer dizer pela raiz
O perdão radical gera alegria
Exorciza doenças, mata o medo
Dá poder sobre feras e demônios
Falo. E falo é também membro viril,
Todo léxico é pobre,
Idiomas são pecados;
Poemas, culpas antecipadamente perdoadas
Eis, esta acácia florida gera angústia
Para livrar-me, empenho-me
Em esgotar-lhe a beleza
Beleza importuna,
Magnífica insuficiência,
Porque ainda convoca
O poema perfeito.
(in Lauand 1999)

Nesse quadro emerge o corpo, a realidade material e o cotidiano como os grandes temas de AP e o fundamento mesmo de sua obra, justamente denominada “mística do cotidiano”.

Falar e calar na mística adeliana

Seu último livro (Prado 2010), *A duração do dia*, é mais um livro de poesia, com essa sua mística, a ligação com Deus por meio da realidade simples de todo dia e do dia-a dia. Ao final do poema “Aqui tão longe”, após um flagrante do bairro pobre...:

O sol da tarde finando-se,
ao cheiro de lenha queimada
todos se vão à fogueira
dançar em volta das chamas
para um deus ainda sem nome,
um medo lhes protegendo,
um ritmo lhes ordenando,
jarro, caneca bacia,
cama, coberta, desejo
que amanhã seja outro dia...

...Adélia conclui:

igual a este dia, igual,
igual a este dia, igual. (Prado 2010, pp. 21-22)

Não estamos longe daqueles outros versos de *Poesia Reunida*:

Minha mãe cozinhava exatamente
arroz, feijão-roxinho, molho de batatinha
Mas cantava (Prado 1991, p. 151).

Ou dos de “Mural”, de *Oráculos de Maio*, “a rotina perfeita é Deus”:

Mural

Recolhe do ninho os ovos
a mulher
nem jovem nem velha,
em estado de perfeito uso.
Não vem do sol indeciso
a claridade expandindo-se,
é dela que nasce a luz
de natureza velada,
é seu próprio gosto
em ter uma família,
amar a aprazível rotina.
Ela não sabe que sabe,
a rotina perfeita é Deus:
as galinhas porão seus ovos,
ela porá a sua saia,
a árvore a seu tempo
dará suas flores rosadas.
A mulher não sabe que reza:
que nada mude, Senhor. (Prado 1999, p.39)

A particular sensibilidade para a presença de Deus no cotidiano aproxima AP de uma corrente da tradição ocidental, que inclui Heráclito e Tomás de Aquino (o que deixa a anos-luz de distância o estereótipo tolo de rotular AP como “dona de casa que faz poesia” ou “poeta do cotidiano”, em sentido chato).

Aliás, Adélia em suas entrevistas tem se referido explicitamente a Tomás; e recentemente tem destacado a famosa experiência mística do Aquinate, que o levou ao silêncio, desde o dia de São Nicolau de 1273, data a partir da qual ele simplesmente se recusou a continuar escrevendo... Silêncio que, para Tomás (e Adélia) é o cume da perspectiva negativa (*philosophia negativa*, *theologia negativa*) da tradição mística de Pseudo Dionísio Areopagita.

Em entrevista a Edney Silvestre (“Espaço Aberto – Literatura”, exibida na Globo News, dezembro de 2010), em Ouro Preto, em torno a uma mesa de café e pão de queijo, Adélia traduz em mineirês o pensamento de Tomás:

Eu acho que o *falatório* da gente – o falatório da filosofia, o falatório das artes, as própria línguas – são uma forma de atingir esse silêncio... divino, onde não há mais necessidade de palavras... é um descanso, né? [... A palavra, a as artes, os ritos, a liturgia, essa nossa vida simbólica...] é para atingir, a meu ver, o momento supremo da adoração, a criatura e

o Criador... eu não preciso falar mais nada, Ele já entendeu e eu já entendi, né? Até chegar lá, nós precisamos disso; eu não falo “muleta” porque muleta é uma palavra ruim e isso tudo é bonito demais [...] A beleza é a pegada dEle na brutalidade das coisas e isso que para mim é poesia. A poesia e toda arte verdadeira revelam para nós: o real. [...] Esse pão de queijo aqui, ó, que eu vou comer e sentir o sabor disto; isso, para mim, é que a coisa mais impressionante da arte: eu preciso da mentira da ficção para poder mostrar o que é de verdade. A Bíblia é uma ficção – com suas parábolas, mitos... – para mostrar algo que essa ficção está sustentando. Porque se a revelação fosse feita nessa linguagem vagabunda, que nós estamos tendo aqui, agora, ela não tinha se sustentado...

É notória a semelhança com a *theologia negativa* de Tomás de Aquino⁸⁶. Por exemplo: quando Tomás discute a conveniência de que Deus se revele por metáforas na Sagrada Escritura (I, 1, 9), ele chega a dizer que, no caso do discurso sobre Deus, é mesmo uma necessidade: “Como diz Dionísio: é impossível o raio divino iluminar-nos a não ser circunvelado por diversos véus sagrados”. E ante a objeção de que as metáforas sobre Deus valem-se de comparações com corpos vis, para Tomás isto é até bom porque mostra que não estamos falando com propriedade de Deus e:

É mais adequado ao conhecimento que temos de Deus nesta vida; pois dEle, é-nos mais manifesto o que Ele não é, do que o que é. E, assim, quanto mais afastado de Deus é o termo de comparação, mais nos damos conta de que Deus transcende o que dEle dizemos ou pensamos (ad 3).

Os deuses no fogão

Para nos aproximarmos da relação entre Deus e o cotidiano e, mais ainda, entre Deus e o trivial, devemos remontar a um emblemático episódio, protagonizado por um grande pensador nos alvares da filosofia, Heráclito de Éfeso. O episódio é narrado por Aristóteles⁸⁷:

Diz-se que Heráclito assim teria respondido aos estranhos vindos na intenção de observá-lo. Ao chegarem, viram-no aquecendo-se junto ao forno. Ali permaneceram, de pé (impressionados sobretudo porque) ele os encorajou (eles ainda hesitantes) a entrar, pronunciando as seguintes palavras: “Mesmo aqui os deuses também estão presentes” (apud Heidegger 1998, p. 22)

Em vez do “sábio” por eles imaginado, imerso nas profundezas do pensamento, investigando os segredos da divindade, esses visitantes decepcionados encontram Heráclito prosaicamente aquecendo-se junto ao fogão. E o filósofo tem que instruir esses curiosos desavisados:

⁸⁶ Cf. p. ex. Pieper, Josef *Luz Inabarcável - o Elemento Negativo na Filosofia de Tomás de Aquino* <http://www.hottopos.com/convenit/jp1.htm>

⁸⁷ *De part. anim.*, A5 645 a 17 e ss.

Mesmo aqui, junto ao forno, mesmo neste lugar cotidiano e comum onde cada coisa e situação, cada ato e pensamento se oferecem de maneira confiante, familiar e ordinária; “mesmo aqui”, nesta dimensão do ordinário, os deuses também estão presentes. A essência dos deuses, tal como apareceu para os gregos, é precisamente esse aparecimento, entendido como um olhar a tal ponto compenetrado no ordinário que, atravessando-o e perpassando-o, é o próprio extraordinário o que se expõe na dimensão do ordinário (Heidegger 1998, pp. 23-24).

Se a filosofia, tal como a arte, tem a missão de recordar os “essenciais esquecidos”, esse episódio, mesmo em sua interpretação superficial, já teria o imenso mérito de lembrar a presença de Deus no cotidiano. O alcance do posicionamento de Heráclito é, porém, ainda mais profundo e a análise de Heidegger chega a uma conclusão muito mais forte, e como ele mesmo diz: “curiosa”. É o que, em português, podemos expressar, lendo o “*mesmo aqui*” de Heráclito, como “*aqui mesmo*”!

E é que, no fundo, Heráclito não diz “Mesmo aqui estão os deuses”, mas sim: “É *aqui mesmo* que estão os deuses”. Aqui mesmo: junto ao forno, que aquece e que dá o pão, no trivial do cotidiano:

Quando o pensador diz “Mesmo aqui”, junto ao forno, vigora o extraordinário, quer dizer na verdade: *só aqui* há vigência dos deuses. Onde realmente? No inaparente do cotidiano.

E Heidegger prossegue:

Não é preciso evitar o conhecido e o ordinário e perseguir o extravagante, o excitante e o estimulante na esperança ilusória de, assim, encontrar o extraordinário. Vocês devem simplesmente permanecer em seu cotidiano e ordinário, como eu aqui, que me abrigo e aqueço junto ao forno. Não será isso que faço, e esse lugar em que me aconcho, já suficientemente rico em sinais? O forno presenteia o pão. Como pode o homem viver sem a dádiva do pão? Essa dádiva do forno é o sinal indicador do que são os *theoi*, os deuses. São os *daíontes*, os que se oferecem como extraordinário na intimidade do ordinário (Heidegger 1998, p. 24).

E a arte faz-nos ver (ou entrever...) e lembrar essa realidade transcendente no inaparente do cotidiano e, sem ela, recaímos na cotidiana desolação, como AP expressa no já citado verso:

De vez em quando Deus me tira a poesia.
Olho pedra e vejo pedra mesmo.

Nesse verso genial, encontram-se, de modo maximamente resumido, os elementos essenciais (e sua inter-conexão) de que estamos falando: Deus-inspiração-cotidiano-arte.

É pela mão do artista que, também nós, os não artistas, podemos ver esse *plus*, para além da mera pedra. Tal como o sábio Heráclito, encontramos a poeta Adélia na cozinha:

A Escrivã na Cozinha

Só Deus pode dar nome à obra completa
– a de nossa vida, explico – mas sugiro
Ao meio-dia um rosal,
Implica sol, calor, desejo de esposais,
a mãe aflita com a festa,
pai orgulhoso de entregar sua filha
a moço tão escovado.
Nome é tão importante
Quanto o jeito correto de se apresentar a entrevistas.
Melhor de barba feita e olho vivo,
Ainda que por dentro
tenha a alma barbada e olhos do sono.
Sonhei com um forno desperdiçado calor.
eu querendo aproveitá-lo pra torrar amendoim
e um pau roliço em brasa.
Explodiria se me obrigassem a caminhar por ele.
Ninguém me tortura, pois desmaio antes.
A beleza transfixa,
as palavras cansam porque não alcançam,
e preciso de muitas pra dizer uma só.
Tão grande meu orgulho, parece mais
o de um ser divino em formação.
Neurônios não explicam nada.
Psicólogos só acertam se me ordenam:
Avia-te para sofrer – conselho pra distraídos –,
cristãos já sabem ao nascer
que este vale é de lágrimas. (Prado 2010, pp. 25-26)

É grato notar que a poesia de Adélia tem plena consciência do quotidiano como objeto de transcendência. Em outra entrevista, a poeta declarava:

Onde é que estão os grandes temas? Para mim, aí é que está o grande equívoco. O grande tema é o real, o real; o real é o grande tema. E onde é que nós temos o real? É na cena cotidiana. Todo mundo só tem o quotidiano e não tem outra coisa. Eu tenho esta vidinha de todo dia com suas necessidades mais primárias e irreprimíveis. É nisso que a metafísica pisca para mim. E a coisa da transcendência, quer dizer: a transcendência mora, pousa nas coisas... está pousada ou está encarnada nas coisas (Prado 1997, pp. 23-24).

Que fazem as artes, senão guiar nosso olhar para esse “*plus*”: a pedra não é uma prosaica pedra, ou melhor, sendo pedra - e precisamente por ser - é muito mais que pedra... É, como diz Adélia em outro verso, a “magnífica insuficiência” a convocar a arte.

Criação, Encarnação e a mística do cotidiano – Adélia Prado

A relação entre as visões de mundo de Adélia e Tomás, remete à doutrina da participação deste.

A doutrina da participação é a resposta de Tomás ao enorme desafio lançado pela revelação cristã: que não admite um Deus confundido panteisticamente com o mundo, nem um Deus absolutamente alheio a ele. As coisas se complicam quando, além do mais, afirma-se que “o Logos se fez carne e habitou entre nós”. Se já pela Criação, temos uma interface pela qual as coisas do mundo manifestam a presença de Deus, pela Encarnação, Cristo encabeça toda a realidade criada e a incorpora a seu plano redentor. Como se lê em Col 1,15 e ss.:

Ele, o Primogênito de toda criatura, porque nEle foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra; as visíveis e as invisíveis... tudo foi criado por Ele e para Ele. Ele é antes de tudo e tudo nele subsiste. Ele é a cabeça da Igreja, que é o seu Corpo. Ele é o Princípio, o Primogênito, que tem em tudo a primazia, pois nEle aprouve a Deus reconciliar por Ele e para Ele todos os seres, os da terra e os dos Céus...

Certamente, o fato de a arte remeter a Deus é mais facilmente aceitável quando estamos diante da beleza pura. As musas são um dom da divindade: não é por acaso que, naturalmente, instintivamente, o homem tende a evocar Deus quando a beleza inesperada ou intensa arranca-o do marasmo quotidiano! “Meu Deus! Quanta beleza...” exclama o poeta⁸⁸ e com ele - consciente ou inconscientemente - todos os artistas e todos os que contemplam o belo. Mas, Deus é o autor de toda a Criação e a epístola aos Colossenses fala da reconciliação de *toda* a realidade. É o mistério que é expresso na mística de AP, que encontra a Deus não só nas maravilhas das belezas manifestas da natureza, mas até nas situações mais prosaicas: das tripas de peixe ao sebo das peças de frigorífico:

“Tia Zina a esta hora começa a ficar insuportável, vai me aporrinhar para valer. Mudei em alguma coisa, sim. Tempos atrás pedia, tira meu medo, Deus. Hoje, digo, estou com medo, meu Pai, me abraça (...) Sabina deixou um recorte de jornal debaixo da minha porta: APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA EM MINAS GERAIS! É gozação dela comigo, porque a vidente tem o mesmo nome meu e ela pensa que eu vou sair correndo para ver a aparição. Boba. Nossa Senhora está na minha casa é me esperando, pra me ajudar a dar banho em tia Zina, sem fazer careta. Sabina emprega muito mal a palavra ‘mística’. Tivesse ela que dar banho em tia Zina, descobriria com quanta água e sabão se faz um santo. Falo sem soberba, não quero menos”. (Prado 2001, pp. 79-80)

A Poesia, a Salvação e a Vida

Seo Raul tem uma calça azul-pavão
e atravessa a rua de manhã
pra dar risada com o vizinho.

⁸⁸ Castro Alves, “*Sub Tegmine Fagi*”.

Negro bom.
O azul da calça de seo Raul
parece pintado por pintor;
mais é uma cor que uma calça.
Eu fico pensando:
o que é que a calça de seo Raul
tem que ver com o momento
em que Pilatos decide a inscrição
JESUS NAZARENUS REX JUDEORUM.
Eu não sei o que é,
mas sei que existe um grão de salvação
escondido nas coisas deste mundo.
Senão, como explicar:
o rosto de Jesus tem manchas roxas,
reluz o broche de bronze
que prende as capas nos ombros dos soldados romanos.
O raio fende o céu: amarelo-azul profundo.
Os rostos ficam pálidos, a cor da terra,
a cor do sangue pisado.
De que cor eram os olhos do centurião convertido?
A calça azul de seo Raul
pra mim
faz parte da Bíblia.
(Prado 1991, p. 216)

Duas Horas da Tarde no Brasil

(...) Frigoríficos são horríveis
mas devo poetizá-los
para que nada escape à redenção
Frigorífico do Jibóia
Carne fresca
Preço jóia
(Prado 1991, p. 326)

A Necessidade do Corpo

Nenhum pecado desertou de mim
Ainda assim eu devo estar nimbada
Porque um amor me expande.
Como quando na infância
Eu contava até cinco para enxotar fantasmas,
beijo por cinco vezes minha mão.
Este é meu corpo,
corpo que me foi dado
para Deus saciar sua natureza onívora.

Tomai e comi sem medo,
Na fímbria do amor mais tosco
Meu pobre corpo
É feito corpo de Deus. (Prado 2010, p. 28)

Casamento

Há mulheres que dizem:
Meu marido, se quiser pescar, pesque,
mas que limpe os peixes.
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.
É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
de vez em quando os cotovelos se esbarram,
ele fala coisas como ‘este foi difícil’
‘prateou no ar dando rabanadas’
e faz o gesto com a mão.
O silêncio de quando nos vimos a primeira vez
atravessa a cozinha como um rio profundo.
Por fim, os peixes na travessa,
vamos dormir.
Coisas prateadas espocam:
somos noivo e noiva. (Prado 1991, p. 252)

De fato, quem afirme com o cristianismo que o mundo é Criação, que Deus é criador também da matéria, deve afirmar o caráter maravilhoso de cada coisa criada, que nos convida à contemplação de Deus.

Mas, por outro lado, essa mesma criatura que nos enleva, pode também produzir um efeito depressivo, nos remeter ao nada; o nada, a partir do qual ela foi criada. É isto o que Pieper, comentando o pensamento de Tomás, chama de “transtorno bipolar” ou “psicose maníaco-depressiva”⁸⁹, “psicose” que é a normalidade do homem comum, que se põe em contato com o ser, que se põe a filosofar (/poetar) e sofre um efeito muito perturbador: por um lado, uma euforia extrema, porque encontra a beleza e a verdade de Deus no mundo, e por outro, de uma profunda depressão – é neste sentido que Santo Tomás entende o “bem aventurados os que choram”. Para Santo Tomás, o dom da Ciência, do Espírito Santo, é exatamente perceber o nada deste mundo que, ao mesmo tempo, encanta porque participa do ser de Deus. Isto é bastante atual: esta consciência existencial do nosso nada, ao mesmo tempo portadora de uma luz de esperança, já que a criatura procede de Deus, e afinal de contas, em cada ente, em cada pessoa encontramos luz e glória, faz-nos ver que o mundo afinal não está perdido, porque procede de Deus e por Ele foi redimido.

⁸⁹ Para este e demais temas do parágrafo, cf. Lauand, J. “Transtorno Bipolar: a Normal ‘Patologia’ de Tomás de Aquino” <http://www.hottopos.com.br/mirand9/bipolar.htm>

Essa situação de “normalidade psicótica” do homem foi também notavelmente expressa por AP no já citado poema desgarrado, “Acácias”⁹⁰, que fala do transtorno - , angústia - ante a beleza de uma criatura, uma simples acácia que seja.

AP coincide exatamente com essa doutrina tomásio-pieperiana da bipolaridade e, em total identificação, chega mesmo a falar em “alma ciclotímica”:

De profundis

Quando a noite vier e minh'alma ciclotímica
afundar nos desvãos da água sem porto,
salva-me.

Quando a morte vier, salva-me do meu medo,
do meu frio, salva-me,

ó dura mão de Deus com seu chicote,

ó palavra de tábua me ferindo no rosto. (Prado 1991, p. 72)

A clave: a doutrina da *participatio* em Tomás

Examinemos mais de perto a doutrina da participação, fundamento da visão de mundo de AP.

A doutrina da criação como participação traz consigo uma tensão dialética própria, entre o aspecto positivo e o negativo da dualidade da participação: a criatura participa, sim, do ser; mas a partir do nada: “Deus, que distribui todas suas perfeições entre as coisas é-lhes semelhante e, ao mesmo tempo, dessemelhante”. A mesma pedra que traz para nós, pelo olhar do artista, um *plus* - participa do ser e da bondade e da beleza de Deus - nos remete também a um *nihil*, ao nada, a partir do qual ela foi feita. Naturalmente, o aspecto mais evidente, em geral, nas artes, é o positivo, o da participação na beleza.

O mesmo Heráclito afirma que é um mesmo e único caminho que sobe e desce. A obra de arte nos leva pelo caminho que sobe porque, antes, o artista rastreou a beleza no caminho que desce: da beleza divina ao trivial do quotidiano.

Não pretendemos aqui mais do que indicar brevemente alguns aspectos do significado e do alcance da participação em Tomás; um dos temas mais amplos e complexos do Aquinate.

Como sempre, voltemo-nos para a linguagem. Começemos reparando no fato de que na linguagem comum, “participar” significa - e deriva de - “tomar parte” (*partem capere*). Ora, há diversos sentidos e modos desse “tomar parte”. Um primeiro é o de “participar” de modo quantitativo, caso em que o todo “participado” é materialmente subdividido e deixa de existir: se quatro pessoas participam de uma pizza, ela se desfaz no momento em que cada um toma a sua parte. Num segundo sentido, “participar” indica “ter em comum” algo imaterial, uma realidade que não se desfaz nem se altera quando participada; é assim que se “participa” a mudança de endereço “a amigos e clientes”, ou ainda que se “dá *parte* à polícia”. O terceiro sentido, mais profundo e decisivo, é o que é expresso pela palavra grega *metékhein*, que indica um “ter com”, um “co-ter”, ou simplesmente um “ter” em oposição a “ser”; um “ter” pela dependência (participação) com outro que “é”. Tomás, ao tratar da Criação, utiliza

⁹⁰. A autora ofertou a JL o único manuscrito - durante a entrevista que lhe concedeu em 5-11-93 e que foi publicada em Lauand, J. *Interfaces*, São Paulo, Hottopos, 1997 - com a sugestiva dedicatória “com a esperança do Reino, que já está aqui”.

este conceito: a criatura *tem* o ser, por participar do ser de Deus, que *é* ser. E a graça nada mais *é* do que *ter* - por participação na filiação divina que *é* em Cristo - a vida divina que *é* na Santíssima Trindade.

Para esse terceiro sentido, estão as metáforas de que Tomás se vale para exemplificar: ele compara o ato de ser - conferido em participação às criaturas - à luz e ao fogo: um ferro em brasa *tem* calor porque participa do fogo, que “*é* calor”⁹¹; um objeto iluminado “*tem* luz” por participar da luz que *é* na fonte luminosa. Tendo em conta essa doutrina, já entendemos melhor a sentença de Guimarães Rosa: “O sol não *é* os raios dele, *é* o fogo da bola”⁹².

Na visão de Tomás, a criação *é* o ato em que nos *é* dado o ser em participação. E por isso que tudo o que *é*, *é* bom: participa do Ser (e, junto com o ser, participa do Bem). E assim viemos dar com uma importante afirmação ontológica de Tomás, que está também na base de qualquer consideração sobre o belo e a estética:

Assim como o bem criado *é* certa semelhança e participação do Bem Incriado, assim também a consecução de qualquer bem criado *é* também certa semelhança e participação da felicidade definitiva⁹³.

A participação no Ser *é* a base metafísica sobre a qual ocorre a contemplação. Pois, prossegue Tomás, dentre as diversas formas de “consecução de um bem”, a mais profunda *é* a contemplação (*nobilissimus modus habendi aliquid*)⁹⁴, o ver com olhar de amor. E para o Aquinate:

(Pela contemplação de Deus na Criação) Produz-se em nós uma certa incoação da felicidade que começa nesta vida e se consumará no Céu⁹⁵

Daí o protesto – sutil mas profundo – de Adélia contra um catolicismo que insiste em antepor a mortificação à contemplação terrena e “julga pecar quando concede à beleza o trono que lhe *é* devido”:

Cartão de Natal para Marie Noël

Nem as vidas de santos me encorajam
a abstinência e jejuns.
Ele, Jesus, perdoa-me,
pois veio aos pecadores,
aos que se escondem em árvores,
ou debaixo de camas feito eu.
Até rainhas, se pretendem respeito,
precisam conhecer o seu fogão.
Conheço mais, conheço fome e culpa.
Meu estômago mói sem trégua,
só não tritura medo,
farinha que já vem pronta.

⁹¹. Evidentemente, não no sentido da Física atual, mas o exemplo *é* compreensível.

⁹². *Noites do Sertão*, Rio de Janeiro, José Olympio, 6a. ed., 1979, p. 71.

⁹³ *De Malo* 5, 1, ad 5

⁹⁴ *Comentário ao Liber de causis*, 18

⁹⁵ II-II, 180, 4

Mesmo imitando lâmpadas de azeite,
a lâmpada no sacrário é piedosa.
O padre não tem culpa, estudou em Roma
mas vem de família pobre,
julga pecar quando concede à beleza
o trono que lhe é devido.
Provo em desordem as emoções mais turvas.
Estou confusa e ansiosa,
mas de verdade desejo,
com uma ceia copiosa,
Feliz Natal para todos. (Prado 2010, p. 91)

Merleau-Ponty e AP

A reflexão a partir deste tópico é um exercício de costura de três elementos: a noção de corpo próprio, tal como a concebeu Merleau-Ponty, em particular na sua obra *Fenomenologia da Percepção*; o modo como o corpo aparece na obra de Adélia Prado⁹⁶, especialmente em *Solte os cachorros*, e a prática educativa.

Retalhos sobre à mesa, a costura se dará sem que um padrão se imponha previamente. O que interessa é o bordado, a fim de verificar se, juntos os conceitos, as ideias, formam um tecido significativo para a reflexão filosófica e educativa.

Sobre o corpo, mundo vivido e o quotidiano

A compreensão de corpo próprio do filósofo francês se apresenta como um refinado exercício de questionamento da ciência e, certamente, da própria filosofia, na medida em que pretende escapar do modo dicotômico de conceber a realidade e o próprio corpo, bem como, dos limites da fisiologia e da psicologia no tratamento do “tema”.

Para Merleau-Ponty dizer o corpo nos limites dos conhecimentos da anatomia ou da psicologia é insuficiente, posto que o corpo se constitui existencialmente para além das imposições sociais, biológicas ou psicológicas. (1999, pp.3-4)

Isto não significa que, ingenuamente, o filósofo ignore essas dimensões da vida dos corpos. No capítulo I, denominado “O corpo como objeto e a fisiologia mecanicista” (1999, p. 111), portanto, logo no início das suas reflexões sobre o corpo, Merleau-Ponty afirma:

O homem concretamente considerado não é um psiquismo unido a um organismo, mas este vaivém da existência que ora se deixa ser corporal e ora se dirige aos atos pessoais. Os motivos psicológicos e as ocasiões corporais podem-se entrelaçar porque não há um só movimento em um corpo vivo que seja um acaso absoluto em relação às intenções psíquicas, nem um só ato psíquico que não tenha encontrado pelo menos seu germe ou seu esboço geral nas disposições fisiológicas. Não se trata nunca do encontro incompreensível entre duas causalidades, nem de uma colisão entre a ordem das causas e a ordem dos fins. Mas, por uma reviravolta insensível, um processo orgânico desemboca em um

⁹⁶ A pesquisa que estuda como o corpo aparece no conjunto da obra de Adélia Prado e como isto se articula com a experiência educativa, está em andamento. Por isto, a reflexão que agora se apresenta é um exercício embrionário.

comportamento humano, um ato instintivo muda e torna-se sentimento, ou inversamente um ato humano adormece e continua distraidamente como reflexo. (1999, p. 130)

Esta compreensão se inscreve no conjunto da compreensão fenomenológica da realidade, do mundo marcada pela procura das essências na própria existência (1999, p.1), que implica neste permanente retorno ao lugar onde as ideias, os hábitos nascem. Disto decorrem conceitos fundamentais para a fenomenologia que aqui apenas mencionaremos: consciência, retorno às coisas mesmas, facticidade, intencionalidade, entre outros.⁹⁷

O corpo assume especial importância na reflexão do filósofo uma vez que o conhecimento, a compreensão da realidade e de si não é mais uma revelação⁹⁸, nem mesmo uma determinação empírica ou uma consciência desencarnada. A experiência de conhecer, de dizer o mundo e a si mesmo é entendida num movimento⁹⁹ que mantém, intencionalmente, implicados o corpo, com o mundo e com os outros corpos. Não há uma consciência que capta o mundo ou um mundo que anima a razão, mas uma relação – um feixe de relações dirá o filósofo – que torna a experiência do corpo uma unidade com o mundo e os outros corpos. Não é sem razão que já no prefácio da obra mencionada, Merleau-Ponty destacada que a tarefa da fenomenologia é repor as essências na existência, que a compreensão do ser humano se faz a partir da facticidade, e que falar do corpo é reconhecer que ele está sempre voltado ao mundo. (1999, p.1)

Assim, a ideia de que “toda consciência é consciência de algo” e que a “consciência como projeto do mundo (...) em direção ao qual ela nunca cessa de se dirigir” (1999, p.15) sustenta a afirmação de que não se pode falar do corpo no modelo laboratorial da ciência, nem mesmo submetê-lo a uma representação do que seja o corpo. Ele é, a cada momento de sua existência, o que se vai fazendo na relação com o mundo e os outros corpos. Esta ideia marca a própria compreensão que a fenomenologia tem de si como algo inacabado, um diálogo ou uma meditação interminável. (p.20)

É neste contexto que as afirmações do filósofo “(...) tenho consciência de meu corpo através do mundo (...)” e “(...) tenho consciência do mundo por meio de meu corpo” (1999, p. 122) adquirem especial sentido. Tratar do corpo é tratar do mundo ao qual ele se dirige. Segundo Merleau-Ponty, “ser corpo (...) é estar atado a um certo mundo (...)” (p. 205).

A referida unidade se apresenta como solo fértil de novas significações. A relação do corpo, com o seu lugar e os outros corpos, nunca é um retorno ao mesmo lugar ou às mesmas significações, mas um reviver que é uma reinvenção significativa desta própria relação. O inacabamento da fenomenologia decorre do reconhecimento que sua tarefa está em descrever esta relação e sucumbir à possibilidade de que ela se apresente sempre outra, significativamente nova.

Também por isto, as afirmações que ontem se fez sobre o mundo, o corpo, a existência, a política e qualquer outro tema ou problema do mundo dos humanos

⁹⁷ No texto “Corpo, poesia e cultura: sobre a relação entre educação, filosofia e sociedade” WAMD apresenta com um pouco mais de detalhes estas noções basilares da fenomenologia.

⁹⁸ Como certamente não é desde a obra de René Descartes.

⁹⁹ Também aqui, a dívida ao pensamento de Heráclito deve ser anotada.

tendem a caducar diante dos novos movimentos dos corpos, dos novos posicionamentos que ocupam no seu mundo e diante dos outros corpos.

AP: *Solte os cachorros*

Na obra *Solte os Cachorros*¹⁰⁰, de Adélia Prado esta unidade do corpo com o seu lugar, o seu mundo e os outros corpos se apresentam em muitos momentos. Antes de indicá-las é preciso indicar, sem desmerecer a fenomenologia e/ou submeter a obra da poeta à filosofia, que esta imbricação “corpo, mundo, corpos” não é uma invenção da consciência, mas um modo de ser, um hábito próprio dos corpos. Quem retorna às coisas mesmas, ou não se furta a contar o cotidiano do viver, aproximar-se-á da referida implicação.

Já nas primeiras páginas desta obra AP evidencia como o corpo se constitui em relação. A humildade, por exemplo, pode ser cultivada tal como segue: “Quando quero ficar humilde visito os açougues, entro de um em um, para ver as mulheres de chinelo de borracha, apertando os pedaços com aqueles dedos grossos que não merecem anéis” (2006, p. 7). Não é numa lição carregada de elementos morais que o corpo aprenderia a se portar humildemente, mas diante do modo como os homens e mulheres lidam com a vida alheia.

Quando AP trata da velhice e da mulher, nesta obra, elementos da biologia, da medicina, da sensualidade, do desejo estão misturados com questões da religiosidade, da condição financeira e dos diferentes momentos da vida de uma pessoa.

As mulheres me olham é da cintura pra baixo, a vida é uma maravilha, não fosse a velhice. Juventude de espírito eu não quero, acho muito ridículo a alma fazendo trejeitos. Já viu mangueira velha? É assim que eu quero. Do ponto de vista biológico a morte é naturalíssima. Mas e o olhar que me puseram quando eu fiz treze anos? E o absoluto desapontamento do homem que foi na cidade grande e entrou por engano no banheiro de ELAS? E o meu lábio tremendo quando tive que explicar pra superiora: não trouxe os dez cruzeiros porque o pai este mês só recebeu metade. O médico falou comigo: não coma sal se quiser viver mais. Peco, se comer assim mesmo? Os cemitérios da minha terra não dão vontade. Eu quero é o seio de Deus, quero encontrar Abraão e me insinuar junto dele, até ele perder o juízo e me fazer um filho que terá muitas terras. Emancipada eu não quero ser, quero ser é amada. Feminina, de lindas mãos e boa de fruta, quero um vestido longo, um vestido branco de rendas e um cabelo macio, quero um colchão de penas, duas escravas negras muito limpas e quatro amantes: um músico, um padre, um lavrador e um marido. Quero comer o mundo e ficar grávida, virar gigante com o nome de Frederica, pra se cutucar na minha barriga e eu fredericar coisas e filhos cor amarela e roxa, fredericar frutas, água fresca, as pernas abertas, parindo. Por dentro faço mel como colmeias, põe tua língua no meu favo hexágono. (2006, p. 9-10)

¹⁰⁰ A primeira e maior parte desta obra tem o mesmo nome do livro. Ela é composta de narrativas que, curiosamente, não vêm acompanhadas de um título como acontece nas duas partes finais. Os textos não guardam uma temática exclusiva, e a ausência do título parece indicar a experiência de uma prosa na qual se fala de tudo, sem uma ordem previamente dada, e com o reconhecimento de que não se falará tudo sobre os temas podendo a eles voltar a qualquer instante. O título geral desta parte, portanto, se apresenta convergente aos textos, posto que bem representam uma fala sem medo, em muito momentos mais franca do que a moralidade permitisse, mais sincera que a religiosidade aceitasse.

Também é da relação corpo-quotidiano que AP tece a sua crítica ao que denominamos de capitalismo, política, luta de classes, pobreza. No trecho que segue é preciso destacar que a poeta o começa referindo-se a uma dor corporal. E ela não se vale de metáfora para nada do que segue, mas um jeito próprio de dizer o contexto existencial da reflexão. Ela se dá na companhia de uma dor na bexiga.

A gente sentindo uma dorzinha na bexiga, num dia sem sol como este, não tem muita paciência com as coisas, não. É difícil aguentar quem faz sucesso, quem não faz, quem chove no molhado, quem toma ares seja lá do que for. A crucificação de Jesus está nos supermercados, pra quem queira ver. Quem não presta atenção está perdendo. Tem gente que compra imoral demais, com um olho muito guloso, se sungando na ponta dos pés, atochando o dedo nas coisas, pedindo abatimento, só de vício, a carteira estufada de dinheiro, enquanto uns amarelos desses, cujo único passeio é varejar armazéns, ficam olhando e engolindo em seco, comprando meios quilinhos das coisas mais ordinárias. Eu compro, culpada como um ladrão, o que também é imoral, eu sei disso. Às vezes, eu tenho vontade de lembrar minha meninice: comprar arroz quebradinho, pra fazer engorduradinho numa panela que foi da minha mãe e tem a virtude de roxear o arroz. Nem isso eu posso fazer, se tem gente por perto. Iam me chamar de sovina e escândalo eu não quero dar, ia ser mal interpretada. Chega de tanta canseira e explicação, compro de primeira esmo e vou comer sem alegria. Ô-vida, meu Deus. Pior é que eu já perdia a inocência para os partidos, então quando falam em ‘os estudantes’ ou ‘as donas de casa’ eu saio no meio do discurso, seja quem for, porque não acredito que a humanidade se salvará por uma de suas classes. Não quero ser governada por operários enfatuados, deslumbrados por terem a chave do cofre. Quero que me governe um homem bom e justo, que cuide para que chegando a noite todo mundo vá dormir cedo e cansado com tanto trabalho que tinha pra fazer e foi feito. (...) É disto que todo mundo precisa, fartura e respeito, autonomia pra fazer conta no armazém que quiser. Não sou ignorante a ponto de achar que pobreza acabe. Nem pode. Pobreza é paiol de Deus, ela quem dá tempo de a gente se enrabichar com passo-preto, horta de couve e outros pequenos luxos. Todo mundo tem que ter pra jejuar do seu. É disso que estou falando. Tou ficando velha, tou ficando nervosa, aflita com tanta ganância dos grandes e dos miúdos, com tanta perda de tempo e vaidade. (2006, p. 13-14)

A relação com a comida, igualmente, é tratado em conjunto com a velhice, a religião e situação social. Até a questão epistemológica é tratada neste contexto.

Porque o que abunda não vicia, eu sou exagerada por causa da injustiça social. Por isso eu como tanto. (...) Com a boca entendo de tudo (...). Acho ótima a maneira de Jesus se comunicar: “Este é meu corpo, comei-o” (...). Se me dessem licença de comer eu me curava, virava gente grande. (...) Fico preocupada com a velhice, porque velha glutona

ninguém aguenta, eu principalmente. Choro muito de humilhação. Tem época que eu fico boa. Em outras, até quando vou levar a comida pro cachorro dou uma provada no caminho. Uma tribulação, ser espírito encarnado. Valença que Deus é Pai e me conhece, senão não dava inspiração de acontecer comigo, por diversas vezes, o seguinte: fecho os olhos e abro os santos evangelhos, no puro acaso, pra meditar um pouco. Mexe e vira cai nesta passagem: “O reino do céu é semelhante a um pai de família que fez um grande banquete etc. etc. etc...”. (p. 19 -21)

Os destaques poderiam seguir percorrendo todo o texto de Adélia. A relação homem e mulher; a educação das crianças; a criação das crianças em família; a religião são sempre tratadas como num redemoinho existencial, reunindo diferentes elementos do cotidiano para a construção de um sentido para o que se vê, para o que se vive, para o que se relata. Corpo e cotidiano é o movimento que parece sustentar a obra da poeta, ao menos esta que é objeto desta reflexão.

Se a fenomenologia desafiou a ciência dizendo que ela é um ato segundo, expressão segunda de uma experiência do mundo (1999, p. 3), colocando em questão a centralidade da razão, da teoria, AP convida à coragem de olhar as coisas pequenas, ainda que isto pareça constrangedor.

Tem hora que sinto vergonha de me preocupar com coisinha miúda, conforme seja o ciscadinho do pardal em riba do muro, enquanto os terroristas tão fazendo proeza internacional, içando radar, matando guarda africano, fazendo avião do presidente virar caco e levando cem reféns são e salvos pra Terra Prometida, tudo sem ajuda de Jeová. Escuto as notícias, garro a esperar. (2006, p. 53)

Se o exercício fenomenológico não significa o abandono dos grandes temas e problemas, mas o reconhecimento de que a compreensão deles sempre se refaz nas perspectivas corporais e existenciais, a obra da poeta não se furta a tratar dos elementos importantes da vida em sociedade, mas, para fazê-lo, toma o cotidiano, e as relações corporais que nele se desenham, como ponto de partida privilegiado.

O mundo vivido, pré reflexivo como defende a fenomenologia e o cotidiano, as coisas miúdas da poeta amalgamam as ideias, os saberes, os hábitos, as proposições políticas, as práticas educacionais, as relações de gênero como modos de ser, possíveis, desenhados numa conjuntura corporal e existencial singular.

O corpo é enquanto...

Na obra mencionada de Maurice Merleau-Ponty há um esforço escorregadio de não reduzir a noção “corpo próprio” a uma definição. Na parte final de sua reflexão, quando trata do corpo como expressão e fala, afirma:

(...) a natureza enigmática do corpo próprio. Ele não é uma reunião de partículas das quais cada uma permaneceria em si, ou ainda um entrelaçamento de processos definidos e uma vez por todas – ele não está ali onde está, ele é aquilo que é – já que o vemos secretar em se mesmo um “sentido” que não lhe vem de parte alguma, projetá-lo em sua

circunvizinhança material e comunicá-lo aos outros sujeitos encarnados.
(1999, p. 267)

Recusando o desejo filosófico de pronunciar uma palavra que fosse última, o filósofo reconhece, o que os poetas, músicos já sabiam, que a experiência corporal não pode ser dita a não ser como relato do que se viveu ou como um discurso provisório. Diz o filósofo: “Quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele.” (1999, p. 269)

É neste contexto que o filósofo defende que o “corpo é enquanto”. Dizer o corpo é movimento ou desejo ou fala incorre no equívoco de forjar uma definição, uma explicação para o corpo. Da perspectiva da fenomenologia, tal como a concebe Merleau-Ponty, o corpo é enquanto se movimenta, enquanto deseja, se expressa, fala, entre outros. O corpo, igualmente, não está no tempo e no espaço, à semelhança dos demais objetos, mas habita o tempo e o espaço (1999, p. 193) conferindo-lhe sentido, significado existencial.

Dito de outro modo o movimento, o desejo ou sexualidade, a fala são testemunhas de um modo de ser, de um jeito de morar dos corpos, mas que não são suficientes para dizê-lo de modo terminal. Elas são cúmplices de uma construção corporal de viver no mundo seguindo preceito, ideias, hábitos que encontram seu fundamento nos próprios corpos.

Esta compreensão de que só se pode falar dos movimentos corporais, do jeito como dançam juntos a existência – às vezes falta beleza nesta convivência e guerreiam no lugar de festejar – também está presente na obra da Adélia Prado que colocamos em foco nesta reflexão¹⁰¹.

Um inventário na palavra “corpo” neste texto seria um elemento importante para indicar a presença e a importância desta noção na obra da poeta. Esta tarefa não será vencida nesta reflexão.

Em muitos trechos a compreensão do corpo em relação com os outros corpos, num mundo de significações, apresenta-se. Nelas aparecem a sexualidade do corpo (2006, p. 23 e 83); a experiência de alteridade e com ela a da ambiguidade (p. 57); a ausência ou recusa do corpo na religiosidade cristã (p. 69); a possibilidade do corpo de se reinventar quando afirma “gosto de ir até o fundo da cisterna e revirar o lodo, tirarele com a mão, me emporcalhar bastante, só pra depois ver a água minando clarinha de novo” (p. 71); o tratamento do tempo entrelaçado com o envelhecimento do corpo (p. 73 e 74), entre outros.

Todavia, darei destaque a duas partes do texto.

O *primeiro* é identificado apenas pelo número 25 e consta da primeira parte que tem o mesmo nome do livro.

Neste texto a poeta tece considerações sobre as relações entre homem e mulher; do cerceamento que os hábitos, a religião e a ciência, representada pela psicologia, realizam nas manifestações corporais de ereção da criança, já tomadas sexualmente pelo adulto e como tal constrangimento é visto como uma intromissão suja na vida do menino. (p. 81)

¹⁰¹ Um inventário da palavra “corpo” neste texto seria um elemento importante para indicar a presença e a importância dessa noção na obra de AP. Esta tarefa não será vencida nesta reflexão.

Trata ainda do modo distinto como o menino e a menina percebem os seus corpos e como a poeta desejou, por vezes, ser menino “só por causa da molinha que eu não tinha” (p. 81).

Note-se que o corpo é dito neste emaranhado de elementos da experiência cotidiana, bem como, dos saberes que sobre ele são lançados. A referência à psicologia evidencia esta ideia de um entendimento que se forjou sobre o corpo e, que imposto ao corpo, quer obrigá-lo a ser de um determinado modo.

A referência à religião pode bem expressar o peso da moralidade sobre o modo como os corpos se portam, o que testemunha que entender o corpo, implica, contraditoriamente, em olhar a sua experiência religiosa.

O tratamento que dá à relação homem e mulher se faz reconhecendo o contexto político da existência dos corpos. A poeta tem clareza que a convivência de homem e mulher decorre, de algum modo, da maneira como os próprios corpos organizaram a vida. E nesta, o papel do homem foi destacada em detrimento da mulher.

Diz Adélia:

Machismo existe, tá aí sorrateiro, enfiado por tudo quanto é canto. Se você quiser pode fazer aqui um comentário obsceno. Que faça. Quero é deabafar. Tou cheia de aguentaro papa, o presidente da República, o ministro, o prefeito, o magnífico reitor, o açougueiro, o padeiro, o padre, o meu pai, o meu avô, o meu irmão, o meu filho, o pai do meu filho, o anjo Gabriel, Satanás, tudo homem. (2006, p. 82)

E indignada que os corpos ainda sustentem este modo de ser ela evoca afirmação bíblica, como desafio para repensar o jeito de ser corpo-masculino e corpo-feminino: “Nunca achei graça em brinquedo só de menina, não vou em chá de amizade, clube onde homem não entra. Penso que estou certo porque no livro da Bíblia, logo na primeira página, está escrito: “Deus fez o homem e o fez macho e fêmea” e isto quer dizer que somos iguaizinhos no valor.” (p.82)

As afirmações da poeta não pretendem construir um discurso feminista. Aliás, no texto seguinte, o 26 ela afirma que tem vergonha de ser feminista. (p. 86) Trata-se apenas de colocar em questão um hábito que, corporalmente construído, pode ser reinventado. Esta, todavia, implica em vencer os hábitos do quotidiano e, dentro dele as crenças na religião e na ciência.

Ainda neste texto encontra-se afirmação que corrobora com as proposições fenomenológicas que o corpo é a nossa mediação com o mundo, aliás que é por meio dele que temos um mundo.

“Corpo é fora de série. Veja se estou errada: eu amo a Deus em espírito é com o meu corpo, porque quem levita é ele, é ele quem fica extático na montanha sagrada e recebe os estigmas e as tábuas da lei.” (p. 82)

A afirmação pode assumir contornos de heresia, até mesmo afinar-se com as provocações de Nietzsche ao cristianismo, posto que, de alguma maneira, a experiência religiosa é possível só por causa do corpo. É por meio dele que se posta diante do mistério da vida e, por isto mesmo, o corpo é visto de fora exultante pela poeta. Ele é desejo, que faz que homens e mulheres se encontrem, mas ele também é parte de uma experiência espiritual, que o leva para além de si, mas que dele não prescinde.

O **segundo** texto a dar destaque está na terceira parte do livro denominada “Afresco”. (p. 99) Os temas do prazer, da sexualidade, do erotismo assumem especial lugar nesta parte do livro, bem como na anterior intitulada “Sem enfeite nenhum”. (p.87) Tal texto é denominado de “Êxodo”.

Neste texto há uma referência a uma experiência de partilha sugerida no contexto de uma celebração religiosa (p.107) que constitui momento de entusiasmo e de alegria comunitária.

A gente levou merendas e ofereceu tudo com generosidade no momento do ofertório pra depois ser repartindo e comidos juntos, ideia muito atilada do padre Tavinho. Só vendo, era passando balaio de pastel, biscoito frito, pão simples com manteiga, garrafa de café e refresco, tudo depositado no altar e oferecido junto com pão e o vinho, tudo pra demonstrar pro povo, conforme dizia o canto que todo mundo entoava: “Os cristãos tinham tudo em comum, dividiam seus bens com alegria”. (p. 107)

Embora seja uma referência a uma prática religiosa o texto deixa escapar este sentimento humano de que a vida é constituída, e de modo feliz, com os outros. A alegria do viver está no repartir da própria vida. Enquanto se faz isto, ela mesma é construída e mesmo reinventada.

E a alegria comunitária anotada no texto não pode ser restringida nos limites da festa religiosa. Trata-se da alegria do corpo com encontra o acolhimento dos outros corpos. No contexto da alegria da celebração comunitária se dá o que segue.

Dona Fina caminhava na minha frente com um vestido de pano tão mansinho, de pala marrom, e o resto, um voal com flor parecendo sininho, de três cores, alaranjado, vermelho e azul. Caminhava sem reprimir as ancas, balançando tão devota o que Deus deu que eu até pensei: coisa bonita é o corpo! A ideia beatífica passou no meu sexo sem me perturbar nem um pouquinho: ora, eu pensei, foi Deus quem fez a cabeça e o assento, que bom. (2006, p. 107-108)

Fica evidenciado que a experiência religiosa, vivenciada com alegria na comunidade, é uma experiência corporal, que provoca satisfação no corpo todo e neste suscita até mesmo o que não está sugerido pelo momento: a percepção erótica do corpo alheio e a delícia da experiência da sexualidade.

Também aqui neste texto a referência não corpo não pretende anunciar uma palavra que o diga, mas restringe-se a descrever o corpo em seus movimentos e a relatar as obras do corpo nos seus encontros e desencontros.

Por isto, é adequado reafirmar corpo próprio e mundo vivido, na fenomenologia e corpo e cotidiano, em AP, cada um a seu modo suscita uma compreensão do corpo em unidade, em imbricação com o seu tempo, o seu mundo e os outros corpos.

Corpo, cotidiano e educação

A esta altura da reflexão é adequado perguntar pelas implicações desta visão mais integral do corpo, defendida pela fenomenologia e presente em AP, bem como, a

ideia do inacabamento da experiência corporal e, por isto, a impossibilidade de dizê-lo de modo último.

Solte os cachorros também remete à experiência educativa: tanto a que se dá no interior da escola, bem como aquela que se desenvolve na vida religiosa, na família e nos diferentes espaços de sociabilidade.

A perspectiva que se apresenta nessa obra sobre a escola é, em muitas vezes, severa, por considerar a escola, ao menos a prática docente, como lugar de cerceamento da criatividade, de uma ignorância da importância do sentido na experiência de ensinar e aprender. A crítica da poeta à escola aparece no primeiro texto da obra:

Escola é uma coisa sarnenta; fosse terrorista, raptava diretor de escola e por três dias amarrava no formigueiro, se não aceitasse minhas condições. (...) Quando acabarem as escolas quero nascer outra vez. Sou didática, catequética, apologética, por isso não tenho um minuto de sossego, pago o dízimo de tudo. (2006, p. 8)

Acompanhar esta perspectiva, é certo, permitirá tecer reflexão significativa sobre a escola, a prática e a formação docente.

Todavia, isto nos desviaria dos propósitos desta reflexão. Indicar as implicações, para a prática educativa, e para a formação de professores, do modo como a fenomenologia e a obra destacada de AP trata o corpo e o mundo.

Desde a fenomenologia cabe insistir¹⁰², com vistas à formação de professores, a urgência de maior aproximação da atividade dos cursos de literatura com a prática escolar, mas sobretudo, de uma formação que ao menos indique a multiplicidade de experiências e práticas educativas que se forjam nos diferentes contextos existenciais, dos modos dos corpos reinventarem seu “ethos”.

E não se trata de uma aproximação didática da Universidade ao mundo escolar, mas uma nova perspectiva de formação que não ignora que os saberes e práticas educativas não devem se constituir sem que se vincule significativamente com o seu lugar. O que aqui se quer indicar como desafio para a formação docente é a constituição de capacidades, talvez de uma sensibilidade, que saiba enfrentar a diversidade perspectiva dos corpos, bem como, a reserva de sentido que há na relação dos corpos uns com os outros no mundo da vida.

No contexto das reflexões fenomenológicas implica em aceitar o exercício do retorno, do voltar-se ao mundo para que a prática docente e a formação para a docência tenham que continuar se valendo dos elementos punitivos, domesticadores que ainda mantém as crianças reunidas num ambiente que recusa o ethos que a cerca.

O cotidiano presente na obra tomada por base nesta reflexão e, dentro dela, a compreensão do corpo em unidade com as miudezas da vida e com as muitas maneiras de ser que o dizem, igualmente, apresentam provocações para a formação de professores.

O hábito de tomar como ponto de partida a própria teoria, também presente nas escolas de formação de professores, tem como saldo um intencional distanciamento das questões pequenas da vida dos próprios aprendizes de docentes. Estas não consideradas

¹⁰² No texto “Curso (In)completo de filosofia” WAMD trata mais longamente das implicações das noções fenomenológicas, em particular, da noção de corpo próprio com a educação.

como parte da experiência de ensinar e aprender, razão pela qual o conjunto da obra de Paulo Freire¹⁰³ já indicava como necessário os saberes que os educandos trazem para dentro da escola. Esta recomendação denuncia, de algum modo, a ignorância docente, à falta de sensibilidade aos valores, aos hábitos, aos conhecimentos que as crianças trazem, por vezes, sorridentes para dentro da escola.

A incapacidade de dar tratamento ao cotidiano que entra na escola justifica a postura que exigem que na mochila das crianças só haja os saberes recomendados, ensinados na escola. Disto decorre a recusa de constitui uma relação significativa com os aprendizes. De algum modo, os docentes, antes aprendizes de docentes, também não tiveram o cotidiano tratado com o devido cuidado no seu processo formativo.

Considerações finais

O que aqui se apresentou, entre outros aspectos, testemunha a riqueza da obra de AP. Temas importantes de diferentes filósofos e/ou correntes filosóficas se expressam na obra da poeta.

O que importa destacar, todavia, é a assunção do cotidiano como ponto de partida de sua obra. Este elemento, ao mesmo que coloca AP em diálogo com a filosofia, a religião, representa o desafio a estas, bem como a educação, de pensar desde o “topos” onde os corpos as suas danças costumeiras e, diariamente, (re)inventam-se. Evidenciar isto era o objetivo desta reflexão ainda considerada embrionária.

No que tange, em particular, a relação corpo-cotidiano-educação, em *Solte os cachorros* nota-se a convergência de perspectiva na compreensão do corpo quando este é visto no entrelaçamento com as coisas do viver, do cotidiano e dos outros corpos; o reconhecimento de que o corpo é a possibilidade de dizer o mundo e reinventar, permanentemente, os hábitos e a si próprio e, por fim, o reconhecimento de que os discursos sobre o corpo não podem substituir a vivacidade da experiência existencial dos corpos.

Referências

DOURADO, Wesley Adriano Martins. Corpo, poesia e cultura: sobre a relação entre educação, filosofia e sociedade. In: PANSARELLI, Daniel. **Curso (In)completo de filosofia**. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2010.

HEIDEGGER, M. **Heráclito** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LAUAND (1999) 3.Poesia e Filosofia - Entrevista com Adélia Prado. **Videtur** São Paulo, No. 9. Disponível em: www.hottopos.com.br/videtur9/renlaoan.htm. Acesso em 20-06-13.

PIEPER, Josef **O que é filosofar?** São Paulo: Loyola, 2007.

PRADO, Adélia **Poesia Reunida**, São Paulo: Siciliano, 1991.

_____. **A duração do dia**. São Paulo: Record, 2010

¹⁰³ Cf. FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

- _____ **Solte os cachorros.** Rio de Janeiro: Record, 2006.
- _____ **Oráculos de Maio.** São Paulo, Siciliano, 1999.
- _____ Poesia e Filosofia, in Lauand, J. **Interfaces** S. Paulo: Hottopos, 1997.
- _____ **Filandras.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

Anexo – a experiência de Adélia Prado

Nada melhor para concluir do que a experiência viva da artista: uma seleção de falas de uma conferência de Adélia: “O poder humanizador da poesia”¹⁰⁴. Adélia começa por explicar que poesia aqui representa todas as formas de arte.

(A verdadeira arte é de) natureza epifânica, reveladora (...) A obra de arte verdadeira ela é sempre nova, não cansa, porque traz em si mesma – e apesar de si mesma – algo que não lhe pertence e não pertence a seu autor: vem de outro lugar, de uma instância mais alta e através da única via possível, que é a via da beleza (...) A forma, a beleza, revela o ser das coisas; é muito estranho falar do “ser das coisas”. Esse ser é inapreensível, eu não dou conta de pegar o ser de uma rosa, de um rio, de uma paisagem ou de um rosto. Mas quando a arte apreende essa coisa mais alta, que está atrás do ser das coisas, ela nos revela, nos remete à Beleza Suprema, se nós estivermos despidos do orgulho da razão e da lógica (...) Arte é para o sentimento, é para a sensibilidade, é para a inteligência do coração.

Santo Tomás de Aquino, que falou sobre tudo na sua *Suma Teológica*, ele diz: “Todo ser é belo: se alguma coisa é, ela é bela”. E a arte revela o ser e toda obra verdadeira é necessariamente bela, não tem jeito. Ela tem o jeito belo de mostrar até a feiúra: é por isso que uma obra verdadeira, retratando alguma coisa horrível ou asquerosa, pode nos mover até a ter aquela obra em casa (...) A beleza na arte, sendo beleza da forma, não é assunto; a gente faz muito este equívoco: afirmar que arte é o assunto – o enredo do romance, aquilo que a poesia está falando. E não: não é isso que é a beleza; não é o *que* está sendo dito, mas *como* está sendo dito; não a coisa, mas a forma, como ela se mostra, através da mão do criador. (...)

Por que a arte nos humaniza? Porque mostra não a aparência (que já está na natureza), mas nos induz - pela emoção que nos causa - à intimidade, à alma das coisas e à nossa própria intimidade (...) ela faz com que eu me reconheça: como quando você diante de um livro diz: “Meu Deus, como esse autor pôde tocar nisso? Só eu sentia isso...” e aí mora a universalidade da obra de arte: espelhar a humanidade, o que nos é comum. E nada mais comum em nós do que nossos desejos e afetos:

¹⁰⁴. No programa “Sempre um Papo”, TV Câmara, 06-08-08, que se encontra também disponível em: <http://www.sempreumpapo.com.br/audiovideo/index.php>.

queremos ser felizes, temos medos, temos compaixão, ódio, ira... é esse material que faz a obra de arte: ela não é um pensamento filosófico, ela expressa o que sentimos, o que é humano. Por isso ela me alimenta, porque dá significação e sentido à minha vida. (...) Nós somos finitos, nós passamos; mas a obra de arte não sofre esse desgaste, ela está fora do tempo. Uma emoção muito profunda que você teve, qualquer coisa que te comoveu; comoveu e passou. Mas, quando aquilo é apreendido por uma obra de arte, a obra segura o tempo: “Graças a Deus que agora posso me lembrar”. (...)

Há uma fome em nós que nenhuma conquista material pode saciar; sempre continuamos famintos, famintos de transcendência; de algo que me diga: “Você é mais que seu corpo, mais do que suas necessidades básicas... você é o que está presente no seu desejo, no seu sentimento, na sua alma”. Há pessoas que não dão conta de articular esse desejo e dizem apenas: que bom que tem esse filme, essa música, esse livro. É que, no fundo, esse livro nos dá algo mais que estamos buscando, algo mais que está nos acenando... Acenando, de onde? Não é a religião que inventou; não é a filosofia que inventou; nos acena de dentro de nosso próprio ser: é o desejo profundo; de nossa orfandade original, de ter sentido na vida e de perenidade: não pode acabar. (...) A arte nasce daí e produz a partir daí. (...) Imagine nós sem isso: a pobreza de viver só lutando pela comida, pelo emprego, pela casa; nós somos mais que isso (...) Quando procuramos a arte, sem querer e sem saber, estamos procurando as coisas espirituais, de natureza divina, porque não têm peso, nem tempo, nem medida, mas que, sem isso, estaríamos regredindo à pura barbárie. (...)

Aquele poema maravilhoso de Drummond, “Tarde de Maio”... Só o homem pode se incomodar e se comover com o sol que se esconde no horizonte, numa tarde de maio; com uma árvore florida, com as coisas mais mínimas, mais rasteiras, mais cotidianas e que escondem em si mesmas: a beleza. (...) E é a força da arte que faz com que abramos nossos olhos para a maravilha da Criação, a maravilha da experiência humana que nos aguarda. (...) E por causa dessa qualidade eterna, dessa imponderabilidade, eu vejo que, para a humanização, a arte está no mesmo caminho da mística ou da fé religiosa: ambas experiências são independentes da razão: são experiências; a beleza é uma experiência e não discurso. Como quando um dia, num caminho habitual, você se espanta com algo – uma casa, uma obra, uma coisa - que já tinha visto muitas vezes - “Que beleza! Eu nunca tinha enxergado isso desse jeito!” -, aí você pode dar graças: você está tendo uma experiência poética, que é ao mesmo tempo, religiosa: no sentido que liga você a um centro de significação e de sentido. (...) O verdadeiro poeta está centrado na realidade, a arte não aliena ninguém, ela não tira da realidade; pelo contrário: ela traz para o real. (...)

- Pergunta sobre o tema adeliانو: o cotidiano mais simples

- Essa insistência no cotidiano é porque a gente só tem ele: é muito difícil a pessoa se dar conta de que todos nós só temos o cotidiano, que

é absolutamente ordinário (ele não é extra-ordinário); o quotidiano da rainha da Inglaterra deve ser tão insuportável quanto o de uma lavadeira (...) E eu tenho absoluta convicção de que é atrás, através do quotidiano que se revelam a metafísica e a beleza; já está na Criação, na nossa vida (...) O nosso heróico, o nosso heroísmo é deste quotidiano... nossa vida é linda: o quotidiano é o grande tesouro, como diz um filósofo: admirar-se do que é natural é que é o bacana; admirar-se desta água aqui, quem é que se admira da água, a que estamos tão habituados? Mas a alma criadora sensível, um belo dia se admira desse ser extraordinário, essa água que está tremeluzindo aqui na minha frente e, na verdade, eu não entendo a água, eu não entendo o abacaxi, eu não entendo o feijão. Alguém aqui entende o feijão? Admirar-se de um bezerro de duas cabeças, qualquer débil mental se admira, mas admirar-se do que é natural, só quem está cheio do Espírito Santo. Eu quero essa vidinha, essa é que é a boa, com toda a chaturinha dela e suas coisas difíceis... O quotidiano tem para mim esse aspecto de tesouro: “Há mulheres que dizem: / Meu marido, se quiser pescar, pesque, / mas que limpe os peixes (...)”.

- Pergunta: Fale um pouco mais sobre a transcendência da arte

- Se a obra é de arte, ela é necessariamente transcendente. Aquele poema do Drummond, que todo mundo sabe, da pedra no meio do caminho, a transcendência está no susto: a pedra. A pedra, a pedra, a pedra... A transcendência é exatamente o sentimento de estranhamento que a coisa concreta te dá: pedra é pedra, e você perde a poesia quando você olha pedra e vê só pedra mesmo. Se a pedra te diz alguma coisa, ela é um veículo para que você transcenda para uma instância maior. Olha que coisa mais corriqueira: “Minha mãe cozinhava exatamente / Arroz , feijão roxinho, molho de batatinhas...” Até aí alguém pode dizer: “E daí? Todo mundo faz isso...” “... / Mas cantava” Aí, acredito, é o salto: arroz , feijão roxinho e molho de batatinhas são mais do que apenas isso quando tem uma mulher cozinhando...

Collatio 11 abr-jun 2012
CEMOrOc-Feusp / LJI - Univ. do Porto

Educação, contar histórias e artes orientais

Chie Hirose¹⁰⁵
Georgia Vassimon¹⁰⁶
Jean Lauand
Sérgio Oliveira dos Santos¹⁰⁷
Sylvio Horta¹⁰⁸

¹⁰⁵. Doutora em Educação Feusp. Professora das Facs. Integradas “Campos Salles”.
hirosec@hotmail.com

¹⁰⁶. Mestranda PPGE Metodista / Coord. Psicopedagogia Sedes Sapientiae. geovas@terra.com.br

¹⁰⁷. Mestrando PPGE Metodista / Coord. da base e formação de judô da PMSCS.

sergio_oliveirasantos@hotmail.com

¹⁰⁸. Doutor pela Feusp. Prof. do Depto. de Letras Orientais Fflchusp. sylvioh@uol.com.br

Resumo: Versão escrita e editada dos comentários e debates ocorridos em mesa redonda do *I Encontro Cemoroc Educação: Os Orientes*. São Paulo, 21-12-11. Na edição, os boxes recolhem fontes e citações mencionadas oralmente no debate.

Palavras Chave: Ensino e histórias. artes orientais. *amthal*. judô.

Education, telling stories and Oriental arts

Abstract: Edited text (with boxes to quotations) of the round table in *I Encontro Cemoroc Educação: Os Orientes*. São Paulo, 21-12-11.

Keywords: Stories in education. Oriental arts. *amthal*. judo.

Nota prévia: Após as conferências dos autores, instalou-se no *I Encontro Cemoroc Educação: Os Orientes* (São Paulo, 21-12-11) esta mesa redonda, na qual os conferencistas abrem, com os colegas e participantes, os diálogos sobre os temas de suas exposições, publicados neste e no número anterior de *Collatio*).

GV: Prof. Lauand, o senhor acabou de falar do contar histórias, fábulas, piadas, provérbios, parábolas, enfim tudo aquilo que na tradição pedagógica árabe é designado por *amthal*. Agora, pensando não na relação ensino-aprendizagem, mas, digamos, num plano pessoal, que papel exercem os *amthal*.

JL: Um papel importantíssimo. De fato, é muito difícil distinguir o que é de “uso didático” e o que é de “uso pessoal”. Até porque – todo professor sabe disso e... vive disso – ensinar é um processo de “voz média”: ações que não são propriamente ativas ou passivas, mas de interação. Sim, eu as protagonizo, *pero no mucho*...

Nesse sentido, é muito interessante lembrar que o verbo “falar”, *loquor* em latim, é verbo depoente: ativo-passivo. Falando para os alunos é que eu acabo falando para mim mesmo: ganho consciência do que realmente penso. Coisa que, aliás, está acontecendo neste exato momento... (risos).

(...)

E disso o prof. Sylvio Horta, de modo muito incisivo, já nos falou de manhã: a metáfora (uma forma de *mathal*) é não só para expressar o pensamento, mas também meio do próprio pensar. E você mesma investiga isso para sua dissertação de mestrado: os *amthal* são não apenas recurso didático, mas base da virtude da *prudencia*, a arte de tomar a decisão certa em cada situação de nossa vida pessoal.

SH: Gosto do que Ortega diz sobre o lugar dos mitos na educação. O papel do mito não é nos proporcionar uma adaptação intelectual à realidade, não é no mundo externo que ele encontra o seu objeto adequado, mas sim no mundo interior. Os mitos abrem os canais do sentimento que nutrem nossa vitalidade, nos instalam na *ilusión* (nos deixam *ilusionados* e não iludidos). Como diz Ortega: “o mito é o hormônio psíquico”.

Ortega diz que quando alguém “censura o uso de metáforas em filosofia, revela simplesmente o seu desconhecimento do que é filosofia e do que é a metáfora. A metáfora é um instrumento mental imprescindível, é uma forma do pensamento científico”. Afirma que a metáfora é usada “quando nos encontramos com certas realidades difíceis de se pensar (por exemplo: o *fundo* da alma)”, isto é, que “Além de

ser um meio de expressão a metáfora é um meio essencial de inteligência”. “A metáfora é uma verdade, é um conhecimento de realidades. Descobre fatos tão positivos como os habitualmente descobertos pela investigação científica”.

JL: Quando não valorizamos a *prudentia*, corremos um sério risco: o de abdicar da especificidade da situação concreta. E isso é grave porque nossas decisões ocorrem no “aqui e agora” das circunstâncias da vida e abdicamos delas para instalar-nos no cômodo (e covarde) apego às regrinhas burocráticas, que sufocam a vida e a justiça. O caso antológico, ocorrido em 2009, é o daquelas diretoras das escolas municipais de São Paulo.

Um episódio recente manifestou – de maneira particularmente cruel – a injustiça que é, por vezes, aferrar-se à letra da lei. A Prefeitura de São Paulo deveria ter entregado aos alunos da rede municipal de ensino os uniformes de inverno em março de 2009. Ale-gando dificuldades de trâmites jurídico-burocráticos até meados de junho – no qual São Paulo viveu um inverno frio e prolongado – não haviam sido entregues (e nem os de verão). Nada de novo, o atraso ocorre todos os anos. O mais absurdo, porém, foi a medida legalista de algumas diretoras proibindo a entrada dos alunos sem uniforme: “Na escola Celso Leite Ribeiro Filho, na Bela Vista (centro), pais contaram que a escola exige o uso do uniforme, mesmo sabendo que as crianças não os receberam.” (Folha de S. Paulo 9-05-2009 “Kassab atrasa entrega de uniformes pela 4ª vez”). Sem efetivos canais de manifestar sua indignação, vai-se instalando a *dissolutio*, enquanto o “pai de uma estudante, o caseiro Leonildo Vieira, 62, não reclama mais. ‘Já me acos-tumei, todo ano é assim’”. (www.hotopos.com/notand_lib_14/notandumlibro14.pdf. Lauand, João S. “A excelência de cada um” acesso: 10-01-12)

Abdicamos da *prudentia* e ingressamos na lógica da hierarquia burocrática do Sistema, a do medo: “eu, hein?”, “na minha mão, bomba nenhuma explode”. Junte-se a isto o fato de que a educação fundamental está dominada pelas *guardians*, as SJ de David Keirse, com forte tendência reguladora, e teremos um massacre dos educandos.

CH: Um ponto importante que eu destacaria nessa fala do Prof. Lauand é o risco, sempre presente, “de abdicar da especificidade da situação concreta”, do “aqui e agora”. Daí a força das pedagogias dos Orientes: valendo-se, por um lado, dos ritos e, por outro, das fábulas e parábolas.

Nos dois casos, estamos apostando no corpo como indutor do espírito: a repetição dos ritos, de gestos corpóreos, induz atitudes na alma.

As parábolas, percorrem, por assim dizer, o sentido contrário daquela Educação Moral instalada em princípios abstratos (do de raiz: “Faze o bem e evita o mal...” aos – também abstratos – Dez Mandamentos: o que é, afinal, aqui e agora, “Honrar pai e mãe”?) e que não chega (e nem é isso possível) ao nível da decisão concreta.

O rito, indica procedimentos concretos, corporais, que pretendem induzir (claro que sempre há o risco de o rito degenerar em rituais vazios...) os estados de espírito adequados: em vez de dizer: “honrarás pai e mãe”, ele prescreve, por exemplo, como deve ser o luto pela perda paterna: durante tanto tempo não se pode fazer festas, nem celebrações de alegria; impõe condicionamentos no vestir e no comer etc.

Dediquei meu doutoramento aos procedimentos rituais da Cerimônia do Chá, o *Chado*, de como o simples ato de oferecer o chá pode promover valores humanos, educar.

O Sérgio poderia voltar a nos falar desse outro *do*, o judô.

SOS: Tomando evidentemente o cuidado de localizar historicamente os princípios educativos de sua criação, numa época de emergente industrialização do Japão, seguida de uma grande influência da cultura ocidental na suas instituições educacionais no final do sec. XIX e início do sec. XX, podemos reconhecer que o Judô foi elaborado como *do*, como método educativo.

Recordando o que disse há pouco na conferência, o judô foi desenvolvido em 1882 por Jigoro Kano, a partir de seus estudos sobre as diversas escolas de *JuJutsu* (arte marcial japonesa). O Judô Kodokan fundou-se a partir de três pilares básicos: como método de luta (arte marcial), como método de treinamento físico (educação física), como método de treinamento mental (desenvolvimento moral e intelectual) onde o *do* (caminho) é o foco principal.

Uma das principais contribuições de Kano foi a transformação de uma prática de luta marcial (de uso para guerra) em um método educativo. Para isso foi necessário estabelecer uma ligação entre o oriente e o ocidente preservando parte da cultura tradicional japonesa e permitindo a influência de pensamentos e práticas ocidentais. Neste processo, o *Do* do Judô tem se configurado como um caminho de interação oriente-ocidente.

Penso que seria interessante aqui, indicar como, também no judô, os ensinamentos são transmitidos através de *amthal*. Vejamos, por exemplo, a canção, escrita por um grande mestre de Judô, Kyuzo Mifune (1883-1965), evidenciando aspectos do pensamento oriental relacionados ao Judô.

A canção do Judô

Quando treinar, livre-se de todos os pensamentos que distraem;
Mantenha seu coração animado, e um corpo animado também.
Não de esqueça do principio “retornar ao centro”;
Esforce-se sempre, com sincera devoção.
Este é o verdadeiro caminho da suavidade!
Este é o verdadeiro caminho da suavidade!

Acumule habilidades por meio do aprimoramento incessante do corpo e da mente;
Conquiste a capacidade milagrosa de cair sete vezes, mas levantar-se oito.
Tornar-se iluminado para o caminho da libertação;
Tornar-se como uma bola que gira, responde sem esforço a qualquer contingência.
Este é o verdadeiro caminho da suavidade!
Este é o verdadeiro caminho da suavidade!

O caminho da suavidade transcende os limites nacionais:
Um coração dócil não tem inimigos.
As pessoas do mundo dão-se as mãos.
E estabelecem uma aldeia global.
Este é o verdadeiro caminho da suavidade!
Este é o verdadeiro caminho da suavidade!

(MIFUNE,K. A canção do Judô. In: STEVENS, J. **Segredos do budô: ensinamentos dos mestres das artes marciais**. São Paulo: Cultrix, 2005, pag. 44-45)

Nessa canção, por exemplo, podemos notar a influência do pensamento oriental na sentença: “*Tornar-se como uma bola que gira, responde sem esforço a qualquer contingência.*” próprio do pensamento do *Tao* (*tao = do*) carregando a idéia da flexibilidade vencer a rigidez como também em: “*O caminho da suavidade transcende os limites nacionais*”; “*Um coração dócil não tem inimigos*”; “*As pessoas do mundo dão-se as mãos*”, a mensagem pacifista do Judô, posição adotada por Jigoro Kano em função do período de militarização do Japão e o forte sentimento nacionalista do período pré 2ª guerra na década de 40.

Apresento ainda mais um par de exemplos de *amthal* do Judô. Em “*Fraqueza ou força?*” notamos o conceito do uso eficiente da energia física, mental e espiritual e na “*Parábola do faixa preta*” fica a mensagem que toda a conquista é um começo de uma nova fase, muito mais de responsabilidade do que ostentação de méritos, aparências, status e poder, vejamos a seguir:

Fraqueza ou força?

Um garoto de 10 anos de idade decidiu praticar judô, apesar de ter perdido seu braço esquerdo em um terrível acidente de carro. Disposto a enfrentar as dificuldades e suas limitações, começou as lições com um velho mestre japonês. O menino ia muito bem. Mas, sem entender o porquê, após três meses de treinamento, o mestre tinha-lhe ensinado somente um movimento. O garoto então disse:

- Mestre, não devo aprender mais movimentos?

O mestre respondeu ao menino, calmamente e com convicção:

- Este é realmente o único movimento que você sabe, mas este é o único movimento que você precisará saber.

Sem entender completamente, mas acreditando em seu mestre, o menino manteve-se treinando. Meses mais tarde, o mestre inscreveu o menino em seu primeiro torneio. Surpreendendo-se, o menino ganhou facilmente seus primeiros dois combates. O terceiro combate revelou ser o mais difícil, mas depois de algum tempo seu adversário tornou-se impaciente e agitado.

Foi então que o menino usou o seu único movimento para ganhar a luta. Espantado ainda por seu sucesso, o menino estava agora nas finais do torneio. Desta vez, seu oponente era bem maior, mais forte, e mais experiente. Preocupado com a possibilidade do garoto se machucar, cogitaram em cancelar a luta, quando o mestre interveio:

- De forma alguma! Deixe-o continuar.

Desta forma, o garoto, usando os ensinamentos do mestre, entrou pra luta e, quando teve oportunidade, usou seu movimento para prender o adversário.

Foi assim que o menino ganhou a luta e o torneio. Era o campeão. Mais tarde, em casa, o menino e o mestre reviram cada movimento em cada luta. Então, o menino criou coragem para perguntar o que estava realmente em sua mente:

- Mestre, como eu consegui ganhar o torneio com somente um movimento?

- Você ganhou por duas razões - respondeu o mestre. - Em primeiro lugar, você dominou um dos golpes mais difíceis do judô. E em segundo lugar, a única defesa conhecida para esse movimento é o seu oponente agarrar seu braço esquerdo.

A maior fraqueza do menino tinha-se transformado em sua maior força... Assim, também nós podemos usar nossa fraqueza para que ela se transforme em nossa força.. O que realmente importa é o poder da determinação.

(Disponível: www.metaforas.com.br/metaforas/metaf20020330.asp Acesso: 10/1/2012)

A Parábola do faixa preta

Eduardo A. de Paula

Imagine um lutador de artes marciais ajoelhado na frente do mestre *sensei* numa cerimônia para receber a faixa preta obtida com muito suor. Depois de anos de treinamento incansável, o aluno finalmente chegou ao auge do êxito na disciplina.

"Antes que lhe dê a faixa, você que passar por um outro teste", diz o *sensei*.

"Estou pronto" responde o aluno, talvez esperando pelo último assalto da luta.

"Você tem que responder à pergunta essencial: Qual é o verdadeiro significado da faixa preta?".

"O fim da minha jornada", responde o aluno. "Uma recompensa merecida por meu bom trabalho".

O *sensei* espera mais. É obvio que ainda não está satisfeito. Por fim, o *sensei* fala.

"Você ainda não está pronto para a faixa preta. Volte daqui a um ano".

Um ano depois, o aluno se ajoelha novamente na frente do *sensei*. "Qual é o verdadeiro significado da faixa preta?". Pergunta o *sensei*.

"Ela é o símbolo da excelência e o nível mais alto que se pode atingir em nossa arte", responde o aluno.

O *sensei* não diz nada durante vários minutos, esperando. É óbvio que ainda não está satisfeito. Por fim, ele fala. "Você ainda não está pronto para a faixa preta. Volte daqui a um ano". Um ano depois, o aluno se ajoelha novamente na frente do *sensei*. E mais uma vez o *sensei* pergunta: "Qual é o verdadeiro significado da faixa preta".

"A faixa preta representa o começo - o início de uma jornada sem fim de disciplina, trabalho e a busca por um padrão cada vez mais alto", responde o aluno.

"Sim. Agora você esta pronto para receber a faixa preta e iniciar o seu trabalho".

(Disponível em: http://www.aikikai.org.br/art_parabola.html. Acesso : 10/01/2012)

CH: Falávamos do rito como fator de educação oriental, com seus procedimentos. Já os provérbios e parábolas, os *amthal* como estamos dizendo aqui, propõem uma situação concreta, uma história, uma máxima expressiva... e a partir daí é que se obtém a luz prudencial para a decisão. Para ficarmos apenas com cão e gato (e com uns poucos exemplos dentre as dezenas possíveis) a tradição japonesa orienta o comportamento humano com base nesses animais domésticos. Como era de esperar, cão e gato são dois importantes animais na simbologia cultural:

Inu wa mikka kaeba sannen on o wasurenu

Cuide de um cão por três dias e ele não esquecerá a bondade por três anos.

Neko wa sannen no on wo mikka de wasurenu

Cuide de um gato por três anos e ele esquecerá a bondade em três dias.

Ao contrário do cão, o gato não tem solicitude pelo próximo. Assim quando alguém está muito ocupado e necessitado de ajuda:

Neko-no te-mo karitai

Quer ajuda até do gato.

Etc.

Há um autor interessante, para o nosso caso, Manabu Murase, que nos dá uma preciosa indicação sobre uma das razões pelas quais a cultura japonesa volta-se para os provérbios: na antiguidade, para “acessar” a realidade quotidiana, o provérbio era considerado a porta de entrada para adentrar em outros âmbitos, sistemas que integram o mundo. Pelo provérbio supera-se a insegurança, perde-se o medo de interagir com novos âmbitos (novos povos, novas situações, novas realidades geográficas etc.), dando como que uma familiaridade para com eles; “domesticando” a realidade. Os deuses (e as forças cegas da natureza etc.) apresentam-se agora em uma linguagem nossa. Se se dispõe de um provérbio como, digamos, “Quando o vento briga com o mar, quem vira é a barquinha”, isso não afasta tempestades, mas pelo menos nos orienta sobre como lidar com elas...

SOS: Como o Judô é uma das poucas práticas de origem oriental presente em diversas escolas brasileiras; utilizar contos, histórias, canções, parábolas e metáforas para levar parte do pensamento oriental é um privilégio que deve ser explorado. Por mais que se desenvolvam atividades e vivências sobre cultura oriental na escola, estas são pontuais, enquanto que o Judô, quando a escola oferece, é tido como atividade de longo prazo, com espaço próprio, o *Dojo* (local de prática do judô).

O que preocupa, em certo sentido, é afirmação do Judô na escola somente como prática esportiva, desconsiderando sua função formadora na possibilidade de veicular a linguagem e o pensamento oriental.

Para não perder a oportunidade de vivenciar o pensamento oriental no espaço do *Dojo*, além do uso de provérbios, parábolas e histórias, uma outra forma de *mathal* vem sendo explorada utilizando a metáfora por simbologia, ou seja, um objeto que carrega em si um significado simbólico, uma mensagem filosófica de caráter educativo. Um exemplo disso é a utilização do *hashi* (utensílio tradicional da alimentação oriental) para representar aspectos importantes do Judô como, por exemplo, o da interdependência.

Para pegar o alimento são necessário dois palitos. Você não pode utilizar um só, pois não vai espetar o alimento; são necessários dois. O Judô também se faz em

parceria, não podemos achar que somos auto-suficientes: uns precisam dos outros. O *hashi* simboliza a interdependência. Para utilizá-lo é necessário pressionar um contra o outro, ou seja, na oposição das forças o alimento é capturado. No Judô, a oposição de forças, habilidades e conhecimento entre os lutadores não os torna inimigos, esta *oposição somada* torna-se o alimento, a essência, a ajuda mútua onde ambos progridem. Os palitos do *hashi* simbolizam corpo e alma; mente e espírito de maneira integral. Separados não funcionam, sua integridade é princípio fundamental, não há utilidade no dualismo. *Hashi*, guardada evidentemente as diferenças da sutileza da pronúncia e sua grafia em *kanji*, também significa ponte, donde podemos tirar a mensagem *Do* (caminho) a ser seguido pelo judoca, um caminho no qual a interdependência é condição primordial.

GV: Escolher histórias para trabalhar a aprendizagem dos valores, especialmente a educação para a *prudentia* (como a mãe de todas as virtudes), tanto para os alunos quanto para os professores tem sido tarefa prazerosa. Essa tarefa nos estimula a pensar sobre como atuar nesse papel de professor nos diferentes ciclos, além de olhar para muitas situações que mantêm relações burocráticas e autoritárias. As histórias nos ajudam a refletir criticamente sobre muitos assuntos cotidianos. Através delas desenvolvemos o olhar observador das nossas próprias ações.

Nas escolas onde trabalhamos, situações como a citada (dos uniformes) - exigir o que ainda não foi entregue – são, infelizmente, comuns. Há bibliotecas que continuam fechadas pois eventualmente os livros podem sumir. Há salas de informática que não podem ser usadas porque as máquinas podem ser destruídas ou as peças podem ser furtadas. Há ainda provas que avaliam assuntos ainda não trabalhados, não aprendidos. Enfim, que mundo estamos gerando com essa cultura da desconfiança?

É importante nos dias de hoje nos perguntarmos sobre quais histórias poderemos contar para esses grupos para que possam olhar o presente vivido e darem conta do que nós mesmos temos gerado e conservado como parte da nossa cultura. Fazer escolhas nos leva a refletir. Vale lembrar Humberto Maturana e o convite que nos faz: lançar um olhar sobre nossa história de transformações culturais a partir do suceder de nossos espaços ou dinâmicas emocionais e de sentires relacionais íntimos que guiam tais transformações num sentido ou noutro. Nada mais rico do que as histórias escritas por nós, seres humanos que de alguma forma conservam o que escolhemos em cada momento histórico. Ele ainda diz que podemos entender a existência humana através de um olhar que nos leve a nos perguntar o que desejamos conservar em nosso viver, conscientes de que essa escolha faz com que tudo o mais possa mudar, transformar-se.

JL: Voltando à pergunta inicial, os *amthal* – as histórias, anedotas etc. – sempre me guiam nas grandes e pequenas decisões da vida. Se me permitem, vou elencar aqui alguns exemplos pessoais, usando como critérios de seleção: os mais frequentes. os que tenho citado em estudos e os mais “úteis”.

Mas, antes, uma consideração teórica: tomar uma decisão é tarefa daquilo que se chama classicamente “razão prática”; não a razão que demonstra teoremas e articula enunciados abstratos, mas a razão que se volta para o “aqui e agora” e exige de mim uma dentre as diversas possibilidades concretas do agir neste caso: daí que a *prudentia* seja caracterizada como *recta ratio (orthos logos) agibilium*. (Claro que os *amthal* podem se prestar a manipulação ideológica, a distorções, a uma “*perversa – torta - ratio*” (risos) mas deste aspecto trataremos em outra ocasião).

Ora, dentre os diversos significados (ou derivações de significado) que a língua grega atribuiu à palavra *logos* (*ratio*), está o de razão no sentido de proporção: a relação 7/8 por exemplo, expressa um *logos* e desde Euclides falamos em números racionais e dizemos que a população cresce na *razão* 15/10000 e até de *ração* – o cahorro grande ganha 2/5 de comida; os 3 pequenos, uma *ração* menor: 1/5 cada um. Daí, recordemos de passagem, o imenso drama vivido pelo pensamento grego, quando da descoberta de números irracionais, *não-logos*, como a raiz quadrada de 2, a relação entre a diagonal e o lado do quadrado..., que não podiam ser “homologados” num “sistema língua-pensamento” (Lohmann) centrado no verbo ser...

E assim temos o conceito de *ana-logos* (o que está em proporção, na devida razão): dizer que a população cresce à razão de 15/10000 é afirmar a mesma razão que 3/2000. É *aná-logo*: 15 está para 10000, assim como 3 está para 2000. E assim como fica tudo mais claro quando reduzimos 91/104 a seu equivalente 7/8; assim também a leitura desta situação de minha vida pode ser reduzida a uma *análoga*, exposta mais claramente num *mathal*.

Daí que, até Marx no prefácio de *O capital*, lembre a sentença chave da pedagogia das fábulas, a célebre advertência de Horácio (*Satirae* I, 1): “De te fabula narratur...” ([Por que ris?] A fábula fala é de ti). Evidentemente, não estamos interessados em formigas, cigarras, lobos ou ovelhas, mas em nossa vida: nosso chefe, nossa sogra, nossos projetos etc. São Paulo, comentando o caráter de *mathal* de uma das tantas passagens da Bíblia: “Não atarás a boca do boi que debulha” (Deut 25, 4), desfere a ironia: “Acaso Deus está se preocupando com bois? Ou é para nós que Ele diz isto?” (I Cor. 9, 9-10). *De te fabula narratur...*

E aqui se coloca um outro aspecto importante do ponto de vista psicológico – pessoal e também pedagógico – e é o da isenção que obtemos transferindo o problema para as fábulas. O rei Davi está totalmente cego e não reconhece seu horrendo crime de mandar matar Urias para ficar com sua mulher, até que Deus lhe envia Natã (II Sam 12) para contar-lhe a história de um homem que tinha imensos rebanhos e ainda assim mata a única ovelhinha do pobre etc. Davi, indignado, diz: “Esse homem merece a morte!” (II Sam 12, 5). E Natã responde: “Tu és esse homem...”.

Ao mesmo tempo, a fábula permite uma maior margem de segurança ao crítico dos poderosos, que, afinal, está apenas contando uma história...

(...)

Nessa linha, de manifestação indireta da verdade, há um sugestivo provérbio árabe: “Bate no cão, tua noiva compreenderá...” (“Toma, cachorro maldito, isto é por ter fuçado nas minhas gavetas e ter mexido nos meus livros etc.”)

GV: Essa fábula traz muitos aspectos interessantes para nossa reflexão: o primeiro é que, muitas vezes, para que possamos executar uma ação ou falar algo, precisamos olhar o contexto para tomar a melhor atitude. No psicodrama olhamos para três contextos: o social, o grupal e o dramático (a ação propriamente dita).

O segundo é como cada um se apresenta a partir do seu desenvolvimento, da sua identidade, de quantos papéis já viveu em sua vida. É comum, quando somos jovens, colocarmos a cara a tapa. Falamos tudo, doa a quem doer. Passado um pouco o tempo, ponderamos e nos perguntamos se valeu a pena a briga. E assim, muitas vezes, nos vestimos de acusação, julgamos tudo e todos a partir de muitas teorias e, por fim, temos muitas explicações. Quem sabe podemos aprender a ser fábula? E assim nos

divertir e rir de nós mesmos e desvelar a verdade de uma forma compartilhada com a aceitação de todos os envolvidos, sem contudo trair aquilo que deveria ser dito.

O terceiro aspecto que ocorre é que ela conta do processo e não do produto. Conta como a ardilosa mulher consegue entrar no palácio. O que vai acontecer - se é que vai acontecer algo - não ficamos sabendo, não importa, pois o foco está no fazer. O processo é muito interessante, nos coloca no aqui e agora.

O quarto aspecto é que na fábula, como na vida, existem muitos medos. E se a verdade entrasse porta adentro? E se a acusação tivesse entrado? A fábula pode entrar porque não ameaça. Ela é inventada, convida à participação.

O gostoso da história é que ela forma uma teia, revela a cultura interna (de quem inventou) e externa (do lugar onde vive), como e quem fez, vê, pensa, sente o que vive. A trama aumenta quando alguém lê, porque passa a ver, pensar e sentir, a partir da sua cultura interna/externa. A obra lida com seu entorno. A realidade é recriada com liberdade. O escritor, o contador, quem ouve a história ou a lê vislumbram os personagens que dançam juntos num contexto social, grupal e pessoal.

Além de tudo que foi exposto há as palavras que descrevem a mulher: ‘fantasia, verdade, formosa, nua, despudorada, obstinação, acusação, encantadora, capricho, linda’. Trazem aspectos positivos e negativos. Apresentam uma atitude duvidosa: engana, de um lado, mas se olharmos de uma outra ótica é esperta. Como eram vistas as mulheres? A possibilidade de sermos pessoas não idealizadas como ocorre no texto é muito interessante. As diferenças de gênero (masculino e feminino) – estou citando Maturana – são somente formas culturais específicas de vida, redes específicas de conversações. É por isso que os diferentes valores que nossa cultura patriarcal confere às diferentes de gênero não tem fundamentos biológicos. Em outras palavras, as distinções sexuais são biológicas, mas o modo como vivemos é um fenômeno cultural.

JL: Grandes filósofos não têm reparos em citar fábulas e historietas para ilustrar suas teses. Um par de exemplos. Marx e Engels, no *Manifesto*, explicam que a destruição do capitalismo não virá de forças “externas”, mas da própria dialética interna que o leva a liberar forças que acabarão por suprimi-lo. E evocam a tradicional fábula: “*Tal como o aprendiz de feiticeiro, a burguesia não consegue controlar as potências que pôs em movimento*”. E Tomás de Aquino, ao falar da ponderação antes de exercer o direito de fazer uma revolução, lança mão também de um “caso”:

Verdadeiramente, costuma acontecer, na tirania, tornar-se a posterior mais grave que a precedente, pois não retira os gravames anteriores e, até, pela perversidade do coração, excogita novos. Por essa razão, como outrora, em Siracusa, todos desejassem a morte de Dionísio, certa velha orava continuamente a fim de que ele ficasse incólume e sobrevivesse a ela. Disso sabendo, interrogou o tirano por que fazia assim. Ao que respondeu: “Quando eu era menina, como tivéssemos pesado tirano, desejava a morte dele; morto esse, sucedeu-lhe outro algo mais rude, cujo fim de dominação eu tinha por grande bem. E começamos a ter um governo mais intolerável, que és tu. Portanto, se fores derrubado, sucederá um pior no teu lugar”.

(<http://pt.scribd.com/doc/65690839/7/Capitulo-VII> *De Regimine Principum* I, VII acesso em 10-01-12)

Mas, passando a alguns casos concretos de uso de *amthal* (tanto em nível pessoal como no de comunicação), começaria por um dos mais geniais, que consegue

com quatro palavras dar conta de uma sutil e complexa situação (e nos dá ocasião também de refletir sobre alguns outros aspectos da Pedagogia dos *amthal*).

A linguagem está muito ligada às gerações. Julián Marías acertadamente estabelece o espaço geracional, em termos de participação social, em 15 anos. Então, com a atual média de vida do brasileiro, convivem cinco gerações em nosso país. As distâncias de linguagem são por vezes acentuadas e se, por um lado, o bisavô não entende as gírias da garotada; por outro, os jovens usam cegamente as frases feitas dos mais velhos. E não é fácil prescindir delas. Como expressar rápida e eficazmente (o *amthal* tem esse aval), por exemplo, a vontade de A, em determinada situação, de abortar a tentativa do interlocutor, B, de envolver A em um problema que é só de B? E mais: dando a entender, ademais, a ironia de que B desfruta dos sucessos sozinho, mas na hora do aperto, quer dividir o problema com A, mas que desta vez passou da conta?

Nosso exemplo ilustra muito bem o *gap* geracional de que estamos falando. A situação se resolve com a usadíssima expressão “Nós quem, cara pálida?” (“quem cara pálida” aparece, segundo o Google em 110000 sites! Busca em 26-12-11).

Numa conversa entre pessoas de 60 anos, eles sabem muito bem a finíssima ironia e devastador conteúdo do que estão dizendo; mas e os adolescentes, que também se valem da expressão?

No “Yahoo – respostas” encontrei a pergunta:

Qual a razão de se chamar o índio [sic] de "Cara Pálida"?

Até hoje não entendi isso... Que significado tem chamar o índio de "Cara Pálida"!?

Bjus e obrigada pelas respostas!!

(<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070312075324AAZ0sxz>, acesso em 26-12-11))

Por aí já se vê a importância do trabalho da Georgia que, entre outros objetivos, tem o de dar consciência ao falante dos *amthal* que fala e ouve. A geração da mocinha que indagava (e mesmo a de seus pais) nunca terá assistido a westerns de índios (os pele vermelhas em contraposição aos caras pálidas); mas há 50 anos esses filmes eram o pão de cada dia, no cinema e na TV. E, como todos de minha época se lembram muito bem, o Zorro não era (principalmente) o de capa e espada, mas um *ranger* mascarado (daí também a expressão “ficar mascarado¹⁰⁹” do futebol).

A expressão “Nós, quem, cara pálida?”, procede de uma piada do início dos anos 60. A TV brasileira exibia o seriado do herói Lone Ranger, que, no Brasil, foi batizado de Zorro; um *ranger* sempre acompanhado de seu fiel e servil índio Tonto. Um dia Zorro e Tonto encontram-se encurralados por índios sioux de um lado; comanches, apaches e moicanos pelos outros lados. Quando acaba a munição, Zorro se lamenta: “Nós estamos perdidos, Tonto”. Tonto faz sua melhor pose de índio, capricha no sotaque e responde: “Nós, quem, cara-pálida?”.

GV: Falar da importância de contextualizar as histórias e as situações, para que façam sentido para um grupo maior de pessoas é fundamental. Diria meu mestre e amigo Cesarino que o atuar na situação sociodramática pode desenvolver nas pessoas a consciência de que é possível ser realmente agente da própria vida e de que,

¹⁰⁹ O mascarado Zorro enfrentava casos incríveis e perigosíssimos, afetando naturalidade.

participando realmente de um coletivo, essa possibilidade se multiplica, criando mais possibilidades. Então contextualizar as pessoas através das vivências e da escuta de histórias refletidas no coletivo nos torna mais engajados. Esse termo embora com muitas conotações históricas pode nos levar a muitas derivações. Assim vamos nos conscientizando e nos dando conta de cada palavra compartilhada e resignificada.

Os termos são mantidos numa cultura enquanto fazem sentido, depois ficam obsoletos. Quando algumas palavras são ditas, indicam a faixa etária de quem diz. Um exemplo a minha mãe perguntou para a minha filha, sua neta, se ela estava incomodada? Hoje em dia falar de menstruação, não tem problema, mas na época dela se falava de “incômodo”. Essa conversa foi muito rica no sentido de que lugar cada um fala, que conotações as palavras têm em cada momento. Foi uma boa conversa do feminino em três gerações.

JL: É frequente o caso de piadas, fábulas, parábolas, provérbios etc. se reduzirem a uma sentença (do desfecho ou não) ou palavra e, nessa forma enxuta, virem a fazer parte do vocabulário. E grande parte dos usuários nem suspeitam da saborosa história que está por trás de expressões como: amigo da onça, lágrimas de crocodilo, mãe coruja, longo e tenebroso inverno etc.

Se o primeiro exemplo, tomei de uma piada, o segundo é um clássico do budismo.

A jangada de Buda. Quando mudo de casa, surge o problema: o que devo conservar; do que devo me desfazer? Há gente que guarda, por décadas, trastes que vão de aparelhos velhos de celular a livros que já não interessam ou móveis que eram do tempo em que os filhos ainda moravam com eles... Uma das mais célebres parábolas de Buda (Carrière 2004: p. 346) ajuda a decidir nesses casos (claro que, como frequentemente ocorre, a mesma parábola pode ser aplicada em diferentes contextos e com mais ou menos amplitude – nesse caso, há interpretações que reivindicam um desapego até das coisas úteis e boas):

E assim, [Buda] deu o seguinte : exemplo: Um homem, viajando, chega à margem perigosa e assustadora de um rio de vasta extensão de água. Então vê que a outra margem é segura e livre de perigo. Pensa: "Esta extensão de água é vasta e esta margem é perigosa, aquela é segura e livre de perigo. Não há embarcação nem ponte com que eu possa atravessar. Acho que seria bom juntar troncos, ramos e folhas e fazer uma jangada com a qual, impulsionada por minhas mãos e meus pés, passe com segurança à outra margem". Então esse homem executa o que imagina, utilizando-se de suas mãos e seus pés, e passa para a margem oposta sem perigo. Tendo alcançado a margem oposta, ele pensa: "Esta jangada me foi muito útil e me permitiu chegar a esta margem. Seria bom carregá-la à cabeça ou às costas onde quer que eu vá". [...] – [Buda conclui:] Como agiria ele adequadamente em relação à jangada? Tendo atravessado para a outra margem, esse homem deveria pensar: "Esta jangada me foi de grande auxílio e graças a ela cheguei com segurança, agora seria bom que eu a abandonasse à sua sorte e seguisse o meu caminho livremente”
(www.iccfh.net.br “Pensamentos Recolhidos em Textos Budistas e Zen-budistas” acesso em 10-01-12)

GV: Ler uma história ou contá-la nos faz muitas vezes reviver situações de uma forma nova. Somos pegos por outros jeitos de ver o que vivemos ou sentimos num momento anterior. Como num psicodrama, nos vemos em cena vivendo o que os personagens vivem. Nem sempre precisamos protagonizar a situação para poder transformar ou entender o que se passa em nós. Assim podemos nos desapegar de situações vividas as que carregamos e que nos causam dor. Na visão de Maturana, o que move as pessoas é a curiosidade e a dor. Temos escolha: podemos largar, a jangada, as tralhas, as teorias, as dores e viver mais simplesmente o aqui e o agora. Estamos mais abertos para o vivo.

JL: *O aroma da sopa.* Esta, também oriental e antiga, se aplica sobretudo a pessoas apegadas a regrinhas absurdas. Era uma vez, no tempo em que os animais ainda falavam, numa floresta, havia um departamento com alguns professores muito burocratas, que infernizavam a vida dos colegas, exigindo o cumprimento à risca das regras (claro que, quando se tratava de alguém da turma deles, as coisas mudavam: “Para os amigos tudo; para os inimigos, a lei”). Numa dessas, queriam excluir uma colega que não atingiria o número de pontos acadêmicos, pois iria publicar um livro, o que só lhe conferiria, digamos, 10 pontos segundo as regras do reino e ela precisava de 40 pontos para se recredenciar. O editor do reino, querendo resolver o problema, lembrou-se da história do “aroma da sopa” e, num passe de mágica, desmembrou o livro e publicou-o em quatro artigos (junto com alguns de outros autores), em uma revista qualificada (cada artigo valia 12 pontos) e assim ela completou 48 pontos e viveram felizes até a próxima avaliação...

A decisão foi inspirada em “O preço da fumaça”, também aqui na versão de Malba Tahan:

[...] Já pelo início da noite, em um dos cantos do imenso pátio, sobre um fogo aceso, fumegava um grande caldeirão de sopa, cuja fumaça cheirosa e azulada encapava-se pelas frestas da enorme tampa.

O pobre Salim, camaleiro de uma daquelas tantas caravanas, tirou do seu bernal um pedaço de pão duro e seco, aproximou-se do caldeirão e pôs-se a passá-lo através dos halos da fumaça, como que a pretender melhorar ou suavizar-lhe o insosso sabor, impregnando-o com um pouco do cheiro daquela sopa.

Neste momento, ele ouviu bradarem ao seu lado:

- Miserável, ladrão, que Alá, e bendito seja o Todo-Poderoso, te castigue, ó cão! Furtas a minha fumaça. Prendam-no.

Era Mustafá, um dos mais ricos chefes de caravanas de Basra, que assim vociferava. Salim foi cercado e rudemente seguro por dois ou três homens, sendo levado à presença de um velho Cádi (juiz entre os muçulmanos), que vinha da capital Bagdá [...]

O douto juiz ordenou, então, a Salim, que tomasse numa de suas mãos o seu pequenino saco de moedas, desatando-o do cinto, e que o sacudisse bem, de forma alta e forte, fazendo com que as parcas e ínfimas moedas de cobre existentes no seu interior tilintassem bem alto.

- E tu, ó Mustafá, ouviste bem o tilintar sonoro das moedas de Salim?

- Sim, Excelência, eu ouvi muito bem.

Todas estas pessoas que nos rodeiam testemunharam comigo que tu disseste ter ouvido o tilintar das moedas, quando agitadas por Salim. E, aprende, ó Mustafá, para o resto da tua desprezível vida, que todo aquele que se arvora no direito de cobrar de seu semelhante pelo uso do cheiro de uma fumaça, que se esvai de um caldeirão a cozinhar uma sopa, deve contentar-se em ver-se inteiramente pago pelo tilintar de moedas que sai de dentro do saco que as contém. Repito, estás pago, ó Mustafá. Vai-te, pois, logo deste lugar.

www.gazetadotriangulo.com.br/novo/index.php?option=com_content&view=article&id=13879:o-preda-fuma&catid=28:direito-e-justi&Itemid=291 acesso em 10-01-12)

Por joder. Disse que a motivação dos maus colegas estava ligada a apego a regrinhas; na verdade, talvez o ponto central fosse outro, mais simples e profundo. Quando não chegamos a atinar com as insondáveis razões da malvada conduta de outrem, pode ser útil recordar uma das proverbiais piadas nacionais da Espanha: o mero prazer de prejudicar o outro pode ser motivação suficiente.

O vovô está à beira da morte e diz aos herdeiros reunidos em redor de seu leito:

“- Em meu testamento, se eu morrer em Madri, vocês têm de me enterrar em Barcelona; se eu morrer em Barcelona, devem enterrar-me em Madri”.

- Por que, por que?

- Por *joder*...!

(...)

Eu, cá, não sou orgulhoso. Para finalizar, algumas histórias pessoais; a primeira se aplica muito bem a pessoas que têm pudores com dinheiros e cobranças. Devo-a ao seu Armandinho, o laborioso português dono de uma maravilhosa casa de

frutas e batidas, não longe daqui [do Espaço Estância]. Um dia, já encerrado o consumo, aproveitei que meu amigo tinha ido ao toalete e chamei o Armandinho:

- Por favor, traga-me rapidamente a conta, pois meu amigo sempre faz questão de pagar e eu quero acertar antes que ele volte.

Imediatamente, ele traz a conta, recebe o pagamento e diz:

- Muito obrigado. Mas, olhe lá, eu não sou orgulhoso e, se o seu amigo faz questão de pagar, eu posso receber uma segunda vez.

Esta história eu mesmo tenho evocado para afastar constrangimento em situações embaraçosas: o seu Armandinho virou *mathal*... – meus amigos já falam: “Eu vou dar uma de Armandinho e vou aceitar” etc. É interessante notar que, na Bíblia (Jó 17, 8), Jó anuncia que, pelo seu sofrimento, ele já se tornou um *mathal* para o povo (*mathalan al-shu'ubi*) e ainda hoje dizemos “paciência de Jó” (Tg 5, 11) – em inglês gato de Jó é tipo de pobreza: *Job's cat*.

Meu dignidade professional está OK. Ainda em questões delicadas de dinheiro, ainda hoje e sempre, tomo decisões baseado em um episódio com Alfredo, então meu professor de inglês, além de grande amigo (falecido há alguns anos). Há cerca de uns quinze anos (e ainda hoje...), a Mandruvá estava com apertos financeiros, mas precisávamos traduzir alguns artigos para o inglês e ninguém melhor do que o Alfredo, nativo e culto. O Alfredo era um lorde, finíssimo e britânico imperturbável. Por exemplo, contava como quem conta um pequeno incidente de família as agruras que tinha sofrido na guerra como prisioneiro dos japoneses.

Eu encomendei o trabalho como se fosse um cliente normal; ele aceitou e, por ser amigo, ofereceu-me um bom desconto. Dias depois, ao entregar as (primorosas) traduções, pegou a calculadora e deu-me o preço: quatrocentos e vinte e três dólares. “- Mas, para você, vou fazer por quatrocentos”. Era o combinado (e até com um chorinho adicional), esforcei-me para aparentar fleugma britânica e dei-lhe o dinheiro, tentando esconder a angústia... Ele conferiu lentamente, guardou no bolso e disse: “- *Meu dignidade professional está OK.*” Em seguida, tirou o maço de notas do bolso e disse: “Agora, posso contribuir para ajudar seu editora?” E deu-me os US\$ 400. Grande Alfredo (ou Alfredo, o grande)!

Abraço também, não. Outro relato inesquecível é o daquele colega, notável professor universitário, que, na época das guerras coloniais, tinha lutado ao lado dos nativos e foi preso pela polícia política da metrópole. Muitos anos depois, uma incrível coincidência: ele encontrou o truculento agente que o prendera em um supermercado em São Paulo! Reconhecendo sua antiga vítima, o agente tentou esquivar-se (“- Mas o supermercado não era grande e eu acabei por encurralá-lo lá junto a umas gôndolas”). Ao encarar, em novas circunstâncias, sua antiga vítima (em outro país e sem estar investido dos arbitrários poderes de outra época) entrou em pânico, empalideceu e emudeceu.

De modo breve e seco, o professor lhe disse que não queria acertar contas, pois compreendia que, na época, os dois estavam em partes antagônicas e cada um a cumprir o seu papel. O (ex-)agente respirou aliviado e, abrindo os braços, dirigiu-se ao professor, que o deteve com um gesto enérgico: “Olhe lá, abraço também: não!” Virou as costas e foi embora completar suas compras.

Muitos cristãos escrupulosos podem encontrar nesse relato o antídoto contra interpretações tolas do “Virar a outra face” e “Amar os inimigos” do evangelho. Esse professor, marxista, deu um grandioso exemplo de perdão e ensina ao cristão, que ele

não tem que fazer bilu-bilu para o agressor (e evidentemente, se possível, não deixar de exigir a devida reparação e a punição jurídica, que pode levar o injusto à reflexão, tão necessária para sua conversão e salvação de sua alma...)

Como um *coda*, só lembrar que muitos *amthal* vêm da publicidade: como – para ficarmos em um par de exemplos – o, na época famoso “Não é uma Brastemp” (que dava vazão ao gosto brasileiro pelo eufemismo...). E a imensa falta que faz – diante de um pedido trabalhoso de um amigo – aquela pergunta: “Dá para tomar uma Kaiser antes?”

Collatio 10 jan-mar 2012
CEMOrc-Feusp / IJI - Univ. do Porto

“Teatro” Xiita - O Drama de Karbala¹¹⁰

Aida Hanania¹¹¹
Jean Lauand

¹¹⁰. Originalmente, conferência no *I Encontro Cemoroç Educação: Os Orientes*. São Paulo, 21-12-11.

¹¹¹. Profa. Titular (aposentda) da FFLCHUSP.

Resumo: O dia da Ashura, dia 10 do mês de Muharram no calendário muçulmano, é comemorado pelos xiitas como dia de luto pelo martírio de Hussain Ibn 'Ali, neto do Profeta, na Batalha de Karbala, ocorrida no dia 10 de Muharram do ano 61 AH (10 de outubro de 680). Em países de predominância xiita, como o Irã e o Iraque, a comemoração de Hussain é feriado nacional: "dia da Ashura", recordando o martírio de Hussain, o terceiro Imam xiita, com sua família e amigos em Karbala. Todos os anos, em todo o Irã, companhias de teatro, amadoras e profissionais, reencenam o *Drama de Karbala, ta'ziya* dos trágicos acontecimentos de Karbala.

Palavras Chave: Drama de Karbala. Xiitas. Teatro xiita. Hussain Ibn Ali. Irã.

Shi'a Theater – The Drama of Karbala

Abstract: The Day of Ashura is on the 10th day of Muharram in the Islamic calendar and marks the climax of the Remembrance of Muharram. It is commemorated by Shi'a Muslims as a day of mourning for the martyrdom of Hussain Ibn Ali, the grandson of Muhammad at the Battle of Karbala on 10 Muharram in the year 61 AH (October 10, 680 AD). In some Shi'a regions of Muslim countries, mainly in Iran and Iraq, the Commemoration of Hussain has become a national holiday and most ethnic and religious communities participate in it. This day is well-known because of mourning for the martyrdom of Hussain, the third Shia Imam, along with members of his family and close friends at Karbala. Every year, in hundreds of villages, towns and cities in Iran, companies of amateur and professional actors in the festival of ashura replay *The Drama of Karbala, Ta'ziya* of the events of Karbala.

Keywords: Drama of Karbala. Shi'a. Muslim theater. Hussain Ibn Ali. Iran.

Nota Introdutória (a tradução da peça encontra-se em <http://www.hottopos.com/collat10/4758AidaAshura.pdf>)

O teatro nunca foi arte de maior destaque entre os árabes e muçulmanos. Afora o teatro de sombras - que se atesta, no mundo árabe, desde o fim da Idade Média, por influência turca -, há poucas expressivas manifestações árabes dessa arte.

O teatro árabe atual tem suas raízes fundamentalmente no teatro europeu que adentrou o Oriente Médio como parte da influência ocidental, em meados do século passado.

Por outro lado, há um tipo de teatro, a *Ta'ziya* que é muito tradicional e cultivado em certos setores muçulmanos. *Ta'ziya*, literalmente "consolação", é a transposição persa¹¹² dos *Mistérios* medievais do Ocidente, embora deles se diferencie no espírito e na forma (é antes um remanescente de antigas práticas religiosas persas).

A peça ritual iraniana, sempre representada durante os primeiros dias do mês muçulmano de *Muharram*, que culmina com a festa da *Ashura* (10 de *Muharram*, em 2012: 24 de novembro), relembra, sobretudo, o massacre de Hussain e os infortúnios de outros membros da família de 'Ali. Procedente da literatura medieval, a *Ta'ziya* encontra sua máxima expressão em *O drama de Karbala*, cujas cenas iniciais, apresentaremos, em tradução¹¹³, a seguir.

Naturalmente, como observa Landau, a leitura dessa *Ta'ziya* dá apenas uma pálida ideia da enorme comoção que tal peça exerce sobre a multidão de fiéis xiitas, seguidores de 'Ali, pai de Hussain, o mártir de *O drama de Karbala*.

112. Não é de estranhar, portanto, que, ainda hoje, o Iran seja o lugar natural da *Ta'ziya*, além do mais, por ser também o mais acirrado reduto xiita.

113. Ao longo deste estudo, seguimos os dados e algumas considerações de Charles Virolleaud, em sua introdução ao drama de Karbala: *Le Théâtre Persan ou Le drame de Kerbéla*, Paris, Maisonneuve, 1950. Para a tradução da peça, valemo-nos do texto apresentado nessa obra. Seguimos também Jacob M. Landau *Études sur le théâtre et le cinéma arabes*, Paris, Maisonneuve, 1965.

As notícias repetem-se todos os anos. Um exemplo de 2011:

Irã em transe

Festival de Ashura transforma país em gigantesco centro de devoção e é a essência da cultura xiita - Samy Adghirni de Teerã

O Irã parou ontem para homenagear o santo mais importante do xiismo, cuja morte por inimigos no ano 680 molda até hoje a identidade religiosa e cultural da maioria dos iranianos.

O feriado anual de Ashura, que se encerra hoje, transformou Teerã num imenso centro de devoção ao mártir imã Hussein Ibn Ali, neto do profeta Maomé. Cerca de 90% dos iranianos são xiitas.

Por toda a cidade foram colocadas bandeiras e faixas pretas em sinal de luto. As principais ruas foram tomadas por procissões de homens que simulam autoflagelo batendo nas próprias costas com correias de metal.

Outros devotos jogavam os braços contra o peito em ritmo sincronizado. Mulheres, a maioria coberta com um véu preto que vai da cabeça aos pés, acompanhavam de perto as cerimônias.

Nas mesquitas, o som da pregação que saía dos alto falantes se misturava ao choro vindo tanto da ala masculina como da feminina.

Os cânticos relatam à exaustão como o imã Hussein e seus 70 combatentes foram mortos e mutilados por se recusarem a obedecer um governador da dinastia umíada em Karbala, hoje santuário xiita no Iraque.

Num terminal de ônibus ao norte de Teerã, atores rodeados por gente de todas as idades e classes sociais encenavam ao ar livre os últimos instantes de Hussein.

A morte do imã foi um dos fatores do racha entre muçulmanos sunitas e xiitas, que acreditam que Maomé só poderia ser sucedido por seus familiares. Hussein é hoje cultuado pelos persas, rivais históricos dos árabes, como um santo cujo sangue servirá para defender os injustiçados e oprimidos.

Muitos no país afirmam que a atitude de enfrentamento iraniano contra o Ocidente é inspirada pelas pregações do imã.

Historiadores também dizem que os ensinamentos de Hussein se refletem nos levantes históricos dos iranianos contra governos vistos como injustos -duas vezes contra monarcas no século 20 e, mais recentemente, contra o presidente Mahmoud Ahmadinejad.

(...)

Força Mística

O espírito de Hussein também é tido como uma força mística capaz de operar milagres. Em dias de Ashura, pais levam os filhos em cadeiras de rodas para receber bênçãos nas mesquitas e fazem promessas -atos impensáveis para os sunitas, ramo majoritário do islã.

Muita gente se aglomera em frente a casas ou lojas onde comida é distribuída gratuitamente por acreditar que alimentos abençoados pela Ashura deixam o organismo imune contra doenças.

(Folha de S. Paulo, 6-12-11)



re-encenação da batalha de Karbala em Sadr, Iraque, 2011

Hussain, para os xiitas, ocupa lugar extremamente importante. A doutrina xiita, fundada na interpretação alegórica do Alcorão, prescreve muito poucas crenças, centradas na ideia de que todos os homens são pecadores e, portanto, destinados ao inferno. Podem, porém, ser resgatados, não por esforços próprios, mas por meio de um redentor. Ora, Hussain, filho de 'Ali, é esse redentor¹¹⁴.

O enredo da peça é pura emoção, dramalhão bem ao gosto das massas, potenciado ao extremo pela repetição e insistência - sob diversos ângulos - de um massacre cruel e injusto do grande líder religioso.

Enquanto teatro, a ação está longe de vivenciar os momentos presentes classicamente numa tragédia, que incluem a exposição, desenvolvimento e clímax de um conflito (propulsionados por oposição de vontades).

A ação de *O drama de Karbala*, pelo contrário, restringe-se ao monótono relato linear, resignado e lamurioso, das desventuras da família do Profeta, tendo como momento paroxístico a decapitação de Hussain.

Sobre a representação da *Ta'ziya*, diz Landau: "É representada com maior ou menor pompa e acompanhamento musical nos teatros, nas mesquitas ou ao ar livre. Frequentemente, o cenário - entre realista e simbólico - é extraordinariamente rico; o sangue é real, mas a palha toma o lugar da areia. Além disso, há um exagero nos efeitos

114. Hussain sofreu as perseguições devido, sobretudo, ao fato de ter se casado com a filha de Yezdegerd III, o último sassânida, tornando-se, assim, herdeiro do Rei dos reis e símbolo do nacionalismo persa.

cênicos, como por exemplo, quando a cabeça decepada de Hussain, vertendo sangue, continua recitando versículos do Alcorão”.

Acrescente-se a isto, a extrema sinceridade dos atores e a credulidade das massas e compreender-se-á que as cenas mais irreais sejam, para eles, convincentes. Tenha-se em conta que essa encenação teatral é apenas um dos elementos das celebrações da Ashura. Ela vem acompanhada de pregações e rituais religiosos que também ocorrem num *crescendo* ao longo de dez dias, culminando esses eventos com a representação da paixão do Imam Hussain. Daí o incrível impacto emocional que *O drama de Karbala* exerce sobre a multidão; a comoção chega a extremos como .”o de os próprios atores, desfeitos pela dor, se suicidarem¹¹⁵.



Para situar o leitor, com vistas a uma melhor compreensão do alcance e do significado de *O drama de Karbala*, rememoraremos alguns dados históricos.

Muhammad morreu em Medina, em 8 de junho de 632 e não deixou filhos homens, que pudessem ser candidatos naturais a sua sucessão. Assim, a incipiente e ainda frágil comunidade muçulmana, acéfala, deparou-se, por primeira vez, com um problema para o qual nem o Profeta nem o Alcorão davam solução¹¹⁶.

Assim, era natural que a questão da sucessão se polarizasse entre ‘Ali - casado com Fátima, filha do Profeta - e Abu-Bakr - o primeiro a converter-se ao Islam e um dos sogros de Muhammad (polarização que, de algum modo, projeta-se, ainda hoje, na divisão sunitas/xiitas).

115. LANDAU op. cit., p. 19.

116. Note-se que no Alcorão a palavra *khalifa* (e seu plural, *khala`if*) - literalmente sucessor, vigário, representante - aparece muito pouco (II, 30; VI, 165; VII, 169; X, 14; X, 73; XIX, 59; XXXV, 39; XXXVIII, 26) e em sentido não-especializado: designando um homem (ou homens) *representando* Deus na terra (justos como David - XXXVIII, 26 - ou Noé e seus companheiros, X, 73); ou mesmo qualquer tipo de *sucessores*, até os que seguem os injustos e infiéis (XIX 59). De passagem, observe-se também que a palavra *Ayatullah*, literalmente “sinal de Deus”, embora apareça inúmeras vezes no Alcorão, nunca tem, no Livro Sagrado, o significado de chefe político.

Após longa e apaixonada disputa (dada a falta de critério de sucessão e o peso dos títulos de cada um dos dois califas em potencial), o partido de Abu-Bakr saiu vencedor (seguido, após sua morte, por ‘Umar e Uthman. ‘Ali, quarto califa, ocuparia o cargo somente em 656).

Como faz notar Virolleaud: “se esta ordem de sucessão dos primeiros califas, que é a ordem real, histórica, é admitida por todos os árabes, não o é pelos muçulmanos do Iran. A seus olhos, com efeito, é ‘Ali que é o verdadeiro sucessor de Muhammad, e Abu Bakr, ‘Umar e Uthman não são mais do que usurpadores”.

O drama de Karbala mistura o real e o legendário: Hussain teria se sacrificado pela salvação - temporal e, sobretudo, eterna - de seu povo. Se foi “degolado como um cordeiro”, foi por obediência aos desígnios eternos de Deus. Assim, para os xiitas, Hussain não é só um combatente valoroso, mas, principalmente, “o mártir”. Naturalmente, a lenda encarregou-se de amplificar e mitificar o significado histórico de Hussain.

Antes de apresentar as cenas iniciais de *O drama de Karbala*, resumimos, aqui, as informações aportadas por Virolleaud, como subsídios para a leitura da peça.

Hussain tinha cerca de seis anos, quando Fátima, sua mãe, morreu. Casou-se com a filha do rei dos persas e teve - deste e de outros casamentos - vários filhos e filhas.

Aos cinquenta e cinco anos, partiu com a família para o Iraque, com o intuito de retomar o poder ao Califa de Damasco, Yazid, filho de Muawia, fundador da dinastia omíada.

Mal chegado a Kufa, o pequeno grupo de Hussain viu-se diante do poderoso exército de Damasco, na planície de Karbala. Hussain encontrava-se desamparado (seus partidários foram mantidos, por cerco, longe do campo de batalha, ou caíram pela sede ou golpes dos inimigos).

As cenas passam-se no momento em que Hussain está só com sua mulher (a princesa persa), suas duas irmãs: Zainab e Kulsum, seu filho mais novo, sua filha pequena, Sukaina e seu sobrinho Abdallah, filho de Hassan.

Diante deles, o inimigo: o exército de Damasco, comandado por Ibn Saad e Shamr, representado como inimigo pessoal de Hussain.

É pelo diálogo entre Ibn Saad e Shamr que começam nossas patéticas cenas. [segue-se a tradução da peça]

Notandum 30 set-dez 2012 CEMOrOC-Feusp / IJI-Universidade do Porto

Razões da língua: cultura e ensino de inglês¹¹⁷

em coautoria com Juliana Bassani Rubio¹¹⁸

¹¹⁷. Originalmente, conferência dos autores no “II Encontro Cemoroc Educação: O conhecimento pedagógico e seus limites”. São Paulo, 20-12-2012.

¹¹⁸. Professora do Bacharelado em Letras com ênfase em Tradução, Bacharelado em Secretariado Executivo Bilíngue e Centro de Línguas na Universidade Metodista de São Paulo e mestranda do Programa de Mestrado em Educação da Univ. Metodista de São Paulo. juliana.rubio@metodista.br

Resumo: O artigo discute o ensino de línguas a partir de uma perspectiva que transcende a da mera aprendizagem (de pronúncia, vocabulário, gramática etc.), mas que envolva a discussão de fatores culturais e antropológicos – como indicam filósofos como Pieper, Gusdorf e Whitehead – suscitados pelo rico potencial contido precisamente nas línguas. Após uma discussão teórica, analisa-se o caso do inglês e de sua dualidade.

Palavras Chave: Ensino de línguas. Josef Pieper. Educação. Antropologia. Ensino de inglês.

Reason of Language: culture and English teaching.

Abstract: This study discusses the language teaching through a perspective that exceeds the simple learning (pronunciation, vocabulary, grammar etc), but involves the analysis of cultural and anthropological factors – as indicated by philosophers like Pieper, Gusdorf e Whitehead – elicited by the strong potential precisely restrained in languages. After a theoretical analysis, the English language and its duality are analyzed.

Keywords: Language teaching. Josef Pieper. Education. Anthropology. English teaching.

As razões da língua

Inicialmente, queremos agradecer aos organizadores deste evento pela oportunidade desta apresentação e debates. Nesta exposição, queremos chamar a atenção para uma perspectiva mais ampla do ensino de línguas – contemplando particularmente o caso do inglês –, para além das “metodologias” uniformizantes, tão frequentemente utilizadas pelos cursos e escolas de língua.

E é que a língua, qualquer língua, é muito mais do que um código frio; ela traz consigo, em alguma medida, um modo de ver o mundo: não só um meio de comunicação, mas, antes e acima de tudo, o próprio sistema operacional de nosso pensamento: o filósofo Johannes Lohmann (2000), em formulação forte, fala mesmo de um “sistema língua/pensamento”: não é que a linguagem expresse o pensamento; ela é o que possibilita o pensamento.

Certamente, a afirmação lohmanniana estende-se aos fundamentos últimos da relação dialética língua x pensamento, mas, nesta exposição, deter-nos-emos em aspectos “penúltimos”, culturais, mais importantes para um aprendizado profundo e consciente da língua. Claro que com isto não estamos nos referindo ao verniz cultural de eventos, mais ou menos superficiais, como celebrar o Halloween ou decorar a escola de verde para celebrar o dia de São Patrício...

Começemos por recordar, brevemente, os fundamentos antropológicos de nossa proposta. Uma característica essencial, apontada unanimemente pelos antigos, é a de que o homem é um ser que esquece. Na tradição árabe, a própria palavra para designar o ser humano é *Insan*, aquele que esquece e, na tradição ocidental, desde o “Hino a Zeus” de Píndaro, o esquecimento é o grande diferencial do homem em relação aos deuses... Sim, ele participa do espírito dos deuses, ele tem grandes **insights** sobre o mundo e sobre si mesmo, porém... a treva do nada (contraponto da luz criadora concedida pela divindade) cobra seu tributo: o esquecimento!

Nossas grandes iluminações, nossas grandes intuições, brilham por um momento na consciência, mas logo - na rotina do dia a dia - começam a cair no esquecimento (essa expressão é, aliás, pleonástica: “esquecer”, etimologicamente, é começar a cair). Não é que as tiradas se aniquilem, confundem-se na massa informe dos cuidados cotidianos e saem do âmbito da consciência: precisamente o que se indica com “esquecer”.

Assim, as grandes leituras do interior da realidade tornam-se invisíveis: precisam ser resgatadas em meio ao montão de escombros que as soterram. Boa parte desse trabalho de salvação da inteligência (e a tarefa da “inte-ligência” é **intus-legere**, ler dentro) liga-se à linguagem comum, à que falamos e ouvimos todos os dias. As palavras, muitas vezes, encerram em si muito mais do que o uso rotineiro que delas fazemos. Daí que João Guimarães Rosa (1954) tenha afirmado: “Toda língua são rastros de velho mistério”.

Se nós, hoje, valemo-nos da linguagem de modo meramente funcional e opaco; para os antigos, a transparência da linguagem (na medida do possível) possui um grande valor pedagógico.

Por exemplo, as etimologias. Não é casual que o primeiro banco de dados da História, uma monumental enciclopédia que durante séculos alimentou o pensamento da nascente Europa, tenha sido precisamente o **Livro das Etimologias**, de Isidoro de Sevilha, escrito em torno do ano 600. Nele, o hispalense afirma que sem a etimologia não se conhece a realidade e com ela mais rapidamente atinamos com a força expressiva das palavras: “**Nisi enim nomen scieris, cognitio rerum perit**” (Et. I, 7,1) e “**Nam dum videris unde ortum est nomen, citius vim eis intellegis**” (Et. I, 29,2).

Trata-se, no caso, de recuperar o frescor da força viva com que a palavra surgiu: não por acaso “saber” e “sabor” se confundem etimologicamente. Trata-se de – não só com etimologias, mas com diversos outros recursos – de ensinar e principalmente educar, despertar no aluno a capacidade de ele mesmo começar a fazer, por toda parte, suas próprias descobertas.

Aliás, “ensinar” é etimologicamente “sinalizar”.

Essa busca pela transparência da linguagem, pela compreensão da linguagem, é – talvez mais do que em qualquer outro campo, no ensino de línguas – missão essencial da educação, no sentido em que fala Gusdorf (1987, p. 54):

“O professor de matemática ensina matemática, mas também ensina a verdade humana, mesmo que não a ensine; o professor de história ou de latim ensina história ou latim, mas ensina a verdade, mesmo que julgue que a administração não o paga para isso. Ninguém se ocupa da formação espiritual; mas todas as pessoas se ocupam dela, mesmo aquele que não se ocupa dela.”

A filosofia da educação subjacente à nossa proposta é a do filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper (2000), que é resumida em Lauand (2012). O ponto de partida é a própria realidade do “espírito”, entendida classicamente como abertura para a totalidade do real em suas conexões:

Repitamos ainda uma vez: discutir o ser e os fins da Educação é discutir em que consiste afinal a verdadeira riqueza do homem, ou seja, aquilo que por natureza o homem está chamado a ser. Ora, um observador atento reparará que as expressões de S. Tomás de Aquino “*convenire cum omni ente*” e “*capax universi*”, recolhidas na citação anterior, são as mesmas que se empregam (em outras obras de Pieper) para caracterizar não já a Universidade [e a Educação em geral] mas a própria essência do espírito: “A alma espiritual - diz S. Tomás na sua

pesquisa sobre a verdade - está essencialmente disposta a ‘*convenire cum omni ente*’ (...) o ser espiritual ‘é capaz de apreender a totalidade do real’” (PIEPER: 1980, 44).

No caso do ensino de línguas, além da aprendizagem de regras e exceções da gramática etc., trata-se, na medida do cabível¹¹⁹, de abrir a discussão para um âmbito mais amplo de compreensão da realidade humana. E isso, estamos convencidos, favorece o próprio ensino de gramática e do vocabulário...

As formas do verbo *to be*, por exemplo, podem ser esquecidas, mas as ideias etnocêntricas serão de mais difícil esquecimento. Seria muito interessante pesquisar o que ficou na mente dos alunos depois de terem parado de estudar inglês: as formas linguísticas ou os valores sobre os comportamentos dos falantes nativos da língua estrangeira? Para Jaramillo (1973:74) “não se pode ensinar, nem a imitar sons com algum significado se o componente cultural não for estudado”, porém sabemos que as salas de aula estão cheias de alunos que não conhecem as regras sociais da língua inglesa e se comunicam perfeitamente nessa língua. E para Paulston (1978:373) “É possível tornar-se bilíngue sem se tornar bicultural, enquanto o contrário não é verdade”, e por esse modo podemos perceber que o ensino da cultura da língua estrangeira fortalece a educação geral do aluno, trazendo uma motivação integrativa.

Pieper (2000) retoma a genial sentença de A. N. Whitehead: tanto o espírito quanto a educação requerem a pergunta fundamental: “What is it all about?”, indagar pelo todo do real que se conecta com este ponto. Nesse sentido, costumo [JL] indicar aos orientandos, que escolham cursar optativas pelo professor que as ministra mais do que pelo conteúdo. E comento, brincando, que um professor imbuído desse espírito “pieperiano”, mesmo que se tratasse da matéria “Fazendo Empadinhas I”, levaria - a receita do quitute - a uma reflexão sobre “todas as coisas divinas e humanas”, a velha fórmula de Platão, que viria a se consubstanciar na própria instituição *universitas*. E imagino que a disciplina sobre o salgadinho começaria com a discussão sobre se a azeitona é natureza, cultura ou dialética...

Jocosidades à parte, e voltando para o caso do ensino de línguas é um pecado ensinar francês e não explorar seu imenso potencial antropológico e cultural – para aludirmos a um exemplo concreto: o da esperança – e não indicarmos que fatos de gramática convocam uma reflexão no sentido apontado por Gusdorf. A esperança, na tradição de pensamento filosófico-teológica do Ocidente (cf. Pieper 1974, *La esperanza*), refere-se fundamentalmente à *certeza* da realização definitiva do homem (na articulação agir/ser de que fala o “to be or not to be”) que, para além dos infortúnios e vicissitudes nos diversos níveis “*penúltimos*” (saúde, financeiro, longevidade etc.), está assegurada ao homem que preserva sua integridade última.

Tendo isto em conta (isto: que a verdadeira e radical esperança traz consigo a certeza...), é um pecado, dizíamos, ensinar como mera “exceção” de regra gramatical que o verbo *espérer*, em sua forma afirmativa, requeira o modo indicativo (e não o subjuntivo!). Não se diz: “*J’espère que tout finisse bien*”, mas: “*J’espère que tout finira bien*”. Nesse mesmo sentido, Pieper faz notar o fato de que a língua francesa dispõe de dois vocábulos distintos para *esperança*: *espoir* e *espérance*: o primeiro, tendendo ao plural, às “mil esperanças” na vida; o segundo, que se emprega quase

¹¹⁹. Claro que as ênfases na busca dessa compreensão da realidade humana variam: uma é a proposta de ensino num evento como este; outra, digamos, a de um apressado curso de inglês para taxistas preparando-os para atender turistas por ocasião da Copa do Mundo de futebol.

exclusivamente em singular, dirige-se à única e decisiva esperança, a de “acabar bem” *simpliciter* (Pieper: 1967, p.30).

Na próxima seção deste evento, discutiremos algumas possibilidades dessa incursão pela antropologia e cultura, propiciadas pelo ensino de inglês. Para finalizar esta exposição, queremos chamar a atenção para um primeiro e fundamental aspecto dessa língua, nesse sentido.

O sistema dual da língua inglesa

Detenhamo-nos, neste momento, no caráter dual da língua inglesa. Se a estrutura da língua é fundamentalmente germânica, o léxico contém inúmeras formas de origem latina.

É um fato que chama a atenção de quem quer que empreenda o aprendizado do inglês: o vocabulário contém diversas formas em duplo canal: o latino e o germânico. Para voltarmos ao tema (des)esperança, se o português dispõe da forma latina “desespero”; o alemão, das germânicas “hoffnungslosigkeit” e “verzweiflung”; o inglês tem tanto o canal germânico (“hopelessness”), quanto o latino (“despair”). E tantas outras dualidades como incredible / unbelievable; freedom / liberty etc.

Certamente, nem sempre a dualidade de formas implica em exata sinonímia; para além de uma ampla faixa de comutatividade, elas, em geral, permitem diferenças de uso e sentido, mais ou menos sutis, que podem e devem ser exploradas por um ensino que, além do uso, pretende indagar pelo todo do real e pelo modo específico de cada realidade: “what is it all about?”¹²⁰.

Se a maior parte dessas aquisições latinas foi feita por mediação do francês medieval¹²¹, o fenômeno dual da cultura inglesa se inscreve no quadro mais amplo da dualidade, que é a característica da própria Idade Média como um todo.

¹²⁰. Para a distinção entre “hopelessness” e “despair” encontramos, por exemplo: “Hopelessness is not so much a deflation of the spirit [despair]... [in hopelessness] you cannot see your way out, how to fix the situation, or that you will be rescued (Brown 2008, p. 110 Nina w. Brown Children of the self-absorbed 2nd ed. Oakland: New Harbinger, 2008 http://books.google.com.br/books?id=M4yStSxc0bYC&pg=PA110&lpg=PA110&dq=%22despair+is+hopelessness%22&source=bl&ots=fPQxfF5Bn&sig=KKjkh6d7-BX6iSJika7470ts6Bc&hl=pt-BR&sa=X&ei=YD6VUP_4G4bm9ASCwIDIBg&ved=0CFMQ6AEwBw#v=onepage&q=%22despair%20is%20hopelessness%22&f=false). E por vezes controvérsias (cf. p. ex. <http://forum.wordreference.com/showthread.php?t=1600291>) ou seu uso no discurso médico, religioso etc.: “Despair is different from hopelessness. Despair is hopelessness combined with the realization that the thing you once hoped for doesn’t exist to hope for anymore. (<http://painmuse.org/?p=1499>). “There is a subtle difference between despair and hopelessness. Despair talks to me of total frustration and anguish, but hopelessness is the last wrung on the ladder. (<http://www.soul-awakening.com/quotes/quotes-hopelessness.htm>). “The familiar feeling of hopelessness engulfed the lonely boy as the guard locked the door and turned away. **Hopelessness turned to despair** as the flickering light from the torch disappeared down the passageway” (www.englishforums.com/English/HopelessnessTurnedDespair/bbkpkj/post.htm). E, do mesmo modo, poderíamos explorar os pares incredible / unbelievable; freedom / liberty etc. (p. ex. em: <http://forum.wordreference.com/showthread.php?t=1652001>; <http://www.millennialstar.org/the-difference-between-freedom-and-liberty/>) etc. etc. etc.

¹²¹. Um conhecido e sugestivo exemplo dessa influência pós Guilherme, o Conquistador, a dualidade animais/alimentos (Sheep / mutton; ox /beef, pig /pork etc.), é nos apresentado no estudo “The Importance of Being English” de Hjördís Elma Jóhannsdóttir: “When people study the social history of England, they realize that after the battle of Hastings, in 1066, not all classes spoke English. For many years England was under French rule and the upper classes were French and spoke only French. English became the language of the lower classes, the servants and farmers. This meant that the farmer who brought the meat and wheat to the manor spoke English, but the residents of the manor, who ate the

Essa dualidade é a bárbaro-romana – tão bem definida por Hegel e sugestivamente desenvolvida por um dos principais intérpretes contemporâneos da cultura medieval, Josef Pieper (1973, cap. II).

Essa dualidade é muito bem expressa em *O combate dos chefes* de Asterix. Embora a ação das aventuras de Asterix e Cia. se desenrole no ano 50 A. C., o caso aqui contemplado permite também uma adequada descrição da Idade Média. De fato, tanto no caso do romano que conquista a Gália, como no do bárbaro triunfante do séc. VI, temos um contato de culturas: a romana e a bárbara.

O combate dos chefes explora a figura do chefe bárbaro Tomix, que, deslumbrado com a cultura romana, pretende impor em sua aldeia os padrões romanos; ele quer romanizar seu povo: “Nós agora somos galo-romanos” (Q3). Naturalmente, a tentativa não será totalmente bem sucedida, o que dá margem ao cômico e ao caricaturesco...

Seja como for, a coexistência de duas culturas – por força de conquista, colonização ou outros modos de influência – vai suscitar diversas formações históricas, dignas de nota. No caso medieval, a pastoral de conversão dos bárbaros, estabelecida pelo papa Gregório Magno (m. 604), recomendava precisamente a tolerância para com os costumes pagãos que não afetassem essencialmente o dogma, a moral e a liturgia cristãs. Tal política vai favorecer enormemente a dualidade – *diese Entzweiung, dies Gedoppelte*, para retomar as clássicas expressões de Hegel (cit. por Pieper 1973, cap. I) – bárbaro-romana, que irá definir a Idade Média.

Curiosamente, como dizíamos, o caso da referida HQ aplica-se – mais do que à expansão romana do séc I A. C – aos reinos bárbaros, à primeira Idade Média. O bárbaro - ainda ontem não só analfabeto, mas ágrafo - instala-se hoje, triunfante, no espaço do extinto Império Romano no Ocidente... E procura assimilar a cultura romana.

food, spoke French. Those who made the decisions spoke French, but those who executed their will most likely spoke English. The Church used Latin and the courts of law used French. What influences did that have on the English spoken in England? Those who study English language history see that English is of a Germanic root, but it is littered with French and Latin (L.) loanwords. When languages coexist for such a long time as French, Latin and English did in England, transference of words is inevitable. Since English was the language of the lower classes, often the Old English (O.E.) word would be pushed out of the language in favour of either a Latin or French loanword. But in some cases the O.E. word still stands proud side by side with either a Latin or French word. And sometimes the O.E. word stands next to words from both languages. (...) After the Norman conquest of England, the whole upper class was French. Since the upper class was French speaking and the lower class was English speaking there became a difference in usage of words. The French speaking upper class used the French words for the food that was on their plate. And so the lower class, English speaking, servants ended on using the English word *sheep* for the living animal and the French word *mutton* for the flesh of the dead animal.”

http://skemman.is/stream/get/1946/7357/19682/3/Hj%C3%B6rd%C3%ADs_BA.pdf



Já no 3º. quadrinho (Q3) observamos diversos aspectos da dualidade, que Hegel aplicará à Idade Média: o modo de vestir, a arquitetura, o monumento (e mais adiante o aqueduto...) evocam a tentativa de imitação do romano. Imitação que, hoje, servilmente o Brasil pratica em relação aos EUA: quando a padaria de Xiririca da Serra é “Xiririca’s center” ou nossas lanchonetes oferecem um chees-egg... Mas reparemos na religião: o chefe bárbaro invoca deuses romanos e bárbaros: “Por Júpiter e por Tutatis”. Se a Idade Média vai ser uniformemente cristã, nem por isso deixa de receber, em seu catolicismo, notáveis influências pagãs, de acordo com o programa gregoriano. Para o nosso caso, é interessante notar que em português (e só em português¹²²...) os

¹²². João Paulo II (*Dies Domini*, Nota 22) destaca - entre outros encantadores fatos da língua portuguesa - o de que os nomes dos dias da semana em nossa língua são: segunda-feira, terça-feira etc. Os nomes dos dias da semana em outras línguas remetem a divindades pagãs/planetárias: do dia de Thor (Donnerstag, Thursday, Thor’s day) aos *viernes, lundi, saturday* etc. *Feria* em latim é a palavra para festa. Ora, como faz notar Josef Pascher: para a liturgia todo dia é dia de festa e é por isto que a liturgia chama o dia comum (/que não é comum: é sempre de festa) de *feria*... Festa porque o culto cristão - o

dias da semana têm nomes cristãos (segunda feira, terça feira etc.); em inglês, prevalecem os deuses bárbaros: Wednesday, é o dia de Odin (Woden), e comenta o Oxford English Dictionary (OED):

The identification of Woden, the highest god of the Teutonic pantheon, with Mercury, appears already in Tacitus ('Deorum maxime Mercurium colunt', Germ. ix); it was probably chiefly suggested by Woden's character as the god of eloquence; another feature common to the German and the Roman deity is their swiftness and wide range of travel.

Já Thursday é *Thors-day*, dia de Thor, o deus do trovão; Friday, o dia da deusa Freya etc. E referindo-se à Páscoa, *Easter*, o OED abona com o texto de S. Beda, o Venerável (672-736), o pai da História Inglesa: "Easter derives the word from Eostre (Northumb. spelling of Éastre), the name of a goddess whose festival was celebrated at the vernal equinox".

Baste, de momento, esta amostra e, na próxima conferência, trataremos de outros importantes aspectos.

Referências

JARAMILLO, M. Cultural differences in the ESOL classroom. **TESOL Quarterly**, nº1, mar. 1973.

GUIMARÃES ROSA, João Uns índios. artigo de 1954. Disponível em: deliquescida.blogspot.com.br/2010/08/uns-indios-sua-fala.html Acesso em 07-11-12.

GUSDORF, Georges. *Professores para quê?* São Paulo: Martins Fontes, 1987. 54

LAUAND, Jean *What is it all about?...* **International Studies on Law and Education**, n.11, art 14, 2012. Disp. em: hottopos.com/isle11. Acesso em 07-11-12.

LOHMANN, Johannes Santo Tomás e os Árabes - Estruturas Linguísticas e Formas de Pensamento. **Videtur** n. 11, art. 9, 2000. Disponível em: <http://www.hottopos.com.br/videtur11/santotom.htm>. Acesso em 07-11-12.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. *Oficina de Linguística Aplicada*. 3.ed. Mercado das Letras. São Paulo.1996.

OLIVEIRA, Marta Kohl de . *Vygotsky Aprendizado e Desenvolvimento, um processo sócio-histórico*.1.ed. Scipione. São Paulo.2010.

sacrifício de Cristo, a Santa Missa- se realiza em meio à criação: toda a criação é -por Cristo, com Cristo e em Cristo- oferecida ao Pai. Assim, a liturgia fala em *feria*, em festa, porque em vez das superstições dos astros, celebra a Cristo. Comentando o Salmo 93 (*En. in Ps. 93, 3*), S. Agostinho diz: "O primeiro dia depois do sábado é o domingo, dia do Senhor; o segundo é a *secunda feria*, à que os profanos chamam *diem Lunae*; a *tertia feria*, *diem illi Martis*; a *quarta feria* é o que os pagãos chamam de dia de Mercúrio e o pior é que muitos cristãos também... Não admitamos isto! Oxalá se corrijam e abandonem este modo de falar e usem a linguagem que é nossa (...) pois Cristo aboliu as superstições". Nessa mesma linha, S. Tomás diz (*Super Ev. Io. cp 20 lc 1*) que o domingo é a "primeira feira", *prima feria*, e isso por causa da Páscoa: assim como o Gênesis começa com o dia, assim também a Páscoa em que principia o mistério da nova criatura e se renova a face da terra é o Dia, a *Feria*. A Páscoa é o dia da Ressurreição no qual *inchoabitur dies aeternitatis*, "começa o dia da eternidade, no qual já não se alternam dia e noite, pois o Sol que faz esse dia, já não morre".

PAULSTON, C. B. Biculturalism:Some Reflections and Speculations. **TESOL Quarterly**, n°4,dez.1978.

PIEPER, Jose *Filosofía Medieval y mundo moderno*. Madrid: Rialp, 1973.

PIEPER, Josef Abertura para o todo: a chance da Universidade. **Mirandum** n. 9 art. 8, <http://www.hottopos.com.br/mirand9/mirand9.htm>. Acesso em 07-11-12.

PIEPER, Josef *Hoffnung und Geschichte*. München: Kösel, 1967.

PIEPER, Josef *Virtudes fundamentales*. Madrid: Rialp, 1974.

Ensino de inglês e educação para a amplitude¹²³

em coautoria com Juliana Bassani Rubio¹²⁴

Resumo: O artigo discute o ensino de línguas a partir de uma perspectiva que transcende a da mera aprendizagem (de pronúncia, vocabulário, gramática etc.), mas que envolva a discussão de fatores culturais e antropológicos, suscitados pelo rico potencial contido precisamente nas línguas. Analisa-se o caso do inglês.

Palavras Chave: Ensino de línguas. Educação. Ensino de inglês.

English teaching and education for an amplitude.

Abstract: This study discusses the language teaching – English language – through a perspective that exceeds the simple learning (pronunciation, vocabulary, grammar etc), but involves the analysis of cultural and anthropological factors, elicited by the strong potential precisely restrained in languages.

Keywords: Language teaching. Education. English teaching.

Introdução

Na conferência anterior (in *Notandum* No. 30), discutimos a dualidade – bárbara / romana – que caracteriza a Idade Média e como essa dualidade se manifesta especialmente na língua inglesa. Nesta exposição, pretendemos explorar outros aspectos dessa língua (e de seu ensino), que podem suscitar importantes reflexões culturais, antropológicas e... sobre a própria linguagem.

Continuamos naquela perspectiva mais ampla do ensino de línguas (e do inglês), que visa uma educação em sentido próprio e profundo, para além do mero aprendizado de pronúncia, vocabulário, regras gramaticais etc. Estamos convencidos, além do mais, que o próprio aprendizado “técnico” da língua acaba se enriquecendo muito a partir dessa perspectiva pedagógica “filosófica”, como diria Josef Pieper, e que foi objeto de nossa exposição anterior.

Etimologias

Um primeiro campo a ser explorado é o das etimologias. Mais do que meras curiosidades, as etimologias muitas vezes são poderosas indicadoras antropológicas, verdadeiras chaves para a compreensão do humano. Recordemos brevemente as razões do potencial desse e de outros fatos da linguagem.

“O caminho que sobe e o que desce são um mesmo e único caminho”. Aparentemente, nada mais evidente do que esta sentença de Heráclito de Éfeso (c. 540-470 a.C.), conhecido como “o obscuro”. Como naquela vez – parece piada – em que um ciclista gabando-se de seu bairro, excelente para andar de bicicleta porque não tinha

¹²³. Originalmente, conferência dos autores no “II Encontro Cemoroc Educação: O conhecimento pedagógico e seus limites”. São Paulo, 20-12-2012.

¹²⁴. Professora do Bacharelado em Letras com ênfase em Tradução, Bacharelado em Secretariado Executivo Bilíngue e Centro de Línguas na Universidade Metodista de São Paulo e mestranda do Programa de Mestrado em Educação da Univ. Metodista de São Paulo. juliana.rubio@metodista.br

subidas, teve que ouvir a pergunta: “E descidas, tem?”. Claro que se não há subidas, também não há descidas...

Mas, por vezes, há algo mais, há surpresas por trás das obviedades. Quem não toma um pequeno susto quando vem a saber que o primeiro critério de desempate para times que tiverem o mesmo número de pontos no Campeonato Brasileiro de Futebol é favorecer a equipe que tiver maior número de derrotas? Não, poderia alguém objetar, o critério favorece é o time que tiver maior número de vitórias! Mas acontece que... o time que tem mais derrotas e o que tem mais vitórias são o mesmo e único (aquele que tem menos empates)!

Na verdade, a sentença de Heráclito esconde em si profundas surpresas. Aliás é do próprio Heráclito a afirmação de que a natureza gosta de se esconder, e podemos acrescentar: a realidade humana gosta de se esconder. Daí que precisemos de um método (palavra que etimologicamente remete a “caminho”), para *subir* até esse tesouro que desceu e está escondido.

As etimologias são parte importante desse jogo de sobe e desce e de esconde-esconde. Não é por acaso que, por exemplo, os dois filósofos mais lidos na Alemanha de hoje – Josef Pieper (1904-1997) e Martin Heidegger (1889-1976) – voltem-se continuamente para as etimologias, quando querem investigar as profundezas da realidade humana.

Precisamente uma das grandes contribuições do próprio Pieper para o método da antropologia filosófica foi (seguindo a máxima de Heráclito) a de evidenciar que nosso acesso ao ser do homem, escondido, é fundamentalmente indireto. Pois os grandes *insights* que temos sobre o mundo e o homem não permanecem em nossa consciência reflexiva, logo se desvanecem, se transformam, acabam por se esconder em três grandes sítios: instituições, formas de agir e linguagem. Esses grandes *insights* estão portanto ativos, mas ocultos: em grandes instituições – como por exemplo a do tribunal do júri ou a universidade, que tanto nos revelam sobre o espírito humano –, em formas de agir – como é o caso do ato poético, tema recorrente nos próprios poetas –, e sobretudo na linguagem, a linguagem comum: essa que falamos e ouvimos todos os dias.

Logo, se quisermos recuperar filosoficamente aqueles *insights* sobre o homem, devemos procurar atingi-los em seu novo estado: como princípios ativos ocultos da linguagem, a serem descobertos também nas etimologias. Nesse quadro, a etimologia passa a ser importante componente desse laboratório para o filósofo que é a linguagem: é por trás de fatos da linguagem que se escondem preciosas informações filosóficas – e também sociológicas, históricas etc.

Alguns exemplos ajudar-nos-ão a compreender essa importância.

Começemos pela aparentemente inofensiva fórmula de gratidão **thank**.

Como em outras línguas, a etimologia dessa fórmulas de agradecimento remete a profundos aspectos filosóficos. Ao tratar filosoficamente da gratidão, Tomás de Aquino ensina que ela é uma realidade humana complexa (e daí também o fato de que sua expressão verbal seja, em cada língua, fragmentária: este ou aquele aspecto-gancho é o acentuado):

A gratidão se compõe de diversos graus. O primeiro consiste em reconhecer (*ut recognoscat*) o benefício recebido; o segundo, em louvar e dar graças (*ut gratias agat*); o terceiro, em retribuir (*ut retribuatur*) de

acordo com suas possibilidades e segundo as circunstâncias mais oportunas de tempo e lugar (II-II, 107, 2, c).

Esse ensinamento, aparentemente tão simples, pode ser reencontrado nos diferentes modos de que as diversas línguas se valem para agradecer: cada uma acentuando um aspecto da multifacética realidade da gratidão.

No caso do inglês, é o primeiro nível: expressando mais nitidamente o reconhecimento do agraciado. Aliás, reconhecimento é mesmo um sinônimo de gratidão. Nesse sentido, é interessantíssimo verificar a etimologia: na sabedoria da língua inglesa *to thank* (agradecer) e *to think* (pensar) são, em sua origem, e não por acaso, a mesma palavra.

Ao definir a etimologia de *thank* o OED (Oxford English Dictionary) é claro: “*The primary sense was therefore thought*”. E, do mesmo modo, em alemão, *zu danken* (agradecer) é originariamente *zu denken* (pensar). E isso, afinal, é muito compreensível, pois, como todo mundo sabe, só está verdadeiramente agradecido quem *pensa* no favor que recebeu como tal. Só é agradecido quem pensa, pondera, considera a liberalidade do benfeitor. Quando isto não acontece, surge a justíssima queixa: “Que falta de consideração!”¹²⁵. Daí que S. Tomás - fazendo notar que o máximo negativo é a negação do grau ínfimo positivo (a última à direita de quem sobe é a primeira à esquerda de quem desce...) - afirme que a falta de reconhecimento, “o ignorar é a suprema ingratidão” e “o doente que não se dá conta da doença não quer se curar”¹²⁶.

Congratulations. No caso das felicitações, a formulação inglesa, *congratulations*, expressa a alegria compartilhada pelo bem do outro, com quem nos congratulamos, isto é, nos co-alegramos. Essa comunhão na alegria é sugerida também pela forma depoente dos verbos latinos *gratular* e *congratular*. A forma depoente está a indicar que a ação descrita no verbo não é ativa nem passiva, mas voz média: uma ação que, exercida pelo sujeito, repercute nele mesmo. Ou seja, no caso, que a alegria que externamos ao felicitar tal pessoa pelo seu bem é também, a título próprio, nossa.

Forgive. O prefixo *for-*, no caso – tal como o nosso *per-* em *perdoar* –, indica plenitude, fazendo do perdão, a máxima doação!

Forever. Se em *forgive* o prefixo *for* indica plenitude, no caso da palavra *forever*, literalmente *for-ever*, *para sempre*. E é interessante notar que também há outras expressões utilizadas com o mesmo sentido, por exemplo, a expressão *for good* (que evoca o “bom” como transcendental metafísico¹²⁷) e assim pode-se dizer: *I want to stay with you forever* ou *I want to stay with you for good*. Agora, caso você empreste um livro a alguém e a pessoa ache que terá que o devolver, mas você quer que a pessoa fique com o livro para sempre, nesse caso você pode usar uma das duas expressões – *forever* e *for good* – mas também *for keeps* (expressão usada geralmente quando se dá um objeto a alguém): *You can have this book for keeps*.

¹²⁵. Já Sêneca - citado por S. Tomás, II-II, 106, 3 ad 4 - fala de que não pode haver gratidão, senão pelo que ultrapassa o estritamente devido, “*ultra debitum*”. “*Ministerium tuum est*” (“Você não fez mais que sua obrigação”) e outras do mesmo teor são, como se vê, fórmulas já bastante antigas.

¹²⁶. “*Est gravissimum inter species ingratitudinis, cum scilicet homo beneficium non recognoscit*” (In II Sent. d.22 q.2 a.2 r.1). e “*Quia dum morbum non cognoscit, medicinam non quaerit*”, *ibidem*.

¹²⁷. Cf. Lauand “Metafísica da liquidação” Revista Língua Portuguesa, www.jeanlauand.com/page58n.htm

Portugal por “Quinta dimensão”. “Crepúsculo”, em português, não dá conta desse significado...



Falsos cognatos

Boa parte dos falsos cognatos são palavras de origem latina, que em inglês adquiriram um significado diferente das “correspondentes” em português: muitas vezes o inglês é inclusive mais fiel ao original latino.

Assim, do latim *praejudicium* priginou-se *prejudice*, no sentido de preconceito (juízo prévio, pré-juízo) enquanto, em português, “prejuízo” praticamente se restringe a perdas ou danos.

Também *actually* preserva o sentido aristotélico do ser em ato (*actus*), aquilo que é (de fato, de verdade); enquanto “atualmente” em português refere-se ao tempo presente.

Do mesmo modo, *exit*, do latim *exitus*, é a saída, o resultado; em português, especializou-se no bom resultado.

Apparently, do latim *apparens* é aquilo que aparece e, portanto, parece; para “aparentemente”, em português, prevalece o sentido de aparência falsa, enganosa: “Aparentemente é uma santinha, mas, na realidade, é um demônio de saias”.

Um falso cognato especial: *to pretend*

O fato de *pretend* em inglês aponte para fingir, complementar do nosso “pretender”, permite uma daquelas importantes “aberturas para o todo”, de que falávamos na primeira conferência: a linguagem como laboratório da antropologia.

Na filosofia da educação moral – em pensadores como Guimarães Rosa, Pascal, Confúcio ou Shakespeare –, quem pretende deve fingir. Os parágrafos restantes deste tópico, são tomados de Lauand (2011): (...) É o caso da pedagogia medieval – aposta-se na matéria como o grande indutor de atitudes espirituais.

E aí tocamos um dos pontos chave da educação moral, que é sempre, em boa medida, auto-educação. A fórmula vem dada numa aparentemente surpreendente sentença de João Guimarães Rosa: “Tudo se finge primeiro; germina autêntico é depois”.

É o caso da educação para as virtudes. Um homem que reconheça um seu defeito moral, digamos a ingratidão, e queira adquirir a virtude correspondente, como deve proceder? Fingindo. Quer dizer, começa-se por assumir as formas externas, verbais da gratidão (que não se sente): “fingir” reconhecer o caráter indevido do favor recebido, “fingir” louvar o benfeitor, “fingir” sentir-se na obrigação de retribuir etc. E, um belo dia, germina autêntico aquilo que se fingia...

“Fingir” é também a proposta de Shakespeare: “*Assume a virtue, if you have it not*”, diz Hamlet (III, 4)¹²⁸. O costume é monstro que vai comendo o sentido de nossas ações. Mas, o diabo do hábito, torna-se anjo quando se volta para o bem: dando a capa que reveste as ações boas - uma agora, outra depois e outra ainda - e assim ir mudando a natureza e, com prodigioso poder, exorcizar os demônios.

O “fingir” proposto nas *Pensées* (#250) de Pascal oferece-nos o enlace com o grande tema da Liturgia. No relacionamento com Deus: “É necessário que o exterior se una ao interior, isto é, pôr-se de joelhos, rezar com os lábios, etc. a fim de que o homem orgulhoso, que não quis se submeter a Deus, seja submetido à criatura. Esperar socorro desse exterior é ser supersticioso; não querer ajuntá-lo ao interior é ser soberbo”¹²⁹.

Tradutores eletrônicos

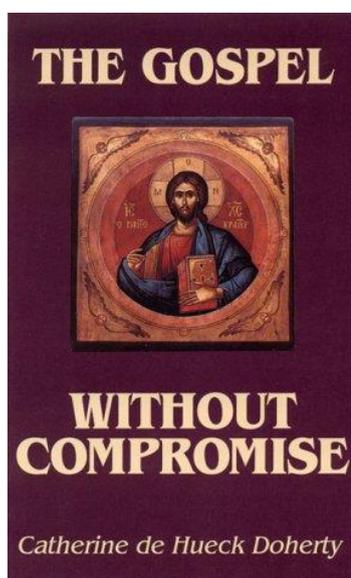
Ainda no campo dos falsos cognatos, um tópico importante é o do uso (e abuso) dos tradutores eletrônicos: Google translator, yahoo etc.

Longe de nós a arrogância de desprezar sumariamente esse recurso, mas é necessário saber usá-lo: somente como primeira e provisória instância, deixando a tradução final para o competente conhecedor, no caso, da língua inglesa.

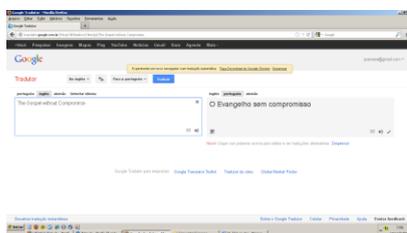
Tomemos o caso do conhecido livro de Catherine de Hueck Doherty, *The Gospel without Compromise*.

¹²⁸. Assume a virtue, if you have it not. That monster, custom, who all sense doth eat. Of habits devil, is angel yet in this, that to the use of actions fair and good He likewise gives a frock or livery, that aptly is put on. Refrain to-night, and that shall lend a kind of easiness to the next abstinence: the next more easy. For use almost can change the stamp of nature. And either.. the devil, or throw him out with wondrous potency.

¹²⁹. Il faut que l'extérieur soit joint à l'intérieur pour obtenir de Dieu; c'est-à-dire que l'on se mette à genoux, prier des lèvres, etc. afin que l'homme orgueilleux, qui n'a voulu se soumettre à Dieu, soit maintenant soumis à la créature. Attendre de cet extérieur le secours est être superstitieux, ne vouloir pas le joindre à l'intérieur est être superbe.



O incauto que confiasse cegamente no *Google Translator* ofereceria a seus leitores o fatal: “Evangelho sem compromisso”:



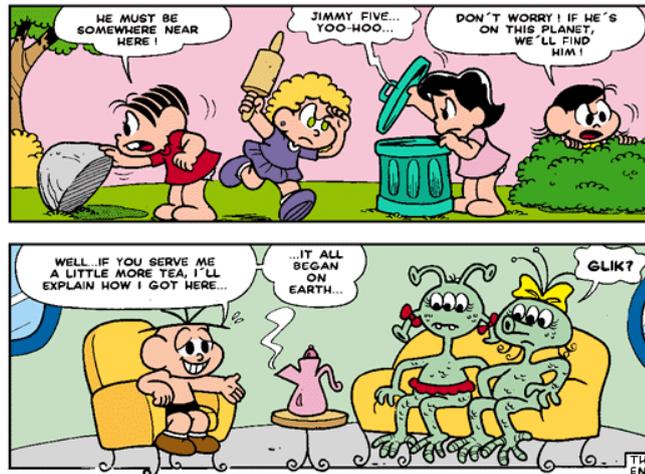
Não se pense que estamos falando de casos hipotéticos: incrivelmente é prática bastante frequente em *Abstracts* de dissertações, teses acadêmicas e artigos de revistas científicas: o que já depõe contra o autor e o expõe ao ridículo desde, permitam o exemplo, “a abertura muito de seu papel” (!?), que é como o Yahoo translator (Bing beta) traduz: the very opening of his paper... Isso por conta do proverbial desleixo tupiniquim, que deixa tudo, inclusive a submissão do artigo, para a última hora, para o “prazo de queda” (!?), que é como o Bing traduz: “the drop deadline”

As HQ da Turma da Mônica na versão em inglês, trazem bons exemplos de expressões e palavras que se fossem traduzidas literalmente (ou por tradutor eletrônico) talvez falhassem na comunicação com o público.

Vejamos dois exemplos comparando as versões em língua inglesa e portuguesa. No primeiro caso, note-se a fala “Que safados!” / “Those bums!”, significando *bums* “vagabundo” em inglês. O Google Translator dá para “Those bums!”, a menos adequada para o caso: “Aqueles vagabundos!”.

Em um segundo exemplo, Magali diz: “Serves Smudge right!”, essa expressão é muito utilizada quando algo desagradável ou ruim acontece merecidamente; o que em português, poderia ser traduzido por “Bem feito!”, como em nossa HQ: “Bem feito pro Cascão!”. O tradutor eletrônico oferece a literal e inadequada: “Serve-lhe direito!”.





Nessas HQ, a personagem Mônica sempre discute com seu companheiro de turma, Cebolinha. E é interessante o sentido dessa palavra *discutir* na língua inglesa, e muitos alunos questionam as diferenças de sentido, uma vez que em português utilizamos essa palavra para diferentes casos, porém todos com a mesma palavra *discussão*. Em português as palavras *discutir* ou *discussão* possuem tanto a ideia de uma questão em que várias pessoas tomam parte, uma controvérsia, uma polêmica, etc., que podem se dar com atitudes tranquilas ou não... O inglês, no caso, não tem esse caráter confundente: há o uso de dois termos para a palavra *discutir*, *to discuss* e *to argue*. O primeiro é “*to talk about a subject with someone and tell each other your ideas or opinions or to talk or write about a subject in detail, especially considering different ideas and opinions related to it* (Cambridge), ou seja, simplesmente conversar sobre um assunto, diferentemente de *to argue* que também significa discutir, mas no sentido de “*to speak angrily to someone, telling them that you disagree with them*”, ou seja, o *discutir* da alteração, da briga.

Outra superação importante do confundente dá-se no par: *history* e *story*. Como diz Vilela (2012, 137-8):

Já faz tempo que a palavra “estória” foi abolida do português usado no Brasil e toda história seja ela verdadeira ou não se escreve da mesma forma, com h. No entanto, embora a explicação das professoras primárias do passado se encaixasse bem na maioria dos casos, ela estava longe de ser precisa. Na língua inglesa, a diferença entre *history* e *story* se dá não com base de se o fato narrado é verídico ou fictício; se dá, isso sim, na maneira e no objetivo com que é narrado. Assim, quando a linguagem é acadêmica e o objetivo é compreender ou estudar o passado é *history*, aquela escrita pelos *historians* (historiadores), mas se a linguagem for literária e o objetivo for entreter ou provocar uma resposta emocional no leitor, a palavra usada é *story*, equivalente à antiga palavra “estória”.

Bushisms

Episódios curiosos com celebridades também dão ocasião de ensino. George Bush, como candidato e como presidente, protagonizou inúmeras divertidas gafes, também em relação à língua inglesa, os “bushismos”. Tudo começou quando ainda pré candidato, em janeiro de 2000, saiu-se com esta em um comício: “That is the question I

ask: how **is** our children learning?” (o que imediatamente suscitou a piada do Joãozinho perguntando à professora de gramática: “Are he serious?”).



Fêssora, posso...? Setembro 2005, no Conselho de Segurança da ONU. No zoom do fotógrafo Rick Wilking da Reuters, Bush pede licença a Condoleeza Rice para ir ao banheiro: I think I may need a bathroom break? Is this possible? A primeira interrogação aumenta ainda mais o caráter infantil da cena: como se ele não estivesse certo de que realmente estava necessitado...

Um dos mais divertidos bushismos deu-se com o uso do prefixo *mis-*, que indica que a ação verbal a que afeta ocorre de modo impróprio, errado, desvirtuado. Também em um comício de 2000, como candidato, em vez de dizer que tinha sido mal compreendido (*misunderstood*), cunhou um termo que o acompanharia até o último dia de mandato: “They *misunderestimated* me”, algo assim como “não estão me subestimando direito...”. Bush deu notáveis contribuições para a *miseducation* dos EUA.

Uma língua assentada na percepção. Uma língua direta e econômica.

Como já dissemos, neste evento, seria bem mais fácil a própria apreensão da gramática se os professores se lembrassem de, quando for o caso, discutir a filosofia ou sociologia subjacentes.

Pensem, por exemplo, no imenso e variado uso que a língua inglesa faz do gerúndio, das formas *-ing*. É evidente que esse fato gramatical está em conexão com uma quase milenar tradição de pensamento britânico, tão frequentemente afeito ao empirismo, ao nominalismo, ao pragmatismo, ao fato que se manifesta à percepção.

De João de Salisbury Erígena (810-877), Pieper (1973, 60) diz:

Com ele, penetra claramente no diálogo filosófico, pela primeira vez, uma figura de inconfundível selo anglo-saxão. Trata-se de um empírico, que desconfia por princípio (...) das “sínteses” de especulação metafísica e teológica. E que confia primeiramente na experiência concreta. (Cf. também Pieper, 1973, cap. XI – Duns Escoto e Guilherme de Ockham).

Como na antiga piada do concurso internacional de monografias sobre o elefante. Concorrem um alemão, um italiano, um francês e um inglês (claro que a piada admite diversas versões, com diferentes nacionalidades e desfechos: a única constante é o francês!).

Na data da entrega, o alemão comparece com um grosso volume intitulado: “Prolegômenos aos pressupostos teóricos da essência da tromba. Volume I”.

O francês apresenta um elegante ensaio: “*L’elephant et l’amour*”. O italiano: “*L’elefante e la sua buona memoria: Perché lui non dimentica mai che há dovuto tutto a sua madre*”.

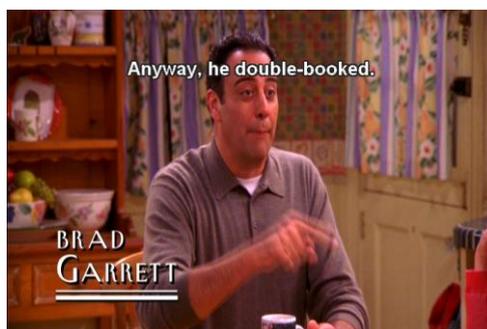
Já o inglês traz simplesmente: “*The Elephant*” (ou “*Elephants I have shot*”). Segundo a maldade do narrador, pode-se acrescentar, o argentino, com o estudo: “*La Argentina y los argentinos*”; o americano: “*The Elephant and the global war on terror*” ou em versões pré 11-9: “*How to breed more elephants in less time*”; etc. Com todas as reservas para uma afirmação tão geral, o inglês parece tender ao fato concreto e a recusar abstrações desnecessárias, e isso de algum modo se traduz na gramática.

Tomemos, por exemplo, os chamados *verbs of perception*, como *to see, to hear, to overhear, to feel*... Esses verbos não podem ser seguidos de infinitivo “com *to*”, mas pela forma em *-ing*, que é o que, afinal de contas, se percebe: *Didn’t you hear the phone ringing?*. Caberia também a forma nua: *Didn’t you hear the phone ring?*, mas se se quer enfatizar a ação em processo, então se impõe o *-ing*: “*Didn’t you hear the phone ringing while I was in the bathroom?*”. Mas, em nenhum caso, o infinitivo com *to*; não se pode dizer: “*Didn’t you hear the phone to ring?*”. Curiosamente, em Portugal é ao contrário: a preferência pelo infinitivo em detrimento do gerúndio. O infinitivo puxa para o âmbito do abstrato; afinal eu não vejo “o correr”; não ouço “o tocar”; vejo, isso sim, o ladrão correndo da polícia; ouço meu vizinho tocando bateria...

E há verbos, como *to smell, to catch, to spot, to find* que, ainda na fórmula *verb + (pro)noun*, só admitem a forma *-ing* (não aceitam sequer a forma nua); referem-se unicamente a processo, a gerúndio, a fato ocorrendo: eu só posso sentir o cheiro de algo queimando (assando ou fritando etc.); só posso apontar (*spot*) para algo que está ocorrendo; etc.

Sem essas reflexões (que tanto ajudam à compreensão e memorização), a gramática torna-se uma opressora tabela de regras e exceções arbitrárias.

Nessa mesma linha, encontram-se outras características. Nesta exposição, não poderemos mais do que aludir a alguns aspectos que mostram como a língua inglesa tende à simplicidade, à economia, ao enxuto. Para um primeiro exemplo, ainda no caso geral, tomemos uma cena extraída da famosa *sitcom* *Everybody Loves Raymond*. No começo do episódio *She’s the one*, o personagem Robert explica ao irmão Ray e à cunhada Debra como conheceu a nova namorada Ângela. Foi por mero acaso: o barbeiro agendou acumuladamente o mesmo horário para ele e para a moça... O que, em inglês, é extremamente enxuto:



VII temporada, episódio 9 She's the one

Compare-se com a legenda francesa do mesmo quadro:



Já a legenda portuguesa diz: “De qualquer forma, ele marcou [simultaneamente] com dois clientes”.

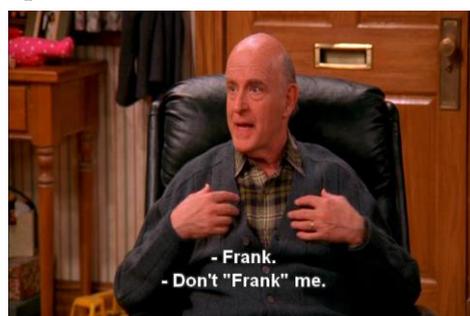
Essa qualidade de ser simples e direto é, sem dúvida, causa importante do fenômeno de importação de expressões do inglês e do surgimento de tantos anglicismos em todas as línguas (para desespero dos puristas). Expressões compostas com palavras, digamos, como *shop* ou *show* permitem expressar de maneira ágil e sintética, realidades só atingíveis por circunlóquios na tradição das línguas latinas. Assim em vez de “loja de produtos para animais domésticos” vai se impor “Pet shop” e para “Veterinário de animais domésticos”, *Pet-vet*. E o tradicional *Salon international de l'aéronautique et de l'espace (Paris-Le Bourget)* acaba conhecido internacionalmente como *Paris Air Show* (em busca no Google – 15/11/12 – esta expressão tem mais de sete vezes incidências do que aquela)

Nesse sentido, um fato sugestivo é o fato de o substantivo ser também já quase automaticamente um verbo. Enquanto o português tem de dizer: “Eu vou pôr isto no microondas”, o inglês diz simplesmente: “I'll microwave it”, já que não cabe: “Vou microondá-lo”. Mais um par de exemplos, tomados de *Everybody Loves Raymond*, como amostra do falar real cotidiano.

No episódio 7 da temporada I (“Your place or mine?”), Raymond cansado da intromissão da super protetora e cuidadora mãe, Marie, em sua vida, diz que se ela quiser “bebezar” alguém (tratar alguém como criança, mimar com cuidados), que “bebeze” Frank, seu marido...



E no episódio 23 da temporada IV (“Confronting the attacker”), quando Marie começa a ameaçar Frank, chamando-o com a prosódia típica do vocativo de repreensão (Fraank...!), o marido responde com o inusitado verbo “to Frank”: “Não me **frankize**”



Não é só no léxico que se dá a influência do inglês: esse fato gramatical já vai tendo adeptos no Brasil. Por exemplo, a Folha e o Estadão (timidamente) começam a empregar o neologismo “medalhar” (no sentido de conquistar medalhas: “Fulano não medalhou nas Olimpíadas”).

Referências

LAUAND, Jean Tomás de Aquino e o papel do corpo na realização do homem **Notandum**, n. 25, art. 3, 2011. Disp. em: <http://www.hottopos.com/notand25/17-26Jean.pdf>. Acesso em 07-11-11.

LAUAND, Jean O laboratório de cada povo. **Língua Portuguesa**, n. 42, 2009.

PIEPER, J. **Filosofia Medieval y Mundo Moderno**. Madrid: Rialp, 1973.

VILELA, MarcoTúlio Rodrigues **A utilização dos quadrinhos no ensino de História: avanços, desafios e limites**. Dissertação de Mestrado em Educação, Umesp. S. Bernardo do Campo, 2012.

Collatio 12 jul-set 2012
CEMOrc-Feusp / IJI - Univ. do Porto

Cozinha, antropologia e educação – algumas reflexões

Jean Lauand

Resumo: A cozinha e a culinária, para além do mero aspecto nutritivo alcançam uma dimensão cultural e antropológica. Neste artigo, examinam-se alguns casos dessas outras dimensões, como no caso da conservação dos alimentos; cozinha e religião; “comida de macho” vs. “cozinha de mulher”. Apresentam-se também considerações sobre o importante papel desse tema na educação. A autora brasileira Nina Horta é uma importante referência nestas discussões.

Palavras Chave: Cozinha. cozinha e educação. cozinha e cultura. cozinha e antropologia.

Cooking, anthropology and education – some reflexions

Abstract: Cooking has anthropological and cultural significance. In this article, we examine some instances of this statement as in food conservation; cooking and religion; “male food” vs. “female food”. In this approach, cooking has an important role in education. Brazilian author Nina Horta is an important reference in these discussions.

Keywords: Cooking. cooking and education. cooking and culture. cooking and anthropology.

Introdução¹³¹

Considerando inicialmente a metodologia da pesquisa, a cozinha e a culinária – para além do mero aspecto nutritivo e de apetitosas receitas etc. – realizam de modo privilegiado aquela recepção antropológica e cultural de que fala Lauand (2011, p. 30):

“O caminho que sobe e o que desce são um mesmo e único caminho”. Aparentemente, nada mais evidente do que esta sentença de Heráclito de Éfeso (c. 540-470 a.C.), conhecido como “o obscuro”. Como naquela vez – parece piada – em que um ciclista gabando-se de seu bairro, excelente para andar de bicicleta porque não tinha subidas, teve que ouvir a pergunta: “- E descidas, tem?”. Claro que se não há subidas, também não há descidas... Mas, por vezes, há algo mais, há surpresas por trás das obviedades. Quem não toma um pequeno susto quando vem a saber que o primeiro critério de desempate para times que tiverem o mesmo número de pontos no Campeonato Brasileiro de Futebol é favorecer a equipe que tiver maior número de derrotas? Não, poderia alguém objetar, o critério favorece é o time que tiver maior número de vitórias! Mas acontece que... o time que tem mais derrotas e o que tem mais vitórias são o mesmo e único (aquele que tem menos empates)! Na verdade, a sentença de Heráclito esconde em si profundas surpresas. Aliás é do próprio Heráclito a afirmação de que a natureza gosta de se esconder, e podemos acrescentar: a realidade humana gosta de se esconder. Daí que precisemos de um método (palavra que etimologicamente remete a “caminho”), para *subir* até esse tesouro que desceu e está escondido.

A cozinha é parte importante desse jogo de sobe e desce e de esconde-esconde. Ela esconde (e, quando estudada sistematicamente, pode revelar) importantes significados antropológicos e culturais que – para seguir Heráclito – a ela “desceram” e compete ao pesquisador em Educação revelar.

Em trabalhos como este nosso, a metodologia está muito ligada àquilo que classicamente se chama *verstehen*. No sentido em que a caracteriza Ferrater Mora (2004):

¹³⁰. [atuamente Mestra pelo] PPGE Metodista. Profa. de Técnica Dietética e Gastronomia – Fac. de Medicina do ABC. Coord. do curso de Nutrição da Anhanguera Educacional, S. B. do Campo priscilachasseraux@hotmail.com.

¹³¹. Este artigo é fruto de diálogos entre orientador e orientanda em sessões de orientação do projeto de pesquisa sobre culinária e educação, em torno da renomada autora Nina Horta.

Verstehen O termo alemão *Verstehen* é habitualmente traduzido por ‘compreensão’. Como se deu a *Verstehen* um sentido “técnico” que aparece em Dilthey e depois, em diversas outras acepções, em autores como Heidegger e Hans-Georg Gadamer, considera-se às vezes que é apropriado deixar *Verstehen* sem tradução.

Compreensão A partir de Dilthey, contrapôs-se com frequência a compreensão [*verstehen*] à explicação (*Erklärung*), considerando-se a primeira como modo de apreensão dos objetos das ciências do espírito, ciências culturais, ciências humanas, história etc., e a segunda como modo de apreensão dos objetos das ciências naturais. Considerou-se também a compreensão um método que se ocupa de significações, sentidos, relações e complexos de sentidos, ao contrário da explicação, que se refere a fatos, a relações causais etc.

É precisamente o que buscamos aqui: “significações, sentidos, relações e complexos de sentidos”. Por contraste, tomemos um típico problema de Física:

Um corpo de massa 20 kg é abandonado, verticalmente, a partir do repouso de uma altura de 15 m em relação ao solo. Determine a velocidade do corpo quando atinge o solo. Dado $g = 10 \text{ m/s}^2$. Despreze atritos e resistência do ar.

Esse problema pode muito bem referir-se ao humano (o homem, afinal, tem um corpo, com uma massa...), digamos à suspeita de assassinato de uma menina pelo pai. Mas, de seu ponto de vista, a Física ocupa-se somente de mgh e mv^2 , de energias potencial e cinética, de velocidades e acelerações etc., e não de intenções e motivações: se trata de homicídio culposo ou doloso; ou talvez de um acidente etc.

O objeto de estudo de uma ciência e, principalmente, seu peculiar ponto de vista, condicionam, obviamente, sua metodologia: de que servem, digamos, a *verstehen* para o matemático empenhado em demonstrar seus teoremas ou, reciprocamente, os teoremas do matemático para um historiador?

À matemática só interessam demonstrações, tipicamente pelo método axiomático. Evidentemente, a demonstração de um teorema, é um problema estritamente de lógica dedutiva: seria puro *nonsense* pretender, digamos, uma compreensão empática do triângulo: como ele se sente; seus sofrimentos, alegrias e traumas, suas expectativas e motivações, qual dos três ângulos é o seu predileto etc.

A *verstehen* é compreensão, sempre atenta às realidades culturais e antropológicas (o que inclui a base material para a existência humana). Isso é válido especialmente quando examinamos o âmbito da nutrição e da culinária. E é essa compreensão humana, articulada com a prosaica realidade da alimentação, que praticaremos nesta pesquisa.

Nota sobre culinária e religião

Somente a título de um primeiro (e contundente) exemplo (em outros estudos voltaremos ao tema), o apresentado pelo apologista católico Messori (1992, 167 ss.):

Falo com um anglicano e a conversa cai na proverbial “hipocrisia” britânica e dos países protestantes em geral. “Sim – ele reconhece – há algo de verdade nisso. E a razão é a indicada pelo nosso Oscar Wilde: a consciência protestante não impede de pecar; só impede desfrutar do pecado”. Lembro-me de Léo Moulin, o estudioso belga autor de uma história cultural-religiosa da gastronomia, convencido de que a arte da cozinha, como as outras artes, é reveladora do inconsciente dos povos. Ele me disse: “A gastronomia da Polônia católica é ótima, mas a da vizinha Alemanha Oriental, luterana, é péssima. Como isso é possível, dado que o clima e as matérias primas são iguais para os poloneses e alemães. E em qualquer lugar do mundo a cozinha dos católicos é melhor do que a dos protestantes e muito mais importante em suas vidas. Quando é que se vê as pessoas à mesa em um filme western? Pelo contrário, não há um filme italiano, francês ou sul americano que, antes ou depois, não acabe em trattoria. Nos filmes anglo-saxões só temos o “pub” e o “saloon”, as pessoas bebem mas não comem, exceto de vez em quando carne e feijões ou outras barbaridades do gênero, engolidas às pressas. Inglaterra e Estados Unidos, protestantes, nos deram muitas coisas, mas não uma gastronomia. Não foi Oscar Wilde quem disse que o inferno “é um lugar onde o cozinheiro é inglês”“?

Moulin alude à piada dos integrantes do inferno. Há várias versões (p. ex.: céu é um lugar no qual o policial é inglês, o cozinheiro é francês, o mecânico é alemão, o amante é italiano e tudo é organizado por suíços; inferno é um lugar no qual o policial é alemão, o cozinheiro é inglês, o mecânico é francês, o amante é suíço e tudo é organizado por italianos) mas sistematicamente o cozinheiro é inglês. Moulin, o agnóstico historiador da gastronomia, prossegue:

Para Moulin, a explicação do enigma é “religiosa”: “O fato é que o protestantismo tem reprimido no homem a “*joie de vivre*”: o crente está sozinho diante de Deus e deve assumir toda a responsabilidade por suas ações, incluindo a de abandonar a concupiscência pecaminosa do alimento. O católico é mais livre, menos complexado, porque ele sabe que, para ajudá-lo, há toda uma rede de mediações culturais e eclesiais. Há, acima de tudo, a confissão, com o seu perdão libertador. A tragédia do protestantismo é que cai sobre o homem um peso insuportável. Diz a ele : “salvar-se é problema seu; resolva-o a sós com Deus” o homem desaba sob esse peso terrível ou é forçado a fingir, até para si mesmo, uma virtude que não pode praticar. Daí a famosa hipocrisia”.

Uma discussão do tema, por exemplo com base no filme “A festa de Babette”, daria uma excelente atividade escolar.

O gelo, esse civilizador

Nossa dissertação terá como principal referência a notável cozinheira e escritora Nina Horta (abreviaremos por NH), que frequentemente em seus artigos faz sugestivas indicações (breves, pela própria limitação da coluna, que mantém há 25 anos na Folha de S. Paulo) precisamente sobre essas conexões culturais da culinária, que procuraremos desenvolver e encaminhar para a educação e o ensino, pensando

sobretudo nos estudantes de ensino fundamental e médio, como sugestões de conteúdos e atividade para uma educação culinária.

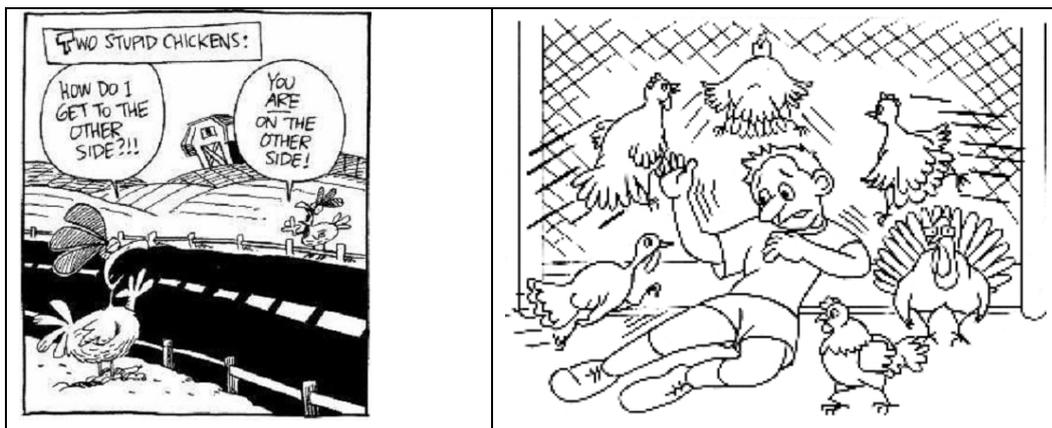
Se toda pesquisa e todo ensino voltam-se para desentranhar razões ocultas, tornando compreensível a realidade que se apresenta ao estudioso, no caso da culinária – de modo especialíssimo nos dias de hoje – encontramos um terreno fecundo e repleto de imensas possibilidades pedagógicas.

Pois, hoje, mais do que nunca, nossos alunos encontram-se com uma realidade que lhes é dada (e com possibilidades ilimitadas de “informação”), mas, afinal, opaca. A tecnologia oferece tudo pronto e acabado e as crianças não têm a menor ideia de como são as coisas, para além das prateleiras do supermercado.

Ao contrário do que ocorria no nosso tempo (e no de nossos pais e avós) é possível que uma criança hoje nunca tenha visto, digamos, um frango vivo, mas só na televisão ou na internet...

A urbanização e a tecnologia tornaram a vida moderna repleta de facilidades, mas, ao mesmo tempo, em certa medida alienada. Se perguntarmos a um aluno de ensino fundamental, ou talvez até mesmo de ensino médio, o que é um “frango caipira” ou os “ovos caipiras” que ele encontra no supermercado, será que ele tem vivência da resposta?

A expressão “frango caipira” é recente e seria incompreensível para nossos avós: para eles não havia frangos que não fossem “caipiras”. Hoje, o “frango caipira” ou o “ovo caipira” são exceções; os frangos são, em geral, criados em confinamento; já não ciscam (não se pode mais observar no cotidiano o “de grão em grão a galinha enche o papo”) nem escolhem seu alimento, pois recebem uniformemente ração etc. E uma das piadas mais conhecidas do mundo, por que o frango que atravessou a rua, era realíssima, quando surgiu em 1847. Também o “frango”, pesadelo de todo goleiro, tornou-se incompreensível, pois não se vê ninguém mais humilhado pela vã tentativa de apanhar o frango (de verdade), que inesperadamente escapa às mãos de quem tenta pegá-lo.



A geladeira. Quanto de antropologia, de senso histórico, de compreensão social, podemos obter da simples consideração dessa invenção, tão banal que – como tudo o mais – passa despercebida e *taken for granted*. NH, sempre atenta ao significado das coisas, diz:

Conservar a comida, gelar a bebida, fazer sorvete, transportar produtos de um lugar a outro, carne fresca, peixe fresco. O crescimento incrível da produção de alimentos, ah, o gelo, esse civilizador!

[neste artigo, faremos as citações da coluna de NH na *Folha de S. Paulo* por: FSP, data e link para o site do jornal. No caso acima: FSP, 27-10-11, www1.folha.uol.com.br/fsp/comida/co2710201122.htm]

De fato, estamos tão acostumados aos confortos da vida moderna, que podemos não nos dar conta da imensa importância de aspectos como esse: o enorme problema, durante séculos, para conservar comida antes da geladeira...

Toda educação verdadeira requer compreender, naquele sentido de “*verstehen*”, captar o outro em suas próprias condições; uma alteridade que pode ser de tempo (não há conhecimento histórico sem “*verstehen*”), de latitudes e situações culturais: como condições climáticas ou tradições religiosas distintas das nossas etc. A alimentação, base mesma da existência humana, faz da culinária um excelente campo para despertar essa sensibilidade, como um autêntico tema transversal para tantas disciplinas como a História, Ciências, Geografia etc.

No caso deste tópico, a compreensão do passado, da história, depende muito mais da consideração da conservação dos alimentos do que de tantos acontecimentos políticos e militares que costumam ser priorizados no ensino.

E são realidades ao alcance da mão. Basta haver um apagão mais prolongado e já vemos nos noticiários da TV comerciantes lamentando a perda de produtos alimentícios e na própria casa talvez a mãe tenha que se desfazer de algum produto, que estragou por falta de refrigeração.

A máquina refrigeradora só surge em meados do século XIX e o primeiro frigorífico doméstico só surge em 1913! Ou seja, durante a quase totalidade da existência da espécie humana no planeta, não havia a possibilidade de prolongar a conservação dos alimentos pela geladeira. Naturalmente, o tema convoca discussão e atividades em diversas disciplinas sobre por quê peixes, carnes etc., se deterioram em temperatura natural? E, em termos históricos, a compreensão da vida sem algo tão simples como a geladeira.

NH comenta *O Sabor da Conquista - Veneza, Lisboa e Amsterdã na Rota das Especiarias*, livro de Michael Krondl, que discute a questão das especiarias, frequentemente apontadas como meio de conservação dos alimentos na época das navegações.

O autor começa derrubando a hipótese de que a Idade Média comia especiarias demais e que o motivo era esconder o ranço das comidas. Pelas receitas que pesquisou, usavam uma colher de chá de especiarias por quilo de carne. E o autor, comendo num restaurante de comida báltica, assegura que a Idade Média acharia picante o que lhe deram lá. Acha que a procura das especiarias também não era para alimentos em decomposição. Será que os europeus ricos polvilhavam canela e pimenta no cisne e no pavão porque a carne estava rançosa? É uma ideia absurda, pois durante a história humana, até o surgimento da refrigeração, os métodos usados sempre foram secagem, salga e conservação em ácido. [...] Os cientistas tentaram descobrir uma mercadoria moderna que tivesse o mesmo papel transformador desempenhado pelas especiarias na expansão da Europa. Pensaram no petróleo. Claro que as nações

até entram em guerra pela importância de algo tão crítico. Mas especiarias, pimenta? São absolutamente dispensáveis. E é aí que podemos ver o relacionamento do homem com os alimentos. Quando as pessoas não têm mais medo de morrer de fome, escolhem a comida por motivos inacreditáveis. O alimento é fonte de significado e simbolismo. [...] Elas estavam na moda em 1500, como elixir da vida ou um gosto do paraíso. E agora, pelos mesmos motivos, longevidade, curas, saúde perene, enfim, vamos sendo dirigidos pelos mesmos venezianos, portugueses e holandeses de outrora, com outro nome.

(FSP,

13-08-09,

www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1308200917.htm)

Uma atividade que propomos é a de visitar um supermercado e observar os prazos de validade dos produtos: a carne, cortada no dia e mantida a 4° C, tem validade de 48 horas; do mesmo modo o leite e as manteigas são mantidas em prateleiras refrigeradas. Importante é também verificar nos rótulos a imensa quantidade de conservantes químicos. Boa parte das descobertas “revolucionárias” da história (e que hoje nem reparamos) estão ligadas à conservação: por fermentação, como nas bebidas alcoólicas – a cerveja e os destilados – o macarrão etc. Tratava-se de lutar contra a necessidade de consumo imediato dos alimentos.

O grande “boom” da indústria de alimentos, veio após a 2ª Guerra Mundial, com as mudanças tecnológicas e sociais, como o fato de as mulheres passarem a trabalhar mais fora de casa e os produtos precisavam ser de mais fácil acesso. Os bolos eram produzidos por elas, mas a farinha já estava pronta para o consumo e utilização, bem como a manteiga e o açúcar.

Houve um crescimento na industrialização de alimentos e o início do *shelf life* ou tempo de prateleira foi estendido para que os consumidores possam adquirir os alimentos num mundo consumidor. E nisso os supermercados deixaram de ser balcões que o cliente solicitava o que queria comprar por autos-serviços onde o cliente utiliza de seus sentidos na escolha do produto como tocar, olhar, cheirar... Daí as mudanças das embalagens, cada vez mais expostas aos clientes e o tempo de conservação maior dos produtos. A conservação de alimentos também está ligada à desidratação: a carne seca, as frutas secas. A torrada conserva-se por muito mais tempo do que o pão. Senão, quem poderia levar um abacaxi ou mesmo uma tangerina ou banana na bolsa para um lanche sem se valer de potes isolantes, para suportar nosso clima tropical?

Para possibilitar o consumo, veio a liofilização, um processo de desidratação usado para preservar alimentos perecíveis sem que haja o crescimento de bactérias, bolores etc, comum a esses alimentos, estes são congelados e a água é retirada, por sublimação, sem que passe pelo estado líquido. Não há mudanças no aroma e sabor é o método conhecido por alimentação de astronautas mochileiros (atividade comum nas regiões montanhosas no Nepal e na Índia é chamado às vezes trekking) porque o peso reduzido permite que carreguem mais alimento e reconstituí-lo o com água disponível. Este processo é utilizado na produção de café solúvel e por indústrias farmacêuticas.

Como vemos, muito da história da humanidade está ligado ao fato tão simples e essencialíssimo da conservação dos alimentos. Muitos dos alimentos que hoje apreciamos surgiram simplesmente pela necessidade de conservação em tempos em que não havia geladeira. É o caso da coalhada, da carne seca, das frutas secas, do macarrão, dos picles etc.

A coalhada surgiu pela prensagem e adicionamento de sal ao leite coalhado a fim de preservá-lo.

A carne de sol ou carne seca é preparada como alternativa para a preservação do excedente de produção da carne bovina, ante as dificuldades encontradas para a sua conservação por refrigeração, associadas ao baixo nível econômico da população. Assim, o processo da salga e desidratação se tornou a opção de conservação de carne, uma vez que as condições climáticas e a disponibilidade de sal marinho, principalmente na Região Nordeste, são bastante favoráveis a essa prática. Este hábito vem dos tempos pré-históricos, e tenha surgido em conjunto com a utilização do fogo, e não somente pela ação direta do sal e dos raios solares.

Para a conservação dos alimentos o sal era importantíssimo, como nos alimentos acima. Só chamando a atenção para esse fato, os alunos poderão entender que *salário* deriva de sal: o pagamento dos soldados romanos era feito no precioso sal. Se o sal hoje é um vilão, porque muitos sofrem de hipertensão (a Organização Mundial da Saúde recomenda um consumo máximo de 2g de sódio por pessoa ao dia, o que equivale a 5g de sal), houve tempo em que era um bem de valor inestimável. E, diga-se de passagem, é um dos quatro alimentos expressamente elogiados por Jesus Cristo, segundo os evangelhos. De fato, em Mc (9,50) e Lc (14, 34), Ele diz: “o sal é bom”. E em Lc (11,11 e ss.) fala do peixe e do ovo como bons alimentos, “coisas boas”; já em Mt (7, 9 e ss.) o mesmo elogio é dirigido ao pão e ao peixe.

Note-se que a própria NH nos lembra o apreço de Cristo pela comida: “Cristo dividiu um cordeiro com os amigos. Fez milagres com os peixes. Transformou água em vinho” (FSP, 26-3-11, www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2603201122.htm).

O macarrão começou a ser feito logo que o homem descobriu que era capaz de moer os cereais, misturar com água e obter uma pasta cozida ou assada. Naturalmente, a produção desse alimento, de extraordinária capacidade de conservação (especialmente com o *triticum durum* da Sicília), impulsionou a tecnologia da moagem e invenções como a do moinho de água tornaram-se decisivas para a humanidade. As primeiras massas semelhantes ao macarrão surgiram nas civilizações assíria e babilônica, por volta de 2500 a.C. e tratava-se de uma pasta cozida de cereais e água. O macarrão para um melhor aproveitamento foi submetido a desidratação natural e com isso um consumo mais prolongado desde sua preparação.

Poucos podem prepará-lo e consumir e para aumentar sua utilização é aplicado o método de secagem ao natural e com isso seu uso tornou-se em larga escala por diversos povos do mundo. Mas também ele tornou-se vilão para aquelas pessoas em dieta para redução de peso; para os diabéticos que devem evitar o consumo de cereais de fácil digestão que elevam a glicose sanguínea. Também temos o macarrão como vilão para um grupo específico que nos últimos anos vem crescendo, os celíacos, como apontado por NH “diversificar ao máximo a dieta, buscando grãos como o trigo sarraceno e a quinua. Lojas de produtos orientais vendem macarrão tipo bifum ou harussame, feitos de arroz e feijão, sem glúten” (FSP, 12-05- 11, <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/comida/co1205201105.htm>). Se há limitações nas refeições, pode também haver diversificação no consumo.

Comida de macho

Outro tema importante a ser considerado na escola são as diferenciações: comida de macho, comida de mulher, comida de criança, comida de gay, comida de rico, comida de pobre etc.

NH dá-nos alguns exemplos de “comida de macho”:

As mulheres já tinham arranjado uns empregos ou carreiras que antes eram dos homens. Os próprios, ao ver as coisas apertarem para o lado deles, enfiaram um avental com gosto. Mas acharam por bem só cozinhar coisa de macho, como arroz de suã, feijoada, churrasco, rabada, cuscuz no vapor, cupim cozido, grandes peixes. (FSP, 18-08-11, <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/comida/co1808201118.htm>).

Mas o caso mais emblemático vem da caricaturesca figura de Antonio Tejero, o quixotesco “guardia civil” espanhol, que invadiu com sua tropa o Parlamento e manteve os deputados sequestrados por 17 horas, em sua frustrada tentativa de golpe.

Enquanto a Espanha construía devagar a sua democracia, um tenente-coronel da Guardia Civil, António Tejero, entrou nas Cortes com 200 homens para realizar um golpe de Estado. Nessa tarde de 23 de Fevereiro de 1981, os deputados votavam a nomeação de um novo presidente de governo. Era uma ocasião simbólica e o momento adequado para que os órfãos do franquismo estancassem a democratização do país. (Diário de Notícias http://www.dn.pt/especiais/interior.aspx?content_id=982258&especial=Elei%E7%F5es%20na%20Europa&seccao=MUNDO)

Frustrada a tentativa de golpe, Tejero, preso, dirige à nação uma carta de fazer inveja ao próprio Quixote. Assume ser ele é o responsável por tudo (e se orgulha disso) e que fez tudo por amor a Espanha. E em tom patético entoou seu cântico a Espanha (à Espanha franquista, de Deus e *de la Iglesia*, da família, da ordem e da autoridade etc.).

Que el sentirme español sea para mí el máspreciado título, tiene una sencilla y demostrable explicación: es que España es tan grande, tan hermosa... Es grande en su historia, hermosa en sus tierras, rica en sus campos, fecunda en sus gentes y divina en su lengua: ¡El español! Me he recreado miles de veces mirando con avaricia sus tierras; y lo mismo me ha estallado el alma de orgullo ante sus altivas montañas [...] Y de su tierra a su historia, ante la que, señores, ¡hay que descubrirse! Todos sabemos que desde los Reyes Católicos fuimos una gran nación, que no tardó en convertirse en grandísima. [...] ¡Mirad a España! besando a sus hembras y pariendo a sus hijos. Solo así te sentirás español. Español a quien le duele España. Y hoy nos duele porque no nos gusta como es. Hoy nos duele porque España tiene que ser una y grande y no muchas y rota.

Não podia faltar a referência à culinária produtora de bravos machos :

Y la belleza de sus rías, y el fragor de sus minas, y el bullicio de sus ciudades, y el sosiego de sus pueblos, y el sabor de sus vinos: Jerez, Rioja, Jumilla, Priorato, Rueda y Ribeiro...; y el gusto de sus guisos:

fabada, cocido, escudilla, gazpacho, caldereta, pote, marmitako, sancocho... Comidas y bebidas de una raza bravía cuyos machos han llegado a ser dioses y ejemplo de heroínas sus hembras. (<http://www.generalisimofranco.com/noticias5/MB230209b.HTM>)

E decide o golpe, ao ver tudo isso ameaçado por “bandos de jovens degradados pela droga, pornografia, doentes que pedem por um terceiro sexo...”



É interessante notar, desde já, que não é só uma questão de paladar, mas de todo o contexto (natural? cultural? estereótipos) que cerca a cozinha, certas *vigencias* (Ortega y Gasset), *que se dan por supuesto*. Nessa brasileiríssima invenção – já exportada para diversos países, com grande sucesso –, a churrascaria de rodízio, os espetos de carne são encargo dos garçons homens (de preferência em trajés tipicamente viris gaúchos: *pilchados*); o balcão de massas, das mulheres. Em nossas *vigencias* é inimaginável um espeto, digamos de sangrenta fraldinha, trazido por uma garçonete.

Naturalmente, não se trata só de comidas: cachaça é mais para os homens; licorzinho doce, para as mulheres. Em setembro de 2011, a Ambev lança publicidade apregoando o caráter universal da cerveja, apreciada tanto pelo romântico como pelo troglodita:



Nem tudo é “natural” nas *vigências*: o bacalhau, hoje, de preço proibitivo já foi em Portugal (e também no Brasil) bem mais acessível. Era o tempo em que lá, para mostrar desprezo por alguém, não merecedor de nada especial, se dizia: “para quem é, bacalhau basta” e para indicar que não houve consequências importantes: “tudo acabou em águas de bacalhau”. Mortadela e feijoada, que já foram “comida de pobre”, hoje já são consumidas pelos ricos: a mortadela Ceratti é mais cara que o presunto Royale (algo impensável há algumas décadas) e os mais finos restaurantes apregoam feijoadas às quartas e sábados, podendo chegar a custar U\$ 40 ou mais. Em 1971, a Swift ganhou o Leão de Prata de Cannes, com Raul Cortez interpretando o nobre entediado que dispensa caviar e lagosta e delicia-se com a mortadela, na peça publicitária: “A nobreza aderiu à mortadela”:



Comida de mulher-mãe

Do outro lado, a “imagem ideal” é a da mãe, responsável pela união da família; é ela quem prepara as refeições, quem reza por todos, quem não dorme enquanto todos não estejam em casa, quem divide o frango do almoço de domingo. NH escreve sobre um domingo típico nas casas brasileiras:

Na mesa, todos em volta do frango. À mãe cabia dividi-lo porque mãe é quem sabe tudo sobre o gosto de cada um. O pai em primeiro. Se gostava de peito, os filhos comiam as coxas. Se gostava de coxas, os filhos comiam o peito, de forma que as gerações iam se alternando no gosto de coxas e peitos. No geral, um pai que gostava de coxa era sempre filho de um pai que gostava de peito, pois havia os filhos protegidos, que podiam provar do repasto do pai -e se o avô vinha almoçar, matavam-se dois frangos para que não houvesse disputa entre netos e avô, o que hoje chamam conflito de gerações. A mãe sempre comia a sobreasa, que não é coxa nem peito nem asa e não entrava na disputa. Mãe é mãe, sempre pairando acima dos conflitos. A asa só se comia na gula, na repetição. Ou sobrava para a empregada que, no geral, gostava mesmo é de sobreco, chamado de curanchim ou uropígio para não introduzir o cu no festim. Nunca vi comer-se um sobreco à mesa. Sempre na cozinha. A mãe sabia trincar só com faca e garfo, desarticulando as partes do frango e provando, no gesto, que fora bem assado. Era o ponto. Acho que deve-se aos franceses a tesoura de trincar frangos: a cabeça do fêmur grudada na carcaça, a sobreasa levando um pedaço de peito e de asa... Um horror! Em vez da comunhão, uma cena de mutilação presidida pela mãe. Como uma família assim poderia se amar e se respeitar? (FSP, 09-07-09, <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0907200923.htm>).

Estamos numa sociedade que a imagem é o primeiro fator a ser levado em consideração quando nos relacionamos em vários campos. A mulher engravida e exigem que ela coma “por dois”, quando o bebê nasce ela deve comer alimentos com “sustância” para ter leite o suficiente e ainda cobram dessa mulher aparecer com o mesmo corpo que possuía antes da gestação...!

E daí surgem as dietas milagrosas da lua, da sopa, de instituições de ensino renomadas... Seja qual for a escolhida ela inicia-se exclusivamente às segundas-feiras, dia internacional da dieta, da inscrição nas academias. Quando dizem que no ano novo irão fazer dieta de emagrecimento me pergunto, é melhor fazer dieta entre o Natal e Ano Novo do que entre Ano Novo e Natal, o resultado pode ser melhor observado.

As famílias estão diminuindo e com isso suas casas também diminuem e a cozinha que era o centro da casa passa a ser corredores pequenos e apertados dividindo espaço com equipamentos e mobília limitadas. Essa família torna-se pequena e não pode receber seus familiares para um encontro gastronômico e harmonioso.

Os empreendimentos imobiliários criam assim os espaços gourmet que são cozinhas espaçosas que recebem os convidados de moradores para assim se unirem e tentar resgatar algo cultural que é a troca familiar, em torno a uma mesa e um fogão. Ainda, para facilitar mais e promover esse encontro, os empreendimentos estão dando maior atenção na planta estrutural as varandas gourmet, que propiciam o convívio com a família e amigos e a troca de temperos e receitas.

Nessa cultura, o neto é capaz de ver sua avó fazendo o pão tradicional de família, o bolo de coco escrito em folhas amarelas e com as pontas rasgadas, enfim há troca de idades e conhecimentos nunca estudados em uma sala de aula.

Mas é claro que essa avó que prepara o bolo, não é a mesma de décadas atrás, ela entende de internet, faz viagens sozinha, vai à academia...os idosos e seus netos

falam a mesma língua e os adultos perdem seu tempo em discutir relação, falar mal da cunhada, reclamar da bagunça que irá ficar... mas tudo isso faz parte da cultura família-conhecimento.

Considerações finais

Neste artigo procuramos focar a cozinha como o jogo heraclitiano de sobe-desce e esconde-esconde. O professor em intermináveis reuniões pedagógicas, escreve a ementa, o plano disciplinar, os objetivos da disciplina que será ministrada e com isso faz todo o conteúdo programático em cima do que será explorado e dito em sala de aula. Naquele momento professor-aluno, aluno-professor, as trocas muitas vezes não são percebidas logo de imediato. Ao final de um bimestre ou semestre esse aluno deve ser capaz de transferir o conhecimento adquirido em provas avaliativas, algumas dissertativas e outras optativas.

Aqui exploramos a cozinha enquanto indicador antropológico e cultural. O aluno ao ser colocado não já na relação professor-aluno, mas na relação aluno-mundo, pode abrir-se para essas realidades a partir de suas próprias vivências.

Com o tema gelo, por exemplo, ele pode passar pela história, geografia, ciências, matemática, português... e pode ocorrer de forma natural a transdisciplinaridade, que alguns colégios tão arduamente pretendem conquistar com “capacitações docentes”....

Com o tema “comidas” podemos abrir uma trajetória cultural e antropológica, acessível à bagagem de vida do aluno e fomentar no convívio escolar essa troca de experiências a partir de cada história particular.

O fato, no caso, de não haver cadeiras, carteiras ou qualquer objeto “escolar” como lápis, caderno etc. não quer dizer que o aluno não esteja aprendendo. E mais, o docente aprende, pois o aproxima do aluno e fomenta mais troca de conhecimento e afetividade do que o tradicional “professor fala; aluno escuta”.

Referências

- LAUAND, J. **Os caminhos que levam às ideias.** In revista *Língua Portuguesa Especial Etimologias*, maio 2011, pp. 30-35.
- FERRATER MORA, J. **Dicionário de Filosofia** (4 vols.) 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- MESSORI, V. *Pensare la storia.* Una lettura cattolica dell'avventura umana, Paoline, Milano 1992.
- HORTA, Nina. **Vamos Comer.** São Paulo: Ministério da Educação, 2002.

Tipos de David Keirse - Identificando algumas características

Resumo: O artigo apresenta exemplos concretos de alguns dos tipos psicológicos de David Keirsey a fim de ajudar na compreensão de como eles se dão na realidade.

Palavras Chave: David Keirsey. tipos psicológicos. Tipos de temperamento.

Abstract: This article intends to show concrete examples of some psychological *types of David Keirsey* in order to help understanding how they are in reality.

Keywords: David Keirsey. psychological *types*. Temperament types.

1. Um caso ISFP: Guga Kuerten

Começemos a apresentação de nossos exemplos com um particular caso de SP: o ISFP.

Se os SP são denominados por David Keirsey (abreviaremos por DK) *artisans*, que no caso do ISTP envolve a especial inclinação para lidar com ferramen-tas e fabricos (motores, armas etc.), por alguma razão o ISFP costuma voltar-se para as *fine arts*:

Quando encontramos um destacado compositor, pintor ou bailarino, frequentemente será um ISFP. Beethoven, Toscanini, Rembrandt e Nijinski, como se manifesta na pesquisa tipo-histórica, eram ISFP chapados (Keirsey 1984, p. 204).

Seu acentuado senso S de realidade, de concreto, especialmente para a “especialidade” para a qual está particularmente dotado “keeps the ISFP more closely in touch with the very real” (Keirsey 1984, p. 205).

O ISFP sintoniza com a cor, a linha, a textura, a tonalidade – tato, movimento, ver e ouvir, em harmonia. Os sentidos do ISFP parecem mais agudamente sintonizados do que os dos outros. Rembrandt podia quase saborear as cores, devido à sua grande sensibilidade. Toscanini podia distinguir uma única nota desafinada em meio à mais complexa performance instrumental da orquestra. E as palavras de Hemingway tinham o gosto, cheiravam e sentiam as ondas” (Keirsey 1984, p. 205).

A sensibilidade do ISFP é como que um radar sempre ativo para o aspecto do mundo concreto que o toca em sua arte (no sentido amplo, que pode abarcar, por exemplo, esportes como o tênis). Meu amigo, o saudoso grande pintor Fulvio Pennacchi via (e vibrava com isso) espontânea e necessariamente composição e cromatismo em qualquer situação do cotidiano, enquanto nós outros víamos apenas um cena rotineira a mais. Dorival Caimmy não compunha com o violão, mas extraía canções da simples prosódia do falar cotidiano...

¹³². Doutora e Pós doutora Feusp. Professora da rede municipal de ensino da PMSP

Nesse sentido, nada supera a antológica cena do filme *Amadeus* de Milos Forman, na qual a sogra de Mozart, Frau Weber, enfurecida com o genro irresponsável, quer afastá-lo e vai proferindo uma série de insultos: “... Você é um monstro... egoísta ... para você só existe a sua música. Eu bem que avisei a minha filha: ‘case-se com um homem, não com um bebê’. Etc. ” Mozart, indiferente à fúria da sogra, atenta somente para a prosódia dela, da qual extrai imediatamente a ária “A Rainha da Noite” e a câmera vai pontuando a transição da estridente megera para a soprano de “A Flauta Mágica”.



A cena encontra-se em <https://www.youtube.com/watch?v=5wfp8EB179g>



Ao caso do Mozart do filme de Forman, foi dedicada uma dissertação de mestrado, contrapondo (sem usar a terminologia de DK) a caricatura das disfunções dos SJ no personagem Salieri ao – também carregado –, Mozart, SP¹³³.

Mas a característica do ISFP que queremos destacar, a propósito de Guga, é aquela apontada por DK:

The ISFP has to be the kindest of all the types with no near competitors. The kindness is unconditional. Here is sympathy, of which we are all capable, carried to its most extreme form. The ISFP is especially sensitive to the pain and suffering of others and, like St. Francis of Assisi, with sympathetic impulsivity gives freely to the sufferer. (Keirse 1984, p. 205)

Fred Astaire (1899-1987), o maior dançarino da história do cinema, obrigava os roteiristas de seus filmes a contorcimentos: ele era incapaz, mesmo como personagem, de magoar alguém.

¹³³. Lucyana do Amaral Brilhante. “Equus e Amadeus: a tradução dos personagens apolíneos e dionisíacos de Peter Shaffer para o cinema”. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2007. <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/LucyanadoAmaralBrilhante.pdf>



Nosso Gustavo Kuerten, como bom I concede poucas entrevistas e sua mãe refere-se ao fato, dizendo jocosamente que o filho é “bicho do mato”. No caso extremo de outro ISFP, João Gilberto, ninguém conseguia furar o bloqueio e sua personalidade permanecia (outra marca registrada dos ISFPs) um tanto enigmática para os outros tipos. São legendários os intermináveis “ensaios” de João Gilberto que, como em geral nos ISFPs, não eram propriamente ensaios, mas o impulso incontido da ação artística, unido à exigência de nada menos do que a perfeição em sua arte. (Mas atenção: por mais que sejam extremamente gentis, os ISFP são, afinal, impulsivos como todos os SP e daí também os “destemperos” de João Gilberto diante de alguma falta de sintonia do público. Paulinho da Viola conta uma sua desestruturação no palco diante de uma simples desatenção de um espectador.)

Qual a grande dificuldade do tipo *kindest*, ISFP, Guga no início de sua carreira? A mais inesperada para quem não leu DK: a dificuldade de vencer para não magoar seu adversário, infligindo-lhe amarga derrota! É o que ele mesmo nos conta em uma de suas raras entrevistas. Aos 14 anos, conheceu Larri Passos, que ia ser seu técnico, por longos anos.

[O Larri me ajudou muito] Teve uma situação já com o Larri que foi determinante: eu saio da quadra, perdendo o jogo – isso acontecia, eu me emocionava muito... ficava triste, porque no tênis tem isso: um ganha e o outro tem que ser derrotado e eu... “Pô, mas que pena...”. Eu tinha uma dificuldade de enfrentar isso. Para mim foi difícil e o Larri falava: “vai pra cima dele, cavalo! Passa por cima, vai, mata o cara!” (<https://www.youtube.com/watch?v=ZLgIh5iDmWA> 9:50m)

Assim, o (árido) trabalho do técnico foi o de ajudar Guga a, no esporte, “superar” sua tendência mais arraigada, a de “ajudar as pessoas e fazer carinho”! E, refreado seu sensível fator F, liberar o estilo SP: revolucionário, agressivo, exuberante e alegre. Vencedor. A Revista Tênis o coloca entre os “10 tenistas que transformaram a forma como o tênis é jogado”:

A inesperada conquista de Guga em Roland Garros 1997, contudo, pavimentou a mudança que se solidificou hoje. Diante de adversários que fundamentavam seus jogos no preparo físico e na regularidade de fundo, o brasileiro ousou acelerar bolas, arriscar paralelas de backhand, tentar curtinhas etc. De repente, aquele padrão extremamente defensivo do jogo de saibro deu lugar a um estilo muito mais agressivo, exuberante e alegre.

Mesmo jogando do fundo de quadra, Guga mostrou que era capaz de encurralar os oponentes, tirá-los do sério com seus imprevisíveis ataques com o backhand na paralela ou então com deixadinhas depois de tê-los jogado metros longe da linha de base.
(https://revistatenis.uol.com.br/artigo/nascidos-para-mudar-o-tenis_12455.html)



Guga, leva ao extremo o carisma do ISFP e aparece como a pessoa mais gentil, alegre e emotiva do mundo. Por suas aparições na olimpíada de 2016, suscitou nas redes sociais uma sacada genial, que bombou imediatamente: chamar Guga de “Labrador Humano”.

Ele, naturalmente se emocionou e agradeceu: “Tenham a certeza de que foi a minha medalha de ouro. Vai ficar guardada no coração como símbolo e a grande lembrança desses jogos aqui no Rio” (<http://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/2016/08/guga-comenta-apelido-labrador-humano-e-conta-o-que-tira-seu-sorriso-do-rosto-video.html>)

Outro exemplo: uma das tantas delicadezas de Guga foi quando, emocionadíssimo, enviou uma mensagem para os familiares da tragédia da Chapecoense e teve o cuidado de dizer: “nós estaremos orando, estaremos rezando...”, para evitar ferir qualquer susceptibilidade entre evangélicos e católicos. “<https://www.youtube.com/watch?v=iRSyyZaiVJY>”

2. Um caso ESTP: Neymar Jr.

Muitos dos grandes esportistas são SP e ESTP. Com suas características, para o bem e para o mal: impulsividade, independência, liberdade, hedonismo, ludicidade etc. Na disfunção: indisciplina, farras, pavio curto, irresponsabilidade, infantilidades, fanfarronice etc.

Na vida comum é difícil (especialmente para os comedidos SJ) compreender como uma pessoa pode, por exemplo, cair nos juros, literalmente absurdos, do cheque especial ou do parcelamento do cartão: é óbvio que é um grave erro financeiro. Para a

descontrolada impulsividade do SP (os SP são as principais vítimas da impulsividade...) essas opções podem afigurar-se viáveis: magnetizados pelo “aqui e agora” não medem as consequências, tudo que vêem é a necessidade de seguir o impulso e evitar a espera. São os mesmos impulsivos que, tendo perdido no cassino, dobram a aposta: é tudo ou nada, é agora ou nunca etc. São acentuados SP que tiram a camisa ao comemorar um gol, mesmo cansados de saber que esse ato custa um cartão amarelo...

E é que se há algo que os SP (todos eles) não conseguem suportar é a espera; a palavra que lhes é mortal é *wait*: “eles não esperam porque esperar é ver seu impulso definhando e morrer, eles querem e valorizam seus impulsos e os vêem como o centro de suas vidas” (Keirse 1984, p. 204).

O santo dos SPs é Santo Expedito (pouco importa se ele realmente existiu ou não); Expedito é o santo que não enrola, resolve na hora, “mete as cara”, como no lema SP da Nike: “*Just do it!*” O reflexo dos SP pode ser tamanho que, muitas vezes ele dá uma resposta tão rápida que o interlocutor de outros tipos pode considerar impensada, frívola ou irresponsável; quando, na realidade, é sua resposta ponderada definitiva: a prontidão lhe é conatural e ele, normalmente, não precisa ruminar o assunto por tempo prolongado.

Já a introdução do clássico dos clássicos, Casablanca (no qual o tempo é um dos temas...), descreve entre os horrores da guerra, o suplício dos SP, o purgatório da espera: alguns poucos conseguem o visto para Lisboa (que lhes permitirá ir para a América); os outros..., esperam em Casablanca “...and wait, and wait..., and wait...”. Nessa linha a (extremadamente SP) Tina Turner, gravou a canção que melhor exprime o impulso típico dos SP: *Paradise is here* (Paul Brady), nem sonhos nem planos: *right now!*

(...) But paradise is here
It's time to stop your crying
The future is this moment
And not some place out there
Tonight I need your love
Don't talk about tomorrow
Right now I need your loving
Right now give it to me
Right now I want your loving
Right now- now now now (...)

Com o acima exposto, não é difícil evocar a galeria dos extremados ESTP (incluiremos também alguns ISTP) de nosso futebol (ou de outros setores...):

Felipe Melo. Entre tantas outras, recém contratado, na entrevista de apresentação ao Palmeiras (jan. 2017), o meia foi logo avisando que iria reabrir antigas desavenças: “Se tiver que dar porrada, eu vou dar. Se tiver que bater na cara de uruguaio, vai tomar tapa na cara”. Não deu outra: o Palmeiras x Peñarol em abril (2017) acabou em pancadaria; os uruguaio tinham como alvo principal o próprio Felipe Melo. Meses depois, Felipe exibe como troféu, um porta-retratos em sua casa, a foto do soco que deu no uruguaio. Se o ISFP é labrador, os STP podem ser pitbull, como no grito da torcida do Palmeiras: “O bagulho é doido! Felipe Melo, pitbull, cachorro louco!” (<https://www.lance.com.br/palmeiras/cachorro-louco-felipe-melo-ganha-musica-torcida-agradece.html>).



<http://esportes.r7.com/blogs/r7-so-esportes/e-ousado-demais-rapaz-felipe-melo-guarda-lembanca-de-briga-no-uruguai-na-sala-de-casa/2017/08/31/>

Nossa galeria se amplia com, digamos, **Maradona**, **Dudu** (outro “guerreiro” do Palmeiras), **Adriano Imperador**, **Romário** (que quando cobrado pelas farras em seu tempo de Barça, saiu-se com a antológica frase: “*Si no salgo a [sic] la noche, no meto goles*”), os comentaristas **Neto** e **Edmundo** (“animal”), o atualmente técnico **Renato Gaúcho** (Portaluppi), **Donald Trump**, **Kim Jong Un** (o ditador que adora a Disney e o Chicago Bulls), **Jair Bolsonaro**, **José Luiz Datena**, **Ratinho**, **Silas Malafaia**, o ISTP **Vladimir Putin**, etc.

Sérgio Cabral, com sua audácia, ostentações e farras como a do guardanapo, expõe algumas outros traços (disfuncionais) dos ESTP.

Não é de estranhar que, no caso das mulheres ESTP – como **Amy Winehouse**, **Madonna**, **Angelina Jolie** (e **Lara Croft**), **Camilla Parker Bowles** –, alguns aspectos de seu comportamento possam parecer, em alguns casos e alguma medida, associado a padrões estereotipadamente masculinos (independentemente de conotações homossexuais como no caso de Thammy Gretchen). Eu sou durona... diz uma conhecida sentença de Madonna: “I’m tough, I’m ambitious, and I know exactly what I want. If that makes me a bitch, okay.”¹³⁴; Amy Winehouse afirmou certa vez: “I’m more of a boy than a girl” e de Camilla Parker Bowles se diz que é uma **tomboy**, mulher com gostos e jeitão mais para masculino (sem conotações homossexuais). Disse ao ser apresentada ao Príncipe Charles: “My great-grandmother was the mistress of your great-grandfather - so how about it?”. Já Madonna diz de si mesma: “I’m a man inside a woman's body.” E a SP, em famosa entrevista, diz do idealismo dos NF: “I want to be like Gandhi and Martin Luther King and John Lennon – but I want to stay alive”.

No caso feminino, o troféu ostentação vai para a ESTP Val Marchiori, com suas quinhentas e tantas bolsas Louis Vuitton, peles e o inseparável champagne...



<https://televizao.wordpress.com/tag/val-marchiori/page/16/>

¹³⁴. Todas as citações desse parágrafo procedem de: <https://www.idrlabs.com/estp.php>

Para que se entenda bem o que estamos afirmando, um exemplo, ilustrativo e esclarecedor: o popular programa do SBT, “Casos de Família” foi apresentado pela discreta Regina Volpato de 2004 a 2009; sendo, então substituída pela ESTP (com maiúsculas), Cristina Rocha.

Com Volpato, o programa era sério, sóbrio, de aconselhamento, sem gritaria nem barracos. Cristina Rocha, assumiu para agitar (promover barracos, como no programa original venezuelano) e aumentar a audiência e chegou mesmo a alfinetar sua antecessora:

Eu entrei [no Casos de Família] com o coração. Tudo que eu faço eu visto a camisa. Comigo não tem isso de estar em cima do muro. Quando fiz o teste, o Silvio queria um programa mais popular com uma apresentadora que se desse bem com a plateia. Que fosse mais participativa, coloquial e que desse opinião. A [antiga] apresentadora [Regina Volpato] ficava sentada o tempo todo e no final a psicóloga falava. Era uma coisa mais contida.

(<https://www.otvfoco.com.br/apresentadoras-casos-de-familia-christina-rocha-critica-regina-volpato-ficava-sentada-o-tempo-todo/>)



Outros estilos de apresentadoras:



Hebe ESNP



Eliana ESNP



Fátima ESTJ



Cátia ESFJ



Oprah e a sensibilidade NF



A fria racionalidade NT Justus e Dória

Quem senão o ESTP (e mais ainda o ISTP) pode, na disfunção, ter a arrogância de um Carlos Marun, líder de várias tropas de choque, para celebrar na

Câmara, com dancinha, cantando: “surramos a oposição, que não consegue nem uma ganhar”... (<https://www.youtube.com/watch?v=WORSkpfdfGc>).

Apesar dos exemplos que demos anteriormente de ESTPs, a bem da verdade, o ESTP não é necessariamente truculento (como pode parecer em um Brasil e em um mundo rachado em maniqueísmos e radicalismos); pelo contrário, o ESTP pode ser, e frequentemente é, simpático, eletrizante e refinado (como o agente 007) e, devido a essa observação das motivações alheias, pode ser um grande negociador, como é o caso de um dos maiores campeões mundiais da paz de todos os tempos (e mártir da paz), o diplomata brasileiro: Sérgio Vieira de Mello. O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, afirmava que Vieira de Mello era “a pessoa certa para resolver qualquer problema”. Foi o primeiro brasileiro a atingir o alto escalão da ONU. Como negociador da ONU, atuou em alguns dos principais conflitos mundiais - Bangladesh, Camboja, Líbano, Bósnia e Herzegovina, Kosovo, Ruanda e Timor-Leste, entre 1999 e 2002.

Sua incomparável vocação para a negociação fez dele (na década de 90) o único diplomata capaz de abrir e manter conversações com o Khmer Vermelho. Em maio de 2003, foi enviado como representante oficial do Secretário-geral das Nações Unidas para o Iraque e fez parte da equipe que vistoriou a Prisão de Abu Ghraib. Em Bagdá acabou sendo morto em 2003 durante o ataque suicida ao Hotel Canal, com a explosão de um caminhão-bomba. Abu Musab Zarqawi, chefe da Al Qaeda, assumiu a responsabilidade pelo atentado: Mello foi assassinado pois ele era um “cruzado” (sic: *franj*) que extraiu uma parte (o Timor Leste) do país muçulmano da Indonésia.



O ESTP Sérgio Veira de Mello, considerado um misto de Bobby Kennedy e James Bond.

E é que:

Os ESTP têm um dom especial para observar o que motiva as pessoas; são hipersensíveis às mínimas indicações não verbais dos outros, o que passaria despercebido para muitos outros tipos. (Keirsey 1984, p. 196).

Mas não se trata de uma captação das motivações alheias como pela capacidade empática do NF, mas por um instinto de indícios (*Elementary, dear Watson...*!), muito úteis para um espião como James Bond.

Como no caso daquele nosso amigo inquilino, que foi negociar um gasto no apartamento com o proprietário (tipicamente ESTP). Só se conheciam dos breves encontros mensais no escritório deste para pagamento do aluguel e um cafezinho. A proposta era para dividirem os gastos de uma descupinização necessária, pois o apartamento estaria infestado de cupins. O proprietário, ato contínuo, desmontou a charada: “- Não me diga, o senhor se casou?...”. A pergunta era retórica, era mais uma afirmação e, de fato (!), o inquilino tinha acabado de se casar (sem que o outro soubesse). A sequência da fala foi antológica: “... Porque nesta época do ano [tinha havido revoada de verão de cupins no bairro alguns dias antes] eles aparecem por toda parte, até em estruturas metálicas ou de concreto... Agora, se a sua esposa quiser fazer um favor para a gente, diga para ela pegar uma seringa velha e injetar onde ela acha que eles [os supostos cupins] estão instalados... [e pare de nos aborrecer com sua neurose de problemas fictícios]”.

Machismos à parte, nosso ESTP decifrou em um relance a situação toda...

Se em algumas atitudes dos ESTP acima prevalece o aspecto “durão”, machão (muitos STP têm afinidade com armas, esportes radicais etc.), o tipo é em geral sociável e magnetiza o ambiente:

Se são utilizadas as capacidades promotoras e empreendedoras do ESTP, a instituição beneficiar-se-á muito de sua presença. Mas se seu desejo de *excitement* não encontra receptividade construtivamente, então sua energia pode se canalizar para o destrutivo, para atividades anti-sociais, para o estelionato, falsificação, contravenção etc. Um filme, do começo dos anos 70, que expressa bem esse uso dos talentos dos ESTP é “Golpe de mestre” (*The Sting*). (Keirsey 1984, p. 197).

Em nosso Neymar destaca-se o lado lúdico dos SP: na melhor tradição da escola brasileira (avalizada pelo insuperável Garrincha) o futebol é antes e acima de tudo brincar: inventar gracinhas e dancinhas para comemorar, coreografias com os “parças”..., enfim: a molecagem. O drible pode ser mais importante do que o gol...

Dois episódios ilustram esses traços de sua personalidade (não por acaso ele é chamado de “menino” Neymar). Em plena Libertadores de 2011, contra o Colo Colo na Vila Belmiro, ao marcar o terceiro gol (o gol da vitória de virada 3x2) Neymar comemorou colocando uma das milhares de máscaras com seu rosto que foram distribuídas a torcedores na entrada do estádio. A regra é clara: não se pode comemorar tirando a camisa, lançando-se sobre o alambrado, usando máscaras etc. Ele usou a máscara e recebeu o segundo cartão amarelo, sendo expulso na sequência e desfalcando seu time no próximo jogo, decisivo.



<https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/em-partida-tumultuada-santos-reage-e-vence-colo-colo-4c46wrcag6q5qmym8r1lazo7i>

Tal como o menino que é levado para a sala da diretora (as professoras são, no estereótipo, SJ; as diretoras, “essejotonas T, ISTJ”), Neymar comenta sua expulsão, fazendo uma brilhante epítome SP, um autêntico manifesto SP; afinal inútil, pois o mundo das regras é, por definição, o reino dos SJ...:

Tem a lei e tudo mais, e sempre tem aquela coisa chata [SJ] no futebol, infelizmente. Mas querendo ou não, o gol é o que todo mundo que vai ao estádio está esperando, e você quer comemorar com os torcedores, com a família. Naquela noite eu queria retribuir o carinho da torcida usando a máscara, mas infelizmente acabei tomando o cartão e ficando fora de um jogo muito importante (<http://globoesporte.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/2011/04/neymar-lamenta-queria-retribuir-o-carinho-da-torcida-usando-mascara.html>)

Os SJ, não perdoam a irresponsabilidade SP... Naturalmente, Neymar poderia responder como o Mozart do *Amadaeus*: “Perdão, Majestade. Sou um homem vulgar. Mas lhe garanto que a minha música não é!”



Na escola da coautora deste artigo (que leciona para o Fund. I da Prefeitura de São Paulo), uma das alunas de 1o. ano está uma menina vinda de Angola (a escola recebe muitos alunos estrangeiros e refugiados etc.), extremamente ESFP, pura sensibilidade e alegria de viver, e que se chama precisamente Alegria (sua irmã se chama Benção e sua coleguinha angolana Maravilha!). Um dia, a Professora Raimunda (já conhecida dos leitores de nossas revistas, pelos seus artigos), estava no pátio com as

crianças e outras professoras mostrando o desenvolvimento das plantinhas que cultivam na escola e Alegria percebeu que havia surgido uma bela florzinha em uma delas. Não se contendo, começou a bater palmas, dançar e proclamar “Olha, que florzinha mais bonita!” Ato contínuo, uma SJ (disfuncional) de plantão atalhou: “Para com isso, menina! Aqui [escola] não é lugar de show!”

Naturalmente, depois, a professora explicou para a desconsolada Alegria que nem todos os adultos são assim...

O outro episódio deu-se por ocasião da briga entre o Real Madrid e o Barcelona para ver qual dos dois contrataria o Neymar. Em meio a todas as intrigas de bastidores, o então Presidente do Santos, Luís Álvaro Ribeiro, convenceu Neymar a ficar no Santos (até que pudesse, nos bastidores, fechar com o Barça...), usando um argumento decisivo para lúdicos SP:

Um dos argumentos que usei para convencer o Neymar a ficar foi dizer a ele que lá (em Madri) o Mourinho poderia implicar com o seu cabelo e mandá-lo cortar, e aqui ele deixa o cabelo como quiser.



(<http://www.goal.com/br/news/805/mercado-de-transfer%C3%A2ncias/2011/11/13/2755187/luis-%C3%A1lvaro-brinca-e-afirma-mourinho-ia-pedir-para-neymar-cortar->.)

É a eterna oposição entre a disciplina, a “seriedade”, o comedimento, as regras do SJ x a ludicidade, o hedonismo, a impulsividade SP. Como costumamos fazer em nosso grupo de pesquisas sobre DK, estendemos a tipologia para países e grupos sociais (atendo-nos às *vigências* de Ortega). Nesse sentido, a cidade de Nápoles é a capital mundial dos SFP, com seu sentido do lúdico, da arte, do ócio criativo, da gastronomia, da exuberante alegria de viver, do “aqui e agora” (o famoso “*carpe diem*” bem poderia ser o lema partenopeu), da “malandragem” etc.

Há um delicioso programa diário da RAI (ao vivo dos estúdios de Nápoles), *Zero e Lode*, que é um *quiz* no qual vence a equipe que der a resposta certa e menos óbvia (em relação a um prévio grupo de controle). O apresentador Alessandro Greco (informal, meio palhaço e animadíssimo, como costumam ser os programas de auditório napolitanos) diverte-se surpreendendo a plateia com perguntas que (frequentemente) manifestam o contraste com o “antagonista”: a seriedade britânica.



Assim, por exemplo, “Segundo a pesquisa da Universidade Tal – do Reino Unido – quais são as 10 gafes, que mais deixam uma pessoa embaraçada?” E, claro, nenhum napolitano, atinou com a resposta *Zero*, a resposta campeã absoluta: chegar atrasado a um encontro!! Do mesmo modo, “segundo a pesquisa da Universidade Tal – do Reino Unido – quais são as 10 coisas, que mais fazem uma pessoa feliz?” E, para assombro do público, “comer bem” não figurava na lista dos (bárbaros) britânicos.

Referências

Keirse, David; Bates, M. **Please understand me**. Del Mar: Prometheus Nemesis, 4th ed., 1984.

Brilhante, Lucyana do Amaral “Equus e Amadeus: a tradução dos personagens apolíneos e dionisíacos de Peter Shaffer para o cinema”. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, diss. Mestrado, 2007. <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/LucyanadoAmaralBrilhante.pdf>

Tipos de David Keirsey - identificando algumas características II¹³⁵

Jean Lauand
Enio Starosky¹³⁶

Resumo: O artigo – continuação de sua parte I (in International Studies on Law & Education 33, <http://www.hottopos.com/isle33/143-154JeanChie.pdf>) – apresenta exemplos concretos de alguns dos tipos psicológicos de David Keirsey a fim de ajudar na compreensão de como eles se dão na realidade.

Palavras Chave: David Keirsey. tipos psicológicos. tipos de temperamento.

Abstract: This article – its part I is in International Studies on Law & Education 33, www.hottopos.com/isle33/143-154JeanChie.pdf –intends to show concrete examples of some psychological *types of David Keirsey* in order to help understanding how they are in reality.

Keywords: David Keirsey. psychological *types*. temperament types.

1. O realismo SP x o realismo SJ

O fator S (de *sensible*) em Keirsey é um dos componentes essenciais de dois tipos de temperamento: SP e SJ (em oposição aos dois outros tipos, N: NF e NT). S é a visão da realidade atendo-se aos fatos, de pés no chão, sem apegar-se a devaneios e fantasias.

Mas os temperamentos não são formados por “átomos” e sim por “moléculas”, no caso: SJ e SP, que terão algumas características em comum; outras, em forte oposição.

Recordemos, brevemente, que J é o átomo da preferência por situações de decisões tomadas, fechadas e resolvidas; das coisas organizadas em relação a tempo e prazos, rotinas de funcionamento, a ordem material etc. P é o átomo da preferência por situações abertas, não decididas, deixando amplo espaço para a improvisação, criatividade (boa ou má...), etc.

Ao indicar as características comuns ao tipo de temperamento SP (que como todos os temperamentos admite 4 modalidades de sub-tipos), o site oficial de David Keirsey (abreviaremos por DK) indica:

Tendem a ser: brincalhões, otimistas, realistas e focados na ação.

¹³⁵. A partes I deste estudo encontra-se em www.hottopos.com/isle33/index.htm.

¹³⁶. Mestre em Educação e [hoje] Doutor em Ciências da Religião (UMESP). Diretor do Colégio Luterano São Paulo.

Prezam em si mesmos: serem não convencionais, audazes e espontâneos.

Eles “dão”: cônjuges divertidos, pais criativos, e líderes que “apagam incêndios”.

Eles são: capazes de se entusiasmar (excitable), confiam em seus impulsos, querem conquistar com impacto (*want to make a splash*), buscam estímulos, prezam a liberdade e sonham com dominar habilidades de ação.

(<https://keirse.com/temperament/artisan-overview/>)

Já os SJ:

Tendem a ser: cômicos do dever, cautelosos, humildes, e focados em credenciais e tradições.

Prezam em si mesmos: serem confiáveis, ajudar e trabalhar duro.

Eles “dão”: cônjuges leais, pais responsáveis, e líderes que dão estabilidade.

Eles são: cidadãos responsáveis que confiam nas autoridades, criam grupos e associações, buscam segurança e sonham com a implementação da justiça.

(<https://keirse.com/temperament/guardian-overview/>)

Originalmente DK afirmava que os SJ eram cerca de 40% da população geral; os SP, outros 40%. O site de DK, hoje, afirma SJ 45% e SP 30%. Em qualquer caso, a maioria absoluta das pessoas é S, realistas de pé no chão.

No artigo anterior e neste, temos visto os estilos (e as possíveis disfunções...) de cada tipo e é muito sugestivo (e intrigante...!) pensar na riqueza da distribuição dessa variedade de modos humanos de se instalar no mundo. Seja como for, quando há grandeza pessoal, abertura e bondade, cada tipo é maravilhoso e traz uma enorme e específica contribuição para aqueles com quem se relaciona. Não há tipos melhores ou piores: grandes virtudes e grandes maldades podem ocorrer em todos os SPs, SJs. NFs e NTs.

Claro que as diferenças e arestas entre SP e SJ dão-se por toda parte. Tipificando (e tipificar é, de algum modo exagerar, carregar, caricaturar), os SP tendem ao lúdico; enquanto os SJ tendem à seriedade, os SP, à ganância; os SJ, a poupar; os SP, ao hedonismo, a curtir o momento, ao *carpe diem*; os SJ ao cumprimento do dever; os SP à cigarra; os SJ, à formiga; os SP à ousadia; os SJ à cautela; os SP ao otimismo; os SJ ao “realismo pessimista” (“já vi esse filme...”) ¹³⁷; os SP à aventura; os SJ à rotina; os SP à criatividade; os SJ à tradição; os SP à liberdade; os SJ a consolidar instituições; os SP à improvisação; os SJ ao planejamento regrado; os SP são avessos a esperas; os SJ a mudanças rápidas; etc.

A oposição entre os SP e SJ (SFP x STJ) é tipificada na famosíssima cena de “Cantando na Chuva”, quando o apaixonado personagem de Gene Kelly tem sua dança intimidada (e abortada) pela simples presença da autoridade uniformizada do guarda, que não está para brincadeiras...

¹³⁷. Já um típico NF, voltado para as possibilidades (N), pode afirmar, como tipicamente o fez certa vez – a propósito da situação da Hispanoamérica – o grande pensador espanhol Julián Marías: “otimista em relação às possibilidades; pessimista, em relação à realidade” (1986, p. 62).



A caricatura extrema do SP era o Chacrinha: no palco do velho guerreiro tudo era dionisíaco e improvisação; até para o tempo – sagrado na televisão – cantava o jingle: “...um programa que acaba quando termina”; alegria desenfreada etc. Uma imagem exponenciada do Brasil SP. Mais do que ausência de regras, nosso Mega Palhaço, nosso Chaplin investia contra os formalismos, as hierarquias e as regras, escalando para sua carnavalesca bancada de jurados o contraponto de algum tipo sério, sisudo, mal humorado e rígido, como o Doooooooooooooutorr Clécio Ribeiro (mais realista para o papel do que o folclórico Pedro de Lara) ou como quando, em seu gesto mais característico, levava a mão ao nariz e dizia: rrrrrreallllmente..., esculhambação para com as afetações dos locutores de rádio da época, empenhados em pronunciar “corretamente” os R e os L...



2. ESTP (/ISTP) x ISTJ: o realismo SP x o realismo SJ

O famoso verso de Fernando Pessoa : “Navegar é preciso, viver não é preciso” (precedido de “Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:...”) tem seu mais imediato sentido no original latino “**Navigare necesse; vivere non est necesse**”, frase de Pompeu, general romano, aos marinheiros, com medo de viajar para a guerra.

Essa necessidade, esse *must*, indica bem a compulsão dos SP para a ação, no caso de Vasco da Gama, pela aventura portuguesa dos mares.

Dos ESTP (e parece estar falando do Gama, que pode ser também ISTP), diz DK:

Os ESTP sabem usar a informação adquirida, para, ostentando nervos de aço, engajar-se naquilo que os outros considerariam um esforço suicida. Para outros tipos pareceria algo esgotador, mas o ESTP se excita com trabalhar no limite do abismo. Os ESTP são implacáveis pragmáticos e frequentemente apresentam os fins como justificação para os meios, sejam quais forem, que lhes parecem necessários; lamentáveis,

talvez, mas necessários. Geralmente, porém, os ESTP nem se preocupam em justificar suas ações; preferindo lançar-se a realizar a próxima ação. (Keirse 1984, p. 196-197)

Vale rigorosamente também para o “navegar” dos STP, o que DK afirma de outro tipo SP (o artista ISFP):

A ação é quem impera no ISFP [STP] e não o contrário. Assim, devemos abandonar qualquer ideia de dedicação, cuidadoso planejamento ou responsável preparação e ensaio. Não. Eles pintam, cantam, fazem piruetas, dançam, correm, patinam ou seja lá o que for, simplesmente porque *they must*. A montanha é escalada porque ela está aí! (Keirse 1984, p. 204)

Com isto, demos com a chave da aventura marítima portuguesa e do próprio Vasco da Gama: o imperativo do impulso da ação: navegar é preciso!

Claro que para efeitos épicos, Camões começa *Os Lusíadas* falando de edificar “Novo Reino” e de dilatar a Fé e o Império etc. São os tais “fins”, as justificações de que DK falava acima, mas o que os move, em última instância é a ação. Como bom ESTP, Donald Trump expressou isto de maneira categórica: “Eu não faço negócios pelo dinheiro. Dinheiro, eu já tenho de sobra. *I do it to do it*”¹³⁸

Essa compulsão da ação é parte da suspeita com que o SJ encara o SP; a praia dos SJ é a segurança. Se procurarmos as expressões dos tipos nos provérbios, a quase totalidade deles são dos SJ e SP, os realistas. O SJ, que valoriza o passado e a experiência (e porque se apegava à experiência) pode tender a um pessimismo (macaco velho...); já o SP vê a realidade como um risco que vale a pena.

Os SJ dirão: mais vale um pássaro na mão do que dois voando. De grão em grão a galinha enche o papo. Um homem prevenido vale por dois. Devagar e sempre. Pense duas vezes antes de agir. O seguro morreu de velho. Como está o mundo, aonde vamos parar! A pressa é inimiga da perfeição. Quem espera sempre alcança. Deus ajuda quem cedo madruga.

O SP prefere outras expressões e provérbios como: Quem não arrisca, não petisca. O que não mata, engorda. *Carpe diem* (curta o momento). Mais vale um gosto do que seis vinténs. Quem não tem cão caça com gato. O amor é eterno, enquanto dura... Águas passadas não movem moinhos. *Bis dat qui cito dat* (só dá de verdade quem dá rapidamente). É agora ou nunca. Demorou! E, é claro: “Navegar é preciso, viver não é preciso”.

Em meio à toda a celebração épica do heróico Vasco, a genialidade de Camões introduz nos *Lusíadas* um personagem de contraponto, o Velho do Restelo, que pretende desmascarar toda aquela “glória”, a (pseudo) motivação de dilatar a Fé e o Império e mostrar a **realidade** da aventura. Atrevemo-nos a qualificar o Velho do Restelo como ISTJ, porque esse é o tipo mais refratário à mudança e à aventura e o mais preocupado com os perigos que ameaçam desestruturar a nação, a família, a religião, a sociedade, as instituições, a civilização etc. (Keirse 1984, p. 189) São aqueles tios conservadores, super formais, sempre de terno (cinza) e que vêem na gíria

¹³⁸. Cit. in Trump - <https://www.idrlabs.com/estp.php>

ou na música apreciada pelos jovens, ou numa saia mais curta, praticamente sinais apocalípticos: “É o fim do mundo!”. “No meu tempo, sim, havia respeito...”

Cabe aqui o relato de um caso com um ISTJ (desses de alma grandiosa), Fernão (chamemo-lo assim...), muito amigo nosso, *maitre* de um grande restaurante em São Paulo. Para se ter ideia da ISTJice dele, uma vez confidenciou-nos da saudade viva, mesmo décadas depois, que sentia do seu tempo de exército: “Aquilo era uma maravilha, tínhamos o RDE (Regulamento Disciplinar do Exército), contendo regras para tudo, regras e mais regras...”. E em seu restaurante ele tinha que pacientemente ensinar às suas dezenas de subordinados até as normas mais elementares. Ele que é um profissional insuperável, capaz de perceber a menor falha no bom atendimento das centenas de clientes que lotam a casa. Enfim, o Fernão não fica nada a dever ao *maitre* do palácio de Buckingam. Mas, claro, esse seu trabalho importantíssimo permanece invisível.

Dezembro de 2011, meu irmão [de JL], João Sérgio, tinha acabado de defender seu doutorado sobre DK na Feusp e calhou de, na véspera de Natal, estarmos ambos sós em São Paulo e resolvemos passar a Ceia do dia 24 no restaurante do Fernão. Naturalmente, falamos de seu doutorado, ainda fresco, e de como o Fernão era um ISTJ chapado. Conversa vai, conversa vem, propus ao João uma aposta: se eu conseguisse fazer o Fernão chorar, ele pagaria a conta. Claro que nunca usei meus (parcos) conhecimentos de DK para manipular ninguém: tratava-se de comover às lágrimas o Fernão, por gratidão sinceríssima e verdadeira.

Como abalar o todo certinho e (aparentemente) blindado a sentimentos ISTJ? Lembrei dos ensinamentos de DK: que os SJ, e mais ainda os ISTJ, se ressentem de que seu trabalho, importantíssimo, raramente é reconhecido, dá-se por assente que o SJ, com sua vocação de cuidar, tem mais é que prestar seus serviços mesmo. E que o ISTJ, como todos os SJ, preza datas, comemorações, tradições, reuniões de família (especialmente o Natal!) etc.

Lá pelas tantas chamei o Fernão e disse: “Não, não está faltando nada, está tudo ótimo. Eu só queria dizer que estamos todos nós aqui, famílias inteiras, passando um Natal maravilhoso e ninguém repara que isto só é possível porque, você, Fernão, para prestar-nos esse precioso serviço, renunciou ao seu próprio Natal, ao convívio com a família da qual você é o patriarca, à companhia de filhos e netos, numa data como a de hoje e eu não queria que esta noite acabasse sem que você ouvisse o nosso: muito, muito obrigado, Fernão!”.

O Fernão ouviu, não respondeu nada e retirou-se. O João já estava comemorando e ia pedir champanhe por minha conta (já que ele achava que tinha ganhado a aposta), quando volta o Fernão, acompanhado do dono do restaurante e de 3 ou 4 colegas gerentes, choroso de emoção e dizendo-me: “Por favor, repita... repita para eles o que o senhor me disse agora há pouco”. Eu, claro, repeti, também muito emocionado pelo bem que tinha feito ao amigo, e ao final, recompus-me e disse: “Ah, sim, Fernão, por favor, vê uma garrafa de champanhe para nós!”

Se os ISTJ tendem a nunca aparecer (por mais que seu trabalho seja importante), os ESTP agitam e brilham (em alguns casos até com o esforço de outros...). DK reiteradamente fala do pouco reconhecimento que se presta aos SJ (seu serviço é *taken for granted*) e da mágoa que isso pode lhes causar. Isso é reproduzido em uma postagem do Facebook do ISTJ Geraldo Alckmin:



Escrevemos este artigo em pleno processo eleitoral. O jornalista Otávio Guedes, no programa “Globo News em Ponto” de 30-08-18, logo após as entrevistas dos candidatos à presidência da República ESTP, *Ciro Gomes* (27-08) e *Bolsonaro* (28-08), e do *ISTJ Alckmin* (29-08); a propósito do estilo inosso deste, o famoso “picolé de chuchu” (*José Simão*), em comparação com o dos citados ESTP, ponderou:

Não basta você ter uma boa proposta; é preciso que o eleitor entenda a boa proposta (...). Por exemplo você pode dizer: “Eu vou aquecer a economia, atacando o problema da inadimplência das famílias”; outra coisa é dizer: “Vou tirar seu nome do SPC” – mensagem clara, curta, objetiva, que está falando a mesma coisa. Você pode dizer o seguinte: “Vou dar garantias jurídicas aos agentes em caso de ações que resultem em letalidade por parte do policial”. Ou você pode dizer: “Eu vou prestigiar o policial que der trinta tiros no bandido.” [...] (<https://globosatplay.globo.com/globonews/v/6983962/>)

3. Ainda Vasco da Gama e o Velho do Restelo

Voltemos ao Velho de Camões. No Restelo, em Lisboa, está a região do embarque dos navegadores (ainda hoje margeada pela Avenida das Descobertas e pela Avenida Dom Vasco da Gama). No canto IV, o Gama em primeira pessoa, narra o embarque. É um momento dramático, toda a cidade concorre para o evento, os marinheiros (acompanhados de multidão de religiosos) vão em procissão para os batéis (IV, 88). Mães, esposas e irmãs na extrema aflição da possível (ou até provável) morte dos seus amados (IV, 89 e ss.). Como por exemplo, a queixa da mãe:

Por que me deixas, mísera e mesquinha?
Por que de mim te vás, ó filho caro,
A fazer o funéreo enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento! (IV, 90)

Mas como navegar é preciso, “o forte Capitão” dá ordem de que ninguém se despeça, nem olhe para trás:

Nós outros sem a vista alevantarmos

Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do propósito firme começado,
Determinei de assim nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,
Que, posto que é de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa. (IV, 93)

Neste momento, surge o Velho do Restelo, um ISTJ, de quem o gênio de Camões diz que seu “saber (é) só de experiências feito”, tirado do “experto (experiente) peito” e vai atinar com as verdadeiras motivações de nosso STP, a compulsão da ação – “dura inquietação d’alma e da vida (IV, 96) – para a glória das batalhas, em sentido próprio e também a batalha que era a navegação naquele tempo:

Glória é um conceito que os ISTP entendem melhor do que os outros tipos. Ou, pelo menos, o ISTP está mais interessado nela do que a maioria. Na batalha há glória porque na batalha podem exercitar, com aprovação, sua habilidade mortífera.

Enquanto embarcam, surge o Velho:

Mas um velho d'aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito: (IV, 94)

Nas estrofes seguintes (94 a 104), o Velho despeja longamente suas críticas e maldições aos aventureiros do mar:

Ó glória de mandar! Ó vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atija
C'uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas! (IV, 94)

Dura inquietação d'alma e da vida,
Fonte de desamparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios:
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo di[g]na de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,

Nomes com quem se o povo néscio engana! (IV, 95)

Etc. Etc.

Nem o Gama nem Camões contestam o “velho honrado” em suas críticas e o canto seguinte começa com a conclusão do episódio: simplesmente deixando-o para trás:

Estas sentenças tais o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As asas ao sereno e sossegado
Vento, e do porto amado nos partimos.
E, como é já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o céu ferimos,
Dizendo: "Boa viagem", logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento. (V, 1)

4. SJ e SP na religião

Como sabemos, a teoria keirseyaniana dos temperamentos também tem extraordinária e surpreendente aplicação no campo religioso. Textos religiosos em geral, particularmente os que se referem à liderança religiosa, podem ser analisados com maior profundidade quando lidos à luz dessa teoria tipológica. Um dos mais impressionantes nos vem do antigo Decálogo (Dt 6.5)¹³⁹, que é registrado pelo médico Lucas, autor de um dos evangelhos da Bíblia: “*Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com toda a tua mente*” (Lucas 10.27).

Podemos muito bem estabelecer um paralelo com os quatro temperamentos da teoria keirseyaniana: “*Com todo o teu coração*” – remete ao tipo SP; “*com toda a tua alma*”, ao NF; “*com todas as tuas forças*”, ao SJ; e “*com toda a tua mente*”, ao NT.

Neste tópico exploraremos apenas os tipos SP e SJ, apontando as correlações desses temperamentos keirseyanos com a liderança religiosa. Os principais dados reunidos neste estudo estão fundamentados no livro “*Personality Type and Religious Leader*”, de Roy Oswald e Otto Kroeger.

O líder religioso SP é orientado para a ação. Sua atividade é realizada de maneira intensa, “*com todo o coração*”. Tem necessidade compulsiva de agir e fazer coisas e é naturalmente atraído a se engajar em alguma atividade. Assim como o líder SJ, está enraizado nos sentidos e deseja estar com contato direto com a realidade exatamente como experimentada pelos sentidos; é pé no chão e prático e tem pouca tolerância para a abstração. O fator P leva a procurar novas possibilidades e, no caso do SP, permanente ação. Por isso mesmo o líder SP é impaciente com discussões estáticas, longas teorias ou encontros que não “levam a lugar algum”. O SP é um dos temperamentos mais extraordinários (lembramos especialmente S. Francisco de Assis, entre outros). Os SPs sempre buscam inserir bom humor e algo prático nas situações estáticas. Porém, quando falham nisso, perdem rapidamente o interesse e passam a outro projeto.

¹³⁹ O texto veterotestamentário não inclui “*com toda mente*” (o tipo NT). Parece ter sido um acréscimo de Jesus (que – para os cristãos – reunia perfeitamente o equilíbrio dos quatro temperamentos). E, Lucas, que provavelmente conhecia a mais antiga teoria tipológica que se tem conhecimento, Hipócrates – seu colega de profissão –, fez o registro sem hesitar.

De acordo com os estudos de Roy e Otto, menos de 8% dos líderes religiosos são SP, enquanto na população em geral são 38%. Isso mostra que as atividades religiosas, de modo geral, atraem poucos SPs. De fato, se compararmos o número expressivo de outros profissionais de temperamento SP – atletas, artistas, comediantes, mecânicos, vendedores, soldados ou médicos – constatamos que esse tipo seja pouco atraído para atividades religiosas por achá-lo muito estático e teórico (dependendo, é claro, do grupo religioso ser mais “animado” ou não...). É importante considerar esse aspecto, sobretudo porque, enquanto os SJs querem organizá-las, os NFs tentam amá-las e os NTs teorizam sobre elas, os SPs querem se engajar nelas – de todas as formas sempre em atividades e assuntos práticos. Mas, é muito provável que este também seja o motivo porque tão poucos SPs estão presentes nas lideranças religiosas. SPs são encarados como hedonistas e hedonistas têm pouco espaço nas religiões de modo geral – especialmente nas mais tradicionais que prezam a ordem e a organização.

O aspecto paradoxal é que a enorme variedade das atividades práticas nas religiões estariam melhor supridas e mais bem executadas se tivesse um SP em postos de liderança. Isso é ainda mais significativo quando consideramos que particularmente o atendimento das necessidades práticas é muito valorizado nos grupos religiosos. Portanto, mais SPs na liderança poderia suprir uma importante lacuna nas atividades religiosas que deveriam estar mais disponíveis para o expressivo número de SPs na população em geral (38%).

Ainda que sejam em número muito reduzido, os SPs se destacam onde estiverem. Seu jeito espontâneo, atrevido e impulsivo se aplica também ao seu estilo de pregar. Os pregadores SP, especialmente os extrovertidos, levam as pessoas às lágrimas com suas palavras comoventes e bem-humoradas. Muitas situações na vida do grupo religioso exigiriam a presença de um líder SP, pois muitas ocasiões estão voltadas mais para a ação e menos para a organização.

Outra característica cativante e deliciosa de alguns SPs é que eles são perpetuamente jovens – nunca crescem. Como seu foco é liberdade e espontaneidade, esperar (*wait*) por qualquer coisa é sua morte psicológica. O Evangelho SP é o de São Marcos.¹⁴⁰ Jesus é retratado como um homem (Leão de Judá) de ação, sempre em movimento; ele é visto como aquele que tem uma missão urgente. No primeiro capítulo do Evangelho, Jesus já reuniu alguns discípulos em volta dele; fez milagres na Galileia e se envolveu em um problema político. No evangelho todo, Jesus trata uma crise depois da outra até ser crucificado.

Talvez as religiões seriam muito mais interessantes sem a grande escassez de líderes SPs e, a vida religiosa, mais interessante e animada. Especialmente porque SPs preservam fortemente a sua maior grandeza: um coração inteligente e uma inteligência cordial (no caso F)!

Disfunções:

Os outros três temperamentos (SJ, NF e NT), mas especialmente os SJs – que são a grande maioria nas comunidades religiosas em geral – tendem a ver os SPs como vagabundos. (O exemplo clássico é São Francisco, cuja história e tipo já foram analisados em outro artigo de nosso Grupo de Pesquisas). E os próprios SPs frequentemente se consideram loucos de alguma forma. A habilidade SP para

¹⁴⁰ Não por acaso São Jerônimo ligou o Evangelho de Marcos à figura de um leão, representando a ação e a força.

permanecer aberto, flexível e espontâneo também pode deixá-lo com problemas quando sua comunidade religiosa clamar por maior conformidade com as regras e princípios regimentais. Por um lado os liderados querem exatamente um SP autêntico; querem familiaridade, boas e empolgantes pregações, mas, por outro, também querem estabilidade, organização e seriedade. Aí o líder SP pode ter dificuldade. E, por não gostar de rotina, pode se entediar e negligenciar os aspectos mais rotineiros do trabalho de administração. Como a maioria dos SPs não gosta de planejamentos, tendem a enfrentar tensão com a comunidade religiosa que gosta de viver na ordem e na estrutura bem ordenada.

O líder religioso SJ

Sua atividade é conservadora e é realizada *“com todas as forças”*. É um servo, procura pertencer ao grupo e servir aos outros. É um tipo que sabe se instalar perfeitamente nas comunidades religiosas. É um líder que já vem “pronto”. Oferece naturalmente maneiras concretas, práticas de assistir aqueles que estão em dor, necessidade ou angústia. Já na sua formação os SJs se preparam docilmente e suas perspectivas são ampliadas e aprofundadas e com natural facilidade também se tornam a norma pela qual seu trabalho será julgado. SJs são os mais dependentes de autoridade de todos os tipos. Eles podem ser criticados, já que possuem grande força resiliente, e seguem em frente porque entendem que é isso mesmo que a instituição requer deles. Submetem-se às regras e aprendem com elas e as repetem com maestria. Seu estilo de liderança está focado na denominação e a ela mantém fidelidade e nela constroi o melhor que vem do passado. Enfatizará os fundamentos da religião, , procurará transmitir a tradição às pessoas, a fé simples e as regras práticas, pé-no-chão, apontando para o modo de viver a vida religiosa.

O líder SJ tende a ser o mais tradicional de todos os temperamentos religiosos, trazendo estabilidade e continuidade em qualquer situação. Tenderá a ser leal aos ritos denominacionais e às doutrinas. Preocupar-se-á com uma rigorosa instrução dos fiéis. O líder SJ deseja ser um servo da sua religião e leal às autoridades. Só deixa de lado sua rígida fidelidade quando acredita que aqueles que têm autoridade “abandonaram a fé”. O líder SJ pode fazer mudanças, mas, de preferência, paulatinamente e só se reconhecer a mudança como necessária. O líder NT pode enxergar as mudanças necessárias, mas o líder SJ é o mais apto para implementá-las. É politicamente sagaz e enraizado na realidade; sempre está ciente dos passos necessários para a mudança e jamais permitirá uma mudança se a achar desnecessária. Para ele, o que é testado e validado pelo passado deve ser preservado. Adora a continuidade do passado e se vê como protetor e conservador da riqueza do passado. Se a mudança for necessária, ela é entendida como uma evolução, nunca como uma revolução. Como seu espírito é conservador e naturalmente servidor, anseia por associação e pertencimento; ele se destaca na construção e preservação de uma comunidade religiosa. Deseja que o grupo ao qual pertence e lidera seja saudável e útil. E que aqueles que pertencem à sua comunidade religiosa sejam tão leais quanto ele e trabalhará para que todos adotem esse mesmo senso de lealdade e pertencimento.

Uma das frases preferidas do líder SJ é *“vocês devem e vocês não devem”*, procurando implantar o senso de obrigação social, moral e espiritual. Gosta de se sentir necessitado e trabalha melhor com pessoas que têm motivação similar. Procura maneiras tangíveis, concretas para se doar aos outros. Ser “salvo pela graça” é quase negar ao SJ seu temperamento, pois dever e obrigação são parte de sua personalidade. A admoestação de Jesus ao jovem rico: “faça isso e você terá vida eterna” é o caminho espiritual natural do líder SJ. Como líder, o SJ traz ordem e estabilidade às suas

comunidades. Raramente comete erros e tende a ser excepcional no trabalho. Não descansa até que as coisas sejam estabelecidas e decididas. É superconfiável e geralmente trabalhará com uma agenda planejada, ordenada.

Como bem sabemos, o temperamento SJ é a coluna vertebral que sustenta a maioria das instituições da sociedade – a família, a comunidade religiosa, os clubes sociais, as escolas, governos, indústria. O líder religioso SJ verá a família nuclear como a unidade familiar mais básica da sociedade que precisa ser preservada. Para ele, uma sólida família é a melhor maneira de cuidar das crianças e pessoas mais velhas.

As pregações do líder SJ são discursos bem organizados e centrados nos textos da tradição religiosa. Sempre será pé-no-chão, realista e direto, refletindo as lições apontadas para o dia. E o fará que tal modo que os que estão nos bancos facilmente se lembrarão do seu trabalho e obrigação.

O Evangelho do líder SJ é São Mateus, o mais organizado dos quatro Evangelhos. O Sermão da Montanha contém vários “deves” do tipo SJ. Jesus é apresentado como o cumprimento das profecias do Antigo Testamento e não como alguém que apresenta uma nova religião. Mateus se refere a Jesus como “Mestre” doze vezes e registra cinco longos sermões. O Antigo Testamento é citado mais do que nos outros três Evangelhos. Mateus se deleita em mostrar como Jesus recapitula a experiência de Israel em sua própria vida. É apresentado como o novo Moisés, o novo Davi, o novo Salomão, o profeta por Excelência, o novo Israel. Curiosamente também somente o Jesus de Mateus fala de *ekklesia*. E é o único Evangelista interessado na fundação da Igreja de Cristo. Os doze apóstolos são reverenciados como líderes hierárquicos da igreja, sendo Pedro o principal líder. São aspectos que refletem o estilo da liderança SJ: ser o guardião da genialidade criativa do passado. Os outros temperamentos podem censurar os SJs pelo seu tradicionalismo e sua inflexibilidade. Porém, sem os seus esforços, sem o seu amor “*com todas as suas forças*” qualquer instituição religiosa dificilmente sobreviveria.

Disfunções:

As potenciais dificuldades do temperamento SJ não são poucas. E, a bem da verdade, o líder religioso SJ não se desenvolve sem ao menos um pequeno desenvolvimento do fator N. A preferência para o tipo J implica menos tolerância para a natureza aberta e não-estruturada do tipo P.

Áreas em que pode necessitar atenção:

Literalismo: o líder SJ tende a ler literalmente tudo o que está escrito. Isso em geral resulta em uma abordagem mais conservadora da Escritura e da Doutrina. Torna-se nervoso quando as mensagens são interpretadas figurativa ou simbolicamente – acha que as fronteiras desaparecem e ninguém mais sabe esboçar novas diretrizes e em que base. Por isso mesmo acha que deve tomar as coisas escritas simplesmente como estão escritas.

Pessimismo: Um tipo de cinismo/pessimismo pode acompanhar o temperamento do SJ. Como David Keirse pontua no seu livro, os realistas SJ em geral tendem a antecipar reveses e eventos desfavoráveis. Eles são simplesmente realistas sobre erros e faltas. A lei de Murphy também é completamente SJ: “Se algo pode dar errado, dará”.

Esgotamento: O fenômeno do esgotamento se aplica a todos os tipos; cada tipo se torna esgotado a sua maneira. Porém, o líder SJ parece ser particularmente vulnerável, pois adiciona mais e mais fardos para a sua já longa lista de “tu debes”. E este mesmo senso de dever pode ser constantemente martelado com suas regras, políticas e moralismos aos seus liderados. A habilidade do SJ em organizar e ordenar a vida paroquial é uma força que, quando usada desmedidamente, pode direcionar muitos

ao completo aborrecimento da vida religiosa. O líder SJ precisa observar essa tendência. Se não a corrigir, pode tornar-se mesquinho e levar as pessoas a fazer o que supostamente devem fazer de maneira artificial. O líder SJ poderá se irritar quando seus liderados não seguirem os seus procedimentos padrão, por violarem os prazos ou por não cumprirem o que foi estabelecido. Como tende ao pessimismo, o líder SJ pode arrastar seus liderados para o mesmo caminho.

5. Anexo metodológico: tipos não são conceitos

Para esta série de artigos que nosso Grupo de Pesquisas está publicando, uma distinção importante a se ter sempre em conta quando aplicamos a metodologia dos tipos é que os tipos não são conceitos.

O tipo é, assumidamente, aproximativo, incerto e não pretende ser a realidade. Para utilizá-lo, sempre devem ser reiteradas as devidas ressalvas metodológicas, que afirmam:

- seu caráter caricato (no sentido de “carregado”);
- a possibilidade de mistura de fatores opostos dentro de um mesmo sujeito (que pode ser, por exemplo, em alguma medida *S* e *N* ao mesmo tempo e não necessariamente um tipo puro *S* ou *N*);
- a neutralidade ética e valorativa dos diversos tipos (um tipo não é “melhor” do que o outro).

E sobretudo não confundir **tipos** e **conceitos**. E ter em conta que o tipo psicológico é só **um** fator para a compreensão do indivíduo; ao lado de tantos outros fatores: gênero, classe social, família (p. ex. pai tirano ou ausente), geração, classe social, substrato cultural etc. etc. etc.

A própria linguagem comum já nos ensina algo sobre os tipos e previne contra sua absolutização: em espanhol, “*tipo* (ou *tío*)” é qualquer pessoa, equivalente ao nosso “cara”; afinal, ninguém é tão original que não se encaixe em algum tipo... Já a relativamente recente gíria “tipo” (ou “tipo assim”) indica imprecisão, inexatidão: “500 francos suíços, sei lá, acho que é tipo 300 ou 400 dólares”. “Tipo” serve também como eufemismo para o inautêntico ou *Ersatz*: um salame “tipo” italiano é **não** italiano, mas de Pirituba mesmo. E a “baiana típica” não existe senão para marcar presença em banca de acarajé ou para figurar em selfies de turistas...

O próprio Max Weber adverte:

Um tipo ideal é normalmente uma simplificação e generalização da realidade. Partindo desse modelo, é possível analisar diversos fatos reais como desvios do ideal: Tais construções (...) permitem-nos ver se, em traços particulares ou em seu caráter total, os fenômenos se aproximam de uma de nossas construções, determinar o grau de aproximação do fenômeno histórico e o tipo

construído teoricamente. Sob esse aspecto, a construção é simplesmente um recurso técnico que facilita uma disposição e terminologia mais lúcidas” (WEBER, Max. “As rejeições religiosas do mundo e suas direções” cit. in Quintaneiro 2003, p. 103):

E um parágrafo weberiano clássico na caracterização do Tipo Ideal:

acentuação unilateral de um ou mais pontos de vista e como uma síntese de um grande número de fenômenos concretos individuais, que são difusos, descontínuos, mais ou menos presentes ou então ocasionalmente ausentes, que são ordenados de acordo com esses pontos de vista acentuados unilateralmente, de modo a formar-se uma construção analítica unificada” (cit. por Barreto 1999)

Essas afirmações são importantes e têm consequências: há situações que requerem a condição aberta dos tipos; em outras pode-se fechar com conceitos bem estabelecidos. Claramente, em Matemática, há, digamos, o conceito de triângulo retângulo e é rígido e imutável; em outras ciências, podemos também falar do conceito de mamífero, ou de isótopo etc. O problema surge em situações (como é o caso tantas vezes em Ciências Humanas) nas quais não fica claro se se trata de um conceito ou de um tipo, o que é frequentemente discutido em Direito e deve sê-lo também em Religião.

No Direito, discute-se a aplicabilidade de tipos (x conceitos). Derzi assim considera as diferenças entre tipo e conceito:

Opondo-se ao nominalismo, que vê na desigualdade a característica básica do mundo real, o conceito, no sentido aristotélico de “essência” da coisa, une os objetos em classe pela identidade e distingue-os segundo a diferença de espécie, mas sempre tem como pressuposto a idéia de que o conceito mais específico e menos geral estará contido naquele superior e mais amplo da mesma classe.

Igualmente, o tipo ordena o conhecimento segundo as semelhanças e dissemelhanças encontráveis nos indivíduos, mas abole o rigor da identidade e admite as transições fluidas, a comparação e a gradação entre as diferentes ordens. (Derzi, pp. 214-215)

E também:

O tipo, como uma nova metodologia para o Direito, vem a ser uma ordem que se opõe ao conceito classificatório rígido e exato. Consiste em uma nova metodologia que vem proposta tanto para ordenar o conhecimento jurídico científico, como para aplicar o Direito em cada caso concreto. Em face dessa concepção, o pensamento conceitual abstrato e fechado, como observa Leenen, é considerado arcaico, vale dizer, tanto antiquado, a merecer uma superação, como originário. (Derzi, pp. 221-222)

Mesmo para o Direito Tributário, Castro alerta para casos nos quais há a necessidade do emprego de tipos e em que os conceitos não são apropriados:

Limitar o fenômeno tributário aos conceitos significa condenar a atividade tributária a uma miopia inaceitável, considerando a necessidade de financiamento das despesas públicas por intermédio de novas manifestações econômicas que demonstram, de forma inequívoca, capacidade contributiva. Por outro lado, o tipo mostra-se como “um sistema elástico de características”,

marcado pela abertura, pela gradação, pela flexibilidade e facilitador ou viabilizador da apreensão dos fenômenos econômicos mais importantes para a tributação, justamente aqueles descritos pelo constituinte. Nesse rumo, o tipo funciona como uma **categoria** alternativa ao conceito e visceralmente mais adequada para lidar com as flutuações intensas da realidade econômica. Portanto, os vocábulos constitucionais delimitadores da realidade econômica tributável são, em verdade, tipos.

Erroneamente, o tipo foi introduzido no direito tributário brasileiro com o sentido de algo “fechado” ou “hermético”. Daí surgiram as expressões “tipo tributário” e “princípio da tipicidade fechada ou cerrada”. Em verdade, o “tipo fechado” mostra-se como uma contradição em termos. Se é tipo é aberto. Se é fechado é conceito. Não existe o “tipo fechado”, assim como não existem o “frio quente” ou o “branco preto”. (Castro 2011)

E foca no caso de “serviços” (e as correspondentes consequências tributárias...):

Entre os vários tipos constitucionais-tributários, o **serviço** aparece como um dos mais ricos e complexos. Justamente porque as mudanças no campo econômico produziram um considerável alargamento do que se entende por **serviço**, adotada como ponto de partida a idéia de **serviço** como “obrigação de fazer” ou “atividade humana em benefício alheio”.

O sentido do vocábulo absorveu de tal forma a complexidade da realidade econômica e a representação de uma gama tão ampla de atividades que a famosa revista *The Economist* chegou a consignar serviço como **“qualquer coisa vendida que não cai em seus pés”**. [...] A noção em questão, vista como tipo, pode ser atualmente enunciada, somente para efeitos práticos, como “a realização de atividade econômica voltada para produzir alguma utilidade para terceiro”. Assim, não escapa da caracterização como **serviço** a locação de bens móveis.

Evidentemente no campo das interpretações religiosas e da moral cristã, também se dá o embate entre a “clareza” dos conceitos e a adaptabilidade dos tipos. Quando o pastor Silas Malafaia esbraveja suas certezas, defende-se das acusações de homofobia e *preconceito* contra gays: “eu não acho, eu tenho **conceitos** bíblicos (...) eu não tenho preconceitos; eu tenho conceitos firmados” e “Deixa eu te falar uma coisa que você não sabe (...) O mesmo Deus que fala sobre amor lança o homem no inferno [etc.]” (<https://www.youtube.com/watch?v=-pwXJCotDCU> – 2 min e ss.)

Do mesmo modo, o então candidato a assumir o lugar do falecido Teori Zavascki no STF, o ministro do TST Ives Gandra Filho, provocou polêmica ao evocar o conceito de família e afirmar: “casais homoafetivos não devem ter os mesmos direitos dos heterossexuais; isso deturpa o conceito de família”. (<https://www.revistaforum.com.br/cotado-para-stf-ives-gandra-filho-defende-submissao-da-mulher-ao-marido/>)

Sem pretender relativizar a doutrina e a moral cristãs, lembramos o fato de que Cristo não elaborou conceitos. Se o pensamento grego tem seu lugar no *logos*, nos conceitos e na argumentação lógica; o *mashal*, a parábola é “a cara” do Oriente. Cristo não está preocupado em elaborações conceituais nem empreende requintados debates lógicos: dEle, o evangelho diz - Mt 13, 34-35 – que só falava em *mashalim*, parábolas: “E sem parábolas nada lhes falava, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: ‘Abrirei a boca em parábolas; proclamarei coisas ocultas desde a fundação do mundo’”. E quando é perguntado pelo “próximo”, Cristo não procura estabelecer aristotelicamente uma conceituação teórica (“A diz-se próximo de B se, e somente se, tal e tal ...), mas simplesmente conta a parábola do bom samaritano...

Referências

- Barreto, Maria Cristina Rocha **A Sociologia em Max Weber** Mossoró: DCS/URRN, 1999. <https://dokumen.tips/documents/leituras-de-sociologia-3-weber.html>
- Castro, Aldemario Araujo “Uma análise crítica acerca da idéia de serviço consagrada na súmula vinculante 21 do STF” **Revista da PGFN**, ano 1 número 1, jan/jun. 2011. <http://www.sinprofaz.org.br/2014/artigos/uma-analise-critica-acerca-da-ideia-de-servico-consagrada-na-sumula-vinculante-21-do-stf>
- Derzi, Misabel de Abreu Machado “Tipo ou conceito no Direito Tributário?” Revista da Faculdade de Direito da UFMG, Belo Horizonte: UFMG, No. 30-31, 1988. <https://www.direito.ufmg.br/revista/index.php/revista/article/view/1046/979>
- Keirse, David; Bates, M. **Please understand me**. Del Mar: Prometheus Nemesis, 4th ed., 1984.
- Mariás, Julián Hispanoamérica, Madrid: Alianza, 1986.
- Quintaneiro, Tania; et al. **Um toque de clássicos : Marx, Durkheim, Weber**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- Roy M. Oswald & Otto Kroeger. **Personality Type and Religious Leadership**. An Alban Institute Publication, 1988.

Revista Internacional d'Humanitats 46/47 mai-dez 2019
CEMOrc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona

Tipos de David Keirse - identificando algumas características III

Jean Lauand
Enio Starosky¹⁴¹
João Sérgio Lauand¹⁴²

Resumo: O artigo apresenta exemplos concretos de alguns dos tipos psicológicos de David Keirse a fim de ajudar na compreensão de como eles se dão na realidade.

Palavras Chave: David Keirse. tipos psicológicos. Tipos de temperamento.

Abstract: This article intends to show concrete examples of some psychological *types of David Keirse* in order to help understanding how they are in reality.

Keywords: David Keirse. psychological *types*. temperament types.

1. Algumas características dos NF: a busca do próprio *self*

Nos dois artigos anteriores desta série (www.hottopos.com/isle33/index.htm & www.hottopos.com/rih45/), discutimos algumas características dos tipos SP e SJ. Por mais que possam ser opostos, os dois tipos S não têm maiores dificuldades na captação

¹⁴¹. Mestre em Educação e [hoje] Doutor em Ciências da Religião (UMESP). Diretor do Colégio Luterano São Paulo.

¹⁴². Doutor em Educação Feusp.

das motivações e do modo de ser um do outro. Já o tipo NF, apresenta dificuldades quase intransponíveis de compreensão para os demais tipos. Originalmente DK afirmava que os NF eram cerca de 10% da população geral; seu site hoje, afirma que são cerca de 15%. Em qualquer caso, clara minoria em relação aos 75% ou 80% de pessoas do tipo S.

Ao indicar as características comuns ao tipo de temperamento NF (que como todos os temperamentos admite 4 modalidades de sub-tipos), o site oficial de David Keirse (abreviaremos por DK) indica:

Tend to be: giving, trusting, spiritual, and they are focused on personal journeys and human potentials.

Pride themselves: on being loving, kindhearted, and authentic.

They make: intense mates, nurturing parents, and inspirational leaders.

They are: enthusiastic, they trust their intuition, yearn for romance, seek their true self, prize meaningful relationships, and dream of attaining wisdom.

(<https://keirse.com/temperament/idealist-overview/>)

Para introduzir o desafio de caracterizar o NF e seus objetivos na vida, algo extremamente problemático para os outros tipos (e até para os próprios NF), recorro ao texto de que DK se vale “que requer uma retórica tortuosa e enrolada” (Keirse 1984, p. 58), de um dos mais notáveis NF, Carl Rogers:

Tornar-se pessoa significa que o indivíduo se move em direção a *ser*, com conhecimento de causa e numa atitude de aceitação, o processo que ele é de fato em profundidade. Afasta-se do que não é, de ser uma fachada. Não procura ser mais do que é, com todos os sentimentos de insegurança e os mecanismos de defesa que isso implica. Não tenta ser menos do que é, com os sentimentos implícitos de culpabilidade ou depreciação de si. Está cada vez mais atento ao que se passa nas profundezas do seu ser fisiológico e emocional e descobre-se cada vez mais inclinado a ser, com uma precisão e uma profundidade maiores, aquilo que é da maneira mais verdadeira.

(Rogers 1997, pp. 200-201)

Após apresentar esse texto, DK comenta que para os demais tipos (SP, SJ e NT) trata-se de, na interpretação benévola, de um falar totalmente em enigmas; na interpretação crua, puro disparate (*sheer nonsense*). Já para o NF é a forma mais elegante de expressar seu modo de ser: a busca do eu (não no sentido narcisista nem, obviamente, com conotação egoísta). Enquanto a busca dos SP, SJ e NT pode ser feita direta e rapidamente, a do NF é circular e, portanto, permanente: como se pode atingir uma meta, quando a meta é ter uma meta? Seu fim é tornar-se (*becoming*).

O Eu mais verdadeiro do NF é o Eu em busca de si mesmo; seu propósito na vida é ter um propósito na vida. Constantemente fazendo-se a si mesmo, o NF nunca pode ser ele mesmo, já que o próprio ato de alcançar o Eu o poria imediatamente fora de seu alcance e é nesse sentido que DK interpreta a sentença final do famoso monólogo de Hamlet: “E desde que nos prendam tais cogitações, empresas de alto escopo e que bem alto planam, desviam-se de rumo e cessam até mesmo de se chamar ação”. Agir (*to become*) é destruir o seu ser; enquanto “*to be*” sem agir é uma impostura e, portanto *nonbeing*. O paradoxo do NF é que “*One becomes oneself if and only if one does not*”.

É o eco do “Torna-te o que és” de Píndaro, o da identidade (a sua, autêntica e *única*): Como posso tornar-me a pessoa que eu *realmente* sou? (Keirsey 1984, pp. 57-58).

O NF vai deambulando, às vezes espiritualmente, às vezes psicologicamente, ou até fisicamente, em busca de saciar essa sede de unidade e de individualidade para auto-realizar-se em um todo perfeito e uma identidade única, embora os caminhos nunca sejam claros. E Keirsey junta a citação do Siddartha de Herman Hesse:

Mas onde, onde se encontra este Eu, esta mais profunda interioridade? Não é carne e osso, não é pensamento ou consciência. É o que ensinavam os sábios. Onde, onde está então? Penetrar no Eu - existiria outro caminho digno do procurar? Mas, ai, ninguém lhe mostrava esse caminho, ninguém o conhecia, nem o pai nem os professores e sábios, nem os cânticos sagrados... ! Eles conheciam um enorme número de coisas – mas valeria a pena saber tudo isso, se não conheciam a coisa importante, a única coisa importante? (Hesse, cit. por Keirsey 1984, p. 59)

Se para os SP e SJ os fatos são fatos e ponto; para os NF, eles são pistas para essa busca do self, do sentido humano (e, para alguns NF, também do divino...). O maravilhoso verso de Adelia Prado manifesta o NF ao extremo:

De vez em quando Deus me tira a poesia.
Olho pedra e vejo pedra mesmo (Prado 1991, p. 199)

Imagine-se o que pensariam os S, ou melhor ainda um acentuado ISTP ou um ISTJ, quando confrontados com esse verso (“O que essa mulher andou cheirando?”, “Pode internar!”, “Muita cachaça dá nisso”...). Quando muito, diriam “Muito de vez em quando, Deus me dá poesia e então eu olho pedra e até discuto comigo mesmo o significado metafísico- existencial...”.

Mas para os NF, mesmo a prosaica pedra (que o Sócrates platônico, uma e outra vez, usa para referir-se à realidade mais bruta), abre horizontes infinitos para a busca do *self* e do sentido. É o que vemos em Drummond, Sartre, Fernando Pessoa etc.

NF é a pedra de Drummond:

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra

E o NF, de “A Tabacaria” de Fernando Pessoa (Álvaro de Campos), também vê mais do que chocolates, tabacaria e pedras (devo lealdade a elas? à “realidade plausível?”), em sua infatigável busca pelo *self*:

Não sou nada.

Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.
Janelas do meu quarto,
Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é
(E se soubessem quem é, o que saberiam?),
Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente,
Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,
Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,
Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres, [...]
Estou hoje perplexo como quem pensou e achou e esqueceu.
Estou hoje dividido entre a lealdade que devo
À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,
E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro. [...]
Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?
Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!
E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode haver tantos!
[Sob a janela, passa uma menina – SP? – a abrir um bombom]
Come chocolates, pequena;
Come chocolates!
Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.
Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria.
Come, pequena suja, come!
Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!
Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folhas de estanho,
Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.)
Mas ao menos fica da amargura do que nunca serei
A caligrafia rápida destes versos, [...]
Como os que invocam espíritos invoco
A mim mesmo e não encontro nada.
Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.
Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,
Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,
Vejo os cães que também existem,
E tudo isto me pesa como uma condenação ao degredo,
E tudo isto é estrangeiro, como tudo. [...]
Fiz de mim o que não soube,
E o que podia fazer de mim não o fiz. [...]
Essência musical dos meus versos inúteis,
Quem me dera encontrar-te como coisa que eu fizesse,
E não ficasse sempre defronte da Tabacaria de defronte,
Calcando aos pés a consciência de estar existindo,
Como um tapete em que um bêbado tropeça
Ou um capacho que os ciganos roubaram e não valia nada.
Mas o dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à porta.
Olhou-o com o desconforto da cabeça mal voltada
E com o desconforto da alma mal-entendendo.
Ele morrerá e eu morrerei.
Ele deixará a tabuleta, e eu deixarei versos.
A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos também.

Depois de certa altura morrerá a rua onde esteve a tabuleta,
 E a língua em que foram escritos os versos.
 Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu.
 Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como gente
 Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo de coisas
 como tabuletas,
 Sempre uma coisa defronte da outra,
 Sempre uma coisa tão inútil como a outra,
 Sempre o impossível tão estúpido como o real,
 Sempre o mistério do fundo tão certo como o sono de mistério da
 superfície,
 Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra.
 Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar tabaco?),
 E a realidade plausível cai de repente em cima de mim.
 Semiergo-me enérgico, convencido, humano,
 E vou tencionar escrever estes versos em que digo o contrário.
 Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los
 E saboreio no cigarro a libertação de todos os pensamentos.
 Sigo o fumo como uma rota própria,
 E gozo, num momento sensitivo e competente,
 A libertação de todas as especulações
 E a consciência de que a metafísica é uma consequência de estar mal
 disposto. [...]
 O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira das calças?).
 Ah, conheço-o: é o Esteves sem metafísica.
 (O dono da Tabacaria chegou à porta.)
 Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me.
 Acenou-me adeus gritei-lhe Adeus ó Esteves!, e o universo
 Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o dono da Tabacaria
 sorriu.

Recruta Zero Mort Walker



“Come chocolates, pequena...”. A busca de sentido do NF x o sargento ISTP

A mesma “complicação” NF, em torno de uma prosaica pedra, dá-se no famoso romance *A Náusea* de Sartre. poema de Drummond. De repente, como no início do romance, olhamos uma pedra (e é a milionésima vez que vemos uma pedra e esta nada tem de especial) e, sem saber o porquê, ela é princípio de um processo de abalo existencial que beira os 9 pontos Richter. É o que se dá na vida do personagem Antoine Roquentin:

Sábado, uns garotos estavam a atirar pedrinhas ao mar para as fazer saltar de ricochete, e pretendia atirar uma como eles. Nesse momento detive-me, deixei cair a pedra e fui-me embora. Devia ir com uns ares de transviado, com certeza, porque os garotos desataram a rir quando voltei as costas. Isto, quanto ao exterior. O que se passou em mim não deixou traços claros. Havia qualquer coisa que vi e que me repugnou, mas já não sei se estava a olhar para o mar ou para a pedra. A pedra era chata; dum lado estava inteiramente seca, úmida e enlodada do outro. Tinha-a agarrado pelas beiras, com os dedos muito afastados, para não me sujar (SARTRE, 2005)

O impacto causado pela pedra vai num *crescendo*, a partir daquela pedra, o personagem vai questionando a existência. Ao final, aquilo que começara com uma pedra no lago, acaba no parque, quando contempla as árvores, a fonte e, principalmente, a si mesmo. “Nós éramos todos um amontoado de existentes acabrunhados, não tínhamos a mínima razão para existir”, “todo existente nasce sem razão, prolonga-se por fraqueza e morre por acaso”. “Tive medo, mas principalmente raiva: achava aquilo tudo tão idiota, tão deslocado”. “Quando se compreende isso, o estômago começa a dar voltas: é a náusea! É absurdo que tenhamos nascido, é absurdo que morramos”. “Tinha aprendido tudo que se pode saber sobre a existência. Voltei ao hotel e comecei a escrever”.

O que os NFs podem fazer a partir de uma “simples” pedra: do ateísmo de Sartre, passando pelo ceticismo de Drummond, à mística cristã de Adélia Prado! Ou a pedra de Intihuatana (“onde se amarra o Sol”), que em Machu Picchu recebeu interminável abraço daquela colega INFP, enquanto a família SJ, impaciente e perplexa, tinha que esperar a reflexão e “troca de energia” (!?) que aquela pedra – imantada por milhares de experiências humanas ao longo de séculos – (supostamente) propiciava à incorrigível INFP.



Concluimos esse tópico com o clássico ZEN:

Antes que eu penetrasse no Zen, as montanhas e os rios nada mais eram senão montanhas e rios. Quando aderi ao Zen, as montanhas não eram mais montanhas, nem os rios eram rios. Mas quando compreendi o Zen, as montanhas eram só montanhas e os rios, apenas rios.

Para as artes *Do* do Oriente, o ser e o agir (com o não agir) se interpenetram no complexo jogo da busca do ser: ao disparar a flecha, o arqueiro Zen atinge a si próprio, como o chá, da Cerimônia do Chá, o que propicia é a transformação interior...

2. Santo Agostinho e a busca do *self*

Um gigantesco campeão NF na história é Agostinho. É ele quem introduz uma revolucionária perspectiva para a humanidade: a da intimidade. Como explica Julián Marías em memorável conferência sobre o bispo de Hipona:

A grande descoberta, a maior, de Santo Agostinho é a **intimidade**. E quando ele se questiona, diz: *Deum et animam scire cupio* – quero conhecer a Deus e à alma. *Nihil aliud*, nada mais, absolutamente nada mais. É uma sentença que um grego jamais poderia empregar. A alma é, em última análise, a grande descoberta de Agostinho, a alma entendida como intimidade. E fala justamente do espiritual. Espiritual não quer dizer não-material; há uma tendência muito freqüente de entender o espiritual como aquilo que não é material; e não é disso que se trata, mas de algo muito importante: espiritual é aquela realidade que é capaz de entrar em si mesma, o poder entrar em si mesmo é o que dá a condição de espiritual, não a não-materialidade. [...]

Por isso Santo Agostinho dirá: não vá fora, entra em ti mesmo: no homem interior habita a verdade: *Noli foras ire, in teipsum redi: in interiore homine habitat veritas*. Essas palavras são de uma enorme relevância, são até de um extraordinário valor literário. É disso que se trata: do homem interior. A descoberta é a interioridade, a intimidade do homem. [...] Para Santo Agostinho é preciso levar a sério que o homem é *imago Dei*, imagem de Deus. É evidente que para encontrar a Deus, o primeiro passo, e o mais adequado, será buscar sua imagem, que é o homem como intimidade, o homem interior.

Isso é o principal. E toda sua obra terá esse caráter. Um dos livros capitais é *As confissões*, que num certo sentido é o mais importante. Então, o que são essas *Confissões*? É um livro que não existe no mundo antigo, não há nada equivalente. [...] Essa entrada na intimidade, no mais profundo de si mesmo, em confissão – a palavra é confissão – é uma autobiografia. Esse é precisamente o pensamento de Santo Agostinho: consiste primariamente em mostrar, em descobrir sua própria intimidade. [...] Portanto, em Agostinho, a grande descoberta foi esta, de ver o mundo e ver a realidade na perspectiva da intimidade. Do ponto de vista portanto de quem eu sou: *nec ego ipse capio totum, quod sum*, nem eu mesmo compreendo tudo aquilo que sou. É uma realidade que não acaba de se manifestar, que é algo no qual sempre se pode aprofundar, que é preciso ir mais além, e por isso a forma de se descobrir é precisamente contá-lo, fazer uma autobiografia, uma confissão, pois é nela que aparecerão precisamente as visões da realidade, da realidade que se basicamente é dele, de Agostinho, é também, do homem em geral, e por meio dele dá acesso a Deus. (Marías, 2001)

A busca NF do *self* parece fadada ao insucesso, pelo fato, tão simples, que o genial João Guimarães Rosa registra em um de seus diários:

Escrever diário é como deixar de fumar, para guardar bem a cinza do cigarro que se gastou aceso sozinho... Falta a distância.
(cit. por Gama. p. 199 - onde há também outras formulações da mesma ideia por Rosa)

O drama do NF é essa rachadura agir/observar-se ou, como também genialmente se expressa já no título da canção de Milton (Sérgio Magrão e Luiz Carlos Sá), “Caçador de mim”, debater-se na luta de ser ao mesmo tempo presa e caçador, tentando se encontrar longe de seu lugar... Ser NF é estar em permanente busca para “descobrir o que me faz sentir eu caçador de mim”.

Por tanto amor, por tanta emoção
A vida me fez assim
Doce ou atroz, manso ou feroz
Eu, caçador de mim
Preso a canções
Entregue a paixões
Que nunca tiveram fim
Vou me encontrar longe do meu lugar
Eu, caçador de mim
Nada a temer
Senão o correr da luta
Nada a fazer
Senão esquecer o medo
Abrir o peito à força
Numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura
Longe se vai sonhando demais
Mas onde se chega assim
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim
Nada a temer
Senão o correr da luta
Nada a fazer
Senão esquecer o medo
Abrir o peito à força
Numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim

Se, como mostramos em artigo anterior, a imensa maioria dos provérbios são dos tipos S (SJ e SP), o provérbio por excelência dos NF é o clássico de Terêncio:

“Sou homem e nada do humano (daquilo que é humano) considero alheio a mim” (*homo sum et nihil humani alienum me puto*)

Essa busca pelo *self* passa pela interação com o outro (*nihil humani alienum...*); é nesse encontro que se assoma “a presa”: o próprio caçador! Intensifica-se assim o drama NF: o eu é ampliado e envolve a abertura para o outro, segundo a célebre sentença de Ortega: “Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo”, com a sutil observação de Juan Ramón Jiménez: “‘Dime con quién andas, y te diré quién eres’. Ando solo. Dime quién soy”. (cit. por Laín Entralgo, p. 81)

Juntem-se a empatia, a integridade, a solicitude pelo humano e demais características do NF, e teremos grandes líderes (/mártires) de causas humanistas: Mandela, Martin Luther King, Gandhi etc. Por eles, Madonna, em seu pragmatismo ESTP, se diz inspirada, mas: “I want to be like Gandhi and Martin Luther King and John Lennon – but I want to stay alive”.

Nesse sentido, uma recordação da infância, a de um priminho NF, na época com 7 ou 8 anos. Naquele tempo, anos 50, estava enormemente difundida uma canção infantil, do palhaço Carequinha, cuja letra dizia: “Criança feliz / Que vive a cantar / Alegre a embalar / Seu sonho infantil / Oh meu bom Jesus / Que a todos conduz / Olhai as crianças / Do nosso Brasil”. Para o priminho NF, a coisa não era tão simples: “Jesus tem que olhar também para todas as crianças do mundo, não só as do Brasil. E mais ainda pelas crianças pobres e doentes!”

Experimentar o humano: em sua “caçada”, os NF podem ser excêntricos. Há muitos anos, costumava dar carona para um notável colega, professor de Humanas na USP. Em um desses dias, levei-o para recolher 30000 dólares em cash (a parte que lhe cabia na venda de um imóvel da família) e em seguida retomamos o caminho habitual. Fiquei surpreso quando me disse: “- Pare, vou saltar aqui” (a três quarteirões de sua casa). “- Mas como? Logo hoje, com esse dinheiro todo?” “- Precisamente por isso: a possibilidade de ser assaltado, ajudar-me-á a saber como é meu apego e minha relação com o dinheiro!” Claro que o levei até dentro da garagem de seu prédio. Esse mesmo NF excêntrico, confidenciou-me, em outra ocasião, que, quando criança brincava de aviãozinho, simulando com o brinquedo, **em tempo real**, um vôo (imagino que de curta distância...) para vivenciar a sensação da demora que têm os viajantes...

O NF e as metáforas. Ninguém como o NF para quem a metáfora é conatural; os NF chegam a irritar os S com sua profusão de metáforas, que prefeririam falar direto do assunto (pedra é pedra). *O Carteiro e o poeta (Il postino)*, filme de 1995, dirigido por Michael Radford, gira em torno da metáfora. Nele o poeta Pablo Neruda, exilado em uma ilha italiana, faz amizade com o rústico carteiro Mario em quem desperta o talento para a metáfora e para a poesia. Um dia, na praia, após declamar um vigoroso poema sobre o mar, começa o diálogo:

Neruda - Então? Que te parece?

Mario responde - É estranho.

Neruda questiona - Como assim, estranho? É um crítico severo.

Mario diz - Não, não o seu poema. Estranho... É como me senti enquanto estava a recitar.

Neruda - E como foi isso?

Mario - Não sei. As palavras iam para frente e para trás.

Neruda - Como o mar?

Mario - Exatamente.
Neruda - Esse é o ritmo.
Mario - Na verdade, senti-me mareado.
Neruda - Mareado...
Mario - Mareado. Não sei explicar. Senti-me como um barco balançando na volta dessas palavras.
Neruda sorri e pergunta - Como um barco balançando nas minhas palavras?
Mario responde - Sim.
Neruda - Sabes o que acaba de fazer, Mario?
Mario - Não, o quê?
Neruda - Uma metáfora.
Mario se espanta, não acredita que foi capaz de fazer algo que seu amigo e poeta faz, e diz - Mas não vale, não tive intenção.
Neruda - A intenção não é importante. As imagens nascem espontaneamente. Mario, confuso, pergunta - Quer dizer, então, que... Por exemplo, não sei se consigo explicar... O mundo inteiro... O mundo inteiro, com o mar, o céu, com a chuva, as nuvens..
Neruda - Agora pode dizer etc, etc.
Mario - Etc, etc. O mundo inteiro é a metáfora para outra coisa qualquer? Estou dizendo asneiras.
Neruda - Não, não está não. Mario, vamos fazer um pacto. Vou tomar um belo banho e refletir sobre a tua resposta. E amanhã respondo.
Mario - Sério?
Neruda - Sim. Sério.
(A cena encontra-se p. ex. em <https://www.youtube.com/watch?v=T2ggLTEDnzg>).

Os NFs são os inspiradores das grandes causas (o que não quer dizer que sempre sejam santos; podem ser cruéis em sua luta pelo ideal...), com muito carisma mas nem sempre com o senso prático para conduzi-las. A invocação de D. Quixote chega quase a ser recorrente quando falamos dos NF, *Idealist*.

No ENFP Che Guevara essa referência (e autorreferência) ao Quixote era uma constante: sacrificaria tudo e sacrificou a si mesmo pela esperança: “*un nuevo hombre, nuevo mañana*”. Quando parte para a aventura do Congo, seguida da – ainda mais quixotesca - da Bolívia, escreve uma carta aos pais: “Otra vez siento sobre mis talones el costillar de Rocinante, vuelvo al camino con mi adarga al brazo (...) Muchos me dirán aventurero, y lo soy, sólo que de un tipo diferente y de los que ponen el pellejo para demostrar sus verdades.” *E em outra carta, de 1956* “decidí cumplir primero las funciones principales, arremeter contra el orden de cosas, con la adarga al brazo, todo fantasía, y después, si los molinos no me rompieron el coco, escribir”.¹⁴³

¹⁴³. Encontram-se em <http://www.epoca2.lajiribilla.cu/articulo/10818/con-la-adarga-al-brazo-todo-fantasia>



by David Levine <https://www.nybooks.com/articles/1997/07/17/goodbye-to-all-that/>

Independentemente do mérito (e da discussão sobre a brutalidade de seus métodos, que tinha que ser amenizada pelo comandante ENFP Fidel!), Guevara, como ministro da Indústria, imaginava sinceramente que o povo cubano iria imitá-lo sacrificando seus fins de semana e suas horas livres trabalhando arduamente, sem nenhuma recompensa financeira para criar o *nuevo hombre socialista*! Como Luís Carlos Prestes imaginava que o povo brasileiro estava nas décadas de 20 e 30 pronto para segui-lo no levante comunista... E Che imaginava que os camponeses da Bolívia iriam dar seu sangue para acompanhá-lo na guerrilha!

3. O NF como líder religioso

Segundo um estudo dirigido por Oswald e Kroeger (1988), no qual apoiamos boa parte deste tópico, a liderança NF aparece predominantemente nas religiões protestantes. De acordo com esse estudo, metade dos religiosos (um em cada dois!), tem como preferência a abstração, a busca pela autenticidade e a autorrealização. Um índice extremamente alto, considerando que – como sabemos – apenas em torno de 12 a 15% da população em geral é NF. Naturalmente, como veremos, os NFs figuram em todos os grupos religiosos e, em todas as religiões pelo mundo afora, são grandes mestres espirituais naturalmente atraídos para papéis de ajuda e para lidar com o sofrimento humano. Como os NTs, orientam-se pelo futuro, mas perseguem uma “busca sem fim” de si mesmos (*self*). Porém, não pensam nas razões e nos princípios lógicos, como fazem os NTs.

NFs são os mais românticos e idealistas de todos os tipos e têm a esperança e o amor como as virtudes teológicas preferidas. E de todos os tipos N, são os que têm a transcendência em grau mais elevado e os que melhor trabalham com o “lado misterioso da vida”. Estão sempre em busca do numinoso, querendo alcançar pelo menos um breve clarão do invisível. Estão menos preocupados com a verdade da fé (como os NTs), e mais em compreender a religião como comportamento humano. Para isso dipõem da intuição vital (*Einfühlung*). Como essa é sua habilidade mais desenvolvida, sempre vislumbram e sonham com um futuro perfeito e promissor. Também desenvolvem grande habilidade de falar (especialmente NFs extrovertidos), ao mesmo tempo que são capazes de ouvir empaticamente (sobretudo NFs introvertidos). Os NFs introvertidos são místicos naturais. Não é surpresa que muitos acabem tomando o caminho espiritual para encontrar seu eu mais profundo, como é o caso do apóstolo João, um autêntico

INFP – idealista entre os idealistas – , já referido em outro artigo das nossas recentes pesquisas.¹⁴⁴

Como são profundamente altruístas, costumam ter problemas de consciência do tipo: “É um crime que eu seja pago para fazer aquilo que eu *quero e desejo* ser”! Percebem o mundo como pura possibilidade e querem traduzir essa possibilidade intra e interpessoalmente. De fato, não é por acaso que uma alta porcentagem de líderes religiosos sejam NFs. Desde a sua formação, NFs tendem a amar seus estudos. Ao contrário dos NTs, que gostam do ambiente intelectual como um lugar para ganhar competência, NFs veem seus estudos como um lugar para serem transformados em seres de profunda religiosidade e de preparação para o ideal de servir os outros. NFs contribuem muito para tornar os ambientes calorosos, amorosos onde o encontro real com autênticos seres humanos é possível.

Desse modo, sentir-se parte da comunidade, ou o sentimento de pertença e de segurança – tão apreciado por um SJ – tem significado diferente para os NFs. Eles veem o pertencimento apenas como meio para encontrar um eu mais autêntico. Se para um SJ o pertencimento é um fim em si mesmo – uma afirmação fundamental –, para os NFs pode ser mais transitório, por isso tendem a ser peregrinos que, de modo geral, não param numa comunidade por longo período de tempo. Ainda que, em geral, NFs sejam líderes fiéis, só o são enquanto sentirem que estão crescendo em autorrealização. Mas podem ter problemas com autoridades, pois costumam respeitar somente as idealizadas internamente. Esse pode ser um conflito comum para um NF. Mesmo assim, é o tipo mais flexível e adaptável de todos os temperamentos na atividade religiosa. E também o mais capaz de atingir a máxima paulina do “*fiz-me como fraco para os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns*” (1Co 9.22).

O lado negativo é que os líderes religiosos do tipo NF necessitam agradar todo mundo. Uma pessoa racional – também os NTs, mas sobretudo os SPs e os SJs – diria que agradar a maioria das pessoas já é bom o suficiente. Mas o líder NF deseja todo mundo feliz ao seu redor, por isso gasta muita energia tentando ser o que idealizou que os outros querem. Frequentemente vive um paradoxo, querendo, ao mesmo tempo, manter a autenticidade como seu mais alto ideal e abdicar dele constantemente buscando agradar os outros.

Quando ensinam, os NFs são convincentes porque acreditam firmemente no que ensinam ou pregam. Desejam inspirar seus alunos ou ouvintes para grandes atos de bondade e amor e buscam inteireza. Através de histórias reconfortantes, fina articulação e palavras inspiradoras, encorajam seus fiéis a entregar suas vidas completamente a Deus.

Como pregadores, apresentam uma visão profética, já que compartilham com os NTs uma orientação para o futuro. No entanto, suas profecias tenderão a seguir o padrão de um profeta como Oseias – *cuja mensagem tem por tema fundamental o amor de Javé desprezado por seu povo* – ao invés de outros profetas do Antigo Testamento. Esperam que seus fiéis respondam “*como isso fará diferença na maneira como me relaciono comigo mesmo e com os outros*”? A principal crítica aos NFs é que eles são muito idealistas e, por consequência, ingênuos – tendem a imaginar que um simples “sorria e mude o mundo” vai resolver todos os problemas do mundo. De alguma forma, isso pode ser motivo para acusar um líder religioso NF de não ser sincero e considerado como alguém que sempre vive no “mundo da lua”. No entanto,

¹⁴⁴ Disponível em: <http://www.hottopos.com/isle28/137-154EnioSylvioF.pdf>

apesar disso, costumam ser professores e mestres excepcionais; são altamente articulados e hábeis em convencer, seduzir e tocar profundamente os corações dos seus alunos ou ouvintes.

Oswald e Kroeger fazem notar que um dos mais conhecidos líderes religiosos protestantes NF da história recente foi Billy Graham. E provavelmente também pertencem à categoria NF líderes como Jim Jones, Joana D'Arc, Martinho Lutero, o Papa João XXIII, Jürgen Moltmann – o maior expoente da chamada teologia da esperança (*Hoffnungstheologie*) –, Dietrich Bonhoeffer, entre outros. São exemplos de líderes religiosos que acreditaram no que estavam dizendo com cada parte do seu ser. Tal é o poder e a possibilidade de um líder NF que, quando plenamente desenvolvido, tem alta competência interpessoal podendo influenciar um exército de seguidores. Claro, tanto para o bem como para o mal!

O NF tem a capacidade de intuir o que outras pessoas estão passando. Essa alta capacidade de empatia e aguçada sensibilidade, o faz muito eficiente no cuidado religioso. Pode capturar a dor pessoal como um radar capta a presença de navios ou aviões. Mas esse extraordinário dom, também pode ser fonte de stress porque nunca sabe dizer "não" à dor dos que estão à sua volta. Sempre atento às dores e necessidades pessoais dos seus fiéis (também de sua família), dificilmente sabe estabelecer limites para si mesmo, podendo ir à exaustão e ficar fisicamente doente. Pode desanimar, especialmente quando sente que nem todo mundo compartilha da mesma intensidade de sua visão. Não por acaso, DK afirma que os NFs são os menos compreendidos de todos os tipos. Os outros três temperamentos realmente têm dificuldades de compreender por que NFs estão continuamente tentando “transformar o mundo”.

O estilo gerencial do líder religioso NF é marcado por carisma e comprometimento pessoal com quem lidera. Gosta e sente-se mais confortável em encontros não-estruturados que facilitam os processos de tomada de decisão em grupo. Tende a ser otimista sobre o futuro e esse otimismo é contagioso, por isso lida bem com os desapontados e desanimados e é excelente no aconselhamento. Envolve-se rapidamente e se torna empático. Como está em constante busca de autenticidade, é capaz de responder sobre situações abstratas, mas é menos competente quando alguém precisa de ajuda prática. E tentará desviar para questões mais profundas, pois será um conselheiro melhor quando tratar de valores, emoções e problemas intrapessoais. É tão naturalmente conselheiro que poderá ter dificuldade de ir para qualquer lugar, mesmo a uma festa, sem que as pessoas automaticamente lhe queiram contar seus problemas. E, embora seja bom nisso, muito de sua energia é consumida.

Potenciais dificuldades/disfunções

Toda força implica em uma fraqueza. Ser muito bom em certas funções geralmente implica em não ser bom em outras. As funções menos ou não desenvolvidas num líder NF são "*Sensing*" e "*Thinking*" (S e T). Os líderes NF terão menos motivação ou sentirão maior incapacidade de administrar detalhes, lidar com especificidades práticas, produzir textos lógicos, lineares. Até podem fazer isso, alguns melhor que outros, mas ser-lhes-á uma tarefa lenta, pesada e difícil.

Áreas em que os líderes religiosos NF podem necessitar de ajuda:

Em atividades administrativas/burocráticas – os líderes religiosos NF ficam irritados quando são tratados impessoalmente, meramente como parte de um sistema na comunidade religiosa ou se tiverem que ficar preenchendo papel o tempo todo; não

gostam de estrutura, prazos ou detalhes. Tendem a irritar os outros por privilegiarem alguns, por tornar todas as situações muito emocionais, como uma simples saudação de chegada ou de despedida, ou então por considerar que os outros são “coração de pedra” e antipáticos.

Quando aparentarem ser insossos – como têm grande habilidade de empatia com todos, os NFs muitas vezes dão a impressão de que concordam com tudo quando isso não é verdade. Eles simplesmente seguem em frente, energizados pelo futuro “paz e amor” sonhado, para evitar conflito.

Quando não souberem dizer “não” – Sua maior dificuldade é estabelecer limites pessoais claros. NFs esperam que as pessoas captem sua linguagem corporal e lhes ajudem a estabelecer o “não”. Portanto, necessitarão de apoio para firmar padrões necessários para sua própria saúde pessoal, familiar e espiritual.

Quando tendem seguir as últimas novidades – Embora as últimas novidades possam ajudá-los a descobrir quem realmente são na sua “busca sem fim” pelo *self*, essa forte inclinação por coisas novas, pode ser fatal para o trabalho dos líderes religiosos NFs. Especialmente porque pode parecer infidelidade ou espírito aventureiro para a instituição a que pertence (que, pelo menos nos postos mais elevados, são administrados pelos tipos S). Como muitas vezes seguem simplesmente a recomendação: “siga o seu coração”, os NFs podem necessitar de ajudar para não “pular de galho em galho”, toda vez que surgir um movimento espiritual novo. Porém, a facilidade de juntar-se ao último movimento ou o desejo de saber das novidades pode ter o lado bom de mantê-los sempre atualizados.

Quando necessitarem exageradamente de elogios e carinho – Dos quatro temperamentos, o NF é o que tem maior necessidade da aprovação dos outros. Poucos elogios tornam os líderes religiosos NFs desmoralizados, desencorajados e desanimados. Quando não são elogiados, facilmente mudam de comunidade, ou começam a privilegiar aqueles fiéis que são mais generosos e os que mais elogiam. Sentem necessidade de muito apoio nesse aspecto.

Quando não quiserem enfrentar conflitos - É absolutamente normal que líderes religiosos não gostem de enfrentar conflitos. E poucos temperamentos gostam de lidar com eles, mas alguns lidam melhor que outros. Os NFs não se dão nada bem com a diferença e a discordância. Eles têm dificuldade em ver o lado útil do conflito ou de compreender essa incontornável realidade na convivência humana. Sempre que aparece algum conflito um líder NF descobre uma maneira de evitá-la porque acha que diferenças podem destruir a maravilhosa e harmoniosa comunhão que foi construída com tanta dificuldade. Porém, um líder NF, com bom treinamento de gerenciamento de conflitos, pode desenvolver melhor as habilidades de lidar com conflitos do que a média dos outros temperamentos. Como é expert na relação interpessoal, o INFP, “curador” (*healer*), em geral consegue mais sucesso do que os outros temperamentos.

Quando estão muito dependentes dos relacionamentos – Naturalmente empáticos, cordiais e afetivos, NFs tendem a atrair os tipos carentes como um ímã. Apesar de saberem que isso pode ser um problema, líderes religiosos NFs muitas vezes estão mergulhados nisso. Tornam-se muito ligados às pessoas e podem ter enorme dificuldade de desapegar-se delas. Despedir-se é uma das tarefas mais difíceis para os líderes religiosos NF.

Na sua “busca sem fim” – A busca contínua por encontrar a si mesmo pode levar os líderes religiosos NFs à inquietante falta de paz e de alegria. Não conseguem ligar a enorme fenda construída por eles mesmos entre “quem sou agora” e “quem

posso me tornar depois”. Por isso também nunca se rendem às intermináveis tarefas impossíveis que se impõem. Num constante devir, reconhecem esse espaço como uma questão espiritual que os acompanhará até que possam experimentar algum grau de paz. Como tão bem descreveu o mais famoso NF da história – já caracterizado acima neste artigo – Santo Agostinho: "*O nosso coração anda inquieto enquanto não descansar em ti*".

Todos os NFs, também líderes religiosos, podem entrar numa espécie de “montanha russa emocional” vacilando com frequência entre a euforia e a depressão. Sendo naturalmente idealistas, podem desanimar facilmente quando as pessoas não compram logo as suas ideias. Relacionar-se com alguém com esse tipo de montanha russa emocional pode se tornar chato para os outros temperamentos.

Por outro lado, NFs estão numa constante “caça ao tesouro” para encontrar o significado oculto em tudo. Como têm fome e sede naturais pelo espiritual, são os tipos que mais apreciam a transcendência (especialmente a autotranscendência – *Selbstüberschreitung*) e a espiritualidade. Mas também necessitam de cuidado espiritual, porque, sem crescimento e desenvolvimento espiritual, podem murchar como uma planta sem água. Não é a toa que a maior parte dos líderes religiosos é NF!

Como vimos, NFs dão grandes mestres espirituais, pois, tomando apenas o cristianismo como referência, durante séculos de sua história, é provável que a maioria dos santos canonizados sejam de temperamento NF. Possivelmente porque, como o mais incompreendido dos tipos, só recebe o devido reconhecimento muitas gerações depois.

4. Brincando com os tipos de DK

Brincando, brincando vão-se dizendo as verdades. Muitas das clássicas piadas (anônimas) de “trocar a lâmpada” ou de “por que a galinha atravessou a rua?” circulam na Internet sobre os tipos de DK. Selecionamos, traduzimos e adaptamos livremente algumas dessas (exceto as dos NT, de que não tratamos ainda em nossos artigos) e as oferecemos ao leitor.

Quantas pessoas são necessárias para trocar uma lâmpada?

ENFP – Vários. Como não têm lâmpadas de reserva, juntos irão entusiasmadamente para a loja que vende lâmpadas para escolher uma nova e bela lâmpada, (provavelmente vermelha ou ultravioleta...), mas no caminho decidem fazer uma lista de outras coisas de que precisam (leite, papel toalha etc.). Enquanto fazem a lista, notam que precisam regar as plantas e enquanto regam percebem que precisam de um ancinho e juntam esse item à lista. Na loja, compram tudo da lista (e muitas coisas mais) menos a lâmpada. Lembram-se no caminho de volta de pelo menos dois amigos e vão parando para bater papo. Lembram-se também de que estão sem vinho e compram uma garrafa. Como já é quase hora do jantar, passam num drive through compram comida e, chegando em casa, abrem a comida e o vinho e percebem que esqueceram completamente da lâmpada...

ENFJ – Tantos quanto possível: todos devem crescer juntos na comunhão da troca da lâmpada.

INFP – Nenhum. Ele só notará depois de uma semana e depois de vários tropeções no escuro, mas se esquecerá uma e outra vez, perdido em seus pensamentos, devaneios e sonhos. Um amigo STJ (pensando: “fazer o que?”) trará uma de sua casa e trocará para

ele. Em todo caso, o INFP fica triste pois conclui que a lâmpada o deixou porque ele não a amava. E guardará a lâmpada velha numa caixinha para o resto da vida, por conta da saudade.

INFJ – Ficaré refletindo se se trata de um sinal da escuridão dos tempos.

ISTJ – Um, mas só se ele mesmo for um eletricista profissional e com um histórico confiável de troca de lâmpadas. Se não, não haverá troca de lâmpada, pois estaria fora do padrão.

ESTJ – Manda um subordinado trocar. Se não houver um, ele mesmo pega uma lâmpada das duas caixas de reserva que ele tem.

ESFJ – Um, que trocará a lâmpada, arrumará a mesa de jantar, planejará a reunião da paróquia, limpará o banheiro, elaborará a lista de compras do supermercado para o mês que vem, colorirá com as cores de seu código o calendário do mês, reorganizará seu arquivo de pastas, tudo isso em menos de uma hora.

ISFJ – Um só e fará isso quando perceber que alguém necessita da luz dessa lâmpada.

ISTP – Um só e aproveitará para instalar um gato, que puxa energia por conta do vizinho.

ESTP – Nenhum. O ESTP olhará furtivamente para os lados para certificar-se de que ninguém tenha notado que foi ele, chutando bola, que quebrou a lâmpada. E então usará sua lábia para persuadir outro tipo a trocar a lâmpada.

ISFP – Em vez de trocar a lâmpada, acende uma vela: é mais romântico e o bruxulear da chama produz sombras expressivas em vez das sem graça da lâmpada...

ESFP – Dez. Um para trocar a lâmpada por um Globo Giratório Disco Ball e pelo menos outros nove para a festa depois.

Por que a galinha atravessou a rua?

INFJ – Como você pode ser tão insensível a ponto de questionar os motivos de uma pobre inocente galinha?

INFP – Provavelmente ela estava infeliz consigo mesma e já que do outro lado da rua tinha uma energia positiva ela atravessou em busca da harmonia interior.

ENFP – Uma galinha atravessou a rua? É um sinal de que o mundo finalmente está se tornando um lugar melhor. Alegremo-nos!

ENFJ – Eu sempre acreditei que a galinha ia criar coragem para atravessar a rua; ela só precisava de um encorajamento caloroso.

ESFP – Porque tinha uma festa do outro lado.

ISFP – Que bela imagem: galinha atravessando a rua ao pôr do sol!

ESTP – Eu tinha apostado no bolão que ela ia atravessar e, então, eu a convenci de que devia atravessar.

ISTP – Se não me afeta, não tô nem aí.

ISTJ – A galinha atravessou às 14:37 e a travessia durou 23 segundos. A razão pela qual ela fez isso não é importante.

ESFJ – Foram muitas semanas conversando com a família e amigas dela, para que a convencessem de que já era hora de ela atravessar.

ISFJ – Porque eu a ajudei, sem minha proteção a coitada poderia ser atropelada.

ESTJ – Porque era ilegal para galinhas permanecerem naquele lado da rua.

Orações dos tipos

ISTJ – Senhor, ajuda-me a não me estressar tanto com detalhes insignificantes, começando amanhã às 11:41h em ponto.

ESTJ – Senhor, ajuda-me a não controlar tudo. E se o Senhor precisar de alguma ajuda é só falar.

ISFJ - Senhor, ajuda-me a não deixar de ajudar ninguém que precise.

ESFJ – Senhor, ajuda-me a não deixar de saber nenhum detalhe da vida dos outros.

ISTP – Senhor, ajuda-me a ter em conta os sentimentos das pessoas, mesmo que tudo isso seja mimimi e frescura deles.

ESTP – Senhor, dai-me paciência, JÁ, que eu não aguento esperar.

ISFP – Senhor, ajuda-me a não me compadecer tanto dos outros, tadinhos...

ESFP – Senhor, ajuda-me a levar as coisas a sério, especialmente festas e baladas.

INFP - Senhor, ajuda-me a acabar tudo que eu estou começ...

ENFP – Senhor, ajuda-me a focar em uma coisa e não ficar que nem aquela borboleta linda que eu encontrei de manhã, quando estava indo para a escola, para aquela aula chata de física...

ENFJ – Senhor, ajuda-me a controlar essa enorme empatia, que decifra e se solidariza com cada um que cruza meu caminho.

INFJ – Senhor ajuda-me a não usar mais tantas metáforas, senão minha vida será um jogo de xadrez, no qual minhas ações são peças fora do tabuleiro e minha motivação, um rei sem proteção.

Referências

Gama, Mônica Fernanda Rodrigues “**Plástico e contraditório rascunho**”: a autorrepresentação de João Guimarães Rosa. São Paulo: Tese de doutorado Fflchusp-Letras 2013

Keirse, David; Bates, M. **Please understand me**. Del Mar: Prometheus Nemesis, 4th ed., 1984.

Laín Entralgo, Pedro **El Problema de ser cristiano**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 1997

Mariás, Julián ‘Agostinho’. **International Studies on Law and Education**. São Paulo: Feusp 2001, N.3. <http://www.hottopos.com/harvard3/jmagost.htm>

Prado, Adélia **Poesia Reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991

Rogers, Carl **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Roy M. Oswald & Otto Kroeger. **Personality Type and Religious Leadership**. An Alban Institute Publication, 1988.

Sartre, J.-P., *A Náusea*: Lisboa, Europa-América, 2005

Collatio 13 out-dez 2012
CEMOrOc-Feusp / IJI - Univ. do Porto

Atividades com a língua tupi no ensino fundamental (e médio)

Resumo: Embora o tupi e o guarani sejam línguas de importância para o português falado no Brasil, os livros de história (do 7º. ano do ensino fundamental) não as valorizam suficientemente e não exploram o rico potencial (para diversas disciplinas e para a transdisciplinaridade) dessas línguas para a compreensão de nossa língua e sociedade. Atividades simples e altamente motivadoras podem ser propostas nesse ensino.

Palavras Chave: Tupi. Guarani. Livros didáticos de História. Ensino fundamental.

Activities with Tupi language and school books in Brazilian Middle School

Abstract: Tupi and Guarani the main languages of the Brazilian native Indians still have their importance in Brazilian Portuguese, but History school books underestimate their role in Brazilian live language spoken today. This article discusses that fact and proposes some activities in order to give transparency to Tupi-Guarani words and structures in Brazilian Portuguese today.

Keywords: Tupi. Guarani. History school books. Middle School teaching..

Introdução: preconceitos e estereótipos

Todos os anos, quando chega o dia 19 de abril, as crianças são submetidas nas escolas às atividades de celebração do “Dia do índio”, que é, em geral, o dia do estereótipo, o dia da representação social, com fantasias, crianças pintadas, idílicas imagens de contato com a natureza, idealizações baratas de convívio harmonioso entre brancos e indígenas, muito uga-uga etc., dando, com novas cores, um passo a mais na consolidação de antigos preconceitos, cristalizados em outras instâncias como as “piadas de índio” ou a expressão “programa de índio”¹⁴⁶.

Essa expressão, diga-se de passagem, parece ter surgido no final dos anos 70, quando da moda de programas de excursões e trilhas, contato com a natureza etc. Contra o desconforto, a dureza e o radicalismo de algumas dessas propostas, teria surgido a expressão (“Acampar no mato, escalar montanha, sem comida quente, enfrentando insetos etc. Isso é *programa de índio*”), que depois se estendeu a qualquer programa aborrecido. Jogando com a expressão, já então consagrada, em 1985 a Rádio USP e outras emissoras educativas começaram a transmitir o “Programa de Índio”, apresentado por Ailton Krenak e outras lideranças indígenas importantes, iniciativa pioneira que abriu espaço no rádio para o pensamento, a luta e a cultura dos povos indígenas de nosso país. Ainda quanto à consolidação da expressão, só em fevereiro de 1994, o jornal Folha de S. Paulo deixou de mencioná-la sem aspas.

Nem vale a pena evocar as conhecidas “piadas de índio”, abundantes em outros tempos (e ainda hoje...), apresentando o indígena como reduzido a instintos primitivos. A mais famosa da época virou marchinha de carnaval em 1954: “Índio quer apito”.

A propósito dos novos estereótipos e preconceitos, a revista Escola, apresenta sugestiva matéria (Ampudia, 2011) com o título “O que (não) fazer no Dia do Índio”:

1. Não use o Dia do Índio para mitificar a figura do indígena, com atividades que incluam vestir as crianças com cocares ou pintá-las.

Faça uma discussão sobre a cultura indígena usando fotos, vídeos, música e a vasta literatura de contos indígenas. “Ser índio não é estar nu ou pintado, não é algo que se veste. A cultura indígena faz parte da essência da pessoa. Não se deixa de ser índio por viver na sociedade

¹⁴⁵. Mestranda do PPGE Metodista. Este artigo recolhe temas (e anuncia outros) da pesquisa de mestrado da qual os autores são orientanda e orientador.

¹⁴⁶. Que, como se sabe, significa programa “aborrecido, cacete, chato” [Aurélio, 2010].

contemporânea", explica a antropóloga Majoi Gongora, do Instituto Socioambiental.

2. Não reproduza preconceitos em sala de aula, mostrando o indígena como um ser à parte da sociedade ocidental, que anda nu pela mata e vive da caça de animais selvagens

Mostre aos alunos que os povos indígenas não vivem mais como em 1500. Hoje, muitos têm acesso à tecnologia, à universidade e a tudo o que a cidade proporciona. Nem por isso deixam de ser indígenas e de preservar a cultura e os costumes.

3. Não represente o índio com uma gravura de livro, ou um tupinambá do século 14

Sempre recorra a exemplos reais e explique qual é a etnia, a língua falada, o local e os costumes. Explique que o Brasil tem cerca de 230 povos indígenas, que falam cerca de 180 línguas. Cada etnia tem sua identidade, rituais, modo de vestir e de se organizar. Não se prenda a uma etnia. Fale, por exemplo, dos Ashinkas, que têm ligação com o império Inca; dos povos não-contatados e dos Pankararu, que vivem na Zona Sul de São Paulo.

4. Não faça do 19 de abril o único dia do índio na escola

A Lei 11.645/08 inclui a cultura indígena no currículo escolar brasileiro. Por que não incluir no planejamento de História, de Língua Portuguesa e de Geografia discussões e atividades sobre a cultura indígena, ao longo do ano todo? Procure material de referência e elabore aulas que proponham uma discussão sobre cultura indígena ou sobre elementos que a emprestou à nossa vida, seja na língua, na alimentação, na arte ou na medicina.

5. Não tente reproduzir as casas e aldeias de maneira simplificada, com maquetes de ocas

"Oca" é uma palavra tupi, que não se aplica a outros povos. O formato de cada habitação varia de acordo com a etnia e diz respeito ao seu modo de organização social. Prefira mostrar fotos ou vídeos.

6. Não utilize a figura do índio só para discussões sobre como o homem branco influencia suas vidas

Debata sobre o que podemos aprender com esses povos. Em relação à sustentabilidade, por exemplo, como poderíamos aprender a nos sentir parte da terra e a cuidar melhor dela, tal como fazem e valorizam as sociedades indígenas?

Naturalmente, em diversas escolas, o "Dia do Índio" deveria causar, *mutatis mutandis*, a mesma problemática esquizofrênica (bandeirantes¹⁴⁷ que massacraram indígenas têm seus nomes celebrados oficialmente...) levantada pelo vereador João Leite (PT) de Embu das Artes, no final de 2010: como se pode celebrar o "Dia da consciência negra" em escolas situadas na rua Domingos Jorge Velho (ou em suas proximidades)?

Uma rua do bairro Engenho Velho, no Embu tem o nome de Domingos Jorge Velho, assassino do líder negro Zumbi dos Palmares. O Vereador João Leite (PT), solicitou através da Indicação 119/2010 que seja feita a

¹⁴⁷. O bandeirante é o símbolo nacional mais difundido, dando nome a colégios, rádios, rede de TV, restaurantes etc. Muitos bandeirantes têm seus nomes em rodovias, escolas, ruas etc.

alteração do nome da Rua Domingos Jorge Velho, localizada no bairro de Engenho Velho. E solicitou que seja realizada uma consulta à população para a escolha do novo nome a partir dos artistas da cidade João Leite lembra a todos que Domingos Jorge Velho foi o organizador da invasão ao Quilombo dos Palmares, que resultou em sua destruição e na sequência, a morte de Zumbi dos Palmares.

Atualmente o movimento negro e a sociedade civil, lutam contra o racismo no Brasil, não só em relação aos crimes deste tipo praticados no cotidiano, mas também na eliminação da mentalidade e culturas racistas. Um dos sinais claros desta mentalidade é a homenagem a muitos dos algozes dos escravos, em seu detrimento, como é o caso da rua citada pelo vereador, no município de Embu. (http://www.cmembu.sp.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=209:zumbi-rua-assassino-joao&catid=44:joao-bernardino-leite&Itemid=66 Acesso em 18-03-12).

A Rua Domingos Jorge Velho continua existindo (março – 2012) em Embu das Artes...

A esquizofrenia chega ao extremo quando consideramos o caso do município de Atalaia (AL) (tristemente famosa por ser o lugar do qual se deu o ataque final aos Palmares), no qual existe a escola pública: Grupo Escolar Domingos Jorge Velho. O nome da cidade refere-se ao ponto no qual ficavam de tocaia (atalaia) os homens que massacraram Zumbi e seu grupo.

Nossa intenção neste artigo limita-se a adiantar algumas propostas de atividades sobre a significativa influência da língua tupi (abrev.: LT) no português do Brasil, a partir de uma pequena amostra de sobre como os livros didáticos (abrev.: LD) trabalham essa possibilidade.

Claro que a língua não se detém em si mesma, mas convoca outras disciplinas e mesmo a interação entre elas. Parece-nos simplesmente incrível que um assunto tão rico e de fácil acesso, permaneça inexplorado (ou sub-explorado, ou mal explorado...) pelos LD. Sobretudo, se se tem em conta o imenso potencial de transdisciplinariedade que o tema comporta.

Como procuraremos indicar (mais amplamente na dissertação de mestrado), há inúmeros aspectos importantes em termos de visão-de-mundo e culturais na LT, precisamente em dezenas de palavras de origem tupi com que tropeçamos em nosso dia a dia e que permanecem opacas para nossos alunos, que só recebem informações genéricas (ou estereotipadas...) sobre a cultura indígena.

A LT e sua importância é apresentada nos LD de História, destinados ao 7º. ano, nos capítulos dedicados à chegada dos portugueses ao Brasil. O assunto é tão mais relevante quanto o LD constitui uma das únicas, ou talvez a única, fonte de (in)formação da imagem, da representação do “outro” e é visto como autoridade em sala de aula. Porém, como esse mesmo livro retrata a língua indígena com que os portugueses tomaram contato primeiramente?

Nesse quadro, nosso interesse principal é contribuir para a Educação Fundamental, propondo o ensino e atividades ligadas à linguagem / cultura tupi e guarani, a partir do que é proposto (ou não...) em nossos livros didáticos.

Trabalhando a LT na escola

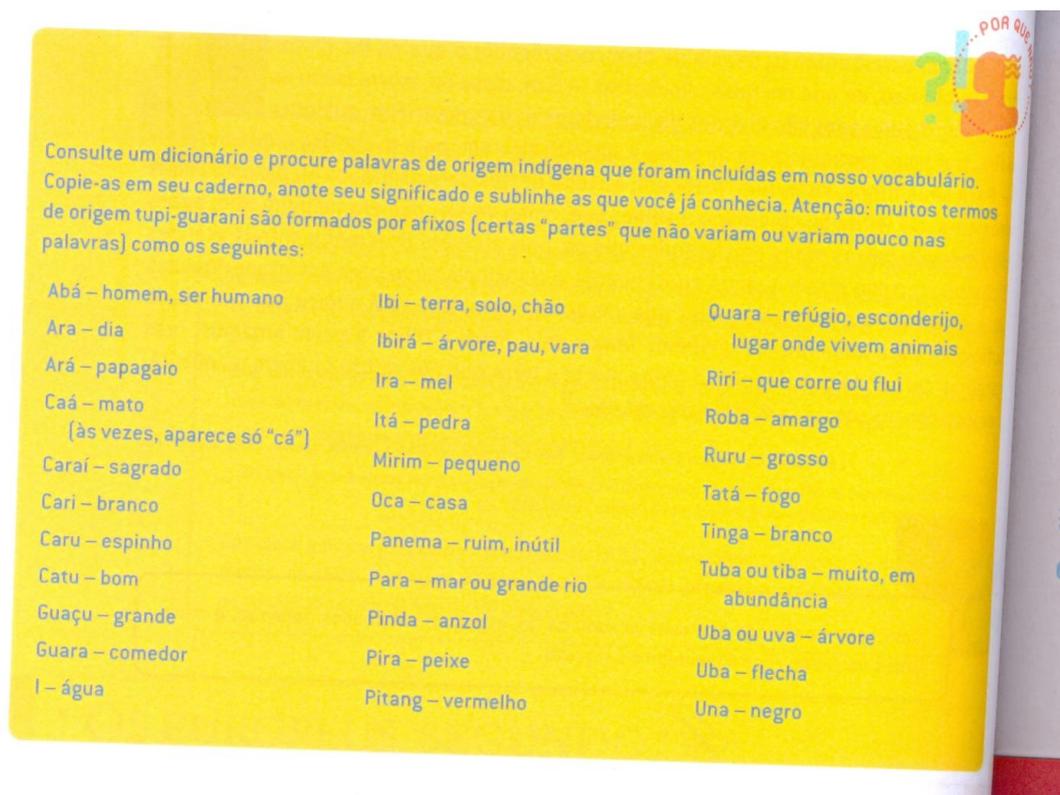
Assim, discutiremos o papel da linguagem como indissociavelmente ligado à cultura, e exploraremos, entre outros, os fatos de linguagem da LT estudados por Lauand em sua “Metafísica Tupi” (in Lauand, 2007) e em (Lauand 2011, a).

Exploraremos principalmente as sugestivas potencialidades contidas nos sufixos *eté/ran*; *puera* e a distinção *catu/poranga*.

[Longo trecho suprimido para evitar repetição]

Um par de exemplos de atividades escolares sugeridas pelos LD

Apresentamos aqui um par de exemplos de atividades escolares sugeridas pelos LD. Ante tanta riqueza da LT, parece-nos uma simplificação burocrática uma atividade como a sugerida pelo livro (FIGUEIRA & VARGAS 2009, p. 136)



O LD indica ao aluno: “consulte um dicionário e procure palavras de origem indígena que foram incluídas em nosso vocabulário”. A atividade sugerida é frustrante e está fadada ao fracasso: tuba, guaçu ou quara etc. não são afixos, mas costumam aparecer no final das palavras compostas: I-guaçu, arara-quara, uba-tuba etc. e geralmente em topônimos: que **não** são incluídos em dicionários!

Para mostrar a impossibilidade da tarefa, percorramos algumas palavras da lista proposta:

Abá – homem. O aluno não encontrará nenhuma palavra com *abá*. A palavra conhecida, *Abaeté*, é um topônimo e não se encontra nos dicionários... Mas, como

acabamos de ver, a dramática oposição aba-eté x aba-ran, dá margem a todo um curso de antropologia filosófica.

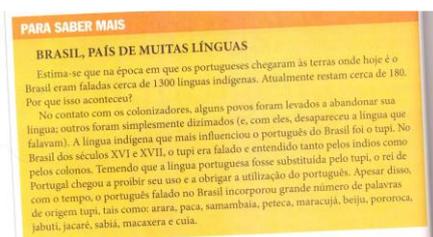
Ara – ave. Em vez da impossível tarefa proposta pelo LD, podemos tecer interessantes considerações etimológicas: puka (ou poka) é quebrar, estourar; pipoka é a pele do grão que estoura e arapuka é pássaro-quebra: a armadilha que se quebra quando a ave tenta pegar o alimento de isca. Também pororoca (o estrondo do encontro das águas) e o leitão pururuca (crocante) remetem ao quebrar, estourar.



As atividades interessantes seriam, a nosso ver, explorar a visão de mundo do indígena, seus provérbios e lendas, toponímia, a riqueza de suas metáforas, a etimologia (atividades que só envolvem linguagem e exequíveis em qualquer escola). Tomemos como exemplo a palavra proposta: pindá, anzol. Todas as crianças conhecem a expressão “estar na pindaíba”. E quando verificamos que pinda-íba é literalmente anzol estragado, anzol que não presta, ocorre uma poderosa e divertida iluminação: o anzol é essencial para o indígena e se o anzol não funciona... E que Pindamonhangaba é etimologicamente lugar onde se fabricam anzóis; que ladrão, o que furta, é *popindá* = mão de anzol. Etc.

De caá mato, deriva capoeira (*caa-puera*) o mato ralo, que já foi mato pleno, mas já não é. Naturalmente o aluno não encontrará *capoeira* no dicionário a partir da *caá*... E *Caeté* é mais conhecido como topônimo. Caá-tinga é mato branco, claro.

Já o LD de Boulos Jr. (2009, 204) apresenta sem nenhum critério aparente palavras tupis que se incorporaram ao português do Brasil.



Já o LD de Domingues (2009, 297) também despeja uma atividade (“Desafios”) com um aspecto frustrante: a palavra “caipira” é apontada por Houaiss e

pelo Aurélio como de origem incerta! Desperdiça, diga-se de passagem, excelente oportunidade para uma reflexão – análoga a esta que fazemos sobre a LT – para as línguas bantu.

...ba meu boi (MA), lavagem da Igreja de Bonfim (BA) e outras.

REQUISA NO DICIONÁRIO (trabalho individual para casa)

Nós falamos muitas palavras indígenas e africanas, muitas vezes, sem saber sua origem. Faça no caderno um quadro como o do modelo abaixo, completando-o com as palavras que se seguem. Anote no dicionário a origem e o significado de cada uma.

PALAVRA	ORIGEM (indígena ou africana)	SIGNIFICADO
carapinha	Indígena (tupi)	Carapinha, cabelo crespo
arapuça;		

arapuça; cacimba; jabá; quitanda; caipira; tamanduá; caçula; cachimbo; jabuti; jacaré; quitute; paca; tatu; moleque; maracujá; banzé; nhe-nhe-nhem; biboca; mutirão.

Toda a imensa riqueza da LT é relegada a um “desafio” de 3 linhas...

Referências Bibliográficas

Ampudia, Ricardo “O que (não) fazer no Dia do Índio” 2011. <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/nao-fazer-dia-indio-cultura-indigena-624334.shtml>. Acesso em 18-03-12.

Aurélio – **Dicionário Aurélio da língua portuguesa** (CD-ROM), Edit. Positivo, 5ª. ed. 2010.

Boulos Jr. Alfredo **História, Sociedade & Cidadania 7º. ano**. São Paulo: FTD, 2009.

Domingues, Joelza Ester **História em Documento 7º. ano**. São Paulo: FTD, 2009.

LAUAND, J Os caminhos que levam às ideias. **Língua Portuguesa**. São Paulo, Segmento, Especial Etimologia, pp. 33-35, 2011.

LAUAND, J. **Filosofia, Linguagem, Arte e Educação**. São Paulo: Factash, 2007

Lauand, J A virtude como excelência e auto-realização: Ocidente e Oriente. **Notandum Livro 14**, pp. 7-16. São Paulo, Cemoroc-Feusp, 2010. www.hottopos.com/notand_lib_14/notandumlibro14.pdf. Acesso em 12-03-12.

Lauand 2011a: LAUAND, J O que continua, se não é mais. **Língua Portuguesa**. São Paulo, Segmento, No. 68, junho 2011, pp. 26-27.)

Educação & Linguagem, v. 15, p. 206-227, 2012.
<https://revistas.metodista.br/index.php/educacaolinguagem>

“Catolicismo insaciável”: dos dogmas às representações sociais

(em coautoria com Chie Hirose)

Certamente, não há homogeneidade entre os católicos e mesmo diversidade nas interpretações do catolicismo e modos de vivenciá-lo: não só nas congregações e famílias religiosas, mas também nos indivíduos: quer pertençam à hierarquia, quer sejam fiéis. Dísparos ou mesmo antagônicos são os perfis, digamos, de um Frei Betto e de um Pe. Marcelo; de João XXIII e de Bento XVI; de D. Paulo Evaristo Arns e de D. Eugênio Salles; de Pe. Quevedo e de Mons. Jonas Abib; da poetisa Adélia Prado e do deputado Jair Bolsonaro; de um São Francisco de Assis e o da Cúria Romana; dos dominicanos de Perdizes e da Opus Dei etc.

As divergências, por vezes profundas, se dão em todos os setores: na liturgia, com posturas que vão de solene recolhimento a animadas e ruidosas celebrações; na moral, do rígido apego puritano a regras à flexibilidade adaptativa; na mística (ou na refratariedade a ela...); nas interpretações da teologia e mesmo dos enunciados da fé etc.

As diferenças se dão também sobre um ponto especialmente importante para o tema da elaboração das representações sociais. Trata-se do modo de conceber a presença católica na sociedade. Nisso, como em tantos outros temas, a doutrina da Igreja é objeto de diversas interpretações práticas, que vão do entendimento da própria fé como algo do âmbito meramente privado ao outro extremo: o de ver o catolicismo (ou o que determinado grupo considere como “o catolicismo”) como o elemento fundamental da estruturação da sociedade. Neste extremo, evidentemente, as representações sociais adquirem extraordinária importância e são objeto de especial cuidado por parte do fiel e do grupo: elas como que participam do absoluto da própria fé religiosa e o estendem a posições políticas, científicas, culturais etc.

Neste estudo, examinaremos certos pressupostos e posições tomadas por parte de um determinado tipo de católicos, que participa ativamente de uma comunidade do Orkut, denominada precisamente “Católicos”, e uns poucos exemplos de como se dão algumas representações sociais nesse Grupo (grafamos com inicial maiúscula quando nos referimos ao Grupo, à Comunidade, aos Moderadores concretos que estamos examinando neste estudo).

Certamente não é nosso interesse fazer uma análise da Comunidade em si nem pretender que haja homogeneidade em seus mais de cem mil membros. E mesmo no Grupo, como que um tipo ideal (para efeitos deste artigo), não pressupomos absoluta uniformidade de posições, mas valemo-nos das postagens para efeitos de delimitação e de disponibilidade de material concreto.

Cabe aqui a consideração das análises de Moscovici (que se aplicam potenciadas no caso da profissão do catolicismo que se estende a toda uma visão de sociedade):

É por isso que a religião se justifica, que ela justifica e ressalta a sociedade aos olhos de todos. Mas, e insisto nesse ponto, se ela cimenta a vida dos homens, não é enquanto conjunto de crenças, pelo contrário, é enquanto pertencimento interior e participação em uma coletividade. Ela garante a seus membros um afluxo de vida. Exalta o ardor e o entusiasmo de que cada um necessita para continuar sua tarefa. O crente não apenas sabe coisas que o descrente ignora, ele pode também fazer melhor. Ele se sente cercado por forças superiores que o dominam e o apoiam, e participa da

superioridade delas. Acredita poder vencer as dificuldades da existência, imprimir suas vontades ao mundo e fazê-lo responder a seus desejos. “As provações da existência encontram nele mais força de resistência; ele é capaz de coisas maiores e o prova por sua conduta. É essa influência dinamogênica da religião que explica sua perenidade” (Durkheim). E é por meio dela que a sociedade transmite aos indivíduos que a compõem uma parte de sua onipotência e de sua personalidade. Uma parcela de sua aura brilha através de cada um (MOSCOVICI, 2011, p. 68).

E prossegue nesta mesma obra, cujo título original é *La machine a faire de dieux*:

“Desse modo [conclui com justeza Raymond Aron], se o culto se dirige às sociedades, existem apenas religiões tribais e nacionais. Nesse caso, a essência da religião seria inspirar aos homens um apego fanático a grupos parciais e consagrar o apego de cada um à coletividade e, ao mesmo tempo, a sua hostilidade aos outros”. Portanto, nenhuma religião é de amor sem ser de ódio.

A menos que existam algumas de um gênero inteiramente diferente, surgidas ao longo da história. Religiões que não tivessem como vocação conservar a sociedade e lhe conferir um poder extraordinário sobre os indivíduos (MOSCOVICI, 2011, p. 69).

Naturalmente, esse sentimento de pertencimento em grupos com pretensões de totalidade da religião convida à exclusão e ao desprezo dos demais, afinal, considerados cristãos inconsequentes, de segunda categoria e – mais não seja pelo pecado de omissão –, colaboracionistas com os inimigos de Deus. Em contrapartida, fomenta uma solidariedade, uma fraternidade dos que conjugam o “nós” no sentido de “nós outros” (em oposição ao resto), nós, os iluminados, os de Deus... Para essas comunidades, especialmente, valem as considerações de Moscovici:

Os universos consensuais são locais onde todos querem sentir-se em casa, a salvo de qualquer risco, atrito ou conflito. Tudo o que é dito ou feito ali apenas confirma as crenças e as interpretações adquiridas, corrobora, mais do que contradiz, a tradição (MOSCOVICI, 2011, p. 54).

Um membro que não tenha especial brilho nos âmbitos profissional ou familiar considera-se agora – pela adesão à coletividade e sua dinâmica de representações sociais – um iluminado, defensor dos direitos de Deus, membro de elite (ou da tropa de elite...) da Igreja, muito acima dos fiéis “normais”.

Não subestimemos o valor que, para ele, pode ter uma palavra de aprovação, uma piscadela de cumplicidade ou um tapinha nas costas, um sorriso de camaradagem, o reconhecimento por parte dos brilhantes líderes do grupo (por vezes brilhantes apenas internamente, na valoração dos membros), ou mesmo do líder máximo, o guru que essas coletividades costumam venerar. E tudo isto contando pontos diante de Deus...

“Catolicismos” e o “*catolicismo insaciable*”

Ao contrário dos católicos comuns, que deixam ampla margem para o mundo seguir seu curso, há grupos que pretendem ordenar “catolicamente” amplos setores do social. É a esse afã que o grande filósofo espanhol Julián Marías (ele mesmo um católico exemplar, que integrou durante anos o Pontifício Conselho de Cultura de João Paulo II) denomina “*catolicismo insaciable*”, expressão por ele cunhada em 1952, em plena ditadura confessional do franquismo (naturalmente, o fenômeno não se restringe a essa circunstância histórica). Após enumerar dezenas de imposições concretas desses “insaciáveis” – que impunham opiniões políticas, estéticas, pedagógicas, filosóficas com força de dogma religioso – Marías conclui:

Tudo isto procede de um espírito, frequente em nosso catolicismo espanhol mas que não tem nada que ver com o catolicismo como tal, que se poderia chamar de “insaciabilidade”. Há na Espanha excessivas pessoas que não se contentam com que alguém seja católico; não lhes basta que se creia nos artigos da fé, que se recebam os sacramentos e que se cumpra, na medida do possível, o Decálogo¹⁴⁸” (MARÍAS, 1998, p. 51).

Não se contentam com o Credo, os sacramentos e os mandamentos: são insaciáveis! Além disso, prossegue Marías, é necessário opinar que o único catolicismo autêntico é o deles, bem como adotar certas posições políticas, com as quais não se sentem solidários católicos de outros países; e ainda crer em uma série de “dogmas” que nada têm que ver com o catolicismo. Instala-se, assim, um “sistema de exclusões”, que deixa de fora quem não professa esse “catecismo” e acaba causando enorme mal para a própria Igreja:

Tudo isto é muito grave. No âmbito religioso, se se tem fé viva e um pouco de clareza intelectual, o risco não é grande. Mas, e as pessoas de fé vacilante? E outras que, fora da fé, sentem seu chamado? Não serão afugentadas por tanta confusão? Será que muitos homens não chegarão a ser católicos ou deixem de ser católicos por conta da soberba de alguns que se acham donos de todas as verdades? (MARÍAS, 1998, p. 53)

Pode acontecer, inclusive, que nesses grupos que consideram a religião o elemento central da sociedade, as representações sociais de pontos políticos ou morais acabem por adquirir, na prática, mais peso do que a própria fé religiosa; e mesmo Deus passe a ser secundário, um suporte para avalizar a ortodoxia de suas representações sociais. Quando se observa, por exemplo, as postagens de um dos militantes do Grupo, Allan, fica-se em dúvida se o mais importante é o absoluto de Deus ou o do trono.

Respondendo a um católico normal que defendia o estado laico, Allan assim se expressa:

Acho que você, pelas asneiras que fala, não sabe que todo Católico deve considerar a Monarquia objetivamente como a melhor forma

¹⁴⁸. Naturalmente, o artigo de Marías, “Dios y el César”, foi censurado na Espanha e só pôde ser publicado, na época, em Buenos Aires.

de Governo (...). E o Estado tem sim todo o direito de utilizar o nome de Deus para justificar uma decisão a favor da Moral e da Fé. Não se engane, todo o poder não emana do povo!¹⁴⁹

É preciso estar atento ao próprio Papa. Sim, há uma adesão incondicional ao Papa e à sua infalibilidade, mas... quando determinado ato do Papa não se ajusta às representações sociais, aí podem ser invocados expedientes explicativos, somente lembrados em situações emergenciais, como, digamos, a de que o Papa “neste caso” agiu como chefe de Estado ou diplomata.

Ou, em situações mais extremas, de que a infalibilidade do Papa não é absoluta e que o próprio apóstolo Pedro errou e foi corrigido por Paulo etc. Ou ainda que a notícia foi deturpada pela imprensa (a mídia, em geral, é vista como tendenciosa contra a Igreja). Ou que razões especiais, misteriosas, justificam tal ato.

Foi assim quando, por exemplo, João Paulo II beijou o Alcorão ou, mais recentemente, quando Bento XVI homenageou Lutero (cfr. p. ex. http://www.youtube.com/watch?v=0dyGM1Y3Ft8&feature=player_embedded). Em qualquer caso, contornado o desagradável episódio, o melhor é esquecer-lo o quanto antes (esses Papas bem que podiam ter ficado quietos...), não permitir que se erija como exemplo (o Alcorão continua sendo abominável e Lutero sempre será um herege execrável) e, sobretudo, manter intactas as representações sociais...

Os casos mais radicais são contemplados no imensamente sugestivo artigo “O fanatismo religioso é um ateísmo”, no qual Gabriel Perissé diagnostica as prioridades inconfessáveis de certos grupos:

O ateísmo reside, disfarçado, atitude secreta, mas ativa, no cerne de todo fanatismo religioso (...) e há algo que os fanáticos não podem dissimular por muito tempo: o seu ateísmo.

Todo fanático religioso termina recriminando a Deus. Impaciente com a bondade divina, chateado com a misericórdia de um Deus não-fanático, o fanático gostaria de criar um novo Deus, à sua imagem e semelhança. Um Deus mais engajado, mais atento, mais preocupado com os desmandos do mundo. (...)

A obra fanática sonha recriar o mundo. Não entende como Deus pode ter sido tão descuidado, deixando tantas heresias proliferarem como moscas. Os fanáticos, reunidos semanalmente, olham para as estatísticas e planejam dar umas férias para Deus tão incompetente.

Já tentaram conversar com Deus. Numa boa. Rezaram longamente, implorando que Deus abrisse os olhos, colocasse um ponto final neste caos. Inutilmente. Deus parece estar brincando de Deus. Não se leva a sério nem leva a sério os seus fiéis servidores.

Por isso, a obra fanática tomou uma decisão histórica. A partir de agora, queira Deus ou não, vamos assumir tudo por aqui. Sem alardes, mas com profissionalismo.

¹⁴⁹. <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=58612&tid=5654533670814512644&na=2&nst=14>. Parece-nos mais adequado indicar os endereços das páginas da Comunidade (acessados em 15/10/11, como todas as demais fontes da Internet) imediatamente após sua citação. Como a Comunidade exclui muitas postagens, gravamos as páginas citadas a título de documentação.

Chegou o momento de pôr ordem no barraco.

Se Deus perdeu a compostura, cabe aos homens de bem assumir o comando. Cabe à obra fanática, a última coisa coerente e bela neste mundo sem rumo, recolocar a humanidade nos trilhos. Se Deus quiser aproveitar a oportunidade, ótimo. Se preferir continuar fingindo que está tudo bem... problema dEle! (PERISSÉ, 2007)

Outra chave para compreender o cristianismo insaciável é seu medo. Suspeitosos, sisudos e patrulhadores por natureza, seus divulgadores acionam o alerta vermelho ante qualquer fenômeno social ou cultural que, pelas suas representações sociais, violam os desígnios de Deus (por exemplo, ainda há poucos anos, diversos setores católicos e evangélicos uniram-se em autêntica cruzada contra Harry Potter, satanizado como se o personagem fosse anticristão). Não estamos longe daquela direita cristã americana, agora tão em alta, que estabelece como exigência essencial que os candidatos sejam “God-fearing men”, tementes a Deus. O que nos faz lembrar uma cena impagável da sitcom “Everybody Loves Raymond”. Ray, ajudando Robert a pedir a mão da noiva, Amy, a seus pais fundamentalistas, indagado se eles (a família Barone) são tementes a Deus, responde com o bom humor de um católico normal: “Tementes a Deus? Vamos à missa todos os domingos. Todos nós. Somos tementes a Deus: a gente morre de medo! (“Just a formality”, 7ª temporada, ep. 14).

Alcorão 4 x Lucas 12

Guardadas as devidas distâncias (o catolicismo é extremamente estruturado) esses grupos católicos aproximam-se do Islã e de seu ideal de uma sociedade ou mesmo Estado religioso: não é por acaso que fala-se muito em “países muçulmanos”, “países islâmicos” e não em “países cristãos”. Pensando as relações com o mundo nas duas religiões em termos puramente teóricos, há algumas diferenças fundamentais que podem ser significativas para nossa posterior consideração das representações sociais.

Embora muito menos organizado do que o catolicismo, o Islã propende a uma união entre o religioso e o temporal.

Consideremos um caso concreto no qual se manifestam as diferenças entre a visão de Jesus Cristo e a do Alcorão: o problema da herança. Por extraordinária coincidência, esse mesmo problema (para o muçulmano, sob a legislação direta de Allah) é proposto a Cristo. Este, que declara – algo impensável na visão muçulmana – “A César o que é de César; a Deus o que é de Deus” (no Islã não sobra nada para César; tudo é de Allah), recusa-se a estabelecer concretamente os termos da herança.

[Trecho suprimido para evitar repetição]

Claro que os radicais cristãos podem perfeitamente tomar, em forma intocável, semelhante à muçulmana, sua própria revelação bíblica e sempre podem esgrimir, contra a autonomia das realidades temporais, suas interpretações de passagens como

Ele, o Primogênito de toda criatura, porque Nele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra; as visíveis e as invisíveis... tudo foi criado por Ele e para Ele. Ele é antes de tudo e tudo Nele subsiste. Ele é a cabeça da Igreja, que é o seu Corpo. Ele é o Princípio, o Primogênito,

que tem em tudo a primazia, pois Nele aprovou a Deus reconciliar por Ele e para Ele todos os seres, os da terra e os dos Céus, realizando a paz pelo sangue da Sua Cruz (Cl 1, 15 e ss.)

ou

Pois a criação em expectativa anseia pela manifestação dos filhos de Deus (...) na esperança de ela também ser libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus. Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente (Rm 8, 19 e ss.)

Representações Sociais na Comunidade Católicos

No site do Orkut, está a comunidade Católicos (<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=58612>), criada em 12/05/2004 e que contava, em outubro de 2011, com cerca de 120 mil membros e 10 moderadores.

Diferentemente de diversas comunidades de católicos do Orkut, que se dedicam a devoções, pedidos de oração ou a conversas paroquiais ou diocesanas, a Católicos se propõe balizar intelectualmente a visão católica da sociedade, defender racionalmente a Igreja, esclarecer os católicos ante os mal-entendidos e criar laços entre os irmãos. Em suas próprias palavras de apresentação:

São Pedro diz que devemos estar prontos para dar as razões da nossa esperança a quem nos perguntar (1Pe 3,15) e, em um mundo onde os ataques à Igreja Católica são cada vez maiores, precisamos saber responder com serenidade e firmeza, para desfazer os mal-entendidos e demonstrar as falácias dos argumentos anticatólicos.

No entanto, essa comunidade também tem a finalidade de criar fortes laços entre seus membros, para que possam estar rezando uns pelos outros e criando amizades sadias e sólidas.

Na prática da Comunidade, percebe-se claramente que os “falaciosos argumentos anticatólicos” não se referem só a imutáveis dogmas (Deus Uno e Trino, presença de Cristo na Eucaristia, a virgindade de Maria etc.), mas inclui muitos temas que outros católicos consideram opináveis.

Uma boa amostra do tipo de catolicismo professado pelo Grupo que rege a Comunidade é dada pelos números de algumas das enquetes:

“Vocês acham que os padres deveriam usar batina?”

A resposta Sim obteve 311 votos, 84%.

“Católico vota contra a Igreja Católica? (Como Católico, você votará no PT mesmo sabendo que ele quer acabar com a Igreja Católica?)”

Dentre as várias alternativas, a resposta: “Não!!! Sou Católico Apostólico Romano!!!” obteve 186 votos, 60%.

“Você acha ser necessário esclarecer mais aos fiéis sobre o inferno, o diabo e o pecado?”

As duas alternativas “Sim” obtiveram, somadas, 237 votos, 93%.

Já na enquete “A melhor forma de governo pro Brasil é: ...”, a alternativa “Governo Papal (“Entreguemos o Brasil ao Vaticano)” recebeu 62 votos (35%).

Não estamos longe daqueles “universos consensuais, a salvo de qualquer risco” de que falava Moscovici. Sob a proteção de um emaranhado de regras e a atenta vigilância dos Moderadores, sempre prontos a censurar e a expulsar os transgressores, qualquer posição extrema do Grupo é benevolmente recebida, enquanto os “outros” são tratados com dureza.

Assim, bastou um membro (católico praticante) criar um tópico “Lula não é abortista” (orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=58612&tid=2487730201284166569&kw) com uma postagem serena, para o Moderador Rodolfo imediatamente retaliar: “Essa defesa de um governo corrupto aqui nessa comunidade parece-me terrivelmente descabida”. Já quando um do Grupo abre um tópico “Pelo fim do Estado laico”, Allan, um dos mais ativos militantes do Grupo pode, sem nenhum incômodo, proclamar simplesmente: “Que voltem as Monarquias confessionalmente Católicas, já!” e em outro post (já citado), também sem nenhuma explicação, repreender a um que se atrevia a argumentar contra a Monarquia: “Acho que você, pelas asneiras que fala, não sabe que todo Católico deve considerar a Monarquia objetivamente como a melhor forma de Governo”.

Naturalmente, nestes casos, não é aplicada a regra da Comunidade:

“deve-se evitar o argumento ad hominem, o que inclui usar estereótipos como ‘você é isso, você é aquilo’ – ainda que a pessoa efetivamente o seja, é melhor desmontar seus argumentos.”

Outro episódio ilustrativo. Em 29/09/11, Danilo Gentili entrevistou, em seu programa “Agora é Tarde”, Ricardo Boechat, o âncora do “Jornal da Band”. No final, pediu que Boechat noticiasse o apocalipse, com o seguinte tele-prompt:

“E atenção: Jesus acaba de chegar à Terra. De acordo com especialistas, esta é a segunda vez que o fenômeno acontece. Por conta do evento inesperado, o Governo Federal decretou ponto facultativo. Portanto, as escolas e repartições públicas não funcionarão amanhã para o Juízo Final. Os médicos recomendam que as pessoas vistam roupas leves, bebam bastante água e evitem alimentos gordurosos. O Vaticano pede que todos mantenham a calma e também informou que os lugares perto do palco já estão esgotados. Boa sorte e salve-se quem puder.”

(www.youtube.com/watch?v=qVlo0DTsJzs&feature=related).

O efeito foi hilariante e não houve, para nenhum bom católico corrente, nenhuma irreverência, mas apenas uma piada genial. Na Comunidade, porém, logo houve um tópico a respeito “Humor ou desrespeito a Jesus??”, que começou assim:

Marcos: Isso é um desrespeito muito grande com o nosso senhor Jesus Cristo!

Eder: Esse cara não deve ter religião e nem saber o que é isso, é um imbecil inconsequente que não respeita nada e um dia vai ter que prestar contas a Deus.

Antonio: Esse jornalista é Ateu! E O PROGRAMA É DO ANTICRISTO

[E para os que se atreveram a dizer que era apenas humor e não blasfêmia:]

Antonio: Vocês de cima [das postagens anteriores] nem parece que são cristãos católicos. Nenhum denuncia esse jornalista estão fazendo, só ficam assistindo TV achando que tudo é normal. É humor pra eles e desrespeito para nós que somos cristãos. A Band nem precisa falar né? Ai o Ricardo foi nesse programa e pediram ele para ler aquilo, ele como um ateu, não si (sic) importou e apenas leu. O que eles querem é banalizar o assunto para ficar cada vez mais desacreditável (sic).

<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=58612&tid=5660441861949208365>

O dono e os Moderadores (que, como se sabe, podem suprimir mensagens e expulsar membros), junto com algumas poucas dezenas de outros participantes, mostram certo consenso sobre os temas e a “correta” posição católica sobre o tema. Os demais membros que postam e opinam, relativamente poucos, são, com frequência, censurados (muitas páginas de tópicos ostentam o aviso do Orkut: “Algumas respostas nesta página foram excluídas ou estão sob revisão”) e, por vezes, excluídos da Comunidade.

Para os critérios de participação, há um tópico do dono, com link na Descrição: “Regras da Comunidade” (com 7 páginas e 104 postagens...). Já no começo da enumeração das regras, um membro não alinhado e proibido pelo Dono de tratar do assunto maçonaria (sob pena de expulsão) pergunta:

Eu gostaria de saber se posso ficar na comunidade e falar sobre qualquer assunto menos maçonaria? Já me desgastei e me nego a continuar a falar sobre o assunto, e gostaria de ser respeitado por ter esta opinião, é possível?

(<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=58612&tid=5261492537130392310&na=3&nst=11&nid=58612-5261492537130392310-5262426649570027792>)

Um membro do Grupo, Pedro, responde imediatamente:

“Que opinião? A Igreja já deixou mais do [que] clara a condenação à maçonaria!”

Na verdade, desde o Concílio Vaticano II e o novo Código de Direito Canônico (de 1983, que sequer menciona nominalmente a maçonaria), a Igreja tem atenuado as formas de condenação (já não há mais a excomunhão *ipso facto*, vigente ainda no Código de 1917, para o católico que se inscreva na maçonaria) e mesmo o insuspeito D. Eugênio Salles chega a afirmar: “quem a elas [associações maçônicas] se associar de boa fé e ignorando penalidades, não pecou gravemente.” Afinal, o mundo, a maçonaria

e a Igreja não são mais os mesmos de 1738, quando o papa Clemente XII condenou a instituição. (<http://catolicosconservadores.wordpress.com/2011/06/09/a-igreja-e-a-maconaria-por-d-eugenio-sales/>)

Mas na discussão temática sobre a maçonaria, que gerou a ameaça ao dissidente Peter, a Moderadora Ana Maria, em seus posts limita-se a longas citações de Leão XIII (!) para concluir:

“Não existe reconhecimento pela Igreja, muito pelo contrário, existe condenação explícita...” e interpela o dissidente, insinuando motivações escusas em seu interesse pela maçonaria: “Escolha: Cristo ou os homens e os bens.” (<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=58612&tid=1662093&kw=ma%C3%A7onaria&na=3&nst=31&nid=58612-1662093-5291475772545537776>).

Postar uma citação anacrônica e descabida não intimida a Moderadora: ela se sabe amparada pelo Grupo e seu poder de censura. Pode-se, assim, ajudar à representação social que o Grupo constrói da Maçonaria. Se, em um caso normal, isto já é uma aspiração significativa (como mostra Moscovici, citado a seguir), no caso desse Grupo há a motivação adicional de colaborar com essa obra de Deus.

O conhecimento penetra no “mundo da conversação”, prosseguindo as permutas verbais depois de certo tempo. Uma frase, um enigma, uma teoria, apanhados no ar, aguçam a curiosidade, prendem a atenção. Fragmentos de diálogo, leituras descontínuas, expressões ouvidas algures retornam ao espírito dos interlocutores, misturam-se às suas impressões; brotam as recordações, as experiências comuns apossam-se delas. Graças a esses falatórios, não só as informações são transmitidas e os hábitos do grupo confirmados, mas cada um adquire uma competência enciclopédica acerca do que é objeto da discussão. À medida que a conversa coletiva progride, a elocução regulariza-se, as expressões ganham em precisão. As atitudes ordenam-se, os valores tomam seus lugares, a sociedade começa a ser habitada por novas frases e visões. E cada um fica ávido por transmitir o seu saber e conservar um lugar no círculo de atenção que rodeia aqueles que “estão ao corrente”, cada um documenta-se aqui e ali para continuar “no páreo” (MOSCOVICI, 1978, p. 53).

A “Ciência” em defesa da fé e da moral: as representações sociais

Deixando de lado as representações sociais de temas clássicos da apologética (defesa da Igreja nos casos da Inquisição, Cruzadas, Galileu etc., disponíveis para quem acionar o buscador do fórum da Comunidade), vamos examinar um par de temas mais originais.

Como vimos, o objetivo da Comunidade é proporcionar argumentação racional para os católicos “em um mundo onde os ataques à Igreja Católica são cada vez maiores”.

Assim, por exemplo, ao propor a educação separada dos sexos nas escolas (propugnada por alguns grupos radicais católicos), isso não é apresentado como uma configuração de tipo religioso (que, por exemplo, facilita a prática da castidade e o proselitismo das instituições católicas que dirigem ou inspiram essas escolas: Legionários de Cristo, Arautos do Evangelho, Opus Dei etc.). É necessário apresentar as coisas como puramente científicas: “A escola não-mista foi alvo dos moderninhos, mas recentemente, alguns estão se convencendo de que é o melhor modelo. Mulheres e homens amadurecem de modos distintos e em idades distintas”, diz o Moderador Rafael. “A educação separada é apenas para acompanhar as diferenças entre meninos e meninas. Todos sabemos que meninos e meninas apresentam um ritmo diferente, por isso a educação rende mais, fica mais homogênea”, posta Karina. (www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=58612&tid=2530505324646792979&kw)

[Trecho suprimido]

Considerações finais

Ao longo deste artigo, procuramos caracterizar o espírito religioso que pretende informar a sociedade como um todo e vimos que essa é uma tendência que, em termos abstratos, seria mais adequada ao Islã do que ao cristianismo. Detivemo-nos um pouco mais no “catolicismo insaciável” e procuramos relacionar algumas observações de Moscovici a representações sociais de um Grupo de uma comunidade orkutiana (a bem da verdade, não a mais extremista). Faltaria analisar se e como o próprio meio – rede de comunicações na Internet – afeta as representações sociais nele construídas. Mas isto já comportaria um novo estudo.

Referências

MARÍAS, J. **Sobre el Cristianismo**. Barcelona: Planeta, 1998

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

PERISSÉ, G. O fanatismo religioso é um ateísmo. In: **Correio da Cidadania** 04/09/2007. Disponível em: <http://www.correiocidadania.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=809:perisse040907&catid=18:gabriel-perisse&Itemid=95>, acesso em: 21 out. 2011.

Trabalhos de Documentação - Levantamentos em Dicionários

Videtur-Letras 4 <http://www.hottopos.com/> Editores: Instituto de Filosofia de Cuba / EDF-Feusp /
Mandrúvía/ Escola de Escritores / La Habana - São Paulo 2001

Seção Documentação

500 provérbios portugueses antigos

Educação moral, mentalidade e linguagem

Jean Lauand

O livro dos provérbios de Antonio Delicado

Na Biblioteca Municipal Mário de Andrade (São Paulo), encontra-se uma raridade: um exemplar original do livro do *lecenciado* prior Antonio Delicado, *Adagios portuguezes reduzidos a lugares communs*, Lisboa, Officina de Domingos Lopes Rosa, 1651. A obra recolhe cerca de 4000 provérbios¹⁵⁰, (a grande maioria, populares), “*reduzidos a lugares communs*”, isto é, agrupados em capítulos¹⁵¹.

Neste estudo, apresentaremos uma seleção de 500 desses provérbios¹⁵². Os numerados de 035 a 265 pareceram-nos mais significativos para os temas da mentalidade, da educação moral, da sátira dos vícios e para o estudo da linguagem da época.

O autor aponta, em breve prefácio, as razões que o levaram a realizar sua coletânea: “os adagios são as mais aprovadas sentenças que a experiência achou nas acçoens humanas, ditas em breves e elegantes palavras”, um tesouro não só de sabedoria moral, mas também de “todas as artes & sciencias”. Trata-se, pois, de fazer, para Portugal, o mesmo trabalho com provérbios, que muitos autores estrangeiros da época estavam empreendendo, para diversos países da Europa¹⁵³. Delicado encerra seu prólogo, dizendo que introduz uma novidade, a de “reduzir” as sentenças a “lugares communs”¹⁵⁴: para facilitar a consulta e o uso (“...para ornamento da nossa lingua Portugueza e boa doutrina moral, que a todos os estados pertence”).

(150) Este artigo foi originalmente publicado em *Oriente & Ocidente* 9, São Paulo, CEAr - FFLCHUSP. Seguindo o uso comum (e também o do próprio Delicado), não distinguiremos “provérbio” de “adágio”; como se este (como pretende, por exemplo, Batalha) fosse popular; enquanto aquele, teria aspecto de frase clássica, colhido em antigas coleções religiosas ou filosóficas (BATALHA, Ladislau *História Geral dos adágios portugueses*, Paris-Lisboa, Livrarias Aillaud e Bertrand, 1924, Prefácio).

(151) Sessenta, em ordem alfabética: de *Afeiçam a Uzo* e um apêndice sobre os meses do ano.

(152) Por serem, em geral, compreensíveis para o leitor de hoje e visando preservar seu sabor original, mantivemos - permitindo-nos apenas algumas mínimas alterações - a grafia da época, que, aliás, não é uniforme: aparecem, por exemplo, as formas: “nã” e “nam”; “grão” e “gram”; “mulher” e “molher”; “pera e “para” etc. Para tornar o texto mais leve, suprimimos vírgulas antes do “e”; substituímos “he” por “é”; o acento grave, pelo agudo; grafamos i e u, respectivamente, em lugar de j e v e acrescentamos o hífen em formas enclíticas (por exemplo, em vez de “Darlheam e darnosha e darvolohemos”, grafamos “Dar-lhe-am e dar-nos-há e dar-vo-lo-hemos”).

(153) “Pello que, vendo eu, que sendo a lingua Portugueza não menos abundante destas sentenças, que todas as outras da Europa, me dispuz a colligir de varios exemplares esta pequena obra. Bem sei que pudera ser o numero muito mayor; mas eu escolhi somente aquelles, que pera a decencia e validade publica me pareceram mais aprovados”.

(154) Pelas diferenças de concepção e de linguagem (e pelos critérios pessoais de Delicado), o leitor contemporâneo talvez estranhe um ou outro título e, sobretudo, certas inclusões como a do provérbio “Nam crie cam, quem lhe nam sobeje (sobre) pam” no capítulo “*Caça*” ou a de “Da mão à bocca se perde a soppa”, no título “*Cazamento*”... Dentro de cada lugar comum, Delicado ordena os provérbios alfabeticamente.

Permanência/diversidade: a natureza humana apreendida nos provérbios

Recolhendo o saber popular, o livro é um documento que nos dá preciosas informações sobre Portugal (e, por extensão, sobre o Brasil) da época: o homem em sua existência quotidiana, as condições de vida, o sensato e o ridículo, as alegrias e as tristezas, as grandezas e as misérias, a realidade e os sonhos, a objetividade e os preconceitos... Mas não se trata só de interesse histórico (ou arqueológico...): mais do que qualquer outra expressão literária, os provérbios têm, frequentemente, o dom de incidir sobre aquele núcleo permanente, atemporal da realidade do homem. E daí decorre sua perene atualidade.

Demasiadamente impressionados por sociologismos, relativismos e historicismos, nós tendemos à incompreensão de épocas passadas e a pensar que somos muito originais, quando, na verdade, o que realmente ressalta dos estudos históricos e antropológicos é não a diferença, mas a identidade. Para além das concretas formas históricas¹⁵⁵, está lá o mesmo homem, com suas grandezas e mediocridades... Já há séculos, a sabedoria popular lusitana advertia:

001. “Tais somos nós, tais sereis vós”¹⁵⁶.

O mesmo homem, por vezes decifrado em provérbios geniais. Por mais diversas que sejam as épocas, as latitudes ou as tribos, sempre encontraremos, essencialmente, pesadas críticas e ironias contra o egoísmo, a avareza, a inveja, a pequenez etc. e - invariavelmente também - o louvor da generosidade, da sinceridade, da grandeza, da lealdade etc. São fatos constantes em **todas** as culturas.

Precisamente a consciência dessas permanências, de que nós (apesar de nossa ilusão de progresso linear) não somos tão diferentes e “evoluídos” quanto pensávamos, talvez seja uma das principais contribuições que o leitor de hoje pode receber da obra de Delicado.

Provérbios e educação moral

Essa contribuição afeta diversas ordens. Antes de tratar do tema da permanência da linguagem, importa destacar, no contexto deste livro, a educação moral. Quando se tem em conta que a educação - mais do que no âmbito oficial da escola - exerce-se na interação social informal e que a moral pressupõe, antes e acima de tudo, conhecimento sobre o ser do homem, torna-se imediatamente evidente que a tradição viva de provérbios populares é poderosa instância de educação moral (que, naturalmente, valerá o que valerem os conteúdos veiculados...).

No caso, essa educação se faz, antes de mais nada, pela possibilidade de circunscrever, de configurar uma atitude que passaria despercebida, se os provérbios não chamassem a atenção para ela: especialmente para a educação moral vale a intuição contida na acumulação semântica da palavra castelhana *enseñar*: ensinar e mostrar! Há, portanto, parece-nos, uma co-relação entre a desorientação moral contemporânea ocidental e o desenraizamento das tradições proverbiais. E Delicado tem razão, quando indica o alcance educativo dos provérbios: “pera boa doutrina moral, que

(155) E dos cacoetes, viseiras e preconceitos coletivos de cada época.

(156) Incluído no *lugar comum* “Filhos”.

a todos pertence”. Uma observação particularmente pertinente para o Brasil de hoje, carente de referenciais comuns: no campo da realidade e no da linguagem.

Nesse sentido, o Oriente, mais arraigado na tradição oral, recebe mais amplamente seus benefícios. Como dissemos alhures: “Precisamente um dos mais graves problemas culturais do Ocidente, hoje, é a ausência de referencial comum, duradouro e universal. Já não há, para nós, clássicos: nem Homero, nem a Bíblia, nem provérbios... (...). Já o oriental acha-se respaldado, em segurança, sob a proteção da verdade de um passado milenar que ele aceita, que lhe é próprio, que o norteia, que o ampara e não o deixa entregue à perplexidade de quem está num mundo, onde tudo é vivido por primeira vez, sem raízes; que lhe é impertinente”¹⁵⁷. Para um antigo, era evidente que o comum, o social e o próprio Estado dizia-lhe respeito:

002. “Por teu Rey pelejaste (lutaste), tua casa guardaste”.

Hoje, o que pode motivar um brasileiro a abdicar de seu individualismo? A educação moral é tarefa tão difícil quanto urgente numa época - sob a égide da “lei do oportunismo” - em que a linguagem viva já não dispõe sequer de nomes para as virtudes (nem para os vícios...) em que, quase se pode aplicar a toda uma sociedade o diagnóstico que os contemporâneos de Delicado aplicavam a um ou outro indivíduo:

003. “Onde nam ha honra, nam ha desonra”¹⁵⁸.

Permanência/diversidade: a linguagem comum nos provérbios

Muito mais do que à primeira vista poderia parecer, até a linguagem comum de hoje continua marcada por modos de falar e expressões muito antigas. Naturalmente, em alguns casos, seu significado pode ter-se tornado, para nós, um tanto opaco; seu emprego, formal e mecânico: precisamente pela desvinculação do contexto proverbial que lhes dava plenitude de sentido¹⁵⁹.

Daí que um dos mais interessantes efeitos do contato com essas sentenças do Portugal de há séculos, seja o resgate da formulação original de modos de dizer que ainda hoje continuam na boca do povo, mas sem a transparência e a viveza com que surgiram. E encontramos dezenas de expressões - *Apêndice I* (provérbios 266 a 315) - que continuamos usando, por vezes sem a força da formulação completa - o contexto dado por antigos provérbios - com que surgiram. É o caso de: “dor de cotovelo”, “morrer na praia”, “a torto e a direito”, “dar no pé”, “casa da sogra” e “outros baratos”...

Noutros casos - destacados no *Apêndice II*, provérbios 316 a 399 - chegou a nós o provérbio completo. Como por exemplo: “Gatto escaldado, da agua fria ha medo” e “Gram e gram enche a galinha o papo”.

(157) L.J.L. e A. R. Hanania *Oriente & Ocidente: Língua e Mentalidade*, São Paulo, FFLCHUSP, 1993, pp. 26-27

(158) No Brasil de hoje, o horizonte moral está se estreitando a tal ponto que as novas “virtudes” giram em torno do conceito de “esperto” e as novas “desonras”, em torno de “trouxa”...

(159) Este desgaste das palavras e das expressões - ao sabor do esquecimento e da “lei do mínimo esforço” - é um fenômeno tristemente comum na evolução da linguagem.

A apreciação da linguagem e da cultura popular da época pode se ampliar no *Apêndice III*, onde apresentamos uma amostra de outros *Adágios portugueses* (provérbios 400 a 504), seguindo os “lugares communs” estabelecidos pelo próprio Delicado.

Influências de outras culturas

A maior parte dos provérbios colhidos por Delicado são genuinamente portugueses (alguns de séculos anteriores). E isto se evidencia pelo tom, pelo léxico, pela rima - “Com latim, rocim e florim, andarás mandarim” (cultura, cavalo e dinheiro é que dão *status*); veja-se também, p. ex., 225 e 226 - ou por conterem observações, necessariamente regionais, sobre o clima e a agricultura (época de plantio ou da colheita, associadas a datas de festas de santos etc.), como:

004. “Por Sam Clemente (dia 23 de novembro) alça a mam da semente”.

Outros provérbios são importados, tradução/adaptação de provérbios latinos, árabes, franceses etc. Da tradição literária latina, procedem, entre outros:

005. “Afeiçam, cega a razam” - Paralelo ao *Amantes amantes* de Terêncio¹⁶⁰

006. “Amor, dinheiro e cuidado nam está dissimulado” ou

007. “Amor, fogo e tosse a seu dono descobre”. Ajunta “fogo”, “dinheiro” e “preocupações” à clássica enumeração das realidades que não é possível esconder: *Amor tussique non caelatur* (Ovídio).

008. “Cada cabelo faz sua sombra na terra” - *Etiam capillus unus habet umbram suam* (P. Siro).

009. “Huma mam lava a outra e ambas o rosto” - Retoma o clássico: *Manus manum lavat* (Petrônio).

010. “Qual cabeça, tal sizo” - *Tot capita, tot sententiae*.

011. “Quem dá logo, dá duas vezes” - *Bis dat qui dat celeriter* (Sêneca).

012. “Quem do escorpiam está picado, a sombra o espanta” - Este provérbio e os semelhantes (“Gatto escaldado...” ou “Gatto a quem morde a cobra...”) retomam Ovídio: *Tranquillas etiam naufragus horret aquas*, “O náufrago tem medo até de águas calmas”.

013. “Voz do povo, voz de Deos” - *Vox Populi, vox Dei*. Etc.

Particularmente importante é a influência de Espanha¹⁶¹. Muitos provérbios denunciam sua origem espanhola quando, retraduzindo-se para o castelhano, se

(160) Extraímos os provérbios latinos da coletânea de L. De-Mauri *Flores Sententiarum* Milano, ed. Hoepli, 1926.

(161) Como diz Dulce de Faria Paiva: “O bilinguismo predominou dos meados do séc. XV à primeira metade do Séc. XVII, em virtude do estreitamento cada vez maior das relações políticas, sociais e culturais entre Portugal e Castela. A supremacia hispânica alcançou tal importância, que o castelhano, falado e escrito, era usado como segunda língua, não só pelos aristocratas, mas também pelas pessoas cultas e letradas de Portugal” - *História da língua portuguesa II - Século XV e meados do século XVII*, S. Paulo, Ática, 1988, p. 29.

recupera a rima, inexistente na versão portuguesa. Muitas vezes, perde-se a rima (e, com ela, parte da graça do provérbio), mas não se fazem concessões a estrangeirices¹⁶². Assim Delicado registra:

014. “Medicos de Valença, grandes fraldas, pouca Sciencia”¹⁶³.
015. “Amizade de genro, sol de inverno (não aquece...)” (cast.: *verno/invierno*).
016. “Avicena e Galeno¹⁶⁴ trazem a minha casa o bem alheo” (cast.: *Galeno/ajeno*).
017. “Minha filha Tareja, hum diabo a toma, outro a deixa” (cast.: *Tareja/deja*)¹⁶⁵.
018. “Quem tem ovelhas, tem pelejas” (cast.: *ovejas/pelejas*).
019. “Ao homem mayor (maduro, idoso), da-lhe honra” (cast.: *mayor/honra*).
020. “Quem bem está e mal escolhe, por mal que lhe venha nam se anoje (aborreça, reclame)” (cast.: *escoge/enoje*).

A influência árabe

A influência árabe (com sua multi-secular presença na Península) é visível em muitos planos, para além da mera tradução de diversos enunciados procedentes do patrimônio sapiencial oriental.

Não percamos de vista o fato de que o sistema língua/pensamento árabe encontra sua adequada tradução, precisamente no provérbio. A propósito, recolhemos aqui, sinteticamente, algumas teses que desenvolvemos alhures¹⁶⁶:

- O provérbio (tal como a língua árabe) tende à associação imediata de imagens¹⁶⁷, tal como em:

021. “Desejo de doente, vista de barbeiro, serviço de mulher”. Ou, no há pouco mencionado,
022. “Amizade de genro, sol de inverno” (vide 216, 428 etc.).

- A expressão, tão típica dos provérbios, por frase nominal - uma opção para o Ocidente - é uma imposição das línguas semíticas.

(162) Ainda hoje, o brasileiro (desenraizado também linguisticamente) dá boas risadas quando constata a aversão lusitana à adoção de estrangeirismos. E faz piada, dizendo que em Portugal *trailer* é “atrelado”, *rally* é “prova de regularidade” e *happy hour* é “hora d’alegria”...

(163) Proferido em sua língua materna, o nome da cidade, *Valencia*, rimaria com *sciencia*, e produziria o mesmo efeito do original castelhano: “*Médicos de Valencia: largas haldas y poca ciencia*”.

(164) Avicena e Galeno personificam a medicina... José María Sbarbi em seu *Gran Diccionario de Refranes de la Lengua Española*, Buenos Aires, Ed. J. Gil, 1943, explica que é o comentário do médico, que enriquece com sua ciência.

(165) Há, em todas as línguas, enunciados rimados com nomes de pessoas, como o nosso “Mateus, primeiro os teus” (já o velho Chacrinha brincava: “Alo, Sofia, como é que vai tua tia?”). E Delicado também apresenta o “Martinho” que o que quer é “sopas de vinho”, o “Gonçalo” que não canta de “gallo” etc. Mas, apesar da extrema variedade dos nomes próprios, não se adaptou ao português este agudo provérbio (que tanto lembra o verso de “Mãe, eu quero”: “Eu tenho uma irmã que se chama Ana / De tanto piscar olho já ficou sem a pestana”). Para estabelecer um paralelo, se os espanhóis quisessem apropriar-se da nossa fórmula de Mateus, melhor seria, digamos, “Herrero, los tuyos primero” e não “Mateus, primero los tuyos” (?).

(166) No já citado *Oriente & Occidente: Língua e Mentalidade*.

(167) Mais característico do Ocidente é o uso de conceitos abstratos.

- Provérbios remetem à experiência, ao passado. Nesse sentido, destaquemos um fato mental e gramatical, à primeira vista surpreendente: em certos contextos (e, notadamente, no dos provérbios), o árabe vale-se do passado até para expressar o futuro! De fato, como diz Jamil A. Haddad, a visão árabe de mundo está envolta num multifacético infinito que “remete à noção de tempo: o árabe vê o passado como um bloco homogêneo. E vê o futuro como um bloco homogêneo”¹⁶⁸. E o futuro é, para o árabe, determinado pelo passado. E, assim, pode ser expresso em sentenças proverbiais.

Não é por acaso, portanto, que encontramos em Delicado:

023. “Queres ver o por vir, olha o passado” ou

024. “Pello fio tirarás o novello e pello passado o que está por vir”.

E o português acaba imitando formulações árabes em que o futuro (incluído no supra-temporal, fixado pela experiência) é expresso em tempo passado:

025. “Quem sofreo, vençeo” (sentença que o ocidental expressaria, normalmente, em presente ou futuro: “Quem sofre, vence” ou “Quem sofrer, vencerá”).

Antigos preconceitos

Provérbios não condensam só sabedorias, neles há também disfunções: preconceitos (e, portanto, contribuem para a deseducação moral). O mesmo árabe é alvo deles. Assim, o nome do tipo de certas atitudes ridículas é Axa (‘Aisha):

026. “Axa foy ao banho, teve que contar anno”¹⁶⁹ (cast.: *año/baño*).

027. “Axa nam tem que comer, convida hóspedes”. E do “mouro”, se diz:

028. “Em casa do Mouro, nam fales algaravia”¹⁷⁰.

O judeu, o cigano, o mestiço, a mulher¹⁷¹, o negro etc. também não escapam ao desprezo de alguns provérbios:

029. “Da laranja e da molher, o que ella der”.

030. “Inda que somos Negros, gente somos e alma temos”.

031. “Boa fazenda (riqueza) é¹⁷² negros, se nam custassem dinheiro”.

032. “Ao bom cavallo espora e ao bom escravo açoute”.

(168) “Interpretações das Mil e Uma Noites”, *Revista de Estudos Árabes*, FFLCH-USP, Ano I, Nº. 2, 1993, p. 59.

(169) Cabem três sentidos ao provérbio: “Axa tem que contar (computar) um ano entre banho e banho” ou “Axa por ter ido ao banho já tem assunto (contar/ narrar) para um ano” e “O banho de Axa é lento, demora um ano”.

(170) Há, provavelmente, um duplo sentido neste provérbio. Por um lado: “não fale em árabe (“algaravia”) com quem domina essa língua (para que não fique claro seu desconhecimento...)”. Por outro lado, “algaravia” é também discurso “sem pés nem cabeça” ou confusão, algazarra... Como se dissessemos hoje: “Em casa de negro, não digas ‘a coisa ficou preta’” etc.

(171) Não tanto como gostariam as feministas que se comprazem em exagerar a discriminação da mulher no passado... O tema, já na época, é delicado: “Com a molher e dinheiro, nam zombes companheiro”.

(172) Seriam. Neste e noutros provérbios o presente do indicativo toma o lugar do condicional...

033. “A judeo, nem a porco nam mettas no teu horto” (por causa do estrago que farão).

034. “Do sangue misturado... me livre Deos” etc.

O realismo dos fatos

Delicado registra diversas formulações extremamente incisivas¹⁷³ e isto se torna evidente quando o leitor interage com o texto, procurando imaginar situações concretas do quotidiano em que se aplicam. Alguns, especialmente divertidos, expressam - para o bem ou para o mal - um traço cultural: um senso de realidade, a que o português é particularmente sensível: um realismo que beira o cru¹⁷⁴. “C’um saber só de experiências feito”, de “lições” aprendidas no passado, o pragmatismo, o pessimismo e a desconfiança informam as palavras e os provérbios que se tiram do “experto peito” (*Lusíadas* IV, 94). E reciprocamente: os provérbios são poderosos instrumentos para a educação das novas gerações: para ironizar os defeitos e desmistificar ilusões a respeito da realidade e do ser humano.

Assim, materializam-se em sentenças, muitas formas - frequentemente cheias de sarcasmo - de condenar e ridicularizar as atitudes contrárias a esse realismo prosaico. Os provérbios que selecionamos, a seguir, expressam um agudo senso de observação nesse sentido.

Realidade palpável

(Afirmção do “ver com os próprios olhos”, do “pássaro na mão”, do “pés no chão”, do “a vida é assim” do “não dar passo maior do que a perna” e ridicularização da falta de “objetividade”, “das vitórias de Pirro” e dos falsos otimismo).

035. “Andava na egua e perguntava por ella”.

036. “Tenhamos a pata (ou o frango): entam falaremos na salsa”.

037. “Vi hum homem, que vio outro homem, que vio o mar”.

038. “Elles mattaram de nós quatro e nós furtamos-lhe um sacco”.

039. “Alchimia é provada (comprovada): ter renda e nam gastar nada” (Em se tratando de dinheiro, é melhor evitar aventuras mirabolantes...).

040. “Cada hum estenda a perna ate onde tem a cuberta”.

041. “Já tu sabes mais que eu, vai-te buscar tua vida”¹⁷⁵.

042. “Brincai com o asno, dar-vos-ha na barba com o rabo”.

043. “O dado, dado e o vendido, vendido”.

044. “Se esta cotovia matto, tres me faltam para quatro”.

045. “A quinta roda ao carro, nam faz senam embaraçar”.

046. “Nam crie cam, quem lhe nam sobeje pam”.

(173) Muitas delas, curiosamente, não chegaram como linguagem viva a nós, talvez, precisamente, por sua profundidade e sutileza...

(174) Esse “realismo” é, aliás, uma tendência nos provérbios de todas as culturas. No caso de Portugal, é, talvez, mais acentuado.

(175) Já que você não aceita conselhos, assuma as responsabilidades e consequências...

047. “Mais val hum toma, que dous te darei”¹⁷⁶.
048. “Nam busques o figo na ameixeira”.
049. “Quem compra o que nam pode, vende o que nam deve”.
050. “Morto o afilhado, desfeito o compadrado”.
051. “Digo huma e digo outra: quem nam fia, não tem touca”
052. “Abelha e ovelha e a penna detrás da orelha e parte na Igreja, desejava para seu filho a velha”¹⁷⁷.
053. “A essoutra porta, que esta nam se abre”.
054. “Quem quer pescar, há-se de molhar”.
055. “Nam se tomam trutas, às bragas (calças largas de pescadores) enxutas.

Pragmatismo - Política de resultados

056. “Negro é o carvoeiro, branco é o seu dinheiro”.
057. “Onde bem me vay, tenho pay e may”¹⁷⁸.
058. “Cabellos e cantar nam fazem bom enxoval”.
059. “A carne de lobo, dente de cam”.
060. “Mercador fidalgo, nunca o verás medrado (próspero)”.
061. “Antes velha com dinheiro, que moça com cabelo”.
062. “Ahi (aí) te doy (dói), ahi te darei”.

Não se expor - Não “dar bandeira” - “Ficar na sua”...

063. “A pintura e a peleja (briga) de longe se veja”.
064. “Farinha apurada (da boa) nam ta veja sogra, nem cunhada”.
065. “Nam se jais forneira, se tendes a cabeça de manteiga”.
066. “A boda nem batizado, nam vas sem ser convidado”.
067. “Faze boa farinha e não toques bozina” (cast.: *harina/bocina*).
068. “Senta-te em teu lugar, nam te faram levantar”.
069. “Faze-te morto, deixar-te-á o touro”.

(176) Provérbio francês medieval, em uso: *Mieux vaut un tiemn que deux tu l'auras*.

(177) Paralelo ao nosso: “É bebé, mamar na vaca você não quer, né?”

(178) Minha pátria é onde eu ganho dinheiro...

A atitude de “sospeytar o peyor” é impiedosa ao descrever os defeitos e as “verdadeiras” motivações humanas: não se supõem elevados ideais. Afinal, “Isso quer Martinho: sopas de vinho”¹⁷⁹ e, se há algo comum aos doze signos, é o cuidar de si.

Egoísmo - “Eu cuido de mim”

070. “Em tal signo nasci, que mais quero pera mym que pera ty”.

071. “Isso quer Martinho: sopas de vinho”.

072. “Dar-lhe-am e dar-nos-ha e dar-vo-lo-hemos”.

073. “Ir-se-hão os hospedes, comeremos o patto”.

074. “Partamos como irmãos: o meu, meu e o teu de ambos”.

075. “O que reparte, toma a melhor parte”.

076. “Melhor é o meu que o nosso”.

077. “Ande eu quente, ria-se a gente”.

078. “Besta (arma para disparar flechas) de amigo, rija de armar e frouxa de tiro”.

O Avarento (Escaço), Apegos e Cobiça

079. “O avarento por hum real perdeo cento”.

080. “O escaço, por não dar, não quer tomar”.

081. “O escaço cuyda que poupa hum: e gasta quatro”.

082. “O escaço, do real faz seutil (moeda de pouco valor) e o liberal do seutil faz real”.

083. “Ao avaro, tanto lhe falta o que tem, como o que não tem”.

084. “Ao avarento rico, não tem parente, nem amigo”.

085. “Mal se doe o farto e rico do pobre faminto”.

086. “O dinheiro do avarento duas vezes vay a feira”.

087. “Quem muyto pede, muyto fede”.

088. “Minha filha Tareja, quanto vê, tanto deseja”.

089. “Depois de morto, nem vinha nem horto”.

090. “Mao é o rico avarento, mas peyor é o pobre soberbo”.

091. “Dinheiro de onzena (usura) com seu dono come à meza”.

092. “Na arca do avarento, o Diabo já dentro”.

093. “Bem sabe o bom bocado, senam custasse caro”¹⁸⁰.

094. “A cobiça rompe o sacco” (“Quem tudo quer, tudo perde”).

(179) O vulgar prato de pequenos pedaços de pão molhado no vinho representa as motivações prosaicas...

(180) Que saboroso seria se não custasse caro...

095. “Ao Rey pertence usar de franqueza (generosidade), pois tem por certo nam cair em pobreza”.

Inveja

096. “Melhor me parece teu jarro amolgado (machucado) que o meu sam”.

097. “Ao invejoso emmagresce-lhe o rosto e incha-lhe o olho”.

098. “Nem o invejoso medrou (prosperou), nem quem a par delle morou”.

099. “Pouco se estima o que tem quada (cada) vizinha”.

100. “Huma irmam a outra irmam não quer ver mais louçam (vistosa, bela)”¹⁸¹.

101. “Se a inveja fosse tinha, que pez lhe bastaria?”¹⁸².

Desconfiança

102. “A chave na cinta, faz a mim boa e a minha vizinha”.

103. “Na arca aberta: o justo pecca” (A ocasião faz o ladrão).

104. “Fazei-vos mel, comer-vos-ham as moscas”.

105. “Nam me apraz chave, que em muitas portas faz (encaixa)”.

106. “Debaixo do sayal, há al (algo)”.

Dinheiro, Poder e Influência

107. “Manda o amo ao moço; o moço, ao gatto e o gatto ao rabo”.

108. “Tanto val quada hum na praça, quanto val o que tem na caixa”.

109. “Lá vam leys, onde querem Reys”.

110. “A Quaresma e a cadea para pobres é feita”.

111. “Mais val às vezes favor, que justiça nem razam”.

112. “Dinheiro é a medida de todas as cousas”.

113. “Faze por ter, vir-te-am ver”.

114. “Rogos de Rey, mandados sam”.

(181) A inveja se exerce em relação aos que estão próximos.

(182) Refere-se ao tratamento da tinha (doença do couro cabeludo) com pez, resina. Há muitos invejosos dissimulados.

Interesses interesseiros

115. “Bolle (abana) com o rabo o cam, nam por ti senam pello pam”.
116. “Obra do comum, obra de nenhum”¹⁸³.
117. “Cada hum diz da feyra, como lhe vai nella”.
118. “Onde o lobo acha hum cordeiro, busca outro”.

Falar, falar, falar... - Palavras e fatos

119. “Carcarear e nam por (pôr) ovo”.
120. “Mais sam as vozes que as nozes”.
121. “Em linguagens longas, Alcades e pregoeiros”¹⁸⁴.
122. “Quem pouco sabe, azinha o reza”¹⁸⁵.
123. “Depois de beber, cada hum dá seu parecer”.
124. “Porcos com frio e homens com vinho fazem grão ruído”.
125. “Quem faz casa na praça, huns dizem que é alta, outros que é bayxa”.
126. “Quem de vinho falla, sede há (tem)”.
127. “Besteiro que mal atira, prestes (pronta, rápida) tem a mentira”.
128. “A mouro morto, gram lançada”¹⁸⁶.

A Preguiça e suas “desculpas”

129. “Perdi a roqua e o fuso nam acho; tres dias há que lhe ando pelo rasto”¹⁸⁷.
130. “Quando nam tenho vontade de fiar, deito (lanço) o fuso a nadar”.
131. “Quem não quer fazer a cousa, escuza busca”.
132. “Ajuntaram-se seis, pera pezo de tres”.
133. “Com bom sol, se estende (se estira, se “espalha”) o caracol”.
134. “Levantou-se o preguiçoso a varrer a casa e pos-lhe o fogo”.

(183) Ninguém move uma palha senão em interesse próprio...

(184) Já naquele tempo os políticos eram estigmatizados pelos longos discursos vazios.

(185) Quanto menos se sabe, mais e mais rapidamente (azinha) se fala...

(186) Ironiza quem age com grande “valentia”, quando já não há risco...

(187) O fiar - com a roca e o fuso - é atividade principal das mulheres no lar e é mencionado em muitos provérbios, como “May, que cousa é casar? Filha, fiar, parir e chorar”.

135. “Mais custa mal fazer que bem fazer”.

Fingimento, manhas, “indiretas”, verdadeiras motivações

136. “Nam o quero, nam o quero, deita-mo (lance-me-o) neste capello (chapéu)”.

137. “Quando o corsario promete Missas e çera (velas), por mal anda o galiam”.

138. “Nam te direi que te vás, mas far-te-ei obras para isso”.

139. “Quando o Diabo reza, enganar te quer”.

140. “A Cruz nos peitos e o Diabo nos feitos”.

141. “A dor de cabeça minha e as vaccas nossas”.

142. “A ti o digo filha, entende-o tu, nora” (literalmente, uma “indireta”).

143. “Quem troca odre (recipiente portátil) por odre, algum deles é podre”.

144. “A viuva rica com hum olho chora e com outro repica (de alegria, como os sinos)”.

145. “Unhas de gatto e habito (veste) de beato”.

146. “À conta dos ciganos, todos furtamos”¹⁸⁸.

147. “Lgrimas de herdeiros, risos secretos”.

148. “Achaques à sexta feira, pera nam jejuar”¹⁸⁹.

149. “O velho na sua terra e o moço na alhea, sempre mentem de huma maneira”.

150. “Lançar a pedra, esconder a mão”.

151. “Gaba-te cesto, que vender te quero”.

152. “Ainda que vistais a mona (macaca) de seda, mona se queda (permanece)”.

153. “Grande aparato e pequeno recado (cuidado, diligência)”.

154. “O bom vinho escusa pregão”¹⁹⁰.

155. “Jejuai Gallego, que nam ha pam cozido”¹⁹¹.

156. “Quem se empenna sem ter pena, depois se depenna”.

157. “Quem te faz festa, nam soendo (não sendo seu costume) fazer, ou te quer enganar, ou te há mister (precisa de ti)”.

158. “Beija o homem a mão que quisera ver cortada”.

(188) E eles, que já têm a fama, que levem a culpa. Os ciganos eram até mesmo objeto de legislação perseguidora e discriminatória (cfr. BATALHA *História Geral...* p. 226).

(189) A doença dispensa do jejum (obrigatório às sextas-feiras...).

190. Antigo provérbio, tradicional em diversas partes da Europa, que lança suspeitas sobre atitudes exageradamente elogiosas. Ainda hoje diz-se na Alemanha: *Ein guter Wein rühmt sich selbst*. Delicado recolhe também “O bom, por si se gaba”.

(191) Não por piedade religiosa, mas por falta de comida ele “jejua”.

Frequentemente, prescreve-se a desconfiança por princípio, pois o ser humano é, além do mais, incapaz de se emendar:

Incorrigibilidade - “Pau que nasce torto...”

159. “A quem o Demo toma huma vez, sempre lhe fica um geito”.
160. “Nam compres mulla manca cuidando (pensando) que há de sarar nem cases com molher má, cuidando se que há de emendar”.
161. “Castigar velha e espulgar cam, duas doudices sam”.
162. “Quem de trinta nam pode e de quarenta nam sabe e de sincoenta nam tem; nam pode, nem sabe, nem tem”.
163. “Quem jugou, pedio, furtou; jugará, pedirá, furtará”¹⁹².
164. “Quem mas manhas ha (tem), tarde ou nunca as perderá”.
165. “Amigo quebrado, soldará mas não sarará”.
166. “De amigo reconciliado e de caldo requentado, nunca bom bocado”.
167. “O lobo muda a pelle, mas não o vezo”.
168. “O lobo perde os dentes, mas não o costume”.
169. “Ensaboar a cabeça do asno, perda do sabam”.
170. “Galinha nam nasce, que nam esgaravate (cisque)”.
171. “Nam ha geraçam, sem rameira ou ladram”.
172. “Quem de doudice infermou, nunca ou tarde há de sarar”.
173. “Sal vertido (derramado), nunca bem (re) colhido”.
174. “O que no leite se mama, na mortalha se derrama”.
175. “Sobre negregura, nam há hi (aí) tintura” (a cor preta não se deixa tingir).

Esse realismo está a um passo do pessimismo consumado e já, há séculos, tinha formulado:

As “Leis de Murphy”

176. “Eramos trinta, pario nossa avó”¹⁹³.
177. “O dia em que me nam enfeitei, veyo a minha casa quem nam cuidei (imaginava)”.
178. “Quando a velha tem dinheiro, nam tem carne o carniceiro”.

(192) Delicado regista também: “Quem deu dará e quem pedio pedirá”. Segundo Batalha (op. cit., p. 77) daí procede a expressão moderna “ao Deus dará” (“andar ao Deus dará”): “Só por equívoco de sonância aqui entra a palavra Deus, pois o antigo adágio tinha forma e sentido inteiramente diverso”.

(193) Como se não bastassem os múltiplos problemas que já tenho, ainda vem mais um, de onde menos se poderia esperar...

179. “O filho bastardo e mulla, quada dia fazem (“aprontam”) huma”.
180. “Herva má nam lhe empece (não é destruída pela) a giada”.
181. “Hum e nenhum, tudo é hum”¹⁹⁴.
182. “O mal entra às braçadas e sae às polegadas”.
183. “Fuy pera me benzer e quebrei o olho”.
184. “Quem tem doença, abra a bolsa e tenha paciencia”.
185. “Cerejas e más fadas, cuidais tomar poucas e vem-se dobradas”¹⁹⁵.
186. “Manda e descuida, nam se fará cousa nenhuma”.
187. “Manda e faze-o, tirar-te-á cuidado (preocupação)”.
188. “O bem soa e o mal voa”.
189. “Do mal que homem foge, desse morre”.
190. “ Amor louco: eu por ti e tu por outro”.
191. “Hum canivete mesmo, me corta o pam e o dedo”.
192. “Da mão à bocca se perde a soppa”.
193. “Bem venhas mal, se vieres só”.
194. “Por fugir do fogo cahio nas brazas”.

Nem tudo é ironia e denúncia: muitos provérbios exortam positivamente à grandeza, à compreensão e à virtude, sem perder o tom realista.

Qualidades positivas

195. “Acometter, pera vencer”. (“A melhor defesa é o ataque”).
196. “Cavalga para não cair”.
197. “Nam sam todos homens, os que mijam á parede” (para ser Homem é necessário honradez).
198. “Pera prospera vida, arte, ordem e medida”.
199. “Madruga e verás: trabalha e terás”.
200. “Cale o que deu e falle o que recebeo”.
201. “Encomendar a Deos, botar a nadar” (“Fé em Deus e pé na tábuá”).
202. “Deos diante, o mar é chão”.
203. “Açenai ao discreto (o diligente, que resolve), day-o por feito”.
204. “Nam é pobre o que tem pouco, senao o que cobiça muyto”.

(194) “Tudo é hum”, “é idêntico”, “equivalente” (veja-se o N.º. 405). No caso, o “hum” que se tem pode - e vai, é a lei de Murphy - falhar...

(195) Apanha-se uma cereja, vêm várias. Desgraça nunca vem sozinha.

205. “Andar a pago, não pago, não é obra de fidalgo”.
206. “Marido, nam vejas; molher, cega sejas”.
207. “Tenhas ovelhas e não tenhas orelhas”.
208. “Nam há mayor feitiço¹⁹⁶ que o bom serviço”.
209. “O que é duro de passar, é doce de alembiar”.
210. “Quem senhora é em casa, senhora é pella villa chamada”.
211. “Gloria vam floreçe e nam gradeçe (“é inócua”)”.
212. “A perseverança toda a cousa alcança”.

Outros contêm regras práticas de bom senso e de boa educação.

Conselhos úteis

213. “O que houveres de comer, nam o vejais fazer”.
214. “As boas novas, a todo o tempo e as más pella menham”.
215. “Ou é doudo, ou é privado (íntimo), quem chama apresurado (bate à porta insistentemente)”.
216. “Azeite derriba, mel do fundo, vinho do meyo”.
217. “Casa de terra, cavallo de herva, amigo de palavra, tudo é nada”.
218. “Moça é Maria, quando se tosquia (corta o cabelo)”.
219. “Azeite, vinho e amigo, o mais antigo”.
220. “A tua mesa, nem a alhea, nam te assentes com bexiga chea”.
221. “Quem as cousas muyto apura não vive vida segura”.
222. “Estando alegre nam leas carta logo: porque nam nasça cuidado novo”.

O sabor do saber popular

Para o tom dos provérbios como um todo, vale também¹⁹⁷ a coexistência de contrários ou contraditórios como no conteúdo de:

223. “Pobreza nam é villeza” e
224. “Quem diz que pobreza nam é villeza, nam tem sizo (bom juízo) na cabeça”.

E, assim, ao lado das mais prosaicas sentenças sobre o egoísmo e sobre o lar (não uma casa portuguesa, com certeza) encontramos, de repente, dois poemas:

225. “Nam dá quem tem, senam quem quer bem”.

(196) No sentido de “coisa que em beleza encanta” - MORAES SILVA, Antonio *Diccionario da Língua Portuguesa*, Lisboa, Typographia Lacerdina, 1813.

(197) Fato frequente em todas as culturas

226. “Minha casa e meu lar cem soldos val: e estimou-se mal, porque mais val”¹⁹⁸.

Encantadores são também os jogos de palavras:

227. “Olhos verdes, em poucos os veredes”.

228. “A perdiz é perdida, se quente nam é comida” (Aproveitar o momento certo, “malhar enquanto o ferro está quente”).

Para os nossos “time que está ganhando.../sarna para se coçar”, “apanhei-te cavaquinho/onça beber água” e “Mulheres, cheguei!” dizia o português:

229 “Bem estavas em teu ninho, passaro pinto (pintado)”.

230. “Tenho-te no laço, pombo trocaz (pombo de raça)”.

231. “Acudi-me (Venham a mim) cachopas (garotas) que já tenho botas”.

O tom deliciosamente popular encontra-se em diversas outras formulações. É o caso da rima que atalha a curiosidade indiscreta (semelhante à resposta das crianças para a pergunta indevida: “Que é isso?” - “Chouriço”):

232. “Aonde his? A Évoramonte fazer barris”.

Ou da que levanta maliciosas suspeitas:

233. “Miguel, Miguel, nam tens abelhas e vendes mel”.

E da que lembra que o rosto é espelho da alma:

234. “O mal e o bem, à face vem”.

Há as que se usam para cortar rente os que nos dão palpites importunos e conselhos não requisitados (“Sapo de fora não chia”, diríamos hoje), ou censuram-nos *depois* de um desastre ou fracasso:

235. “Quem não cria, sempre pia”.

236. “Ao coelho ido, conselho vindo” (cast.: *conejo/consejo; ido/venido*).

(198) O soldo - do latim *solidus* - é a moeda de ouro estável e valiosa, a que “vale quanto pesa”. Cem soldos é já muito dinheiro.

Ainda no campo das rimas fulminantes, encontramos:

237. “Madrasta, o nome lhe basta”.
238. “O ladram cuida (pensa) que todos tais sam”.
239. “Moça louçam (vistosa, bela), cabeça vam”.
240. “A mulher sara e adoeçe quando quer”.
241. “Com latim, rocim e florim, andarás mandarim”.
242. “Amor de rameira e convite de estalajadeiro nam pode ser que nam custe dinheiro”.
243. “Em tua casa nam tens sardinha e na alhea pedes galinha”.
244. “Nam fartes o criado de pam, nam te pedirá requeijam”.
245. “Ora pella pera, ora pela mançam, minha filha nunca é sam”.
246. “Bem canta Martha, depois de farta”.
247. “A quem faz casa ou se casa, a bolsa lhe fica rasa”.
248. “A má vizinha dá agulha sem linha”.

Nos provérbios encontram-se conselhos de medicina popular (alguns com aguda sensibilidade para o psicossomático!) e frequentemente ironizam - como o já citado “Medicos de Valença...” (Nº. 014) - a medicina profissional:

249. “Mais matou a cea (ceia) que sarou Avicena” (cast.: *cena/Avicena*).
250. “Mijar claro, dar huma figa ao Medico”.
251. “Pam que sobre, carne que baste e vinho que falte”.
252. “Faze da noite, noite e do dia, dia, viverás com alegria”.
253. “Huma azeitona ouro, a segunda pratta, a terceira matta” (provar e não exagerar).
254. “Demandar e ourinar levam o homem ao hospital”.
255. “Sinal mortal, nam desejar sarar”.
256. “Vive o pastor com sua rudeza e morre o Fisico (médico), que a fisica reza (que professa a medicina)”.
257. “Sobre (depois de) comer, dormir; sobre cear, passos dar”.

Outro provérbio (também ele um poema) expressa que as dificuldades da vida (sobretudo as que decorrem de choques de relacionamento pessoal) têm o aspecto positivo de propiciar amadurecimento:

258. “A lima, lima a lima”.

Um fino trocadilho adverte:

259. “Quem anda em demanda, com o Demo anda”.

Seguindo a tradição medieval, o xadrez (e outros jogos) fornecem metáforas para a vida:

260. “Contra piam feito dama, nam pára peça no taboleiro” (cuidado com o pequeno que subitamente engrandece).

261. “Bem joga o da pélla, mas perde a ella” (no capítulo “*Ventura*”, mais uma presença de Murphy).

A Bíblia é fonte inspiradora de algumas sentenças:

262. “Morra Samsam e quantos com elle sam”.

263. “Nam des couce (coice) contra o aguilham” (cfr. At 26,14).

Outros ainda, baseiam-se em cômicos episódios da aldeia, tornados proverbiais:

264. “Cada feira val menos, como burro de Vicente”.

265. “Discreto como os boys de Ioam Affonso, que fogem da relva, para a herva”.

APÊNDICE I - “A torto e a direito” - expressões que ainda usamos (com sentido idêntico ou não e que remontam, direta ou indiretamente, a uma formulação proverbial - mais ampla e contextualizante -, hoje esquecida).

266. **A torto e a direito** - “A torto e a direito, nossa casa até o tecto¹⁹⁹”.
267. **A três por dois** - Esta expressão, que hoje significa “amiúde”, é evocada no provérbio: “A duas palavras, tres porradas”.
268. **Abrir os olhos** - “Os mortos aos vivos abrem os olhos”.
269. **Alhos e bugalhos** - “Fallo-lhe em alhos, responde-me em bugalhos²⁰⁰”.
270. **Cantar de galo** - “Triste da casa onde a galinha canta e o gallo calla” e
271. “Em casa de Gonçalo, mais pode a galinha que o gallo”.
272. **Casa da sogra** - “Estende-se²⁰¹ como villam em casa de seu sogro”.
273. **Cheio de nove horas** - “Às nove, deita-te e dorme”²⁰².
274. **Colcha de retalhos** - “É falso, como manta de ratalhos”.
275. **Corpo bem feito** - “Corpo bem feito, nam há mister (não requer) capa”.
276. **Dar com a língua nos dentes** - “Mente, quem dá com a lingua no dente”.
277. **Dar no pé** - “Dar ao pé, que tempo é”.
278. **De graça é caro** - “Horta sem agua, casa sem telhado, marido sem cuidado de graça é caro”.
279. **Dois coelhos, uma cajadada** - “Com este cajado mataste ja outro coelho”.
280. **Dor de cotovelo** - “Dor de cotovello e dor de marido, ainda que doa, logo é esquecido”.
281. **Dourar a pílula** - “Se a pirola bem soubera, nam se dourara por fora”²⁰³.
282. **Duro** (sem dinheiro) - “Quem nam tem, mais duro é que as pedras”.
283. **É fogo** - “Filhos dous, ou tres é prazer, sete ou oito é fogo”.
284. **E meio** - “Ao ruim, ruim e meyo”.
285. **É só papo** - “Moço de quinze annos tem papo e nam tem mãos (para o trabalho)”.
286. **Especial** (uma pessoa ou alguém especial) - “Muytos amigos em geral e hum em special”.
287. **Estar no papo** - “Hum em papo outro em sacco e chora pello do prato”.
288. **Galinha criar dentes** - “Disso vos podeis despedir, como a galinha dos dentes”.
289. **Há de pagar (o mal)** - “Ninguém faz mal que o nam venha a pagar” e
290. “Deos paga a quem em maos passos anda”.
291. **Ir com sede ao pote** - “Nem com toda a fome ao cesto nem com toda a sede ao pote”.
292. **Levantar a lebre** - metáfora de caça: trazer à luz o essencial escondido. Aparece em diversos provérbios, como: “A lebre é de quem a levanta e o coelho de quem o mata” ou

(199) Chaves grafa “teito” e perfaz a rima. Vide CHAVES, Pedro *Rifoneiro Português*, Porto, Edit. Barreira, 1945, 2ª. ed; Nº. 328.

(200) Bugalhos são frutos redondos dos carvalhos.

(201) Estar abusivamente “à vontade”.

(202) Sendo o anoitecer muito cedo, o jantar é em torno das 18h. Assim, nove horas, durante muitos séculos, era a hora limite, imposta pelas normas de boa educação. A expressão liga-se, talvez, à frequente invocação dessa norma - por exemplo, a visita que, cerimoniosamente, diz: “Já são nove horas, devo ir”. Ao que se responde “Não, ainda não são nove horas” etc.

(203) O remédio de gosto amargo - que sabe a amargo -, é enfeitado para “enganar” o usuário.

293. “Levantas a lebre, pera que outrem medre (seja favorecido)”.
294. **Mau olhado** - “Olho mau a quem vio, pegou malicia” (“O feitiço vira contra o feiticeiro”).
295. **Morrer na praia** - “Nadar, nadar, ir morrer à Beira”.
296. **Na moita** - “Mettes os caens na moita e arredas-te pera fora”,²⁰⁴.
297. **Não dar ponto sem nó** - “Dá nó, nam perderás ponto”.
298. **Não mexe que fede...** - “Em cousa çuja, nunca bullas (remexas)”.
299. **O barato sai caro** - “O caro é barato e o barato é caro”.
300. **Outros baratos** - “Nam jogo aos dados, mas faço outros peiores baratos”²⁰⁵.
301. **Ouvidos moucos** - “A palavras loucas, orelhas moucas (surdas)”.
302. **Passei da idade** - “Já passou o dia, que eu talhava e cozia”.
303. **Pau que nasce torto...** - “Quem torto nasce, tarde se indireita”.
304. **Pedaço de mau caminho** - “Em quada (cada) parte há pedaço de mau caminho”.
305. **Pegar pela palavra** - “(Pega-se) Ao boy pello corno e ao homem pella palavra”.
306. **Pentear macacos (asno)** - “Tal grado haja, quem o asno pentea”. (“Para quem gosta é prato cheio...”).
307. **Quem viver, verá** - “Quem viver, verá a volta que o mundo dá”.
308. **Rodeios (ao falar)** - “Quem por rodeos falla, com arte anda”.
309. **Salve-se quem puder!** - “A barca é rota, salve-se quem poder”.
310. **Ser boa** - “Fermosa é do rosto, a que é boa de seu corpo”.
311. **Subir à cabeça** - “Boa é a fazenda (riqueza), quando nam sobe à cabeça”.
312. **Uma no cravo; outra na ferradura** - “Castigo de dura: huma no cravo, outra na ferradura” (A prudência que tempera o castigo, torna a lição duradoura).
313. **Vender gato por lebre** - “Em caminho frances, vende-se o gatto por res”²⁰⁶.
314. **Ver estrelas** - “Farte-ei ver as astrellas ao meyo dia”.
315. **Vergonha na cara** - “Melhor é vergonha no rosto, que magoa no coraçam”.
- Voltas que o mundo dá** - “Quem viver, verá a volta que o mundo dá” (cfr. N.º. 307).

(204) No sentido de “pular fora” e “deixar a bomba estourar na mão de outro”.

(205) Viterbo explica: “‘barato’ se toma em mui diversas significações em os nossos antigos documentos do século XV e XVI, v.g. ‘haver por seu barato’: ter por bem”; ‘esperar um barato da fortuna’: esperar um favor ou beneficio da fortuna; etc.”. VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*, Lisboa, Fernandes Lopes ed., 2.ª ed., 1865.

(206) Caminho francês, explica Batalha (p.155 e ss.), eram as estradas por onde de França e de Portugal se dirigiam os romeiros para Santiago de Compostela. Eram também rota comercial.

APÊNDICE II - “Gatto escaldado... “ - provérbios que permaneceram (com forma e sentido semelhantes ou não).

316. “A bom entendedor, poucas palavras”.
317. “A cabra da minha vizinha mais leite dá que a minha”²⁰⁷.
318. “Melhor é a galinha de minha vizinha, que a minha”.
319. “A cavallo dado nam olhes o dente”.
320. “A mor pressa, mayor vagar”.
321. “A quada qual dá Deos o frio, conforme o vestido”.
322. “Agoa molle em pedra dura, tanto dá até que fura”.
323. “Ao villam da-lhe o dedo, tomar-te-á a mam”.
324. “Caçar e comer começo quer” (Hoje: “Comer e coçar é só começar”).
325. “Cada ovelha com sua parelha”.
326. “Cada um chega a braza à sua sardinha”.
327. “Cam, que muito ladra, pouco morde”.
328. “Chega-te aos bons, seras hum delles”.
329. “Com agua passada nam moe o moinho”.
330. “Come pera viver, pois nam vives pera comer”.
331. “Como me tangerem, assi bailarei” (“Dançar conforme a música”).
332. “Corri Seca e Meca, olivae de Sanctarem”.
333. “Curtas tem as pernas a mentira e alcança-se azinha (rapidamente)”.
334. “Cuspo pera o Ceo, cay-me no rosto”.
335. “Dá Deos a roupa, segundo é o frio”.
336. “Dá Deos biscouto a quem nam tem dentes”.
337. “De bons propositos, está o inferno cheo, o ceo de boas obras”.
338. “De hora em hora, Deos melhora (faz melhorar)”.
339. “De noite os gattos todos sam pardos”.
340. “De pequinino se troçe o pepino”.
341. “Devagar vam ao longe”.
342. “Dize-me com quem andas, dirteei que manhas has (tens)”.
343. “Em bocca fechada, nam entra mosca”.
344. “Em casa de enforcado nam nomees o baraço (laço)”.
345. “Em casa do ferreiro, peor apeiro²⁰⁸”.
346. “Entre pay e irmãos, nam te mettas as mãos” (“Em briga de marido e mulher, não meta a colher”).

(207) Este provérbio, do capítulo “Inveja”, e o seguinte evocam a cantiga de roda, com que, ainda hoje, brincam as crianças: “A galinha do vizinho bota ovo amarelinho...”

(208) No sentido de qualquer aparelho da casa.

347. “Faze bem, nam cates (olhes) a quem”.
348. “Fazei vós o que bem digo e nam o que mal faço”.
349. “Feitos de villam, tirar pedra e esconder a mão”.
350. “Filhos casados, cuidados dobrados”.
351. “Gatto a quem morde a cobra, tem medo à corda”.
352. “Gatto escaldado, da agua fria ha medo”.
353. “Gram e gram enche a galinha o papo”.
354. “Hahi (há) mal que vem por bem”.
355. “Homem poem e Deos dispoem”²⁰⁹.
356. “Hum pay pera cem filhos e nam cem filhos pera hum pay”.
357. “Huma andorinha nam faz veram”.
358. “Ir por lam e vir tosquiado”.
359. “Mais quero asno que me leve, que cavalo que me derrube”.
360. “Mais val hum passaro na mão, que dous, que vam voando”.
361. “Mais val que sobeie (sobre) que nam falte”.
362. “Mais val quem Deos ajuda, que quem muyto madruga”.
363. “Mais val só, que mal acompanhado”.
364. “Mal me querem minhas comadres, porque lhes digo as verdades”.
365. “Melhor é estar só, que mal acompanhado”.
366. “Mentiras de caçadores sam as mayores” (Hoje: “pescadores”).
367. “Na casa do homem pobre todos peleijam (brigam) e nam sabem de que e é porque nam tem que comer”.
368. “Nam é o Demo tam feo como o pintam”.
369. “Nam é tam bravo o leam, como o pintam”.
370. “Nam é tudo ouro, o que reluz”.
371. “Nam há peyor surdo, que o que nam quer ouvir”. (Hoje: cego/ver)
372. “Nam passes o pé alem da mão” (“Não dar passo maior do que a perna”).
373. “Não se fez Roma em hum dia”.
374. “Nam se pode fazer a par: comer e soprar
375. “Na terra dos cegos, o torto (o que não vê bem) é Rey”.
376. “Nem diga, desta agoua nam beberei, nem deste pam nam comerei”.
377. “Nem tanto ao mar nem tanto à terra”.
378. “O olho do amo engorda o cavallo”.
379. “O que se aprende no berço, sempre dura”.
380. “Onde a galinha tem os ovos lá se lhe vam os olhos”.
381. “Onde fogo nam ha, fumo nam se levanta”.

(209) *Homo proponit, sed Deus disponit* (“Imitação de Cristo”).

382. “Pelejam (brigam) as comadres, descobrem-se as verdades”.
383. “Prata é o bom fallar, ouro é o bom callar”.
384. “Preso por mil, preso por mil e quinhentos” (Hoje: “Perdido por um, perdido por dez”).
385. “Qual o pay, tal o filho, qual o filho, tal o pay”.
386. “Quando em casa não está o gatto, estende-se o rato”.
387. “Quando o ferro está acçendido, entam ha de ser batido”.
388. “Quem cala, consente”.
389. “Quem cõ caens se lança, com pulgas se levanta” (Hoje: “Quem dorme/brinca com criança/fogo...”).
390. “Quem diz o que quer, ouve o que nam quer”.
391. “Quem engana ao ladram, cem dias ganha de perdam”.
392. “Quem o feo ama, fermoso lhe parece”.
393. “Quem promette, deue”.
394. “Quem tem bocca vay a Roma”.
395. “Quem tem telhado de vidro, nam tire pedras ao do vizinho”.
396. “Recebido o dano, tapa o buraco” (“Pôr a tranca depois da casa arrombada”).
397. “Rey morto, Rey posto”.
398. “Tirar a castanha do fogo com a mão do gatto”.
399. “Vam-se os gattos, estendem-se os rattos”.

APÊNDICE III - Adágios portugueses reduzidos a lugares comuns (Seleção de *Adágios portugueses*, nos “lugares comuns” estabelecidos por Antonio Delicado).

AFFEIÇAM

400. “Obras sam amores e nam palavras doces”.

401. “Quem nam apparece, esquece”.

AGRADECIMENTO

402. “A dar está obrigado, a quem ham dado”.

AGRICULTURA

403. “Água de Março: pior é que nódoa no fato (mancha na roupa)”.

404. “Qual é o cam, tal é o dono”.

AMIZADE

405. “Amigo de todos e de nenhum: todo é hum”.

406. “Mais descobre huma ora de jogo, que hum anno de conversaçam”.

ASNO

407. “De noite à candeia (pequeno lampião), a burra parece donzella”.

408. “Quer queira, quer nam queira, o asno ha de ir à feira”.

ASTROLOGIA PERA AGRICULTURA

409. “Agosto: frio em rosto”.

410. “Ao principio, ou ao fim: abril costuma ser ruim”.

411. “Quer no começo, quer no fundo, em Fevereiro vem o entrudo²¹⁰”.

(210) Entrudo é a terça-feira de Carnaval. O provérbio expressa a ideia de inexorabilidade do futuro certo. Aproxima-se do verso de Jorge Benjor: “Em fevereiro, em fevereiro tem carnaval...”.

BONDADE

412. “Cada cuba cheira o vinho que tem”.

CAÇA

413. “Quem quizer caça vá à praça”.

CAMINHO

414. “Se queres aprender a orar, entra no mar”.

CASTIGO

415. “Quando vem ao soberbo o castigo, vem lhe mais rijo”.

416. “Quem a hum castiga, a cento fustiga”.

417. “Quem mal vive, por onde pecca, porhi (nisto mesmo) se castiga”.

CAVALLO

418. “A cavallo roedor, cabresto curto”.

CAZAMENTO

419. “Casar, casar, soa bem e sabe mal”.

420. “Casamento feito, noivo arrependido”.

421. “Da fea e da fermosa: a mais proveitosa”.

422. “Em quanto fuy sogra, nunca tive boa nora”.

423. “Em quanto fuy nora, nunca tive boa sogra”.

424. “Filha desposada, filha apartada”.

425. “Nam há panella tam fea que nam ache seu cobertouro”.

426. “Quem casa com molher rica e fea, tem ruim cama e boa mesa”.

COMER

427. “O ventre em jejum, nam ouve a nenhum” (Ainda hoje se diz em França: “*Ventre affamé, ná pas d’oreilles*”).

ECONOMICA²¹¹

428. “Casa de pay, vinha de avô”.

429. “O bem nam se conhece, se nam depois que se perde”.

430. “O hospede e o peixe, aos tres dias fede”.

FAMA

431. “Donde muitos cospem: lama fazem”.

FILHOS

432. “Dos filhos, o que falta, esse mais se ama”.

433. “Sofrerei (suportarei) filha golloza e muito fea, mas nam janelleira”.

GADO

434. “Bezerrinha mança todas as vaccas mama”.

GUERRA E PAZ

435. “Despreza teu inimigo, serás logo vencido”.

436. “Quem acorda o cam dormido, vende a paz e compra roido”.

437. “Quem ameaça e nam dá, medo há (tem)”.

HOMEM

438. “Homem que falla como molher, livre-me Deos delle”

439. “Nam é villam o da Villa, senam o que faz villania”.

440. “O homem é fogo e a molher estopa; vem o Diabo assopra”.

(211) No sentido de “relativo ao governo da casa”.

441. “Os homens se encontram e nam os montes” (Ainda hoje se diz em França: “*Il n’y a que les montagnes qui ne se rencontrent pas*”).

IGNORANCIA

442. “Besteiro torto (de vista defeituosa) atira aos pés e dá no rosto”.

INGRATIDAM

443. “O rio passado, o santo nam lembrado”.

JUSTIÇA

444. “Arrengo da terra, onde o ladram leva o juiz à cadeia”.

445. “Mais sam os casos que as leys”.

LADROICE

446. “Jugar, parede em meyo é de furtar”.

447. “Sempre o alheo suspira por seu dono”.

448. “O que me debes me paga que o que eu te devo nam é nada”.

LIBERALIDADE E ESCACEZA

449. “Em tempo e lugar, o perder é ganhar”.

MALDADE

450. “A carro entornado todos dam de mão”.

451. “Companhia de tres é má res”.

MEDICINA

452. “A quem doe o dente, doe a dentussa (toda a dentadura)”.

453. “Como te fizeste calvo? Pello pellando”.

MOLHER

454. “A casta, a pobreza lhe faz fazer vileza”.
455. “A moça em se enfeitar e a velha em beber, gastam todo o seu haver (seus bens)”.
456. “A quem tem molher fermosa, castello em fronteira, vinha na carreira, nam lhe falta cançeira”.
457. “A molher polida: a caza çuja e a porta varrida” (cuida da fachada).
458. “A molher composta a seu marido tira doutra parte”.
459. “A molher mal toucada (arrumada), ou é fermosa, ou mal casada”.
460. “Aquella é bem casada, que nam tem sogra nem cunhada”.
461. “As molheres, onde estam sobejam e onde nam estam faltam”.
462. “Com a molher e dinheiro, nam zombes companheiro”.
463. “Digna é de nome e fama, a molher que nam tem fama”.
464. “May, que cousa é casar? Filha, fiar, parir e chorar”.
465. “Nam basta ser boa, senam parecello”.
466. “Nem tam fermosa que matte, nem tam fea que espante”.
467. “Pello marido Rainha e pello marido mesquinha”.
468. “Qual é Maria, tal filha cria”.

MORTE

469. “À morte, nam há casa forte”.

MULLA

470. “A mulla com affago, cavallo com castigo”.

OBRAS MECHANICAS

471. “Muytos vam ao mercado: e quada hum com seu fado (sua sorte)”.
472. “O bom panno na arca se vende”.
473. “Obra começada, meya acabada”.

OFFICIAES MECHANICOS

474. “Alfayate mal vestido, çapateiro mal calçado”.

475. “Usa (pratica) serás mestre”.

PESCADO

476. “Pela bocca morre o peixe e a lebre ao dente”.

POBREZA

477. “Neste mundo mesquinho quando ha para pam, nam ha para vinho”.

PROVIDENCIA

478. “A arma com que te defendes, a teu inimigo a nam emprestes”.

PRUDENCIA

479 “Ao doudo e ao touro, dá-lhe o couro”.

480. “Ainda que teu sabujo é manço, não o mordas no beijo”.

481. “Ao cuco, nam cuques, nem ao ladram furtos”²¹².

482. “A quem te gabar a villa, gaba-lhe a Cidade”.

483. “Cortesia de bocca, muyto val e pouco custa”.

484. “Ide pello meyo e nam cahireis”.

485. “Montes vem, paredes ouvem”.

486. “Nam bebas cousa que nam vejas, nem assines carta que nam leas”.

487. “Nam te has de fiar, senão com quem comeres hum moyo (medida: “muito”) de sal”.

488. “O que ouveres de negar, nam o des por escrito”.

489. “Quando fores bigorna sofre e quando malho malha”.

REY

490. “Em pessoa de çeptro nam há viçio secreto”.

491. “Rey moço, Reyno perigoso”.

(212) Chaves registra: “A p. não putes e a ladrão não furtos”. O cuco (que corresponde ao nosso chupim) põe seus ovos no ninho de outro pássaro, para que este os choque...

RIQUEZA

492. “De rico a soberbo, nam há palmo inteiro”.

493. “Fazenda em duas aldeas, pam em duas taleigas (sacas)”²¹³.

SCIENCIA

494. “A sçiência é loucura, se o bom sizo (senso, juízo) a nam cura”.

495. “Gramatico desfavoreçido, nam tem assado, nem cozido”.

496. “Quem para sy nam sabe, nam ponha escola”.

SEGREDO E SILENCIO

497. “Secretos queres saber, busca-os no pezar e no prazer”.

VALENTIA E FORTALEZA

498. “A espada e o anel, segundo a mam donde estiver”.

VENTURA

499. “Alegrias entrudo, que a manham serà cinza” (À terça-feira de carnaval, segue-se a quarta-feira de cinzas).

VERDADE

500. “A verdade ainda que amarga se traga”.

501. “Nam há peor zombaria que a verdade”.

UZO

502. “Dize-me com quem vás, dir-te-ei o que farás”.

503. “Hum só acto, nam faz habito”.

ADAGIOS DOS MEZES

(213) Este provérbio e o seguinte aconselham a “Não pôr todos os ovos no mesmo cesto”.

Palavras de Origem Árabe Dicionarizadas em Inglês e em Espanhol

- edição de um levantamento em mídia eletrônica -

Jean Lauand

Como uma ajuda para seminários, aulas e pesquisas filológicas (e sociológicas, filosóficas, políticas...) de professores e estudantes, oferecemos ao leitor a presente lista das 958 palavras que o OED - *Oxford English Dictionary*²¹⁴ apresenta sob a rubrica *Arabic* quando nele procuramos etimologias. Naturalmente, poucas são palavras que de fato aparecem no inglês cotidiano, mas esta listagem pode ser útil como guia de busca no excelente CD da *Oxford University Press*. No CD, o leitor encontrará também - em diversos casos - citações de emprego desses vocábulos: de autores antigos até contemporâneos. E, é claro, as definições de cada verbete.

Por razões de espaço, limitamo-nos aos comentários de etimologia²¹⁵. Como se poderá verificar, muitas das palavras dessa lista procedem do árabe e, em qualquer caso, têm pelo menos alguma relação etimológica com o árabe. Nosso propósito é primordialmente didático e pareceu-nos oportuno facilitar comparações ajuntando uma lista simples das 1285 palavras designadas como - de modo direto ou derivado - de origem árabe (*árabe, hispánico, argelino, clásico, dialectal, marroquí, persa, vulgar*) pelo *Diccionario de la Real Academia* (ed. electrónica Espasa Calpe 1995).

Arabic em “Etymology Search” no OED

aba, abba \Arab. `aba`.

abada \a. Pg. abada, the female rhinoceros; (...) Cf. Arab. abadat...

abaya \Arab. `abaya.

214.OED2 -*Oxford English Dictionary* 2nd. ed. on CD-ROM, Oxford University Press 1994. Essa edição permitia a captação da listagem.

215. Por nós recortados em alguns verbetes, o que é indicado por “(...)” no meio do verbete ou “...” no final. Adaptamos também o código de transliteração, nem sempre claro e unívoco, sobretudo quando se transforma o texto de OED em arquivo de extensão “.txt”.

Abelmosk \ad. mod.L. abelmoschus, ad. Arab. abu'l-misk father, i.e. source, of musk.

Abkhaz \Prob. ad. Russ. abkhazskii, perh. ult. f. Arab.; the people's name for themselves is apshua.

Abuna \Eth. and Arab. Abu-na, pater noster, our father.

abutilon \mod.L. ad. Arab. aubutilun applied to this or an allied genus by Avicenna.

acequia \Sp., ad. Arab. saqiah.

acker \Prob. ad. Arab. fakka small change, coins; app. first among British and allied troops in Egypt.

acton \a. OFr. (12th c.) auqueton, later (15th, 16th c.) hocqueton, hocton, (...); a. Sp. alcoton, algodón 'cotton, bombast,' ad. Arab. alqutun, al-qutn the cotton. Obsol. since 16th c. exc. as a historical term...

adat \Malay, f. Arab. 'ada custom, customary law.

adeb \Arab.

admiral \a. OFr., ad. Arab. directly, or through med.L. or some other Rom. lang. The Arabic amir commander, (f. amara, to command, order,) commonly Englished ameer, emir, occurs in many titles followed by -al- '(of) the,' as in amir-al-umara ruler of rulers, amir-al-ma commander of the water, amir-al-bahr, commander of the sea, the earliest of which is amir-al-muminin commander of the faithful, assumed by the Caliph Omar, and Latinized in many forms by the early chroniclers (see Amirmumnes in Du Cange). As amir is constantly followed by -al- in all such title amir-al was naturally assumed by Christian writers as a substantive word, and variously Latinized as amiralis, -allus, -alius, -arius, OFr. amiral, -ail, -aill, -ayl, Pr. amirau, amirar, amiralh, Pg. amiralh...

adobe \Sp.; f. adob-ar to daub, to plaster:—late L. adobare; see adub. (Dozy derives the Sp. from Arab. aṭ-tob, = al-tob, prob. a Coptic tob...

afreet, afrit, afrite \Arab. 'ifrit.

agal \Arab. 'iqal bond, rope.

Aladdin \The name of the hero of Aladdin, or the Wonderful Lamp, a story from the Arabian Nights, subsequently popular as a pantomime, ad. Arab. 'Ala 'al Din, lit. 'nobility of faith'...

albacore \a. Pg. albacor, -bacora, -becora (Sp. albacora, Fr. albicore); f. Arab. al the + bukr, pl. bakarāt, a young camel, a heifer, whence also Pg. bacoro a young pig...

alborak \Arab. al-buraq the splendid, lightning-flashing, f. baraqa to flash, lighten.

alcalde \Sp., ad. Arab. al-qāḍī the judge...

alcanna, alcana \a. Sp. alcana, alcaña, a. Arab. al-henna, name of the shrub...

alcarraza \Sp., ad. Arab. al-kurraz = al the + kurraz pitcher.

alcatras, -ace -ash \a. Sp., Pg. alcatraz, probably (as shown by Devic) a variant of Pg. alcatruz the bucket of a 'noria,' or water-raising wheel for irrigation, in Sp. arcaduz, alcaduz, a. Arab. al-qadus...

alcavala \Sp. alcabala, alcavala, ad. Arab. al-qabalah the tax, impost, f. qabala to receive.

alcayde \Sp. alcaide, formerly alcayde, the captain of a castle, ad. Arab. al-qa'id the leader, f. qada to lead.

alcazar \Sp., a fortress, a castle, ad. Arab. al-qaṣr = al the + qaṣr in pl. a castle.

alchemy \a. OFr. alquimie, -emie, -kemie, -camie (also ar-), ad. med.L. alchimia (Pr. alkimia, Sp. alquimia, It. alchimia), a. Arab. al-kimia, i.e. al the + kimia, apparently a. Gr. khemía, found (c. 300) in the Decree of Diocletian against 'the old writings of the Egyptians, which treat of the khemía (transmutation) of gold and silver'...

alchitran, alkitran \a. OFr. alketran, alquitran, a. Sp. alquitran, Pg. alcatrão (med.L. alquitranum, alchitrum, It. catrame, mod.Fr. goudran, -on), ad. Arab. al-qaṭran or al-qīṭran, the resin of fir-trees, pitch, tar; f. qaṭara to drop.

alcohol \a. med.L. alcohol, ad. Arab. al-koḥl 'collyrium,' the fine powder used to stain the eyelids, f. kaḥala, Heb. kakhal to stain, paint: see Ezekiel xxiii. 40...

alconde \Sp.alconde, comb. of Arabic al the + Sp. conde count, earl:—L. comitem...

Alcoran \a. (immed. from Fr. alcoran) Arab. al-qoran, the recitation, reading, f. qara'a to recite, read.

alcornoco, alcornoque \Sp. alcornoque, f. Arab. al the + quern oco spongy oak (Diez).

alcove \a. Fr. alcôve, ad. Sp. Pg. alcova, alcoba, ad. Arab. al-qobbah, i.e. al the + qobbah a vault, a vaulted chamber; f. qubba to vault.

aldea, alde \Pg. aldea (Fr. aldée), ad. Arab. al-ḍay'a the farm, village.

alembic \a. Fr. alambic, ad. (ultimately) Arab. al-anbiq, i.e. al the + anbiq a still; ad. Gr. ambik a cup, beaker, the cap of a still...

alezan \Fr., ad. Sp. alazan, of doubtful origin; accord. to Devic, f. Arab. al the + hals-a fem. of aḥlas a bay horse.

alfalfa \Sp. alfalfa 'three-leaved grasse, clovers grasse' (Minsheu), formerly alfalfez, identified by Pedro de Alcalá with Arab. alfaṣṣaḥ 'the best sort of fodder,' Freytag.

alfaqui \Sp. alfaquí, ad. Arab. al-faqih, i.e. al the + faqih one skilled in divine things, f. faqiha to be wise.

alferes \a. OSp. and Pg. alféres (mod.Sp. alférez) ensign, ad. Arab. al-faris cavalier or knight, f. faras horse. Often made pl., with sing. alferre -a -o; cf. Fr. alfier, It. alfiere. (In later Sp. and It. also confused with alfir, see alfin, as name of the bishop in chess.)

alfin, alphin \a. OFr. alfin, aufin (med.L. alphinus, It. alfino, alfido), f. Sp. alfil (arfil), Pg. alfil (alfir), a. Arab. al-fil the elephant, Skr. pilu; the piece in chess called the alphin, and now the bishop, having had originally with the Indians, Chinese, and Persians the figure and name of an elephant.

alforge, alforja \Pg. alforge, Sp. alforja, according to Diez, ad. Arab. al-khorj the store, supply, provision, f. kharaja to proceed.

alfridary \Of obs. orig.; cf. Arab. farada, ‘cernere,’ to cut into, define, decree, also to define beforehand a time, to fix on an hour; whence fariydah, n. a fixed and defined part...

Alfur \ad. Pg. alfuori ‘the outsider,’ f. Arab. al the + fuori outside:–L. foribus out of door, fores doors. (R.N. Cust.)

algarad \a. Fr. algarade, ad. Sp. algarada ‘a sudden assault with a great crie’ (Minsheu); f. med.L., Pg. and ? Sp. algara a raid (a. Arab. al-gharah, i.e. al the, gharah raid) + -ada.

algarroba \Sp. algarroba, ad. Arab. al-kharrubah, applied to the same.

algebra \a. (...) (also Sp. and med.L.), ad. Arab. al-jabr the redintegration or reunion of broken parts, f. jabara to reunite, redintegrate, consolidate, restore; hence, the surgical treatment of fractures, bone-setting. Also in phr. ‘ilm al-jabr wa’l-muqabalah, i.e. ‘the science of redintegration and equation (opposition, comparison, collation),’ the Arabic name for algebraic computation. In this sense the first part of the Arabic title was taken into It. in 1202, as algèbra; the second part, almucabala, was used by some med.L. writers in the same sense. The 16th c. Eng. algeber (fancifully identified by early writers with the name of the Arabic chemist Geber) was either taken directly from Arab. or from Fr. algèbre; but the It. algèbra became the accepted form (accented ‘algebra by 1663).

Algol \ad. Arab. al ghul (see ghoul).

algorism \a. OFr. augorisme, algorisme, augorime; ad. med.L. algorism-us (cf. Sp. gua-rismo cipher), f. Arab. al-Khowarazmi, the native of Khwarazm (Khiva), surname of the Arab mathematician Abu Ja’far Mohammed Ben Musa, who flourished early in the 9th c., and through the translation of whose work on Algebra, the Arabic numerals became generally known in Europe.(...) Algorisme being popularly reduced in OFr. to augori-me, English also shows two forms, the popular augrime, ending in agrim, agrum, and the learned algorism which passed through many pseudo-etymological perversions, including a recent algorithm in which it is learnedly confused with Gr. arithmós, ‘number.’

alguazil \Sp. alguazil (now alguacil), earlier forms of which in Pg. are al-vazil, al-vazir, ad. Arab. al-wazir, i.e. al the, wazir minister, officer, f. wazara to carry, carry on, = L. gerere.

Alhagi \mod.L. (Rauwolf 1537), ad. Arab. al-ḥaj, used by Avicenna.

Alhaji \a. Hausa, ad. Arab.: see prec.

Al-Haj(j) \a. Arab. al-ḥajj: see al-2 and hadji.

Alhambra \ult. ad. Arab. alḥamra’ i.e. the red (house).

alhandal \a. Arab. al-ḥandal.

alidad(e) \In mod. form, a. Fr. alidade, in earlier, a. med.L. alhidada (cf. Sp. alhidada, alidada), ad. Arab. al-*īḍadah*, the revolving radius of a graduated circle; f. 'add, 'adīd, 'adud, the humerus or upper arm (which revolves in its socket).

Alizari \Fr. and Sp., according to Devic, prob. ad. Arab. al the + 'açarah juice pressed out, extract, f. 'açara to press, extract...

alkahest \first used in med.L. by Paracelsus, and believed to have been arbitrarily invented by him with a form simulating Arabic. Used in the same forms in most of the European languages.

alkali \a. Fr. alcali, ad. (ultimately) Arab. al-qaliy, the 'calcined ashes' of the plants Salsola and Salicornia, f. qalay to fry, roast in a pan; hence transferred to the plants themselves so employed.

alkedavy \ad. (perh. indirectly) Arab. al-qaḍawi, i.e. al the + qaḍawi of the caḍi or alcalde (sc. alqaḍr the palace).

alkekengi \med.L. alkekengi f. Arab. al-kakanj, al-kakenj, i.e. al the + Pers. kakanj a 'kind of medicinal resin from a tree growing in the mountains of Herat.' Freytag. 'Nightshade,' Hopkins Pers. Dict. Cf. It. alcachengi, Sp. alquequenje...

alkermes \a. Fr. alkermès ad. (ult.) Arab. al-qirmiz, i.e. al the + qirmiz kermes.

Allah \a. Arab. allah the (true) God, contr. of al-ilah, i.e. al the + ilah god = Aram. elah, Heb. eloah.

alma, almah \a. Arab. 'almah, adj. fem. 'learned, knowing'; f. 'alama 'to know' (because they have been instructed in music and dancing). Cf. Fr. almée.

almaçour, ur \a. OFr. almaçor, -ur, aumaçor, also aumansour, ad. (perh. indirectly) Arab. al-mançur, the (heaven-) defended, the august, f. naçara to defend.

almadia \ad. Arab. al-ma'diyah a ferry-boat, f. 'aday to cross; cf. It. almadia, Fr. almadie (also used in Eng.).

almagest \a. OFr. almageste, ad. (ult.) Arab. al-majisti, ad. (with article al the) Gr. megíste greatest (sc. syntaxis, composition); applied by the Arabs (and previously, it is inferred, in the Greek schools of Alexandria) to the great treatise of Ptolemy, *Mathematiké syntaxis*, in contradistinction to the elementary works studied before it.

almagra \a. Sp. almagra, almagre, a. Arab. al-maghrāh red ochre.

almanac \Appears in med.L. as almanac(h) in end of 13th c., and soon after (though it may have been earlier) in most of the Rom. langs., It. almanacco, Sp. almanaque, Fr. almanach, the immediate source of which was app. a Spanish Arabic al-manakh; Pedro de Alcalá, in his *Arabic-Castilian Vocabulista* (1505), has 'manakh, almanaque, calendario'; also 'manah (probably meant for same word), relox del sol' [sundial]. But the word occurs nowhere else as Arabic, has no etymon in the language, and its origin is uncertain.

almond \a. OFr. almande, alemande, earlier alemandre, alemandle (also amande, amandre); cf. Sp. almendra, Pg. amendoa, It. mandorla, mandola, Pr. and med.L. amandola; pointing to early Romanic amendla, -ola, -ala, from L. amygdala, a. Gr. amygdále...

almucantar \a. Fr. *almicantar* or *almucantar*, also med.L. *almi-*, *almucantarath*; ad. Arab. *almuqanṭarat*, pl. (with article) of *muqanṭarah* (cited by Golius in sense of 'sundial'), deriv. of *qanṭarah*, a bridge, an arch.

almury \a. (ult.) Arab. *al-mur'i*, i.e. *al* the + *mur'i* indicator, agent-noun f. 4th form of *ra'ay* to see.

almuten \Corrupt for *almutaz* (so in OFr.) a. Arab. *al-mu'taz*, i.e. *al* the + *mu'taz* prevailing, f. 8th form of 'azz to be powerful.

alnath \Arab. *al-nath* from *naṭaḥa* to butt, aim at with the horns.

alpaca \a. Sp. *alpaca* or *al-paco*, f. *al* Arab. article often prefixed to names + *paco*, prob. a native Peruvian name.

alphenic \a. Fr. *alphenic* (Sp. *alfeñique*, Pg. *alfenim*), according to Devic, corrupted from Arab. *alfanid*, i.e. *al* the + Pers. *fanid* refined sugar...

altincar \a. (ult.) Arab. *al-tinkar* (...)

aludel \a. Fr. *aludel*, in 13th c. *alutel*, ad. Arab. *al-uthal* (quoted by Dozy with this sense in 9th c.), i.e. *al* the + *uthal*, prob. variant of *ithal* pl. of *athla* utensil, apparatus.

Amal \a. Arab. *amal* hope; in full *Ḥarakat al-Amal* Movement of Hope. Also said to represent an acronym (as unvocalized 'ml) of *afwaj al-muqawama al-Lubnaniyya* detachments of the resistance of the Lebanese.

amalgam \a. Fr. *amalgame* (15th c. in Litt.), and, in the formerly common *amalgama*, of med.L., in which the word was in regular alchemical use in 13th c. Usually taken as a perversion of L. *malagma* (in Pliny and the physicians) a mollifying poultice or plaster, a. Gr. *málagma* (...) an emollient; or of an Arabic adaptation of *málagma* with prefixed *al-* (as in *al-chemistry*, *al-embic*, etc.)...

amber \a. Fr. *ambre*, cogn. w. Pr. *ambre*, Pr. and It. *ambra*, Sp. *ambar*, med.L. *ambar*, -are, -er, -ra, -rum, a. Arab. 'anbar, 'ambergris,' to which the name orig. belonged; after-wards extended, through some confusion of the substances, to the fossil resin 'amber.'...

ameer \a. Arab. (Pers. and Urdu) *amir* commander, f. *amara* to tell, order, command. As a historical Saracen title commonly spelt *emir*; the spelling *amír*, *ameer*, is used of modern Indian and Afghan rulers.

amice \ad. OFr. *aumuce*, *aumusse* (Pr. *almussa*, med.L. *almussa*, *almussia*, *almucia*, *almucium*, Sp. *almucio*, Pg. *mursa*, It. *mozzetta* dim. of *mozza*), of doubtful origin, but generally taken as ad. Ger. *mutse*, *mütze*, cap (Sc. *mutch*), with Arab. article *al-* prefixed, as in some other non-Arabic technical words.

amildar \a. Pers. and Urdu 'amal-dar, f. Arab. 'amal work + Pers. *dar* holding, holder (a common agential formative).

amulet \perh. in 15th c., a. Fr. *amulette*; but app. not in reg. use till after 1600, when adapted from L. *amuletum* (Pliny), a word of unknown origin, which has been conjecturally compared with mod.Arab. *ḥimalah*, -at, lit. 'a carrier, bearer,' now applied inter alia to a shoulder-belt or cord frequently used to secure a small Koran or prayer-book on the breast, regarded as an 'amulet'; but the history of this word shows

that the resemblance between it and L. *amuletum* is purely fortuitous, and there exists no ground for ascribing the latter to an Arabic origin.

anatron \a. Sp. *anatron*, ad. Arab. *an-naṭarûn*, i.e. *an* = *al the* + *naṭrûn*.

anil \a. Fr. or Pg. *anil* = Sp. *añil*, ad. Arab. *an-nil*, i.e. *al the* + *nil*, Arab. and Pers. ad. Skr. *nili indigo* (and *-plant*), f. *nila dark blue*.

ante \a. Sp. *ante*, also *dante*, ad. Arab. *lamt*, some animal of the antelope or buffalo kind, 'el Dante, que los Affricanos llaman Lamt' (Marmol, in Dozy). Its skin is called in Arab. *ad-daraca lamt*, corrupt. in Sp. *adaraga dante*, *adarga de ante*, whence *dante*, *ante*, for the animal.

antimony \ad. med.L. *antimonium*, of unknown origin, used by Constantinus Africanus of Salerno (Chaucer's 'cursed monk, daun Constantyn,' *Merch. T.* 566), in end of 11th c., whence also in all the mod. langs. Prob., like other terms of alchemy, a corruption of some Arabic word, refashioned so as to wear a Gr. or L. aspect—perhaps, as has been suggested, of the Arabic name *uthmud*, *othmod*, itself, latinized as *athimodium*, *atimodium*, *atimonium*, *antimonium*...

apricot \orig. ad. Pg. *albricoque* or Sp. *albaricoque*, but subseq. assimilated to the cognate F. *abricot* (*t* mute). Cf. also It. *albercocca*, *albicocca*, OSp. *albarcoque*, a. Sp. Arab. *al-borcoq(ue)* (P. de Alcalá) for Arab. *al-burquq*, *-birquq*, i.e. *al the* + *birquq*...

araba \a. Arab. and Pers. *arabah*, a wheeled carriage.

Arabdom \f. Arab *n.* + *-dom*.

Arabic \a. OF. Arabic (13th c. in Litt.), ad. L. *Arabicus*.

Arabical \f. Arabic *a.* + *-al*.

Arabican \f. Arabic + *-an*; cf. OF. *arabican(t)* (Godefroy).

Arabicism \f. Arabic + *-ism*; cf. *anglicism*.

Arabism \mod. f. Arab + *-ism*; cf. F. *arabisme*.

Arabize \f. Arab + *-ize*.

Araby \a. OF. *arabi*, *arrabi*, *Arabian*, an Arab, Arab horse.

archegay \a. F. *archegaie*, *archigaie*, variant of *arcigaye* (...) Sp. *azagaya*, a. Arab. *az-zaghayah*, i.e. *al the* + *zaghayah*, Berber name of a javelin or dart: now called in Eng. (from Pg.) *assagai*, *assegai*...

ardeb \Arab. *irdab*, *urdab*.

argan \a. Arab. *arjan*, in Barbary pronounced *argan*.

argel \ad. Arab. *ḥarjil* (Sharaf Dict. Med.).

ariel \a. Arab. *aryil* (var. of *ayyil* stag), applied in Syria to the Gazelle (Dozy).

arrack \Ultimately Arab., 'araq sweat, juice, esp. in 'araq at-tamr the (fermented) juice of the date...

arroba \Sp., ad. Arab. ar-rub' 'the quarter,' the weight being a quarter of the Spanish quintal...

arsenal \ (...) The original is the Arab. dar aĉĉina'ah, workshop, factory (i.e. dar house, place of, al the, ĉina'ah, art, mechanical industry, f. ĉana'a to make, fabricate), which is directly represented by the Romance darsena, taracena; atarazana is prob. a Sp. Arab. form with article al-, ad- ...

artichoke \ad. north. It. articiocco (...) ad. or cogn. w. OSp. alcarchofa (mod. alcachofa, Pg. alcachofra), a. Sp. Arab. al-kharshofa (P. de Alcalá) = Arab. al-kharshuf...

Askar \Arabic, 'askar army.

Askari \Arabic 'askari soldier.

assagai \a. F. azagaye (Cotgr.), or Pg. azagaia, Sp. azagaya, a. Arab. az-zaghayah, i.e. az-= al- the, zaghayah native Berber word, adopted in Arabic, and thence in Sp. and Pg.; adopted from the Portuguese in Africa by the English and French.

assassin \a. (...) Pg. assassino, Sp. asesino, med.L. assassinus (...); med.L. (pl.) assessini, ascisini, etc.), ad. Arab. ḥashshashin and ḥashshiyin, pl. of ḥashshash and ḥashshiy, lit. 'a hashish-eater, one addicted to hashish,' both forms being applied in Arabic to the Isma'ili sectarians, who used to intoxicate themselves with hashish or hemp, when preparing to dispatch some king or public man...

assogue \a. F. assogue (in same sense), a. Sp. azogue, Pg. azougue, quicksilver, ad. Sp. Arab. az-zaouga (P. de Alcalá) = Arab. az-zauq, i.e. az = al the, zauq, ad. Pers. zhiwah quicksilver.

atabal \a. Sp. atabal, a. Arab. at-ṭabl, i.e. al the, ṭabl a drum.

athanor \ad. Arab. attannur, i.e. at = al the, tannur furnace...

atlas \a. (ultimately) Arab. aṭlas 'smooth, bare,' thence 'smooth silk cloth,' f. ṭalasa to rub smooth, delete...

attar \a. Pers. 'aṭar perfume essence, 'aṭar-gul essence of roses, ad. Arab. 'itr, pl. 'uṭur, 'oṭor, aroma, f. 'aṭara to breathe perfume.

auge \a. OF. auge (also in It. and Sp.), a. Arab. awj, 'height, top, summit, higher apsis of sun or planet.

aumil \Urdu (prop. Arab.) 'amil, operator, agent, spec. 'revenue-collector,' agent-noun f. Arab. 'amala to act, perform an office.

avania \ In common use in the Levant, but of uncertain language and origin; (...) Arab. and Turk. awani, also found as awari (Devic), and in Boethor 'awan, and 'awania...

avives \a. F. avives (also vives), a. Sp. avivas, adivas, ad. Arab. az-zibah, with same meaning, lit. al-, the, zibah she-wolf.

ayatollah \a. Pers., ad. Arab. 'ayatu-llah miraculous sign of God.

Azan \Arab. adan invitation.

azarole \a. F. azerole (written by Tournefort azarole), cogn. with Sp. acerolo, azarolla (...), ad. Arab. az-zu'rur, applied to the same fruit.

azimuth \a. F. azimut, cogn. with It. azzimutto, Pg. azimuth, ad. Arab. as-sumut, i.e. as = al the + sumut, pl of samt way, direction, a direction or point of the compass or horizon, and the arc extending from it to the zenith...

azoth \Corruption (ultimately) of Arab. az-zauq; see assogue. Cf. F. azoth, Sp. azogue.

azure \a. OF. azur, asur (11th c.), cogn. with Pr., OSp. azur, Pg., Sp. azul (...), adaptations of Arabic (al-)lazward, a. Pers. lajward, lazward, lapis lazuli, blue colour.

Baath \ad. Arab. ba'th resurrection, renaissance.

babouche \a. F. babouche (cf. Sp. babucha), a. Arab. babush, ad. Pers. paposh a slipper...

badmash \Pers. and Urdu, f. Pers. bad evil + Arab. ma'ash means of livelihood.

bahar \Arab., bahar.

baksheesh \Pers. bakhshish present, f. bakhshi-dan to give; now used in Arabic, Turkish, and Urdu.

balas \a. OF. balais, balai, cogn. with (...) Sp. balax, med.L. balascus (Marco Polo), balascius, -asius, ad. Arab. balakhsh, f. Pers. Badakhshan, the district near Sarmacand where they are found.

banian \a. Pg. banian, prob. a. Arab. banyan (16th c.)...

Barbary \I. a. OF. barbarie, ad. L. barbaria, barbaries, 'land of barbarians, barbarism,' f. barbar-us barbarous. In II. ult f. Arab. Barbar, Berber, applied by the Arab geographers from ancient times to the natives of N. Africa, west and south of Egypt. According to some native lexicographers, of native origin, f. Arab. barbara 'to talk noisily and con-fusedly' (which is not derived from Gr. bárbaros); according to others, a foreign word...

barberry \ad. med.L. barbaris (in Promp. Parv.), berberis, F. berberis, 16th c. berbere, Sp. berberis, It. berberi, of unknown origin and history. (An Arabic barbaris, sometimes cited, is a transcription of the Latin employed by Arabian botanists ...).

barbican \a. F. barbacane, in 12th c. barbaquenne (= Pr., Sp. barbacana, Pg. barbacão, It. barbacane), of uncertain origin, perh. from Arab. or Pers...

bard \a. F. barde horse-armour, also 'a long saddle for an ass or mule of canvas' (Cotgr.); cf. It. barda horse-armour, also pack-saddle, and F. bardelle pack-saddle. These, and the existence of a dial. F. aubarde, seem to identify the word with Sp. and Pg. albarda pack-saddle, referred by Devic to Arab. al-barda'ah, i.e. al the + barda'ah 'stuffed pack-saddle for ass or mule'...

bardash \a. F. bardache, cogn. with It. bardascia, Sp. bardajo, -axo; perh. ad. Arab. bardaj slave.

baroque \a. F. baroque adj., ad. Pg. barroco, Sp. barrueco, rough or imperfect pearl; of uncertain origin. (...) Pg. has besides barroco 'rough or Scotch pearl,' barroca 'a gutter made by a water-flood' Vieyra, 'uneven stony ground' (Diez), which native

etymologists refer to Arab. buraq, pl. of burqah ‘hard earth mixed with stones, pebbly place’ (Freytag).

barracan \a. F. barracan, baragant (Cotgr.), mod. bouracan (= Pr. barracan, It. baracane, Sp. barragan, Pg. barregana), a. Arab. barrakan, or burrukan (Dozy), camlet, a cloak of camlet, f. Pers. barak ‘a blanket or garment of camel’s hair.

barrack \a. F. baraque, ad. It. baracca or Sp. barraca ‘a souldier’s tent, or a booth, or such like thing made of the sayle of a shippe, or such like stuffe’ (Minsheu 1617). Of uncertain origin: Diez thinks from barra bar, comparing, for the form, trab-acca from trab-s beam. Others have tried to find an Arabic or Celtic source.

basan \a. F. basane, (Cotgr. bazane, Palsgr. basanne), prob. ad. Pr. bazana, a. Sp. badana (med.L. bedana), ad. Arab. biṭānah, lining, ‘inside’.

bausond \a. OF. bausant (...) a word of doubtful form and etymology (...) Conjectures (...) in Devic (Littré, Suppl.) who has pointed out the striking identity of meaning between bausant and Arab. ablaq, fem. balqa; but notwithstanding this, the forms of the Arabic and Romanic words cannot (at present at least) be phonetically reconciled.)

bedeguar \a. F. bédeguar, bédegar, ad. ult. Pers. (and Arab.) badawar, -ard, lit. ‘wind-brought,’ according to the Burhani Kati ‘a thorny bush with a white flower, resembling the thistle’.

Bedouin \a. F. bedouin, 12th c. OF. li bedowin (pl.), 13th c. beduins, beduyn (sing.), a. Arab. badawin, pl. of badawiy or badawiy a dweller in the desert, f. badw desert. First known to Europeans in Crusading times. The plural, being of most frequent use, was adapted in med.L. as beduini, bedewini...

Bedu \Arab. badw desert, Bedouins, badawi Bedouin: see Bedouin.

behen \a. med.L. behen (found in other mod. langs.), app. corruption of Arab. bahman, behmen, a kind of root, also a dog-rose.

bejel \Arab.

belleric \a. F. belléric, more correctly belliric, ad. (ultimately) Arab. balilaj, f. Pers. balilah.

ben \a. Arab. ban, ‘the ben-tree’ (Lane)...

benzoin \In 16th c. benjoin, a. F. benjoin (also benjaoy, quoted by Devic from Déterville Dict. Hist. Nat. 1816), repr. Sp. benjui, benjuy (Barbosa 1516), Pg. beijoim (Vasco da Gama 1498) (...) a. Arab. luban jawi ‘frankincense of Jawa’ (Sumatra), by which name benzoin is called by Ibn Batuta c1350 (ed. Paris IV. 228)...

Berberine \prop. pl. used as sing., f. berber + Arab. pl. suffix -in (cf. fellaheen, pl. of fellah).

beryl \a. OF. beryl, beril:—L. beryllus (...) prob. a foreign word; identified by Weber with Skr. vaidurya. Cf. also Arab. and Pers. ballur crystal.

Betelgeuse \Fr. Bételgeuse, f. Arab.

bezoar \Like mod.L. bezahar, bezaar, bezoar (bezardicum, lapis bezoarticus), Sp. bezaar, bezar, bezoar, F. bezahar, bezar, bezoar, bezoard, ad. Arab. bazahr or badizahr, ad. Per. pad-zahr counter-poison, antidote, bezoar stone; f. zahr poison.

bhang \A word widely spread in Eastern langs.: in Urdu, and various Indian langs., bhang, bhang, bhung; in Pers., bang (whence Arab. banj, benj).

bilk \Of uncertain origin (...). Blount's assertion that the word is Arabic is altogether erroneous...

bint \Arab. bint daughter.

bismillah \Arab. bi-'sm-illah ('in the name of God.')

bled \Fr., f. colloq. Arab. bled, representing (depending on context) balad vast stretch of country or bilad land, country.

Blighty \Contracted form, originating in the Indian army, of Hind. bilayati = wilayati foreign, and esp. European, f. wilayat prop. Arabic, inhabited country, dominion, district, vilayet, in Hind. esp. foreign country (cf. Arab. wali governor of a province, vali, wali).

Bohairic \f. Bohairah, Bahirah (Boheira, Beherah), the Arabic name of Lower Egypt (Arab. buhaira lake).

bonduc \a. F. bonduc, a. Arab. bunduq, now meaning 'hazel-nut', but formerly a foreign nut of some kind; prob. from Persian...

bonito \a. Sp. bonito, of doubtful origin: bonito adj. 'pretty good, pretty' is a native Sp. word; but the Sp. Academy derive the name of the fish from an Arabic bainith, which looks like an adaptation of the Spanish.

borax \ME. bo'ras, a. OF. boras (...), a. Arab. variously pronounced bauraq, buraq, boraq, prop. 'natron', but also 'borax': referred by the lexicons to the Arab. bwrq to glisten, but prob. ad. Pers. burah borax...

botargo \a. It. botargo, botarga (now buttarga), ad. Arab. buṭarkhah 'preserved mullet-roe', in Makrizi a.d. 1400 (in pl. buṭarikh, whence It. var. bottarica)...

bougie \a. F. bougie wax candle, from Bougie (Arab. Bijiyah), a town in Algeria which carried on a trade in wax.

Brazil \? a. Sp. (also Pg.) brasil or It. brasile; corresp. to F. brésil, Pr. bresil, brezilh, in OF. berzi, bresis, OIt. verzino, in med.L. ? brezellum, brasilium, bresillum, braxile: of unknown origin; perh. a corruption of an oriental name of the dye-wood originally so called. On the discovery of an allied species, also yielding a dye, in South America, the territory where it grew was called terra de brasil, 'red-dye-wood land', afterwards abbreviated to Brasil 'Brazil'. Brazil-wood was thus not named from the country, but the converse was the case. Formerly pronounced in Eng. 'brazil, as shown by rimes and spellings. Conjectural etymologies are F. briser to break, brésiller to crumble (as if the wood arrived in a broken state); also F. braise, Sp. brasa 'glowing coal' (from its colour); also Arab. wars saffron, in some parts perhaps pronounced vars, vers (cf. It. verzino). See Diez, Littré.

brinjal \Anglo-Indian adaptation of Pg. bringella, bringiela, earlier beringela = Sp. berengena, al-berengena, ad. Arabic (al)-badhinjan...

buckram \Found in most of the European langs. between 12th and 15th c.; cf. OF. boquerant (12th c.), (...) Pr. bocaran, Cat. bocaram (Diez), Sp. bucaran, It. bucherame (in Boccaccio 14th c.). Reiske (in Constantin. Porphyrog. ed. Niebuhr II. 530) proposes Arab. abu qiram 'pannus cum intextis figuris', but he does not say where he found this compound; the simple qiram is of doubtful meaning...

bulbul \a. (through Pers.) Arab. bulbul.

bunk \Cf. bunk 'nascaptha, an odoriferous root', given as Arabic in Johnson's Pers.-Ar.-Eng. Dict., 1852; not in Freytag or Lane.

burgoo \ad. Arab. burghul cooked, parched, and crushed wheat, ultimately ad. Turk. bulgur: see bulgur, burg(h)ul.

burka \Hind. (from Arabic) burqa'.

burnous \a. F. burnous, a. Arab. burnus.

buskin \A word existing in many European langs.: known in Eng. since 16th c. Cf. Fr. brousequin (16th c.), early mod.Du. brozeken (now broosken), Sp. borceguí, formerly also boszegui, Pg. borzeguim (Dozy cites as earlier forms morsequill, mosequin) (...) The appearance of the Sp. and Pg. words suggests an oriental origin, but the Arabic etymology proposed by Dozy is far-fetched and untenable.

byssus \a. L. byssus, (...) ad. Heb. buts, applied to 'the finest and most precious stuffs, as worn by kings, priests, and persons of high rank or honour' (Gesenius), transl. in Bible of 1611 'fine linen', f. root buts, Arab. baḍ to be white, to surpass in whiteness. Originally therefore a fibre or fabric distinguished for its whiteness.

Caaba \Arab. ka'bah square (or cubical) house.

cabaan \a. Arab. and Pers. qaba' a man's outer tunic.

cabeer \Arab. kabir, lit. 'big, gros'.

cabob \Arab. kabab (also in Pers. and Urdu), in same sense.

cadi \a. Arab. qadi judge, f. qada(y to judge. (Whence, with al-, Sp. alcalde.)

cafard \F. cafard, caphard, of doubtful origin: some have proposed to identify it with Cat. cafre infidel, Sp., Pg. cafre cruel, which are app. ad. Arab. kafir...

cafre \ad. Arab. kafir infidel, impious wretch, one who does not recognize the blessings of God, f. kafara to cover up, conceal, deny.

cafila \Arab. qafilah caravan, marching company.

calabash \a. F. calebasse, calabace, Cotgr.) ad. Sp. calabaza, calabaza gourd, pumpkin (...). The ultimate source was perh. the Persian kharbuz, or kharbuza, also kharpuza, and kharbuza, 'melon', generally 'marsh-melon', occasionally 'water-melon', whence Arabic khibiz 'melon', and kirbiz 'pumpkin, gourd (...).

calfret \ad. F. calfrete-r (Cotgr.), calfater, calfeutrer to caulk (a ship). The word occurs also as It. calafatare, Sp. calafatear, -fetear; usually believed to be f. Arab. qalafa, in 2nd conjugation qallafa to caulk a ship with palm-tree fibre...

calibre \a. F. calibre (qualibre in Cotgr. 1611) = It. calibro, Sp. calibre (OSp. also calibo, Diez) of uncertain origin; the Arab. qalib 'mould for casting metal', or some cognate derivative of qalaba to turn, has been suggested as the source.

calico \In 16-17th c. also calicut, from the name of the Indian city (sense 1) (...) in Arabic Qaliquit, med.L. (Conti) Collicuthia, Pg. Qualecut (V. de Gama), Calecut (Camoens).

calin \Fr.: a. Pg. calaim, a. Arab. qala'i; the ultimate derivation is disputed.

caliph \ME. califfe, caliphe, etc., a. F. caliphe, calife, ad. med.L. calipha, ad. Arab. kha-lifah, successor (f. khalafa to succeed, be behind), assumed by Abu-bekr after the death of Muhammad. Later forms attach themselves more directly to the Arabic: orientalisks now favour Khalîf...

camaca \a. OF. camocas (kamoukas in Froissart) 'silk stuff approaching satin' (Godef.), or med.L. camoca, camucum (...) ad. Arab. kamkha or kimkha, which Devic thinks originally a Chinese word, and ultimately identical with OF. canque.

camel \Late OE. camel, camell, ad. L. camel-us (-ellus) (...) perh. f. vb. gamal, Arab. jamala to bear (Gesenius).

camise \Arab. qamiç under-tunic, shirt; occurring in the Koran, but generally thought to be ad. L. camisia, camisa...

camlet \app. immediately from French: Littré cites chamelot 13th c. (...). The ultimate origin is obscure; at the earliest known date the word was associated (by Europeans) with camel, as if stuff made of camel's hair; but there is reason to think it was originally the Arabic khamlat, from khaml; Marco Polo (ed. Yule) I. 248 (Skeat)...

camphor \a. F. camfre, camphre = med.L., Pr., and Pg. camphora, It. canfora, Sp. and Pg. alcanfor (...) a. Arab. kafur, in Old Pers. kapur....

canaut \Urdu from Arab. qanat (Yule).

candy \a. F. candi in sucre candi; cf. It. zucchero candi (found, according to Littré, in an It. author of 1310), Sp. azucar cande, Pg. assúcar candi, med.L. saccharum candi; a. Arab., orig. Pers. qand sugar, the crystallized juice of the sugar-cane (whence Arab. qandah candy, qandi candied)...

cane \ME. canne, cane, a. OF. cane, later canne (= Pr. cana, Sp. caña, It. canna) (...) perh. from Semitic: cf. Heb. qaneh, Arab. qanah reed, cane...

caphar \In F. caphar, a. Arab. khafarah defence, premium for defence or protection, f. khafara to protect, patronize.

carafe \a. F. carafe = It. caraffa (Neapol. carrafa a measure of liquids), Sp. and Pg. garrafa, Sicil. carrabba. According to Littré identified by Mohl with Pers. qarabah 'a large flagon' (see carboy); but Dozy refers it to Arabic gharafa to draw or lift water: cf. the derivatives ghuruf little cup, ghiraf a great and full measure of dry things, gharraf

having much water, ghirafah a draught, etc., no one of which however exactly answers to the Romanic forms.

caramel \a. F. caramel, ad. Sp. (It., Pg.) caramelo, of uncertain origin. Scheler suggests that the Sp. represents L. calamellus little tube, in reference to its tubular form; Mahn thinks it from med.L. cannamella sugar-cane: an Arabic source is conjectured by Littré.

carat \a. F. carat, ad. It. carato: cf. Sp. and Pg. quilate, earlier quirate, a. Arab. qirat (and qirrat) 'weight of 4 grains'...

caratch \Arab. kharaj tribute.

caraway \From med.L. carui, or some allied Romanic form: cf. (...) OSp. alcaravea, alcarahueya, Pg. alcaravia, alcorovia, a. Arab. al-karawiya or -karwiya...

carcass, carcase \ (...) It is to be noted however that OF. carcois, med.L. carcosium, must app. be separated from OF. tarquais quiver, evidently ad. Pers. (Arab., Turk. tar-kash quiver, arrow-case), although some confusion of the two words may be suspected in mod.F. carquois (since 15th c.), It. carcasso and turcasso, Pg. carcaz quiver...

carmine \a. F. or Sp. carmin, in med.L. carmin-us, contracted from carmesin-us, f. Sp. carmesí crimson, a. Arab. qirmazi 'crimson', f. qirmiz, kermes, alkermes, the scarlet grain insect.

carob \a. (...) Sp. garrobo, algarrobo, a. Arab. (al) kharrubah, in Pers. khirnub, 'bean-pods, carobs'.

caroteel \possibly ad. Arab. qirtal, collective of qirtalat, qartillat ass's burden, basket, fruit-basket.

carthamus \mod.L. carthamus (in F. carthame), ad. Arab. qartum, qirtim, in same sense.

cassab \Hind., a. Arab. qaççab butcher.

cassock \a. F. casaque 'a cassocke, mandilion, long coat', 16th c. in Littré, (corresp. to Sp. and Pg. casaca 'a souldiers cassocke, a frock, a horsemans coat'(...)). Lagarde (Götting. Gelehrte Anzeiger, 15 Apr. 1887, 238) maintains that F. casaque is a back-formation from casaquin (by incorrectly viewing the latter as a dimin. form), and that casaquin, It. casacchino, was a corruption of Arab. kazagand, ad. Pers. kazhagand, a padded jerkin, or acton, f. kazh = kaj raw silk, silk floss + agand stuffed...

catur \Original language unknown: Portuguese writers call them catures: Capt. Burton has suggested identity with Arab. 'katireh, a small craft,' but this seems phonetically unlikely; moreover Jal identifies the catur of Calicut with the Arab. almadia...

cebratane \ad. Sp. cebratana, cerbatana of same meaning, app. ad. Arab. (and Pers.) zabaṭana, sabaṭana blowing tube for shooting birds (for which Pedro de Alcala has zarbatana, Dozy); also found in Pg. sarabatana, It. cerbottana, Fr. sarbatane, sarbacane.

ceterach \a. med.L. ceterach (...); the origin has been variously sought in Arabic and in Celtic.

chai \See cha; perh. borrowed afresh from Russian or Arabic.

chebec \a. F. chebec; (...) Sp. jabeque, OSp. xabeque, -veque, Pg. xabeco, -veco, OPg. enxabeque, It. sciabecco, zambecco, stambecco, mod.Arab. shabbak, shobbak...

chechia \Fr. chéchia, ad. Maghribi Arab. shashiya, f. Arab. Shash, name of a town in Transoxiana.

check \ME. chek, chak, aphetic f. eschek, -chak, a. OF. eschec, -ek, -eq, eschac, in ONF. eskec, escac, Pr. escac, It. scacco 'check' in chess, med.L. scaccus, scachus; cf. also the parallel forms Sp. jaque, OSP. xaque 'check', Pg. xaque 'check' and 'shah' (of Persia). Adapted form (immed. from Arabic) of Pers. shah 'king', also the 'King' in chess; in this specific sense the Pers. word was taken into Arabic, where arose the phrase shah mat(a, 'the King is dead', i.e. can make no further move: see checkmate...

checkmate \ME. chek mat(e chekmat(e, aphetic f. OF. eschec mat, eschec et mat, Pr. escat mat, It. scaccomatto, Sp. jaque y mate, OSp. xaquimate, OSp. and Pg. xaque mate, ad. Arabic shah-mat(a the king is dead: see check n.1

cheese \Of doubtful origin; but prob. a. Pers. and Urdu chiz 'thing'. Yule says such expressions used to be common among young Anglo-Indians as 'My new Arab is the real chiz', i.e. 'the real thing'.

chelingo \In mod.F. chelingue; quoted by Yule from Valentijn as chialeng, and by him identified with Arabic shalandi, which is app. the mediæval chelandium (...) (But this is not certain.)

chemist \16th c. chimist, a. F. chimiste, ad. mod.L. chimista, chymista, used instead of the earlier alchimista, after the latter began to be analysed, and the Arabic al- separated from the rest of the word...

chess \ME. ches, chess, aphetic f. AF. and OF. eschès (OF. also eschecs, eschas, eschax, escas, mod.F. échecs = échè-z) 'chequers, chess', pl. of eschec (escac, etc.) check n.1 So med.L. had scacci, scaci, scachi, It. scacchi, Pr. escacos, all plurals, as name of the game; Sp. and Pg., on the other hand, have preserved in Sp. ajedrez, Pg. xadrez, the Arabic name, shât-ranj, from OPers. chatrang, Skr. chaturanga lit. 'the four angas or members of an army (elephants, horses, chariots, foot-soldiers)'. Cf. check n.1

ciclatoun \a. OF. ciclaton, (...) in Sp. ciclaton, Pr. sisclato (Diez), also MHG. ciclât, ziklât, siglât, and siklatîn. The source of the names found in most European langs. in the Middle Ages, appears to have been Arabic (orig. Pers.) siqilaṭun, also siqilaṭ, siqalaṭ, saqalaṭ, (acc. to Mr. J. Platts) from siqillaṭ, siqallaṭ, for saqirlaṭ, saqarlaṭ, Arabicized form of Pers. sakarlat, the same word which has given scarlet...

Cid \Sp. cid chief, commander, a. Arab. sayyid, lord.

cigar \ad. Sp. cigarro: in F. cigare. The Spanish word appears not to be from any lang. of W. Indies. (...) The name cigarral applied to a kind of pleasure-garden and summer-house (as in the cigarrales of Toledo), which has sometimes been pressed into service in discussing the etymology, is said by Barcia, after P. Guadio, to be related neither to cigarra nor cigarro, but to be of Arabic origin meaning 'little house' (casa pequeña). It is said however to be applied in Cuba to a tobacco garden or nursery.

cipher \a. OF. cyfre, cyffre (mod.F. chiffre) = Sp. Pg. It. cifra, med.L. cifra, ciphra, f. Arab. çifr the arithmetical symbol 'zero' or 'nought' (...), a subst. use of the adj. çifr 'empty, void', f. çafara to be empty...

civet \a. F. civette (...), all originating in the Arab. name zabad, zubad. (...) See also zibet. The Arabic lexicographers connect the word with zabada to cream, foam, zubb froth, cream, zubbad cream, etc., as if orig. applied to the secretion...

coffee \ad. Arab. qahwah, in Turkish pronounced kahveh, the name of the infusion or beverage; said by Arab lexicographers to have originally meant 'wine' or some kind of wine, and to be a derivative of a vb.-root qahiya 'to have no appetite.'...

coffle \ad. Arab. qafilah caravan, travelling company; see cafila.

cohob \Origin uncertain: it may be the root of next word, or merely a contraction of cohobation. An Arabic derivation is suspected. There is a Semitic root ka'ab, which has in Ethiopic the sense 'second', with a deriv. vb. 'to double, repeat'; this may have occurred in a vulgar Arabic dialect...

colcothar \So in F., Pg. and med.L. (also calcatar), Sp. colcotar, ad. Arab. qolqotar...

Copt \Cf. F. copte, mod.L. Coptus, Cophtus ad. Arab. quft, qift collective, 'the Copts', with relative adj. qufti, qifti Coptic, also qubt, qibt with relative adj. qubti, qibtī, most prob. ad. Coptic gyptios, kyptaios, repr. Gr. Aigyptios Egyptian. The Arabic u is in some places pronounced o, and Arabic having no p is obliged to substitute f or b: to the former is owing the early Cophtus...

cork \Cf. Sp. corcha, corche in same sense; but 15th c. corke, with 16th c. Du. kork, kurk, Ger. kork, appears to represent OSp. alcorque 'a corke shooe, a pantofle' (Minsheu), in which sense corke is cited in 1463 (sense 2); (...) Alcorque, known in Sp. of date 1458, was immediately from Sp. Arabic (Covarrubias 1611 has 'dicho en Arabigo corque'); but its origin is uncertain...

coSS \a. obs. F. cosse, ad. It. cosa thing, a translation of Arab. shai 'thing', the term applied to the unknown quantity (or x) of an equation, etc.

coSSid \a. Arab. (and Pers.) qaçid courier.

coSt \OE. cost, ad. L. costum (costos) (...) Arab. qust, Skr. kuṣṭha (Yule), the thick aromatic root of the composite plant...

cotton \ME. coton, cotoun, a. F. coton = Pr. coton, It. cotone, OSp. coton, Pg. cotão, a. Arab. qutn, qutun, in Sp. Arab. qoton. From the Arab. with prefixed article, alqoton, Sp. alcoton, algodón, comes acton, q.v.

couscous \a. F. couscous (also impropr. couscou, couscoussou), a. Arab. kuskus, f. kaskasa to pound or bruise small.

cowle \a. Arab. qaul word, promise, bargain, compact, which 'has become technical in the Indian vernaculars, owing to the prevalence of Mohammedan Law' (Yule).

cramoisy \a. early It. cremesí and OF. crameisi, later cramoisi = Sp. carmesí, Pg. carmezim; the original type is seen in It. chermesí, chermizí, a. Arab. qirmazi of or belonging to the qirmiz, kermes or alkermes, the Scarlet Grain insect: see crimson...

crimson \The 15th c. cremesin(e) corresponds exactly to early Sp. cremesin (cited 1403-12), early It. cremesino and med.L. cremesinus, variants (by metathesis of r) of med.L. kermesinus, carmesinus, It. chermesino, carmesino, Sp. carmesin (16th c.), f. It.

chermisí, cremesí, Sp. carmesí (cited 1422), (a. Arab. qermazi, qirmazi: see cramoisy) + suffix -ino...

crocus \a. L. crocus, a. Gr. krócos the crocus, and its product saffron: app. of Semitic origin; cf. Heb. karkom, crocus, saffron, Arab. kurkum, saffron, turmeric.

cubeb \a. Fr. cubèbe (14th c. in Littré) = Pr., Sp., It. and med.L. cubeba, ad. Arab. kababah. In OF. also quibibes (in W. de Biblesworth), quybybes, cucubes (in MSS. of Mandeville, 14th c.), whence the ME. variants.

cumin \OE. cymen (:-cumin), a. L. cumin-um (cym-) (...), Sp., Pg. comino, (...) is supposed to have been a foreign word, cognate in origin with the Semitic names, Heb. kammôn, Arab. kammûn, and their cognates.

curcuma \med. or mod.L. ad. Arab. kurkum saffron, turmeric: see crocus.

cuttanee \Urdu and Pers. kattani, f. Arab. kattan flax.

dabuh \Arab. ḏabu' hyæna = Heb. tsabua' Jer. xii. 9.

dahabeeyah \Arab. dhahabiyah lit. 'the golden', f. dhahab gold: name of the gilded state barge of the Muslim rulers of Egypt.

daman \From the Arabic name daman israil, sheep or lamb of Israel.

Damascus \L. Damascus, Gr. Damaskós, from Semitic: cf. Heb. Dammeseq, Arab. Dimashq, Dimeshq; thence Heb. d'meseq or d'mesheq, transl. 'silken' in Amos iii. 12 (Rev. V.).

deloul \colloq. Arab. dhelul, Arab. dhalul, lit. obedient.

demijohn \In F. dame-jeanne (1694 Th. Corneille dame-jane, 1701 Furetière Dame Jeanne, lit. 'Dame Jane'); so Sp. dama-juana (as if Dama Juana); mod.Pr., in different dialects, dama-jana, (...) mod. Arabic damajanah, damajanah, etc. in 19th c. lexicons...

demon \Arab., the demon: see ghoul

Deneb \ad. Arab. dhanab (ad-dajaja) (hen's) tail.

dervish \a. Pers. darvesh, darvish poor, a religious mendicant, a friar, in Arab. darwesh, darwish, Turkish dervish, the latter being the immediate source of the European forms: (..) Sp. derviche (...). (The native Arabic equivalent is faqir poor, fakir.)

dewan \Arab. and Pers. diwan, divan, Pers. formerly devan, the same word as divan, of which an early sense was 'register'...

dhow \Original language unknown; now in use all round the coast of the Arabian Sea from Western India to E. Africa, also on Lake Nyanza. The Marathi form is ḏaw, and the word exists in mod. Arabic as daw (Johnson 1852)...

dibs \colloq. Arab. debs = Heb. debash honey, wine syrup.

dieb \a. Arab. dhib, 'wolf', also in some districts 'jackal'...

dinar \Arab. and Pers. dinar...

dirhem \Arab. dirham, dirhim, ad. L. drachma...

diss \a. Arab. dis, the native name.

divan \A word originally Persian, devan, now diwan, in Arabic pronounced diwan, diwan; in Turkish divan, whence in many European langs., It. divano, Sp., Pg., F. divan. Originally, in early use, a brochure, or fascicle of written leaves or sheets, hence a collection of poems, also a muster-roll or register (...) Another European form, older than divan, and app. directly from Arabic, is It. dovana, doana, now dogana, F. douane (in 15th c. douwaine), custom-house: see douane.

doronicum \mod.L., ad. mod. Gr. doroneïkon, ad. Arab. daranaj, darunaj. Adopted by Linnæus in his Systema Naturæ (1735) as the name of a genus.

douane \Fr.; = It. doana, dogana, lingua Franca douana, from Arabic: see divan.

douar \a. Arab. duar, in F. douar.

doum \Arab. daum, dum.

dragoman \a. F. dragoman, drogman, in OF. drugemen = Sp. dragoman (...) ad. OArab. targuman, now tarjuman, tarjaman, turjuman, interpreter, f. targama, tarjama to interpret = Chaldee targem, (whence targum). From 14th c. commonly treated as a compound of Eng. man with pl. dragomen; in 19th c. more frequently dragomans. The variants are due to the varying vocalization of the Arabic word, and the passage of Old Arabic g into j...

drub \Appears first after 1600; all the early instances, before Hudibras, 1663, are from travellers in the Orient, and refer to the bastinado. Hence, in the absence of any other tenable suggestion, it may be conjectured to represent Arabic daraba to beat, to bastinado, vbl. n. darb beating, a blow, a drub. There are difficulties...

Druse \ad. Arab. Duruz, a form of plural used for names of nations...

dubba \Arab., Pers., and Urdu dabbah vessel made of raw skins.

dufter \Arab., Pers., Urdu daftar record, register...

dulcarnon \a. med.L. dulcarnon, corrupted from Arabic dhu'lqarnayn two-horned, bicornis, cornutus; lit. 'lord or possessor of the two horns'.

dura mater \Med.L. = hard mother; literal translation of the Arabic umm al-galidāh or umm al-jafiyah (Boethor) in the same sense, in accordance with the Arabic use of 'father', 'mother', 'son', etc. to indicate relations between things.

durra \Arabic dhurah, dhurrah.

elemi \In Fr. élémi, It., Sp. elemi, Pg. gumileme; of unknown (perhaps oriental) etymology; the Arab. name lami, cited by some writers, appears, according to Devic, to be known only as a very modern word...

elixir \a. med.L. elixir (cf. Fr. élixir, It. elissire, Sp. elíxir, Pg. elixir), ad. Arab. al-iksir (= sense 1), prob. ad. late Gr. xérion 'desiccative powder for wounds'.

emblic \ad. med.L. emblica, -icus, ad. Ar. amlaj a. Pers. amleh, cf. Skr. amalaka of same meaning.

emir \a. Arab. amir, commander. See ameer, admiral.

empty \rendering Arab. Ruba el-Khali

enam \Pers. (Arab.) in'am, lit. 'favour', f. na'ama to be happy, in 4th conj. an'ama to favour, bless.

essera \med.L. essera, essere, ad. Arab. shara, with the art. ash-shara: see Avicenna Canon iv. iii. cap. 13 in the orig. and in the Lat. version of 1483. Cf. Fr. essère.

eyalet \Turk. èyalet, a. Arab. iyalah (-at), noun of action f. al to preside.

eye \transl. of mod.L. oculus mundi: cf. the Arab. name 'ain ashshams 'eye of the sun'.

ezan\Arab. adhan.

faki \Arab. faqih one learned in the law.

fakir \a. Arab. faqir lit. 'poor, poor man'; some of the early forms may be due to the pl. fuqara.

false \tr. Arab. çubh kadhib

fana \a. Arab. fana'.

fardel \a. OF. fardel (later fardeau), dim. of farde burden, cognate with Sp., Pg. fardo. It has been suggested that the source of the Rom. word is Arab. fardah...

Farsi \a. Pers., f. Fars, the Arabic name for the region of Pars in Iran: see Parsee and Persian a. and n.

Fatiha \Arab. fatiḥa, fathā opening, f. fataḥa to open.

Fatimite \f. Arab. Faṭīma + -ite1.

faufel \a. Arab. faufel.

fedayeen \Colloq. Arab. fida'iyin, pl. of Class. Arab. fida'i one who undertakes perilous adventures.

feddan \Arab. fadán, faddán a yoke of oxen; an acre.

felafel \ad. Arab. falafil.

fellagha \ad. colloq. Arab. fallaga, pl. of fallag bandit, robber.

fellah \a. Arab. fellah husbandman, f. falaḥa to till the soil.

felucca \a. It. felu(c)ca, Fr. felouque, Sp. faluca, Pg. falua, mod.Arab. falukah, also fulaikah. Devic considers it to be of Arabic formation, cognate with Arab. fulk ship, f. root falaka to be round.

fen \fen, in L. version of Avicenna, ad. Arab. fann species, class.

fennec \Arab. fenek, a name vaguely applied to various fur-bearing animals.

ferash \Urdu from Arab. farrash, f. farasha to spread.

Feringhee \An oriental adoption of frank, with Arab. ethnic suffix -i; in Arab. faranji, in Pers. farangi.

fers \a. OF. fierce, fierche, fierge (in med.L. fercia, farzia), ad. (ultimately) Pers. ferzen, Arab. firzan, also ferz. The Pers. word means 'wise man', 'counsellor'.

fetwa \Arab. fetwa (pronounced by the Turks fetfa), f. fata, in 4th conj. to instruct by a legal decision (pr. pple. mufti mufti).

fangan \Arab. finjan, in Egypt fingan.

fistic \ad. (through med.L. fisticum) Arab. fistuq, fustuq, -aq, a. Pers. pistah, whence ultimately pistachio.

fluce \Arab. fulus, pl. of fals name of a small copper coin.

Formalhaut \Arab. fumu 'l-haut mouth of the fish, Sp. fomahant.

fonda \Sp. fonda from Arab.: see fonduk.

fondaco \It., ad. Arab.; see fonduk.

fonduk \Arab. funduq an inn...

foujdar \Pers. faujdar f. Arab. fauj troop.

frasilah \mod.Arab. farsalah, pl. farasulah; by some scholars thought to be of Romanic origin: cf. parcel.

fustet \a. F. fustet, ad. Pr. fustet = Sp. fustete, an etymologizing corruption (as if dim. of Pr. fust, Sp. fuste stick, piece of wood) of the Arab. source of fustic.

fustic \(..) a. Sp. fustoc, a. Arab. fustuq, ad. Gr. pistáke pistachio...

futah \ad. Arab. fuṭa cloth used as a waist-wrapper.

gable \ (...) With different sense, but agreeing in root, grade, and suffix, are OHG. gebal head, gibilla crown of the head, app. cognate with Gr. kefalé head (OAr. root ghebh)...

gaiassa \Arab. qayyasa.

galabiya \= Arab. jallabiya, pop. equivalent of jilbab.

galingale \ad. OF. galingal (garingal), a. Arab. khalanjan or khaulinjan, said to be a. (through Pers.) Chinese Ko-liang-kiang, lit. 'mild ginger from Ko,' a prefecture in the province of Canton...

gamash \a. F. gamache (now only dial.) (...) identified by Dozy with Sp. guadamaci, Pg. guadamecim (now obsolete), a kind of leather, believed to be a. Arab. ghadamasi, f. the name of Ghadamas in Tripoli, where a highly esteemed kind of leather was made. In some of the forms the ending has evidently been assimilated to shoes.

gandoura \ad. Algerian Arab. gandura, classical Arab. qandura.

garble \App. originally a term of Mediterranean commerce, ad. It. garbellare, ad. Arab. gharbala (also karbala) to sift, select, related to ghirbal, kirbal, sieve; cf. Sp. garbillare to sift corn, garbillo corn-sieve...

Garshuni \ad. Arab. karshuni.

gazelle \a. F. gazelle (...) = Sp. gacela, gacele, gacel, Pg. gazella, It. gazzella, ad. Arab. ghazal, which prob. passed first into Sp. and thence to the other Rom. tongues.

gehena \a. Eccl. Lat. gehenna, a. Hellenistic Gr. geenna, rendered 'hell' in the Eng. N.T. (...). The Gr. was ad. post-Biblical Heb. geihinnom hell, place of fiery torment for the dead (whence Arab. jahannam)...

Gelalean \f. Arab. Jalal ad-din.

genet \a. OF. gen(n)ete, -ette, jen(n)ette (F. genette) = Sp. and Pg. gineta, med.L. geneta (mod.L. genetta), a. Arab. jarnait.

genie \The word génie was adopted by the Fr. translators of the Arabian Nights as the rendering of the Arab. word which it resembled in sound and in sense. In Eng. genie has been commonly used in the sing. and genii (see genius 2) in the plural.

gerfaunt \app. alteration of Arab. zarafah giraffe, assimilated to elefaunt.

get \a. ON. geta (gat, gátum, getenn) to get, obtain, to beget, also, to guess (...) The OAr. root ghed, ghod 'to seize', 'take hold of', is found also in L. præda (: -præ-heda) booty, prædium an estate, perh. also in hedera ivy (literally the 'clinger')...

ghaffir \ad. Arab. ghafir.

ghawazee \ad. Arab. ghawazi, pl. of ghazeeyeh.

ghazal \Pers., Arab. ghazal.

ghazeeyeh \ad. Arab. ghaziya.

Ghazi \Arab. ghazi, pr. pple. of ghaza to fight.

gherkin \(...) The ultimate origin is unknown. Arabic has 'ajur cucumber, but Lane regards this as adopted from Gr. The Persian angur is sometimes given as the etymon, but it means 'a grape'.

gholam \Arab.

ghoul \a. Arab. ghul, from a verbal root meaning 'to seize'.

gibli \ad. Arab. kibli south wind.

gimbri \ad. Arab. gunbri.

ginger \(...) Sp. gengibre, agengibre, Pg. gengivre, It. zenzevero, gengero, gengiovo. Other forms of this widely diffused word are Arab. zanjabil (already in the Koran)...

gingili \a. Hindi and Mahratta jinjali, according to Yule prob. of European introduction; ultimately repr. Arab. juljulan, in Spanish Arab. jonjolin, whence (with Arab. article) Sp. aljonjoli, It. giuggiolino, Pg. girgelim...

giraffe \Ultimately ad. Arab. zarafah, whence also It. giraffa, Sp. and Pg. girafa...

girba \ad. Arab. qirba waterskin.

goat \Com. Teut.: OE. gát fem. = MDu. geit, geet(e), Du. geit (obs. geite, geyte) (...) OAr. ghaid-...

goum \Fr., ad. Arab. gum, dial. var. of qaum band, troop.

grab \a. Arab. gurab, lit. 'raven', applied to a kind of galley.

gufa \Arab., f. quffa basket.

guides \Corruptly ad. med.L. guidegi, ad. Arab. widaj.

gundi \Tripolitan Arabic (? orig. Berber); Lyon writes it in Arab. characters qundi; in Tripoli the letter qaf is pronounced (g).

gyrfalcon \ Sp., Pg. gerifalte (...) The latter suggestion was prob. based on the current term falco sacer denoting a kind of hawk; but according to modern scholars sacer in this use (...) does not mean 'sacred', but is an adoption of the Arabic çaqr...

habara \Arab. ḥabara.

haboob \Arab. habub blowing furiously.

Hadith \a. Arab. ḥadith a tradition.

hadj \Arab. ḥajj.

hadji \Arab. ḥaji pilgrim: see hadj.

hafiz \Pers., f. Arab. ḥafiz watch, guard.

haik \Arab. hayk, f. hak to weave.

hakeem \Arabic ḥakim wise, learned, philosopher, physician, f. ḥakama to exercise authority, in deriv. conj. to know, be wise or learned.

hakim \Arabic ḥakim governor, f. ḥakama to exercise authority.

halal \f. Arab. ḥalal lawful.

halalcor \Persian (Urdu) ḥalalkhor, f. Arab. ḥalal a thing religiously lawful or indifferent + Pers. khur-dan to eat.

halawi \Arab.

halfa \Arab. ḥalfah, or ḥalfa.

halva \ad. Turk. helva, mod. Gr. halvas, Arab. ḥalwa hulwa.

hammada \f. Arab. ḥammada.

hammal \Arab. hammal porter, f. hamala to carry.

hammam \Arab. ḥammam bath.

Hanafite \f. Arab. ḥanafi (f. Ḥanifah personal name) + -ite.

Hanbalite \f. Arab. ḥanbali (f. pers. name Ḥanbal) + -ite.

handjar \Pers. (Arab.) khanjar dagger.

hanger \(...) The suggestion has been offered that this is the same word as the Pers. Arab. *khanjar*: see *handjar*. But...

Hanif \Arab. *ḥanif*, app. the same as Heb. *ḥanef* impious...

haras \a. OF. *haraz* (12th c.), later *haras* 'horses and mares kept only for breed' (Cotgr.), in med.L. *haracium*, of uncertain origin; Diez suggests relationship to Arabic *faras* horse.

hardim \Arab. *ḥardhawn*, lizard, land crocodile.

harem \a. Arab. *ḥaram*, and *ḥarim* lit. (that which is) prohibited or unlawful, that which a man defends and fights for, as his family, a sacred place, sanctuary, enclosure; the wo-men's part of the house; wives, women; from *ḥarama* to prohibit, forbid, make unlawful...

harka \a. Moroccan Arab. *ḥarka* military expedition, classical Arab. *ḥaraka* movement.

harmala \(...) from Semitic; cf. Arab. *ḥarmil* wild rue...

harmattan \ (...) but acc. to Christaller, *Dict. Asante & Fante Lang.* (Basel 1881), a borrowed foreign word, viz. 'Sp. *harmatan*, an Arabic word'. (But no such Arabic word has been found.)

hashish \Arab. *ḥashish* dry herb, hay, the dry leaves of hemp powdered, the intoxicant thence prepared.

hatti \Persian *khatt-i-sharif*, *khatt-i-humayun*, f. Arab. *khatt* line, written line, writing + *i* (Pers.) connective + (a) Arab. *sharif* noble, honourable, sacred, and (b) Pers. *humayun* sacred, august, royal, imperial.

havildar \Pers. *ḥawal-dar*, *ḥawala-dar*, f. Arab. *ḥawalah* charge + Pers. *dar* holding, holder.

hazard \a. OF. *hasard*, -art (12th c. in *Hatz.-Darm.*): cf. Pr., Sp., Pg. *azar* (...). The origin of the French word is uncertain, but its source was prob. Arabic. According to William of Tyre, the game took its name from a castle called *Hasart* or *Asart* in Palestine, during the siege of which it was invented: see *Litttré* s.v. The true Arab name of this castle appears to have been 'Ain *Zarba* (Prof. Margoliouth). Mahn proposes vulgar Arab. *az-zahr* or *az-zar* 'die' (Boethor); but early evidence for this sense is wanting.

hegira \a. med.L. *hegira* (F. *hégire*, Sp. *hegira*, It. *egira*), ad. Arab. *hijrah* departure from one's country and friends, spec. *al hijrat* the flight of Muhammad from Mecca to Medina; f. *hajara* to separate, go away...

henna \a. Arab. *ḥenna*'. See also *alcanna*.

Hezbollah \a. Pers. *ḥezbollah*, Arab. *ḥizbullah* Party of God, f. *ḥezb*, *ḥizb* party + *allah* Allah.

hikayat \Malay, ad. Arab. *hikaya* story, narrative.

Hobson-Jobson \Corruption by British soldiers in India of Arab. *Ya Ḥasan!* *Ya Ḥusayn!* = O Hasan! O Husain!

hollock \a. Sp. aloque (in Minsheu haloque) adj., light red, n., a species of wine of fine red colour, a. Arab. haluqi, adj. from haluq, an aromatic of clear red colour (Dozy)...

hookah \a. Arab. (Pers., Urdu) huqqah casket, vase, cup, 'the bottle through which the fumes pass in smoking tobacco'...

hookum \a. Hindi, a. Arab. hukm, f. hakama (cf. hakim).

horn \Representing well-known uses of Heb. qeren horn, found also in Syriac, Arabic, and the Semitic langs. generally...

houbara \mod.L. (C. L. J. L. Bonaparte Saggio d'una Distribuzione Metodica degli Animali Vertebrati (1832) 84), f. Arab. hubari bustard.

hourī \a. F. houri (1654 in Hatz.-Darm.), a. Pers. huri, f. Arabic hur pl. of haura 'fem., in hur-al-'ayun (females) gazelle-like in the eyes, f. hawira to be black-eyed like a gazelle.

house \a. OF. huche (12th c. in Littré), houce (13th c. in Hatz.-Darm.), mod.F. housse (med.L. hucia, houcia, hussia, housia). According to Darmesteter-Thomas, perh. adopted during the Crusades from Arabic gushiah, 'tegumentum, velum'...

howdah \Pers. and Urdu haudah, modified from Arab. haudaj, a litter carried by a camel or an elephant.

Howeitāt \Arab. (al-) Huwaytat, Arab tribes in north-western Saudi Arabia.

Hubshee \Pers. habshi, Arab. habashi, of or belonging to Habesh or Abyssinia.

hulwa \a. Urdu and Arab. halwa sweetmeat.

humum \Corruption of Arab. hammam hot bath (hammam). (Arab. hammam, humum means 'coal, fuel, ashes'.)

huzoor \a. Arab. hudur (pronounced in India as huzur) presence (employed as a title), f. hadara to be present.

hyeen \Arab. hajin dromedary, pronounced in Egypt hagin...

id-ul-fitr \Arab. 'id al-fitr.

iggri \Representing Egyptian colloq. Arab. pronunc. of ijri, imper. of jara to run.

ihram \Arab. ihram (f. harama to forbid: cf. harem), a kind of dress used by the Arabs in Spain and Africa; 'sacred state' (Freitag).

ilb \Arab.

imam \a. Arab. imam leader, president, etc., f. amma to go before, precede. The form iman is that used in F. and Sp.

imambara \Hind., f. Arab. imam + Hind. bara enclosure.

imaret \a. Turk., a. Arab. imarat 'rendering habitable', hence 'hospice'.

imshi \Local Arabic (Berggren).

indigo \ (...) The usual name in the Mediterranean countries, before the Portuguese went to India, was annil, anil, which came west, through Arabic and Persian, from Sanskrit: see anil...

irade \Turkish, a. Ar. iradah will, desire.

Iraqi \Arab.: f. 'iraq (see def.) + -i adj. suffix.

Islam \a. Arab. islam lit. 'resignation, surrendering', inf. noun of aslama 'he resigned or surrendered (himself)', spec. 'he became or was resigned or submissive (to God)', hence 'he became or was sincere in his religion', 4th conjug. of salama 'he was or became safe, secure, or free'; whence also the words salaam, Muslim, Mussulman.

Ismaelian \f. pr. name Ismael or Ismaïl, the former being the Gr., L., and F. spelling of Ishmael...

ithel \Local Arab.

izar \Arab. izar, izr' veil, covering.

izzat \Urdu, ad. Arab. 'izzah glory.

jann \a. Arab. jann demon.

jar \ (...) Sp., Pg. jarra, jarro (...) a. Arab. jarrah, earthen water-vessel. (The Eng. may be in part directly from Sp.)

jargon \ (...) variants of jacinth (see jacounce); but most etymologists identify it ultimately with zircon, Pg. zarcao, Arab. zarqun. (Both the hyacinth or jacinth and the jargon are varieties of zircon.)

jasmine \ (...) All the European forms derive from the Arabic yas(a)min, adopted from Pers. yasmin, also yasman...

jasper \ (...) a word of oriental origin: cf. Heb. yashpeh (Exod. xxviii. 20), Assyrian asphu; Pers. yashm, and yashp (Pers. and Arab. yashb, and yashf) jasper...

jazerant \ (...) Pg. jazerão; in Sp. jacerina, Pg. jazerina (...) Generally agreed to be of Saracen origin, and according to Diez prob. identical with Sp. jazarino Algerian, f. Arab. (al-) jazirah 'the island', in pl. Al-jaza'ir, Algiers, in the old Arabic writers Jazirah beni Mazighanan.

jebel \a. colloq. Arab. jebel, classical Arab. jabal mountain.

jelab \ad. Arab. jilyab a tunic.

jemadar \Urdu jama'dar, f. Pers. (Arab.) jama'at body of men, jama' collection, aggregate + Pers. dar holder.

jennet \ (...) a. Sp. jinete, 'a light horseman that rideth a la gineta' (F. à la genette), i.e. 'with the legs trussed vp in short stirrups, with a target and a ginnet lance' (Minsheu, 1599). In Fr. and Eng. (also in It. gianetto masc., gianetta fem.) transferred from the horseman to his horse, a sense unknown to Sp. dictionaries until quite recently. The Sp. use appears in our sense 2, which is however later in Eng. Dozy derives the Sp. word from Arab. Zenata 'a great Berber nation noted for the valour of its cavalry'; other conjectures have been made.

jerboa \mod.L. jerboa, a. Arab. yarbu', in Barbary yerbo', the flesh of the loins, also the animal; whence F. gerbo, gerboise, Sp. gerbasia.

jerid \Arab. jarid midrib of the palm-leaf, rod, shaft, javelin.

jerm \Arabic jarm; in It. germa, F. djerme.

jeziah \Pers. (Arab.) jizyah poll-tax.

jihad \Arab. jihad struggle, contest, spec. one for the propagation of Islam.

jinn \a. Arab. jinn, collect. pl., demons, spirits, angels; sing. jinni (see next).

jinnee \a. Arab. jinni, fem. jinniyeh, demon or spirit. A more frequent spelling in English is genie...

jol \Arab.

jubbah \ad. Arab. jubbah, whence also Sp. (with Arab. article) aljuba...

julep \a. F. julep (14th c. in Hatz.-Darm.), in Pr. julep, Sp. and Pg. julepe (...) ad. Arab. julab, a. Pers. gul-ab rose-water, f. gul rose + ab water.

jumma \ad. Hind. jama collection, amount, account, a. Arab. jama' total, aggregate.

jumma \Pers.-Arab. jama'bandi (Hind. bandi, a. Pers. bandi a tie, band; Skr. bandh bind)

jupe \(...) Sp. and Pg. (with Arabic article) aljuba (...) a. Arab. jubbah, jibbah jubbah...

Kababish \Arab. qababish, pl. of qabbashi.

Kabyle \Arab. qaba'il, pl. of qabila tribe.

Kadarite \f. Arab. qadar predestination + -ite.

kadish \Arab. kadish, f. O.Turk...

Kaffir \a. Arab. kafir infidel: see caffre.

kaimakam \Turkish qaimaqam, ad. Arab. qa'im maqam one standing in the place (of another), f. qa'im standing + maqam place, station.

kali \Arab. qali: see alkali.

kalian \Pers. kalia, Arab. qalyan, qalyun.

kanat \Pers., a. Arab. qanat.

kanoon \a. Pers. or Arab. qanun.

kantar \Arab. qintar, pl. qanatir, ad. (prob. through Syriac) L. centenarium centenary n.1 (...) The form qintar is represented by OF. quintar, Sp. and F. quintal, quintal. (Sp. cántara, cántaro, a wine-measure, is unconnected.)

karabe \= F., It., Pg. carabé (also F., Pg. karabé), ad. Arab. kahruba...

kat \Arab. qat.

kavass \Turk. (Arab.) qawwas bow-maker, f. qaws bow.

kazi \a. Arab. qaḍī cadi. In Persia and India, Arabic q is pronounced as z.

kebaya \Ultimately of Pers. or Arab. origin...

kef \Arab. kaif, colloquially kef, well-being, good-humour, enjoyment, pleasure.

keffiyeh \Arab. kaffiyah or kuffiyeh, by some held to be ad. late Lat. cofea, see coif.

keiri \med.L. keiri, cheiri, Arab. khiri, Pers. khiru (yellow) gillyflower.

Kenite \f. Heb. qênî a gentilic adjective associated with Heb. qayin a weapon made of metal, Arab. qayn an ironsmith, maker of iron weapons and tools...

kermes \= F. kermès, It. chermes, Sp. carmes, Pg. kermes, ad. Ar. and Pers. qirmiz (whence also carmine, cramoisy, crimson).

khakan \Turki (hence Pers. and Arab.) khaqan king, emperor, Great Khan...

khalifa \Variant of caliph, representing more closely the Arab. khalifah.

khalsa \Urdu (Pers.) khalīḡah, khalḡa(h, fem. of Arab. khalīḡ pure, real, proper, properly belonging.

khamsin \Arab. khamsin, mod. colloquial form (= oblique case) of khamsun fifty (see def.).

khan \a. Turki (hence Pers. and Arab.) khan lord, prince, generally regarded as a modified form of khaqan: see khakan and chagan. The title became known in Europe partly through the Mongol invasions...

khan \Arab. khan inn.

khanjar \Pers. (Arab., Turk., Urdu) khanjar, ḡanjar dagger.

khansu \Swahili kanzu shirt, f. Arab. kasâ to clothe.

kharaj \Arab. kharaj, in Egypt kharag, in Turkish kharatch tribute.

kharif \ (Hind. a.) Arab. kharif gathered, autumn, harvest, autumnal rain.

khatib \ad. Arab. khaṡib.

Khedive \Arab. khedivyah

khellin \Orig. coined as F. kelline (I. Mustapha 1879, in Compt. Rend. LXXXIX. 442), f. kell, given as the Arabic name of Ammi visnaga; the h originated with Samaan (1931), who gave the Arabic name as khella...

Khilafat \ad. Arab. khilafat caliphate, office or rule of a caliph.

khilat \Urdu (Pers.) khil'at, khal'at, a. Arab. khil'ah (-at).

khorr \Arab. khurr, khorr.

khubber \Urdu (Pers., Arab.) khabar.

khutbah \Arab. khuṡbah, khoṡbeh, f. khaṡaba to preach.

kibitka \Russ. kibitka, tent, tilt-wagon, f. Tartar kibits, with Russ. suffix -ka: cf. Arab. qubbat 'tent covered with skins'.

kiblah \Arab. qiblah, that which is placed opposite, f. qabala to be opposite.

kibrit \Arab. kibrit sulphur.

killadar \Urdu (Pers.) qil'adar, f. Arab. qal'ah (pl. qila') fort + Pers. -dar holder.

kinjal \Native name in the Caucasus (= Russ. kinzhál), a. Pers. (Arab., Turk., Urdu) khanjar.

kismet \Turk. kismet, Pers. qismat, a. Arab. qisma(t) portion, lot, fate, f. qasama to divide.

kissar \ad. colloq. Arab. kisar.

kist \Urdu (Pers., Arab.) qist portion, instalment.

Kiswa \Arab.

Kitab \Arab. kitab, lit. writing, book.

kitar \Arab. qitar, a. Gr. kithara cithara.

kittel \Yiddish (G., overall, smock), ad. MHG. kitel, kietel cotton or hempen outer garment, prob. ad. Arab. quṭn cotton.

kohl \Arab. kuḥl, koḥl; see alcohol.

Koran \a. Arab. quran, qoran recitation, f. qara'a to read: cf. Alcoran.

Koreish \Arab. quraish Koreish, qurashi Koreishite.

kourbash \f. Arabic qurbash, ad. Turk. qirbach whip: cf. F. courbache.

kramat \ad. Mal. keramat adj., numinous, sacred, holy, unusual (...) ad. Arab. karamat, pl. of karama miracle worked by a saint other than a prophet.

kuphar \ad. Arab. quffah, circular basket or pannier, circular wicker boat.

Kuwaiti \Arab. kuwayti, f. Kuwayt Kuwait.

lablab \Arab. lablab.

latic \ad. mod.L. latic-a, a. Arab. laḥiqah (Avicenna Qanun iv. fen 1, treat. ii. p. 23).

leban \Arab. laban, from a root meaning 'to be white'.

lebbek \ad. Arab. labakh.

lemon \ad. (...) Sp. limon, Pg. limão (...) The words are prob. of Oriental origin: cf. Arab. laimun...

leviathan \a. L. (Vulg.) leviathan, a. Heb. livyathan. Some scholars refer the word to a root lavah = Arab. laway to twist...

Lihyanic \f. Arab. liḥyan + -ic.

lilac \a. F. lilac (Cotgr.; now lilas), a. Sp. lilac, a. Arab. lilak, app. ad. Pers. lilak, var. of nilak bluish, f. Pers. nil blue, indigo...

lime \a. F. lime = mod.Pr. limo, ad. Sp. lima, a. Arab. limah: see lemon.

litham \ad. Arab. litham veil.

liwa \Arab. liwa'.

lohoch \a. med.L. lohoc, looch, a. Arab. la'uq, f. la'iqā to lick.

loof \a. Arab. luf (see loofah).

lute \ (...) another form of the word appears in Sp. laud, Pg. alaude; a. Arab. al-'ud, where al- is the definite article.

machila \Pg., perh. f. Tamil macil, mañcil stage in a journey, f. Hindi manzil, f. Arabic.

macramé \App. a. Turk. maqrama towel, napkin, handkerchief, a. Arab. miqramah ? striped cloth.

madrasah \The various forms represent Indian, Turkish, Persian and Arabic regional pronunciations of Arab. madrasah, f. darasa to study.

mafeesh \ad. colloq. Eastern Arab. ma fi-sh there is nothing.

magazine \ (...) Sp. magacen, a. Arab. makhazin, pl. of makhzan storehouse, f. khazana to store up. The Arab. word, with prefixed article al-, appears as Sp. almagacen, almacén, Pg. armazem warehouse.

Maghribi \Arab. maghribi, lit. 'western'.

Maghzen \Arab. makhzan.

mahaila \App. f. Arab. safina mahila ship treated with bitumen; cf. Arab. muhl(a) liquid pitch.

mahal \Urdu (Arab.) mahall, f. Arab. root halla to lodge.

mahaleb \a. F. macaleb, -lep (Cotgr.), a. Arab. mahlab. Cf. It. macalepo 'a kind of perfume or sweet smell' (Florio 1598).

Mahdi \Arab. mahdiy, lit. 'he who is guided aright', passive pple. of hada to lead in the right way.

majlis \Arab. majlis.

majoon \ (Urdu and Turk.) a. Arab. ma'jun.

maleesh \ad. colloq. Eastern Arab. ma'ale-sh no matter.

malik \Arab. malik, pr. pple. of malaka to possess, rule.

Mameluke \Ultimately a. Arab. mamluk slave, a subst. use of the pa. pple. of malaka to possess...

mamur \Arab. ma'mur.

mancala \ad. colloq. Arab. manqala, f. naqala to move.

mandarah \Arabic mandarah, lit. 'place for seeing', f. nadara to see.

mandil \Arabic mindil, mandil, sash, turban-cloth, handkerchief, ad. L. mantile (see mantle n.).

mandill \a. F. mandil (15-16th c., now mandille), a. Sp., Pg. mandil (cf. Pr. mandil-s table-cloth), a. Arab. mandil: see mandil.

manna \ (...) G. Ebers (Durch Gosen zum Sinai), gives plausible reasons for believing that the Ancient Egyptian mannu denoted the exudation of *Tamarix gallica*. As the Arab. mann has the same sense, it seems possible that the Heb. word may represent the name anciently current in the Sinaitic wilderness for this natural product, which in many respects agrees with the description of the miraculous manna, and which is still locally regarded as a dew falling from the sky...

manzil \Arab. (hence Pers., Urdu) manzil, f. nazala to descend, alight.

marabou \a. F. marabou(t, app. repr. a vulgar Arabic use of murabiṭ hermit, Marabout...

marabout \repr. Arab. murabiṭ hermit, monk...

maravedi \a. Sp. maravedí (= Pg. maravedim), a derivative of Arab. Murabiṭin (pl. of murabiṭ: see marabout), the name of a Moorish dynasty (usually designated the Almora-vides, this being the same word preceded by the Arabic article) which reigned at Cordo-va 1087-1147.

marcasite \(...) The etymology is obscure, as the Arabic marqashitha or marqashiṭa, often cited as the source, is probably adopted from some European language.

margarite \ (...) The Pahlavi marvarit, Pers. mervarid, Syriac marganitha (whence Arab. marjan) are prob. from Greek.

Marid \repr. two Arabic forms: 'marid pr. pple. of marada to rebel, and ma'rid, f. the same root.

marzipan \(...) and 'a mediæval coin'. Kluver, in Zeitschr. f. deutsche Wortforschung July 1904, ingeniously tries to prove that the last-mentioned sense is the source of all the others. He identifies the word with med.L. matapanus, a Venetian coin bearing a figure of Christ on a throne (Du Cange), and suggests that it represents Arab. mauthaban 'a king that sits still' (Lane), which he conjectures to have been used by Saracens as a derisive name for this coin.

mashallah \Arab. phrase ma sha'llah, what God wills (must come to pass).

masjid \a. Arab. masjid: see mosque.

masquerade \ (...) The Sp. máscara, It. maschera, are regarded by most recent etymologists as a. Arab. maskharah laughing-stock, buffoon (the sense 'man in masquerade', given by Richardson and Boethor, is said by Dozy to be a modern importation from Romanic), f. root sakhira to ridicule. Some scholars, however, reject this view...

mastabah \Arab. miç-, maṭabah (of Pers. origin).

mastic \ Pg. mastique, Sp. masticis (also almástiga, almástic, almáciga, through Arab. al-maṭṭika, -ki)...

matachin \a. F. matachin (...), a. Sp. matachin, conjectured to be a. Arab. mutawajjihin, pr. pple. plural of tawajjaha to assume a mask, denominative verb from wajh face.

mate \(...) The Rom. word is a. Pers. mat at a loss, helpless (used in shah mat ‘the king is helpless’, checkmate). Gildemeister, Dozy, and other modern scholars, dispute the customary view that the Persian word is a. Arab. mat ‘he has died’.

matrass \ (...) Devic suggests adoption from the Arab. maṭraḥ leather bottle; cf. mod.L. matrarium ‘a little sack, wherein is calcinated tartar or the like, pricked here and there for the emission of liquors’ (tr. Blancard’s Phys. Dict., ed. 2, 1693).

mattamore \a. F. matamore, a. Arab. maṭmuraḥ, f. ṭamara to store up.

mattress \a. OF. materas (mod.F. matelas), ad. It. materasso, commonly viewed as identical (exc. for the Arab. prefixed article al-) with Sp. and Pg. almadraca, Pr. almatrac, ad. Arab. al-maṭraḥ, place where something is thrown...

Maugrabee \a. Arab. magrabiyy western, f. garb west.

Maugrabin \a. Arab. magrabiyyin, pl. of magrabiyy: see prec.

Maulana \Arab. maulana our Lord: cf. moolvee and mullah.

mauze \Arab. mauz.

Mazhabi \Hindi, f. Arab. mazhab religion.

mazut \Russ. mazút, ad. Arab. makhzulat refuse, waste.

Mecca \The name (repr. Arab. Makkah) of the birthplace of Muhammad, the great place of pilgrimage of the Muslims.

medina \Arab., ‘town’.

medine \a. F. medin (Cotgr.), a. vulgar Arab. mayyidi, corrupt form of mu’ayyidiy, from the name Mu’ayyad...

medjidie \Turkish (Arabic) mejidie, f. the name Abdu’l Majid.

mehari \F. méhari, f. Algerian Arab. mehri, Class. Arab. mahri, of Mahra, a province in South Arabia.

Melchite \ad. L. Melchita, repr. Syr. mal’kaye pl., ‘royalists’ (i.e. adherents of the party of the Roman emperor), f. malkā king; the Arabic form is malakiy.

meri \a. med.L. meri, OF. meri, a. Arab. mari’.

mesquita \a. Sp. mezquita and It. meschita, ad. African Arab. masjid, dial. pronunciation of masjid...

Metawileh \ad. Arab. matawila, pl. of mutawali one who professes to love ‘Ali.

metel \a. mod.L. methel, a. Arab. jauz maḥil (where jauz means ‘nut’)...

mezereon \a. med.L. mezereon, ad. Arab. mazaryun (Avicenna).

mihrab \Arab. miḥrab praying-place.

millet \Turk. millet nation, group of co-religionists, f. Arab. milla religion.

mimbar \Arab. minbar pulpit.

mimmation \f. Arab. mim, name of the letter m + -ation, after nunnation.

Minæan \f. L. Minæus, f. Arab. Ma'in, + -an.

minar \a. Arab. manar, f. root of nar fire.

minaret \a. Arab. manarah, manarat (in Turkish pronunciation minare), f. root of nar fi-re: cf. minar. The immediate source may be F. minaret; cf. Sp. minarete, Pg. minareto...

minuca \app. med.L.; cf. med.L. nucha in the same sense (? a. Arab. nukhkh marrow, or nukht spinal marrow).

Mir \a. Hindi and Pers. mir, ad. Arab. amir leader, commander: see ameer, emir.

mirach \med.L., a. Arab. maraqq pl., 'the thin or tender parts of the belly' (Lane), f. root raqqa to be thin or weak.

miramolin \Sp., corruption of Arab. amiru'l muminin 'Commander of the Faithful'.

mirza \Pers. mirza, mirza, short for mirzad, f. mir (a. Arab. amir: see ameer, emir) a prince + zad born.

miskal \Arab. mithqal (locally misqal, mitqal), f. thaqala to weigh...

mistico \Sp. = Cat. mestech, taken to be a. Arab. misteh (lit. flat surface) broad basket, large frying-pan, etc., f. saṭaha to flatten...

Mofussil \Hindustani mufaṣṣil, ad. Arab. mufaṣṣal, pa. pple. of faṣṣala to divide, separate.

Mogul \a. Pers. and Arab. mugal, mugul, a mispronunciation of the native name Mongol...

mohair \Ultimately a. Arabic mukhayyar cloth of goats' hair (lit. 'select, choice', pa. pple. of khayyara to choose)...

Moharram \Arab. muḥarram (lit. 'sacred').

mokaddam \Arab. muqaddam, pa. pple. of qaddama to place in front.

Mongibel \ad. Mongibello (for Monte Gibello: from Arab. jabal mountain), the mod. Sicilian name.

monsoon \(...) a. Pg. monção, in 16th c. also moução (Yule), believed to be a. Arab. mausim lit. season, hence monsoon, f. wasama to mark. The word is found in all the Rom. langs...

moolvee \Urdu mulvi, a. Arab. maulawiyy, properly an adj., judicial, but used as n., = maula mullah, of which it is a derivative.

moonshee \Urdu munshi, a. Arab. munshi', pres. pple. of ansha'a to compose, causative of nasha'a to grow up.

moonsif \Urdu, a. Arab. muṣṣif just, honest (pres. pple. of anṣafa to be bisected, be impartial, from niṣf half).

Morocco \The European name (= It. Marocco, Sp. Marruecos, F. Maroc) of the 'sultanate' or 'empire' called in Arabic Magrib-al-Aqṣa 'Extreme West', comprising the north-western part of Africa. The name properly belongs not to the country but to the chief city; its native form is Marrakesh.

morphil \a. F. morfil, marfil, a. Sp. marfil (= Pg. marfim), of Arabic origin (fil elephant; the first element is obscure).

mosque \(...) Cf. early mod.F. mosquete, Sp. mezquita, Pg. mesquita, It. meschita. Eng. writers have occas. used forms directly taken from Arabic, as masjid, mosged, muschid...

motazilite \f. Arab. mu'tazil seceder (active pple. of i'tazala to secede, 8th conj. of 'azala to go) + -ite.

moucharaby \Fr.; corruptly a. mod.Arab. mashrabiyyah (Dozy).

Mozarab \a. Sp. Mozárabe (med.L. Mosarabes pl., and with etymologizing perversion Mixtarabes), corrupt form of Arab. musta'rib, 'would-be Arab', active pple. of a verb of the 10th (desiderative) conjugation f. 'arab Arab.

Mu'allaqát \a. Arab. mu'allaqát, lit. suspended odes, pl. of mu'allaqa.

Mudéjar \a. Sp. mudéjar, f. Arab. mudajjan permitted to remain.

mudim \Malay (now modin), prob. ad. Arab. mu'adhdhin muezzin.

mudir \Turk. use of Arab. mudir, active pple. of adara to administer, govern (Dozy), causative of dara to go round.

muezzin \Arabic mu'adhdhin, active pple. of adhdhana, 2nd conjug. (frequentative) of adhana to proclaim, f. udhn ear...

mufti \Arab. mufti, active pple. of afta (4th conjug. of fata) to give a fetwa or decision on a point of law.

mujahidin \a. Pers., Arab. mujahidin, pl. of mujahid one who fights in a jihad or holy war: cf. mujtahid.

mujtahid \Pers. 'one who strives hard to acquire correct and sound views', 'one who has arrived at the highest degree in knowledge of the law'; Arab. 'one who exerts himself'.

mukhtar \ad. Arab. mukhtar chosen.

mukim \Malay, ad. Arab. muqim remaining, resident.

mullah \a. Pers., Turk., and Urdu mulla, corrupt pronunciation of Arab. maula...

mummy \a. F. momie, (= Sp., Pg. momia, It. mommia), ad. med.L. mumia, a. Arab. mumiya an embalmed body, a mummy, f. mum wax (used in embalming).

murid \Arab. murid.

musa \mod.L., from Arabic: see muse n.4

muse \Ultimately a. Arab. mauz, mauzah banana.

musellim \Arab. musallim, lit. paymaster, act. pple. of sallama to pay, 2nd conjug. of salama...

musk \a. F. musc (13th c. in Hatz.-Darm.) = Pr. musc, Sp. (...) prob. a. Pers. mushk, whence Arab. misk (whence, with Arab. prefixed article, Sp. almizcle, Pg. almiscle, almiscar); the ultimate source is perh. Sk. mushka (Hindi mushk) scrotum, testicle...

Muslim \a. Arab. muslim, active pple. of aslama, of which the noun of action is islam...

Muslim \repr. the Arab. pl. (oblique case) muslimin

muslin \a. (...) (also used as appellative = muslin) the town of Mosul (in Arabic mauçil), where muslin was formerly made. Cf. Sp. muselina...

musnud \Urdu masnad, a. Arab. misnad, f. sanada to lean against.

mussal \Urdu (Arabic) mash'al.

Mussulman \a. Pers. musulman, primarily an adj. f. Pers. (a. Arab.) muslim...

mutessarif \Turk., ad. Arab. mutaçarrif governor of a sanjak.

myrrh \(...) of Semitic origin (Arab. murr, Heb. mor).

nacarat \F. nacarat, supposed to be ad. Sp. and Pg. nacarado, f. nacar nacre. If this etym. is correct, the reference is to that species of pinna which is distinguished by its red colour; but the word has also a striking resemblance to Arab. naka'at, a red flower used in dyeing.

nadir \= F., Sp., Pg., and It. nadir, ad. Arab. naḍīr opposite to, over against (also used as n.). In sense 2 used ellipt. for naḍīr es-semt 'opposite to the zenith'.

naib \Arab. na'ib a deputy: cf. nabob and nawab.

naker \(...) ad. Arab. naqarah, Pers. naqara...

naphe \a. F. naphe, naffe = Sp. nafa, nefa, It. nanfa, lanfa, ad. Arab. nafḥa(h) fragrance, perfume.

naphtha \a. L. naphtha, a. Gr. náftha, possibly of Oriental origin (but Arab. and Pers. naft̄ is prob. from Greek)...

nard \(...) of Oriental origin: cf. Heb. ner'd' (pl. n'radim), Arab. and Pers. nardin...

naskhi \Arab. naskhi, f. nasakha to copy.

Nasrani \Arab. Naçrani, pl. Naçara cogn. with Nazarene a. and n.

nastalik \Pers., f. Arab. naskhi + ta'liq hanging.

natron \a. F. natron (1665), a. Sp. natron, ad. Arab. naṭrun, niṭrun, ad. Gr. nítron nitre. Cf. anatron.

nazar \Urdu (Pers., Arab.) nazr gift, f. Arab. nazara he vowed.

nazir \a. Pers. or Urdu (from Arab.) naz̄ir superintendent, inspector, etc. f. naz̄ar sight, vision.

nebbuk \Arab. neḅq, neḅeq, neḅiq, the fruit of the lote-tree, or the tree itself.

nenuphar \a. med.L. nenuphar, -far (It. and Sp. nenufar, F. nénufar), ad. Arab.-Pers. ninufar, nilufar...

nil \a. Arab. and Pers. nil: see anil.

Nizam \Urdu and Turkish nizam, ad. Arab. nidam, order, disposition, arrangement, etc.; in sense 1 used as an abbreviation of the title nizam-al-mulk 'governor of the empire'.

noria \Sp. noria, ad. Arab. na'urah.

nucha \a. med.L. nucha, a. Arab. nukha' spinal marrow. Hence also It., Sp., and Pg. nuca...

nunnation \ad. mod.L. nunnation-em, f. nun the Arabic name of the letter n.

nuphar \a. med. or mod.L. nuphar, ad. Arab.-Pers. nufar, a reduced form of nilufar or ninufar nenuphar.

ogive \(...) of uncertain origin; it has been conjecturally referred to F. auge trough; to It., Sp., Pg. auge 'the highest point of any planet' (Florio), culmination, highest point, ad. Arab. auj (prop. a term of Astrology or Astronomy); and to L. augere to increase, augment (Littré).

oka \a. It. oca, occa (1709 in Somavera), F. oque, ocque, ad. Turk. oqah, Arab. uqiyah...

old man \tr. Arab. shaikh-al-jibal

olibanum \Note. Various suggestions have been offered to account for the med.L. form: e.g. that the word has been influenced by oleum oil, or was perh. contracted from oleum libani (...); that it is derived from or influenced by the Arabic al-luban.

Omani \Arab., f. Oman name of a coastal region in the south-east of the Arabian peninsula + -i adj. suffix.

omdah \ad. Arabic cumdah column, support, trustworthy authority, village-chief, f. root cmd to support.

omlah \ad. Arab. umala, pl. of amil aumil, 'operator, agent'; properly used as a collective pl.; but sometimes erron. with Eng. pl. -s added.

omrah \Urdu umara, orig. Arab. pl. of amir 'commander, lord', but used already in Urdu in sense 'lord or grandee of a court', with pl. umarayan 'omrahs' (Yule).

optics \(...) The med.L. optica occurs c 1160 in the Sicilians, Henricus Aristippus who speaks of Euclidis Optica, and Eugenius who translated from Arabic the Optiká of Ptolemy under the title Optica Ptolomæi...

orange \(...) The Sp. and Gr. are ad. Arabic naranj...

Osmanli \a. Turkish osmanli adj. 'of or belonging to Osman' (the Turkish pronunciation of the Arabic personal name 'Othman)...

Ottoman \(...) ad. Arab. 'uthmani or 'othmani, adj. from 'othman, name of the founder of the Turkish dynasty and empire...

oud \ad. Arab. 'ud, lit. 'wood'.

oued \Fr. rendering of Arabic wadi wadi, wady.

Ouled Nail \Fr., f. Ouled Nail, ad. Arab., lit. 'sons of Nail'.

pan-Arabism \f. pan- + Arab n. and a. + -ism.

paradise \(...) a. OPers. pairidaeza enclosure, park, f. pairi around + diz to mould, form; whence also Armenian pardez, late Heb. pardes (Neh. ii. 8 the park of the Persian king, also Eccl. ii. 5); in mod.Pers. and Ar. firdaus garden, paradise...

paranjah \a. Russ. parandzhá, ult. f. Arabic.

parasang \(...) of Persian origin, the corresponding mod.Pers. word being farsang, Arab. farsakh; in mod.F. parasange, farsange.

pasha \Turkish pasha (...) In Turkish there is no hard-and-fast line between the breath and voice stops; and in the case of p, b, the confusion is increased by the absence of p in Arabic and the occasional replacement of Persian and Turkish p by b...

pasteque \a. F. pastèque (...) = Pg. pateca, Sp. albudeca, badea, ad. Arab. al-battikha, vulgar form of -bittikha; cf. Heb. abattiakh, Syr. pattikh (Numbers xi. 5).

penide \a. F. pénide (15th c. in Godef.) (...); supposed to be ad. Pers. panid refined sugar, in Arab. al-fanid: see alphenic...

people \tr. Arab. Ahl al-Kitab

peridot \a. F. péridot (...). The uncertain forms and foreign appearance of the word have suggested an Oriental origin; but there appears to be no valid basis for the conjecture of its identity with Arabic faridat 'pearl, precious stone'.

Persian \orig. ME. Persien, a. F. persien (...), OPers. Parsa, mod.Pers. Pars, Arab. Fars. In 16th c. conformed to the Eng. type in -ian; sometimes also to F. persan.

pia mater \med.L.; a somewhat incorrect rendering of the Arabic name umm raqiqah 'thin or tender mother' (Ibn Duraid, a.d. 933): cf. names of other investing membranes in umm mother, esp. dura mater. (Fanciful explanations of the name are frequent in western writers: cf. quot. 1548.)

pistick \A deriv. of pistachio (in some of its forms; cf. also pistack), perh. assimilated to fistic, a form of the same word through Arabic...

popinjay \In ME. earliest forms a. OF. (and mod.F.) papegai (12th c.) (...) Sp. papagayo, Pg. papagaio (...). Other forms were med.Gr. papagás, Arab. babagha, babbagha, Pers. also bapgha, med.L. papagen, MHG. papegân. Probably the med.Gr. and Arabic represent the earliest form, due to an imitation of the cry of the bird in some African or other non-European language. The form in -gayo, -gaido, -gai, appears to

have arisen by assimilation to the name of the European chattering bird, the jay, med.L. *gaius*, Sp. *gayo*, Pr. and ONF. *gai*...

porte \a. F. *porte*, in full *la Sublime Porte* = It. *la Porta Sublima*, transl. Turkish (Arabic) *bab i-'aliy*, lit. 'the sublime, high, or lofty gate', the official title of the central office of the Ottoman government...

primum mobile \med.L., lit. 'first moving thing', L. *prim-us* first, *mobilis* movable: see *prime* a. and *mobile* n.1 and a. *Primum mobile* (also *primus motus*, *primus motor*) was an 11-12th c. rendering of the Arabic *al-muḥarrīk al-awwal*, the first mover or moving (thing), cited from Avicenna (a 1037) by Shahrastani (a 1153). The L. occurs in Thomas Aquinas *Comment. in Aristot. De Cælo* ii. ix. §1, xv. §7...

qasida \Arab. *qaṣīda*.

quais kitir \ad. Egyptian Arab. *kwayyis*, dim. cl. Arab. *kayyis* fine + *kathir*, f. cl. Arab. *kathiran* very.

quintal \a. OF. *quintal* (13th c.), pl. *quintaus*, Sp. and Pg. *quintal*, It. *quintale*, med.L. *quintale* (-*allus*), *quintile*, ad. Arab. *qinṭar*: see *kantar*.

raad \Arabic.

rabi \Urdu *rabi* (ad. Arab. *rabi'*).

rabite \Aphetic for *Arabite* (in *Gen. & Exod.* 1203), f. Arab + *-ite*1. So also med.L. *rabitus* or *rabita* (Du Cange), MHG. *râvît*, ON. *rábít-r*.

rafik \ad. Arab. *rafiq*.

rahat lokum \a. Turk. *rahat lokum*, ad. Arab. *raḥat al-ḥulqum* throat's ease.

Ramadan \a. Arab. *ramadān* (hence Turk. and Pers. *ramazan*), f. *ramada* to be heated or hot (see note to def.).

rambla \Sp., ad. Arab. *ramla*, lit. 'sandy ground'.

ras \a. Amharic *ras* head, chief, from Arab.: cf. *reis*2, *rais*.

rayah \a. Arab. *ra'yah* flock or herd, subjects, peasants, f. *ra'a* to pasture or feed...

razzia \a. F. *razzia*, ad. Algerian Arab. *ghaziah*, var. Arab. *ghazwah*, *ghazah* war, battle, military expedition, raid against infidels, f. *ghasw* to make war. Cf. Pg. *gazia*, *gaziva*, from the same source...

realgar \a. med.L. *realgar*, ultimately from Arab. *rehj al-ghar* 'powder of the cave': cf. Sp. *rejalgar*, F. *réalgar* (earlier *realgal*, *reagal*, *riagal*), It. *realgale*, and see *resalgar*.

ream \(...) Sp. and Pg. *resma*, It. (and med.L.) *risma*, ad. Arab. *rizmah* bale or bundle (of clothes, paper, etc.)...

rebab \a. colloq. Arab. *rebab*, classical Arab. *rabab* in the same sense: cf. *ribibe* n.

redif \Turkish, a. Arab. *redif* one who follows, a second.

reis \a. Arab. *ra'is* (also *ra'is* and *ra'is*) chief, f. *ras* head: hence also F. *réis*, *raïs*, Pg. *arraes*, *arraes*, Sp. *arraez*.

resalgar \ad. Arab. rahj al-ghar (...), the j being represented by s, as in It. risigallo...

ressalah \ad. Urdu (Arab.) risalah, f. Arab. arsala he sent.

retama \Sp. retáma, ad. Arab. retam, pl. of retem.

ribes \a. med.L. ribes (whence also F., Sp., and It. ribes, Da. ribs), ad. Arab. ribas (also ribaz, riwaz, Pers. ribaj), sorrel. The meaning of the Arab. word was retained in med.L...

ribibe \ad. OF. rubebe, rebebe, It. ribebba (Florio), ad. Arab. rebab.

rice \(...) probably of Oriental origin. Sp. and Pg. arroz is from Arab. aruz(z, uruz(z).

Rigel \a. Arab. rijl foot.

rob \a. mod.L. or F. rob, = Sp. rob, Pg. robe, arrobe, It. rob, robbo; also G. and older Da. rob. The ultimate source is Arab. robb, rubb or Pers. rob, rub fruit-syrup.

roc \ad. Arab. rokh, rukh(kh: hence also F. rock, Sp. rocho, Pg. roco; Sp., It., Pg. roc. The older source for the word is the account of Madagascar in Marco Polo iii. 185 ('et l'appellent les genz de ces isles roc'); in mod. use it is partly from the Arabian Nights.

rotl \a. Arab. reṭl, raṭl, which is supposed by some to be an alteration of Gr. lítra.

rotolo \a. It. rotolo (pl. rotoli), ad. Arab. raṭl.

Roumi \ad. Arab. rumi Byzantine, Pers. rumi Turk, Greek.

ruba'i \Arabic ruba'iyah, f. ruba'iy composed of four elements.

rubb \a. Piedmontese rub, rubbo, ad. Arab. rub': see arroba.

Rufai \Turk. Rufai, ad. Arab. rifa'i, f. the name of Aḥmad al-Rifa'i (d. 1183), the founder of this order.

Rus \Russ. Rus' (see Russ n. and a.), Arab. Rus...

ryot \Urdu ra'iyat, raiyat, ultimately of Arabic origin: see rayat and rayah.

Saadian \f. Arab. Sâadi, Sa'di, the name of a 16th- and 17th-cent. dynasty of sharifs in Morocco + -an.

Sabean \f. L. Sabæ-us,(...), Arabic Saba' = Heb. Sheba, the ancient name of the people of Yemen; by Gr. and Roman writers imagined to be the name of the capital city) +-an...

sabaton \a. Pr. sabató (...), augmentative of sabata = F. savate, Sp. zapata boot (also za-pato shoe), Pg. sapata, It. ciabatta shoe. Cf. med.L. sabbatum. The ultimate origin of the Rom. word is obscure. It exists in Arabic (sabbat, çabbat, etc., Dozy II. 626), in Berber (sappat, ibid.), and in Basque (zapata), but is prob. in all these a loan-word from Spanish.

Sabian \f. Arab. çabi' + -an. According to Nöldeke, the word represents the pr. pple. of the Aramaic ç'ba' to baptize...

sabkha \ad. Arab. sabkhah a saline infiltration, salt flat.

Safaitic \f. the Arab. place-name Safa in Syria, SE of Damascus + -itic (see -ite1).

safari \Swahili, journey, expedition, f. Arab. safar journey.

safflower \a. Du. saffloer(...) a. early It. saffiore, also asfiore, asfrole, zaffrole, etc. (Yule). The ultimate source is obscure: the Arabic 'uḥfur is prob. a foreign word assimilated to aḥfar yellow...

saffron \a. F. safran (12th c. in Hatz.-Darm.), whence also (...). The ultimate source is Arab. za'faran (adopted unchanged in Turkish, Persian, and Hindustani); also Jewish Aramaic za'perana). The Arabic word with prefixed definite article, azza'faran, is represented by Sp. azafran, Pg. açafrão...

Sahara \a. Arab. ḥāhira desert.

sahib \Urdu, use of Arab. ḥāhib, orig. 'friend'.

sahib \Arab. ḥāhibah

Sahidic \f. Arab. sa'id, with article as-sa'id, lit. 'the Fortunate', a name for Upper Egypt+ic.

Sahrawi \a. Arab. ḥāhrawi (whence Sp. saharau) of the desert, f. ḥāhira' desert, Sahara.

saker \a. F. sacre, ad. Sp., Pg. sacro, It. sagro, prob. a. Arab. ḥāqr. In form the Sp., Pg. and It. word coincides with the adj. repr. L. sacer sacred; it has in consequence been supposed to mean 'sacred falcon' (cf. mod. scientific Latin Falco sacer)...

sakia \Arab. saqiyah, fem. pr. pple. of saqa to irrigate. In North Africa the q is pronounced (g), whence the form sageer.

salaam \Arab. salam (hence in Pers. and Urdu) = Heb. shalom peace.

salep \= Sp. salép, Pg. salepo, a. Turkish salep, a. Arabic tha'leb (pronounced in some parts sa'leb), taken to be a shortening of khasyu 'th-tha'lab orchis (lit. 'fox's testicles')...

saluki \ad. Arab. seluqi, f. Saluq the name of a town in the Yemen.

salvatella \med.L. salvatella (It., Pg. salvetella, F. salvatelle), f. salvare to save + dim. suffix (see -el2); framed to render Arab. al-usailim, a derivative with dim. form from the root s-l-m implying safety, salvation, etc.

sambouse \Persian sanbusah (phonetically samb-), whence Arab. sanbusah...

sambuk \Origin uncertain: in Arab. written sanbuq. Cf. Pg. zambuco, It. sambuco.

samiel \a. Turkish samyel, f. sam a. Arab. samm (see simoom) + yel wind.

sandal \a. med.L. sandalum = Sp. sándalo, Pg., It. sandalo (...). The ultimate source appears to be Skr. çandana (Hindi çandan); cf. Arab. çandal...

sandal \a. Turkish and Persian sandal, Arab. çandal (Dozy)...

sandarac \ad. L. sandarac-a, (...) Sp., Pg. sandaraca (senses 1 and 2), (...) in mod.L. sandaracha Arabum, represents Arab. sandarus (Dozy, from P. de Alcalá 1505), also sandalus (Freytag, from Golius); but the word cannot be native Arabic...

sansa \Marungu (Bantu), ad. Arab. çanj, Pers. sinj cymbals.

santir \Arab. santir (Pers., Turkish santur), corruption of Gr. psaltérion...

saphena \med.L. saphena, sophona, ad. Arab. çafin saphena; also 'a vein lying deep in the arm' (Lane). Cf. F. saphène (1314 in Hatz.-Darm.), Pg., It. safena...

sapphire \a. OF. safir (12th c. in Littré), mod.F. saphir (Pr. saphir, safir, Sp. zafir, zafiro, Pg. safira, zafira, It. zaffiro), ad. L. sapphir-us (...) prob. a. some Semitic form, (...) The word, however, does not appear to be ultimately of Semitic origin.(...) The Pers. saffir and mod.Arab. çafir may be from Greek.

Saracen \In OE., ad. late L. Saraceni pl; in ME., a. OF. Sar(r)azin, -cin, mod.F. Sarrasin (= It. Saracino, Sp. Saraceno, Pg. Sarraceno) (...) The ultimate etymology is uncertain. The derivations from Arabic commonly given (of which the most usual is Arab. sharq eastern, oriental, f. sharq sunrise) are not well founded...

saraf \Pers., etc., a. Arab. çarraf, f. çarafa to exchange...

sarsar \Arab. çarçar a cold wind.

sash \Originally shash, a. Arab. shash muslin, turban-'sash' (Dozy).

satin \a. F. satin (...). Cf. Pg. setim (? from It.) (...). The word cannot be connected etymologically with the app. synonymous Arab. zaituni, f. Zaitun name of a city in China (the locality of which is disputed)...

Saudi \ad. Arab. sa'udi, f. the name Sa'ud + -i.

sayer \Urdu, a. Arab. sa'ir, pres. pple. either of sara to go or of sa'ara to remain...

sayyid \Arab. sayyid, lit. 'lord', 'prince'. Cf. Cid.

scarlet \Aphetic (...) the other Rom. forms are later: Sp., Pg. escarlata (...) (The form saqirlat, given in some Arabic dictionaries, is modern and prob. adopted from some European language.)

sea-conny \App. a perversion (after sea n. and perh. con v.2) of Pers. sukkani, f. Arab. sukkān rudder. The word appears in 16th c. Pg. as socões (pl.)...

sebesten \a. Arab. sabastan, a. Persian sapistan. Said to have been originally seg-pistan, lit. 'dog's teats'...

sedekah \Malay, f. Arab. çadaqa.

seif \ad. Arab. saif, lit. 'sword'.

selamlik \Turk., lit. 'place of greeting', f. selâm a. Arab. salam salaam n.) + -lik place.

selictar \repr. Turkish pronunciation of Pers. silaḥdar, f. Arab. silah (pl. of silḥ weapon) + Pers. -dar having.

semsem \Arab. simsim, prob. ad. Gr. sésamon.

senna \mod.L. senna, sena, a. Arab. sana...

Senussi \Arab. sanusi, the name Senussi.

Senussia \Arab. sanusiya.

sephen \a. mod.L. sephen (specific name), a. Arab. safan shagreen.

sequin \a. F. sequin, ad. It. zecchino, f. zecca the mint (= Sp. seca), ad. Arab. sikkah die for coining, whence sicca1.

serab \ad. Arab. sarab.

serai \Anglo-Indian, repr. Urdu (orig. Arab.) çurahi.

seraphim \a. late L. seraphim (Vulg.) (...) (...) Of those who reject the identity of saraph 'seraph' with saraph 'fiery serpent', some refer the former to the root of the Arabic sharafa to be lofty or illustrious. Phonologically this is unobjectionable, but on other grounds it is now generally abandoned.

seraphin \a. Pg. xerafim, xarafim, a. Arab. sharifi, orig. the name of a gold coin...

seraskier \repr. Turkish pronunciation of Pers. ser'asker head of the army, f. ser head + Arab. 'askar army.

serdab \Pers. (hence Arab.) serdab grotto, ice-house, cellar.

sergelim \a. Pg. gergelim, zirgelin, a. Arab. juljuli, also juljulan.

sericon \a. med.L. sericon (indeclinable). (...) That the word originally stood for some real chemical substance is not improbable, but its proper meaning and etymology (perh. Arabic: ? cf. zircon) are obscure.

serir \Arab. serir dry.

sesame \In early use, a. or ad. L. sesamum (see sesamum) (...), prob. of oriental origin, but the relation to the Semitic forms (Syriac shushma, Jewish Aramaic shumshema, Arab. simsim) is not clear (...) The mod. currency and form of the word are due to translations of the Arabian Nights from Fr. (sésame)...

sesse \a. F. sesse, a. Arab. shash: see sash n.1

setwall \a. AF. zedewale = OF. citoual, citual, sotoval (Palsgr.), also citouar(t, etc., ad. med.L. zedoale, var. zedoarium, ad. Arab. zedwar: see zedoary.

seyal \Arab. sayal.

shadda \a. Arab. shadda, lit. strengthening.

Shafiite \f. Arab. shafi'i + -ite1.

shahada \Arab. shahada testimony, evidence.

shahid \Arab. shahid witness, martyr.

Shaitan \Arab. shaiṭan, corruptly a. Heb. saṭan satan.

shamal \Arab. shamal left (hand), north, north wind. (Sometimes confused with samiel.)

Sharia \Arab. shari'a.

shauri \a. Swahili, f. Arab. shura.

sheikh \Arabic shaikh properly 'old man', f. shakha to grow or be old. Cf. OF. esceque, seic, F. cheik, scheik, Sp. jeque, Pg. xeque.

Sheikha \Arab. shaikha.

Sherarat \Arab.

Sherari \Arab.

sherbet \a. Turkish and Persian sherbet, a. Arab. sharbah, f. shariba to drink. Cf. sorbet.

shereef \Arab. sharif noble, glorious, f. sharafa to be exalted.

shereefa \Arab. sharifah, fem. of sharif, see prec.

sheregrig \repr. African pronunciation of Arab. shiriqraq.

sherifi \Arab. sharifiy (Dozy), f. sharif (see shereef). Cf. seraph2, seraphin.

sherryvallies \The proximate history is obscure, but the word must be an adoption of some one of the many forms of a widely diffused word of oriental origin, signifying a kind of trousers: cf. Arab. sirwal, now commonly sharwal (pl. sarawil, sharawil), whence Sp. zaragüelles pl., Pg. ceroulas pl.)...

sherwal \Arab. sharwal: see sherryvallies.

Shiah \Arab. shi'ah sect, f. root sha'a, in the 3rd conjugation to follow. The (b) forms, strictly speaking, represent a distinct word, Arab. shiya'iy a member of the Shiah sect, a Shiite.

Shiite \f. shi- in Shiah + -ite. (The 18th c. form Sciaite seems to be f. Arab. shiya'iy a Shiite).

shittah \Heb. shittah. The tt is for prehistoric nt; cf. Arab. sant, OEgyptian sont, acacia.

shrab \Urdu, a. (through Persian) Arab. sharab wine, or any beverage, f. shariba to drink. Cf. sherbet, shrub n.2

shrub \Variant of shrab, or metathetic ad. Arab. shurb drink, draught.

shufti \f. Arab. shufti have you seen?, f. shaf to see.

sicca \a. Pers. (Arab.) sikkah a die for coining, the impression on money.

sidi \a. Urdu sidi, Marathi siddhi, ad. Arab. sayyidi 'my lord': see Sayyid.

sief \ad. Arab. shiyaf, f. shwf to see, to adorn oneself.

silladar \a. Urdu (Pers.) silahdar armour-bearer, squire, f. Arab. silah arms, armour.

simoom \a. Arab. semum, f. the root samm to poison. With the form simoon cf. F. semoun, simoun.

sim-sim \Arab.: see sesame.

Sinean \irreg. f. late L. Sinæ (...), prob. ad. Arab. Sin, the empire of China.

sine \ad. L. sinus a bend, bay, etc.; also, the hanging fold of the upper part of a toga, the bosom of a garment, and hence used to render the synonymous Arab. jaib, applied in geometry as in sense 2. Cf. F. sinus, Sp. and It. seno.

siphac \a. med.L. siphac, syphac (...), a. Arab. çafaq, from the root çafaqa to cover.

sirocco \a. It. sirocco, scirocco (also scilocco), = Sp. siroco (also xaloque), Pg. xarouco, (...), ad. Arab. sharq east, f. sharaqa (the sun) rose. Cf. prec.

soda \a. med.L. soda, ad. Arab. çoda', f. çada' to split.

sofa \= F. sofa, sopha, It., Sp., and Pg. sofa, ad. Arab. çoffah.

soldan \a. OF. soudan (...)Sp. soldan, Pg. soldão, ad. Arab. sulṭan: see sultan.

Sophy \ad. Pers. çafi (also çafawi), the surname of the ruling dynasty of Persia from c 1500 to 1736, derived from the Arabic epithet çafi-ud-din 'purity of religion', given to an ancestor of Ismail Safi, the founder of the dynasty...

souk \Fr., ad. Arab. suq market-place.

spinach \ (...) Sp. espinaca, of doubtful origin. The difficult problem of the ultimate origin of the word is complicated by variation of the ending in the Romanic languages. (...) By older writers the stem of these forms was supposed to be L. spina, in allusion to the prickly seeds of a common species. De Vic considers the various forms to be adoption of Arab isfinaj, Pers. isfanaj, ispanak, aspanakh (Richardson), but it is doubtful whether these are really native words...

subah \Urdu = Arab. çubah.

subeth \a. med.L. subet(h), ad. Arabic subat 'somnus in capite apparens', lethargy, f. sabata to rest (cf. Sabbath). Cf. obs. F. subet.

Sudan \Name for the part of Africa lying between the Sahara and the Equator, orig. embracing the whole region as far west as the Atlantic Ocean, but now restricted to the country lying to the south of Egypt, a. Arab. sudan, pl. of suda black.

sudd \Arab. sudd, n. of action to sudd to obstruct.

Sudder \a. Urdu= Arab. çadr foremost or highest part of a thing, chief place or seat, etc.

Suez \Arab. al-Suways

suffragi \a. suffragi, repr. Egyptian Arab. pronunc. Turk. sofraji, f. Arab. supra food, dining-table + Turk. agent-suffix -ji.

Sufi \a. Ar. çufi lit. 'man of wool', f. çuf wool (see Margoliouth Early Devel. Mohamm., 1914, 141). Cf. F. sofi, soufi. It has often been erroneously associated with Sophyl, q.v.

sugar \a. OF. çucere (...), ad. Arab. sukkar (with prefixed article assukkar, whence Sp. azucar, Pg. assucar)...

sugar-candy \ad. F. sucre candi (in which candi was at an early date apprehended as a pa. pple.; cf. 15th c. chucré candit), corresp. to Sp. azúcar candi, Pg. assucar candi (...) repr. Arab. sukkar sugar + qandi of sugar, f. qand sugar, a. Pers. kand...

sulham \a. Arab. zulḥam.

sulphur \a. (...) OSp. çufre, Pg. xofre (also, with Arabic article prefixed, OSp. açufre, Sp. azufre, Pg. enxofre):-L. sulfur(em), sulphur(em), whence also Du. sulfer, solfer.

sultan \a. F. sultan (from 16th c.) or ad. med.L. sultanus, ad. Arab. sulṭān king, sovereign, queen, power, dominion...

sultanin \ad. It. sultanino, or F. sultanin (cf. Pg. sultanim), ad. Arab. sulṭāni sultany.

sultany \ad. Arab. sulṭāni adj. imperial, n. kingdom, sultanin, f. sulṭān Cf. med.L. soltania.

sumach \a. OF. sumac(...) Sp. zumaque, Pg. sumagre, a. Arabic summaq. The form asimac in the first quot. represents Arab. as-summaq (with prefixed article).

sumbul \a. F. sumbul, a. Arab. sunbul.

sumpitan \a. Malay sumpitan, f. sumpit (see prec.). The possibility of connexion between the Malay sumpitan and Arabic sabatāna (see cebratane) has been suggested.

Sunna \a. Arab. sunnah (sunnat) form, way, course, rule.

Sunni \a. Arab. sunni lawful, f. Sunna.

sunnud \Urdu = Arab. sanad signature, deed, diploma, seal of magistrate, etc.

sunt \Arab. sant.

sura \a. Arab. surah. Cf. F. sura, surate. (The earliest examples represent the word with the def. art. prefixed, assurah.)

surd \ad. L. surdus (in active sense) deaf, (in pass. sense) silent, mute, dumb, (of sound, etc.) dull, indistinct. The mathematical sense 'irrational' arises from L. surdus being used to render Gr. álogos (Euclid bk. x. Def.), app. through the medium of Arab. aḡamm deaf, as in jadhr aḡamm surd root.

surdesolid \ad. mod.L. surdesolidus (...) The origin of mod.L. surdesolidus is obscure. In Zedler's Universal Lexicon, s.v. Dignitas, the term is given as the name of the 5th power 'according to the Arabs', corresponding to quadratocubus, the name 'according to Diophantus'; the 7th power is surdesolidum secundum, and the 11th surdesolidum tertium. If the term is of Arabic origin, it may = surde solidum, lit. deafly solid, i.e. of a power not 'communicating with', i.e. not derivable from, 2 or 3 or their powers (cf. the origin of mathematical L. surdus.).

Swahili \lit. = pertaining to the coasts, f. Arab. sawaḥil, pl. of saḥil coast...

syce \ad. Arab. sa'is, f. sus to tend a horse; in the 18th and 19th centuries, adopted from Hindustani into Anglo-Indian use.

syrup \a. OF. sirop, cyrop, serop (from 13th cent.), mod.F. sirop (...) related to the south-western Romanic forms (with or without Arabic article prefixed), Sp. jarope medicinal potion, bitter draught, jarabe, ajarabe syrup, Pg. xarope, enxarope, syrup; all

ultimately from Arab. sharab wine or other beverage, syrup, shurb drink: see shrab, shrub n.2, sherbet.

tabasheer \Arab., Pers., Urdu tabashir chalk, mortar.

tabbouleh \ad. Arab. tabbula.

tabby \In sense 1, a. F. tabis, earlier atabis (both 14th or early 15th c. in Godef.), Sp., Pg., med.L. attabi (M. Devic in Littré), app. a. Arab. 'attabi, name of a quarter of Bag-dad in which this stuff was manufactured, named after 'Attab, great-grandson of Omeyya...

tabl \Arab.: see atabal.

tabla \Hind., ad. Arab. tabl (see prec.).

taboot \Hindi, a. Arab. tabut coffin, box, Ark of the Covenant.

taboot \Arab., abbrev. of tabut raf' al-miyah Archimedes screw, or of tabut al-saqiya scoop wheel...

tabor \a. OF. tabur (11th c.), tabour (13-16th c.), beside tanbor, tambur (14-15th c.), tambour (16th c.-) = Sp. tambor (OSp. atambor), It. tamburo: the relations between the forms in ta- and those in tam-, tan- have not been clearly determined. The word is held to be of Oriental origin, and has been compared with Pers. tabirah, and taburak, both meaning 'drum', and with Arab. tanbur a kind of lute or lyre. The actual history is uncertain: see Dozy, and Devic in Littré; also Gaston Paris in Romania, 1902.

tahalli \Arab. takhalli ornamenting.

tahina \Arab., f. taḥana to grind or crush.

tahsildar \Urdu, f. Arab., Pers. taḥṣil collection + Pers. dar, agential suffix.

taj \Arab. (Pers.) taj crown.

Tajik \a. Pers. tajik one who is neither an Arab nor a Turk, a Persian.

talak \a. Arab. ṭalaq divorce.

talayot \a. Cat. talaiot small watch-tower, ad. Arab. (Muslim Spain) ṭali'at, pl. of ṭali'a watch-tower; cf. Arab. ṭali'a with similar meaning.

talc \a. F. talc (Palissy a 1590) or ad. med.L. talcum, = Pg., It. talco, Sp. talco, talque, ad. Arab. ṭalq, mentioned a.d. 869 by Jahiz of Bassora, and by Serapion the elder (Syriac and Arabic), Rhazi, Avicenna, Ibn-el-Beithar 1248, etc. Held by Arabic scholars to be from Persian, where the form is talk...

talha \a. Arab. ṭalḥa (collect. pl. ṭalḥ).

taliq \Pers., Arab. ta'liq, lit. 'hanging'.

talisman \= F. talisman, of uncertain history; occurring in Fr. and Eng. considerably earlier than talisman2. It appears to be a corrupt or mistaken form of some Arabic, Persian, or Turkish spoken word, imperfectly caught by early travellers...

talisman \= 17th c. F., Sp., Pg. talisman, It. talismano, ultimately representing Arab. ṭil-sam, in same sense, ad. Gr. télesma telem. The final -an is not accounted for. An

Ara-bic pl. *t̄ilsaman*, alleged by Diez s.v., and thence in various recent dictionaries, is an error: no such form exists in Arabic, Persian, or Turkish. The only Arabic form at all similar would be a relative adj. *t̄ilsimani* (one) dealing with talismans, if this were in use.

taluk \a. Urdu *ta'alluq* estate, tract of proprietary land, f. Arab. 'alaqa to adhere, be affixed.

tamarind \= Sp., Pg., It. *tamarindo*, med.L. *tamarindus*, ultimately ad. Arab. *tamr-hindi*, i.e. date of India, whence in the early herbalists and physicians *tamar indi*, in Marco Polo (Fr. version) *tamarandi*; in 13th c. F. *tamarindes* pl., mod.F. *tamarin* (15th c. in Hatz.-Darm.).

tamasha \a. Arab., Pers., Urdu *tamasha* walking about for recreation or amusement, an entertainment, f. 6th conj. of *masha(y)* to walk.

tamboura \app. ad. Pers. *tanbur*, Arab. *tunbur*, in same sense.

tandour \In sense 1, = F. *tandour*, a. *tandur*, Turkish pronunc. of Pers. and Arab. *tannur* oven, portable furnace, a. Aramaic *tannura*, Heb. *tannur*, Assyrian *tinuru* furnace...

tarada \ad. Arab. *tarrada* cruiser, swift war canoe.

taraxacum \med.L. from Arabic, ultimately Persian. The *Synonymia Arabo-Latina* of Gerard of Cremona (died 1189) has 'Tarasacon, species cichorei'. This appears to have been a corruption or misreading of the Arabic name *ṭarakhshaqoq* or *ṭarkhshaqoq*, itself according to the *Burhan-i-Kati* (native Persian lexicon), originally an arabicized form of the Persian *talkh chakok* 'bitter herb'...

tarboosh \a. Arabic *ṭarbush*; so called in Egypt (Freytag); in F. *tarbouch*.

tare \a. F. *tare* (15th c. in Hatz.-Darm.) waste or deterioration in goods, deficiency, imperfection, also as in Eng., = med.L., It., Pr., Sp., Pg. *tara*, OSp. *atara* (Littré), ad. Arab. *ṭarḥah* that which is thrown away, f. *ṭaraha* to reject.

tarette \a. OF. *tarete*, = med.L. *tarida*, *tareta* 'navis onerariae species, eadem quae Tartana vocitata, ut quidam volunt' (Du Cange), a. Arab. *taridah* 'actuaria navis'...

tarfa \a. Arab. *ṭarfa*.

targe \In late OE. *targe* fem., *targa* masc.(...) Sp. and Pg. *adarga*, appear to be from Arab. *al-darqah* the shield of leather and wood.)

tariff \a. It. *tariffa* 'arithmetike or casting of accounts' (Florio), 'a book of rates for duties' (Baretti), = Sp., Pg. *tarifa*, ad. Arab. *ta'rif* notification, explanation, definition, article, f. 'arafa in 1st conj. to notify, make known. So F. *tarif*...

tarragon \Given in 1538-48 as the English for med.L. *tragonia* and *tarchon*: cf. 16th c. (...). Sethus compiled from Arab sources, and his Gr. *tarkhon* represented Arab. *ṭarkhon* (in Ibn Beithar, Avicenna, Razi), *altarcon* in Gerard of Cremona, a 1187; according to Arabic lexicographers a foreign word...

tartan \a. Fr. *tartane* (1632 in Hatz.-Darm.), a. It., = Sp., Pg. *tartana*, supposed by Diez to be derived from Arab. *taridah*: see *tarette*. But connecting evidence is wanting.

tass \a. F. tartre = Sp., Pg., It. tartaro, med.L. tartarum (...), perh. of Arabic origin...

tass \a. OF. tasse goblet (1380 in Godef.), in mod.F. cup = med.L. tassa (...), Sp. taza, Pg. taça, app. a. Arab. ṭass, ṭassah basin, usually held to be ad. Pers. tast cup, goblet.

tazia \ad. Arab. ta'ziya consolation, mourning.

tea \= F. thé, Sp. te, It. tè, Du. and Ger. thee, Da., Sw. te, mod.L. thea; ad. (perh. through Malay te, teh) Chinese, Amoy dialect te, in Fuchau tiä = Mandarin ch'a (in ancient Chinese prob. kia); whence Pg. and obs. Sp. cha, obs. It. cià, Russian chai, Pers., Urdu cha (10th c.), Arab. shay, Turkish chay. The Portuguese brought the form cha (which is Cantonese as well as Mandarin) from Macao. This form also passed overland into Russia. The form te (thé) was brought into Europe by the Dutch..

tecbir \Arab. tekbir 'to magnify, proclaim the greatness of'; inf. of 2nd form of kabura to be great.

tekke \a. Turk. tekke, Ottoman tekye (whence Arab. tak(k)iya), ad. Pers. takya pillow, place of repose, abode of a fakir.

tell \a. Arab. tall a hillock.

terjiman \ad. Arab. tarjaman: see dragoman, truchman.

tezkere \Arab. tadhkirah, in Turkish tezkere, lit. memorandum, record, note, f. dhakara, in deriv. conj. to record, relate, remember = Heb. zakar to remember.

Thamudic \f. Thamud (Arab. thamud) + -ic.

tibbin \Arab. tibn.

tincal \In form tincal, a. Malay tingkal:–Skr. ṭankana; in Pers., Arab., Urdu tankar, tinkar, whence the (b)-forms and altincar.

tobe \a. Arab. thaub (...) a garment.

torba \ad. Arab. turba dust, earth, soil.

traffic \Note. It is clear that the verb and n. arose in the commerce of the Mediterranean, and in the language of one of the nations by or with whom this was carried on. (...). Etymologists are generally agreed in regarding the word as Romanic (...) Some have suggested for the word an origin in Arabic, referring it to the verb taraffaqa, which sometimes means 'to seek profit'.

trapezium \a. mod.L. trapezium, ad. Gr. trapézion, dim. of trápeza table, in geometry used by Euclid in the general sense (...) (The early Latin editions of Euclid 1482-1516 have not trapezium, but the Arabic helmaripe; trapezium is in the Basle ed. of 1546.)

trona \a. Swed. trona (1773), app. from Arabic ṭron, apocopate form of naṭrun, natron, ad. Gr. nítron soda (Dozy).

truchman \ad. med.L. turchemannus, (...), Sp. trujaman, ad. Arab. turjaman (also tarjuman, tarjaman), interpreter, the same word which through Gr. and med.L. appears as dragoman. The Arabic letter jim which is now generally j was orig. g, like Heb. gimel, the early form of the word being targuman, f. targama to translate: cf. Targum.

tuba \Arab. (in Koran xiii. 28) tubah, supposed to be a. Aramaic tuba beatitude, Heb. tobah. Some commentators suppose a tree to be meant...

tumbak \a. Arabic tun'bak, ad. F. tabac tobacco.

turbah \Turkish, a. Arab. turbah tomb, sepulchre.

Turk \= F. Turc, fem. turque, It., Sp., Pg. Turco, -a, med.L. Turcus, -a, Byz. Gr. Toukos, Pers. (and Arab.) turk. A national name of unknown origin. Possibly the same as the Chinese equivalent Tu-kin, applied to a division of the Hiong-nu...

turmeric \Origin obscure. (...) Some have suggested a corruption of the Persian-Arabic name kurkum 'saffron', whence Sp. curcuma; but the change seems too unlikely...

turpeth \a. OF. turbit, -ith, turpet (F. turbith) or ad. med.L. turbith(um, turpethum, turpetum, ad. Pers. and Arab. turbid, -bed, whence also Pg., Sp. turbit...

tutty \a. F. tutie 13th (...) = Sp. tutia, atutia, Pg. and med.L. tutia (erron. tucia); a. Arab. tutiya oxide of zinc (marked as a foreign word in Arabic lists, perh. Persian)...

typhoon \Two different Oriental words are included here: (1) the (a)-forms (like Pg. tufão) are a. Urdu (Persian and Arabic) tufan a violent storm of wind and rain, a tempest, hurricane, tornado, commonly referred to Arab. tafa, to turn round (nouns of action tauf, twafan), but possibly an adoption of Gr. tyfon typhon2; (2) the (b)- and g-forms represent Chinese tai fung, common dialect forms of ta big, and fêng wind...

tyrse \Properly tirsé (Forskål, 1775), tyrsé (G. Saint-Hilaire and Cuvier), ad. Arab. tirsah, f. turs shield.

ujamaa \Swahili, = consanguinity, brotherhood, f. jamaa family, a. Arab. jama`a group (of people), community.

ulema \a. Arab. (also Turk. and Pers.) 'ulema, pl. of 'alim knowing, learned, f. 'alama to know. Hence also Sp. Ulema, Pg. Ulemas, F. Uléma.

umma \Arab. 'umma people, community, nation.

urs \a. Arab. 'urs, lit. 'marriage ceremony'.

Usnea \med.L. (12th cent.), ad. Arab. and Pers. usnah moss. Hence F. usnée (1530).

vakeel \a. Urdu (Pers.-Arab.) wakil, wakil: cf. wakeel.

wali \Turk. (Arab.) wali. Cf. wali.

varan \ad. mod.L. Varan-us (...), f. Ar. waran, var. of waral, monitor lizard...

Vega \a. Sp. or med.L. Vega, ad. Arab. waqi' falling, in (al nasr) al waqi' 'the falling (vulture)', the constellation Lyra. So F. Wéga.

vilayet \Turkish, ad. Ar. welayeh, -yet district, dominion.

vizier \ad. Turk. vezir, a. Arabic wazir, wezir, orig. a porter, hence one who bears the burden of government, a minister or lieutenant of a king, f. wazara to carry, carry on. Cf. F. visir, vizir, Sp. visir, Pg. visir, vizir, It. visire. See also alguazil.

vizierat \ad. Arab. wizarat, -et, f. wezir, etc. vizier; or refashioned on vizier + -ate³. Cf. F. vizirat, viziriat.

wadi \Arab. wadi.

Wafd \a. Arab. wafd arrival, deputation, in full al-wafd al-miṣri the Egyptian delegation.

Wahabi \a. Ar. Wahhabi, f. Wahhab (see below).

wakeel \See vakeel. (Properly the spelling with v should represent the Persian and Indian forms, and that with w the Arabic; but this is not observed in our examples).

wakf \Arab. waqf.

wali \Arab. wali (classical Arab. walīn), subst. use of pres. pple. of wala to be foremost.

water \The equivalent use is found in all the mod. Rom. and Teut. langs.; it may have come from Arabic, where this sense of ma', water, is a particular application of the sense 'lustre, splendour' (e.g. of a sword).

wazir \Arab. wazir, whence the Turkish vezir: see vizier.

weli \Arabic wali, weli friend (of God), saint.

wine \OE. wīn (...); the nature of the connexion of the Indo-Eur. words with the Semitic (Arab., Ethiopic wain, Hebrew yayin, Assyrian înu) is disputed.

wisdom tooth \Usually pl.; orig. teeth of wisdom, rendering mod.L. dentes sapientiae, = Arab. aḍrasu 'ḥikmi (f. ḍirs tooth, ḥikm wisdom), after Gr. sofronistêres...

worral \a. Arab. waral.

Yahudi \a. Arab. yahudi, Heb. yehudi Jew n.

yashmak \Arab. yashmaq.

Yemeni \ad. Arab. yamani, f. Yemen name of two States in the south-west of the Arabian peninsula.

Yunani \a. Arab. yunani, lit. 'Greek'.

zakat \Pers. zakat, Turk. zekât, etc., ad. Arab. zakah.

zaptieh \Turkish ḍabtīyeh, f. Arab. ḍabt administration, regulation.

zarf \Arab. ḡarf vessel.

zariba \Arab. zaribah pen or enclosure for cattle (zarb sheep-fold).

zarnich \Arab. zarnikh, f. Pers. zerni orpiment, f. zer gold.

zawiya \Arab. zawiya (hence F. zaouia) corner, prayer room.

zecchin \ad. It. zecchino, f. zecca the mint at Venice = Sp. seca, a. Arab. sekkah coin.

zedoary \ad. med.L. zedoarium, -ia (also zedu-), ad. Arab. zedwar...

Zendik \a. Arab. zindiq atheist, fire-worshipper, disbeliever in a future state, etc....

zenith \a. OF. cenit(h (F. zénith) or med.L. cenit (cf. It. zenit, Sp. cenit, Pg. zenith, G. zenith, etc.), obscurely ad. Arab. samt, in samt ar-ras lit. way or path over the head (samt way, al the, ras head); cf. azimuth (al the, sumut pl. of samt).

zenic \ad. mod.L. zenzicus, f. zensus, Germanized f. census (1202 in Leon. of Pisa), transl. Arab. mal possessions, property, as used spec. in mathematics. Cf. It. censo (13th c.).

zero \ad. F. zéro (1515 in Hatz.-Darm.) or its source It. zero, for zefiro, ad. Arab. çifr ciphern.

ziarat \ad. Hindi f. Urdu, f. Arab. ziyarat pilgrimage.

zibib \ad. Arab. zabib dried grapes, (in Egypt) zibib.

ziczac \Ultimately a. Arab. zaqzaq, saqsaq (Dozy).

zibr \ad. Arab. dhikr remembrance.

ziraleet \Arabic; cf. zaghrata, zaghlata to utter the cries of joy called zaghrutah or zaghrutah, pl. zagharit (Dozy).

zoco \Sp., ad. Arab.: see souk.

“Árabe” em *Árbol de Lenguas do DRAE*
(*Diccionario de la Real Academia Española*)

abacero, ra; abadí; abalorio; abarraz; abasí; abelmosco; abencerraje; abenuz;
abismal1; acafelar; acebibe; acebuche; aceche; aceifa; aceite; aceituna; aceituní;
acelga; acémila; acemite; acenefa; aceña; acequia; acerola; acetre; aciar; acíbar;
acicalar; acicate; acidaque; acimut; acción; acirate; acitara; acólctra; achacar;
achaque; adafina; adalid; adaraja; adarga; adárgama; adarme; adarvar1; adarve;
adaza; adefera; adehala; adelfa; adema; ademe; adermar; aderra; adiafa; adivas;
adive; adobel1; adobe2; adoquín; ador; adra; aduana; aduar; adúcar; adufa;
adufe; adul; adunia; adutaque; afice; aguajaque; agüela2; ajabeba; ajaquefa;
ajaraca; ajarafe; ajebe; ajedrea; ajedrez; ajenuz; ajimez; ajomate; ajonjolí; ajorca;
ajorrar; ajuagas; ajuar; al-; Alá; alacena; alacet; alacrán; aladar; aladroque;
alafa; alafia; alahílca; alajor; alajú; alama1; alamar; alambique; alambor1;
alambor2; alamín; alamud; alaqueca; alárabe; alarde; alarido; alarife; alarije;
alaroz; alarozza; alatar; alatrón; alazán, na o alazano, na; alazor; albacara1;
albacara2; albacea; albacora1; albacora2; albadena; albahaca; albahío, a; albaida;
albanar; albanega; albaní; albañal; albaquía; albarán; albarazo; albarda; albardán;
albardín; albaricoque; albarrada1; albarrada2; albarrán; albarrana; albarsa;
albatoza; albayalde; albéitar; albenda; albengala; alberca; albihar; albitana;
alboaire; albogue; alboheza; albohol; albollón; albóndiga; albórbola; alborga;
albornía; albornoz; alboronía; alboroque; alborozo; albotín; albricias; albudeca;
albufera; albur1; albur2; alcabala; alcabor; alcabtea; alcazel; alcaduz; alcafar;
alcahaz; alcahuete, ta; alcaicería; alcaide; alcalde; álcali; alcaller; alcamiz;
alcamonías; alcana; alcaná; alcancía; alcándara; alcandía; alcandora; alcanería;
alcanfor; alcántara1; alcaparra; alcaraván; alcaravea; alcarceña; alcarchofa;

alcaría; alcarraza; alcartaz; alcatara; alcatenes; alcatifa; alcatraz2; alcaucí o alcaucil; alcaudón; alcavela; alcazaba; alcázar; alcazuz; alcoba; alcohol; alcoholar2; alcolla; alcor; alcora; Alcorán; alcorcí; alcorque1; alcorza; alcotán; alcotana; alcrebite; alcroco; alcubilla; alcuña; alcuza; alcuzcuz; alchub; aldaba; aldea; aldiza; alefriz; aleja; alejija; alema; alerce; aletría; aleve; aleya; alfaba; alfábega; alfadía; alfaguara; alfahar; alfaida; alfajeme; alfalfa; alfaneque1; alfanje; alfaque; alfaqueque; alfaquí; alfaquín; alfaraz; alfarda1; alfarda2; alfardón1; alfareme; alfarje; alfarnate; alfarrazar; alfaya; alfayate; alfazaque; alféizar; alfeñique; alferecía1; alférez; alferraz; alferza; alficoz; alfil1; alfil2; alfilel; alfinge; alfitete; alfiz; alfolí; alfombra1; alfombra2; alfóndeaga; alfonsario; alforfón; alforja; alforre; alforrocho; alforza; alfóstigo; alfoz; algaba; algaida; algalia1; algar1; algara1; algara2; algarabía1; algarabío, a; algarivo, va; algarrada1; algarroba; algavaro; algazafán; algazara; algazul; álgebra; algodón; algorfa; algoritmo; algorza; alguacil; alguaquida; alguaza; alhadida; alhaite; alhaja; alhamar; alhamel; alhamí; alhandal; alhanía; alhaquín1; alharaca; alharma; alhavara; alhelí; alheña; alhinde; alholva; alhorí; alhorre1; alhorre2; alhorría; alhucema; alhuceña; alhurreca; aliacán; aliara; alicante1; alicatar; alicate; alidada; alifa; alifafe1; alifafe2; alifara; alijar1; alimara; alioj; alizace; alizar; aljaba; aljabibe; aljama1; aljama2; aljamía; aljaraz; aljarfa; aljébana; aljerife; aljibe; aljofaina; aljófar; aljofifa; aljor; aljuba; aljuma; almacabra; almacén; almacería1; almáciga1; almáciga2; almadén; almádena; almadía; almadraba; almadraque; almadreña; almagacén; almagra; almahala; almaizar; almaja; almajaneque; almajar1; almajara; almalafa; almanaca; almanaque; almancebe; almarada; almarbate; almarcha; almarjo; almaro; almarrá; almarraja o almarraza; almártaga1; almártaga2; almástica; almatroque; almazara; almazarrón; almea1; almea2; almejía; almenara1; almenara2; almez; almíbar; almicantarát; almijar; almijara; almijarra; alminbar; alminar; almiraj, almiraje o almiral; almirez; almizate; almizque; almocadén; almocafre; almocárabe o almocarbe; almoceda; almocrebe; almocrí; almodón; almófar; almofariz; almofía; almofrej; almogama; almogávar; almohada; almohade; almoharrefa; almoháter o almohatre; almohaza; almojábana; almojama; almojarife; almojaya; almona; almoneda; almora; almoraduj o almoradux; almorávide; almorí; almotacén; almotalafe; almotazaf o almotazán; almozala o almozalla; almud; almudí o almudín; almuecín; almuédano; almunia;

aloque; aloquín; alpargata; alpatana; alporchón; alquequenje; alquería; alquermes; alquerque1; alquerque2; alquez; alquezar; alquibla; alquicel o alquicer; alquiler; alquimia; alquinal; alquitara; alquitira; alquitrán; alrota; altabaca; altamía; altramuz; alubia; aludel; aluquete; alloza; amán; ámbar; ámel; amén1; amín; amir; amirate; amirí; anacalo, la; anacora; anafaga; anafalla o anafaya; anafe; anaquel; andorga; andorra; anea; anejir; anfión; anoria; anorza; anúbada; anúteba; añacal; añacea; añafea; añafil; añagaza; añascar; añazme; añicos; añil; arabí; arabía; arar1; arbellón; arbellón; archí; argamandel; argamula; argán; argel; argolla; arguello; árguenas; árgueñas; arije; arimez; arjorán; arnadí; arrabá; arrabal; arracada; arráez; arrayán; arrecife; arrejaque; arrelde; arrequife; arrequive; arriate; arriaz; arricés; arroba; arrobda; arrocabe; arrope; arroz; áscar; áscari; asequi; asesino, na; atabaca; atabal; atabe; atacir; atafarra; atafea; atahona; atahorma; ataifor; ataire; atalaya; atalvina; atambor; atanor; atanquía; ataquizar; ataracea; atarazana; atarfe; atarjea; atarraga2; atarraya; ataúd; ataujía; ataurique; atifle; atijara; atíncar; atoba; atoque; atracar2; atríaca o atriaca; atún; atutía; auge; aulaga; avería2; ayatolá; azabache; azabara; azacán, na; azacaya; azache; azafate; azafrán; azahar; azalá; azamboá; azándar; azanoria; azaque; azaquefa; azar; azarbe; azarcón; azarja; azarnefe; azarote; azófar; azofra; azogue1; azogue2; azolvar; azor2; azorafa; azote; azotea; azúcar; azucarí; azucena; azud; azufaifa; azul; azulaque; azulejo2; azúmbar; azumbre.

babismo; babucha; badal2; badán; badana; badea; badén; bagarino; bahaísmo; baharí; baída; bajá; baladí; balaj; balate1; balda2; baldar; balde2; baño2; baraca; barbacana; barcino, na; barda1; bardaje; barragán2; barrio; bata1; batán; batea; baurac; bayal1; baza; beduino, na; belez; bellota; ben1; benimerín; benjuí; berberí; berberís; beréber o bereber; berenjena; bezaar; bocací; bodoque; bófeta; bórax; borní; boronía; botor; bulbul; burche; buzaque.

Cabila; cachera; cadí; cadira2; café; cáfila; cafiz; cafre; caftán; caimacán; cala2; calafate; calahorra; cali; cálibo; califa; calilo, la; cambuj; camocán; canana; cáncana2; cáncano; candel1; canfor; caraba; cárabe; cárabo2; cárabo3; caracoa;

caramida; caramuzal; caravana; carcajada; carcax2; carne; carmesí; carraca1; carrafa; cártamo; casida; catán; catifa; cazurro, rra; cazuz; cebtí; cecal1; cedoaria; cegatero, ra; cegrí; ceje; celemí; cenacho; cendolilla; cenefa; cení; cenia; cequí; cequia; cerbatana; cero; cetís; ceutí; cianí; cibica; cica1; cicalar; cicatear; cicatero, ra; ciclán; ciclar; ciclatón; cifaque; cifra; címbara; cimboga; cimitarra; circón; citara; civeto; coba3; cofa; cohol; coima1; coima2; coime; colcótar; cora1; corbacho; corma; cotonía; cozcucho; cubeba; cúfico, ca; cunacho; cúrcuma; curdo, da; cuscuta; cuzcuz; chafarote; chaleco; charrán1; cherva; chifla2; chiísmo; chilaba; chirivía; chisme2; chivo1; chupa1.

Dado1; daga2; dahír; daifa; dante; darga; dársena; daza; derviche; descafiar; destartalado, da; dey; dinar; dirhem; diván; dolame; dula.

Edrisí; ejarbe; elche; elemí; elixir o elíxir; embarazar; embelecar; engarzar; enjarje; enjeco2; escabeche; escafilar; escaque; escarlata; escazarí; espinaca; exarico.

Fadrubado, da; falagar; falca; falúa; faluca; falleba; fanega; faquir; faranga; farda1; farda3; fardacho; farnaca; farota; fatimí; felús; feseta; fetua; fez2; fideo; filelí; foceifiza; fodolí; fondac; foz1; fulano, na; fustal; fustete.

Gabán; gabela; gacel; gacela; gafetí; galacho; galanga; galbana1; galbana2; gálibo; galima; gandul2, la; garama; garbino; gardacho; gárgoll1; garrama; garroba; gilí; gomer; granadí; grisgrís; guadamecí; guájara; guájete por guájete; ¡gualá!; guarismo, guata1; guifa; guilla; guitarra; gumía; gurapas.

Habiz; habús; hacino, na; hachís; hadruba; hafiz; ¡hala!; hálara; hamudí; harambel; harbar; harca; harén; harma; harón, na; hasaní; hasta; hazaña; he1; hégira; hobacho, cha; ¡hola!; hoque; horro, hurí.

Imam; imela; islam.

Jabalí; jabalón; jabeca; jábeca; jabeque1; jabeque2; jabí1; jácara; jácena; jadraque; jaez; jaguarzo; jaharí; jaharral; jaharrar; jaique; jaloque; jametería; jámila; japuta; jaque1; jaque3; jaqueca; jáquima; jara; jarabe; jarafíz; jareta; jaricar; jarifo, fa; jarquía; jarra; jatib; jazarino, na; jazmín; jebe; jedive; jeliz; jemesía; jeque1; jerbo; jergón2; jerife; jeta1; jifa; jineta1; jinete; jirafa; jirel; jofaina; jofor; jorfe; joroba; jorro; josa; jota4; juba; judía; julepe; jurdía.

Kermes.

Laca; lairén; lapislázuli; latón1; laúd; lebeche; lebení; leila; lelíf; lima1; limón1.

Macabro, bra; macsura; madraza2; magacén; maglaca; maharón, na; maharrana; maimón; majzén; mameluco; mamola; mandeísmo; mandil; maquila; marabú; maravedí; marcasita; marchamo; márfega; marfil; marfuz, za; margomar; marjal1; marjal2; marlota; marojo2; maroma; marrano1, na; marras; marroquí; masamuda; máscara; matafalúa; mate2; matraca; matula; mauraca; mazarí; mazmodina; mazmorra; mazorral; meca; mehala; mengano, na; mercal; metical; mezquino, na; mezquita; mía; mihrab; miramamolín; místico1; mogataz; mogate; moharra; moharracho; mohatra; mojí1; momia; mona2; monfí; mono, na; morabito; moraga; motacén; mozárabe; mudéjar; muftí; mujalata; muladí; mulquía; muslim o muslime.

Nabí; nácar; nácara1; nadir; nádir; nafa; nagüela; naife; naranja; narguile;
natrón; nazarí; nenúfar; nesga; noca; noque; noria; nuca.

¡Ojalá!; ojaranzo; ¡olé!; olíbano; omeya; oque (de); orozuz; orzaga; otomano, na;
¡ox!.

Paraíso.

Quermes; quilate; quilma; quina3; quintal; quiosco; quirate.

Rabadán; rabal; rabazuz; rabel1; rábida; rafal; rafe1; ragua; rahez; ramadán;
rambla; ranzal; rasmia; rauda2; rauta; razzia ; real3; rebato; rebite; recamar;
recua; redoma; regaifa; rehala; rehalí; rehén; rejalgar; requive; res; resma;
retama; rincón; robda1; robda2; robo2; romí; ronda; ronza1; roque1; rubia3;
ruc.

Saboga; saetía; saharai; sajelar; salema; salep; sampaguita; sandía; sarilla;
sarraceno, na; sebestén; secácul; sena1; sera; serafín2; siroco; sofí; sófora;
solimán; soltaní; sorbete; sufí; sultán; sura1.

Tabal; tabaque1; tabefe; tabica; tabique; taca2; tafurea; tagarino, na; tagarnino;
tagarote; taha; tahalí; taheño, ña; tahona; taifa; tajea; talco; talega; talvina;
támara1; tamarindo; tambor; tara1; taracea; taraje; tarasí; tarbea; tarea; tareco;
tarida; tarifa; tarima; tarquín; tarraya; taza; tercil; tíbar; tochibí; tomín; toronja;
toronjil; trafalmejas; truchimán, na; trujamán, na; tuera; tumbaga; tunecí; turbit;
turco, ca; turquí; tutía.

Ulema.

Vacarí; valí; valija; velmez; visir.

Yemení.

Zabacequia; zabazala; zabazoque; zabila; zabra; zacatín; zafa; zafariche; zafío; zafío, fia; zafra1; zafra3; zafra4; zafrán; zaga; zagall; zagaya; zagua; zaguán; zagüía; zahén; zahora; zahorí; zaida; zaino1, 2; zalá; zalama; zalamelé; zalea; zalema; zalmedina; zalona; zamacuco, ca; zamboa; zambra1; zambra2; zanahoria; zaque; zaquizamí; zaragüelles; zaratán1; zaratán2; zarco, zargatona; zarracatín; zarzahán; zatara; zéjel; zoco2; zofra; zoquete; zorzal; zubia; zulaque; zulla1; zumaque; zuna1; zurrapa; zurriaga.

Alguns artigos antigos em registros fac-símile

No Suplemento Cultural de “O Estado de S. Paulo”

1. Edição No. 156, 28-10-1979, pp. 10-12

...viosa, poema popular que é um verdadeiro aos que ainda querem renovar-se

Ciências Humanas

Crítica a valores expressos nos livros didáticos

Luiz **Jean Louand**

O personagem central da novela “A 25ª Hora” percorre as situações mais dramáticas com que a guerra pode afligir um indivíduo. Mas há um momento em que a angústia parece atingir o auge: o personagem, num campo de prisioneiros americano, é, sem motivos legítimos, dado e tido por louco. Ele repara então no desespero da sua situação: qualquer gesto, fala ou ato que realize será visto pelos enfermeiros burocratas como sintoma típico da demência atestada. De fato, mesmo que se revolte contra a injusta acusação — “Eu não estou louco, ouviram bem? Não estou louco!” — essa revolta será interpretada como mais uma manifestação de loucura, e loucura furiosa.

A mesma sensação de pesadelo tem-se diante da ação de determinado setor da crítica cultural, que se compraz em denunciar toda e qualquer forma de expressão não-engajada com o marxismo como sendo ação da ideologia burguesa.

Denunciar como inculcação ideológica do

A tendência, muito em moda, de denunciar toda e qualquer forma de expressão não engajada com o marxismo, como sendo uma ação da ideologia burguesa, é analisada neste artigo no qual se examinam as conclusões de um trabalho universitário que se propõe “desmascarar” 70 livros didáticos nacionais do primeiro grau.



Nosela encarrega-se de “desmascarar” 70 livros didáticos nacionais, de Comunicação e Expressão, do 1º grau, tendo examinado 20.000 páginas para concluir (os grifos são nossos):

1. O estudo da ideologia subjacente aos textos de leitura mostrou que todos os temas se relacionam intimamente, tornando-se *cómplices*, nas explicações e justificações de uma determinada “visão de mundo”. As idéias principais de cada tema constituem o núcleo comum de todos os temas.
2. O objetivo real da ideologia subjacente aos textos de leitura é o de criar um mundo relativamente coerente, justo e belo, no da imaginação, com a função de *mascarar* um mundo real, que, contraditório e injusto, é necessário para os interesses da classe hegemônica.
3. Uma das características constantes deste mundo imaginário é a estereotipação e idealização, com a função de fixar, fora do

2. Edição No. 175, 09-03-1980, pp. 4-5

A História vista pelos cursinhos

Luiz Jean Lauand

Ninguém em São Paulo ignora as dimensões do fenômeno "vestibular": submeteram-se aos exames da Fuvest-80 nada menos do que 124.000 estudantes. É sabido também que a quase totalidade desses vestibulandos passara pelo cursinho.

A massa dos vestibulandos passou a estudar História Geral quando, no começo da década de 70, essa disciplina integrou-se em quase todos os vestibulares, e, portanto, no ensino dos cursinhos.

O estudo da História — de uma perspectiva pedagógica ampla, e não apenas tendo em conta a aprovação no vestibular — é, para o jovem pré-universitário, de uma importância extraordinária. Régine Perroud, no seu sugestivo "Idade Média: o que não nos ensinaram", aponta os valores de um bom ensino de História para os jovens: "Na idade em que o adolescente procura 'o outro' e se forma pelo relacionamento com 'o outro' nada seria mais fecundo para ele do que este reencontro com o que o precedeu no tempo... é por falta desta dimensão que tantos espíritos ficam atrofiados, formados de maneira unilateral,



Para os jovens, uma só concepção de História dos cursinhos se está caindo nessa atitude restritiva, como, a seguir, procuraremos apontar.

Nunca assistimos a aulas de História nos cursinhos, nem sabemos como se desenvolvem; por isso limitamo-nos somente às apostilas iniciais de História Geral (dos cursinhos de São Paulo), onde

é normal se expor a concepção de História que norteia os cursos. Dentro de um mesmo cursinho essas apostilas são as mesmas para todos os alunos e, pelo que se pode observar, pouco ou nada variam de ano para ano. As informações orais — de fácil obtenção para quem lida com alunos de 1º ano de faculdade — só fazem

Textos extraídos das apostilas iniciais de História Geral dos cursinhos.

confirmar o que é exposto nessas apostilas introdutórias ao estudo de História.

Parafraçando o início do "Manifesto Comunista" de Marx e Engels, poderíamos dizer que "um espectro paira sobre os cursinhos: o fantasma da concepção marxista da História". Se Marx voltasse do mundo dos fantasmas ficaria aborrecido, ao ver as suas teorias usadas nos cursinhos sem lhe citar a autoria.

Parece haver uma clara intenção de ocultar a procedência marxista das concepções ou da apresentação da História que se dá nesses textos (pretendendo assim fazer passar a concepção marxista como a ciência da História, "objetiva" e "alheia a ideologias").

Desde modo, a apostila "Assuntos Básicos" (Curso Anglo-Latino), embora citando os autores Terry e Marta Harnecker, não cita os títulos das obras de onde se extraíram os textos, e que, como é fácil verificar, são respectivamente "O Marxismo diante das sociedades primitivas" e "Conceitos Elementares do Materialismo Histórico", cuja orientação é óbvia.

3. Edição No. 181, 20-04-1980, pp. 3-5

O ESTADO DE S. PAULO 20/4/80

Suplemento Cultural

NÚMERO 181/ANO IV/PÁGINA 3

Ciências Humanas

Computadores, inteligência e o ensino da matemática

Luiz Jean Lauand

Um dos fenômenos mais característicos dos nossos dias é a popularização, cada vez maior, das calculadoras e minicalculadoras eletrônicas. O emprego dos sistemas digitais tem sofrido tal incremento que já é praticamente possível que uma dona-de-casa disponha de um microcomputador para analisar as despesas caseiras...

Se, em termos de conforto, este progresso é visto sempre com muito bons olhos, ele não deixa de ser inquietante; por um lado, o mau uso que se pode fazer dos computadores, por exemplo, atentando contra a privacidade do indivíduo, ameaça esta que a técnica permitiu tornar-se realidade a qualquer momento. Por outro lado, há o perigo mais sutil mas não menos real e que versa sobre a

Da programação dos vôos das aeronaves às contas diárias da dona-de-casa, a calculadora eletrônica está presente em todas as atividades humanas. Tendo em vista a crescente dependência dos indivíduos às conquistas tecnológicas, este artigo procura mostrar, com jogos e exemplos, o alcance das máquinas e sua influência no ensino da matemática, considerando a capacidade intelectual do homem e os objetivos do ensino.

triste espetáculo de velhos e jovens redimindo sua ignorância pela subserviência do bom senso e das ciências humanas em relação à técnica onipotente.

Talvez a essa massa — mais do que aos especialistas — devamos o fato de que — como observou Jaspers — estejamos voltando a caracterizar as nossas civilizações como civilizações de instrumentos ("superadas" as civilizações caracterizadas por valores). Por exemplo, "era da pedra lascada", "idade do bronze", etc., caracterizam as eras por instrumentos; quando dizemos "renascimento", "época clássica", "século de ouro", é por valores que as classificamos. Mas, hoje, estamos retornando às civilizações de instrumentos: "Superada a era da

4. Edição No. 253, 21-04-1985, pp. 11-12

A presença da teologia em Jean-Paul Sartre

L. Jean Lauand

Há cinco anos (15-4-80), com Jean-Paul Sartre, desaparecia um dos raros filósofos deste século conhecidos pelo grande público.

De fato, fora do limitado círculo de especialistas, quem saberia apontar os grandes filósofos de hoje? Ou será que, digamos, a filosofia da ciência de Popper poderia andar numa marchinha de carnaval, como o existencialismo da Chiquita Bacana? (ou, para lembrar outra "existencialista" famosa, a Eurídice da peça "As mãos de Eurídice", um índice a mais da enorme repercussão de Sartre nos anos 50).

É certo que em boa parte essa repercussão se deveu à moda. O próprio Sartre queixou-se em certa ocasião de que a doutrina do existencialismo, "a mais austera possível" e "estritamente destinada a técnicos e especialistas", andasse assim na boca de todo mundo, e muitos desse "todo mundo" (entre os quais Chiquita Bacana) sem a menor idéia do que fosse essa filosofia.

Mas, descontados moda e talento literário, qual a razão da popularidade de



sustenta, mas aponta para um fundamento para além de si mesma.

Desse modo, no Ocidente, hoje, onde "não existe nenhuma tradição pré-filosófica que interprete o mundo como uma totalidade, afora a tradição cristã" (Pieper), uma filosofia viva enraíza-se necessariamente nessa teologia.

Desse modo a objeção habitual é subitamente invertida: "Pode haver, no Ocidente, hoje, uma filosofia não-cristã?" (título, aliás, de um estudo de Pieper).

Claro que a tese é extremamente polémica e complexa (em diversas obras de Pieper pode encontrar-se um tratamento amplo e adequado) e aqui basta que a indiquemos como enquadramento de algumas reflexões sobre a presença da teologia na obra de Sartre.

Em Sartre — apesar de si — encontramos exemplo dessa presença da teologia, Sartre não é um "puro" filósofo. Sartre, para quem "o existencialismo não é senão o esforço de tirar todas as consequências de uma posição atea cog-

No jornal "O Estado de S. Paulo"

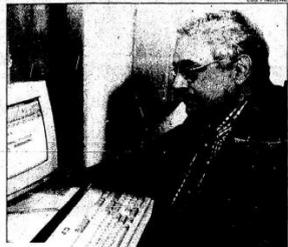
Edição de 16-05-1987, p. 10

Piadas sobre brasileiros são comuns na Internet

Pesquisa mostra que, por meio do humor, páginas eletrônicas expressam imagem distorcida do País

CRISTIANE SEGATTO

Piadas sobre brasileiros proliferam em sites europeus e americanos lançados na Internet. Por meio do humor, os criadores de páginas eletrônicas expressam uma imagem distorcida do Brasil, inversamente associada ao futebol, à violência e à prostituição. Dezesseis sites com anedotas preconceituosas foram identificados no último mês pelo professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), Luiz Jean Louand. Pesquisador do humor há 10 anos, Louand decidiu vacunar a rede mundial de computadores em busca da visão do assunto em diferentes sociedades. Enquanto navegava, descobriu referências frequentes ao País. Das 50 piadas reunidas no homepage espanhola assinada por Joan Ramón Mainat (<http://www.patro.com/mainat/s/acu>).



Louand: "Associo-se ao Brasil tudo o que é bizarro" que ele ficou alterado - inúmeras piadas de português con-

ANEDOTAS
LIGAM BRASIL
AO FUTEBOL E À

PRECONCEITO EXPLÍCITO

Alguns dos sites sobre brasileiros encontrados na Internet. Das origens conversas sobre suas férias:
— Estive nas Ilhas Maldivas: praia, sol, foi ótimo. E você?
— Estive no Rio. Eu fui casado e minha mulher, estuprada.
— No ano seguinte, um foi para as Ilhas Seychelles e o outro voltou ao Rio. Novamente, foi casado, estuprado e sua mulher, estuprada.
— Nos férias seguintes, encontramos as orlas da viagem:
— Como é possível? Estou indo para ilhas tranquilas e você insiste em voltar ao Rio?
— Eu não. Minha mulher.
(Alameda — <http://www.ping.de/itna/multifaces/ruiza.html>)
Piadas muito repetidas em Paris, incluem manchetes de jornal: "Estudo no Bois de Boulogne (considerado ponto de travesti). Declarado estado de calamidade pública no Brasil!" (França — <http://www.infocine.fr/public.html/acouba/ruiz.html>)
Os brasileiros do Bois de Boulogne são muito afetados (sic) pelas novas medidas do Ministério da Agricultura, que proibem comercializar carne com hormônios.
(França — <http://massena.univ-evry.fr/Boulogne/humor/nr.info.html>)
O patinho diz ao empregado:
— Como foram suas férias no Brasil?
— Muito boas, senhor Ruperto. Sol, belas paisagens. Mas a um país curioso. Lá só há ervas daninhas e jogadores de futebol.

DIREITOS HUMANOS

Tribunal condena mandantes da morte de padre Josimo

Sentença foi lida depois de 36 horas de julgamento; defesa pode recorrer da decisão

PALMAS — Os três acusados de serem mandantes do assassinato do padre Josimo Torres foram considerados culpados ontem pelo Tribunal do Júri de Imperatriz, depois de 36 horas de julgamento. A sentença, lida às 18h30, é uma pena de 18 anos de prisão para Geraldo, Paulo O filho de Geraldo, Adailton Gomes Vieira, foi condenado a 12 anos e Gástron Teodoro da Silva, a 14 anos. Os três serão transferidos de Imperatriz para a Penitenciária de Pedrinhas, também no Maranhão. Apesar de não ter se manifestado, a defesa poderá apelar da decisão, alegando que o Tribunal do Júri não atua a tese de registro de autoria. Em nenhum momento

Uma nota para a página de Quadrinhos, na edição de 24-06-1986, p. 10



QUESTA VOLTA VINCEREMO!
Uma grata surpresa vinda da Itália: o Mega Almanacco (uma espécie de Almanaque Tio Patinhas da Mondadori, a editora Disney da Itália) deste mês de junho dedica muitas de suas páginas à Copa do México. Mas não se celebra a "Squadra Azzurra", e sim a Seleção Brasileira. Ao longo de cem páginas de almanaque, são nove histórias contadas: "L'avventura mundial di José Carioca" e "Operazione Messico". Nelas, Zico é chamado de Zeco, e "José Carioca" diz aos seus sobrinhos: "Nei 1978 lasciamo vincere l'Argentina e nel 1982 l'Italia! Ma questa volta in Messico vinceremo di nuovo noi!" Ou seja: "Em 1978, deixamos a Argentina vencer e em 1982 a Itália! Mas, desta vez, no México, nós venceremos de novo!" (Luiz Jean Louand)

AGENTE S

Alex Raymond • Das

Resumo dos capítulos anteriores: a viúva Powe



ALÔ, CHEFE! AQUI É O "GATILHO"! ESTOU COM A SENHORA POWERS. O MORDOMO É O AGENTE FEDERAL! E AGORA?

**Com publicação recentíssima (não recolhida
em volumes anteriores de *Collectaneae*)**

Um conto e quatro poesias desconhecidas de Adélia Prado – recuperando primeiros escritos

Resumo: O artigo revela alguns dos primeiros escritos da poeta Adélia Prado, da época anterior à sua estreia oficial (com “Bagagem”, 1976”), em que, ainda desconhecida do grande público, buscava publicar suas poesias em diversos jornais do país.

Palavras Chave: Adélia Prado. início como escritora. primeiros escritos.

Abstract: The article presents some early writings of the poet Adélia Prado: at a time when, still unknown to the general public, she was seeking to create space for her poems in newspapers.

Keywords: Adélia Prado. beginning as a writer. early writings.

1. Introdução

Em 2025 (13 de dezembro), Adélia Prado completa 90 anos. Independentemente dos critérios seletivos da ABL, Adélia – desde há muito – é inegavelmente a maior poeta do Brasil e, com toda a justiça, consagrou-se em 2024 com duas importantes distinções: o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras e o Prêmio Camões, concedido pelos Governos de Portugal e do Brasil.

A absurda exceção que confirma a regra desse reconhecimento ocorreu no famoso triste episódio (que, afinal, de algum modo também honra AP...), supina vergonha alheia, protagonizado pelo governador de Minas em 10 de fevereiro de 2023. Romeu Zema, entrevistado por uma rádio em Divinópolis (cidade natal de AP) foi presenteado ao vivo com um livro da poeta, elogiou a apresentação visual do livro e perguntou, ostentando sua ignorância: “– Ela trabalha aqui?” (e o entrevistador teve que explicar que AP “é uma escritora muito famosa aqui de Divinópolis”).



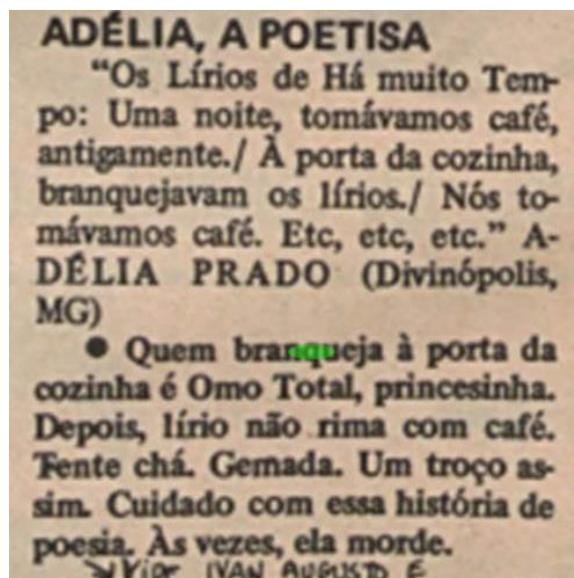
<https://www.otempo.com.br/politica/zema-confunde-escritora-adelia-prado-com-funcionaria-de-radio-em-divinopolis-1.2812049>

Antes da consagração e da fama, como todo escritor iniciante, AP muito “pelejou” (como se diz em Minas...) para tornar-se conhecida, até que, como se sabe, em 1975, Drummond sugere à Editora Imago, que publique o livro (“Bagagem”, 1976) de AP, cujos poemas lhe pareciam “fenomenais”.

Para dar com a produção primeira de AP, pesquisamos no imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN).

Procurando caminhos: amarga experiência com “O Pasquim”

Como toda novata, AP encontrou muitas portas fechadas e algumas experiências que poderiam ser desencorajadoras, como a de ter enviado poesias suas para a seleção de “O Pasquim”, para receber a áspera resposta (No. 173, 1972):



O episódio é comentado por Pinheiro:

Houve certa ingenuidade ou até mesmo pretensão da autora ao enviar um poema lírico desse porte para um tabloide com o perfil discursivo de O Pasquim, cujos interesses e vieses críticos não se afinavam com o discurso adeliانو. O poema, que ainda não apresentava a pujança dos poemas a partir de Bagagem, traça um diálogo com o texto bíblico neotestamentário. Traz um ponto de vista existencial, interfaceando com o conhecido “Sermão do monte”, proferido por Jesus Cristo, quando ele discursa sobre a ansiedade frente às demandas da subsistência. Abordar esses aspectos estreitamente relacionados à fé cristã, num veículo proeminente da esquerda política brasileira, em plena ditadura, não foi uma boa ideia, e o poema foi naturalmente associado aos discursos das classes dominantes, o que fica claro pelo vocativo que escolhem para a autora, “princesinha”. (...)

A manifestação do tabloide trouxe grande desgosto à poeta, e Adélia tentou de várias formas publicar uma resposta à pilhéria nos periódicos mineiros. Hugo Pontes, editor do Literarte, finalmente ajudou a conterrânea, publicando o artigo “O pasquixo (uma estória que é um lixo)”, em 1973. Posteriormente,

Adélia referiu-se à origem do seu desagravo como uma “pasquinice” (MOREIRA, 2007, p. 71). Em *Cacos para um vitral*, mais de trinta anos depois do fato ocorrido, referindo-se à personagem Glória, o narrador diz que ela “[...] escreveu a respeito de sua malograda literatura: o ‘Pasquixo’ – uma história que é um lixo, parecendo lavadeira nanica que perdeu o sabão na beira do rio (conforme diz o povo) (PRADO, 2006d, p. 63), como uma autorreferência irônica.²¹⁶

“Lapinha de Jesus” – poemas em livro de 1969

Ainda no período anterior a seu reconhecimento, AP escreveu – em parceria com o escritor Lázaro Barreto – o poema “Lapinha de Jesus”, poemas (publicado pela Vozes) que acompanham as figuras do presépio em cerâmica de frei Tiago Kemps, em Divinópolis. O povo pobre de Minas acompanha o nascimento de Jesus.



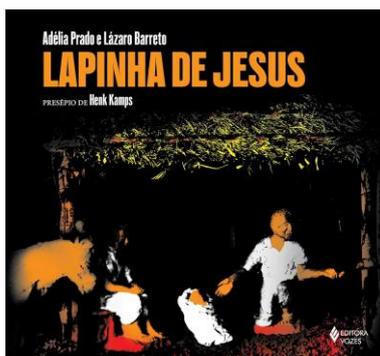
Em 2023, a mesma Vozes reeditou o livro.

Pinheiro (op. cit.) recolhe a discussão entre Adélia e Lázaro sobre quem é o principal autor:

É Adélia quem afirma que sua participação na obra não foi muito extensa: “Eu fiz dois ou três poemas para esse livro, mas é muito mais dele [Lázaro Barreto] do que meu” (PRADO, 2005a, p. 21). Lázaro Barreto expõe outra versão: “A ideia e o convite foram dela. Combinamos escrever, individualmente, textos em forma de legendas para cada foto do magnífico presépio criado por Frei Tiago (OFM). Depois selecionamos os que julgamos mais condizentes e expressivos. De forma que cada um participou com igual número de páginas, sem distinção de autorias nas mesmas (BARRETO, 2009)”.

²¹⁶. Pinheiro, Sylvana A. *A invenção de um modo: movimentos líricos na poesia de Adélia Prado*. Tese de doutorado – UFES. Vitória, 2019. https://sappg.ufes.br/tese_drupal/tese_13834_tese%20Silvana.pdf.

Confirmamos que o poema inicial do livro, “A vaca na planície”, é certamente de Adélia, que o publicou em 1969, sob o título “Vaca” no “Suplemento Literário de Minas Gerais” (No. 133, março 1969):



(edição de 2023)

A vaca na planície

Está em seu ruminar,
em seus chifres,
em suas malhas,
súbitamente colhida para a composição:
A Senhora, os
Pastôres e ela
arquejando o ventre para aquecer o Menino.
Até os cornos tocada de presença.
Transcendental o tamanho dos olhos
pela primeira vez pousados
na mais bela das coisas, o Homem.
Ah! o discurso de Deus, velado e sem ruídos:
a vaca na planície.

Contribuições em “A Tribuna da Imprensa” (RJ, 1973-1975)

Enquanto ainda não reconhecida nacionalmente, encontramos na BN diversas produções de AP, sobretudo “A Tribuna da Imprensa”. A primeira é o conto “O café”, aqui apresentado em fac-simile:

o café

[(UMA HISTÓRIA DO NATAL)]

adélio prado

Isaura, a menina gorda, filha de sua gorda mãe, contava em triunfo: achei bem bom a mãe chamou elas de magrelas as duas chata toda hora na nossa porta amolando e enchendo implicando a gente. Tem serviço não, suas magrelas? Achei bem bô a mãe chamou elas de magrela.

Era muito engraçado, mas Clotilde não riu. Estava sozinha com a menina e para equilibrar o mundo, pensou no inverno. A mãe das duas de corpinho enxuto, investivando: gordas, suas gordas.

Não adiantou. Estragara-se sua tarde pacífica

Isaura sofria? Só agora se dava conta da informação da menina:

— Não como pão de manhã cedo

E do esforçado desinteresse dela quando a viu costurar um short

— Meu pai não gosta, nem ve que eu ponho isso. Acha bonito é vestido.

Isaura se cansava fácil, escrevia mothando o lapis e falou uma vez:

— Aposto que eu vou tomar bomba

No fim do ano não pesou tanto

— Não falei? Não falei?

— Somava de cabeça e seus olhos brilhavam quando acabava uma composição assim: Salve! Salve! Thomas Edson o inventor da lâmpada!

Clotilde se angustiava. A tarde quieta despu-
dorava em cumplicidade.

Quem pagava o preço de que? Que erro ha-
via entre o vidual e a luz, a flauta e a boca? A ver-
de coroa e a frente? Isaura, de doze anos, gorda e
anciosa Quem pecara por ela? Como um pequeno
e difícil espinho sob a unha, o coração de Clotilde
solicitado no incomodo.

Isaura estava ali. Que palavra inventar para
salvar a menina inadvertida, já com os pés no des-
vio, forçando atalhos, tecendo para si, à força da
maldade de nós, obediente e cega, a armadura que
nunca a mais deixara ser-se

— Vem cá Isaura, vamos tomar café

— A senhora come pão, dona Clotilde?

— Ora se

Deu-lhe pão com manteiga pra comer

— Queria uns olhos feitos os seus, Isaura

Seu rosto pré-nupciou em limiar. só então en-
tendendo que a mulher lhe servia, em amor, o seu
coração. O mapa de um país sem alfandegas pra os
sobrecarregados todos.

Em 07-04-1973, no jornal, duas das primeiras poesias de AP: "O Legado do Morto" e "A Cartilha".

**adélia
prado**

O LEGADO DO MORTO

Ele ficava ali, cada manhã,
ancorado ao chumbo dos seus pés inchados
— Graças a Deus, passei à noite bem
E mostrava eram os caules turgidos
Era a velha roseira reincidente
o que viam seus olhos não dormidos
De sua perna minava o soro acre
— Creio na vida eterna, eu disse
A mão dele apontava suscitando as rosa
Disse mais:
— Na ressurreição da carne eu também creio

CARTILHA

De madrugada,
vou cavar no terreiro
e semear sempre-vivas
Mas quantos dias gastem
para espetar o ar, as corolas metálicas
eu vou gestar também
Cumprir como o anódimo pó
desta semente seca,
o ofício da paciência
Aprender o tempo
com a sempre-seca-viva-flor

Outras duas poesias em 24-11-1973, “Flor do campo” e “Aneurisma”. A primeira foi recolhida em “Bagagem”:

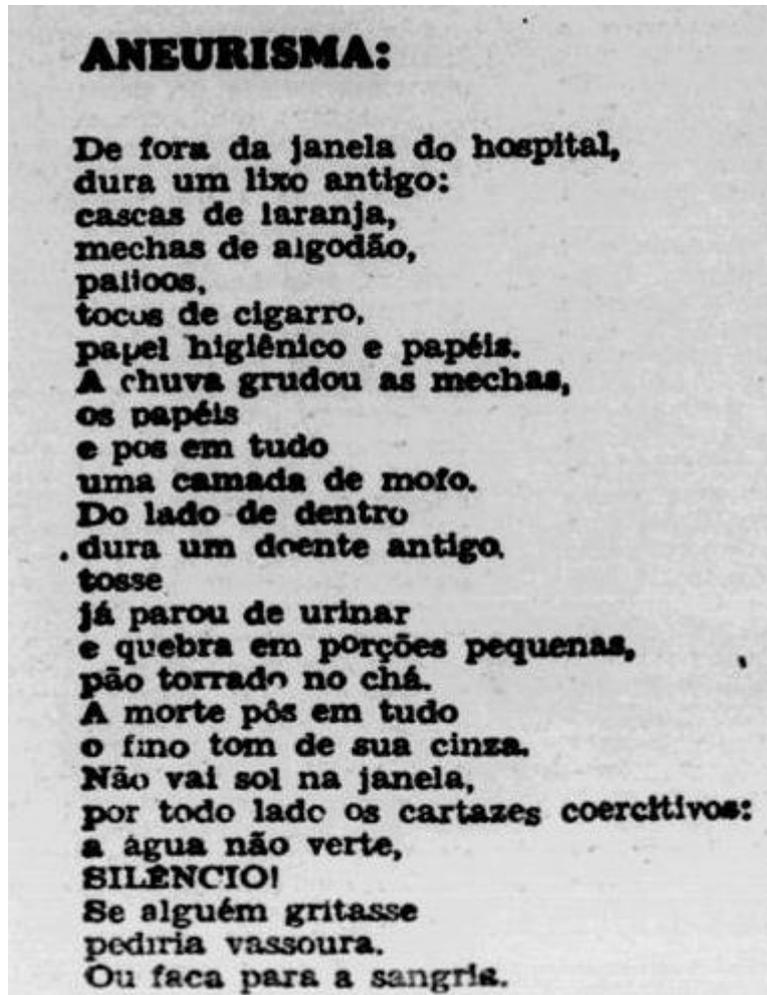
A flor do campo [sem o artigo “A” na versão original]

Mais que a amargosa pétala mastigada,
seu aspro odor e seiva azeda,
a lembrança antiga das camadas do sono:
[“atingida” em vez de “antiga”, na versão original]
há muito tempo, foi depois da missa,
eu e mais duas tias num caminho, as pernas delas
na frente, com meia grossa e saias.
[Na versão original: ela e mais duas tias num caminho.
As pernas delas na frente,
com meia grossa e saias.]
No ar os cheiros do mato, as palavras cordiais,
o céu pra onde íamos, azul, [Na versão original: “iam” em vez de íamos]
conforme as palavras de Nosso Senhor,
os lírios do campo, olhai-os,

a flor do mato, a infância.

[No original: conforme-as-palavras-de-Nosso Senhor-
os-lírios-do-campo-olhai-os-
a-flor-do-mato-
A infância.]

E “Aneurisma”, digna de qualquer antologia adeliânica:



Em 16-02-1975, AP publica a primeira versão de “Com licença poética”, que assim apareceu em “Bagagem”:

Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,
[Quando [eu] nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
[“vai carregar bandeira”]
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.

Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
– dor não é amargura.
– [(dor não é amargura)]
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.

“A Cautelosa Betsabá”, mais um poema “pré-histórico” na BN

Outro poema digno de qualquer antologia de nossa poeta, “A Cautelosa Betsabá”, apareceu obscuramente no jornal “O Estado de Florianópolis” em 06-02-1972.



Considerações finais

Antes do sucesso, marcado pela publicação de “Bagagem” (1976), Adélia Prado é uma escritora talentosa, mas desconhecida em âmbito nacional. Nos anos 1960-1969, a BN só traz uma minguada dezena de breves incidências de AP, como coautora de “Lapinha de Jesus” e no período 1970-1979 – sempre antes de “Bagagem” – só encontramos escassas referências a ela, lutando por dar a conhecer seus poemas e atingir o âmbito nacional, para além dos limites do reconhecimento que obteve em sua Divinópolis (em seu número 1, “Redação” – MG, setembro 1970 – notícia que AP é novo membro, da cadeira 28, da Academia Divinopolitana de Letras, como autora de “Lapinha de Jesus” e integrante do “Agora”, movimento literário da cidade).

Na garimpagem deste artigo, pudemos oferecer ao leitor cinco produções desconhecidas de AP: o conto “Café” e 4 poesias: “O Legado do Morto”, “A Cartilha”, “Aneurisma” e “A Cautelosa Betsabá”. Além de confirmar ser de AP a autoria de “A

vaca na planície” e registrar as versões primeiras de “A Flor do campo” e “Com licença poética”, antes da aparição em “Bagagem”.